SCRIPTORES RERVM LVSITANARVM
(Série B)
III

COMENTÁRIOS
DO GRANDE
AFONSO DE ALBUQUERQUE
CAPITÃO GERAL
QUE FOI
DAS INDIAS ORIENTAIS
EM TEMPO DO MUITO PODEROSO
REY D. MANUEL
O PRIMEIRO DESTE NOME
PARTE I E II

4.ª EDIÇÃO
Conforme a segunda

PREFACIADA E REVISTA
POR
ANTÓNIO BAIÃO

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1923

COMENTÁRIOS

DO GRANDE

AFONSO DE ALBUQUERQUE

COMENTÁRIOS
DO GRANDE
AFONSO DE ALBUQUERQUE
CAPITÃO GERAL
QUE FOI
DAS INDIAS ORIENTAIS
EM TEMPO DO MUITO PODEROSO
REY D. MANUEL
O PRIMEIRO DESTE NOME
PARTE I E II

4.ª EDIÇÃO
Conforme a segunda

PREFACIADA E REVISTA
POR
ANTÓNIO BAIÃO

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1922

Desta edição
fez-se uma tiragem especial de 100 exemplares,
numerados e rubricados.

PREFÁCIO

DA QUARTA EDIÇÃO DOS COMENTÁRIOS

Á Alguém (1) capitulou de inglório e enfadonho o trabalho de editar alheias obras. E todavia nunca epítetos mais injuſtos eſcorreriam da pena dum eſcritor, ſe encabeça-los pretendeſſe no livro que vai ler-ſe.

¡Os *Comentários de Afonſo de Albuquerque!* Eis um dos trabalhos mais meritórios e patrióticos de toda a literatura portugueſa. Coração de fogo atanchado numa alma de artiſta, o autor entrega-ſe voluptuoſamente à reſſurreição das façanhas de ſeu glorioſo pai. ¿É o panegírico de um homem? Decerto; mas também o de uma raça e de uma época.

¡Afonſo de Albuquerque, filho, encarna o lavrador para quem não há pomos iguais aos do ſeu pomar, vinho ſuperior ao gerado nas ſuas ramadas cheias de viço e freſcura!

(1) O abade Correia da Serra no *Diſcurſo Preliminar* que precede os *Inéditos de Hiſtória Portugueſa,* da Academia.

¡Obra confòladora, apoteótica, bemdita! Foi concebida e executada nas noites cálidas da Bacalhoa ou nas rumorofas noites da cafa dos Bicos.

Na Bacalhoa, effa linda eftância que Afonfo de Albuquerque foube opulentar com delicada traça, reconftruindo-a para feu defenfadamento.

Á femelhança de D. Luís da Silveira, primeiro conde da Sortelha que, por ter viajado, manda erigir na matriz de Gois o fumptuofo e artíftico tumulo renafcença, ainda hoje digno de admiração, também Albuquerque, conhecedor *de vifu* da arte italiana, funda ao lado da cafa dos Bicos o palácio da Bacalhoa.

Vê-lo é lêr os *Comentários;* percorrê-lo é paginar os capitulos de tal obra. Portão brazonado e datado de 1554, páteo nobre e amplo, efcadaria exterior toda guarnecida de azulejos e, como um fanto no feu nicho, fôbre a porta de entrada, o autor dos *Comentários* convidando à vifita embora a mão não poffa acenar-nos já, pois para caber lhe amputaram os ante-braços; mas a expreffão do rofto é urbana e convidativa e a côr do barro contrafta fingularmente com o branco alabaftrino dos quatro buftos que nos nichos refpectivos ornamentam neftora a fachada principal. Fachada principal fim, mas não a mais grandiofa porque effa, voltada ao norte, com as fuas varandas de arcarias, com as

ſuas freſtas e janelas tarjadas de azulejos, ainda actualmente ſe pode admirar. Devia ſer aí que Braz de Albuquerque viria, pelas noites calmoſas de eſtio, aſpirar um pouco do ar freſco que da ſerra de Cintra, ſaltando ſôbre Liſboa mais veloz que um avião, repouſaria levemente neſſa varanda quinhentiſta a acariciar a fronte ampla do filho do *terribil* e a brincar, nos últimos anos da vida, com as ſuas alvas cans. Devia ſer aí que Braz de Albuquerque iria eſpreitar a côrte, a mui nobre e ſempre leal cidade de Liſboa, onde chegou a conſelheiro real e a preſidente do ſenado, adivinhar a ſua *caſa dos bicos* e como que perceber longìnquamente o *brou-ha-ha* continuo duma cidade, intermediária do comércio entre a Europa e a Áſia, entre a então já decrépita Europa e a juvenil e adoleſcente América.

Mas a varanda dos *Comentários* não foi eſſa, não.. Aí a viſta perder-ſe-ía, diſtrair-ſe-ía num horiſonte ſem limites e ſeria certamente na varanda do jardim, apoiada nas ſuas pilaſtras de mármore da Arrábida, tendo na frente um lago eſpelhento e dôce como a calma indiſpenſável a um hiſtoriador e por detrás e aos lados os rios, alegòricamente pintados em azulejos, num deſpejar contínuo de água, que não afraca com os rigores do eſtio, nem ſe entumeſce com as arremetidas caudaloſas do inverno; aí deviam ſer

traçadas as páginas opulentas, vernáculas e cláſ-ſicas dos *Comentários*. Concebidas paſſeando a pé entre as aleas de buxo do jardim, recoſtado nos bancos de azulejos, a caminho da caſa da Índia, ou a caminho da caſa das pombas, na varanda dos rios deviam adquirir fórma.

Quantas vezes então, cercado das cartas de ſeu pai, eſcritas algumas em papel de arroz, traçadas paciente e geomètricamente por Gaſpar Correia ou António da Fonſeca e aſſinadas, com mão firme, a meſma que empunhara a eſpada glorioſa de Gôa, Ormuz e Malaca, quantas vezes não invocaria o eſpírito do governador da Índia?!...

E ao invocá-lo, a pena caír-lhe-ía inconſcientemente das mãos e havia de afigurar-ſe-lhe que o pai — o giganteſco pai — em vóz cava e ſoturna lhe bradaria:

— *¡ Emburilhadas, emburilhadas, ſenhor meu filho, que as afugente para bem longe o dêmo!* — *¡ Bemdito o teu labôr! Bem hajas pelas tuas canceiras.*

Ao renovar depois a eſcrita com os olhos raſos de lágrimas, a pena ora correria plácida ſôbre o papel como arroio entre boninas, ora apreſſada, febril e agitada arremeſſar-se-ía qual torrente entre penhaſcos alteroſos!

¡ Como ſeriam extraordinários os ſeus eſtados de alma!

¶ Commentarios de

Afonſo Dalboquerque capitão geral & gouernador da India, collegidos por ſeu filho Afonſo Dalboquerque das proprias cartas que elle eſcreuia ao muyto poderoſo Rey dõ Manuel o primeyro deſte nome, em cujo tempo gouernou a India. Vam repartidos em quatro partes ſegũdo os tempos de ſeus trabalhos.

COM PRIVLEGIO REAL.

Rôsto da primeira edição dos *Comentarios*

Nas janelas que deitam para o lago iria Afonſo de Albuquerque recrear-ſe vendo os ciſnes cortar a água duma forma ritmica, vêr ſulcá-la algum barco de alegres viſitantes e quando voltaſſe os olhos para o interior contemplaria os tectos de maceira na preſença das virtudes criſtãs — Fé, Juſtiça, Temperança e Fortaleza — e ¡oh pecado máximo da Renaſcença! — todas de braço dado com a núa Suzana libidinoſamente cubiçada ao ſaír do banho, freſca, lactea e apetecível...

*

A primeira edição da obra de Afonſo de Albuquerque ſurgiu alfim dos liſbonenſes prelos de João Barreira, em 1557. Dedicada a D. Sebaſtião dois motivos nos apreſenta o ſeu autor para a dar à eſtampa: o lembrar ao rei a obrigação aos deſcendentes dos que preſtaram aſſinalados ſerviços a ſeu biſavô e a pouca atenção preſtada pelos hiſtoriadores da Índia à obra de ſeu genial pai. Eis as próprias palavras de Afonſo de Albuquerque, filho:

Ao Serenissimo Principe de Portugal
dom Bastiam nosso Senhor

Duas rezoẽs principalmẽte antre outras muytas me obrigarão (ſereniſſimo Principe) a copillar eſta hiſtoria dos grandes feytos Dafonſo Dalboquerq̃ capitã

geral & governador da India: áqual pus nome Cõmẽtarios, polos colligir dos proprios origináes q̃ elle no meyo dos acôtecimẽtos de ſeus trabalhos eſcrevia a elRey dõ Manuel voſſo viſavoo, q̃ noſſo Senhor tê na ſua gloria. A primeyra, pera q̃. V. A. veja neſte pequeno volume, cõ quanto ſofrimento & trabalho de ſua peſſoa eſte capitã conquiſtou os reynos & ſenhorios da India (q̃. V. A. ſucederá de pois de largos annos de vida del Rey dõ Joam o terceyro noſſo ſenhor voſſo avô) & a obrigaçã que tem aos netos & parẽtes daquelles q̃ neſta conquiſta acabarã ſeus dias. A outra foy, ver eu como os q̃ eſcreveram a hiſtorea da India (cõ tanto trabalho & louvor de ſeus engenhos) ou por terẽ hũa occupaçam geral em contar tudo o q̃ aconteceo aos Portugueſes naquellas partes, des o principio de ſeu deſcobrimẽto, ou por falta das informações q̃ teveram, paſſarã brevemente por muytas couſas q̃. Afonso Dalboquerq̃ paſſou neſta conquiſta. E nam devẽ de ter menos credito & authoridade ante V. A. eſtes ſeus Cõmentarios polos eu colligir ſendo ſeu filho, do q̃ Ceſar tẽ polo mũdo eſcrevendo de ſy meſmo há tantos annos. E porq̃ tratar aqui de ſeus louvores (em q̃ avia muyto q̃ dizer) ſeria fazer outra obra mayor que a ſua, nã direy mais q̃ aquelles q̃ vão ſemeados por eſte livro, & o q̃ dizia hum Pero Gomez homẽ antigo na India, o qual ſendo já muyto velho (vendo as deſordẽs della depois de ſua morte) ſe ya em Goa cõ hum páo na mão á ſua ſepultura, & dizia:

Ó grande capitão, tu me fizeſte quanto mal podeſte, mas eu nam te poſſo negar que foſte o mór cometedor & ſofredor de trabalhos que ouve no mundo, alevanta te q̃ ſe perde o que tu ganhaſte.

V. A. açeite de mym eſte pequeno ſerviço q̃ lhe

faço nefta fua primeyra idade, pois jaa a não tenho pera lhe poder fazer outros, mayóres. E fe o eftillo da hiftoria nã for tam elegante como fua grandeza merecia, defculpo o atrevimento q̃ tive em lha offerecer cõ o pouco q̃ aprendi da reitorica, & cõ efcrever nefte eftillo rudo a verdade do que paffou ».

Dez anos andados, na derradeira página da terceira parte da *Crónica de D. Manuel*, efcrevia o cronifta Damião de Gois:

...« Do difcurso da vida do qual Affonfo dalbuquerque cõpos efte feu filho Affonfo dalbuquerque hum livro a modo de Commentarios, em que mui per eftenfo conta todo ho proçeffo das coufas e cafos que lhe aconteçerão emquanto viveo ».

Intitula-fe pois o primeiro capítulo defta edição *Da geração de Afonfo de Albuquerque e o que paffou até ir a primeira vez á Índia;* fuprimido na fegunda, que vagamente fe refere ao affunto na parte final, refervava o auctor o eftudo dêfte curiofo período para um livro à parte, que infelizmente não chegou a ver a luz pública e a cujo apografo Barbofa Machado faz referências na *Biblioteca Lufitana.* O fegundo capítulo da primeira edição correfponde no título ao primeiro da fegunda, mas fó no título porquanto é dêle uma refundição completa.

Tentámos fazer o confronto das duas edições

mas notámos, após o exame dêſſes dois capítulos, divergências tão profundas que deſiſtimos, pois a ſegunda edição, ainda contemporânea do autor, como é ſabido, é na verdade antes uma larga refundição da ſua obra primitiva.

Para prova tranſcrevemos a *Dedicatória*. Nada mais friſante que o confronto das duas. Ei-lo:

AO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO SENHOR
EL-REY DOM SEBASTIAM NOSSO SENHOR.

EM vida del-Rey dom João terceiro, voſſo avô, offereci eſtes *Comentarios* a voſſa Alteza, que collegi dos proprios originaes que o grande Afonſo Dalboquerque no meyo de ſeus acontecimẽtos eſcrevia a el-Rey, dom Manuel, voſſo viſavô. E vendo eu, Sereniſſimo Senhor, a falta que avia delles (porque de todo ſe não perdeſſe a memoria de ſeus trabalhos) determiney de os tornar a imprimir, emendando algumas cousas que tinha eſcritas, e acreſcentando outras, advertido de mais certas informações que agora tive, que me perſuadiram a tomar eſte trabalho. Convidandome tambem a iſto, huma pratica que ſe teve diante de Voſſa Alteza, naqual louvando alguns fidalgos que ſe acharam preſentes a grandes capitães que houve pelo mundo, voſſa Alteza os acuſou dizendo:

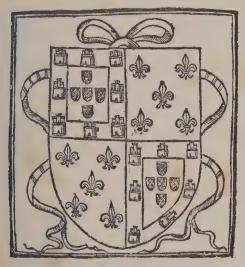
— *Pera que he falar em capitães avendo Afonſo Dalboquerque na India!?*

E que não tivera outra rezão ſenão eſta, pera os tornar a imprimir, iſto ſó me obrigara a fazelo, pera que de tam altas palavras, ditas de hum animo inven-

COMMENTARIOS DO GRANDE AFONSO DALBOQVERQVE, CAPITAM GERAL QVE FOY DAS INDIAS ORIENTAES,

Em tempo do muito poderoso Rey dom Manuel, o primeiro deste nome,

Novamente emendados & acrescentados pelo mesmo auctor conforme ás informações mais certas que agora teue.

Vão repartidos em quatro partes segundo o tempo dos acontescimentos de seus trabalhos.

EM LISBOA.

Com licença impresso por Ioão de Barreira impressor del Rey nosso senhor. Anno de 1576.

COM PRIVILEGIO REAL.

Rosto da segunda edição dos *Comentarios*

civel como o de voſſa Alteza, ficaſſe memoria, pera engrandecer muito mais as grandes vitorias que eſte excellente capitão teve dos mouros, na conquiſta dos reynos da India. E querer tratar aqui de ſeus louvores, e de muytas couſas que ſofreo, e outras muitas que diſſimulou com ſua grandeza de animo, ſeria fazer outra hiſtoria mayor que a ſua: não direy mais que o diſſe hum ſoldado que o ſempre acompanhou na guerra, o qual ſendo já muito velho, eſtando na Cidade de Gôa, vendo as deſordẽs da India, hia-se com bordão na mão á ſua capella, e batendo na ſepultura onde eſtava enterrado dizia.

— *Ó grande capitão, tu me fizeſte quanto mal podeſte, mas eu não te poſſo negar que foſte o mayor conquiſtador e ſofredor de trabalhos que houve no mundo. Alevanta-te que ſe perde o que tu ganhaſte.*

E não devem de ter menos credito e auctoridade diante de Voſſa Alteza eſtes comentarios polos eu coligir ſendo ſeu filho, do que Cezar tem polo mundo eſcrevendo de ſi ha tantos anos, pois neſte eſtilo rudo conto a verdade que paſſou.

Tal foi o trabalho julgado por Afonſo de Albuquerque, filho, mais perfeito e completo; ſeguimo-lo por iſſo ſem tergiverſar.

A nova edição é portanto conforme à de 1576; *ipſis verbis* ſempre e ſó excepcionalmente o não é tambem *ipſis literis*. Neste ponto temos que nos penitenciar de haver corrigido um ſalto na numeração dos capítulos (de XVI para XIX); de fazer preceder o ſumário dos capítulos da reſ-

pectiva numeração; de deſdobrar as vogais naſaliſadas, iſto é, em logar de *ũ*, *um;* de mudar os *uu* por *vv*. A deſculpa eſtará na célebre fraſe atribuida a D. João I no paço de Cintra:

Foy por bem.

Penſámos arejar as páginas de compoſição compacta dos *Comentários*, aliás ſegundo o gôſto da época, introduzindo-lhes parágrafos, mas julgámos eſſa tarefa de aſſaz perigo e melindre, embora a leitura ficaſſe mais ameniſada.

Note-ſe que a uniformidade ortográfica não exiſte na ſegunda edição dos *Comentários;* aſſim na meſma página topamos *polo* e *pelo*, *foy* e *foi*, etc.

*

O auctor dos *Comentários* naſceu de um crime; (não ſe aſſuſtem os leitores) de um crime que a lei ſanctificou. O governador da Índia, embebido nas ſuas ambições de glória e de conquiſta, não chegou a caſar; mas, coração fogoſo, não ſe ficou ſem amar, embora fugitivamente, e de encarnar êſſe amor como os apaixonados imaginários quinhentiſtas. Eis o futuro auctor dos *Comentários*. Uma irmã de Albuquerque o afeiçoou, os frades de Santo Eloy o deſbaſtaram, à Itália foi finalmente beber a inſpiração para a

elegância de frafe da fua obra, a infpiração para a fua cafa dos diamantes ás portas do mar e para a da Bacalhôa onde, como nos *Lufiadas,* a Mitologia fe cafa com a religião criftã, os verfículos bíblicos dão a mão aos medalhões dos Neros e das Agripinas.

« Afonfo de Albuquerque, o Grande, faíndo para a Índia em 1506 deixou no reino um filho natural, por nome Braz, legitimado em 26 de Fevereiro do mefmo ano, quando tinha apenas cinco anos de idade. Aos çuidados de fua tia paterna, D. Ifabel de Albuquerque, cafada com D. Pedro da Silva, o Reles, de alcunha, foi confiado e, após a morte de feu pai, por ordem de D. Manuel I, entrou no mofteiro de Santo Eloi a cujos cónegos foi encarregada a fua inftrução » (1).

A eftes cabe na verdade a glória de terem feito o *rhetórico,* como êle mefmo fe intitula, autor da obra prima, de tão acrifolado patriotifmo, que vai lêr-fe.

Por óbito do governador da Índia o autor dos *Comentários* eftava herdeiro de grande nome e fenhor de avultada fortuna. Refponfabilidades, graves refponfabilidades, fôbre êle pefavam far-

(1) António Baião — *Alguns afcendentes de Albuquerque,* pág. XXXI, memória publicada pela Academia das Sciências de Lifboa.

tamente compenſadas porém com a aura e glória paternas que nele ſe reflectiam. Do pai herdara os ſerviços é certo mas com êles os rancores, os ódios e as invejas e êſtes eſquecem menos que aquêles.

¡Inimigos há que nem à beira das campas fazem tréguas e deſarmam!

E o *terribil* devia tê-los deſta natureza: ferinos, figadais. Por iſſo, quáſi com o eſtertor, a D. Manuel I invoca de longe os ſeus ſerviços em benefício do filho; por iſſo êſte na dedicatória da primeira edição dos *Comentários* lembra a D. Sebastião, como vimos, a *obrigação que êle tem* aos netos e *parentes daqueles que neſta conquiſta* (a da Índia) *acabaram ſeus dias.*

Eſtava, como ſe vê, queixoſo da falta de atenção pelos ſeus ſerviços pois, êle próprio no-lo conta, «*tornado deſta jornada* (ida a Saboya no séquito da infanta D. Beatriz) *com eſperança de lhe elrey dom Manuel ſatiſfazer os ſerviços de ſeu pay como tinha prometido ao conde de Linhares, ſeu ſogro, achou ho morto, e ficou ſem a ſatiſfação que merecião os grandes ſerviços de ſeu pay, aſſi polo pouco cuidado que elle teve de os requerer como tambem pela mudança do tempo*».

Então devia ainda ſer viva a única filha de Afonſo de Albuquerque, caſada com o primeiro conde de Baſto e daí as ſuas ambições de engrandecimento.

Não nos alongaremos em pormenores da biografia do autor dos *Comentários;* o leitor curioſo depara-os na memória já citada *Alguns aſcendentes de Albuquerque.*

Conſelheiro de D. João III figura como tal no reſpectivo livro de moradias; provedor da Miſericórdia de Liſboa o ſabemos em 1532, 1542, 1545, 1552, 1563, 1571 a 1577; preſidente do ſenado da câmara de Liſboa foi nomeado pela carta régia de 12 de Dezembro de 1572, tendo ſido o primeiro preſidente da edilidade liſboeta.

*

Muitos ſão os pontos hiſtóricos que a leitura atenta dos *Comentários* pode elucidar.

Enumerando ao acaſo o primeiro facto que nos ocorre foi já objecto de uma comunicação noſſa à Academia das Sciências de Liſboa. Deſconhecia-ſe até agora, ou melhor, tinha paſſado deſpercebido, o motivo por que João de Solis, o célebre piloto portuguez, precurſor de Fernão de Magalhães, ao ſerviço de Heſpanha deſcobridor do Rio da Prata, ſe refugiára na nação viſinha e é um paſſo dos *Comentários*, até agora no eſcuro, que ao corrente de tudo nos põe.

Com efeito, a página 14 da 2.ª edição ſe diz que o piloto João de Solis, preſtes a ir

com Afonſo de Albuquerque na náo *Cyrne*, em 1506, na armada do comando de Triſtão da Cunha, teve de ſer ſubſtituido *por haver dous dias que o ſeu* (piloto) *chamado João de Solis fugira pera Caſtela por matar ſua molher.*

¿¡Quantas conjecturas de inveſtigadores, aliás iluſtres e zeloſos, não ſão derribadas por eſtas tão claras e poſitivas palavras de Afonſo de Albuquerque, filho!?

Outro ponto que nos ocorre é àcêrca da idade do governador da Índia, ponto objecto de um meticuloſo eſtudo do saudoſo J. I. de Brito Rebelo (1). Eſte erudito notável teve a tal reſpeito apenas preſente um paſſo do autor dos *Comentários*, o do capítulo XLVI da parte IV e todavia, nas duas partes que vão lêr-ſe, ſe faz também referência aos ſeus ſeſſenta anos: no capítulo X da parte II e no capítulo XXIX da meſma parte.

¡E quantos, quantos outros, não ſeriam iluminados pelo caudal de luz que jorra das vernaculas páginas da obra de Albuquerque!

Ecce elongavi fugiens
Et manſi in ſolitudine,

tal foi o penſamento biblico que o autor dos

(1) J. I. de Brito Rebelo, *Ementas Hiſtóricas*, I, *A idade de Affonſo de Albuquerque*, Coimbra, 1896.

Comentários mandou gravar a ſingelas letras de marmore negro ſobre a porta principal do ſeu pálacio da Bacalhôa. Tal foi o lema preſente à confecção dos *Comentários* e tal é o eſtado de eſpírito em que devem lêr-ſe as páginas que ſe ſeguem.

Quietação edénica, ância de aprender nos puros e límpidos moldes quinhentiſtas a bela lingua de noſſos avoengos e as belas façanhas de noſſos maiores.

Para tudo concorre o zêlo eſcrupuloſo e a largueza de viſtas da Imprenſa da Univerſidade e a boa vontade do prefaciador e reviſor.

Agosto de 1922.

António Baião.

INDICE DOS CAPITULOS.

PARTE PRIMEIRA.

CAPITULO PRIMEIRO. *De como foi a primeira vez á India por Capitão mór de tres náos, e chegou a Cochim, e o mais que paſſou.* 1

CAP. II. *De como o grande Afonſo Dalboquerque, e Franciſco Dalboquerque, depois deſte deſbarato, falaram ao Rey ſobre o fazer da fortaleza, e o que com elle paſſáram.* 4

CAP. III. *De como o grande Afonſo Dalboquerque chegou a Coulão, e o que paſſou com os Governadores da terra.* 7

CAP. IV. *De como as náos de Calicut vieram a viſta de Coulão, e o grande Afonſo Dalboquerque ſe fez presſtes pera pelejar com ellas, e o que ſobre iſſo paſſou com os Governadores da terra.* 11

CAP. V. *Do aſſento, que o grande Afonſo Dalboquerque tomou com os Governadores da terra ſobre as pazes, antes da ſua partida: e o mais que paſſou com os Chriſtãos dali naturaes, e ſe partio pera Cochim.* 13

CAP. VI. *De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio de Cochim pera Cananor: e do que paſſou até chegar a Portugal.* 16

Cap. vii. *De como ElRey D. Manuel mandou o anno de ſeis Triſtão da Cunha á India, e Afonſo Dalboquerque em ſua companhia, em huma Armada de quatorze vélas, pera ambos fazerem a fortaleza de Çocotorá.* 19
Cap. viii. *De como o Capitão mór Triſtão da Cunha deſpedio a caravela pera Portugal, e ſe partio de Biziguiche: e o que paſſou até chegar a Moçambique.* 22
Cap. ix. *De como o Capitão mór Triſtão da Cunha, pela informação que teve dos negros, que Ruy Pereira trouxe, determinou de ir deſcubrir a Ilha de S. Lourenço.* 25
Cap. x. *De como o capitão mór Triſtão da Cunha ſe fez preſtes pera ir deſcubrir a Ilha, e o que niſſo paſſou.* 27
Cap. xi. *De como o Capitão mór Triſtão da Cunha ſe tornou ao longo da coſta, e ſe ouvera de perder: e o que paſſou com o grande Afonſo Dalboquerque.* 30
Cap. xii. *De como o Capitão mór Triſtão da Cunha ſe partio de Moçambique com a ſua Armada, e ſe foi ver com o Rey de Melinde, e dali a Angoja, e a deſtrohio.* 33
Cap. xiii. *De como o Capitão mór Triſtão da Cunha foi ter a Braboa, e o que nella paſſou.* 36
Cap. xiv. *De como o Capitão mór Triſtão da Cunha foi cometer a Cidade de Braboa, e depois de deſtruida, ſe partio pera Çocotorá.* 40
Cap. xv. *De como o Capitão mór Triſtão da Cunha ſe partio de Braboa, e fez ſeu caminho direito á Ilha de Çocotorá, e o que nella paſſou.* 43
Cap. xvi. *De como o Capitão mór Triſtão da Cunha*

entrou a fortaleza: e do que paſſou, chegando a ella. 48

CAP. XVII. *Do recado, que o Capitão mór Triſtão da Cunha mandou á gente da terra, e o que paſſou com elles, e como acabou a fortaleza de Çocotará, e ſe partio pera a India, e como ficou o grande Afonſo Dalboquerque por Capitão mór da Armada.* 52

CAP. XVIII. *De como o grande Afonſo Dalboquerque, partido Triſtão da Cunha, fez preſtes ſua armada, e ſe partio com determinação de ir eſperar as náos dos mouros, que vinham da India pera o eſtreito, e o que niſſo paſſou.* 55

CAP. XIX. *De como o grande Afonſo Dalboquerque, pela muita neceſſidade que tinha de mantimentos, ſe foi na volta do eſtreito de Ormuz, e chegou a Maſcate.* 59

CAP. XX. *Do que o grande Afonso Dalboquerque paſſou com os Governadores da Cidade de Calayate, chegando a ella.* 61

CAP. XXI. *De camo o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio da Cidade de Calayate, e foi ter a Curiate, e o tomou por força de armas.* 65

CAP. XXII. *De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio de Curiate, e foi ter a Maſcate, e o que nelle paſſou.* 70

CAP. XXIII. *De como o grande Afonſo Dalboquerque por conſelho dos capitães cometeo o lugar de Maſcate, e o deſtruio, e o que niſſo paſſou.* 75

CAP. XXIV. *De como o grande Afonſo Dalboquerque mandou pôr fogo á Cidade de Maſcate, e do milagre que aconteceo no derribar da miſquita, e como ſe recolheo ás náos, e ſe partio.* 80

CAP. XXV. *Do que o grande Afonſo Dalboquerque paſ-*

ſou com João da Nova, e ſe partio de Maſcate pera a Villa de Soar, e o que paſſou com os Regedores da terra. 83

Cap. xxvi. *De como o grande Afonſo Dalboquerque mandou huma bandeira aos Regedores de Soar pera ſe pôr em huma torre da fortaleza em ſinal de paz: e o recebimento que lhe fizeram, e o mais que paſſou.* 87

Cap. xxvii. *De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio de Soar, e ſe foi ao longo da coſta direito a Orfação, e de como o tomou.* 92

Cap. xxviii. *De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio de Orfação pera Ormuz: e o que paſſou com os Capitães, chegando á viſta da Cidade.* 99

Cap. xxix. *Da Armada, que o Rey de Ormuz tinha no porto, e como eſtava concertada, e dos recados, que houve antre elle, e o grande Afonſo Dalboquerque.* 103

Cap. xxx. *De como o grande Afonſo Dalboquerque, vendo que tardava a repoſta, foi cometer a Armada, que eſtava no porto de Ormuz, e a desbaratou.* 109

Cap. xxxi. *De como os Capitães, depois da náo Meri rendida, foram ſeguindo a vitoria: e o eſtrago que fizeram na Armada: e como o grande Afonſo Dalboquerque foi cometer o cerame, onde o feríram.* 112

Cap. xxxii. *De como o grande Afonſo Dalboquerque deſbaratou a Armada, e foi ao longo da Cidade, queimando, e deſtruindo todo o arrabalde: e de como o Rey lhe mandou dous Mouros em huma almadia, pedindo-lhe paz.* 116

Cap. xxxiii. *Da repoſta que o grande Afonſo Dalbo-*

querque deo aos Mouros: e de como mandou Pero Vaz Dorta Feitor, e João Estão, e Gaspar Rodrigues, lingua, a terra: e do que passáram com o Rey, e seus Governadores. 122

Cap. XXXIV. *Como o grande Afonso Dalboquerque assentou com o Rey as pareas, que havia de pagar: e como lhe pedio lugar na Cidade pera fazer fortaleza.* 126

Cap. XXXV. *Como o Rey de Ormuz mandou pedir ao grande Afonso Dalboquerque huma bandeira pera pòr nos seus Paços em sinal de paz, e o que se nisso fez.* 130

Cap. XXXVI. *De como o grande Afonso Dalboquerque se vio com o Rey no Cerame, e o que nestas vistas passáram, e o que aconteceo aos Marinheiros no mar com os Mouros mortos, que andavam sobre a agua.* 132

Cap. XXXVII. *De como o grande Afonso Dalboquerque mandou pedir ao Rey lugar em Ormuz pera fazer huma fortaleza, e do que nisso passou, e como se começou onde agora está.* 136

Cap. XXXVIII. *De como o grande Afonso Dalboquerque fez prestes sua Armada pera ir dar huma vista ao estreito do mar Roxo: e a reposta que deo a Rexnordim sobre as pareas, que o Embaixador do Xeque Ismael vinha pedir.* 141

Cap. XXXIX. *De como o Rey de Ormuz mandou dizer ao grande Afonso Dalboquerque, que desejava de ver atirar os espingardeiros Portugueses, e lhos mandou: e como escreveo ao Visorey da India o estado em que tinha as cousas de Ormuz, e o que passou com os Capitães.* 144

Cap. XL. *Da fala, que o grande Afonso Dalboquerque*

fez aos Capitães ſobre as amotinações, em que andavam: e dos requerimentos, que lhe fizeram: e de algumas palavras, que com elles paſſou ſobre iſſo. 147

Cap. xli. *De como os Capitães tornáram a fazer outro requerimento ao grande Afonſo Dalboquerque, em que ſe aſſináram todos: e o que elle niſſo fez, e o mais que com elle paſſou.* 150

Cap. xlii. *Do que o grande Afonſo Dalboquerque paſſou com os Meſtres, e Pilotos, e toda a outra gente do mar, que os Capitães tinham amotinado contra elle.* 152

Cap. xliii. *Do que o grande Afonſo Dalboquerque paſſou com Franciſco de Tavora vindo da pedreira: e da prática, que teve com os Capitães depois de eſtar em terra.* 155

Cap. xliv. *De como fugíram quatro Chriſtãos da noſſa Armada, e contáram a Cogeatar as differenças, que havia antre o grande Afonſo Dalboquerque, e os Capitães: e do recado que lhe mandou, e o mais que paſſou.* 158

Cap. xlv. *De como o grande Afonſo Dalboquerque, vendo que Cogeatar lhe não entregava os homens, mandou recolher os officiaes da obra, e a gente, que andava em terra, e o mais que paſſou com os Capitães.* 162

Cap. xlvi. *Como Cogeatar mandou pedir ao grande Afonſo Dalboquerque ſeguro pera os Chriſtãos: E os Capitães lhe mandáram requerer que não fizeſſe guerra á Cidade, e o que ſobre iſſo paſſou com elles.* 165

Cap. xlvii. *De como o grande Afonſo Dalboquerque determinou de fazer guerra a Ormuz: e como a*

gente do Rey, que estava em guarda dos poços de Turumbaque, foi desbaratada pelos nossos. 171

Cap. xlviii. *De como Cogeatar tornou a mandar desentupir os poços de Turumbaque, e a gente, que tinha em guarda delles, foi desbaratada pelos nossos, e o mais que passou.* 175

Cap. xlix. *Do recado, que o Rey mandou ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe pazes, e a reposta que lhe deo, e o que passou na Ilha de Queixome indo tomar agua.* 179

Cap. l. *Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com João da Nova por não querer ir a Nabandé, onde o mandava.* 183

Cap. li. *Como o grande Afonso Dalboquerque tornou á Ilha de Queixome com determinação de tomar agua: e do desbarato, que fez na gente, que o Rey ali tinha pera guarda della.* 187

Cap. lii. *Como o grande Afonso Dalboquerque mandou a Afonso Lopez da Costa, e Manuel Telez que se fossem ajuntar com Antonio do Campo, e cometessem a Armada dos Mouros, e elles a deixáram, e se foram caminho da India.* 191

Cap. liii. *De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera Çocotorá, e chegado á Ilha, mandou Francisco de Tavora a Melinde buscar mantimentos, e o mais que passou.* 195

Cap. liv. *De como, chegado Francisco de Tavora ao Cabo de Guardafum, o grande Afonso Dalboquerque despachou logo Fernão Gomes, e o Mouro, que Tristão da Cunha deixára em Melinde pera ir ao Preste, e se partio pera Çocotorá, e o mais que passou.* 200

Cap. lv. *De como chegáram á India Manuel Telez, e*

Afonſo Lopez da Coſta, e Antonio do Campo, e deram capitulos ao Viſorey do grande Afonſo Dalboquerque: e da devaſſa, que ſobre iſſo mandou. 204

Cap. lvi. *Como o Viſorey D. Franciſco Dalmeida, ouvidos os Capitães, mandou tirar devaſſa do grande Afonſo Dalboquerque, e do que paſſou com elles ſobre a nova, que lhe veio de Portugal.* 208

Cap. lvii. *Como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio de Çocotorá pera Ormuz, e foi ter a Calayate, e o que paſſou com o Capitão da Cidade.* 212

Cap. lviii. *De como o grande Afonſo Dalboquerque foi cometer a Cidade de Calayate, e a deſtruio, e o mais que paſſou.* 216

Cap. lix. *Das novas, que o Mouro, que trouxe o preſente, contou ao grande Afonſo Dalboquerque, da India: e de como ſe partio de Calayate pera a Cidade de Ormuz, e do que paſſou com Cogeatar.* 221

Cap. lx. *Como veio hum Mouro de terra em huma almadia a bordo da náo de Martim Coelho com duas cartas pera o grande Afonſo Dalboquerque, ſem dizer quem as mandava, e o mais que paſſou.* 225

Cap. lxi. *Como o grande Afonſo Dalboquerque deo conta aos Capitães, e principaes homens da Armada de tudo o que paſſára com Cogeatar, e do recado que lhe mandou, e o que reſpondeo.* 236

Cap. lxii. *Do conſelho, que o grande Afonſo Dalboquerque teve com os Capitães ſobre a repoſta de Cogeatar, e o que ſe niſſo aſſentou, e do recado, que mandou aos Ruſtazes por huns criados ſeus, e o que mais paſſou.* 240

Cap. lxiii. *Como o grande Afonſo Dalboquerque aviſou*

Diogo de Melo do que tinha ſabido da Armada de Julfar, e foi a Nabande, e pelejou com os Capitães do Xeque Iſmael, e os deſbaratou. 244

Cap. LXIV. *Como Diogo de Melo, que eſtava na Ilha de Lara, ſe perdeo, e o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio pera a India, e o que paſſou até chegar á Ilha.* 249

PARTE SEGUNDA.

Capitulo primeiro. *De como chegou a Cananor na entrada de Dezembro do anno de quinhentos e oito: e requereo ao Viſorey que lhe entregaſſe a governança da India, como ElRey D. Manuel mandava em ſuas Provisões, e do que ſobre iſſo paſſou.* 254

Cap. II. *Como Gaſpar Pereira levou os apontamentos, que lhe o Viſorey mandou, ao grande Afonſo Dalboquerque, e da repoſta que lhe deo.* 260

Cap. III. *De algumas couſas, que o grande Afonſo Dalboquerque paſſou em Cochim com Jorge Barreto: e da Carta, que lhe eſcreveo Lourenço de Brito, Capitão de Cananor, e da repoſta que lhe mandou.* 265

Cap. IV. *Como o Viſorey D. Franciſco Dalmeida, depois de deſbaratar os Rumes, ſe partio de Diu, e veio ter a Cananor com Lourenço de Brito, e dahi pera Cochim: e do que paſſou com o grande Afonſo Dalboquerque em chegando.* 270

Cap. V. *O que o Viſorey paſſou com Gaſpar Pereira, e Ruy de Araujo, e os mais Officiaes da Feitoria,*

ſobre eſta prática que teve com o grande Afonſo Dalboquerque. 273

CAP. VI. *O que paſſou o Viſorey com Gaſpar Pereira, e o recado, que por elle mandou ao grande Afonſo Dalboquerque: e como deo conta aos Officiaes da Feitoria de Cochim, e a Jorge de Melo, e a outros Capitães do que paſſava ácerca da pimenta, e o que Anchecala com elles paſſou na Feitoria.* 276

CAP. VII. *Como Franciſco de Tavora, por algumas palavras, que ouve com Jorge de Melo Pereira ſobre o grande Afonſo Dalboquerque, o mandou deſafiar, e do mais que niſſo paſſou: e da chegada de Diogo Lopez de Sequeira á India.* 282

CAP. VIII. *Do requerimento, que Jorge Barreto, e João da Nova, com parecer de alguns Capitães, fizeram ao Viſorey D. Franciſco Dalmeida, que não entregaſſe a India a Afonſo Dalboquerque: e do conſelho que ſobre iſſo todos tiveram.* 286

CAP. IX. *Das couſas, que paſſáram depois deſte conſelho: e como o Viſorey mandou prender João de Chriſtus, Frade da Ordem de Sancto Eloy, e o que ſe niſſo paſſou.* 290

CAP. X. *Como ſabendo o grande Afonſo Dalboquerque a prizão de João de Chriſtus, foi falar ao Viſorey ſobrelle: e como o mandou prender, e levar a Cananor, e derribar as caſas, em que vivia.* 294

CAP. XI. *Como chegou a Cananor D. Fernando Coutinho, Marichal de Portugal, e dali levou comſigo o grande Afonſo Dalboquerque pera governar a India.* 297

CAP. XII. *Como o Marichal diſſe ao grande Afonſo*

Dalboquerque, que ElRey Dom Manuel mandava, que se destruisse a Cidade de Calicut, e do que nisso passáram. 302

Cap. xiii. *Como o grande Afonso Dalboquerque, e o Marichal deram conta ao Rey de Cochim da sua ida sobre Calicut: e do conselho, que tiveram com os Capitães sobre isso.* 304

Cap. xiv. *Como estando o grande Afonso Dalboquerque prestes pera se partir, chegou Vasco da Silveira de Çocotorá com recado de Duarte de Lemos a pedir-lhe navios, e gente, e do que nisso passou.* 309

Cap. xv. *Como o grande Afonso Dalboquerque, e o Marichal partíram pera Calicut com sua Armada: e do conselho, que tiveram sobre o desembarcar, e do mais que passou.* 312

Cap. xvi. *Como o grande Afonso Dalboquerque, e o Marichal entráram a Cidade de Calicut, e foram ás casas do Çamorim, e os nossos desbaratados, e o Marichal morto, e o mais que passou.* 315

Cap. xvii. *Do que o Çamorim fez quando soube, que os Portugueses tinham entrado a Cidade de Calicut: e como o grande Afonso Dalboquerque mandou Frei Luis a Narsinga dar conta ao Rey do que passára em Calicut, e do mais que se passou.* 319

Cap. xviii. *Como o grande Afonso Dalboquerque fez prestes sua Armada com determinação de entrar o estreito do mar Roxo: e do conselho, que teve pera ir sobre Goa.* 326

Cap. xix. *Como o grande Afonso Dalboquerque se fez á véla do porto de Mergeu, e foi surgir avante do Castelo de Cintácora: e o que passou com Timoja, e como dali foi surgir na barra de Goa.* 331

Cap. xx. *Como o grande Afonso Dalboquerque man-*

dou D. Antonio de Noronha, e outros Capitães ſondar o rio: e como tomáram o Caſtelo de Pangij, que eſtá á entrada da barra, e do mais que paſſou. 334

Cap. xxi. *Como os Governadores da Cidade de Goa entregáram as chaves della ao grande Afonſo Dalboquerque: e do deſpojo que ſe nella achou, e o mais que paſſou.* 343

Cap. xxii. *Como o grande Afonſo Dalboquerque começou a fazer a fortaleza de Goa: e o que paſſou com os Capitães e com Timoja.* 347

Cap. xxiii. *Como os Embaixadores do Xeque Iſmael, e do Rey de Ormuz, que eſtavam em Goa, mandáram dizer ao grande Afonſo Dalboquerque, que lhe queriam falar: e o que paſſou com elles, e como mandou Ruy Gomes ao Xeque Iſmael.*

Cap. xxiv. *Como o grande Afonſo Dalboquerque mandou Franciſco Pantoja prover a fortaleza de Çocotorá de mantimentos, e o que niſſo paſſou com Duarte de Lemos ſobre huma náo, que tomou no caminho.* 364

Cap. xxv. *Do aſſento, que o grande Afonſo Dalboquerque fez com Timoja, e com os principaes da terra, ſobre os direitos, que haviam de pagar cada anno, e como a ſeu requerimento mandou fazer moeda.* 367

Cap. xxvi. *De como o grande Afonſo Dvlboquerque ſe fez preſtes pera invernar em Goa, e mandou Diogo Fernandes de Béja á fortaleza de Cintácora.* 372

Cap. xxvii. *Como Mandaloy, senhor de Condal, eſcreveo ao grande Afonſo Dalboquerque a nova que tinha da vinda do Hidalcão, e o que elle ſobre eſte recado fez.* 375

Cap. xxviii. *Como o grande Afonſo Dalboquerque com eſta nova proveo logo os paſſos da Ilha de gente, e Capitães, e mandou fazer juſtiça do Xabandar, pela má informação que teve delle, e do mais que fez.* 378

Cap. xxix. *Como o Hidalcão mandou João Machado, e hum Venezeano, que lá andavam tornados Mouros, com recado ao grande Afonſo Dalboquerque, pedindo-lhe que deixaſſe Goa, e a repoſta que lhe deo.* 381

Cap. xxx. *Como o grande Afonſo Dalboquerque deo conta do recado, que lhe João Machado trouxera do Hidalcão, e do mais que ſobre iſſo paſſára.* 385

Cap. xxxi. *Do recado, que Garcia de Souſa mandou de Benaſtarim ao grande Afonſo Dalboquerque: e como foi viſitar os paſſos da Ilha, e do mais que paſſou.* 388

Cap. xxxii. *Como o Hidalcão entrou a Ilha de Goa polo paſſo de Agacij, e foi cometer a Cidade, e o grande Afonſo Dalboquerque ſe recolheo ao Caſtelo com toda a gente, e do mais que paſſou.* 391

Cap. xxxiii. *Como o grande Afonſo Dalboquerque determinou de ſe fazer forte na fortaleza, e ſoſtela: e do que paſſou com os Capitães ſobre iſſo: e do recado, que lhe o Hidalcão mandou por João Machado, e o que niſſo paſſou.* 395

Cap. xxxiv. *Como o grande Afonſo Dalboquerque deixou a fortaleza, e ſe foi embarcar: e como o Hidalcão entrou nella, e o que fez.* 399

Cap. xxxv. *Do conſelho, que o grande Afonſo Dalboquerque teve ſobre ſe ſahiria pela barra fóra, e o que niſſo paſſou: e como mandou Fernão Perez Dandrade, que ſe perdeo.* 403

Cap. XXXVI. *Como o Capitão, que eſtava em Pangij, começou a tratar mal as noſſas náos com artilharia: e do que o grande Afonſo Dalboquerque paſſou com os noſſos ſobre iſſo: e como não quiz tomar o preſente, que lhe o Hidalcão mandava.* 405

Cap. XXXVII. *O conſelho, que o grande Afonſo Dalboquerque teve pera cometer a fortaleza de Pangij: e como a entrou, e do eſtrago que fez nos Mouros.* 408

Cap. XXXVIII. *Como o grande Afonſo Dalboquerque mandou Diogo Fernandez de Béja, e os outros Capitães nas galés dar huma viſta á Cidade pera ſaberem certeza da Armada, que ſe fazia: e como D. Antonio polos ſocorrer foi morto.* 412

Cap. XXXIX. *O recado, que o Hidalcão mandou ao grande Afonſo Dalboquerque, pedindo-lhe que quizeſſe fazer pazes com elle, e do mais que paſſou.* 415

Cap. XL. *De como o Hidalcão tornou a mandar outra vez hum ſeu Capitão principal falar com o grande Afonſo Dalboquerque nas pazes: e da repoſta que lhe deo, e do que paſſou com elle ſobre Timoja.* 417

Cap. XLI. *Do que o grande Afonſo Dalboquerque, eſtando no rio de Goa paſſou com certos Capitães ſobre mandar enforcar Ruy Dias: e de como determinou de mandar D. João de Lima com os doentes a Cochim.* 420

Cap. XLII. *De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe fez á véla com determinação de ſahir com toda a Armada de fóra: e a cauſa, por que não ſahio, e o mais que paſſou.* 424

Cap. XLIII. *De como o grande Afonſo Dalboquerque*

ſahio do rio de Goa com toda a Armada: e de como no caminho topou com Diogo Mendez, que vinha de Portugal, e o que paſſou com elle. 427

CAP. XLIV. *De como Afonſo Dalboquerque chegou a Cananor, e ſe vio com o Rey: e da chegada de Duarte de Lemos, e Franciſco Pantoja: e do que Afonſo Dalboquerque paſſou com elle.* 431

CAP. XLV. *Como chegou a Cananor hum Embaixador do Rey de Cambaya falar ao grande Afonſo Dalboquerque em pazes: e a repoſta que lhe deo, e o que paſſou com Duarte de Lemos ſobre iſſo.* 436

CAP. XLVI. *De como o grande Afonſo Dalboquerque mandou Simão Martinz, e Garcia de Souſa eſperar as náos, que vinham de Méca, pera ſaber nova certa da vinda dos Rumes: e do requerimento, que lhe Diogo Mendez fez ſobre o deixar fazer ſua viagem a Malaca.* 443

CAP. XLVII. *De como o grande Afonſo Dalboquerque praticou com os Capitães, ſe deixaria ir Diogo Mendez a Malaca: e do que ſe niſſo aſſentou, e do que paſſou com Diogo Mendez.* 446

CAP. XLVIII. *De como Lourenço Moreno, e outras duas náos da companhia de Gonçalo de Siqueira chegáram a Cananor: e como o grande Afonſo Dalboquerque o mandou aſſentar as pazes com os Regedores de Baticalá, e da carta, que por elle eſcreveo a Timoja.* 449

CAP. XLIX. *De como Simão Martinz tomou huma náo, que vinha de Méca muito rica, e veio com ella a Cananor: e das novas, que dous Judeos, que ſe nella tomáram, contáram ao grande Afonſo Dalboquerque.* 453

CAP. L. *Como chegou Gonçalo de Sequeira a Cana-*

nor: e do conſelho, que o grande Afonſo Dalboquerque teve com os Capitães ſobre o tornar a Goa: e da nova, que lhe deram da morte do Rey de Cochim, e do que niſſo fez. 457

Cap. li. *De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio pera Cochim, e aſſentou as differenças, que havia antre o Rey, e ſeu primo: e o que paſſou com os Capitães, eſtando em Cochim.* 461

PARTE I.

Em que ſe contém como o grande Afonſo Dalboquerque foi a primeira, e ſegunda vez á India: e o que paſſou na conquiſta do Reyno de Ormuz até chegar a Cananor.

CAPITULO I.

De como foi a primeira vez á India por Capitão mór de tres náos, e chegou a Cochim, e o mais que paſſou.

STANDO as couſas da India em eſtado, que ſe não podiam bem ſegurar, nem tomar aſſento com as grandes armadas, que cada anno ElRey D. Manoel lá mandava, pela contínua guerra, que o Çamorim fazia aos Portugueſes, que ficavam em Cochim, e ao Rey, que era noſſo amigo, perſuadido dos mercadores mouros do Cairo, que viviam em Calicut, com peitas, que a elle, e a ſeus governadores davam, receoſos de perderem ſeus tratos, e navegações, ſe os noſſos fizeſſem aſſento na terra. Neſte tempo, e pera remedio deſtes trabalhos, determinou ElRey D. Manoel de mandar á India o grande Afonſo Dalboquerque a fazer huma fortaleza em Co-

chim, e a Francifco Dalboquerque, filho de João Dalboquerque, feu tio, pera recolhimento da gente, e mercadorias que mandaffe. E pera fe ifto effeituar, mandou fazer preftes feis náos, com gente, artelharia, e munições de guerra; porque eftas com as mais, que o Almirante lá avia de deixar, como levava em feu regimento, abaftavam. Confiado tambem na paz, e amizade, que Pedralvarez Cabral, ao tempo de fua partida pera eftes Reynos, deixava affentada com os Reys de Cananor, e Cochim, e nos offrecimentos, e recados, que per feus Embaixadores, que em fua companhia vieram, lhe mandavam. E deu a capitania mór das tres dellas a Afonfo Dalboquerque: e das outras tres a Francifco Dalboquerque. E como foram preftes de tudo o que cumpria pera a viagem, partíram-fe do porto de Belém na entrada d'Abril de mil e quinhentos e tres. E pofto que Afonfo Dalboquerque pola muita diligencia, que pos em fe defpachar, partiffe primeiro, teve tão roins tempos, e paffou tantas tormentas, e pairos na viagem, que quando chegou a Cochim avia dias, que Francifco Dalboquerque com as náos de fua companhia, e outras tres, que achou no caminho, era chegado. E porque depois da partida do Almirante pera eftes Reynos, o Çamorim tornou a fazer a guerra ao Rey de Cochim: e tinha-fe apoderado da ilha, em que os Portuguefes tinham paffado muitos trabalhos, e mortes pola defender: foi grande o alvoroço, e prazer em todos com a chegada de Francifco Dalboquerque. E o Rey o veio logo ver; e depois de lhe perguntar por ElRey de Portugal feu irmão, e pola viagem que fizera, lhe deu conta de feus trabalhos, e da crua guerra, que o Çamorim lhe fizera depois da partida do Almirante, e como fe tinha apoderado da Ilha. Francifco Dalboquerque lhe deu feus recados da

Retrato de Afonso de Albúquerque
segundo a edição dos *Comentarios*, de 1576.

parte delRey de Portugal, e disse-lhe que se não agastasse, que elle esperava em Deos de cedo lhe dar vingança de seus imigos, porque ElRey seu Senhor mandava a elle, e a Afonso Dalboquerque, que ficava atrás, com armada, e gente pera o servirem em tudo o que lhe mandasse. Passadas estas praticas, foi-se o Rey pera sua casa, e Francisco Dalboquerque ficou praticando sobre este negocio com Diogo Fernandez Correa, que o Almirante deixára por feitor, e com Lourenço Moreno, e Alvaro Vaz, que eram escrivães, e com outras pessoas principaes, que ali estavam, e elles lhe deram conta de tudo o que era passado; e que cumpria muito pera o credito dos Portugueses, e pera se fazer a carrega das náos com menos trabalho, despejar-se a Ilha de Cochim dalguns Caimais, (que são senhores principaes do Reyno,) que o Çamorim nella tinha com gente pera a defender. Assentado isto, Francisco Dalboquerque se fez prestes com toda a sua gente, e a que estava em Cochim, e alguns Naires do Rey, e ao outro dia antemenhaã foi-se nos bateis, paraos, e caravelas cometer os Caimais, que estavam descuidados do que lhe aconteceo: e deu tão de supito nelles, que os desbaratou. E postos em fogida, os foi seguindo até os lançar fóra da Ilha, matando muitos Naires, e dous Caimais. Despejada a Ilha, veo-se recolhendo aos bateis, e embarcou-se, sem aver quem lhe resistisse. E chegado a Cochim, foi recebido do Rey, e dos seus com muita honra, louvando-o muito do que tinha feito. E ali achou Afonso Dalboquerque, que era chegado daquelle dia pela menhaã, com as náos de sua companhia, e toda a gente a salvamento: ao qual o Rey de Cochim já tinha dado conta de suas fortunas. E como elle trazia sempre suas espias pera saber o que seus imigos faziam, soube logo que os Naires, que fugí-

ram do desbarato de Franciſco Dalboquerque, eſtavam recolhidos na ilha de Repelim, e ſe faziam fortes com o senhor della. E porque o Rey de Cochim ſe ſentia muito deſte ſenhor de Repelim, por ſer ſempre contra elle, e não podia eſtar bem ſeguro ſe naquella Ilha fizeſſe aſſento, deu conta diſto a Afonſo Dalboquerque, e Franciſco Dalboquerque, pedindo-lhe muito que o quiſeſſem lançar dali fóra. Elles, como não pretendiam outra couſa ſenão contentar o Rey, polo terem mais propicio pera o negocio da fortaleza, em que lhe aviam de falar, fizeram-ſe preſtes com quinhentos Portugueſes, e ao outro dia antemenhaã foram nos bateis polo rio arriba cometer a Ilha. E poſto que logo na entrada achaſſem alguma reſiſtencia, por terem dous mil Naires, que o Çamorim tinha mandado de refreſco, e muitos paraos com artelharia: os noſſos os cometêram com tanto esforço, que os desbaratáram, e poſeram em fugida, matando a maior parte dos Naires, e poſeram fogo ao lugar. E com eſta vitoria ſe tornáram pera Cochim, onde foram do Rey mui bem recebidos, dando-lhes grandes agradecimentos do ſerviço que lhe niſſo fizeram. Em eſta companhia foram tambem Duarte Pacheco, e Pero Dataide.

CAPITULO II.

De como o grande Afonſo Dalboquerque, e Franciſco Dalboquerque, depois deſte deſbarato, faláram ao Rey ſobre o fazer da fortaleza, e o que com elle paſſáram.

PASSADAS eſtas vitorias, e outras, que os noſſos tiveram contra a gente do Çamorim, e reſtituido o

Rey de Cochim de tudo o que lhe tinham tomado, determináram o grande Afonſo Dalboquerque, e Franciſco Dalboquerque, primeiro que entendeſſem na carrega das náos, falar ao Rey ſobre a fortaleza, que levavam em ſeu regimento, que ſe fizeſſe em Cochim. E ambos lhe diſſeram, que a cauſa principal, por onde os Portugueſes, que ali ficavam pera o ſervir, tinham paſſado tantos trabalhos, guerras, e mortes, era por não terem huma caſa forte, onde podeſſem eſtar ſeguros das avexações, que os mouros da terra cada dia lhe faziam, a que elle não podia acodir: e tambem pera ſe poderem defender do poder do Çamorim, e que polo ſocedido até então podia ſua Real Senhoria ver claramente que tinham diſſo muita neceſſidade. E confiado ElRey D. Manoel ſeu Senhor na ſua amizade, e tambem polo que cumpria a ſeu ſerviço, lhe mandava pedir lhe quiſeſſe dar hum lugar pegado com o rio, em que fizeſſem huma caſa forte pera ſegurança dos Portugueſes, que ali ficaſſem, e pera ſe recolherem as mercadorias, que de Portugal vieſſem, porque aſſi teria ſeu eſtado mais seguro. O Rey viſto eſte requerimento, poſto que por parte dos Governadores, e ſenhores da terra, a que deu conta, ouveſſe alguns impedimentos pera o não conceder, induzidos pelos mercadores mouros da terra com peitas, que lhes davam, porque não queriam que fizeſſemos aſſento nella, com tudo por ſegurar ſeu eſtado, e conſervar a amizade delRey de Portugal, e tambem polo grande proveito, que deſte comercio lhe vinha, deixados todos os inconvenientes, foi contente de dar lugar pera ſe fazer a fortaleza, onde agora eſtá: e eſta foi a primeira, que ſe fez na India. E por ſe a obra acabar brevemente, repartíram ambos entre ſi o trabalho della, pola brevidade do tempo, e cada hum começou a fazer

a parte que lhe coube. E por não terem achegas pera a fazerem de pedra, e cal, pedíram ao Rey que lhe mandaſſe dar madeira, a qual mandou logo trazer em muita abaſtança. E começou-ſe a fazer com humas eſtacadas grandes entulhadas de terra. E porque Afonſo Dalboquerque avia de ir tomar carga de eſpeciaria a Coulão, conforme ao regimento que tinha delRey D. Manoel, que o primeiro que chegaſſe á India, fizeſſe ſua carga em Cochim, por acodir a Coulão, onde já tinha mandado duas náos de ſua companhia, trabalhava de dia, e de noite com toda ſua gente de maneira, que em breve tempo acabou ſua parte da fortaleza. E recreceo-ſe daqui terem ambos algumas differenças ſobre competencias da obra. Afonſo Dalboquerque por eſcuſar de ter paixões com ſeu primo, começou-ſe arredar de ſua converſação, e mandou-lhe dizer por algumas vezes, que pois a fortaleza eſtava já acabada da ſua parte, que lhe pedia por mercê que ordenaſſem huma peſſoa, que ficaſſe nella por Capitão até ElRey prover. Franciſco Dalboquerque, como era de ſua vontade, não quis. Afonſo Dalboquerque vendo eſtas competencias, que com elle queria ter, não lhe lembrando que a ambos ElRey D. Manoel mandára que fizeſſem eſta fortaleza, mandou chamar o Padre Fr. Rodrigo da ordem de S. Domingos, e diſſe-lhe, que elle per muitas vezes mandára pedir a Franciſco Dalboquerque que praticaſſem ambos como ſeria bom deixarem aquella fortaleza, e que nunca ſe quiſera chegar a iſſo, mas antes ſoltára algumas palavras pouco neceſſarias pera o tempo, em que eſtavam, e que elle queria ir carregar ſuas náos a Coulão, porque tinha lá mandado duas da ſua capitania, a que era neceſſario acodir, porque avia nova que eram paſſadas muitas náos de Calecut pera Choromandel; que elle

pola parte do trabalho, que tinha levado naquella fortaleza, desejava de mandar dizer huma Missa, e ir-se carregar suas náos: e Francisco Dalboquerque fizesse o que quisesse, que lhe pedia muito que fosse elle o que a celebrasse. Fr. Rodrigo se espantou muito entre huns homens tão honrados, e tão parentes aver differenças: e mais em terra, onde as cousas de Portugal não estavam ainda muito bem assentadas. E foi-se com Afonso Dalboquerque á fortaleza, e disse a missa, e acabada, andáram em procissão por dentro della: e pos-lhe nome o *Convento de Christus*, por ser empresa em terra anexa ao mestrado destes Reynos, e a primeira fortaleza, que se naquellas partes fez. Francisco Dalboquerque por se não concertar com elle, pola parte que teve no trabalho, pos-lhe nome *Alboquerque*, e o capitão, e officiaes que quis, de que Afonso Dalboquerque ficou muito descontente: e sofreo-lhe tudo por os Mouros não virem a entender que avia differenças entre elles. E despedido do Rey, fez-se prestes pera partir a tomar sua carga.

CAPITULO III.

De como o grande Afonso Dalboquerque chegou a Coulão, e o que passou com os Governadores da terra.

ESTANDO o grande Afonso Dalboquerque prestes pera se partir, chegou hum paráo de Coulão, em que vinha hum criado de Antonio de Sá, feitor, com huma carta parelle, em que dezia que fosse a bom recado, porque avia nova certa que eram partidas trinta náos de Calicut pera Choromandel. E como Afonso Dalboquerque tinha mandado duas náos diante pera lhe terem

carga preftes, como tenho dito, não ficou nada contente com efta nova, e apreffou mais fua partida, e em breve tempo chegou a Coulão, onde foi muito bem recebido dos governadores da terra, e do Nambeadarim, que he o principal Governador. E por o Rey fer ido por o fertão dentro a huma guerra, que tinha com o Rey de Narfinga, fizeram-lho logo a faber por homens, que tinham em paradas, e a poucos dias foi avifado de fua chegada. O Rey pòlos defejos que tinha de noffa amizade efcreveo ao Nambeadarim, e Regedores da Cidade grandes agradecimentos da honra, e gafalhado que tinham feito a Afonfo Dalboquerque, e mandou que tudo o que pediffe, e requereffe lhe fizeffem, e trabalhaffem muito com elle que affentaffe ali trato. E pofto que aos Governadores por induzimento, e peitas do Çamorim pefaffe muito defte affento que o Rey queria que os noffos fizeffem na terra, era elle tão temido, que fem moftrar que lhe pefava, fizeram tudo com mais verdade do que Afonfo Dalboquerque delles efperava: o qual affentou logo huma cafa de feitoria com muitas mercadorias, e todas as outras coufas, que convinham pera bom defpacho das náos, quando ali vieffem bufcar carga. Feitas as pazes, e juradas por o Rey, e feus governadores, começou Afonfo Dalboquerque carregar fuas náos de pimenta polo preço, e pefo, que o Almirante tinha affentado em Cochim. Como o Çamorim foube defta nova amizade, e trato, que o Rey de Coulão queria ter com os Portuguefes, por eftorvar que efte negocio não vieffe a effeito, mandou-lhe feus Embaixadores, dizendo, que olhaffe o que fazia, que os Portuguefes eram muito má gente, e fe os confentiffe em fua terra, que fe aviam de levantar contra elle. E que efta era a caufa principal, que o movêra infiftir tanto em os lançar

fóra da India. E por aqui lhe foi reprefentando outras muitas coufas todas a feu propofito: e mandou grandes prefentes aos governadores da terra, pedindo-lhe que fizeffem com o Rey que não déffe carrega aos Portuguefes, nem os recolheffe em feu porto. E todas eftas intelligencias, que o Çamorim teve pera fe valer contra os noffos, já que por armas o não podia fazer, por fer terra muito remota da fua, lhe não valêram: porque o Rey de Coulão era homem de tanta verdade, que por cima de todas eftas coufas, que o Çamorim lhe efcreveo, comprio fua palavra, e affentou fua amizade com Afonfo Dalboquerque. E refpondeo ao Çamorim, que elle não tinha recebido nenhum efcandalo, nem agravo dos Portuguefes, mas antes via nelles ferem homens de verdade: e que fem ter culpas fuas não tornaria atrás do que tinha affentado. O Çamorim não ficou contente com efta repofta, e fentio muito não poder deftruir o Rey de Coulão, nem tolher aos Portuguefes, que não levaffem a pimenta que jaz de Cochim até Coulão, porque todos os moradores do fertão eram gentios, que defejavam de ter paz, e amizade com os noffos. E em Calicut tudo eram Mouros eftrangeiros, que procuravam de nos lançar fóra da India polo receio que tinham de nos fenhorearmos della, e elles ficarem fóra de feus tratos. Afonfo Dalboquerque como foube que o Çamorim tinha intelligencia com o Rey de Coulão, pera eftorvar que os noffos não tomaffem affento na terra, determinou dali por diante de fe tratar mais domefticamente com elles, e negociar hum pouco mais largo o trato das mercadorias, pofto que niffo paffaffe algum tanto o regimento, que lhe ElRey tinha dado, que foi caufa de aver tanta fegurança entre os noffos, e os da terra, que já fe aviam todos por naturaes Portuguefes.

E a caufa principal defta conformidade foi não aver mouros na terra, que procuraffem divisão entre os noffos, e os gentios naturaes della, como o faziam em Calecut.

Coulão, ao tempo que Afonfo Dalboquerque chegou a elle, era huma Cidade muito grande, povoada de gentios, fem aver nella nenhum mouro natural, nem eftrangeiro, fenão o irmão de Cherinamercar de Cochim, que avia pouco tempo que fe fora ali viver. Efta cidade era grande efcapola de mercadores, e antigamente avia nella muitos mercadores eftantes de toda a parte da India, principalmente de Malaca. E por fer porto abrigado de todos os ventos, as náos, que navegam á India, e affi as que paffavam pela Ilha de Ceilão, e Chale, faziam ali fua efcapola. E naquelle tempo eftava a ilha de Ceilão á fua obediencia, e pagava-lhe tributo: e tudo o que ha de Coulão até Chale, que podia fer feffenta legoas, era feu: e averá de Coulão á ilha de Ceilão oitenta legoas. O Rey de Coulão era homem de muita verdade, e muito cavaleiro: e naquella guerra, que teve com o Rey de Narfinga, tendo muita gente de pé, e de cavallo, o cometeo com feffenta mil archeiros, e o desbaratou. E a fóra o Nambeadarim, que era o principal governador da terra, avia na cidade trinta e feis homens principaes, que a governavam: e affi era a milhor regida que avia naquellas partes em aquelle tempo.

CAPITULO IV.

De como as náos de Calicut vieram á viſta de Coulão, e o grande Afonſo Dalboquerque ſe fez preſtes pera pelejar com ellas, e o que ſobre iſto paſſou com os Governadores da terra.

NESTE tempo, que o grande Afonſo Dalboquerque eſtava tomando ſua carga, como fica dito, chegáram as náos de Calicut á viſta dos noſſos, e eram por todas trinta e nove vélas, as vinte e oito de Calicut, e as outras de Cochim, e Cananor. E como Afonſo Dalboquerque deſejava de enfadar o Çamorim em tudo o que podeſſe, por ſe vingar delle, determinou de os ir cometer, hum pouco contra o parecer de Antonio de Sá, e da gente da armada. E por não dilatar o tempo, alargou as amarras pelos eſcouves, e fez-ſe á véla. Os mouros vendo as noſſas náos deſamarradas, e que os vinham demandar, deſpidíram hum parao de ſi, e mandáram-lhe pedir pazes. E neſte interim encadeáram-ſe de cinco em cinco com determinação de pelejar. E porque o vento acalmou, temendo-ſe Afonſo Dalboquerque que as náos de noite com o terrenho ſe fizeſſem na volta do mar, e ſe foſſem ſem ſe vingar delles, mandou Antão Garcia no ſeu navio, que era pequeno, e bom de véla, que ſe foſſe tambem na volta do mar. Os Mouros receoſos do que podia ſer, ouveram outro conſelho, e ás toas de noite vieram-ſe meter dentro no porto de Coulão, porque as noſſas náos eſtavam hum pouco afaſtadas delle, na boca de hum rio. Afonſo Dalboquerque como vio as náos que ſe queriam valer em terra, mandou dizer ao Nambeadarim, e aos governadores da cidade, que

aquellas náos eram do Çamorim, imigo capital delRey de Portugal ſeu senhor, que lhe pedia por mercê lhas mandaſſe entregar; porque não o fazendo, elle determinava entrar no porto, e queimalas todas, e ir-ſe ſem tomar ali carga, nem fazer com elles nenhum aſſento de paz. Os governadores lhe reſpondêram, que elles tinham eſcrito ao Rey, dando-lhe rezão daquelle negocio, que a repoſta não podia tardar muitos dias: que lhe pediam por mercê, pois as náos eſtavam recolhidas naquelle porto, donde não podiam ſair ſem ſua licença, que eſperaſſe polo recado do Rey. Afonſo Dalboquerque lhes diſſe, que era contente de fazer o que lhe pediam: com tanto, que mandaſſem tomar as vélas ás náos por não fugirem de noite. Aſſentado iſto, o Nambeadarim mandou logo lançar mão dos capitães, meſtres, e pilotos, e polos a bom recado. E dahi a poucos dias chegou recado do Rey ao Nambeadarim, em que lhe mandava, que ſe aquellas náos quiſeſſem eſtar á obediencia dos governadores da cidade, e deſcarregar ali ſuas mercadorias, que pediſſem a Afonſo Dalboquerque da ſua parte que lhe não fizeſſe nenhum mal, que abaſtava pera ſeu caſtigo não poderem ſair daquelle porto ſem ſeu mandado. Afonſo Dalboquerque reſpondeo, que ſua determinação era queimalas, e trazer todos os Mouros de Calicut á eſpada, por vingança da treição, que tinham feito aos Portugueſes; mas pois o Rey avia por ſeu ſerviço não os caſtigar, que não faria outra couſa ſenão o que lhe mandava. Os governadores mandáram logo deſcarregar as náos dos mantimentos que levavam: e ali eſtiveram metidos até que ſe Afonſo Dalboquerque partio. E porque teve por enformação, que alguns mouros tinham comprado muita pimenta polo ſertão, porque não vieſſe ao peſo de Coulão, em quanto ali eſteve,

todas as náos que paſſavam, ora foſſem de amigos, ora de imigos, ainda que vieſſem com bandeiras, e ſeguro do Almirante, fazia-as todas arribar ao porto de Coulão, e ali eram buſcadas polos governadores da terra: e toda a eſpeciaria que levavam, lhe tomavam, e levavam á feitoria, e ali compravam os noſſos, e os da terra.

CAPITULO V.

Do aſſento, que o grande Afonſo Dalboquerque tomou com os governadores da terra ſobre as pazes, antes da ſua partida: e o mais que paſſou com os Chriſtãos dali naturaes, e ſe partio pera Cochim.

PASSADAS todas eſtas couſas, pareceo ao grande Afonſo Dalboquerque neceſſario tornar a retificar as pazes, que com os governadores tinha aſſentado, e foi-ſe a terra: e falando com elles perante Antonio de Sá, feitor, e os mais Portugueſes, que com elle ficavam, lhes diſſe, que no concerto das pazes que tinham feito, eſtava aſſentado que a jurdição do civel, e crime eſteveſſe em poder dos Chriſtãos naturaes da terra, como antigamente ſempre fora: que por iſſo elle antes de ſua partida queria deixar iſto aſſentado de maneira, que depois delle ido não ouveſſe nenhumas deferenças antre huns, e outros: e tambem pera dar rezão de ſi a ElRey ſeu Senhor de como as couſas naquelle Reyno ficavam aſſentadas; que lhes pedia muito, e rogava que o ouveſſem aſſi por bem; porque a peſſoa, a quem entregaſſe eſte cargo, avia ſempre de fazer o que o Rey de Coulão mandaſſe. Os Governadores lhe diſſeram, que lhes parecia bem, e que quando o Rey vieſſe lhe dariam conta

diſſo: e que podia deixar eſte cargo a quem quiſeſſe, que todos lhe obedeceriam. Afonſo Dalboquerque entregou logo a jurdiçam perante elles a Antonio de Sá, feitor, e mandou-lhe que tudo fizeſſe com conſelho, e parecer dos Chriſtãos naturaes da terra, por não ſair da ordem, com que ſe antigamente governavam. E todos foram contentes com a eleição de Antonio de Sá, ao qual deixou muito encomendado o provimento da igreja. E os Chriſtãos da terra aviam de ter cuidado de a governarem, e regerem, a qual igreja ſe chamava *noſſa Senhora da Miſericordia.* E diziam os Chriſtãos da terra, que dous Sanctos, que nella eſtavam enterrados em duas capelas, a fizeram milagroſamente. Tinham tres altares, em que eſtavam tres Cruzes, no meio huma de ouro, e nos outros dous duas de prata. Os Chriſtãos da terra mandáram huma dellas a ElRey D. Manoel; e querendo mandar a de ouro, Afonſo Dalboquerque lhes diſſe, que não queria levar ſenão huma de prata, por ſinal que avia naquellas partes Chriſtãos, que adoravam a Cruz, em que noſſo Senhor Jeſu Chriſto padecêra, porque eſte era o ouro, com que ElRey de Portugal avia mais de folgar; e que como elle chegaſſe a Portugal, ElRey lhe mandaria muitos ornamentos pera a ſua Igreja ao modo que ſe coſtumava entre os Chriſtãos. Elles folgáram muito com iſto, e pedíram a Afonſo Dalboquerque que lhes déſſe hum retavolo de Sanctiago, e hum ſino, que lhe logo deu. E porque era neceſſario deixar ali alguma peſſoa, que os doutrinaſſe nos ritos da noſſa Sancta Fé, pedio ao P. Fr. Rodrigo da Ordem de S. Domingos, que trazia comſigo, que ficaſſe ali, e elle o aceitou por ſervir a Deos: e teve tão bom cuidado eſſes dias que ali eſteve, que com ſua doutrina, e bom exemplo tornou muitos

gentios á Fé de Jesu Christo, e bautizou muitos Christãos de trinta, e de quarenta annos de idade, por já não aver memoria de bautismo antrelles. Assentadas todas estas cousas, os Christãos da terra se vieram a Afonso Dalboquerque, e lhe disseram, que pois os queria conservar em seus costumes antigos, que lhe pediam por mercê que tambem lhe guardasse outro costume: e era, que os Christãos, que tinham cuidado de governar a Igreja, tinham tambem juntamente em seu poder o sello, e peso da Cidade, e que o Rey de Coulão lho tinha tirado por culpa, e froxidade de hum Christão natural da terra. E porque estarem estas cousas em poder dos Christãos, como sempre estiveram, faziam muito em sua autoridade, que falasse ao Nambeadarim, e aos governadores, que os tornassem á sua posse, pois a culpa, porque lho tiráram, fora de hum só, e não de todos. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que aquilo que elles requeriam não entrára no concerto das pazes, e que o tempo era breve pera começar requerimentos de novo, porque estava já de verga dalto pera se partir; mas que elle deixaria recado a Antonio de Sá, que ficava por feitor, que como o Rey de Coulão viesse da guerra, lhe falasse nisso, e lho pedisse muito da parte delRey de Portugal. Com isto ficáram muito contentes, e despedio-se delles, e dos governadores da terra, e foi-se embarcar. E partio-se a doze de Janeiro do anno de 1504 e fez seu caminho dereito a Cochim, pera se ver com Francisco Dalboquerque, e partirem todos juntos pera Portugal, como tinha por regimento delRey D. Manoel. E porque chegando a Cochim o não achou, nem recado seu do que esperava de fazer, proveo a fortaleza de polvora, armas, e monições de guerra, aquellas que lhe parecêram necessarias pera cumprir com sua obrigação, e duas

caravelas, e a náo Conceição bem armadas. E porque parte da gente darmas, que Franciſco Dalboquerque deixou pera guarda da fortaleza, ficava nella por força, e contra ſua vontade, mandou-os recolher, e deixou outra, que a ſeus rogos ali quiſeram ficar. E feito iſto, deſpedio-ſe de todos, e partio-ſe.

CAPITULO VI.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio de Cochim pera Cananor: e do que paſſou até chegar a Portugal.

TENDO já o grande Afonſo Dalboquerque ſuas náos preſtes, e elle embarcado pera ſe partir pera Portugal, chegou o Feitor a bordo, e diſſe-lhe, que Franciſco Dalboquerque ſe partíra pera Cananor, ſem levar nenhuma droga, ainda que per muitas vezes lhe requerêra que a levaſſe, porque tudo tinha preſtes dentro na fortaleza; que lhe pedia muito que quiſeſſe fazer eſte ſerviço a ElRey em as levar até Cananor, porque ali avia de achar Franciſco Dalboquerque. Afonſo Dalboquerque, ainda que tinha as náos muito ſobrecarregadas, por ſervir ElRey tomou todo o cravo, e canela, que lhe o Feitor deu; e partindo-ſe dali, chegou a Calicut, onde achou Franciſco Dalboquerque tratando de pazes: e ſem aſſentar nada, ſe partíram ambos, e foram ter a Cananor, e ali lhe entregou Afonſo Dalboquerque todo o cravo, e canela que levava. E porque Franciſco Dalboquerque avia de acabar de carregar ſuas náos, e dava-ſe hum pouco de vagar, e ElRey D. Manoel mandava em ſeu regimento, que ambos vieſſem juntos, aſſentáram todos os Officiaes da Feitoria, que Afonſo Dalboquerque

esperasse ate vinte de Janeiro, e passado este tempo, se partisse logo. E sendo já vinte cinco dias do dito mes, vendo Afonso Dalboquerque que elle fazia pouca diligencia no carregar das suas náos, assentou de se partir, e não esperar mais. E sobre a navegação que faria ouve muitos conselhos, e pareceres: e por fim de tudo assentáram que fizesse seu caminho dereito a Moçambique. Afonso Dalboquerque, porque aquella navegação não era muyto trilhada naquelle tempo, levou hum piloto mouro de Cananor consigo, contra parecer de todos, que diziam que aquelle Mouro avia de dar com elle a través; mas o mouro era tam bom official daquelle officio, e sabia tam bem aquelle caminho, que o levou dereito a Moçambique por boa navegação, sem ter nenhum contraste: e ali o deixou, dando-lhe cincoenta cruzados por seu trabalho. E sem fazer nenhuma demora, fez seu caminho dereito ao Cabo de boa esperança. E porque Fernão Martinz Dalmada tinha muyta necessidade dagoa, foram tomar a agoada de sam Bras, e deteveram-se nella dous dias, trabalhando de noite, e de dia. E neste trabalho se perdeo o batel d'Afonso Dalboquerque, porque vinha já muito comesto do busano. E ali acháram huma carta cerrada, emburulhada em hum pano encerado, posta em hum pao, que dezia, que Antonio de Saldanha, e a Taforea, e a nao de Setuval, chegaram ali no mes de Outubro. Afonso Dalboquerque, tanto que as suas náos tiveram tomado agoa, fez-se á véla, e veio-se na volta do Cabo de boa Esperança, e com bons tempos o dobrou o primeiro dia de Maio. Dobrado o Cabo, por conselho dos Pilotos fizeram seu caminho até se pôrem em altura de dez gráos da banda do norte. E nesta paragem teveram grandes calmarias, onde lhe adoeceo alguma gente: e dali vieram dia de sam Joam

pola menhãa á viſta do Cabo Darca, que he entre os baixos de Arguim, e Cenaguá; e porque a nao de Afonſo Dalboquerque fazia muyta agoa, determinou, por ſe achar naquella paragem, jr demandar a ilha do Caboverde, pera ali fornecer ſuas naos do neceſſario, por ſer mais perto: e ainda que os ventos neſte tempo foſſem contrairos, noſſo Senhor os ajudou de maneira, que vieram ter á ilha. E ſendo apegados com a terra, quebrou a verga da náo de Afonſo Dalboquerque, e rompeo-ſe o papafigo todo, porque vinham forçando o tempo pera aferrarem a ilha, e com o traquete foy ſorgir no porto da praia de sancta Maria, com as outras duas naos de ſua conſerva, já todos muyto deſaparelhados de amarras, e velas, e de todas as outras couſas neceſſarias pera huma viagem tão comprida. E ſe noſſo Senhor milagroſamente os ali não trouxera, (por não ſer eſta a verdadeira navegaçam que aviam de fazer,) elles foram conſumidos neſſe mar, e eſtiveram ali tres dias. Repairadas as náos de todo o neceſſario, e tomada agoa, e mantimentos pera ſua viagem, partíram pera Portugal, e com bons temporaes, ſem tomarem outra terra, chegaram a Lisboa por fim de Julho do dito anno de mil e quinhentos e quatro, onde Afonſo Dalboquerque foy muyto bem recebido delRey Dom Manoel, fazendo-lhe muytas honras, e gaſalhados, moſtrando muito contentamento do bom ſoceſſo, que naquella viagem teve, e da fortaleza de Cochim ficar feita. Franciſco Dalboquerque, que ficava em Cananor carregando ſuas naos, como tenho dito, partio-ſe a cinco de Fevereiro, e no caminho ſe perdeo com as outras duas naos de ſua conſerva, ſem nunca ſe poder ſaber onde, nem como ſe perderam.

CAPITULO VII.

De como elRey dom Manoel mandou o anno de ſeis Triſtão da Cunha á India, e Afonſo Dalboquerque em ſua companhia, em huma armada de quatorze vélas, pera ambos fazerem a fortaleza de Çacotorá.

CHEGADO o grande Afonſo Dalboquerque a Portugal em Julho de 1504 como tenho dito, pela enformação, que ElRey dom Manoel delle teve do eſtado, em que as couſas da India ficavam, e que era neceſſario ordenalas de maneira, que os mouros, depois da partida das náos pera eſte Reyno, não tornaſſem a ſer ſenhores da coſta do Malabar, e favorecidos do Çamorim deſſem ſempre muito trabalho aos Portugueſes, e aos Reys de Cochim, e Cananor, que eram noſſos amigos: Praticou eſte negocio com os do ſeu conſelho, em que ouve diverſos pareceres. E por cima de tudo aſſentou de mandar hum Governador, que ficaſſe na India tres annos com gente, e armada neceſſaria ao remedio dos trabalhos, que os noſſos paſſavam. E pela confiança que tinha em Triſtão da Cunha o velho, que niſto o ſerviria muito bem, determinou de o mandar pera que a governaſſe. O qual eſtando com ſua armada preſtes pera partir o anno de 1505 adoeceo de vagados da cabeça, de que veio a cegar. E vendo ElRey dom Manoel caſo tão ſupito, porque era neceſſario acodir logo aquelle anno á India pera favorecer os noſſos, que lá ficavam, mandou chamar dom Franciſco Dalmeida a Santarem pera jr neſta armada, e que depois de ſer na India, ſe chamaſſe Viſo Rey. E porque a armada eſtava já preſtes de tudo o que lhe era

neceſſario, partio-ſe logo. E no anno ſeguinte de quinhentos e ſeis mandou Triſtão da Cunha, que já era são, e reſtituido á ſua viſta, com huma armada de quatorze vélas pera mais favorecer eſte negocio: Com regimento, que ſendo caſo que aquelle anno não podeſſe paſſar á India, foſſe invernar á Ilha de Çacotorá, e nella fizeſſe huma fortaleza pera ſegurança dos Chriſtãos, que tinha por enformação que avia nella. Fazendo tambem fundamento, que a armada, que tinha determinado que andaſſe na coſta Darabia, e no Cabo de Comorim, tolhendo a navegação das naos, que vinham da India pera o eſtreito com eſpecearias, teria ali lugar ſeguro pera invernar. E vendo elRey D. Manoel, que Afonſo Dalboquerque na viagem que fezera á India o anno de tres, como fica dito, o ſervíra muito bem, e que tinha esforço, e prudencia pera governar, mandou-o em companhia de Triſtão da Cunha pera ficar naquella coſta por capitão mór de ſeis naos, e quatrocentos homens. E deu-lhe huma provisão ſecreta, que acabados tres annos foſſe governar a India, e o Viſo Rey Dom Franciſco Dalmeida ſe vieſſe pera Portugal. E eſtando em Abrantes, por morrerem na Cidade de Lisboa de peſte, lhe mandou huma bandeira de cetim branco franjada de retros cramesim, e branco, com huma Cruz de Chriſtus de cetim crameſim no meio, que elle tornou a trazer a Portugal, como adiante ſe dirá. Ordenado tudo iſto, tendo Triſtão da Cunha ſua armada preſtes em Belém, a qual fez com muito trabalho pela muita peſte que avia na Cidade, e muita falta de gente pera levar, partio-ſe a cinco Dabril pela menhãa, e foi logo pela barra fora com toda a armada, tirando Afonſo Dalboquerque, que ficou em Belém na náo Cirne, em que hia por capitão, eſperando por hum piloto, que mandára pedir aos officiaes

delRey (por aver dous dias que o ſeu chamado João de Solis fugíra pera Caſtela por matar ſua molher;) e vendo èlle que lho não davam, confiado na muita experiencia que tinha das couſas do mar; e em Diogo Fernandez Piteira, meſtre da ſua nao, que fora já duas vezes á India: e tambem em lhe Triſtão da Cunha dizer, que lhe daria o milhor piloto da frota, tirando o piloto mór, determinou de não eſperar mais, e recolheo alguma gente, que ficara das outras naos em terra, que os capitães não quiſeram tomar por virem de Lisboa, e fez-ſe á vela ao outro dia ſeis do dito mes. E já muito tarde alcançou o capitão mór, que hia eſperando por elle, e depois de o ſalvar, lhe diſſe que trazia alguma gente, que os capitães deixaram em terra; que lhe pedia por mercê os mandaſſe repartir pelas náos, ſegundo vinham aſſentados, porque morriam alguns, e a gente da ſua andava tão aſſombrada, que ſe não ſabia dar a conſelho: e ſe aventurara a iſſo, pola neceſſidade que alguma hora teriam delles naquellas partes pera onde hiam. O capitão mór lhe reſpondeo, que ſe vinham empedidos, pera que os tomava? E não os quis mandar repartir, do que Afonſo Dalboquerque ficou muito deſcontente. E chegando á Biziguiche, mandou-lhe hum rol da gente que era por Pero Vaz Dorta, que hia por feitor da ſua armada, pedindo-lhe muito que mandaſſe aos capitães que a recolheſſem, porque não tinha mais mantimentos que os neceſſarios pera a ſua gente. E que lhe mandaſſe dar o piloto, que lhe prometera antes que partiſſe de Belém, porque o não trazia, nem os officiaes delRey lho deram. O capitão mór reſpondeo, que mandaſſe pôr a gente com ſeu fato em terra, que elle a repartiria como lhe bem pareceſſe. E que quanto ao piloto não o tinha, nem o avia de tirar ás outras naos pera lho dar.

Enfadado Afonſo Dalboquerque deſta repoſta, mandou pôr a gente em terra, e a Pero Vaz Dorta que lhe diſſeſſe, que na volta daquella gente avia alguns fidalgos, e peſſoas honradas, que não parecia rezão aſſi de miſtura com os outros mandalos lançar em terra, que dali os devia mandar repartir pelas outras náos. O capitão mór diſſimulou com elle, e não lhe reſpondeo. E porque naquelles dias que ali eſtiveram, não morreo, nem adoeceo nenhuma peſſoa em toda a armada, mandou pelas muitas importunações de Afonſo Dalboquerque repartir pelas náos os que eſtavam sãos, e os doentes que ſe embarcaſſem na caravela, que tinha deſpachado pera Portugal, a qual elRey D. Manoel mandára em ſua companhia pera lhe trazer novas como hiam, pelo receo que tinha da muita peſte que a armada levava.

CAPITULO VIII.

De como o capitão mór Triſtão da Cunha deſpedio a caravela pera Portugal, e ſe partio de Biziguiche: e o que paſſou até chegar a Moçambique.

Estando o capitão mór Triſtão da Cunha preſtes com ſua armada pera ſe partir do Porto de Biziguiche, deſpidio o capitão da caravela, e eſcreveo per elle a elRey o eſtado em que hiam, e como chegando ali prouve a noſſo Senhor que ceſſou a peſte. Partido a caravela, fizeram-ſe todas as náos na volta do Cabo de ſancto Agoſtinho; e por ſer já tarde, e os ventos ponteiros, e eſperarem pola náo do capitão mór, que era má de véla, não poderam dobrar, e tornaram outra vez na volta de Guiné, em que ſe gaſtou muito tempo. E

indo naquella volta, deu hum temporal tam rijo na armada, que as naos ſe apartaram humas das outras, e dali a dous dias ſe tornaram ajuntar, e fizeram-se todas na volta de sancto Agoſtinho, ſalvo a náo de Job Queimado, que não apareceo. E foram aſſi naquella volta aguardando muitas vezes pola náo do capitão mór. Vendo Afonſo Dalboquerque que ſe gaſtava o tempo por eſperarem por eſta náo, e os capitães não ouſavam de falar, veio á fala com o capitão mór, e diſſe-lhe, que olhaſſe que a cauſa principal de não dobrarem o cabo de santo Agoſtinho, fora por eſperarem pola ſua náo, e que por ſer tarde punha em muita duvida paſſarem aquelle anno á India: e pois não podia ter com as outras, que a avia de deixar com outra em ſua companhia, qual elle quiſeſſe, e déſſe véla, e fizeſſe ſua viagem com as outras. O capitão mór lhe reſpondeo, que ſe lhe elRey D. Manoel fizera mercê daquella armada, fôra pera ſe aproveitar: e que por iſſo queria agoardar pola ſua náo, pois nella trazia a ſua fazenda. Afonſo Dalboquerque porque perdia muito em não paſſar aquelle anno á India, dali alguns dias tornou a pedir ao capitão mór que largaſſe a ſua náo, que foi a cauſa de terem ambos palavras de deſgoſto bem eſcuſadas, ás quaes Afonſo Dalboquerque não reſpondeo, nem dali por diante quis mais falar em couſa da viagem. O capitão mór vendo dali a poucos dias o erro, que tinha feito, e que perdia mais em não paſſar aquelle anno á India, do que ganhava em eſperar pela ſua náo: e que todos os meſtres, e pilotos, quando o hiam ſalvar, lho deziam, determinou de o remediar. E ſendo na paragem da Ilha da Aſcensam, pos huma bandeira na quadra, e todos os Capitães arribáram logo a ſaber o que queria. O capitão mór lhes diſſe, que ſua determinação era dar as velas, e não

aguardar por ninguem, que cada hum andaſſe quanto podeſſe, e o foſſe eſperar a Moçambique. E indo aſſi todos na volta do Cabo de boa eſperança, amanhecêram á viſta de huma terra muito grande, e muito fermoſa. Afonſo Dalboquerque como a vio, veio á fala com o capitão mór, e diſſe-lhe, que pois ainda não era deſcuberta, que ſe deviam de chegar a ella, e ſaber que terra era. O capitão mór parecendo-lhe bem iſto que lhe dezia, mandou ir a ſua náo á orça pera a tomar, e todos fizeram o meſmo; e indo ſobre a tarde, tornou a fazer outra vez o caminho que levava. Eſta terra eram humas ilhas, a que poſeram nome de *Triſtão da Cunha*, por elle ſer o primeiro que as deſcobrio. E indo deſcorrendo por ellas já quaſi sol poſto, começou o vento a ventar tão rijo, e com tantos agoaceiros, que as naos não poderam ter com o capitão mór, e apartáram-ſe todas: ſalvo Afonſo Dalboquerque que o ſiguio, e foram juntos huns dias com vento de viagem. E huma noite deu hum temporal tão grande por davante, que os apartou. A nao de Afonſo Dalboquerque eſteve ſete relogios de mar em través, com aſſás trabalho, ſem querer dar polo leme. E prouve a noſſo Senhor que abonançou o tempo, e correo toda aquella noite ſem ver o forol da náo capitaina, nem ao outro dia pela menhaã a víram. E foi-ſe naquella volta já com o cabo dobrado até aver viſta das ilhas primeiras, e ali achou Franciſco de Tavora, e foram-ſe ambos a Moçambique, onde achâram huma caravela, que partíra de Portugal muitos dias depois de Triſtão da Cunha. E o capitão lhes diſſe, que Lionel Coutinho paſſára pera Quiloa. E dali a poucos dias chegou o capitão mór com as outras náos, excepto Alvaro Telez, que dobrou a ilha de S. Lourenço por fóra, e foi ter a Melinde, e deixou ali huma carta pera

elle, em que lhe dezia, que o hia efperar ao Cabo de Guardafum, e Rui Pereira, que tomou hum porto na ilha de S. Lourenço, que fe chama Tanana, onde efteve alguns dias tomando enformação da terra, por fer a primeira vez que fe defcobríra: e dali fe foy a Moçambique, levando comfigo dous negros, que com elle quifeeram ir por fua vontade.

CAPITULO IX.

De como o capitão mór Triftão da Cunha, pela enformação que teve dos negros, que Rui Pereira trouxe, determinou de jr defcobrir a Ilha de S. Lourenço.

Chegado o capitão mór a Moçambique, porque era já tarde pera atraveffar á India, determinou de aparelhar ali fua armada pera fazer o caminho de Çocotorá, onde elRey dom Manuel mandava fazer huma fortaleza pera recolhimento de alguns Chriftãos, que tinha por enformação que avia naquella ilha, por não ferem avexados dos Fartaquins, e doutras naos de mouros, que ali hiam fazer fua agoada, quando paffavam pera o eftreito de Meca. E neftes dias chegou Ruy Pereira, e diffe-lhe, que com aquella tormenta, com que fe apartara delle, fora ter a hum porto da ilha de sam Lourenço, e em forgindo vieram duas almadias com alguns negros a bordo da nao, como gente de paz, e amoftraram-lhe prata, cera, e panos dalgodão: e differam-lhe, que fe quifeffe entrar pera dentro, que fe refgatariam com elle, porque daquilo avia muito na terra, e tudo por acenos, porque na nao não avia quem os entendeffe. E querendo elle entrar pera tomar mais enformação defte negocio,

o piloto, meſtre, e feitor da nao lhe fizeram grandes requerimentos que não entraſſe, e fizeſſe ſua viagem pera Moçambique, porque aquella nao era ſua, e não eram obrigados a deſcobrir terras novas: e que proteſtavam de lhe pagar tudo o que perdeſſem. E vendo ſeus requerimentos, trouxera aquelles dous negros, por lhe parecerem homens de rezão, e ſe fizera á véla. O capitão mór ficou muito contente com iſto, porque ſendo aſſi, podia ali carregar ſuas naos, e tornar-ſe pera Portugal: e mandou logo buſcar hum mouro natural de Quiloa, que eſtava em Moçambique, que tinha por enformação que ſabia a lingoa, e diſſe-lhe que perguntaſſe a aquelles negros o que avia na ſua terra, e como ſe chamava: elles lhe diſſeram, que a ſua terra ſe chamava Tananá, e que avia nella muito gingibre, cravo, prata, e cera. Com eſta enformação mandou o capitão mór chamar Afonſo Dalboquerque, e todos os outros capitães, meſtres, e pilotos darmada, e deu-lhes conta de tudo o que paſſára com os negros; que ſeu parecer era, pois ali aviam de eſtar alguns dias, irem buſcar eſte porto, que Ruy Pereira deſcobríra, que lhe diſſeſſem o caminho que faria, porque determinava de jr lá. Os pilotos, e meſtres da armada foram de parecer que divia de deſcobrir eſta terra pola banda do norte. Afonſo Dalboquerque como era marinheiro, e entendia bem a navegaçam, vendo que os meſtres, e pilotos hiam errados no que diziam, perguntou-lhes porque lhes parecia bem fazerem o caminho do norte, pois a ilha não era deſcuberta por aquella parte, nem naquella armada avia peſſoa, que ſoubeſſe quanto a terra bojava da banda do Norte. Os pilotos, e meſtres não deram rezão a iſto, porque não tinham nenhuma que dar, e aſſentaram no que tinham dito. Afonſo Dalboquerque como vio que

ſe não queriam decer da ſua opinião, não quis ter mais praticas com elles. O capitão mór per cima deſtas differenças pedio-lhe que lhe diſſeſſe ſeu parecer: elle lhe reſpondeo, que pois queria fazer aquelle deſcobrimento, que devia de ſer por aquella parte do Sul, por onde Ruy Pereira viera, porque não era bom conſelho deſcobrir couſas novas por caminho incerto, e mais tendo piloto, que o podia levar ao porto, que Ruy Pereira tinha deſcuberto, ſem nenhum trabalho, o qual ſe podia navegar em ſeis dias a popa: e que no tempo, em que eſtavam, ſeria muito dificultoſo dobrar-ſe a ponta da terra da ilha, que eſtava em doze gráos da banda do norte, porque ventavam os levantes, e as agoas corriam muito, e gaſtariam muito tempo em a dobrar, porque delle tinham mais neceſſidade que de outra nenhuma couſa. E poſto que naquelle conſelho não ouve quem contrariaſſe eſte parecer de Afonſo Dalboquerque, com tudo como ao capitão mór não pareciam bem ſuas couſas, não ſe ſatisfez diſto que lhe diſſe, e foi-ſe com o parecer dos Pilotos, e Meſtres: e não tardáram muitos dias que vio o erro que tinha feito; e quando o já quis remediar, tinha gaſtado tres meſes ao longo da terra, paſſando muitos trabalhos, e perigos ſem fazer nada.

CAPITULO X.

De como o capitão mór Triſtão da Cunha ſe fez preſtes pera ir deſcobrir a Ilha, e o que niſſo paſſou.

Como o capitão mór teve aſſentado o caminho que avia de fazer, fez-ſe preſtes, e partio de Moçambique na entrada de Novembro com todas as náos da

obrigação de Afonſo Dalboquerque, e a de João Gomez, e Ruy Pereira, e Job Queimado, o qual avia dous dias que chegára, que ficou atrás, por ſe apartar da armada na tormenta, que lhe deu na volta do Cabo de sancto Agoſtinho: e contou que fora ter á ilha de sam Thomé, e dali fizera ſua navegação ao longo da terra até Moçambique, e no caminho ſeſſenta legoas ao mar do rio Dangola achára huma Ilha deſpovoada muito grande, e de muitos arvoredos. Partido o capitão mór, dali a poucos dias foi aver viſta do parcel de Sancta Maria, que he huma coroa darea em 17 gráos e meio daltura, ſeſſenta legoas de Moçambique, que Afonſo Dalboquerque deſcobrio a primeira vez que foy á India, e toda a frota correo por aquelle parcel, indo os pilotos com os prumos na mão, de oito braças até quatro e meia: e dando neſte fundo por ſer noite, ſurgíram; e em amanhecendo, tornáram a ſeu caminho: e foram aſſi até averem viſta da terra, e junto della lançáram os bateis fóra, e tomaram hum zambuco pequeno com dous mouros, os quaes trouxeram logo ao capitão mór, e elles o levaram a hum lugar de mouros, que eſtava ali perto, e em chegando a elle, deſembarcaram. Os mouros deſempararam o lugar, e fugíram polo ſertão dentro, e os noſſos os foram ſeguindo, e mataram alguns, que acháram eſcondidos por eſſes matos. E o capitão mór os mandou recolher por ſe não deſmandarem, e trouxeram algumas molheres, que elle mandou ſoltar, e pôr fogo ao lugar: e embarcou-ſe com toda a gente, e foi-ſe ao longo da coſta: e com o milhor reſguardo que poderam, foram ter a huma enſeada, que ſe chama Lulangane: e dentro nella hum tiro de béſta da terra firme acharam huma ilha povoada de muita gente, na qual o rey tem ſeu aſſento, e na terra firme ſuas criações, e lavouras: e

começando a defcobrir efta enfeada, porque fe a gente não acolheffe, mandou o capitão mór dous bateis com gente que fe foffem meter antre a ilha, e a terra firme, e não deixaffem paffar nenhuns mouros da outra banda. E como os defpedio, foi-fe com todas as naos furgir no porto diante do lugar, e defembarcou com toda a gente: os mouros como víram a determinação dos noffos, foy o medo de maneira nelles, que fem receo dos bateis vieram demandar a praya pera paffarem da outra banda da terra firme, em zambucos, almadias, e delles a nado: e foy tanta a preffa que tiveram em paffar, que os zambucos, e almadias polo grande efcarceo que o mar fazia (por refpeito da corrente da agoa de hum rio, que ali vem ter,) foçobráram com toda a gente: de modo que o mar era todo coalhado de homens, molheres, e mininos mortos. O capitão mór deu no lugar; e entrando por elle, achou ainda muitos mouros com azagayas, e adargas, que o efperáram, e trouxe-os todos á efpada. E depois defte desbarato, mandou faquear o lugar, onde acharam muitos panos, prata, e ouro, porque vem ali as náos de Melinde, e Mombaça tratar, e a troco difto levam efcravos, e mantimentos: e he o arroz tanto, que vinte naos o não podem levar. O capitão mór efteve ali tres dias; e depois de todas as naos tomarem agoa, e mantimentos, embarcou-fe, e foi-fe ao longo da cofta, com determinação de dobrar o cabo da terra, onde gaftou muito tempo fem o poder dobrar, com levantes, e agoas que corriam. Nefte caminho tomou hum mouro, que lhe moftrou cravo, e diffe que nos matos avia muito: o capitão mór hia já tam enfadado de fuas mentiras, que lhe não deu credito, e foltou-o que fe foffe: e fez volta com toda a armada por aquella parte, onde Ruy Pereira tomára os negros.

CAPITULO XI.

De como o capitão mór Triſtão da Cunha ſe tornou ao longo da coſta, e ſe ouvera de perder: e o que paſſou com o grande Afonſo Dalboquerque.

Tornado o capitão mór ao longo da coſta, por não poder dobrar o cabo da terra de sam Lourenço, como tenho dito, os dous mouros, que tomára em Lulangane, o levaram a huma enſeada grande, que ſe chama Çada, cercada toda de povoações de Cafres, porque he ali eſcapola principal de todos os lugares da coſta de Melinde, e de Mombaça, e Mogadaxo. Tanto que a armada foy ſurta, o capitão mór ſe meteo nos bateis com toda a gente, e foy demandar a terra, onde deu em duas povoações, que eſtavã ao longo do mar. Os cafres, que podiam ſer até dous mil com ſuas azagayas, adargas, arcos, e frechas, poſto que ſe poſeram em ſom de lhe defender a deſembarcaçam, vendo a determinação dos noſſos, não ouſaram de eſperar, e fugiram pera os matos. Vendo Afonſo Dalboquerque o tempo gaſtadc em deſcobrir aquella Ilha, com tanto perigo daquella armada, poſto que o capitão mór ſofria já mal dizer-lhe nenhuma couſa, foi-ſe a elle, e diſſe-lhe, que ſe lembraſſe que eſtava já em meado de Janeiro, e que todo o tempo que mais gaſtaſſem naquelle deſcobrimento, era perdido: que ſeria mais ſerviço delRey irem-ſe ao Cabo de Goardafum eſperar as naos, que vinham da India pera o eſtreito com eſpeciarias, e fazer fortaleza em Çocotorá, como lhe elRey tinha mandado, que andarem-ſe ali perdendo. E que ſe por cima diſto

queria fazer aquelle novo defcobrimento, que lhe déffe licença pera fe jr a Çocotorá, e de caminho ajuntar todas as naos, onde quer que as achaffe, pera as levar comfigo. O capitão mór, como andava com aquelle alvoroço de defcobrir toda a ilha de sam Lourenço, parecêram-lhe bem eftas rezões, e deu-lhe licença que fe foffe: e alargou-lhe todas as náos, que hião ordenadas de Portugal pera ficarem com elle, e deu-lhe hum poder pera que todos os capitães, que achaffe naquella cofta, lhe obedeceffem. Afonfo Dalboquerque, pofto que o levava muito largo delRey dom Manoel em fegredo, pera tudo o que quifeffe fazer, por efcufar paixões, que podiam recrecer fobre qual dos poderes era mayor, o aceitou. O capitão mór depois difto defpachou Antonio de Saldanha, que foffe a Moçambique tomar entrega da náo Sanctiago, e a fizeffe preftes, porque tanto que elle chegaffe, a defpacharia pera Portugal. Defpedido Afonfo Dalboquerque, ajuntou fuas naos, e foi-fe dereito a Moçambique, e de caminho mandou a Antonio do Campo que foffe a Quiloa, e diffeffe a Lionel Coutinho, e ao capitão da náo Garça, que tomaffem todos os mantimentos que ouveffem mifter, e em Melinde efperaffem por elle. Partido Antonio do Campo, dali a feis dias chegou Afonfo Dalboquerque a Moçambique, e começou de entender no corregimento das fuas naos, que em breve tempo fez preftes, e partio-fe, fazendo feu caminho dereito a Melinde, onde fe avia de ajuntar com os outros capitães pera irem juntos demandar o cabo de Guardafum. E fendo tanto avante, como as ilhas do Comoro, veio de noite ter com o capitão mór. E como foi menhaã tirou a bandera da gavea, e arribou a elle, e foi-o falvar. O qual lhe deu conta dos muitos enfadamentos que tivera, depois que fe delle defpedíra:

e como Ruy Pereira ſe perdêra em huns baixos, em que ſe elle tambem ouvera de perder por ſer de noite, ſenão fora a grita, que a gente da náo deu em tocando na area: e tambem pola diligencia do ſeu piloto, que ouvindo a grita, mandára tomar a náo por davante, e milagroſamente tornara a ſair por onde entrou; porque tudo por davante eram baixos. Afonſo Dalboquerque ſe tornou dali com elle a Moçambique, onde acharam João da Nova muito doente, que o anno paſſado partíra da India na náo Flor de la mar pera Portugal: e em hum pairo, que teve no Cabo de boa Eſperança, abrio huma agoa grande, que a fez arribar ás ilhas Dangoja, e nellas eſteve alguns dias trabalhando pela tomar; e vendo que não podia por ſer muita, arribara a Moçambique, pera eſperar as naos, que vieſſem do Reyno, e ver ſe tinha algum remedio pera ſe concertar.

O capitão mór folgou muito de o ver, porque era ſeu amigo, e trabalhou por lhe remediar a nao; e porque a agoa que fazia era pola carlinga, e não ſe podia tomar ſem ſe deſcarregar, comprou huma nao, que era de mercadores, em que vinha por capitão, e feitor André Dias, que depois foy Alcaide de Lisboa, e nella mandou baldear toda a carga de Flor de la mar, e deu a capitanía della a Antonio de Saldanha, e mandou-o pera Portugal, e em ſua companhia huma nao de Fernão de Loronha, de que era Capitão Diogo Mendez Correa. E no caminho dobrando o Cabo de boa Eſperança deſcobrio huma agoada muito proveitoſa pera as naos, antes que ſe tiveſſe noticia da Ilha de Sancta Elena, a que pos nome a agoada de Saldanha, onde os Cafres daquella terra matáram o Viſo Rey dom Franciſco Dalmeida, indo ali tomar agoa, vindo da India pera Portugal.

CAPITULO XII.

De como o capitão mór Triſtão da Cunha ſe partio de Moçambique com a ſua armada, e ſe foi ver com o Rey de Melinde, e dali a Angoja, e a deſtrohio.

PARTIDO Antonio de Saldanha pera Portugal, o capitão mór começou logo concertar ſua armada, e fornecela de todas as couſas neceſſarias: e como foy preſtes, partio-ſe hum dia pela menhaã, e em poucos dias foi ter a Melinde. E chegado ao porto com todas ſuas náos embandeiradas, depois de ſalvar a cidade, e eſtarem ancoradas, foi-ſe a terra com todos os capitães viſitar o rey, e da parte delRey de Portugal lhe deu hum preſente, que levava, e offereceo-ſe pera o ſervir em tudo aquillo que lhe mandaſſe, com outros muitos offerecimentos que lhe fez. O rey lho agardeceo muito, e diſſe-lhe que elle merecia a elRey de Portugal ſeu irmão tudo o que de ſua parte lhe dezia, porque era ſeu verdadeiro ſervidor, e amigo. E por eſta cauſa os reys de Mombaça, e de Angoja eram ſeus capitaes imigos, e lhe faziam muitas avexações: que lhe pedia que antes que ſe foſſe daquella terra, lhe déſſe vingança delles, porque ſoubeſſem que tinha elle elRey de Portugal por ſi. O capitão mór lhe diſſe, que pois a principal couſa que o fizera ali vir fora pera conſervar a amizade antiga que tinha com elRey ſeu senhor, que elle lhe prometia, que antes de muitos dias lhe vieſſem novas do eſtado em que ficavam ſeus imigos. E deſpedio-ſe delle, ficando em muita amizade, e foi-ſe embarcar. E Afonſo Dalboquerque indo-ſe deſpedir do rey, lhe diſſe

que elRey de Portugal ſeu senhor o mandava com huma armada conquiſtar o reyno de Ormuz, e toda aquella coſta de Arabia, a qual não era ainda ſabida dos noſſos pilotos, que lhe pedia por mercê lhe mandaſſe dar tres, que ſoubeſſem bem aquella navegação, pera os levar conſigo: e que elle os pagaria muito bem, e trataria como ſeus vaſſalos. O Rey mandou aos governadores da Cidade que lhe deſſem os pilotos que pedia, e tudo o mais que ouveſſe miſter pera ſerviço delRey de Portugal ſeu irmão. Os governadores lhe deram tres pilotos principaes da terra, que ſempre navegáram pera aquellas partes, e ſabiam muito bem todos os portos daquella coſta de Arabia. Deſpedidos todos do rey, vieram-ſe embarcar, e fizeram-ſe á véla: e ſem tomarem outro porto, foram ſurgir na bahia de Angoja: e tanto que ſurgíram, mandou o capitão mór Lionel Coutinho no ſeu batel a terra pera tomar enformação da gente que avia no lugar, e da fortaleza delle. Os mouros, que eſtavam na praia eſperando, em chegando o batel perto da terra, começaram-lhe a tirar as frechadas, ſem querer ter prática com os noſſos. Lionel Coutinho por lhe não ferirem a gente, mandou ter o batel ſobre o remo, e tornou-ſe pera as náos, e diſſe ao capitão mór o que paſſava. O qual mandou logo chamar os capitães, e diſſe-lhes: que elle polas offenſas, que o rey Dangoja tinha feito ao de Melinde, e tambem pela pouca conta que fizera do ſeu recado, determinava de o caſtigar, que todos ſe fizeſſem preſtes, e ao outro dia antemenhaã vieſſem a bordo da ſua náo pera juntos irem cometer o lugar. Os capitães como foram horas vieram-ſe nos bateis a bordo da Capitaina, e dali ſe foram demandar a terra pera cometerem a cidade. Os mouros como víram vir os bateis, foram-nos eſperar á

praya pera lhe defender a desembarcação. O capitão mór vendo-os naquella determinação, pera lhe darem largueza pera desembarcar, mandou aos bombardeiros que lhe tirassem com os berços que levavam nos bateis. Os mouros como se víram mal tratados dos tiros, deixaram a praya, e recolhidos á cidade, tomaram suas molheres, e filhos, e o mais fato que poderam levar ás costas, e fugíram pelo sertão dentro. Como a praya foi despejada, desembarcou o capitão mór com toda a gente em duas batalhas, e Afonso Dalboquerque na dianteira com parte da gente, e elle com a bandeira real na retaguarda. E por não aver resistencia no desembarcar, entráram logo a Cidade, a qual acháram despejada de gente, e fato. O capitão mór como vio que não avia de que se podesse temer, mandou fornecer a armada de mantimentos, de que avia muitos, e deu licença á gente que roubassem a Cidade, e se recolhessem logo, porque lhe avia de mandar pôr o fogo. E porque ao tempo que se pôs não eram ainda recolhidos, e andavam todos metidos polas casas a roubar, ouveram de ser queimados, senão acertára o vento de ventar daquella parte onde elles andavam, e quando se já quiseram recolher, foi bem pola esquentada. Recolhidos todos ás náos, mandou o capitão mór fazer a armada á véla, e botou de fóra da baya com o terrenho que ventava, e fez seu caminho dereito a Braboa.

Esta Cidade Dangoja he muito grande, povoada de mouros, que tratam em Çofala, e por toda aquella costa: não avia nella casas de pedra, e cal, senão os paços do Rey: era toda cercada por derrador de muitas ortas, e arvores de fruito, que a faziam ser muito viçosa: tinha huma bahia muito boa, e de bom surgidouro, não era cercada, está assentada á borda dagoa. O rey era

hum mouro mercador, que veio de fóra, e por ſer muito rico ſe fizera ſenhor de toda a terra.

CAPITULO XIII.

De como o capitão mór Triſtão da Cunha foi ter a Braboa, e o que nella paſſou.

FEITA a armada á véla, veio-ſe o capitão mór ao longo da coſta ter á cidade de Braboa, e em chegando depois de toda ſurta, porque vio muito alvoroço na praia, mandou Lionel Coutinho no ſeu eſquife a terra pera entender claramente o movimento que faziam os mouros; e antes que o eſquife chegaſſe, os que eſtavam á borda dagoa, capearam-lhe que não portaſſe em terra. Lionel Coutinho como vio que os mouros não queriam ter prática com elle, tornou-ſe pera as náos, e diſſe ao capitão mór o eſtado em que os achára. O qual deſconfiado de lhe não querer o rey aceitar o ſeu recado, mandou chamar todos os capitães, e deu-lhe conta do que Lionel Coutinho paſſára com os mouros, e como avia muita gente, e muito bem armada. Mas que per cima diſto elle determinava de cometer o lugar, e aventurar tudo polo deſtruir, que ſe fizeſſem preſtes, e ao outro dia antemenhaã vieſſem a bordo da ſua náo pera dali irem juntos dar nelle. Os mouros, que eſtavam na praia, vendo o alvoroço que hia nas náos, e o ajuntamento de bateis derredor da Capitaina, como gente que determinava de os cometer, porque os não tomaſſem deſapercebidos, começáram-ſe a fazer preſtes, e ajuntáram muita gente pera defenderem que os noſſos não deſembarcaſſem, confiados tambem no mar, que arrebentava em terra por ſer coſta brava, que ao deſembar-

car os acapelaria, e morreriam todos. Eſtando elrey neſta determinação, foram-ſe a elle de noite dous mouros velhos, que ali vieram viver fogidos de Calicut, enfadados da guerra, que o Çamorim tinha com os Portugueſes, e diſſeram-lhe: *Senhor, tu não tens bom conſelho em querer guerra com os Frangues, dos quaes o Çamorim de Calicut, ſendo tão poderoſo, na guerra que teve com elles, nunca pode levar o milhor: e deves de crer que nenhum rey de toda eſta coſta he poderoſo pera lhe defender que não deſembarquem em ſua terra cada vez que quiſerem, e a deixem toda chea de ſangue, queimando-a, e deſtroindo-a, como fizeram a Angoja: e pois aſſi he, pedimos-te que os queiras ouvir, e fazer com o capitão mór deſta armada huma paz arrezoada, e não ponhas em riſco perder teu eſtado, e nós ſermos todos deſtroidos. E quando for couſa tam fóra de rezão que não ſeja tua honra conceder-lha, póde-se então dilatar o negocio com boas palavras, porque eſte he o tempo, em que aqui curſa a vara de Choromandel, como sabes; e ſe vier, eſtando elles ali ſurtos, toda ſua armada ſe perderá ſem eſcapar nenhuma náo, e deſta maneira ſeremos todos vingados delles, ſem aventurares perder teu eſtado.* O rey pareceo-lhe bem eſte conſelho dos mouros, e agradeceo-lhe muito a lembrança que lhe fizeram, e mandou logo chamar os principaes da terra, que lhe aconſelhavam pelejaſſe, e deu-lhe conta diſto que lhe os mouros diſſeram. E praticado tudo antrelles, aſſentaram que devia fazer iſto que lhe os mouros deziam. E antes que foſſe menhaã, mandou elrey hum mouro em huma almadia com huma bandeirinha branca pedir ſeguro ao capitão mór pera falarem em pazes, o qual foi com eſte recado, e tornou logo com o ſeguro. E tanto que chegou, mandou o rey

hum dos principaes governadores da terra falar com o capitão mór E disse-lhe, que o rey estava muito pesaroso da pouca conta que os mouros fizeram do seu capitão, que ali mandára, e que por serem muitos não sabia quaes eram os culpados pera os castigar. Que elle queria ter paz, e amizade com elRey de Portugal, que lhe mandasse dizer o que queria delle, porque tudo faria. Tristão da Cunha respondeo, que elle era capitão mór delRey de Portugal, o qual lhe mandava em seu regimento, que todos os reys, e senhores, que estivessem ao longo desta costa, que era de sua conquista, que não quisessem ser seus amigos, e tributarios, que lhes fizesse crua guerra, e os destruisse. E porque o rey Dangoja não quisera estar nesta obediencia, o destroíra; e que assi determinava fazer a elle, senão quisesse obedecer a elRey de Portugal, e pagar-lhe pareas, e querendo ser seu vassalo, o serviria com aquella armada contra seus imigos, porque assi o fizera com o rey de Melinde pela muita amizade que sempre teve com elRey de Portugal, e polo favor, e honra, que seus capitães, que vinham ter ao seu porto, recebiam delle. Com esta reposta tornou o mouro a terra, e contou ao rey perante todos os principaes, que estavam com elle, isto tudo que passára com o capitão mór. E depois de muitas práticas, que tiveram sobre esta reposta, de que não ficáram contentes, tornou o rey a mandar o mesmo mouro ao capitão mór, dizendo: Que mandar-lhe pedir pareas não era querer sua amizade, mas boscar razões pera se desavir com elle, se lhe não concedesse o que pedisse: que elle nunca fora tributario de nenhum rey, mas antes todos os daquella costa trabalhavam polo terem por amigo. E porque isto que elle queria era cousa nova, e não podia responder sem dar conta aos

principaes da terra, lhe pedia por mercê lhe deſſe lugar de tres, ou quatro dias pera ajuntar todos os mercadores, e com elles aſſentar o que ſe podia fazer. O capitão mór lhe reſpondeo, que elle tinha outras couſas, em que entender, que elRey de Portugal mandava em ſeu regimento que fizeſſe, e que por iſſo ſe não podia deter tantos dias: que ſe quiſeſſe tomar conclusão com elle, que lhe mandaſſe logo a repoſta, e ſenão, que faria o que avia de fazer. O mouro tornou a repricar, pedindo-lhe muito por mercê que lhe déſſe aquelle tempo, que o rey de Braboa ſeu senhor lhe mandava pedir porque não ſeria rezão, pois todo aquelle povo avia de pagar o tributo, quando ſe niſſo aſſentaſſe, que ſe fizeſſe ſem conſelho, e parecer de todos. O capitão mór por acabar com elle lhe deu de eſpaço até outro dia; e não vindo repoſta até noite, que elle ſe avia por reſpondido. O mouro ſe foy a terra, e deu eſte recado ao rey, e ao outro dia já sol poſto tornou com repoſta, e diſſe-lhe, que o rey era contente de lhe pagar tributo; mas o quanto avia de ſer, que ſe não podia determinar, ſem primeiro falar com os mouros principaes da terra, e todos os mercadores; que elle os tinha mandado chamar, que como vieſſem, lhe reſponderia logo. Vendo o capitão mór que o mouro, que andava neſtes recados, hia, e vinha a terra ſem tomar nenhuma conclusão, e que tudo eram dilações, e mentiras do rey, chegado com eſte derradeiro recado, mandou-o atar em hum páo, moſtrando que lhe queria dar tratos, e apertou com elle que lhe diſſeſſe a cauſa, porque o Rey não queria acabar de tomar conclusam, pois pera lhe reſponder ſi, ou não, avia miſter pouco tempo: e que lhe falaſſe verdade, porque ſe lhe mentiſſe, que o avia de mandar lançar no mar com huma camara de bombarda ao peſcoço. O mouro com

medo de lhe mandar fazer o que dezia, lhe diſſe: *Senhor, tu eſtás diante deſta Cidade, onde neſte tempo curſa hum vento, que ſe chama a vara de Choromandel, que vem daquellas partes tam de ſupito, e tam grande, que ſe agora acertaſſe de vir, não eſcaparia nenhuma náo deſta tua armada, que ſe não perdeſſe. E com a eſperança, que todos temos, que cada dia virá, anda o Rey comtigo neſtas dilações.* O capitão mór temendo que podia iſto ſer aſſi, mandou pôr o mouro a bom recado, e fez-ſe preſtes pera ao outro dia antemenhaã dar na Cidade.

CAPITULO XIV.

De como o capitão mór Triſtão da Cunha foi cometer a Cidade de Braboa, e depois de deſtroida, ſe partio pera Çocotorá.

PASSADA eſta prática, que o capitão mór teve com o mouro, que andava nos recados, aviſou logo os capitães de tudo o que com elle paſſára, e que ſua determinação era ao outro dia antemenhaã cometer a cidade, que todos ſe fizeſſem preſtes, e áquellas horas vieſſem a bordo da ſua náo, e levaſſem fatexas, e cabos compridos nos bateis pera deixarem por regeiras ao mar polos não acapelar, que por ſer coſta brava arrebentava muito em terra. Os capitães ſe fizeram preſtes toda aquella noite, e como foram horas, vieram-ſe com ſua gente nos bateis a bordo da náo capitaina, e como chegaram, abalou logo o capitão mór pera terra, duas horas antemenhaã, ſem tangerem trombetas, por não ſerem ſentidos. O rey receoſo do que podia ſer, pola tardança do mouro, que tinha mandado, e não vinha com repoſta, mandou toda a noite vigiar a praya, de modo que não

poderam os noſſos ir tão calados que não foſſem ſentidos: e logo acodiram muitos mouros á praia, que trabalharam por lhe empedir a deſembarcação; e porque eram muitos, e o mar andava muito de levadia, teveram os noſſos grande trabalho no deſembarcar. E com tudo lançados pola agoa meyos molhados, cometeram os mouros tão valeroſamente, que logo ali ficaram muitos eſtirados, e os que eſcaparam do ſeu ferro foram fogindo pera a cidade. O capitão mór como os vio poſtos em desbarato, não querendo dar tempo aos mouros que fogiam, mui eſpantados do improviſo mal, mandou a Afonſo Dalboquerque que tomaſſe a dianteira, e foſſe no ſeu alcance, o qual, com a gente que levava, os foi ſeguindo. E á entrada da cidade fizeram os mouros reſiſtencia aos noſſos, e mataram quatro ou cinco, e feriram Antonio de Sá no roſto com huma frecha. E eſtando aſſi ás lançadas com os mouros, chegou o capitão mór, e todos juntos entraram pela cidade dentro após elles, que hiam fogindo, e as molheres com pedras lhe feriam muita gente dos terrados. Os mouros como chegaram a huma praça grande, onde eſtava huma meſquita, ajuntáram-ſe todos, e eſperaram os noſſos com determinação de morrerem; e como elles eram muitos, e a praça grande, eſtiveram os noſſos, que eram poucos, em riſco de ſe perderem. Como eſta nova chegou aos bateis, os marinheiros, e bombardeiros, que ficaram em guarda delles, largaram-nos, e tomaram baldes de couro cheos de panelas de polvora, e doutros arteficios de fogo, e foram-ſe a gram preſſa ter á praça, onde o capitão mór eſtava, e com as panelas de polvora, lanças, e bombas de fogo que levavam, fizeram grande eſtrago nos mouros. Os noſſos com eſte novo ſocorro apertaram tão rijo com elles que viraram as coſtas, e foram fu-

gindo pera fóra da cidade, na qual não ficaram ſenão molheres, que carregadas de fato hiam ſeguindo ſeus maridos. E os noſſos foram em ſeu alcance, e mataram muitas, e tomaram-lhe o que levavam. Receoſo o capitão mór que ſeguiſſem os mouros, que hiam fogindo darrancada, mandou a Afonſo Dalboquerque que os recolheſſe, e não conſentiſſe que foſſem mais por diante. E como foram recolhidos, tornou-ſe o capitão mór á praça, e foy cometer a meſquita, onde mataram todos os mouros, que eſtavam dentro, e na entrada o feríram em huma perna de huma fréchada. Acabado este feito, pos-ſe na praça, e depois de deſcançar, diſſe a Afonſo Dalboquerque, que lhe pedia por mercê o fizeſſe cavaleiro, porque o queria ſer da ſua mão ali naquelle lugar, onde os mouros lhe tiraram o ſeu ſangue. E logo ſe ajuntou toda a gente no meio da praça, e tocaram as trombetas, e Afonſo Dalboquerque o fez cavaleiro, com ſuas cerimonias acoſtumadas. E depois de Triſtão da Cunha ſer feito cavaleiro, fez elle ſeu filho Nuno da Cunha, e outros muitos fidalgos. E acabado iſto, foi-ſe o capitão mór com todos aos paços do rey, que eram mui grandes, e mui fermoſos, nos quaes até então não conſintio que entraſſe ninguem, onde achou muita prata, e muito ouro, muitos panos de ſeda, e outras couſas muito ricas, e muito dinheiro em xerafins, e tudo repartio pelos capitães, e gente nobre da armada. E porque ſe hiam fazendo horas pera embarcar, e tambem polo receio que tinha de vir a tormenta, que lhe o mouro tinha dito, mandou o capitão mór tocar as trombetas pera se recolherem; e depois de toda a gente junta, poſeram fogo á cidade por quatro partes, a qual ardeo tão fortemente, que foi couſa de eſpanto. Queimou-ſe ali muita fazenda, que os noſſos não tiveram tempo pera trazer, nem o mar

lhe dava lugar pera a embarcarem tão de preſſa, como o capitão mór queria.

Braboa he huma Cidade grande, de muito boas caſas de pedra, e cal, eſtá aſſentada á borda dagoa, não tem porto nenhum, tudo he coſta brava, deſemparada de todas as partes, he povoada de mouros naturaes da terra, e tratam dali com Çofala, e por toda aquella coſta, e ali vem as náos de Cambaia carregadas dé roupa, e neſta cidade he o principal trato della, e de outras muitas mercadorias, porque vem ter aqui hum rio mui grande, que córta a terra toda, e não ſae ao mar: e por eſte rio navegam os mercadores deſta terra pera muitas partes, e vam ter dali a huma feira, que ſe faz em Manamotapa, que he o ſertão de Çofala, onde levam eſta roupa de Cambaia, e Anfião, ſandalos, e agoa roſada, e outras mercadorias, em que fazem grandes proveitos, e de lá trazem ouro, e outras mercadorias, e todos os lugares do ſertão navegam per eſte rio, e vem ter a Braboa, o qual eſtará meia legoa do mar, e por cauſa deſte rio ſe fez eſta Cidade tão nobre, e tem muitos, e bons edificios.

CAPITULO XV.

De como o capitão mór Triſtão da Cunha ſe partio de Braboa, e fez ſeu caminho direito á ilha de Çocotorá, e o que nella paſſou.

RECOLHIDO o capitão mór ás náos, fez-ſe á véla, e foy ao longo da coſta com toda a armada, com determinação de dar em Magadaxo. Afonſo Dalboquerque, porque eſtava aſſentado do outro dia que cometeſſem a cidade, foi-ſe diante, e ſurgio defronte della.

Vendo o piloto mór da armada, que se chamava Afonso Lopez Buraquinha, que a determinação do capitão mór era dar em Magadaxo, e que se gastava o tempo: como sabia muito bem a navegação daquellas partes, porque andára já ali em companhia de Antonio de Saldanha, foi-se a elle, e disse-lhe que a monção daquellas partes era já quasi gastada, e que se mais ali andasse, não lhe ficava tempo pera dobrar os baixos de S. Lazaro, que estavam dali cincoenta legoas; e que tendo-os dobrados, não lhe podia fazer nojo o travessam, que naquelle tempo cursava naquella costa, ainda que viesse, porque tinha mar largo por onde correr. O capitão mór mandou chamar os pilotos mouros, e todos os da armada, e disse-lhes isto que o seu piloto dizia; e porque todos foram de seu parecer, mandou que fizessem seu caminho na volta de Çocotorá, e fez sinal a Afonso Dalboquerque que se levasse, e o seguisse. E sem tomarem outra terra, foram surgir no Çoco, que he o porto principal que a ilha tem, e onde está a povoação: e com todas as náos embandeiradas, e de festa salvaram o lugar com artelharia por ser de Christãos. Vendo o capitão mór a fortaleza que os mouros ali tinham feita, cercada toda de muro, e barbacã, e torre de menagem, porque era muito differente da informação, que elRey D. Manoel tinha, mandou chamar Afonso Dalboquerque, e todos os capitães á sua náo; e disse-lhes, que elRey seu senhor lhe mandára que fizesse huma fortaleza naquella ilha, na qual avia de ficar por capitão D. Antonio de Noronha, que ali estava presente, pera guarda, e emparo dos Christãos, que nella viviam des do tempo de S. Thomé, porque seus desejos eram dilatar o nome de nosso Senhor por todas as partes de sua conquista. E porque achava isto fóra da enformação que S. Alteza tinha,

lhes pedia ſeu parecer do que faria naquelle caſo. Os capitães todos lhe diſſeram que devia de ter fala com o capitão da fortaleza pera ſaber delle ſua determinação; e quando não quiſeſſe eſtar á obediencia delRey de Portugal, que a devia cometer, e entrala por força. O capitão mór lhe pareceo bem eſte conſelho, e mandou logo Pero Vaz Dorta, e Gaſpar Rodriguez lingoa a terra, que diſſeſſem ao capitão, que elRey de Portugal o mandára com aquella armada fazer huma fortaleza naquella ilha, por ſer enformado que era de Chriſtãos, e que a achava ſenhoreada de mouros; que lhe pedia, e rogava que deixaſſe a fortaleza, e que lhe daria ſalvo conduto, e embarcação pera elle, e toda ſua gente ſe irem pera ſua terra. E ſe iſto não quizeſſe, que elle determinava de lhe tomar a fortaleza, e não dar vida a nenhum mouro, que nella eſtiveſſe, porque aſſi lho tinha mandado elRey de Portugal ſeu senhor. O capitão lhes reſpondeo, que diſſeſſem ao capitão mór, que elle, nem os Fartaquins, que tinha em ſua companhia, não morriam dabafas, ſenão a ferro, que fizeſſe o que quizeſſe, porque elle não avia de deixar a fortaleza, ſem primeiro ſerem todos mortos, que eſte era o coſtume dos Fartaquins. O capitão mór com eſta repoſta tão determinada mandou chamar Afonſo Dalboquerque, e os capitães, e deo-lhe conta de tudo. Todos aſſentáram que ſe cometeſſe a fortaleza, e que noſſo Senhor os ajudaria, e amanſaria a ſoberba daquelle mouro; porque ainda que de fóra pareceſſe muito forte, era tão pequena, que não podia ter gente, que reſiſtiſſe ao poder daquella armada. Aſſentado iſto, porque no porto do Çoco, onde eſtavam ſurtos, andava o mar ſempre de levadia, e não ſe podia deſembarcar nelle ſem muito trabalho, e perigo da gente, determinou o capitão mór de buſcar porto, onde ſem

trabalho podeſſem deſembarcar: e foi-ſe no ſeu batel com Afonſo Dalboquerque ao longo da praia, e víram huma angra junto de hum palmar, onde o mar dava jazigo; e poſto que foſſe hum pouco mais longe, aſſentáram de deſembarcar ali, e tornáram-ſe pera as náos. E o capitão mór aviſou logo a todos os capitães, que estiveſſem preſtes pera ao outro dia antemenhaã irem cometer a fortaleza, e deſembarcarem por aquella parte do palmar, não dando o mar jazigo naquelle porto, onde eſtavão ſurtos, por ſer mais perto. O grande Afonſo Dalboquerque como chegou á ſua nao, mandou a D. Afonſo de Noronha ſeu ſobrinho que ſe fizeſſe preſtes no ſeu batel com quarenta eſpingardeiros, e levaſſe hum falcão com polvora, e pilouros, e dous bombardeiros, e huma cabria, e dous troços deſcada pera ſobirem ao muro da fortaleza, ſe foſſe neceſſario: e que elle iria no eſquife da náo com D. Antonio de Noronha, D. Joam de Lima, e D. Geronimo de Lima ſeu irmão, e outros fidalgos, dando-lhe coſtas. Preſtes tudo, foi-ſe Afonſo Dalboquerque á náo capitaina, e dali abalaram todos direitos ao palmar. O capitão mór com todos os capitães da ſua armada na dianteira, e Afonſo Dalboquerque com os ſeus capitães, e gente na retaguarda, o qual como vio que o mar ali no porto hia dando jazigo, e que podia deſembarcar defronte da fortaleza por ſer mais perto, deixou-ſe ir de vagar ao longo da terra, picando o remo a ver ſe o mar abonançava. O capitão da fortaleza, que eſtava vigiando a determinação dos noſſos, como vio que o capitão mór hia demandar o palmar, onde já tinha huma eſtancia muito forte, que fizera toda aquella noite, ſayo-ſe fóra da fortaleza com cem homens, e foi-ſe dereito á eſtancia pera lhe defender a deſembarcação. Afonſo Dalboquerque vendo que o

capitão deixava a fortaleza, e que o mar dava jazigo, mandou a D. Afonſo de Noronha que tomaſſe terra defronte della, e deſembarcaſſe logo, e que elle os ſeguiria, e todos juntos deſembarcaram. O capitão, que hia demandar o capitão mór, vendo que Afonſo Dalboquerque lhe ficava nas coſtas, receando que lhe tomaſſe a porta da fortaleza, e não tiveſſe por onde ſe recolher, deixou oitenta homens com hum capitão, pera que defendeſſe a eſtancia, e elle com vinte em ſua companhia tornou atrás pera acudir á porta que lha não tomaſſem, e veio-ſe a encontrar com D. Afonſo de Noronha, que hia já caminhando com ſua gente pera ella. E em ſe encontrando, ouve entre os noſſos, e os mouros huma grande perfia de cutiladas, e lançadas, de maneira, que de huma parte, e da outra foram alguns feridos. E D. Afonſo de Noronha encontrou-ſe com o capitão, e andando com elle ás cutiladas, tendo-o já quaſi rendido, chegou Afonſo Dalboquerque com toda a outra gente, e acabáram de o matar. Os Fartaquins como víram o ſeu capitão morto, volveram as coſtas, e foram fogindo contra a fortaleza, e no alcance mataram os noſſos oito: os outros deram volta por derredor da fortaleza, e fogíram pera a ſerra. Os mouros, que eſtavam em cima de huma guarita, como víram a noſſa gente ao pé do muro, começáram a deitar muitos cantos, e pedras, com que os tratavam muito mal. E deram com hum canto no capacete de Afonſo Dalboquerque, que logo cahio no chão mal tratado, e nem por iſſo perdeo o ſentido de mandar a gente que ſe arredaſſe, e a Nuno Vaz de Caſtelo-branco que foſſe ao batel, e trouxeſſe o tiro, e a cabrea, e troços deſcada, machados, e vaivens pera quebrarem as portas da fortaleza. Como Nuno Vaz trouxe a eſcada, mandou Afonſo Dalboquerque encoſtala

ao muro, e começaram os noſſos a ſobir por ella, e o primeiro foi Gaſpar Dias de Alcacere do Sal, que levava a ſua bandeira, e Nuno Vaz de Caſtelo-branco, e o guião de Job Queimado, e outros, que o ſeguiram. Vendo-ſe os mouros entrados dos noſſos, ſem lhe poderem reſiſtir, recolhêram-ſe a huma torre, que eſtava pegada com a da menagem. Como os mouros largaram a guarita, mandou Afonſo Dalboquerque com machados, e vaivens quebrar as portas, e entraram todos dentro em hum terreiro, e foram-ſe á porta da torre, onde os mouros ſe recolheram, e ali eſperaram que o capitão mór chegaſſe, que vinha já de volta com os mouros.

CAPITULO XVI.

De como o capitão mór Triſtão da Cunha entrou a fortaleza: e do que paſſou, chegando a ella.

O capitão mór Triſtão da Cunha pela parte do palmar, onde foi deſembarcar, teve hum pouco de trabalho com os mouros, que lhe defendiam valeroſamente a deſembarcação; mas iſto lhe aproveitou pouco, porque elle os cometeo com tanta furia, e esforço, que fizeram pouca reſiſtencia; e deixando a eſtancia, foram fugindo demandar a porta da fortaleza, e o capitão mór lhe foi ſeguindo o alcance com a ſua gente, matando muitos delles; e os que ficaram vivos, vendo-ſe atalhados, por Afonſo Dalboquerque a ter já entrado, voltáram por detrás della, e ſalváram-ſe na ſerra. O capitão mór entrando pela porta da fortaleza no patio, achou Afonſo Dalboquerque ao pé da torre, por onde ſe os mouros recolhêram; e chegando, mandou a Nuno Vaz

de Caſtelo-branco com quatro, ou cinco homens, que foſſe ver ſe podia achar entrada por alguma parte pera ſobirem a ella: e no cabo do patio víram huma eſcada de pedra, que era ſerventia da torre, e ſobindo por ella, foram ter ao terrado da torre, e ali acharam huma porta, que hia pera o ſobrado debaixo, que os mouros tinham trancada de tal maneira, que não ſe podia entrar: e do ſobrado do meio, onde eſtavam, tratavam muito mal os noſſos ás frechadas. Os Fidalgos, que ali eſtavam, vendo-ſe mal tratados dos mouros, ſem lhe poderem fazer nenhum nojo, determinaram de ſe aventurar, e cometer a porta pera entrar com elles. E o primeiro, que a cometeo, foi D. Antonio de Noronha; e querendo ſobir, veio hum mouro com huma eſpada ſobrelle, e ouvera-lhe de cortar o peſcoço, ſe Afonſo Dalboquerque, vendo vir o golpe, o não emparára com a ſua adarga. Os mouros vendo-ſe entrados por cima do terrado, recolheram-ſe á torre da menagem por huma eſcada, que hia de huma pera a outra, não ſendo já a eſte tempo mais de vinte cinco, eſtando na fortaleza, quando a cometeram, cento e cincoenta, porque todos os mais eram mortos, e fugidos pera a ſerra. Recolhidos á torre da menagem, trancaram as portas, e deixaram-ſe eſtar: e o capitão mór mandou-as logo quebrar com vaivens; e porque a eſcada era tam eſtreita, que não podiam ſobir por ella, ſenão hum homem ante outro, e os mouros tinham pouco trabalho em ſe defender, quis o capitão mór, por lhe não matarem alguns dos noſſos na entrada deſta torre, cometer-lhe partido: e diſſe a Afonſo Dalboquerque, e aos outros capitães, que aquelles mouros eſtavam tão emperrados, e elles tão deſejoſos de os matar, que o remedio pera os entrar avia de cuſtar muito: que ſeria bom conſelho deixarem-

nos ir livremente, porque ainda que os mataſſem todos, não ſe ganhava niſſo mais honra da que tinham ganhado em lhe tomarem a ſua fortaleza. E porque iſto, que o capitão mór diſſe, pareceo bem a todos, mandou logo por Gaſpar Rodrigues lingoa dizer aos mouros á porta da torre, que o ſeu capitão era morto, como elles muito bem ſabiam, e toda a outra gente da ſua companhia, e que elles ſoos ficavam, que lhes rogava muito que ſe quiſeſſem decer de ſua opinião, e deixar a fortaleza, que elle lhe daria ſeguro, e embarcação pera ſe irem pera ſua terra. Os mouros lhe reſponderam, que agardeciam muito ao ſenhor capitão mór querer-lhe dar as vidas, e que baſtava pera elles não quererem aceitar eſta mercê, mandar-lhe dizer que o ſeu capitão era morto, porque os Fartaquins não coſtumavam tornar a ſua terra vivos, deixando o ſeu capitão no campo morto, e mais ſendo filho do ſeu rey: que fizeſſe o que quiſeſſe, porque elles não ſe aviam de dar. O capitão mór com eſte deſengano dos mouros, mandou a João Freire ſeu pagem, e Nuno Vaz de Caſtelo-branco, e Dinis Fernandes, que depois foi patrão mór da India, Antonio Dinis de Setuvel, e Pedralvares pagem do Conde de Abrantes, que ſobiſſem ao terrado da torre, e viſſem ſe por ali podiam entrar com os mouros. E o primeiro que ſobio foi João Freire, que do ſalto que deo do peitoril da torre no terrado foy ſentido delles, os quaes abriram a porta, que hia pera o terrado, e vendo-o ſó, remeteram a elle, e mataram-no, e acabando de o matar, chegaram os outros. Os mouros como os viram, tornaram-ſe a recolher ao ſobrado, onde eſtavam, e trancaram a porta. Os noſſos vendo que não podiam ſeguir os mouros, fizeram hum buraco no terrado da torre, e ás pedradas, e tijolos, com que lhe tiravam, e Nuno Vaz de Caſtelo-branco com huma béſta,

que levava, começáram-nos a tratar mal. Eſpertado Afonſo Dalboquerque da vergonha, que todos paſſavam, por aver tres horas, que ali eſtavam, ſem poderem entrar a torre defendida por quatro mouros, mandou trazer do ſeu batel dous padeſes Biſcainhos, e no emparo delles, que levavam dous ſoldados, começaram a ſobir animoſamente pela eſcada acima os que podiam caber, e todos os foram ſeguindo, ſendo bem ſervidos de fréchadas, e lançadas de aremeſſo; mas nem iſſo lhes valeo pera os noſſos deixarem de os entrar; e os que eſtavam em cima no terrado como víram a revolta que avia no ſobrado, e a portinha deſemparada, quebráram-na, e decêram pela eſcada abaixo, e huns, e outros entráram de roldão com os mouros, e matáram todos ſem ficar nenhum, e foy á custa de cinco, ou ſeis dos noſſos, que morrêram, e muitos feridos, e cativaram hum que ſe deo, do qual ſe Afonſo Dalboquerque depois aproveitou na coſta de Arabia, onde andou, porque eſte mouro era grande piloto daquella coſta, e deu-lhe hum roteiro de todos aquelles lugares do reyno de Ormuz, que hum piloto, que ſe chamava Omár, andando ali, em cuja companhia elle andára por marinheiro, fizera. Foi a fortaleza cometida ás ſeis horas pela menhaã, e acabada de entrar huma hora depois do meio dia: não ſe tomáram nella muitos deſpojos, porque os mouros eram fronteiros, e achàram-ſe alguns mantimentos, armas, e eſpadas com letreiros em Latim, que diziam: *Deos ajuda-me*. Paſſada eſta vitoria, ao outro dia pela menhaã foi-ſe o capitão mór com toda a gente em prociſsão á miſquita dos mouros; e porque avia de ſer a principal Igreja, poſeram-lhe nome *N. Senhora da Vitoria,* na qual Fr. Antonio do Loureiro da Ordem de S. Franciſco diſſe miſſa, e não foi ſem muitas lagrimas dos noſſos, por verem

em huma terra tam remota de Portugal ſer celebrado o nome de noſſo Senhor Jeſus Chriſto naquella caſa de abominação.

CAPITULO XVII.

Do recado, que o capitão mór Triſtão da Cunha mandou á gente da terra, e o que paſſou com elles, e como acabou a fortaleza de Çocotorá, e ſe partio pera a India, e como ficou o grande Afonſo Dalboquerque por capitão mór da armada.

Como o capitão mór Triſtão da Cunha foy em poſſe da fortaleza, mandou por hum lingoa recado aos Chriſtãos, que fugiram de huma povoação, que eſtava junto della, rogando-lhe muito que ſe tornaſſem, e não fizeſſem nenhum abalo de ſi, nem ſe eſcandalizaſſem da deſtruição, que tinham feito nos mouros; porque a principal cauſa, porque elRey de Portugal lhe mandára tomar aquella fortaleza, e lançar os mouros da ilha, fora polos livrar de ſeu poder, pela informação que tinha de ſerem os moradores della Chriſtãos. Como a gente da terra teve eſte recado do capitão mór, ſabendo que eram Chriſtãos, vieram-ſe lançar aos ſeus pés (já fóra do receo que dantes tinham,) dando-lhe muitas graças pela mercê, que lhes fizera em os tirar da ſogeição dos Fartaquins, dos quaes erão tão avexados, que não contentes de ſerem ſenhores de todo o ſeu, ainda lhe tomavam ſuas molheres, e filhos pera os fazerem mouros, e lhe faziam outras muitas injurias: e pois o Deos ali trouxera, e todos eram Chriſtãos, lhe pediam que os quizeſſe emparar, e defender de tão má gente,

como aquella era. O capitão mór com palavras de muito amor os confolou, dizendo, que elRey de Portugal feu senhor o mandára ali por amor delles, e que pera fua fegurança fizeffe naquella ilha huma fortaleza, e nella ficaffe hum capitão com gente pera os defender dos Fartaquins, e das náos dos mouros, que por ali paffavam da India pera o eftreito (não fabendo que os Fartaquins ali a tinham feita,) que lhes rogava, e encommendava muito que tiveffem fempre paz, e amizade com os Portuguefes, principalmente com os que aviam de ficar na fortaleza, e os proveffem de mantimentos de que tiveffem neceffidade. E pois eram Chriftãos, lhes pedia quifeffem receber a doutrina de Chrifto, e aprender as ceremonias de noffa Igreja, que elles por tanto tempo já tinham efquecidas; porque elRey de Portugal feu Senhor polos defejos que tinha de fua falvação, mandava ao Padre Fr. Antonio, que ali eftava prefente, com outros religiofos pera os doutrinarem nella. Eftas, e outras coufas muitas lhe diffe o capitão mór, de que ficáram muito contentes, e prometêram-lhe de fazerem tudo aquillo que lhe mandava: e dali fe foram com o Padre Fr. Antonio ás fuas Igrejas, onde muitos pela fua prégação, e bom exemplo fe bautizáram.

Feito ifto, mandou o capitão mór ajuntar muita pedra, e cal, e entendeo logo no fazer da fortaleza; e deu-lhe tanta preffa, que em breve tempo fe acabou; e depois de fer acabada, pos-lhe nome *S. Miguel,* e entregou a capitania della a D. Afonfo de Noronha, o qual vinha de Portugal provído por elRey D. Manoel, e a Fernão Jacome feu cunhado da alcaidaria mór. E porque o tempo de fua partida pera a India fe chegava, entregou a Afonfo Dalboquerque feis náos, que elRey D. Manuel mandava que lhe déffe com gente, mantimentos, e arte-

lharia, e com tudo o mais que lhe foſſe neceſſario pera ficar por capitão mór de todas aquellas partes (como levava por regimento delRey,) com obrigação de prover aquella fortaleza do que foſſe neceſſario, das quaes náos eram capitães Franciſco de Tavora, do rey grande, Manuel Teles do pequeno, Afonſo Lopes da Coſta da Taforea, e Antonio do Campo do navio pequeno. E porque o comendador Ruy Soares avia de ficar em ſua companhia, e não era ainda chegado, deixou o capitão mór Triſtão da Cunha João da Nova, capitão da náo Flor dela mar, em ſeu lugar; e tanto que Ruy Soares chegaſſe, ſe partiſſe logo caminho da India com novas do que Afonſo Dalboquerque tiveſſe feito na coſta de Arabia, pera levar recado diſſo a elRey D. Manoel. Acabadas todas eſtas couſas, o capitão mór ſe deſpidio do capitão da fortaleza, e de Afonſo Dalboquerque, e de todos os fidalgos, e cavaleiros, que ali ficavam (o que não foi ſem muitas lagrimas de huns, e outros,) e partio-ſe caminho da India com quatro náos o primeiro de Agosto do anno de ſete, onde chegou a ſalvamento, e ahi tomou ſua carga, e ſe partio pera Portugal. Afonſo Dalboquerque começou a entender nas couſas da terra, e repartio os palmares, que os mouros ali tinham, por eſſes Chriſtãos naturaes della, e os que rendiam pera a miſquita, deu ás Igrejas. E depois de partido Afonſo Dalboquerque pera Ormuz, eſtando os noſſos em paz, e amizade com os naturaes da terra, como a gente deſta ilha de ſua natureza he toda maliciofa, e atreiçoada, tiveram pouco que fazer aquelles Fartaquins, que eſcapáram, de os induzirem contra os noſſos, e fizeram com os Chriſtãos da terra, que viviam por eſſas povoações afaſtados da fortaleza, que ſe alevantaſſem contra os noſſos, dizendo-lhe que os Frangues não fizeram ali

aquella fortaleza, ſenão pera os cativarem todos, e tomarem-lhe ſua terra, e que ſe deviam levantar, e não lhe darem mantimentos, porque eſtavam na força do inverno, e não era tempo pera lhe poderem vir de fóra, e deſta maneira morreriam todos; e que elles os ajudariam, e fariam vir de Fartaque muytos mouros em ſeu favor. A gente da terra crendo ſer iſto aſſi, poſeram-no por obra, e alevantáram-ſe, de que ſocedeo aver antre elles, e os noſſos guerras, e deſconcertos. E poſto que o tempo foſſe pouco, porque o trabalho foi contino, paſſáram os noſſos grandes fomes, e muitas deſaventuras, até que Afonſo Dalboquerque ali tornou a viſitalos, e provelos de mantimentos, como lhe tinha prometido; e quando chegou, avia dias, que a noſſa gente não comia outra couſa ſenão palmitos, e algumas cabras, que tomavam por força com as armas veſtidas.

CAPITULO XVIII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque, partido Triſtão da Cunha, fez preſtes ſua armada, e ſe partio com determinação de ir eſperar as náos dos mouros, que vinham da India pera o eſtreito, e o que niſſo paſſou.

Acabando o grande Afonſo Dalboquerque de pôr em ordem as couſas da terra, quis logo entender em aparelhar a ſua armada pera ſe partir na lua nova, que era a dez dias do mes de Agoſto, por ſer eſte o tempo, que os pilotos mouros, que trouxera de Melinde, diziam que ſe podia ir demandar a coſta de Arabia, e mandou a Pero Vaz Dorta, feitor da armada, e João Estão, eſcrivão, que correſſem todas as náos, e ſe informaſſem

dos mantimentos que cada huma tinha; e pela informação que achàram, ſe entendeo que na armada não averia mais mantimentos que pera quinze dias. Advertido Afonſo Dalboquerque diſto, mandou abrir hum payol de pão, que trazia na ſua náo, o qual com muito cuidado mandára guardar, como vio que Triſtão da Cunha não ſe ordenava bem naquella viagem, depois que partíra de Portugal, receando que a dilação do tempo conſumiria tudo, e mandou-o repartir por todos os capitães, ficando elle com ſua igual parte, como cada hum delles, porque não quis que o que faltaſſe aos outros ſobejaſſe a elle. Eſtando tudo preſtes, eſperando tempo pera ſe partirem, deu tão grande temporal do ſudoeſte, a dous dias do dito mes, na armada, que ouveram de çoçobrar todas as naos, e da força do tempo caſſaram todas as amarras que tinham, e o rey grande foi quaſi fóra de ſonda, e milagroſamente o teve huma amarra. Vendo-ſe Afonſo Dalboquerque de noite neſta fortuna, ficou muy agaſtado por não ter aſſentado com os capitães o caminho que avia de fazer, e onde o iriam aguardar, ſe as naos ſe deſamarraſſem. E logo de noite no meio daquella tormenta aventurou o ſeu eſquife, e eſcreveo aos capitães, que ſendo caſo que ſeus peccados quiſeſſem que alguma nao ſe deſamarraſſe com aquelle tempo, e deſſe vela, que o foſſem aguardar ás ilhas de Curia Muria, e ali juntos averiam conſelho do caminho que fariam. E com eſte recado mandou a cada hum delles hum piloto dos mouros, que trazia de Melinde. E prouve a noſſo Senhor, que como foi menhaã, o tempo abonançou, e deu lugar aos marinheiros pera emendarem ſuas amarras. E chegando-ſe o dia de ſua partida, mandou Afonſo Dalboquerque chamar os capitães, e todos os pilotos, aſſi mouros, como Chriſtãos, e diſſe-lhes, que o

tempo pera ſe partirem era chegado, que ſeria bom praticarem o caminho que fariam, ſe o do eſtreito de Meca, ou o de Ormuz, ou ſe iriam logo demandar Dio, e Cambaya, e em que parte deſtas ſe poderia milhor prover a armada de mantimentos, porque tinha delles muita neceſſidade. Apreſentadas eſtas couſas, e tirados todos os inconvenientes, que ouve naquelle conſelho, aſſentáram que com aquelles ponentes foſſem demandar o eſteito de Ormuz, e tomar Mazcate, e ali ſe determinariam no que ſe avia de fazer, e que naquella paragem de Çocotorá, Fartaque, e Qfar andaſſem oito dias agoardando as naos, que naquelle tempo ſahiam de Barbara, e Zeila, e de todo o mar roxo pera Dio, e Cambaya, e pera todos os lugares do Malabar.

Aſſentado iſto, fizeram-ſe todas as náos preſtes de vergas dalto, e ancoras a pique, e o grande Afonſo Dalboquerque ſe deſpedio de D. Afonſo de Noronha ſeu ſobrinho, capitão da fortaleza, e de toda a mais gente que nella ficava, e deu-lhe conta de ſua determinação, e aſſi lhe diſſe o tempo, em que eſperava de o tornar a ver. E partio-ſe daquelle porto do Çoco a dez dias do mes de Agoſto do anno de mil e quinhentos e ſete, fazendo o caminho do norte via de Fartaque, e Dofar. E ſendo naquelle mar da garganta do Eſtreito do mar Roxo, foy o vento, e a cerração tão grande, que por não forçarem os aparelhos, correram hum pouco mais largo, por averem viſta de Curia Muria, porque não era tempo pera agoardarem naquella paragem, como tinham determinado; e ainda que ouveſſem viſta dalguma náo, não fazia mar, nem vento pera abalroarem polo grande perigo que avia, e tambem porque forçadamente aviam de fazer eſte caminho, e perdia-ſe niſto muito tempo. E indo aſſi correndo largo com aquelle

vento, a treze dias do dito mes ouveram vista de huma terra alta junto com Curia Muria, a que os mouros chamam Nooz, e foram ao longo della até se fazerem sete legoas das ilhas; e pela cerração ser grande, não ouveram vista dellas, e por ser já noite, se fizeram todos na volta do mar por se afastarem da terrã. E como foy menhaã, tornárão-na outra vez a demandar, e não a víram aquelle dia: os pilotos se fizeram pela altura avante de Curia Muria na costa de Nordeste Sudueste. Afonso Dalboquerque lhe pos huma bandeira na quadra, e veio á fala com elles, e disse-lhes que naquella altura, que se elles faziam, não podia ser avante de Curia Muria; porque navegando polo rumo de Nordeste, como elles diziam, hiam varar nas ilhas: e isto que elle disse não pareceo bem aos capitães, nem aos pilotos, e fizeram aquella noite o caminho do norte, e elle o consintio por obedecer ao conselho de muitos. E indo assi de noite vespera de nossa Senhora Dagosto, sendo já o quarto da prima rendido, achou-se Antonio do Campo, que hia diante, no rolo do mar com muito vento, e muito marulho, e tirou dous tiros. Afonso Dalboquerque tanto que os ouvio, mandou fazer sinal ás náos pera virarem na volta do mar: e todos se fizeram naquella volta, indo os pilotos com os prumos na mão até se acharem fóra de sonda; e como ali chegaram mandou-lhe fazer sinal de pairo, e todos lhe responderam, e esteve aquella noite com o forol aceso pairando, e as náos todas por sua popa.

CAPITULO XIX.

De como o grande Afonſo Dalboquerque, pela muita neceſſidade que tinha de mantimentos, ſe foi na volta do eſtreito de Ormuz, e chegou a Maſcate.

PASSADA toda aquella noite, ao outro dia pela menhaã mandou o grande Afonſo Dalboquerque dizer aos capitães que fizeſſem ſua navegação direito a terra pera tomarem Calayate, porque pela muita falta de mantimentos que avia na armada, não fazia fundamento de aguardar as naos naquella traveſſa; e tambem por lhe dizerem os pilotos mouros que lhes parecia que deviam ſer já paſſadas, porque os tempos foram tão rijos, que ſe partiſſem de Adem, em tres dias eram navegadas. E com eſta determinação foram todos na volta da terra, e dali a tres dias ouveram viſta de huma ponta della, a que os mouros chamavam Madrica, e foram-na ſempre coſteando com aquelle reſguardo que cumpria, indo de dia na volta da terra, e de noite na volta do mar, por fazerem ſeu caminho mais ſeguro, até averem viſta do cabo de Maceiras. E vindo hum dia pela menhaã do mar demandar a terra, os pilotos mouros não na conheceram, porque huns ſe faziam de dentro do cabo de Reſalgate, e outros a ré delle, e embaraçou-os correrem as agoas ali muito teſo pera dentro do eſtreito Dormuz; e polo mar ſer brando, e os ventos irem abonançando de cada vez mais, mandaram os pilotos mouros chegar as naos bem a terra, e ſurgíram em fundo de vintecinco até quatorze braças, porque ainda que a coſta ſeja aparcelada, he limpa, e de boa

tenſa: e toda eſta terra junto do mar he eſcalvada, e areoſa, e no ſertão ſerras muito altas, e aſperas. Os pilotos mouros como aqui chegaram, conheceram logo que eſtavam antre o cabo de Reſalgate, e a ponta de Maceiras. E ali eſteve a armada ſurta aquella noite; e em amanhecendo a náo Taforéa, que ficára mais de fóra, tirou dous tiros, e foram logo ver da gavea o que era, e o gageiro diſſe que via tres vélas ao mar. Afonſo Dalboquerque mandou recado a Antonio do Campo, e Manoel Telez que ſe fizeſſem á véla, e foſſem ver que náos eram; e ſendo caſo que perdeſſem a armada de viſta, que ſe foſſem ao longo da coſta, e no cabo de Reſalgate o achariam, porque o piloto mouro que levava, ſabia muito bem a terra. Partidos eſtes capitães, mandou Afonſo Dalboquerque fazer as outras náos todas á véla, e foram ſurgir aquelle dia á tarde de dentro do cabo de Reſalgate, que he huma coſta bem aſſombrada, e limpa, e de bom ſurgidouro; e eſtando ali, chegáram Antonio do Campo, e Manoel Telez, e diſſeram que as náos, que o Gageiro víra, eram tres barcos de peſcar, e com o ar do mar pareciam vélas grandes, e por o vento ſer calma, lhe fugíram á véla, e ao remo, e acháram ali naquelle porto, onde eſtiveram aquella noite, trinta, ou quarenta navios de peſcar, que vem ali da cidade de Ormuz, Calayate, e de toda aquella coſta fazer ſua peſcaria de Bonitos, e Albecoras, porque he grande carregação deſte peixe pera muitas partes, como o Atum do Algarve, e queimaram-nos todos, e ao outro dia pela menhaã partíram com bom vento, e levavam os bateis das naos com maſtos, e vélas, e ſobre a tarde foram ter á boca de hum rio, e dentro fazia huma grande lagoa; e mandou Afonſo Dalboquerque ao meſtre da Taforéa que foſſe no batel ao longo

da terra, e viſſe que couſa era, e que ſonda tinha, e achou ſete braças, e a lagoa era de agoa ſalgada, e achou dentro quatro zambucos pequenos, a que poſeram o fogo, e dali foram ſempre ao longo da coſta por parcel de vinte, vinte cinco braças, fundo limpo, ter a hum lugar pequeno de caſas palhaças, que os pilotos mouros diſſeram ſer de peſcadores, e por terra ao longo da coſta hia muita gente de pé, e de cavalo, e camelos dandadura, ſeguindo a noſſa armada, a qual foi ſempre por eſte parcel até viſta da Cidade de Calayate. E tanto avante como o porto, mandou Afonſo Dalboquerque aos capitães que tomaſſem as vélas grandes, e ſe poſeſſem de verga dalto, e mandaſſem embandeirar as naos, e fazer preſtes toda ſua artelharia; e com os traquetes, e mezenas, levando ſeus bateis por diante, foſſem ſurgir diante da Cidade, e aſſi o fizeram todos com grande prazer, e muitas gritas, ſem trombetas, porque lhas não quis dar Triſtão da Cunha.

CAPITULO XX.

Do que o grande Afonſo Dalboquerque paſſou com os Governadores da Cidade de Calayate, chegando a ella.

Chegado o grande Afonſo Dalboquerque com ſua armada a Calayate, gaſtaram aquella tarde toda em concertarem ſuas náos, e ſe aparelharem, e ao outro dia pela menhaã mandou hum batel a terra, e nelle Pero Vaz Dorta, feytor da armada, e João Eſtão, eſcrivão, e Gaſpar Rodrigues lingoa. Chegados a terra, os mouros, que logo acodíram á praia, lhe perguntaram, que era o que queriam, e donde eram. E Pero Vaz

Dorta lhe respondeo pelo lingoa, que aquella armada era delRey dom Manuel, Rey de Portugal, e senhor das Indias; que o capitão mór, que nella vinha, queria saber que lugar aquelle era, e de que reyno, e senhorio. Os mouros lhe responderam, que aquella cidade se chamava Calayate, e que era do reyno de Ormuz, que se alguma cousa quisessem, que lha dariam de muito boa vontade; e com esta reposta, que os mouros deram, se tornáram Pero Vaz Dorta, e João Estão, e disseram a Afonso Dalboquerque o que passava. Ao outro dia pela menhaã o goazil, e os regedores da cidade lhe mandaram dizer que mandasse dous homens seus em terra, porque lhe queriam mandar outros dous a falar com elle. Afonso Dalboquerque lhe mandou dous moços seus, e de terra vieram dous mouros honrados, e disseram-lhe da parte do goazil, e regedores da cidade, que tudo aquillo, de que tivesse necessidade pera a sua armada, lhe mandariam dar de muito boa vontade, porque desejavam de ter paz, e amizade com elRey de Portugal, e trouxeram-lhe hum presente de laranjas, limões, romans, e galinhas, e alguns carneiros; e porque com todas estas boas palavras, e presente, não deixava de andar muita gente ao longo da praia, e pela cidade armados, e vestidos como Turcos com seus arcos, lanças, espadas, e cimitarras, e na ribeira tinham huma estancia com quatro bombardas, não lhe quis o grande Afonso Dalboquerque tomar o seu presente, dizendo-lhe, que não avia de aceitar nenhuma cousa de pessoas, a que ouvesse de fazer a guerra, senão quisessem ser vassalos delRey de Portugal, cujo capitão mór elle era, enviado por seu mandado ao reyno, e cidade de Ormuz. Os mouros lhe responderam, que se elle hia a Ormuz, que aquella era a porta, que os tratasse bem, e elles lha abririam,

e entraria na caſa: e que pois a ſua determinação era ir-ſe ver com o rey de Ormuz ſeu Senhor, que ſe concertaſſe com elle; e quando não quiſeſſe concerto nenhum, que elles eſtariam á obediencia delRey de Portugal, e como ſeus vaſſalos lhe pediam muito, que os não quiſeſſe deſtruir, nem fazer-lhe guerra. Afonſo Dalboquerque mandou chamar os capitães, e deu-lhe conta deſta repoſta, que os regedores da cidade lhe mandaram, e aſſentaram todos, que querendo-lhes elles dar todos os mantimentos, que ouveſſem miſter pera a armada, pela muita neceſſidade que delles tinham, que devia de diſſimular, e dar-lhe ſeguro até chegar a Ormuz, e fazer da neceſſidade virtude até averem os mantimentos. Aſſentado iſto, deſpedio Afonſo Dalboquerque os mouros com eſta repoſta; e como os regedores da cidade deſejavam muito a paz, pelo receo que tinham da noſſa armada, por não eſtarem apercebidos, tornaram logo a mandar os mouros com ſeſſenta fardos de arroz, e outros tantos de tamaras, e trinta carneiros, e outros refreſcos da terra. Afonſo Dalboquerque, porque não ſabia como ſocederiam as couſas de Ormuz, não quis tomar nada de graça, e mandou-lhe pagar tudo o que lhe trouxeram. Os mouros não queriam aceitar a paga, dizendo, que aquelle preſente, que lhe os regedores da cidade mandavam, era em ſinal de amizade, porque todos eſtavam preſtes pera fazer tudo o que elle mandaſſe, e que por iſſo não aviam de tomar paga nenhuma; e ſe o rey de Ormuz não quiſeſſe fazer paz, que elles lhe entregariam a cidade. Afonſo Dalboquerque todavia lhes fez tomar per força a paga, e mandou-lhes fazer hum ſeguro em nome delRey dom Manuel, aſſinado por elle até ſua chegada a Ormuz; e porque neſte ſeguro não entravam as naos dos eſtrangeiros, que eſtavam no

porto, mandou-lhe tomar huma nao de Adem, que feria de dozentos toneis, que ali eftava carregando de cavalos, e tamaras. O fenhorio da nao vendo que lha tomavam, focorreo-fe ao Goazil, que era governador da cidade, pedindo-lhe que lhe valeffe a não lhe tomarem a fua náo, e o Goazil mandou dizer a Afonfo Dalboquerque, que por honra daquella cidade lhe pedia por mercê lhe mandaffe aquella náo, que elle daria tudo o que mandaffe. Afonfo Dalboquerque fe efcufou, dizendo, que a tinha dada a Gafpar Rodrigues lingoa, que fe a elle quifeffe refgatar, que bem o podia fazer, que lhe pefava muito de o não poder fervir com ella, e que elle lhe mandaria que fe concertaffe com o fenhorio da náo, e Gafpar Rodrigues fe concertou com elle, e deu o dinheiro ao feitor pera defpefas da armada.

Calayate he huma Cidade tão grande como Santarem, mal povoada, com muitos edificios antiguos derribados. E fegundo a informação que Afonfo Dalboquerque teve de alguns mouros, parece que foi deftruida por Alexandre, que conquiftou toda aquella terra: bate o mar nella, o porto he muito bom, e eftá affentada ao pé de humas ferras grandes, e da banda do fertão, hum pouco afaftado da Cidade, tinha hum muro de altura de huma lança, que fae do ceo da ferra, e vem ter ao mar: fizeram ifto os moradores por amor dos mouros do fertão, porque os vinham muitas vezes afrontar, que he do fenhorio de hum rey, que fe chama o Benjabar, o qual tem muita gente de cavalo; derredor da cidade não ha arvore nenhuma, fenão humas poucas de palmeiras, que eftavam junto de huns poços de agoa, donde bebem: e do fertão lhe vem todo o mantimento de trigo, cevada, milho, e tamaras, que de tudo ifto ha muyto nelle. Efte porto he grande efcapola de naos, que ali vem carregar

de cavalos, e tamaras pera a India. O rey de Ormuz mandava ali hum mouro honrado cada anno por goazil, eſte governava a juſtiça, e fazia guerra, e paz, quando lhe parecia bem. E nas rendas, e direitos, que ſe pagavam ao rey, não entendia ſenão hum capado criado do Cogeatar, e em todos os lugares do reyno de Ormuz tinha poſto eſtes ſeus eſcravos capados, que governavam a fazenda, aos quaes ſe tinha grande obediencia na terra.

CAPITULO XXI.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio da cidade de Calayate, e foi ter a Curiate, e o tomou por força de armas.

RECOLHIDOS os mantimentos, deſpedio o grande Afonſo Dalboquerque os mouros, que andáram neſte concerto, que tinha comſigo, e partio-ſe do porto hum Domingo vinte e dous dias de Agoſto, levando ſempre a coſta na mão, com determinação de lhe não ficar nenhum lugar em toda ella, que não viſſe o que nelle podia fazer, porque avia por couſa muito principal pera levar Ormuz nas mãos, ſenhorear primeiro todos os lugares, e portos, que por aquella coſta achaſſe, e queimar-lhe todas as náos pera ſe não poderem ajudar dellas. E indo aſſi á viſta da terra, diſſe aos pilotos mouros, que elle tinha hum roteiro, que fizera hum piloto mouro, que ſe chamava Omár, de todos os portos, villas, e lugares daquella coſta, andando ali em companhia de Vicente Sodré, e dizia nelle, que cinco legoas de Calayate eſtava hum porto, que ſe chamava Icce, que lho moſtraſſem (cuidando que era lugar grande,) e os pilotos lho moſtraram, e era hum rio de agoa doce,

em que as náos, que navegam pera o eſtreito de Ormuz, vão fazer ſua agoada, e anoſſa armada paſſou á viſta delle; e como foram perto de Curiate, ſurgíram hum pouco longe da terra por ſer tudo parcel, e Afonſo Dalboquerque mandou a Manuel Teles, e Antonio do Campo que ſe chegaſſem a terra quanto mais podeſſem, dando reſguardo ao que podia a maré mingoar, ſendo baixamar de todo; e como foram ſurtos, poſeram as náos de verga dalto, e embandeiráram-nas todas, e eſtiveram aquella noite, ſem lhe vir de terra ninguem falar; e avido conſelho do que fariam, ainda que ouve differentes pareceres nelle, aſſentaram de deſtruir o lugar; e porque era grande, polo não cometer ás cegas, determinou o grande Afonſo Dalboquerque juntamente com os capitães de o irem ver, e aſſentarem a maneira que teriam pera deſembarcar em terra, e meteram-ſe no batel da ſua náo, e foram demandar a ribeira. E chegados perto della, os mouros, que andavam ao longo da praia, não quiſeram ter pratica com os noſſos, e começaram-lhe a fazer muitas rebolarias: e tinham feito daquella parte huma eſtancia de madeira de cinco palmos de largo entulhada de terra, que tomava toda a face do lugar, e nella tinham aſſentadas quatro bombardas groſſas, e muitos archeiros, e outros de lanças compridas em guarda della: e mais abaixo deſta tinham feito outra na borda dagoa á maneira de baſtião, cercada de madeira, e entulhada de terra, da meſma largura da outra, e ficava de preamar cercada de agoa, porque ſe metia entre ella, e o lugar hum eſteiro, na qual tinham duas portas, huma em revés da outra, pera por ellas poderem acodir a qualquer parte que foſſe neceſſario. Como Afonſo Dalboquerque vio as eſtancias, e vio que os mouros não queriam fala delle, e ſe pu-

nham em determinação de ſe defender, mandou-lhe tirar do ſeu batel com huns falcões, que levava, e recolheo-ſe ás náos. Os mouros tambem por ſua parte começáram-lhe a tirar com ſuas bombardas, e com muitas frechas. E porque neſte porto eſtá hum ilheo pegado na terra, e de baixamar podem paſſar a pé enxuto ao lugar, e os mouros com pouca força que ali tiveſſem podiam defender a deſembarcação á noſſa gente, mandou Afonſo Dalboquerque a Antonio do Campo, que logo de noite foſſe com cem homens tomar eſte ilheo, e ſe fizeſſe forte nelle.

Ordenado tudo iſto, como foram horas, vieram-ſe os capitães em ſeus bateis a bordo da náo Capitaina pera dali partirem todos; e porque a eſte tempo era já baixa mar de todo, determinou Afonſo Dalboquerque de deſembarcar mais abaixo do lugar, pera com menos perigo das bombardas das eſtancias poderem os noſſos tomar terra, e diſſe aos capitães eſta ſua determinação, pera cada hum ſer advertido do que avia de fazer. E chegados ao ilheo, onde Antonio do Campo eſtava, mudou Afonſo Dalboquerque o conſelho, e quis dar nas eſtancias por aquella parte com toda a gente em huma batalha, por ſer pouca pera ſe poder repartir em duas; porque ganhando aquella eſtancia, em que os mouros tinham toda ſua força, e confiança, as outras, que eſtavam da outra banda do lugar, ſe renderiam ſem pelejar. Ordenado iſto, diſſe a Antonio do Campo que o tiveſſe em olho, e que ao tempo que elle déſſe na eſtancia, pela outra banda déſſe elle tambem com toda ſua gente de roſto nella, e apertaſſe rijo com os mouros, porque eſperava em Noſſo Senhor de os desbaratar, e por ali levarem a cidade nas mãos. Aviſado Antonio do Campo diſto que avia de fazer, foi-ſe Afonſo Dalboquerque ao

longo da ribeira defembarcar da outra parte, onde tinham affentado, e com toda fua gente foram caminhando devagar; e fendo perto da eftancia, appareceo huma foma de mouros, que vinham por derredor de hum outeiro, que eftá fobre o lugar, como gente, que queria dar nos noffos pelas coftas. Afonfo Dalboquerque, como os vio, mandou Afonfo Lopez da Cofta com feffenta homens, que lhe foffe tomar o outeiro, e os esborrondaffe dali abaixo, e volveffe logo onde elle eftava. Afonfo Lopez da Cofta deo nos mouros mui esforçadamente, e desbaratou-os, matando alguns, e tornou-fe logo onde os noffos ficavam, e todos juntos cometêram a eftancia. Antonio do Campo, como eftava com o fentido no que lhe Afonfo Dalboquerque tinha dito, vendo que os noffos pelejavam na eftancia, deu na trafeira dos mouros por aquella parte, donde lhe era mandado. Os mouros afrontados dos noffos, começaram atirar com a fua artelharia, e muitas frechas, defendendo-fe hum bom efpaço, e feriram alguns foldados da companhia de Antonio do Campo. Paffada efta furia da artelharia, os noffos cometeram com tanto esforço, que per cima das eftancias pelejando entraram com os mouros dentro no lugar, e foram-lhe feguindo o alcance por efpaço de meia legoa, trazendo á efpada todos os mouros, molheres, e mininos, que fugiam pera o fertão; e porque a calma era grande, e a noffa gente hia já muito canfada, tomou Afonfo Dalboquerque hum outeiro, e arvorou nelle a fua bandeira, e deixou-fe eftar, e mandou a Francifco de Tavora, Afonfo Lopes da Cofta, e Antonio do Campo, que á fua vifta, apartados huns dos outros, fizeffem outro tanto com os feus guiões, pera terem a gente que não foffe após os mouros, e a João da Nova, e Manuel Teles que fe tornaffem ao lugar, e recolheffem toda a

gente, que andava ſolta por elle; e achando alguns mouros, os trouxeſſe todos á eſpada, e elle deixou-ſe eſtar naquelle outeiro até horas de beſpora; e como teve recolhida toda a gente, veio-ſe ao lugar, e mandou repairar as eſtancias dos mouros, e fez-ſe forte nelle até ſe recolherem os mantimentos, de que tinha muita neceſſidade: e no alcorão da miſquita mandou arvorar huma bandeira, e pôr dez homens pera vigiarem dali o campo; e como teve todos os mantimentos recolhidos, e os deſpojos, que poderam levar, mandou pôr fogo ao lugar, principalmente a humas caſas, em que eſtava a força dos mantimentos, por ſe os mouros não aproveitarem delles; e foi o fogo tão forte, que nem ficou caſa, nem edificio, nem a miſquita, que era huma das fermoſas que ſe vio, que tudo não vieſſe ao chão: e mandou cortar as orelhas, e os narizes a todos os mouros, que ſe ali tomáram, e deixalos pera irem a Ormuz ſer teſtemunhas de ſua deſaventura. Tomáram-ſe neſte lugar vinte e cinco peças de artelharia, e muita quantidade de arcos, frechas, e lanças, e outras armas, e queimaram-ſe trinta e oito naos, entre grandes, e pequenas; e acabado iſto, recolheo-ſe com todos os capitães ás naos, e cada hum ſe foi pera a ſua fazer preſtes pera ao outro dia ſe partirem caminho de Maſcate.

Curiate he hum lugar grande, a povoação principal eſtá ao longo do mar, e da banda do certão he hum pouco eſpalhada, averia nelle, ao parecer de todos, cinco, ou ſeis mil homens. He eſcapola de muitas naos, que vem ali carregar tamaras, de que ha muita quantidade, aſſi no lugar, como no ſertão; e porque o porto he hum pouco aparcelado, e corre o mar, não ha nelle carregação de cavalos, avendo muitos na terra: tem poços de agoa muito boa, de que os moradores bebem: queimá-

ram-ſe duas naos muito grandes, que eſtavam em eſtaleiro, corregidas, e concertadas pera lançar ao mar, que eram de hum coſſairo, que ali vivia.

CAPITULO XXII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio de Curiate, e foi ter a Maſcate, e o que nelle paſſou.

Como foi menhaã, mandou o grande Afonſo Dalboquerque fazer toda a armada á véla, e em quatro dias chegaram á cidade de Maſcate, que he porto principal de toda aquella coſta, e aquelle dia á tarde entraram dentro no porto todas as naos, ſalvo Manuel Teles, e Franciſco de Tavora, que ficáram de fóra, por lhe acalmar a viração. Surtos todos, vieram logo a bordo da nao capitaina dous mouros honrados em huma almadia; e porque já ſabiam a deſtruição de Curiate, diſſeram a Afonſo Dalboquerque, que os regedores daquella cidade lhe mandavam pedir que lhes não fizeſſem nenhum mal, porque elles queriam ſer vaſſalos delRey de Portugal. Afonſo Dalboquerque lhe perguntou ſe traziam elles poder dos regedores, e povo da cidade pera falarem em concerto: os mouros lhe reſponderam, que elles não traziam ſeu poder, mas que abaſtava virem ali por ſeu mandado; e elle lhes diſſe, que lhe não podia reſponder, ſem primeiro entrarem dous capitães, que ficavam de fóra: que ſe tornaſſem pera terra, e que ao outro dia pela menhaã vieſſem ſeguros a elle, e que aſſentaria com elles tudo o que foſſe ſerviço delRey de Portugal, e senhor das Indias. Partidos os mouros com eſta repoſta, porque Franciſco de Tavora, e Manuel Telez

eram já entrados, mandou-lhe Afonſo Dalboquerque que foſſem ambos nos ſeus bateis ſondar o porto, que braças teria dalto dali até terra, e que trabalhaſſem por verem o modo das eſtancias, que os mouros tinham feitas; e elles foram-ſe ao longo da ribeira, depois de terem ſondado o fundo, e viram tudo muito bem; e tornados pera as naos, diſſeram-lhe, que os mouros tinham feito ao longo do lugar hum muro de madeira de dez palmos de largo, e vinte de alto, entulhado de terra muito forte, e de huma parte, e da outra hia enteſtar em duas ſerras muito altas, que vinham acabar dentro do mar, que o faziam mais forte: e nelle tinham feito huns repairos, como baluartes, com muitas bombardas da grandura dos noſſos camelos poſtas nelles, e que podiam deſembarcar ao pé do muro com preamar; e eſtando Afonſo Dalboquerque neſta pratica com Franciſco de Tavora, e Manuel Telez, chegaram os dous mouros, que o dia dantes vieram com poder dos regedores pera tratarem de paz, e diſſeram-lhe que aquella cidade queria eſtar á obediencia delRey de Portugal, e fazer tudo o que lhe elle capitão mór mandaſſe da ſua parte. Dado eſte recado, mandou-os Afonſo Dalboquerque ſair pera fóra, e praticou com os capitães, que já ahi eſtavam, o aſſento que tomaria com elles; e depois de praticado o que lhe avia de reſponder, mandou-os chamar, e diſſe-lhes, que ſe aquella cidade quiſeſſe eſtar á obediencia delRey de Portugal, e pagar-lhe cada anno aquelle tributo que foſſe rezão, e chegando a Ormuz dar-lhe todos os mantimentos de que tiveſſe neceſſidade, que elle lhes não faria a guerra, mas antes os guardaria, e defenderia como vaſſalos delRey ſeu senhor. Os mouros lhe reſponderam, que os moradores daquella cidade eram contentes de ſerem vaſſalos delRey de Portugal, e pagar-lhe

cada anno os direitos, que pagavam ao rey de Ormuz, que eram muitos; e quanto aos mantimentos que pedia, que por aquella ſó vez lhe dariam todos os de que tiveſſe neceſſidade. Afonſo Dalboquerque porque lhe não pareceo autoridade de ſua peſſoa eſtar em regatarias com elles, mandou a Antonio do Campo, Pero Vaz Dorta, e João Eſtão, eſcrivão da Armada, que falaſſem com os mouros lá fóra, e lhe diſſeſſem, que com aquellas condições que diziam os receberia á obediencia delRey de Portugal; mas que lhe aviam de dar mantimentos, e agoa em abaſtança pera aquella armada, levado tudo á ſua cuſta á cidade de Ormuz, em quanto nella eſtiveſſe. Paſſadas muitas praticas, que com elles tiveram ſobre eſte concerto, tornou o feitor dizer a Afonſo Dalboquerque, que os mouros não queriam dar mais do que tinham prometido. Enfadado elle deſta repoſta, mandou-os chamar, e diſſe-lhes, hum pouco apaſſionado, como ouſavam elles de negar a aquelles officiaes delRey ſeu senhor o que lhes pediam, pois lançados aos ſeus pés, lhe tinham dito que queriam ſer ſeus vaſſalos: que ſe foſſem logo, e diſſeſſem aos regedores da cidade, que ao outro dia pela menhaã lhe moſtraria como os cavaleiros portugueſes caſtigavam os lugares, que não queriam eſtar á obediencia delRey de Portugal, e do ſeu capitão mór. Os mouros vendo Afonſo Dalboquerque menencorio, e que os lançava de ſi, ſem nenhum modo de concerto, temeram-no muito, e lançaram-ſe aos ſeus pés, que lhes perdoaſſe, que elles fariam tudo quanto quiſeſſe, e elle os mandou que foſſem falar com Antonio do Campo, e com o feitor: Os mouros ſairam tão aſſombrados, que fizeram tudo o que lhe pediram; e acabado eſte concerto, foram-ſe pera terra muito contentes, e começaram logo a trazer os mantimentos que poderam

até noite; e quando veio pela menhaã, que Afonſo Dalboquerque eſperava que acabaſſem de comprir com elle, não tornaram, nem recado nenhum da terra, e eſteve aſſi ſuſpenſo até o meio dia, ſem poder entender que mudança ſeria eſta; e pera ſe melhor determinar no que faria, meteo-ſe no ſeu eſquife com D. Antonio de Noro̊nha ſeu ſobrinho, e D. Jeronymo, e outros, e foi-ſe ao longo da ribeira diſſimuladamente, a fim de entender eſte negocio, e ver o modo de ſuas eſtancias. E a eſte tempo que chegou a terra, eſtava o batel de Afonſo Lopez da Coſta na ribeira tomando agoa, e do contrameſtre que nelle eſtava ſoube que toda aquella noite ouvera grande prazer, alvoroço, e gritas na cidade, e diziam que era chegado hum capitão do ſertão com dez mil homens de lanças compridas, e adargas, que o Benjabar mandava em favor da cidade, e que a nova mais certa ſe ſaberia dos grumetes, que eram nos poços a tomar agoa. Afonſo Dalboquerque diſſe ao contrameſtre que diſſimuladamente recolheſſe os grumetes, e ſe lhe foſſe trabalho recolher as pipas, que as deixaſſe Os grumetes, que eſtavam nos poços, vendo o alvoroço dos mouros, receoſos de os matarem, deixaram parte das pipas, e recolheram-ſe ao batel com muita preſſa, e contaram a Afonſo Dalboquerque a meſma nova, que o contrameſtre tinha dado; e elle depois de ter viſto tudo muito bem, veio-ſe á Taforea, que eſtava mais perto da praia, e mandou Dinis Fernandez no ſeu eſquife a terra, e que lhe chamaſſe hum daquelles mouros, que andara no concerto da paz. Os mouros, que andavam pela praia, que eram muitos, como viram o eſquife, remeteram a elle pera o tomar. Dinis Fernandez como hia precatado de ſuas treições, como os vio alvoroçados, não chegou fóra, e tornou-ſe pera as naos com alguns

marinheiros feridos das frechas, com que lhe tiraram. Afonſo Dalboquerque vendo o deſavergonhamento dos mouros, mandou Afonſo Lopez da Coſta, Antonio do Campo, e Manuel Teles, que ſe chegaſſem com os ſeus navios a terra quanto podeſſem, e deixaſſem regueiras por popa ao mar, pera ſe alarem a ellas cada vez que lhe foſſe neceſſario, e dali esbombardeaſſem a cidade pera os cançar, porque determinava de dar nelles como foſſe menhaã. Os capitães levaram ſuas ancoras, e foram ſurgir, aſſi como lhe Afonſo Dalboquerque tinha mandado, e começaram átirar com a artilharia ás eſtancias, ás quaes fizeram pouco nojo por ſer o muro entulhado de terra; e elles vendo que dali não faziam nenhum nojo, mudaram-ſe pera defronte de hum repairo, que os mouros tinham feito fóra do muro, onde tinham duas bombardas, e eſtava hum pouco deſcuberto de modo, que lhe podia a noſſa artelharia fazer nojo, e como começou a jugar, deſempararam os mouros as bombardas, e fugiram. Afonſo Lopez da Coſta como vio o repairo deſemparado dos mouros, parecendo-lhe que podia tomar as bombardas, meteo-ſe no batel com a ſua gente, e foi cometer o repairo pera lhas tomar, e Antonio do Campo foi-ſe nas ſuas coſtas pera o ſocorrer, ſe foſſe neceſſario; e em chegando a terra, foram tantos os mouros, que acodiram em ſocorro das bombardas, que ſe Afonſo Dalboquerque no ſeu eſquife não acodira pera os recolher, ouveram todos de paſſar mal, e com tudo quando já chegou era ferido Afonſo Lopez da Coſta, e cinco homens dentro no ſeu batel ás frechadas, e felos recolher, reprendendo-os muito de cometerem aquelle feito fóra do que lhes tinha mandado, e mandou-lhe que não deixaſſem de atirar com a artilharia ás eſtancias, porque ainda que lhe não

fizeſſem nojo, aquebrantariam os mouros, que eſtavam nellas.

CAPITULO XXIII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque por conſelho dos capitães cometeo o lugar de Meſcate, e o deſtroio, e o que niſſo paſſou.

PASSADAS eſtas couſas, mandou o grande Afonſo Dalboquerque chamar todos os capitães ás ſuas naos, e diſſe-lhes, que bem ſabiam os comprimentos, que tinha feito com os regedores daquella cidade de Maſcate, e que verdadeiramente lhe peſava muito não quererem eſtar pelo concerto, que tinha feito com elles; e a principal rezão, que o a iſto movia, era ſer hum lugar muito abaſtado de mantimentos, e ter hum porto muito bom pera recolhimento das naos, que navegaſſem da India pera Ormuz, quando por ali paſſaſſem; e ſocedendo alguma neceſſidade, eſtando em Ormuz, dali ſe podiam prover do neceſſario; e que ainda que o lugar pareceſſe forte, como todos viam, e com muita gente, que determinava de o cometer, e deſtroilo, pela rebeldaria que lhe tinham feito, confiado no poder de Noſſo Senhor, que era maior que tudo, que lhe diſſeſſem o que lhes parecia. Os capitães reſponderam, que em couſa tão aſſentada, e tão determinada não tinham que aconſelhar, que fizeſſe o que quiſeſſe, que elles o ſeguiriam. Afonſo Dalboquerque, poſto que neſta repoſta entendeo nelles não lhe parecer bem darem no lugar, polo verem differente na fortificação dos outros, que cometeram, com tudo diſſimulou com elles, e mandou-lhe que ſe foſſem pera as naos, e ſe fizeſſem preſtes; e ouvindo o ſeu atambor, vieſſem a bordo da ſua com

toda a gente. E ao outro dia, ſendo já a eſtrela dalva fóra, mandou-lhe fazer o ſinal, e os capitães ſe embarcaram logo, e foram demandar a nao capitaina, e dali partiram todos direitos a terra, e Jorge Barreto hia no batel de Afonſo Dalboquerque com a ſua gente, e elle ſó no eſquife, ordenando a cada hum o que havia de fazer; e porque o lugar da entrada era differente dos outros, e muito mais perigoſo pera cometer, e convinha fazerem-ſe todas as diligencias pera mais a ſeu ſalvo ſe poderem valer dos mouros, mandou a Franciſco de Tavora, e a Afonſo Lopes da Coſta, que ambos juntos com a ſua gente cometeſſem as eſtancias pela parte da mão direita, e como foſſem dentro, correſſem ao longo do muro, e ſe foſſem ajuntar com elle, que avia de entrar pela parte da mão eſquerda; e que depois das eſtancias entradas, juntos em hum corpo, entrariam o lugar, porque eram poucos pera o cometerem em duas batalhas. Dito iſto, abalaram todos, e com muita furia foram cometer as eſtancias; e porque a eſte tempo era preamar, e os noſſos aviam de deſembarcar ao pé do muro, começaram os mouros de cima átirar com muitas frechas, e pedras, de modo que os noſſos tiveram aſſás trabalho, antes que deſembarcaſſem; e como foram em terra, abalou Afonſo Dalboquerque com a gente que levava, e foi cometer as eſtancias pela banda eſquerda, porque ali eſtava a maior força de gente: e a eſte tempo deram Afonſo Lopes da Coſta, e Franciſco de Tavora em as meſmas eſtancias pela outra banda da mão direita, como eſtava aſſentado. Os mouros, que eſtavam nellas, defenderam-ſe hum grande eſpaço valeroſamente; mas os noſſos, ainda que foi com trabalho, lhas entraram por força, e mataram muitos delles. Franciſco de Tavora, e Afonſo Lopez da Coſta tendo entradas as

eſtancias, não ſe lembrando do que lhe Afonſo Dalboquerque tinha dito, com aquelle impeto, e esforço, com que as cometeram, foram ſeguindo os mouros até os meterem por huma rua do lugar, onde mataram a alguns; e porque acudiram muitos, eſtiveram em riſco de ſe perderem, e dali voltaram, e foram-ſe ao longo do muro demandar Afonſo Dalboquerque, que os reprendeo muito por ſe deſmandarem, tendo-lhe dito que ſe vieſſem ajuntar com elle. E todos juntos abalaram, e foram cometer o lugar; e por as ruas ſerem eſtreitas, e as lanças que levavam compridas, e tambem pela competencia que ouve antre elles de quererem huns paſſar diante dos outros, começaram-ſe a embaraçar de modo, que os mouros neſta revolta ás frechadas feriram a muitos: e com todo eſte trabalho os noſſos cometeram aos mouros com tão grande esforço, que o capitão, que lhes veo do ſertão com ſua gente em ſocorro do lugar, como ſe vio apertado, virou as coſtas, e fogio. Afonſo Lopez da Coſta, e Franciſco de Tavora, que eram na dianteira, lhe foram ſeguindo o alcance, e Afonſo Dalboquerque com toda a outra gente detrás, dando-lhe coſtas, e foram após elles hum bom pedaço fóra da cidade. Antonio do Campo, deixado Afonſo Dalboquerque, em cuja companhia hia, com ſua gente foi ſeguindo hum golpe de molheres, que ſe recolhiam pela ſerra acima, e matou a muitas dellas. João da Nova, porque a ſua gente andava toda eſpalhada, com alguma, que pode recolher, foi ſeguindo huns poucos de mouros, que ſe hiam recolhendo por hum vale abaixo, e matou a muitos, e molheres, e meninos, que levavam comſigo, ſem dar vida a ninguem, de modo que alli huns, como outros, fizeram grande eſtrago em elles, e mataram a alguns mouros principaes da cidade, e a hum capado,

que governava a terra por mandado do rey de Ormuz. Afonſo Dalboquerque chegou a Franciſco de Tavora, e mandou-lhe que foſſe pelo campo a recolher a gente, que andava eſpalhada, que elle o eſperava ali; e como foram juntos, volveo-ſe á cidade, e todos os mouros, molheres, e meninos, que achavam por eſſas caſas, traziam á eſpada, ſem dar vida a ninguem. E porque os noſſos hiam muito afrontados da calma, e do trabalho das armas, e aquelle dia não tinham comido, e no lugar não avia mouros que arrecear, mandou aos capitães que os recolheſſem, e foram-ſe fóra do lugar deſcançar a huns poços de agoa, onde os moradores bebiam, tendo em tanto ſuas atalaias poſtas á viſta dos mouros, porque não podeſſem vir de ſupito dar nelles; e mandou ali trazer muitos fardos de tamaras, de que todos comeram, e beberam daquella agoa, e deixaram-ſe eſtar ali hum bom pedaço até que todos deſcansaram: e depois diſto recolheo-ſe ao lugar, e mandou aos capitães que tomaſſem eſtancias da banda do ſertão, e ſe fizeſſem fortes nellas, com tranqueiras nas ruas, com bombardas pera ſe defenderem dos mouros, ſe os quizeſſem cometer, e que poſeſſem fogo ás caſas do arrabalde, por onde os marinheiros aviam de carregar agoa pera as naos, porque ſe não eſcondeſſem nellas alguns mouros, que lhe deſſem trabalho, quando a foſſem buſcar. Poſto tudo neſta ordem, deu licença a todos que roubaſſem o lugar, e diſſe aos capitães, que cada hum tiveſſe cuidado de recolher ás ſuas naos todos os mantimentos que podeſſem, porque hiam pera terra, onde haviam de ter muita neceſſidade delles; e que tiveſſem boa vigia nas eſtancias, aſſi de noite, como de dia, porque os mouros eſtavam na ſerra vendo o que todos faziam; e ſe viſſem deſcuido nelles, não ſeria muita dúvida cometerem-nos

huma noite, porque gente não lhe avia de faltar, que do fertão lhe viria quanta quifeffem. Os noffos começaram a faquear em oito dias, que ali eftiveram, e não acharam coufa de que podeffem lançar mão: e hum dia, entrando hum foldado em huma cafa, levando huma chuça nas mãos, foi dar por defaftre com ella em huma parede do frontal da cafa, e fez hum buraco, por onde entrou dentro, e ali achou muitas mercadorias; porque os mouros daquelle lugar, com receo que tinham da gente do fertão, que os vinha roubar, faziam huma cafa dentro nas fuas, fem nenhum portal, nem janela, e tinham-nas cheas de muitas mercadorias. Sabido ifto dos noffos foldados, dali por diante não ficou cafa, que elles não arrombaffem, onde acharam coufas de muito preço, e a cobiça dellas lhe fez efquecer o trabalho, que tinham paffado; e acabado cada hum de recolher os defpojos, que achou, e as naos providas de mantimentos, mandou Afonfo Dalboquerque aos capitães, que cada hum tiveffe feu dia de guarda, pera fe poder carregar agoa pera as naos, fem perigo dos que a carregaffem; e porque nas naos avia muita falta de pipas pera recolherem a agoa, por virem todas arrombadas da grande quentura do sol, mandou aos capitães que recolheffem todos os tanques de pao, que achaffem em a cidade, que os mouros coftumam de trazer em as fuas naos com agoa; e os que foffem tão grandes, que não podeffem caber pelas efcotilhas, que os mandaffem pôr em o convés, porque hiam pera terra, aonde lhe aviam de aproveitar muito; e affi fe eftes tanques não foram muito trabalhofamente, fe podera a noffa gente fubftentar em Ormuz depois de lá ferem. Como tudo foi recolhido, mandou Afonfo Dalboquerque aparelhar as naos de maftos, vergas, e enxarceas, porque de tudo tinham muita neceffidade,

Tomaram-ſe neſte lugar muitas armas, arcos, frechas, lanças, e outras armaduras de ferro a ſeu modo, e muito cobre, trinta bombardas antre grandes, e pequenas, e muitas mercadorias de toda a ſorte, que os noſſos queimaram polas não poderem levar.

CAPITULO XXIV.

De como o grande Afonſo Dalboquerque mandou pôr fogo á cidade de Maſcate, e do milagre que aconteceo no derribar da miſquita, e como ſe recolheo ás naos, e ſe partio.

ESTANDO o grande Afonſo Dalboquerque preſtes na ribeira com toda a gente pera ſe embarcar, deceo hum mouro da ſerra com huma bandeirinha branca, e chegou a elle com ſeguro, e diſſe-lhe da parte dos regedores, que pois lhe Deos dera aquella cidade, e a ganhara, como esforçado cavaleiro, que ſe contentaſſe de lhe terem mortas ſuas molheres, e filhos, e não lhe queimaſſem as caſas, nem as naos. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que a elle lhe peſára muito de ver deſtruida huma cidade tão nobre como aquella; mas que a culpa diſſo era ſua delles, pois lhe faltaram do concerto, que lhe tinham feito, confiados na gente que lhe viera do ſertão, e que pois aſſi era, não tinham rezão de lhe pedirem nada; que ſe quiſeſſem reſgatar o lugar, naos, e mantimentos, que nelle ficavam, que até o outro dia ao meio dia lhe mandaſſem dez mil xerafins em ouro: e não lhos mandando até aquellas horas, que lhes prometia de não deixar couſa, que não foſſe cinza, e pó, e que a gente, que elles tinham na ſerra em viſta do lugar, lhe levaria recado da deſtruição delle. Paſſadas

Os frades deste m.º an de cãtar sẽpre por este G.º L.ço e por Gil Stz Fariseu e sua molher duas missas cada dia rezadas en esta capela e tres oficiadas cõ tres prociçọ̃es por ano e den ao m.ᵒ hũas casas e hũa tenda ẽ esta cidade e huũ casal ẽ casainhos e outro na louriceira e os frades an de dar certo oro por pascoa a G.º L.ço e a seus erdeiros segũdo se cõtẽ ẽ scritura do morgado de Vila Verde e en hũu livro que esta na sãcristia deste moesteiro

Inscrição do Sarcofago dos Gomides, na Graça, de Lisbôa, onde jazeram durante seculos os restos do Governador da India

as horas, que lhe tinha prometido, mandou pôr fogo á cidade, onde ſe queimaram muitos mantimentos, e trinta e quatro naos antre grandes, e pequenas, muitos barcos de peſcar, e huma tereçana, que eſtava chea de tudo o neceſſario pera ſe as naos aparelharem: e mandou tres bombardeiros com machados a cortar os eſteos da miſquita, que era huma caſa muito grande, e muito fermoſa, a maior parte della de madeira muito bem lavrada, e por cima toda de argamaſſa. Tendo os eſteos cortados, e querendo-ſe os bombardeiros ſair pera fóra, deixou-ſe a caſa vir toda junta ſobrelles, de modo, que Afonſo Dalboquerque os ouve por mortos: prouve a Noſſo Senhor que ſairam vivos, e sãos, ſem ferida, nem piſadura alguma, aſſi como eſtavam em pé, cortando os eſteos da miſquita. Os noſſos eſpantados, quando os viram, deram muitos louvores a Noſſo Senhor por aquelle milagre, que fizera por elles, e poſeram o fogo á miſquita, que ardeo toda, ſem ficar nada della. E porque os noſſos tinham muitos mouros, e mouras cativos, de que ſe não eſperavam ſervir, nem levar comſigo, mandou Afonſo Dalboquerque cortar as orelhas, e narizes a todos, e deixou-os livres. E ajuntou toda a gente, e deu huma volta pola cidade pera recolher alguns ſoldados, que andavam deſmandados a roubar, e veio-ſe á praia pera ſe embarcar. Os mouros, que eſtavam na ſerra, entendendo que os noſſos ſe queriam recolher, começaram a decer abaixo. Vendo Afonſo Dalboquerque que elles deciam da ſerra, deixou-ſe eſtar na praia hum bom eſpaço com ſua bandeira arvorada pera ver ſua determinação. Os mouros como o viram eſtar quedo, deixaram-ſe vir mais de vagar. E os noſſos dando graças a Deos pela vitoria que lhe dera, recolhêram-ſe ás naos com muito prazer, e contentamento,

tirando muitos tiros por fefta. E elles vendo a noffa gente embarcada, decêram da ferra com muita preffa pera ver fe podiam apagar o fogo, que andava na cidade, o qual era tão bravo, que não oufáram de entrar a apagalo: e a caufa difto foi aver muitos azeites, e melaços em todas as cafas.

Mafcate he huma cidade grande, muito bem povoada, cercada da banda do fertão de ferras mui altas, e da banda do mar bate a agoa nella, e detrás nas coftas contra o fertão tem hum campo tamanho, como o Roffio de Lisboa, todo feito em marinhas de fal, não que a maré chegue ali, mas a agoa, que nelle nafce, he falgada, e torna-fe em fal: e aqui perto tem muitos poços dagoa doce, donde bebiam os moradores: tinha pumares, ortas, palmeiras com poços pera regar, que fe tira agoa delles com engenho de bois. O porto he pequeno, de feição de huma ferradura, abrigado de todos os ventos, e he efcapola principal do reyno de Ormuz, onde todas as naos, que navegam por eftas partes, de neceffidade hão de entrar, por fe afaftarem da outra cofta dalém, que he de muitos baixos: he efcapola antiga de carregação de cavalos, e de tamaras: he lugar muito graciofo de cafas muito boas, vem-lhe do fertão muito trigo, milho, cevada, e tamaras pera carregarem quantas naos quiferem. Efta cidade de Mafcate he do Reyno de Ormuz, e o fertão de hum rey, que fe chamava o Benjabar, o qual tinha outros dous irmãos, entre os quaes era repartida efta terra, que fe eftende até Adem, e da banda do norte vem dar na ribeira do mar da Perfia, e dali até cerca de Meca: e a efte fertão chamam os mouros a Ilha de Arabia, porque o mar da Perfia volve lá contra o mar Roxo, de maneira, que fica efta terra redonda cercada toda de mar, a faber,

do mar Roxo, e do mar da Persia. He terra muito pequena, e por isso lhe chamam os mouros Ilha de Arabia. Foi toda senhoreada de hum rey, que se chamava o Benjabar, e este teve tres filhos, e por sua morte deixou a terra repartida por todos tres, e que o mais velho se chamasse sempre Benjabar, como o pai, e os dous o reconhecessem por senhor. E este Benjabar tem seu senhorio sobre Fartaque, Dofar, Calayate, e Mascate, e vai confinar com a terra do Xeque de Adem: Os outros dous jazem sobre a ribeira do mar da Persia, e hum delles tinha tomado ao Rey de Ormuz a Ilha de Baharem, onde se pésa o aljofre, que estará cinco dias de navegação da Ilha de Ormuz; e assi lhe tinha tomado Catife, huma Ilha, que o Rey de Ormuz tinha na costa de Arabia. Nesta terra, que estes senhores tem, ha muitos cavalos, que os lavradores criam pera vender: tem muita abastança de trigo, milho, e cevada: tem grandes criações de gado: são grandes caçadores de falcão, que serão do tamanho dos nossos nebris, e tomam com elles humas alimarias mais pequenas que gazelas, e trazem galgos muitos ligeiros pera ajudarem os falcões a tomar estas alimarias.

CAPITULO XXV.

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com João da Nova, e se partio de Mascate pera a Villa de Soar, e o que passou com os regedores da terra.

RECOLHIDO o grande Afonso Dalboquerque ás naos com toda a gente, porque foi certificado que João da Nova tinha determinado de se ir caminho da India

ſem ſua licença, mandou-o chamar á ſua nao, e perante os Capitães, que eſtavam preſentes, lhe diſſe, que tinha ſabido, que elle ſe queria ir caminho da India ſem ſua licença, e deixalo naquella guerra, tendo elle neceſſidade de muitas mais naos, e gente da que trazia comſigo; e mais ſendo a ſua nao Flor dela mar tão poderoſa, que ella só baſtava pera deſtruir toda aquella coſta: que ſua determinação era pôr roſto na Cidade de Ormuz, deixando primeiro todos os lugares della deſtruidos, por lhe não ficarem nenhuns imigos por detrás. E poſto que Afonſo Dalboquerque tinha entendido, que os Capitães eram neſte conſelho de ſe João da Nova ir pera a India, por quão enfadados andavam já da guerra, pedio-lhes que lhe aconſelhaſſem o que niſto devia fazer. Os Capitães lhe diſſeram, que pois ſua determinação era ir a Ormuz, e deſtruir todos os lugares, que não quiſeſſem vir á obediencia delRey de Portugal, que não diziam elles Flor dela mar, mas vinte naos, que ali tivera, todas avia de levar comſigo; e diſſeram iſto, porque dizendo o contrairo, eſtava claro terem-no aconſelhado que ſe foſſe; e com eſte parecer dos Capitães tomou Afonſo Dalboquerque a menage a João da Nova, e mandou-lhe ſob pena do caſo maior que ſe não foſſe, e que o ſeguiſſe ſempre, e elle o ſofreo ſem lhe reſponder nada, porque não eſtava fóra daquella culpa, e diſſo mandou fazer hum aſſento por João Eſtão, e que o notificaſſe ao meſtre, e piloto, e toda a gente da nao, e mandou aos capitães que ſe foſſem pera as naos, e levaſſem ſuas ancoras, e ſe fizeſſem á véla ao longo da coſta, como tinham de coſtume. E indo aſſi, paſſáram por junto de ſeis ilhas deſpovoadas, huma ante outra; e Afonſo Dalboquerque por ſe ſegurar, mandou aos pilotos que ſe foſſem ao mar dellas por ſer de noite, e ao outro dia

pela menhaã ſe chegáram mais a terra, por não deſcorrerem Soar, e os pilotos mouros diſſeram que Soar era mais avante; e ſendo naquella paragem, lhe deu o vento por devante, que lhe foi forçado chegarem-ſe a terra, e ſurgíram duas legoas della, e ali eſtiveram toda aquella noite; e como foi menhaã, víram hum lugar grande, e muito fermoſo. Afonſo Dalboquerque preguntou aos pilotos mouros como ſe chamava aquelle lugar, e elles lhe diſſeram, que era a fortaleza de Soar, e que o não ouſavam de levar a ella por ſer muito forte, e ter muita gente de pé, e de cavalo, e que ſe o ali desbarataſſem, que ſe tornaria a elles: e Afonſo Dalboquerque lhes reſpondeo, que ainda que Soar foſſe muito forte, que ſeria delle o que fora dos outros lugares, e que olhaſſem o que faziam; porque no roteiro, que Omar piloto fizera, tinha os lugares de toda aquella coſta; e que ſe dali por diante paſſaſſem algum, que os avia de mandar lançar todos ao mar com camaras de bombarda ao peſcoço: e mandou levar ancora, e chegou-ſe com toda a armada o mais perto da terra que pode, e por ſer parcel, ſorgíram meia legoa do lugar. Surta toda a armada, veio logo hum mouro da terra com recado a Afonſo Dalboquerque do alcaide da fortaleza, e diſſe-lhe, que aquella fortaleza era do rey de Ormuz, que não fizeſſe fundamento de deſembarcar em terra, e que não cuidaſſe que avia de fazer nella o que fizera nos outros lugares por onde paſſára, porque lho aviam de defender mui differentemente delles. E com eſta rebolaria que o mouro diſſe, começáram em terra fazer moſtra de gente de pé, e de cavalo, tangendo ſuas trombetas, e anafijs, ſem ceſſarem. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que diſſeſſe ao alcaide, que ouveſſe bom conſelho; porque não querendo eſtar á obediencia delRey de Portugal

ſeu senhor, que foſſe certo, que ao outro dia pola menhaã ſeria com elle em terra, e que lhe avia de tomar a fortaleza, e prendelo em ferros. O mouro ſe foi, e não mui contente com eſta repoſta, nem os noſſos o ficáram, vendo hum lugar tão grande, com huma fortaleza muito forte, e tanta gente nella; mas pelo que tinham paſſado nos outros lugares, tiveram confiança em Deos noſſo Senhor os ajudar. Partido o mouro com a repoſta, mandou Afonſo Dalboquerque notificar aos capitães o que paſſára com o mouro, e que ſe fizeſſem preſtes, e levaſſe cada hum ſua eſcada pera ſobir ao muro, e elle mandou fazer preſtes dous tiros pera levar, e muitos machados, enxadas, e alferces, e todo o aparelho que compria pera fazer huma eſtancia forte, donde podeſſe bater a fortaleza; porque não na podendo logo levar nas mãos, eſtiveſſem a tão bom recado, que dali ſe podeſſem recolher aos bateis a ſeu ſalvo; e deu-ſe tanta preſſa niſto, que ao outro dia ao meio dia tiveram tudo preſtes, e embarcado nos bateis. Eſtando pera ſe partirem pera terra, chegáram tres mouros, homens principaes, com recado do alcaide, e regedores da terra pera Afonſo Dalboquerque, e diſſeram-lhe, que elles tinham deſpedido de ſi dous mil homens de cavalo, e cinco mil de pé, que lhe o Benjabar tinha mandado pera os ajudarem a defender de ſua senhoria, e por ſe não fiarem delles, os não quiſeram meter comſigo na fortaleza; e pois o rey de Ormuz lhes não mandava o ſocorro, que lhe mandáram pedir, que elles queriam ſer vaſſalos delRey de Portugal, e o alcaide eſtava preſtes pera lhe entregar a fortaleza. A repoſta, que lhe Afonſo Dalboquerque deu, foi, que diſſeſſem ao alcaide, e regedores, que elle aceitava o lugar, e fortaleza em nome delRey de Portugal ſeu senhor; e que folgava muito de ſe elles

arrependerem do recado, que lhe tinham mandado, pelo pesar que tinha de ser forçado destruir hum lugar tão nobre, como aquelle era; e que isto avia de ser com condição, que lhe pagassem aquelle tributo que fosse rezão. Os mouros ficáram tão assombrados de verem o aparelho, que estava prestes nos bateis pera irem combater o lugar, que não quiseram dilatar o negocio, e disseram-lhe que não era necessario tornarem a terra, que com elles podia fazer qualquer concerto que quisesse, porque pera tudo traziam larga commissão dos regedores, e alcaide da fortaleza.

CAPITULO XXVI.

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou huma bandeira aos regedores de Soar pera se pôr em huma torre da fortaleza em sinal de paz: e o recebimento que lhe fizeram, e o mais que passou.

Como o grande Afonso Dalboquerque desejava que não ouvesse dilação neste negocio, quis logo tomar conclusão com os mouros, dizendo-lhes, que pois queriam ser vassalos delRey de Portugal, e estar á sua obediencia, que lhes queria mandar huma bandeira das suas armas reaes pera a mandarem arvorar na torre da menagem, por sinal que eram seus vassalos; e que seria necessario irem a terra, e dizerem ao alcaide, e regedores do lugar, que se viessem á borda da agoa com todo o povo a recebela, e que elle a mandaria ali levar. Partidos os mouros com esta reposta, mandou Afonso Dalboquerque a Francisco de Tavora, e Afonso Lopez da Costa, que fizessem prestes os seus bateis

muito bem embandeirados, e a ſua gente armada das melhores armas que tiveſſem, pera acompanharem a bandeira, que avia de ir no batel da ſua náo: e disse a D. Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, que ſe fizeſſe preſtes pera ir nelle acompanhando a bandeira até terra, e a Jorge Barreto de Craſto, e Aires de Souſa Chichorro, e Duarte de Souſa de Portalegre pera a levarem com cinco homens bem tratados, que os acompanhaſſem, e João Eſtão, eſcrivão da armada, pera dar fé de tudo: e advertio os capitães, que eſtas peſſoas, que aviam de levar a bandeira, não ſahiſſem em terra, ſem primeiro ficarem nos bateis certos mouros por arrefens, e que na fortaleza não entraſſe ninguem, ſenão aquelles, que tinha ordenado pera a levarem. Poſto tudo neſta ordem, partíram-ſe os capitães, e chegando a terra, pedíram ſeis mouros pera ficarem nos bateis, os quaes lhe logo deram, e Jorge Barreto com os outros de ſua companhia deſembarcáram, e o alcaide, e regedores, que eſtavam na praia eſperando com todo o povo, recebêram a bandeira com grande feſta, e começáram a caminhar, e o alcaide da fortaleza hia diante della muito bem veſtido, com ſua eſpada Turqueſca na cinta, e hum pao na mão, fazendo lugar, dando na gente, que era muita, de huma parte, e da outra; e chegando á porta do caſtelo, entrou Duarte de Souſa com a bandeira, e os mais que tenho dito, e foram-a pôr na torre da menagem, a qual como de noſſas náos foi viſta, atiráram toda a artelharia por feſta. E João Eſtão tomou poſſe por elRey de Portugal do caſtelo, e fechou as portas, ſem ficar nelle ninguem, e de tudo paſſou hum eſtormento. Acabado iſto, vieram-ſe todos a embarcar, e ſoltáram os mouros, que eſtavam por arrefens.

Ao outro dia pola menhaã, mandou o alcaide da for-

taleza pedir licença a Afonſo Dalboquerque pera entrar nella, e que elle eſtaria á obediencia delRey de Portugal, e faria tudo o que elle ordenaſſe. Afonſo Dalboquerque mandou chamar os capitães, e alguns fidalgos, e homens honrados da armada, e deu-lhes conta deſte recado, que o alcaide lhe mandára, pedindo-lhes que lhe diſſeſſem o que faria niſto. Os mais foram de parecer que devia de ſoſter a fortaleza, porque tendo nella hum capitão com gente, teria o pé no peſcoço a toda aquella coſta. Afonſo Dalboquerque lhes reſpondeo, que quando víra aquella fortaleza tão forte, determinára de a ſoſter; mas porque ſua determinação era ir ſobre a cidade de Ormuz, e não tinha náos, nem gente pera poder acudir a huma couſa, e á outra, mudára o conſelho, determinando de a deixar entregue ao alcaide, e ir-ſe, até ver o aſſento que as couſas de Ormuz tomavam; e porque neſte parecer de Afonſo Dalboquerque aſſentáram todos, mandou dizer ao alcaide, que querendo eſtar á obediencia delRey de Portugal, e ſer ſeu vaſſalo, lhe daria aquella fortaleza. O alcaide, porque deſejava tomar conclusão, e tornar a ſer ſenhor da ſua fortaleza, mandou logo hum criado ſeu com recado a Afonſo Dalboquerque, dizendo, que aceitava a mercê que lhe fazia; e que pois aquella fortaleza era delRey de Portugal, e elle tinha alevantada a obediencia ao rey de Ormuz, que mandaſſe dar ordem com que ſe pagaſſe o ſoldo á gente, que ali tinha pera a guardar, porque não lhe pagando, ſe iriam todos. Pareceo juſta a rezão do alcaide a Afonſo Dalboquerque, e que em nenhuma maneira podia deixar de pagar o ſoldo á gente, que ali eſtava, pois não determinava de ſoſter a fortaleza, e mandou chamar os regedores do lugar, e diſſe-lhes, que o tributo, que aviam de pagar em cada hum anno, avia

de ſer ſoldo, e mantimentos pera a gente, que o alcaide avia de ter pera guarda da fortaleza, aſſi como pagavam ao rey de Ormuz, fazendo-lhe huma carta eſcrita em Arabigo, daquelle concerto, aſſinada por elles, e pelo alcaide, e que elle lhes faria outra em nome delRey de Portugal, e aſſellada com o ſelo real das ſuas armas, e com eſtas condições os receberia á obediencia de elRey de Portugal. Os regedores ſe foram a terra, e mandáram ajuntar todo o povo da cidade, e termo, e apreſentáram-lhe iſto que Afonſo Dalboquerque pedia, e todos aſſentáram que ſe fizeſſe tudo o que pediſſe: e ao outro dia pela menhaã lhe mandáram a carta aſſinada per todos, e hum preſente de vacas, carneiros, e galinhas: e elle lhes mandou outra aſſellada com o ſello delRey de Portugal, e ao alcaide, e a dous mouros principaes do lugar algumas couſas de Portugal, e mandou por Gaſpar Rodrigues lingoa viſitar hum capitão do Benjabar, que ali ficára com trinta de cavalo, quando deſpedíram a gente, que viera em ſoccorro da fortaleza pera ver as noſſas naos, e os Portugueſes, e mandou-lhe hum bacio de prata de agua ás mãos, e huma cadea de ouro. Feito iſto, deſpedio-ſe do alcaide, e regedores, e mandou aos capitães que ſe fizeſſem preſtes pera ao outro dia partirem.

A povoação de Soar he mui grande, e mui fermoſa, e de muito boas caſas, tem huma fortaleza quadrada com ſeis torres derredor, e ſobre a porta da fortaleza tem duas mui grandes, o muro he de boa altura, e largo arrezoadamente, eſtá aſſentada junto do mar em huma grande enſeada, que a coſta ali faz, he porto mui aparcelado; eſtavam as noſſas náos ſurtas em ſeis braças, e dali á terra avia grande meia legoa. A fortaleza he tão grande, que lhe são neceſſarios mais de mil homens

pera a defender. Dizem que ſe póde cercar de agoa doce, porque a tem pegada comſigo: o aſſento da fortaleza he muito gracioſo, e de preamar chega a agoa quaſi pegada com o muro: dentro na fortaleza não avia mais caſas que pera a gente que a guardava. As caſas do alcaide eram mui fermoſas, o qual era hum homem principal de Ormuz, que o rey anteceſſor do que então reinava deſtruio, e lançou fóra da cidade por competencias, que teve com hum criado ſeu; porém era hum homem muito eſtimado antre os mouros de cavaleiro. A gente, que podia aver no lugar, ſeriam ſeis mil homens, e dahi pera cima, e cincoenta de cavalo, os mais delles acubertados de cubertas de aceiro, e dellas de humas eſcamas de ferro, aſſentadas a maneira de hum telhado cuberto de azulejos, e são tão fortes, que as não poderá paſſar huma béſta, e as teſteiras dos cavalos tambem são deſta feição: as ſellas são Turqueſcas, hum pouco altas dos arções, e os eſtribos são como os dos Turcos; as eſporas que trazem são humas pontas de ferro, ou de cobre, poſtas em huma chapa pegadas no calcanhar do borzeguim, e ali anda ſempre. Eſte lugar de Soar he mais cavaleiroſo que nenhum deſta coſta: a terra he mais deſabafada de ſerras pera o ſertão que os outros lugares della: tem muito grande termo, e tudo são lavouras de trigo, milho, e cevada, e por a terra ſer groſſa tem grandes criações de gado, e de cavalos. O ſertão deſta terra he do Benjabar, e tem pazes com o rey de Ormuz; e quando alguma hora ha differenças antre elles, e a gente do Benjabar lhe corre, acolhem-ſe logo á fortaleza. Eſta gente do ſertão ſe chama os Badens, e a mór parte de gente de cavalo são archeiros, e alguns trazem lanças, e maças Turqueſcas, e toda a de pé anda nua da cinta pera cima: trazem carapuças

de feltro, lanças, e adargas, os cavalos são mouriſcos, de caſta grande, bem feitos, e corredores: carrega-ſe neſte porto muitas tamaras, e milho.

CAPITULO XXVII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio de Soar, e ſe foi ao longo da coſta direito a Orfação, e de como o tomou.

Despedido o grande Afonſo Dalboquerque do alcaide, e regedores de Soar, ao outro dia pela menhaã ſe fez á véla, e foi-ſe direito a Orfação, e aquella noite ſe fez na volta do mar por ſe afaſtar de huma enſeada grande, que a terra ali faz, e ao outro dia, indo aſſi ao longo da coſta, ouveram viſta de hum zambuco pequeno, que ſahia deſſas quintãs, que jazem ao longo do mar; e vendo-o, mandou Afonſo Dalboquerque os bateis apos elle pera lho tomarem; o zambuco corria tanto á véla que o não poderam alcançar, e perderam-no logo de viſta, e depois ſe ſoube que hia aviſar Orfação da noſſa armada, e dahi fora ſeu caminho via de Ormuz; e indo aſſi todos ao longo da coſta, víram hum lugar muito grande, e os pilotos mouros de Melinde ſe embaraçáram hum pouco no conhecimento da terra; mas o piloto, que Afonſo Dalboquerque tomára em Çocotorá, lhe diſſe, que aquelle lugar era Orfação, e no livro de Omar aſſi ſe chamava. Chegada a noſſa armada diante do lugar, ſurgíram os navios pequenos chegados a terra, e as naos grandes ficáram hum pouco mais de largo, e cada huma dellas ſurgio duas ancoras, por não ſer boa tença; e como foram dentro no porto, os do lugar lhe deram huma moſtra com muita gente de pé, e de cavalo, e

muitos camelos, e avia antre elles grande revolta. Afonſo Dalboquerque mandou aos capitães, que de noite ſe fizeſſem todos preſtes, porque determinava, não ſe vindo os moradores do lugar meter em ſuas mãos, e fazerem-ſe tributarios delRey de Portugal, de dar ao outro dia pela menhaã nelles. Neſte tempo andava a gente da terra, aſſi de cavalo, como de pé, ao longo da praia, dando muitas moſtras de ſi, eſcaramuçando huns com outros, tangendo ſeus atabaques, e dando ſuas gritas acoſtumadas, e ora faziam moſtra que lançavam huma almadia ao mar, e outra vez tornavam-na a tirar pera terra, e os camelos não faziam ſenão ſair pela porta da villa carregados de fato pera o ſertão, e aſſi paſſáram todo eſte dia até noite, ſem ninguem vir da terra ás naos. Como ſe a noite cerrou, mandou Afonſo Dalboquerque aviſar os capitães, que como ouviſſem tocar o ſeu atambor, ſe fizeſſem todos preſtes, e aparelhaſſem ſeus bateis; e ſendo duas horas depois da meia noite pelos eſpertar, mandou fazer ſinal, e os capitães, como eſtavam preſtes, vieram-ſe logo a bordo da náo capitaina; e chegando a ella, começou de amanhecer, e dali partíram todos em ordem muito concertados direitos ao lugar, no qual avia muita gente, e huma parte della eſtava no muro, que vai pera o ſertão, e outra muita em huma ſerra, que eſtá ſobre a villa, e alguma de pé, e de cavalo andava ao longo da praia. Os noſſos, como chegáram, começáram-lhes logo átirar com as bombardas, que levavam nos bateis. Os mouros receoſos dos noſſos tiros, deixáram a praia, e recolhêram-ſe á villa; e como a praia foi deſpejada, deſembarcou a noſſa gente, e fizeram-ſe em duas batalhas: na dianteira hia Franciſco de Tavora, Afonſo Lopez da Coſta, e João da Nova com alguns fidalgos, e cavaleiros da armada; e

Afonſo Dalboquerque com os outros capitães, e toda a mais gente em outra; e em chegando, deram no lugar por duas partes, e na ſua batalha era Antonio de Noronha ſeu ſobrinho na dianteira, que foi ſeguindo o alcance aos mouros até os meter por huma porta; e como foram dentro, deixáram o poſtigo aberto, e poſeram-ſe com os noſſos ás lançadas. E eſtando niſto, chegou Afonſo Dalboquerque, e vendo D. Antonio de Noronha á porta, diſſe-lhe: *Ah ſobrinho, que vergonha he eſta, inda vós aqui eſtais?* e em lhe dizendo iſto, cobrio-ſe com a adarga, e entrou pelo poſtigo dentro ás cutiladas com os mouros, e pôs as coſtas na porta, e defendeo-a té que os noſſos entráram de roldão com elles, e ali matáram muitos. Franciſco de Tavora com os outros capitães a eſte tempo entráram pela outra parte do lugar per força, onde matáram muitos mouros, os quaes como ſe víram atalhados de huma parte, e da outra já deſbaratados, poſeram-ſe em fugida, e os noſſos lhe foram ſeguindo o alcance. E Afonſo Lopes da Coſta com a ſua gente na dianteira, e Antonio do Campo apos elle ſeguiam os mouros por huma ſerra arriba, em que elles cuidavam que tinham ſua ſalvação, por amor das pedras, com que ſe podiam ajudar; mas os capitães hiam tão pegados com elles, que por não fazerem mal aos ſeus, deixáram de o fazer aos noſſos; e porque a noſſa gente ſe hia engodando com os mouros, acodio Afonſo Dalboquerque com a gente, que comſigo tinha, e foi-os recolher, e tornou-ſe outra vez a fazer em corpo dentro no lugar (que já eſtava deſpejado,) e em chegando, vio ſair hum golpe de mouros pela porta da cerca da villa, e mandou a Franciſco de Tavora que lhe foſſe tomar a dianteira; e elle com todos os outros capitães, e gente foi-lhe dando coſtas. E paſſando hum palmar, que eſtá

logo na ſaida do lugar, alcançou Franciſco de Tavora alguma gente daquella, que hia fogindo, e não deo vida a ninguem, e tornou-ſe a recolher pera onde Afonſo Dalboquerque eſtava, como lhe tinha mandado. Recolhido Franciſco de Tavora, vendo Afonſo Dalboquerque que todavia os mouros hiam de vagar, e como gente canſada não podiam andar, mandou a D. Antonio de Noronha com oitenta homens, parte delles béſteiros, e eſpingardeiros, que os ſeguiſſe, e apertaſſe rijo com elles, porque poderia ſer que lhe ficaſſe todo o deſpojo, que levavam nas mãos, e que elle eſtaria á ſua viſta, porque ſe foſſe neceſſario ſocorrelo, que o faria; e porque os mouros hiam longe, foi-os D. Antonio ſeguindo mais de preſſa, e em pouco eſpaço chegáram á gente de pé: os de cavalo como víram os noſſos pegados com os ſeus, que hião a pé, fizeram volta pera os ſalvarem, e ás frechadas feríram alguns, antre os quaes foi Antonio Vogado criado do Condeſtabre, que ouve huma frechada no roſto. Os mouros de cavalo como ſe víram maltratados dos noſſos béſteiros, e eſpingardeiros, deixáram a companhia que levavam, e poſeram-ſe em fogida, e não ouſáram mais de volver; e neſte eſpaço, que a noſſa gente andou ás lançadas com os mouros de cavalo, tiveram os de pé tempo pera ſe alongarem delles hum bom pedaço, e D. Antonio os tornou outra vez a ſeguir; e chegando a elles, poſeram-lhes as lanças, e matáram muitos, cativáram molheres, e meninos, e tomáram-lhes todo o deſpojo que levavam. Afonſo Dalboquerque vendo que D. Antonio ſe hia deſmandando, e não era tempo pera ir mais avante, por a noſſa gente ir muito canſada, mandou-lhe recado que ſe tiveſſe, e que ſe recolheſſe pera onde elle eſtava. E neſta companhia de D. Antonio eram João Eſtão, Antonio de Sá, Pedralvares, Nuno

Vaz de Caſtelo-branco, Antonio Fragoſo, Aires de Souſa Chichorro, Fernão Soarez, Lizuarte de Freitas, Antonio de Lis, João Teixeira, Antonio da Coſta, Joane Mendez, e João Coelho, todos cavaleiros honrados, que naquelle tempo não viviam com ElRey, e queriam antes merecelo por ſeus ſerviços, que por ſeus pais, nem avós, e outros muitos, que aquelle dia pelejáram muito valeroſamente; e como foram todos juntos, mandou Afonſo Dalboquerque recolher todo o gado, que andava no campo, e os capitães que tomaſſem ſuas eſtancias no muro pera guardarem o lugar, até ſe recolherem os mantimentos, de que tinham muita neceſſidade. E eſtando aſſi todos em ſuas eſtancias, vieram muitos mouros por aquelle cabo da ſerra, que vinha ter ſobre o muro, onde Antonio do Campo tinha a ſua eſtancia, tirando pedras com fundas, e muitas frechas; e porque era lugar, onde os noſſos não podiam ir, por ſer huma ſerra ingrime, mandou Afonſo Dalboquerque trazer das naos cinco tiros de artelharia, e mandou-os aſſeſtar na torre, que eſtava pegada com a eſtancia de Antonio do Campo, e dali começáram átirar aos mouros, que eſtavam defronte em chapa, e matáram quatro, ou cinco, os quaes como ſe víram maltratados da artilharia, e não tinham nenhum emparo na ſerra, que os defendeſſe dos tiros, recolhêram-ſe, e recolhidos, tornáram outros muitos pela outra banda da ſerra, e foram-ſe pôr ſobre os poços, que eſtavam fóra da villa, e dali lançavam galgas á noſſa gente, que andava fazendo aguada. Os béſteiros, e eſpingardeiros, que eſtavam á porta da villa em guarda dos que andavam acarretando agoa pera as náos, começáram-lhes de atirar, e derribaram tres, ou quatro: os mouros como ſe víram apertados, recolhêram-ſe aquelle dia, e não vieram mais, e ao outro pela menhaã vieram

tres mouros de cavalo com huma bandeira branca perto do lugar, pedindo feguro aos noffos, que queriam falar com o capitão daquella armada; e parece que não queriam nada, porque depois que lhe deram feguro, não vieram mais.

Como fe Afonfo Dalboquerque vio fóra deftes fobrefaltos, e que os mouros eram recolhidos, mandou repartir pelas naos todos os mancebos, que fe ali tomáram pera trabalhar, e com elles começáram todos os capitães a recolher os mantimentos, que fe ali acháram, que eram poucos; e aos mouros velhos, que não aproveitavam pera trabalho, mandou cortar as orelhas, e os narizes, e foltalos, porque defte ferro ficavam affinalados todos aquelles, a que fe dava vida; e antre eftes mouros, que nefte lugar foram cativos, tomou Nuno Vaz de Caftelo-branco hum, que achou em huma cafa, que por fua muita velhice não pode fugir; e porque em feus trajos lhe pareceo homem honrado, não o quis matar, e trouxe-o a Afonfo Dalboquerque, o qual fe lançou aos feus pés, e elle o mandou levantar, perguntando-lhe que homem era? O mouro lhe diffe, que era hum dos tres governadores daquelle lugar, e por fer muito velho, e não poder andar, feus filhos, por falvarem as vidas, o deixáram no campo, e fe foram, e elle por efcapar á furia da fua gente, não quifera aguardar no campo, e fe tornára a aquella cafa, onde aquelle cavaleiro o achára. Afonfo Dalboquerque lhe perguntou pelas coufas de Ormuz, e elle lhe deu larga enformação dellas, e contou-lhe muitas coufas antiguas daquelle reyno, porque era muito velho, e muito lido: e louvou muito o esforço dos Portuguefes, e diffe-lhe que verdadeiramente não lhe podia negar que eram pera conquiftar todo o mundo; porque lendo elle a vida de Alexandre, que aquella

terra conquiſtára, não achára que a ſua gente tiveſſe nenhuma ventage á Portugueſa. Afonſo Dalboquerque eſpantado do mouro dizer que lêra a vida de Alexandre, perguntou-lhe onde a lêra, porque elle tambem era lido, e muito affeiçoado a ſuas couſas. O mouro tirou hum livro do ceio eſcrito em Parſe, enquadernado em veludo carmeſim ao ſeu modo, e deu-lho, que Afonſo Dalboquerque mais eſtimou que quantas couſas lhe podéra dar, e ouve-o por bom pronoſtico pera a determinação, que levava pera conquistar Ormuz: e mandou dar a eſte mouro hum veſtido de eſcarlata, e outras couſas de Portugal, com que ficou muito contente, e muito mais de ſe ver livre com ſuas orelhas, e narizes. Neſte porto ſe não acháram nenhumas naos da terra, nem eſtrangeiras, porque fugíram todas, tanto que ſouberam novas da noſſa armada, e os mercadores Guzarates tambem ſe foram pelo eſtreito da Perſia dentro, com ſuas caſas, e fazendas; e todas aquellas noites, que os noſſos dormíram no lugar, lhes deram os mouros tantos rebates, que eſtavam mortos de canſados; e porém tinham tal vigia em ſi, que ainda que foram dez mil, os não podéram entrar. E tendo já os capitães tomado agoa em abaſtança, porque não ſabiam ſe a poderiam tão cedo aver pela falta que della avia em Ormuz, mandou-lhes Afonſo Dalboquerque que se recolheſſem ás naos, e que cada hum por ſeu cabo poſeſſe fogo ao lugar, e como o fogo começou a tomar poſſe, não ficou caſa, nem edificio que tudo não vieſſe ao chão. Eſtando todos juntos na praia, embarcáram-ſe, dando muitas graças a Noſſo Senhor pela mercê que lhes tinha feito.

Orfação he huma villa grande do reyno de Ormuz de muito boas caſas: he mui forte da banda do ſertão, e a cauſa diſto era, porque ſe temia mais da terra que

do mar: viviam nella muitos mercadores Guzarates honrados: jaz ao pé de huma ſerra muito alta, e da banda do ſertão tem hum muro muito forte, que vem entrar no mar, e dous ilheos dentro no porto, que o fazem muito bom: tem muitas quintãs no ſertão, de casas muito boas: muitas larangeiras, limoeiros, zamboeiras, figueiras, palmeiras, e toda a maneira de ortaliça, e muitos poços de agoa, com que a régão: pelos campos muitos raſtolhos de trigo, como o de Portugal, muitas milharadas. Tinham muitos barcos de peſcár, e muitas redes, que tudo foi queimado: avia na villa grandes eſtrebarias pera cavalos: muitos palheiros de palha pera elles, porque neſte porto ha grande carregação pera a India. A terra he temperada, e de bons ares; e paſſada eſta ſerra, que tem ſobre o lugar, tudo dali por diante são grandes campos de lavouras, e criações, e todo aquelle ſertão he ſenhorio do Benjabar, como os outros.

CAPITULO XXVIII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio de Orfação pera Ormuz: e o que paſſou com os Capitães, chegando á vista da Cidade.

EMBARCADO o grande Afonſo Dalboquerque, ao outro dia pela menhãa mandou fazer ſinal aos capitães pera levarem suas ancoras, e ſe fazerem á vela; e indo aſſi todos com o terrenho, deu-lhes huma torvoada da terra, com que o vento ficou calma; e porque as agoas corriam muito pera huma enſeada, que a terra ali faz, tornou a armada toda a ſorgir, e com eſta torvoada choveo tanta agoa por eſpaço de duas horas, que por

as naos trazerem as cubertas abertas da quentura do Sol, entrou a agoa dentro, e danou alguns mantimentos, e eſtiveram ali aquella noite, e ao outro dia pela menhãa tornou o vento á terra, e fizeram ſeu caminho acoſtumado ao longo da coſta; e paſſados dous dias, chegáram ao cabo de Macinde, e dobrado o cabo, hum dia á tarde ouveram viſta de duas ilhas pequenas deſpovoadas, que jazem em eſte caminho de Ormuz; e ſendo tanto avante, como ellas, diſſe hum mouro piloto a Afonſo Dalboquerque, (o qual tomára em Orfação, e traziam comſigo pera o levar a Ormuz), que mandaſſe tomar as vélas ás náos, e foſſem todos com os traquetes no mais, porque aquella noite ſeriam com a Ilha de Ormuz. Eſte mouro lhe contou, depois de ſe ver no mar, que avia dez dias que viera da cidade de Ormuz, e que o Rey ſabia já da sua ida, e que tinha huma grande armada pera pelejar com elle, e que em a cidade avia muita gente, e muitos aparelhos de guerra. Afonſo Dalboquerque não ficou contente deſta nova, e diſſe ao mouro, que daquillo que lhe diſſera, não déſſe conta a ninguem. Os outros pilotos mouros, que Afonso Dalboquerque trouxera de Melinde, diſſeram-lhe que foſſe como hia, e não tiraſſe as vélas, porque tirando-as, até o outro dia não averia viſta da Ilha de Ormuz. Afonſo Dalboquerque pareceo-lhe bem o conſelho deſtes pilotos, e mandou ir a armada com todas as vélas como hia até a meia noite, que mandou tirar hum tiro, e fazer quatro fogos, que era ſinal pera amainar, e todos tomáram as vélas grandes, e contramezenas; e porque o mar era bonança, e o vento largo, deixáram-ſe aſſi ir com os traquetes até o quarto dalva, que mandou lançar prumo, e achou-se em vinte e cinco braças, e com iſto fez ſinal ás outras náos pera ſaberem que eram

em ſonda, e todos mandáram lançar prumos ao mar, e acháram o meſmo, e com elles ſe deixáram ir até as duas horas ante menhãa, que ſintíram o ar da terra, e dali a pouco ſe começou alua a levantar, e víram a terra clara. Afonſo Dalboquerque perguntou aos pilotos ſe era aquella a Ilha de Ormuz, que tinham por devante; e porque o ar era ainda pardo, não ſouberam ſe era a Ilha de Ormuz, ſe a de Lara, ou ſe a de Queixome, porque todas tres eſtam em triangulo; e ſendo já menhãa clara, conhecêram ſer a Ilha de Ormuz, e as outras duas eſtavam á viſta; e porque o fundo hia míngoando de cada vez mais, Afonſo Dalboquerque se agaſtou com os pilotos, e elles lhe diſſeram, que se não espantaſſe do fundo ir mingoando, porque era parcel, e avia de ir ſorgir no porto em cinco braças; e porque ao ſair do sol eram já pegados com a Ilha, veio Afonſo Dalboquerque á fala com os capitães, e diſſe-lhes, que ſe deixaſſem ir ao longo della, e que embandeiraſſem todas as náos, e fizeſſem preſtes toda a artelharia, e muitas arrombadas, e a gente foſſe toda armada, porque ſocedendo alguma couſa ao dobrar da ponta, donde ſe via toda a Cidade, não os tomaſſem deſapercebidos: e todos ſe foram fazendo prestes devagar, e dobráram a ponta da Ilha todas as náos, humas diante das outras em ordem.

Dobrada a ponta, como os capitães víram a grandeza da cidade, e a muita gente de cavalo, que acodio á praia, e muitas náos no porto muito bem apercebidas de gente, e artelharia, ficaram aſſombrados, e com o aſſombramento que tinham, deixáram-se ir ao longo da nao de Afonſo Dalboquerque, e diſſeram-lhe que olhaſſe o em que ſe metia, porque aquella Cidade não era como os outros lugares que tinha deſtroidos, porque em terra

parecia muita gente, e as naos eram muitas, e bem armadas, e que lhe parecia que ſeria inda muito mais do que viam, pois avia muitos dias, que em Ormuz se ſabia a nova da ſua vinda: que devia de aver bom conſelho naquelle negocio, e não se determinar nelle só per ſi, ſem parecer de todos. Afonſo Dalboquerque, porque avia dias que andava enfadado das ſuas couſas, reſpondeo-lhes, que lhes confeſſava que aquelle negocio era muito grande, e muito pera arrecear; mas que elles eram já metidos em lugar, que lhes compria mais boa determinação que bom conſelho, e não quis ter mais praticas com elles ſobre iſſo, e mandou a Manuel Telez, e a Afonſo Lopez da Coſta que deſſem ás vélas grandes, e foſſem com os prumos nas mãos; e que ſe o fundo não mingoaſſe de cinco braças, como lhe os pilotos tinham dito, foſſem ſorgir junto com as naos dos mouros, e que elle com os outros capitães os iriam seguindo: e aſſi foram todos ſorgir pegado com as naos dos mouros: os navios pequenos da banda da terra, e as naos grandes da banda do mar. E porque o navio de Antonio do Campo era pequeno, mandou-lhe que ſorgiſſe junto delle, e déſſe hum cabo á sua nao: e diſſe ao ſeu meſtre, que lhe foſſe ſorgir huma ancora boia com boia de huma nao, que eſtava junto com a ſua, a qual era a maior que avia naquella armada; e como a armada toda foi ſurta, mandou ſalvar a cidade com toda a artelharia; e porque era já sol poſto, não ouve mais tempo aquelle dia, que para ſe amarrarem muito bem, e toda aquella noite eſtiveram em vigia. As gritas dos mouros, e os tangeres dos atabaques, e anaſis eram tantos, que não avia homem, que se entendeſſe hum com outro.

CAPITULO XXIX.

Da armada, que o rey de Ormuz tinha no porto, e como eſtava concertada, e dos recados, que ouve antre elle, e o grande Afonſo Dalboquerque.

Como avia dias, que o rey tinha ſabido novas certas da noſſa armada, e a deſtroição que o grande Afonſo Dalboquerque vinha fazendo nos lugares de toda aquella coſta, começou-se fazer preſtes pera pelejar com elle: e pera iſto mandou arreſtar todas as naos, que ao porto de Ormuz vinham, e ajuntou huma copia de ſeſſenta grandes, nas quaes mandou meter muita gente de guerra, e artelharia, e tudo o mais que era neceſſario pera tal feito; e antre eſtas naos grandes avia huma do rey de Cambaya, que ſe chamava a náo Meri, que ſeria de mil toneis, com muita gente, e artelharia, e todas as mais couſas neceſſarias pera ſua defenſão: e outra do principe de Cambaya de ſeiscentos toneis, aparelhada de maneira, que não tivesse neceſſidade dos almazens do Rey: e a fóra eſtas náos averia no porto duzentos galeões, que são huns navios compridos, que vogam muitos remos, e não muito grandes, e eſtavam aparelhados com duas bombardas groſſas por proa, e arrombadas de ſacas de algodão, tão altas, que não pareciam os remeiros: avia tambem muitas terradas, (que são como barcas de Alcouchete), cheas de artelharia miuda, e gente armada de laudeis, e armas brancas, e a mais della archeiros: toda esta armada eſtava embandeirada de eſtandartes, e bandeiras de cores, que era couſa fermosa pera ver. As náos grandes eſtavam

da banda do mar, os galeões, e terradas da banda da cidade, com as proas nas popas huns dos outros: e nesta ordem tinham cercada toda a nossa armada: e na terra ao longo da praia averia, ao parecer de todos, quinze, ou vinte mil homens, gente muito luzida, e muitos delles a cavalo, tangendo suas trombetas, e anafis; as gritas no mar, e na terra eram tamanhas, que parecia que se fundia o mundo. Vendo Afonso Dalboquerque esta ordem, em que os mouros tinham a sua armada, e que o seu desenho era pelejar, mandou chamar os capitães, e perguntou-lhes o que faria, e por onde começaria primeiro, porque sua determinação, com ajuda de Nosso Senhor, era pelejar com aquella armada, por maior que fosse, e aventurar a vida, e tudo o mais pela honra, e credito delRey de Portugal seu Senhor: e por isso lhes não perguntava se o faria, senão como o faria: e posto que antre os capitães, e a outra gente ouvesse muitas differenças, por se verem com pequena armada cercados de tantas naos, espantados tambem da grandeza da cidade, e da muita gente, que avia nella, que os não deixava tomar verdadeiro conselho do que aviam de fazer; com tudo assentáram de pelejar, e que primeiro tivessem fala do rey pera saberem sua determinação. Com este parecer dos capitães, mandou Afonso Dalboquerque Gaspar Rodrigues lingoa no esquife, pedir ao capitão da nao Meri, que tinha mais perto de si, hum homem pera mandar hum recado ao rey: o Capitão lhe mandou dous, e offrecer tudo o mais que ouvesse mister. E por elles mandou Afonfo Dalboquerque dizer ao rey, que elle viera ali com aquella armada delRey de Portugal com desejos de o servir; e pelo alvoroço, que via na gente daquellas suas naos, queria saber se avia de aver antre elles paz, ou guerra. Dado

efte recado ao rey, mandou logo com a repofta hum mouro Armenio de nação, que fe chamava Cogebeirame, o qual entrando na nao achou Afonfo Dalboquerque, e todos os Capitães, e Fidalgos armados, aſſentados na tolda em bancos cubertos de alcatifas, e toda a outra gente da nao armada; e depois de fazer fua cortefia, (hum pouco torvado), lhe diſſe: *Senhor Capitão, o rey de Ormuz ouvio o teu recado, e quer ſaber de ti que queres, e que vens bufcar a efte feu porto?* Afonfo Dalboquerque lhe refpondeo: *Dize ao rey de Ormuz, que ElRey D. Manuel Rey de Portugal, e Senhor das Indias, defejando muito fua amizade, me mandou a efte feu porto pera o fervir com efta armada; que fe elle quifer fer feu vaſſalo, e pagar-lhe tributo, que farei com elle pazes, e o fervirei em tudo o que me mandar contra feus imigos; e fenão quifer, faiba que lhe ei de deftruir toda efta armada, em que tem fua confiança, e tomar-lhe a Cidade por força de armas.* E com efta repofta defpedio Cogebeirame, a qual foi mui eftranhada dos Capitães, e diſſerão-lhe algumas coufas a maneira de o quererem reprender, de refponder tão afpero ao rey, em tempo que era neceſſario ter com elle muitos comprimentos. Afonfo Dalboquerque com aquelle animo invencivel que tinha, diſſe-lhes: *Eu, fenhores, não fou homem pera acabar hum feito tão grande, como efte, com diſſimulações, e moralidades; mas como cavaleiro, e grande capitão executar as obrigações de meu regimento, como por ElRey Noſſo Senhor me he mandado, e por iſſo a fortuna fe poderá acoftar a qualquer parte que quifer, mas eu efpero na paixão de Jefus Chrifto, em que tenho toda minha confiança, de quebrar a cabeça a eftes Mouros, e fazer o feu Rey tributario delRey*

Noſſo Senhor, ou me hão de levar a cabeça nas mãos; e eſte he o melhor, e mais são conſelho, que em tal caso, e tempo podemos tomar, pois eſtamos em lugar, que ſe não póde fazer outra couſa, e cada hum se vá pera a ſua nao fazer preſtes; e ouvindo hum tiro de bombarda, acuda, e faça o que me vir fazer. Cogebeirame chegou a terra, e contou ao rey tudo o que paſſára com Afonſo Dalboquerque, e como o achára. E o rey mandou logo chamar Cogeatar, e todos os Governadores da cidade, e diſſe-lhes a repoſta, que lhe Cogebeirame trouxera, e o mais que lhe contára. Cogeatar, como era o principal no governo, e ſobre quem carregava tudo, diſſe, que o conſelho, que naquelle negocio ſe avia de tomar, era dilatar o tempo o mais que podeſſem, até lhe vir a armada, e gente, que mandára vir de terra firme, que não podia tardar mais que até o outro dia, porque já tinha recado que eſtava da outra banda: e que ſe não eſpantaſſem da repoſta chea de ſoberba, que o Capitão mór daquella armada dera a Cogebeirame, porque era fazer das tripas coração, e que elle eſperava de tomar todos os Portugueſes, que ali estavam vivos, pera com elles fazer guerra a ſeus vizinhos. Eſte conſelho de Cogeatar pareceo bem a todos os governadores; porque, ſegundo as muitas náos, e gente que tinham, aviam por grande doudice quererem os noſſos pelejar com elles. O rey tornou a mandar Cogebeirame, que diſſeſſe a Afonſo Dalboquerque, que elle folgava muito com ſua vinda pelos deſejos, que tinha de ter amizade com El-Rey de Portugal: e pois ſua determinação era vir áquelle porto, e aſſentar paz, e amizade com elle, pera que lhe deſtruhia os ſeus lugares, que tinha por toda aquella coſta, matando quanta gente nelles achava; e que ſe dos regedores delles tinha recebido agravo, que a elle

ouvera de pedir a emenda diſſo, e não deſtruilos: e que quanto era ao tributo, que lhe mandava pedir, que elle falaria com os ſeus governadores, e officiaes de ſua fazenda, e do que aſſentaſſe, lhe mandaria a repoſta. Chegado Cogebeirame com eſte recado, Afonſo Dalboquerque mandou logo chamar os capitães, e diſſe-lhes, que elles por muitas vezes ſe queixavam por detrás delle, que lhe não dava conta das couſas que fazia, que agora tinham tempo pera o aconſelharem, e pera o reprenderem; porque a repoſta, que lhe o Rey mandava, parecia mais diſſimulação, que querer-lhe dar o que lhe pedia, pois ſe lembrava dos males, que os ſeus lugares tinham recebido delles. Os capitães lhe reſpondêram, que de ſe elles aqueixarem tinham muita rezão, porque ſua vinda a Ormuz não fora por ſeu conſelho, nem por ſua vontade; mas pois já ali eſtavam, devia de ter alguma maneira de concerto com o rey; porque, ſegundo a muita gente, e armada que elle tinha naquelle porto, não duvidavam pôr-ſe em ventura de ſe perderem todos: e pois as couſas ſe podiam fazer sem trabalho, que lhe pediam muito por mercê, que eſcuſaſſe quanto podeſſe telo. Afonſo Dalboquerque lhes diſſe, que elle não vinha ali a rogar o rey de Ormuz, ſenão fazer-lhe guerra, não querendo eſtar á obediencia delRey de Portugal, e que avia tres dias que ali eſtavam; e todo o mais tempo que estiveſſem ſem alguma determinação, era moſtrar claramente fraqueza. Paſſada eſta prática, que teve com os capitães, diſſe a Cogebeirame, que diſſeſſe ao rey, que elle folgava muito da paz, que queria ter com ElRey de Portugal ſeu Senhor, porque lhe vinha muito bem tela; mas que iſto avia de ſer conclusão, e não palavras; e que quanto era ao que dizia, que lhe fizera ſem rezão de lhe queimar os ſeus

lugares e deſtruilos, que a culpa fora dos ſeus capitães, que ſe quiſeram tomar com elle; porque primeiro que lhe elle fizeſſe a guerra, trabalhára muito por a paz, e que a prova diſto era Soar, e Calayate, que elle não deſtrohio, porque os capitães quiſeram paz. Cogebeirame tornou com esta repoſta; e porque o fundamento de Cogeatar era dilatar eſte negocio, como eſtá dito, tornou logo a mandar Cogebeirame, pedindo a Afonso Dalboquerque, que ſe não agaſtaſſe por alguma dilação que podia aver; porque pagar o rey tributo não ſe podia conceder ſem conſelho, e parecer de todos os ſenhores do ſeu reyno, por não haver depois dúvidas no pagar delle, e que a ſua gente podia ir ſegura a terra tomar refreſco, e tudo o mais que quiſeſſe. E fazia iſto a fim de ſaber pelos Portugueses que gente podia aver na noſſa armada, porque eſtava eſpantado do que lhe Cogebeirame dizia que víra na náo de Afonso Dalboquerque; e porq̃ue elle hia entendendo de cada vez mais que eram manhas de Cogeatar, diſſe a Cogebeirame, que lhe diſſeſſe, que elle avia tres dias que ali eſtava ſem ver repoſta do rey, que pareceſſe conclusão: que lhe pedia por mercê, que ouveſſe bom conſelho, e que até o outro dia pela menhaã lhe mandaſſe dizer o que determinava de fazer; porque não vendo repoſta ſua, lhe prometia de lhe deſtroir a ſua armada, e apos iſſo tomar-lhe a cidade por força de armas. E mandou aos Capitães que ſe foſſem pera as náos fazer preſtes, e que ouvindo hum tiro de artilharia, fizeſſem o que lhe viſſem fazer.

CAPITULO XXX

De como e grande Afonfo Dalboquerque, vendo que tardava a repofta, foi cometer a armada, que eftava no porto de Ormuz, e a desbaratou.

Posto que os capitães não ficáram muito contentes da repofta, que Afonſo Dalboquerque mandou ao rey, com tudo chegados ás náos, fizeram-ſe preftes com ſua artelharia, e arrombadas, eſperando o final, que lhes tinha dado. Os mouros receoſos da converſação das noſſas náos, foram-ſe alando as amarras, que tinham da banda da cidade, por ſe afaftarem dellas. Afonſo Dalboquerque como eftava em viſta de tudo o que se fazia, mandou logo recado aos capitães, que nos bateis com gente armada emendaſſem ſuas amarras, e as foſſem portar boia com boia das náos dos mouros, que ſe afaſtavam. Os capitães, (posto que aſſombrados do perigo, em que ſe viam); como valeroſos, e esforçados cavaleiros o poſeram por obra, e o meſtre da náo capitaina com cincoenta homens armados foi portar huma ancora na gorja da náo Meri. O capitão da náo, que ſabia a cauſa da dilação do rey, vendo a mudança das noſſas naos, bradou da popa a Afonſo Dalboquerque, que ſe não agaſtaſſe, que logo viria recado. E não devem ter menos louvor os meſtres, pilotos, e gente do mar, pois não ſendo eſta ſua profiſsão, armados de todas as armas, com muito esforço, e diligencia faziam o que lhes ſeus capitães mandavam. Vendo Afonſo Dalboquerque o brandir das eſpadas, e capear com as adargas, e outras couſas, que os mouros de terra fa-

ziam, como gente, que o não tinham em conta, entendendo por eſtes ademanes que a determinação do Cogeatar era dar-lhe batalha, e que não era já tempo de diſſimular, por eſtarem metidos em lugar, que lhes convinha buſcar o remedio por ſuas mãos, determinou de cometer os imigos antes, que lhe vieſſe o ſocorro que eſperavam, e pos-ſe em ordem pera o outro dia, não vindo recado, cometer a armada, e repartio as eſtancias da ſua náo por D. Antonio ſeu ſobrinho, e por Jorge Barreto de Crasto, D. Jeronymo de Lima, e D. João de Lima, com todos os mais fidalgos, e criados del-Rey, que avia na náo: e mandou a Nuno Vaz de Caſtelobranco que tiveſſe cuidado de fazer carregar a artelharia, e da guarda da polvora, e aviſou os capitães das outras náos que guardaſſem eſta ordem, e que eſtiveſſem preſtes, e fizeſſem o que lhe viſſem fazer. Como foi menhaã, vendo Afonſo Dalboquerque que não vinha recado do rey, e que eſta dilação deſenhava quererem guerra, e não paz, mandou pôr fogo á artelharia. Os bombardeiros ordenáram-ſe de maneira, que dos primeiros tiros metêram duas naos groſſas, que tinham diante, no fundo com toda a gente, huma do principe de Cambaya, e outra de Meliquiaz de Diu. Afonso Lopez da Coſta, que ficava da banda da terra, desbaratou, e meteo no fundo alguma parte dos galeões, e atalaias, que a ſua artelharia alcançou. Manuel Telez, depois de ter ſeito grande eſtrago em alguns navios, mandou alargar o cabo, que tinha da banda do mar, e veio-ſe ſobre huma nao grande, que tinha junto comſigo, e matou-lhe parte da gente, e a outra lançou-ſe ao mar, e os que hiam armados foram-ſe logo ao fundo; e João da Nova com ſua artelharia fez grande eſtrago nas naos, que eſtavam da banda do cerame, e o meſmo

fizeram Antonio do Campo, e Francifco de Tavora nos galeões, que os tinham cercados, que toda a noite andáram emendando fuas ancoras pera os tomarem no meio; e ainda que os mouros trabalhavam de fe vingarem com a fua artilharia, eftavam as noffas naos tão fortificadas das arrombadas, que não lhes fizeram nojo, fenão nas obras mortas, e com as frechas lhes feríram alguma gente. Foi a peleja tão travada de huma parte, e da outra, affi da artelharia, como das frechas, que durou muito efpaço, fem fe verem huns aos outros com o fumo. Afonfo Dalboquerque em defcobrindo a fumaça, mandou com grande preffa alargar hum cabo, que tinha da banda do mar, e deixou-fe vir fobre a náo Meri, e matou-lhe muita gente com as efpingardas, e béftas, e ali morreo o capitão, (que era hum homem principal de Cambaya), e vendo o desbarato da armada do rey, e a vitoria não penfada, que lhe Noffo Senhor moftrava, e que os mouros fe lançavam ao mar com medo da noffa artelharia, cuidando que ali tinham feu remedio a nado, pelos reprimir alargou-se da náo, e D. Antonio com elle no feu efquife, e bradou aos capitães, que acodiffem aos bateis, e feguiffem a vitoria. E o primeiro capitão, que veio ter com elle, foi Manuel Telez; e por o seu batel fer mais leve do remo, meteo-fe nelle com fua bandeira real (que hoge eftá em N. Senhora da Graça), e foi-fe pôr á vista dos noffos no meio da armada dos Mouros, pera dali acodir aonde foffe neceffario, e dar ordem aos capitães do que aviam de fazer, e ali efteve fem fe bolir, bem fervido de frechadas, e efpingardadas, e mandou a Jorge Barreto de Crafto que fe meteffe no feu batel, e Jorge da Silveira, Aires de Soufa Chichorro, Duarte de Soufa, Nicolao de Andrade, Nuno Vaz de Caftelo-branco, e outros muitos

fidalgos, e criados delRey com elle, que foſſem cometer a náo Meri; e ſe ainda ouveſſe gente nella, que a trouxeſſe toda á espada, ſem dar vida a ninguem. Jorge Barreto foi cometer a nao, e os primeiros que entráram foi Gaſpar Diaz de Alcacere do Sal, e á entrada lhe cortáram a mão direita, que logo ali ficou com a eſpada apertada, ao qual Afonſo Dalboquerque deu de ſua fazenda em ſua vida dez mil reaes de tença: e após elle entrou João Eſtão, Eſcrivão da armada, que o defendeo que o não mataſſem, e Pero Gonçalvez piloto, que ouve ali duas cotiladas mui grandes (de que eſteve á morte), e Nuno Vaz de Caſtelo-branco, que com huma béſta ferio, e matou muitos mouros, até que não teve almazem, e apos eſtes entráram todos os outros, que hiam com Jorge Barreto, e tres marinheiros da nao Capitaina; e juntos todos, pelejáram com tanto esforço, que de ſeſſenta mouros, que ficáram na nao, ſem ſe quererem lançar ao mar, foram todos mortos, e eſtirados por eſſe convés, e a náo ficou aſſi com a gente, que lhe Jorge Barreto deixou pera a guardarem.

CAPITULO XXXI.

De como os Capitães, depois da nao Meri rendida, foram ſeguindo a vitoria: e o eſtrago que fizeram na armada: e como o grande Afonſo Dalboquerque foi cometer o cerame, onde o feriram.

Como Jorge Barreto teve a náo Meri rendida, os noſſos, que nella ficavam, com a artelharia della começáram a tirar á gente da cidade, que andava na praia, e fizeram-lhe muito nojo, e Jorge Barreto foi-ſe

ajuntar com D. Antonio, que andava no efquife da náo capitaina, e Francifco de Tavora no feu batel, e foram feguindo alguns galeões, que hiam fogindo contra a ilha de Queixome: e com a artelharia, que nelles levavam, e efpingardas matáram muita infinidade de mouros, e na companhia de D. Antonio hiam Francifco de Melo, Pero Gomez, Rui Diaz, (filhos de homens honrados de Alenquer), e Simão velho filho do Commendador de Almourol, James Teixeira, Duarte de Melo, Pedralvres Froes, e Antonio Vogado. Eftes capitães, depois de terem pofto em desbarato os galeões, e muitos delles metidos no fundo, vieram-se recolhendo para onde Afonfo Dalboquerque eftava, o qual mandou logo Antonio do Campo que foffe afferrar huma náo, que eftava por render, e em fua companhia hia Nicolao Juzarte feu fobrinho, e Antonio Dabreu, e outra muita gente, e pelejáram hum grande efpaço fem a poderem entrar; porque os mouros da náo eram Fartaquins, e defenderam-fe mui valerofamente. Vendo-os Afonfo Dalboquerque nefta preffa, mandou Afonfo Lopes da Cofta que os foffe focorrer, e em fua companhia Antonio de Lis filho de Alvaro Gil de Lis de Setuval, e Antonio de Azevedo, e Bras da Silva feu irmão, e Alvaro Fernandes moço da Capela delRei, e outros homens honrados, que pelejáram de maneira, que entráram á náo, e matáram-lhe muita parte da gente; e alguns, que não podéram fofrer fua furia, lançáram-se ao mar. João da Nova, que eftava perto delles, como os vio no mar, acodio no feu batel com Fernão Soares, João Luis criado delRey D. Manoel, e Antonianes meftre da fua nao, e começáram todos a pôr o ferro nos mouros, que andavam a nado, e matáram muita parte delles, e outros fe afogáram, e dali foi aferrar huma nao grande,

em que avia muitos mouros, que inda não tinham ſentido o ferro dos noſſos; e começando-os a combater, chegou Franciſco de Tavora no ſeu batel, e com elle Manoel de Lacerda, D. João de Lima, Baſtião de Miranda, Pero Dalpõe, Martin Vaz, Lopo Alvres criado do condeſtabre, e Diogo Neto, e muita gente darmas; e chegando a bordo da nao, elle por huma parte, João da Nova pela outra, a entráram, e matáram quantos acháram dentro, ſem dar vida a nenhum. Afonſo Dalboquerque, que eſtava em vigia do que ſe fazia, vendo que alguns ſe ſalvavam a nado, mandou aos capitães qua atalhaſſem da banda da terra, e trouxeſſem todos á eſpada: elles acudíram, e não deram vida a nenhum. Os mouros eram tantos no mar, dos que ſe lançavam das náos que os capitães entráram, e das que noſſa artelharia meteu no fundo, que não podendo acodir por ſerem os bateis poucos, e os ſoldados já enfadados de matar, ſe ſalváram muitos a nado.

Neſte tempo andava Cogeatar em hum parao muito eſquipado, com ſuas arrombadas feitas de colchas vermelhas, e huma mea gavea no topo do maſto, metido na maior furia da batalha, animando os ſeus, que pelejaſſem, e trazia comſigo muitos Turcos coraçones com ſuas eſpadas guarnecidas de prata, e ouro, e muitos archeiros, ſem ſer conhecido dos noſſos, ſenão por derradeiro, que o diſſe hum mouro a Afonſo Dalboquerque, já quando ſe elle hia recolhendo pera terra, depois do desbarato da ſua armada. E com tudo mandou aos capitães nos ſeus bateis, e a Jorge Barreto de Caſtro que o ſeguiſſem, e lhe foſſem tomar a terra, e inveſtiſſem o parao, em que elle hia; e quando chegáram, eram já os mouros tão pegados com as caſas, que ſe lançáram ao mar, e Cogeatar tambem com elles, deixando no

parao muitas efpadas guarnecidas de ouro, e prata, e agomias, e veftidos de borcado, e de feda, tudo defpojo de gente honrada, que lhe os noffos tomáram, e com elle fe tornáram pera onde Afonfo Dalboquerque eftava; e como foram todos juntos, tornáram outra vez á batalha do mar com os mouros, que andavam a nado, e ás lançadas, e cotiladas matáram tantos delles, que de canfados de matar, não podendo acodir a tudo, fe falváram alguns, e o mar andava tão tinto de fangue, que era efpanto velo. Os grumetes, e pagens das náos tambem por fua parte não faziam fenão vafalos com os croques, e lançar-lhes as tripas fóra, de maneira que foi feito grande eftrago nelles: e ouve grumete, que fó matou outenta mouros. E porque ifto tudo era ao longo da ribeira, receberam os noffos muito dano de hum cerame, que o rey tinha feito de madeira metido no mar, diante das portas do caftello com a artelharia que nelle tinha, e com frechas. Como Afonfo Dalboquerque vio os noffos afrontados da artelharia, mandou remar rijo o feu batel direito ao cerame, com determinação, que acodindo todos os capitães, cometer o caftelo; e não fora muita duvida entralo, fe todos acodiram, porque os mouros eftavam tão cortados de medo do desbarato que viam, que ouvera pouco que fazer na entrada; mas os capitães não tinham fabido fua determinação, nem Afonfo Dalboquerque cuidou que podia fer; mas a vitoria, e o desbarato dos imigos lhe moftrou o que podéra fazer, fe todos acodiram com tempo; mas com elle não fe achou mais que Antonio do Campo, e ambos apertáram rijo com os mouros, que eftavam no cerame; e com as bombardas, que traziam nos bateis, matáram alguns delles á porta do caftelo, que logo víram levar a rafto pera dentro da fortaleza. Os re-

meiros do batel, em que Afonſo Dalboquerque hia com a revolta da peleja, embaraçáram-ſe de maneira que atraveſſáram o batel debaixo do cerame, e ali feríram Afonſo Dalboquerque, e a Manoel Telez de huma frechada pelo roſto, e Pero Vaz Dorta, e Jorge da Silveira, e dous bombardeiros, e outros tres, ou quatro homens: e no batel de Antonio do Campo feríram a elle, e a Antonio Dabreu, e cinco marinheiros. E com quanto ali foram eſtes feridos, apertáram tão rijo com os mouros, que os meteram todos pela porta do caſtelo dentro, e niſto acodíram todos os capitães nos ſeus bateis, e juntos ſe afaſtáram pera fóra, e foram-ſe ao longo da cidade esbombardeando todas as caſas. Durou eſſa batalha, que os noſſos tiveram com os mouros no mar, deſde as ſete horas de pela menhaã até as tres horas depois do meio dia, em que morreram infinidade de mouros, e os bombardeiros o fizeram aquelle dia de maneitra, (porque Noſſo Senhor os quis ajudar), que não tiráram tiro, que não meteſſem nao no fundo, e mataſſem muita gente.

CAPITULO XXXII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque desbaratou a armada, e foi ao longo da cidade, queimando, e deſtroindo todo o arrabalde: e de como o rey lhe mandou dous mouros em huma almadia, pedindo-lhe paz.

NÃO contente o grande Afonſo Dalboquerque de ter desbaratada, e deſtroida toda a armada do rey, porque lhe não ficaſſe nada por fazer, mandou a Afonſo

Lopez da Coſta, Antonio do Campo, e D. Antonio de Noronha, que foſſem nos bateis dando caça a humas atalaias, que hiam fugindo pera a terra firme. E como elles andavam favorecidos da vitoria, que lhe Nosso Senhor dera, foram-nas ſeguindo, e todas as que alcançáram metêram no fundo, e matáram-lhe toda a gente que nellas hia, e a outras punham o fogo, e hiam ardendo por eſſe mar, pera onde os levava o vento, que era hum grande espectaculo pera ver. E Afonſo Dalboquerque com os outros capitães foi-ſe ao longo da praia esbombardeando o arrabalde, queimando todos os navios, que eſtavam varados em terra; e hiam tão perto, que das janelas, e eirados lhes feríram alguns homens com frechas, e pedradas; e todos os navios, que topou no mar, que ſe hiam recolhendo pera vararem em terra, tomou, e matou-lhe toda a gente, e pos-lhe o fogo. E porque a eſte tempo andavam alguns capitães nos ſeus bateis eſpalhados por eſſe mar a eſta peſcaria, mandou-lhes fazer ſinal que ſe recolheſſem pera onde elle eſtava, e logo voltáram todos, e vieram afferrar terra meia legoa da cidade. Chegado Afonſo Dalboquerque ali achou Franciſco de Tavra, e João da Nova, como homens de pouco recado, com ſua gente em terra; e chegando a elles, diſſe-lhe, que pera homens a que parecia mal, e impoſſivel cometer aquelle feito, não deveram de eſtar tão deſcançados em terra de ſeus imigos ſem ſua licença, e mandou-lhes que ſe recolheſſem logo aos bateis, e a Afonſo Lopez da Coſta que deſembarcaſſe com ſua gente, e foſſe tomar hum outeiro, onde avia huns grandes edificios, e ſepulturas de mouros honrados, e que descobriſſe dali todo o campo, e viſſe o que lá hia, e com elle mandou certos bombardeiros, e gente ſolta pera pôrem fogo aos navios, que achaſſem, e caſas do arrabalde.

Afonſo Lopez da Coſta, depois de ter deſcuberto o campo, e vio que eſtava ſeguro, veio-ſe do outeiro pelas coſtas do arrabalde com ſua gente á viſta dos noſſos bateis, queimando, e deſtruindo tudo o que achava; e Afonſo Dalboquerque lhe foi dando coſtas por mar ao longo da ribeira com todos os capitães, e dali até a cidade não ficou cousa nenhuma no arrabalde, que não foſſe queimada, ſem aver quem lhe reſiſtiſſe; e alguns mouros, que ſe quiſeram fazẽr fortes em humas caſas, pera as defenderem, ali morrêram todos queimados, e todo o campo ao longe era cuberto de gente, que fugio da cidade pera a ſerra. Vendo Cogeatar toda a armada do rey de Ormuz desbaratadá, e a bravoſidade do ſeu animo reprimida, temendo-ſe que Afonſo Dalboquerque lhe cometeſſe a cidade, mandou arvorar huma bandeira branca na mais alta torre do caſtelo em ſinal de paz. Afonſo Dalboquerque, que hia ao longo das caſas, vendo a bandeira na torre, levou remo, e deixou-ſe eſtar quedo, e mandou a Afonſo Lopez da Coſta, que vinha por terra, que ſe recolheſſe com toda a ſua gente; e eſtando aſſi, chegou huma almadia com dous mouros, e huma bandeira branca, pedindo paz, os quaes mouros eram naturaes de Ourão, e avia poucos dias que eram chegados a Ormuz, e deram novas da armada, que El-Rey D. Manoel mandára a Turquia, em que hia o Conde Prior por capitão geral, e por elles mandou o rey de Ormuz dizer a Afonſo Dalboquerque, que elle ſe metia em ſuas mãos, e lhe queria entregar, a cidade, pois tudo o mais do ſeu reyno elle o tinha ganhado: e por ſer já sol poſto, e a gente não ter comido todo aquelle dia, recolheu-ſe Afonſo Dalboquerque pera as náos, e mandou hum dos mouros na almadia a terra com recado ao rey, que primeiro que entendeſſe em nenhuma cousa

das que lhe mandava dizer, lhe mandasse dez mouros principaes da cidade em arrefens, os quaes ſem mais dilação ao outro dia amanheceſſem a bordo da ſua nao; e que ſoubeſſe certo que pelo mais pequeno engano que lhe fizeſſe, lhos avia de mandar lançar todos eſpedaçados em terra. Partido hum dos mouros com eſte recado, Afonſo Dalboquerque ſe recolheo pera as náos com toda a gente a deſcançar do trabalho daquelle dia, e levou comſigo o outro mouro, que ſe chamava Abedalá; e como foi menhaã, mandou recado aos capitães, que ſe vieſſem em ſeus bateis a bordo da ſua nao e foi-ſe correndo todas as naos dos mouros, que eſtavam ſurtas ſem gente, e mandou-as deſamarrar, e pôr-lhe o fogo: ventava o vento da terra, e foram-ſe por eſſe mar ardendo, que era couſa eſpantoſa de ver; e porque avia algumas naos, que eſtavam antre a noſſa armada, e era perigo por-lhe o fogo, mandou-as Afonſo Dalboquerque arrombar, e foram-ſe ao fundo, recolhendo primeiro algumas couſas, que nellas avia pera provimento da ſua armada. Feito iſto, tornou-ſe a recolher, e diſſe aos capitães, que eſtiveſſem todos preſtes, porque não vindo recado do rey até ás dez horas, que elle determinava de combater a fortaleza, e entrala per força de armas, e prender o rey, e todos os ſeus governadores. Os capitães ſe foram pera as ſuas náos mal contentes deſta determinação de Afonſo Dalboquerque; mas não ouſáram de lhe falar niſſo, e elle foi-ſe pera a ſua náo, e mandou chamar Abedalá, e enformou-ſe delle do eſtado em que eſtava a cidade de Ormuz; e perguntou-lhe, qual era a cauſa, por que o rey não quiſera ter paz, e amizade com elle. O Abedalá lhe diſſe, que o rey era moço, e não tinha nenhuma culpa; e que Cogeatar, que era governador do reyno, fizera com o rey que ſe não

concertaſſe com elle, porque tinha por muito certa a vitoria, por lhe ver pequena armada, e pouca gente; e que mandára apregoar por toda a cidade, que todo o mouro, que mataſſe Portugues, morreſſe por iſſo, e que os tomaſſem a todos vivos, pera com elles fazer a guerra ao Benjabar; e que Cogeatar os mandára chamar o dia que aquela armada ali chegára, e lhe perguntára que homens eram os Portugueſes, e ſe eram homens de guerra, e que gente podia trazer a ſua armada; e elles lhe diſſeram, que os Portugueſes tinham fama de cavaleiros ante todos os reys christãos, e mouros daquellas partes; e que por elles ſerem taes, tinha ElRey de Portugal ganhado muitos lugares em o reyno de Fez aos mouros; e sobre iſto que lhe elles diſſeram, começára Cogeatar de fazer muitos feros, e elle lhe reſpondêra: *Senhor, não te enganes, e creme, que ſe não ouver eſpada, não averá ley de Mafamede*; e ao outro dia pela menhaã tornou o mouro companheiro de Abedalá, e trouxe quatro mouros principaes por arrefens. Afonſo Dalboquerque começou-ſe de agaſtar, e diſſe-lhe, porque lhe não mandára o rey os dez mouros, que lhe mandava pedir. O mouro lhe reſpondeo, que a gente da cidade era toda fugida, e morta; e que por iſſo lhe não mandava mais que aquelles quatro, que eram os principaes da terra; e que o rey lhe diſſera, que ſe diſſo não foſſe contente, que elle ſe viria meter em ſuas mãos com toda ſua caſa. Afonſo Dalboquerque diſſimulou com elle, e não lhe reſpondeo nada até ver o fim que teria eſte negocio, e mandou chamar todos os capitães, fidalgos, e homens honrados, que avia na armada, á ſua náo; e eſtando todos aſſentados na tolda da náo, que pera iſſo eſtava muito bem concertada, mandou vir perante ſi os mouros; e hum delles,

que era o principal da caſa do rey, começou a falar deſta maneira:

Diz o rey de Ormuz nosso Senhor, que nas couſas paſſadas antre ti, e elle, que foram cauſa de tantos males, e deſtruição de náos, e gente, não tem nenhuma deſculpa que te dar, porque he moço, e nunca ſe vio em trabalhos de guerra, ſenão agora, e que máos conſelhos de ſeus governadores lhe fizeram não aceitar a paz, e amizade, que lhe tu offereceſte, de que eſtá muito arrependido; e que prouvera a Deos que eſte arrependimento não fora tanto á ſua cuſta, e de ſeu povo, e vaſſalos, como he: que eſte reyno he delRey de Portugal, e que elle ſe quer meter em tuas mãos, e fazer tudo o que tu quiſeres: que te pede que ajas piedade delle, e deſte povo, e que o faças como faz hum pai com hum filho deſobediente, que depois de arrependido lhe perdoa: e que pois eſte reino he delRey de Portugal, não queiras acabar de deſtruir eſta cidade, porque eſtá de maneira, que não ha caſa nella, em que ſe não ſintam trabalhos, mortes, e deſaventuras. E Cogeatar, que he governador do reyno, e os regedores da cidade te mandam dizer, que elles são teus eſcravos, e que o reyno he teu, e querem eſtar á tua obediencia, e fazer tudo o que tu quiſeres. Afonſo Dalboquerque mandou ſair os mouros pera fóra ſem lhe responder, e praticou com os capitães, e fidalgos, que ali eſtavam, o que faria neſte negocio, e todos aſſentáram que devia de aceitar eſtes offerecimentos do rey, e ſeus governadores, e que os mouros eſtiveſſem na náo até ſe aſſentar eſte negocio com o rey.

CAPITULO XXXIII.

Da repoſta que o grande Afonſo Dalboquerque deu aos mouros: e de como mandou Pero Vaz Dorta feitor, e João Eſtão, e Gaſpar Rodrigues lingoa a terra: e do que paſſáram com o rey, e ſeus governadores.

Assentado eſte negocio da maneira que tenho dito, mandou o grande Afonſo Dalboquerque chamar os mouros, e diſſe-lhe perante todos, que elle deſejava muito de ſervir ao rey, querendo eſtar á obediencia del-Rey de Portugal ſeu senhor, como dizia: e que pera tomar conclusão neſte negocio, mandava Pero Vaz Dorta, feitor daquella armada, falar ao rey; e que lhe rogava muito, em quanto elle não vinha com repoſta, ſe não eſcandalizaſſem de ficar ali na nao. Os mouros lhe reſponderam, que fizeſſe o que quiſeſſe, porque elles offerecidos vinham a fazer o que lhes mandaſſe. Afonſo Dalboquerque mandou Pero Vaz Dorta a terra, e João Eſtão, eſcrivão da armada, e Gaspar Rodrigues lingoa com elle; e que diſſeſſe ao rey, e Cogeatar, e governadores da cidade, que elle em nome do mui alto, e poderoſo rey D. Manuel, rey de Portugal, e senhor das Indias, aceitava a obediencia, que lhe tinha mandado; e que até ſe iſto aſſentar da maneira que avia de ſer, elle alevantaria a mão de lhe fazer a guerra, que lhe pedia que tomaſſem logo conclusão, e neſte negocio não ouveſſe as diſſimulações paſſadas. E depois de dar eſte recado a Pero Vaz, perante todos, apartou-ſe com elle, e diſſe-lhe que diſſimuladamente olhaſſe pela diſpoſição

da fortaleza, e entradas, e ſaidas della, e quanta gente o rey teria comſigo, e ſe avia muita artelharia, e armas, e a ordem que tinha. Partidos com eſte recado, como Afonſo Dalboquerque não era deſcuidado das couſas de ſua obrigação, e do cargo que tinha, e porque não ſabia como eſte negocio ſocederia, começou logo de ſe prover de todas as couſas, que eram neceſſarias pera cometer a cidade, e mandou ajuntar muita madeira das naos dos mouros pera ſe fazer forte com tranqueiras em qualquer lugar da cidade que ganhaſſe, e mandou vigiar toda a ilha em roda, pera que da terra firme lhe não podeſſe vir nenhum ſocorro de gente, agoa, e mantimentos. Pero Vaz, e João Eſtão foram a terra, e deram o recado ao rey, e a Cogeatar; e como elles eſtavam muito deſejosos de paz, deſpacharam-no logo. Tornado Pero Vaz Dorta com a repoſta, diſſe a Afonſo Dalboquerque perante todos, que o rey lhe mandava beijar as mãos polo querer aceitar por vaſſalo delRey de Portugal, e tomar ſua amizade, e que elle prometia de ſer ſempre ſeu leal vaſſalo. E que Cogeatar lhe mandava dizer, que elle fora eſcravo do rey Sargol, e que agora era ſeu; e que pois o rey eſtava á ſua obediencia, e a terra era ſua, que podia fazer nella o que quiſeſſe; que lhe pedia muito por mercê que a pena, que merecia de ſe não vir o dia dantes á ſua obediencia, lhe perdoaſſe, porque elle lhe jurava por ſua lei que em tal caſo nunca conſentira; mas que o povo, e alguns mouros mercadores lho fizeram fazer; e que ſe elles niſto tinham alguma culpa, que bem paga eſtava. Afonſo Dalboquerque como ouvio eſta repoſta do rey, e Cogeatar, primeiro que tomaſſe nenhuma conclusão com os arrefens, e com os mouros de Ourão, ſe apartou com Pero Vaz, e João Eſtão, e perguntou-lhes por aquellas cou-

ſas, que lhe mandára que viſſem. Pero Vaz Dorta lhe diſſe, que o rey tinha comſigo a alguns archeiros, e que a fortaleza de dentro era ſorte, e grande, e que pera ſe defender tinha o rey de Ormuz neceſſidade de mais gente da que elles vírão, e que lhe víra mui boa artelharia de metal, mas pouca, e outra de ferro; e que ſoubera de alguns mouros com que falára, depois de ſer deſpedido do rey, que a ſua determinação, e de todos os que com elle eſtavam, era meterem-ſe em suas mãos, e fazerem tudo o que elle mandaſſe, e que cria iſto, porque os achára muito quebrados, com gente vencida, e deſbaratada. Com esta informação de Pero Vaz, e João Eſtão, determinou Afonſo Dalboquerque de mandar os quatro mouros, que tinha em arrefens, a terra, pera provar ſe neſtas palavras, que lhe o rey, e Cogeatar mandavam dizer, avia alguma malicia, como nos outros negocios paſſados; e tambem por lhe mostrar que tinha muita confiança nelles, fazendo da neceſſidade virtude; porque ainda que lhe abriſſem as portas, e lhe entregaſſem a cidade, era a noſſa gente tão pouca, que na mais pequena caſa de Ormuz, em que entraſſem, não averia mais homem que ſoubeſſe parte hum do outro, e quis curar iſto, moſtrando que confiava nelles, porque os mouros não vieſſem a ſaber quão pouca gente elle tinha, e eſtando na ſua armada, eſtava mais poderoſo, e mais ſenhor da cidade. E aſſentado iſto comſigo, deſpedio os arrefens, e mandou por elles dizer ão rey, e a Cogeatar, que o feitor lhe dera ſeu recado; e que quanto era a obediencia que dizia, que queriam dar a elRey ſeu senhor, que elle em ſeu nome a recebia, e as cauſas da guerra paſſada lhes perdoava, pois queriam ſer ſeus vaſſalos, e ao que diziam, que a terra era delRey de Portugal: e que podia fazer nella o que qui-

ſeſſe, que niſſo faria o que foſſe mais ſerviço delRey ſeu Senhor; e com eſta repoſta mandou os arrefens. E como o rey os vio ſem ſaber a cauſa porque os Afonſo Dalboquerque ſoltára, pois com muita inſtancia lhos mandára pedir, não ſe ouve por ſatisfeito das palavras, que por elles lhe mandou dizer: e ao outro dia pola menhaã cedo os tornou a mandar todos quatro, e que lhe diſſeſſem, que elle era vaſſalo delRey de Portugal, e que eſtava preſtes pera fazer tudo o que elle quiſeſſe; e que na cidade, e em todo o reino podia mandar tudo o qúe foſſe ſerviço delRey de Portugal, pois era ſeu, e que lhe perdoaſſe o erro paſſado, porque o que fizera fora por maos conſelhos. Vendo Afonſo Dalboquerque repoſta tão juſtificada, quis-ſe aproveitar do tempo, e mandou logo Pero Vaz Dorta a terra, com hum dos quatro arrefens, dizer ao rey, que querendo elle ſer leal vaſſalo delRey de Portugal, ſeu senhor, como dizia, que elle lhe deixaria ter a governança do reyno em ſeu nome, pagando de tributo cada ano aquillo, que foſſe rezão, até elle determinar niſſo o que foſſe mais ſeu ſerviço. O rey lhe reſpondeo, que elle o tomava por pai, e que o reyno, e a cidade, e as rendas delle tudo era ſeu, pois o tinha ganhado, que mandaſſe gavernar a cidade por quem quiſeſſe, e que logo lhe mandaria entregar a fortaleza, e ſe meteria em ſuas mãos, e que lhe lembrava que em os grandes capitães o vencer era perdoar. E Cogeatar lhe mandou dizer, que elle fora eſcravo do rey Sargol, rey que fora de Ormuz, como já lhe tinha mandado dizer, o qual lhe tivera ſempre muito amor, e lhe fizera de contino muitas mercês, por quão lealmente o ſempre ſervira. E eſtando elle por guazil em Calayate, os Abexins, que eram guarda do rey, o qual era filho do rey Sargol ſeu senhor, fe alevantáram, e

matáram á treição, e roubáram todo o ſeu theſouro, ficando em poſſe da cidade; e ſabendo elle eſta treição, ajuntára gente deſſes lugares do reyno, e viera a Ormuz, e os desbaratára, e matára a todos aquelles, que foram principaes na treição, e alevantára por rey eſte moço, que agora reinava, a que pertencia a ſoceſſão do reyno de direito, por ſer da linhagem dos reys filho de hum rey cego, que ali estava; e que pois tinha ganhado o reyno, que elle queria eſtar á ſua obediencia, e fazer tudo aquillo, que lhe elle mandaſſe; e quando iſto não quiſeſſe, que lhe pedia por mercê que o deixaſſe com ſua velhice ir viver a Calayate, que era ſua natureza, porque ahi queria acabar ſeus dias.

CAPITULO XXXIV.

Como o grande Afonſo Dalboquerque aſſentou com o rey as pareas, que avia de pagar: e como lhe pedio lugar na cidade pera fazer fortaleza.

Com eſtas juſtificações do rey tão importunas, e de Cogeatar, pareceo a Afonſo Dalboquerque tempo pera fazer ſeu negocio mais acomodado ao ſerviço del-Rey D. Manuel, e determinou de pedir ao rey que lhe pagaſſe huma certa penção de pareas; e isto aſſentado, mandar-lhe pedir lugar na cidade pera fazer huma fortaleza, porque com ella na terra, e armada no mar ficavam as couſas de Ormuz mais ſeguras, e fóra de inconvenientes, e trabalhos; e poſto neſta determinação, reſpondeo ao rey, e a Cogeatar polos mouros, que elle tinha por muito certo tudo o que lhe mandáram dizer,

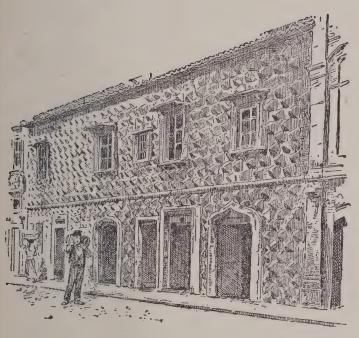
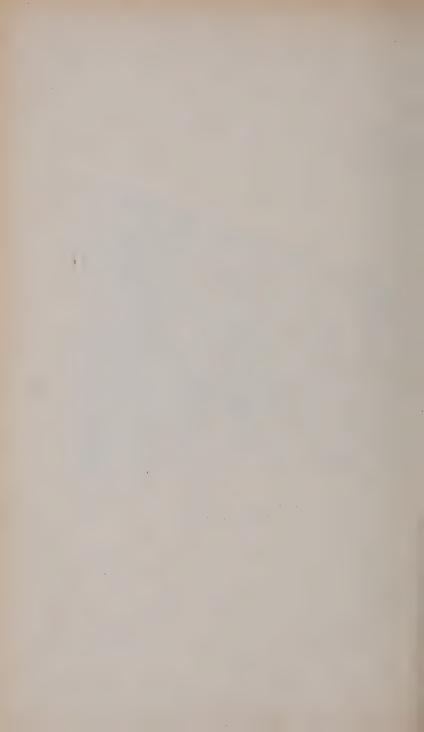
e que eſta confiança teria ſempre delles polo amor que tinha ao rey; e que diſſeſſem a Cogeatar, que ſe eſpantava muito delle mandar-lhe pedir licença pera ſe ir pera Calayate; porque huma das principaes rezões, que o obrigavam a largar aquelle reyno ao rey, fora porque o elle avia de governar; e que ſe iſto aſſi não avia de ſer, que faria outro fundamento; e que avia de ſer com condição, que pagaſſe certa couſa de tributo cada anno a elRey de Portugal ſeu senhor pera deſpeſa de huma armada que avia de andar naquella coſta, ſervindo o rey de Ormuz. Cogeatar lhe mandou dizer polos mouros, que o que elle mandaſſe, iſſo pagaria. Afonſo Dalboquerque lhe mandou dizer, que todavia queria ſaber o que poderiam pagar, e depois elle daria niſſo ſeu parecer. O rey lhe reſpondeo, que não avia de pôr preço, e que pois o reyno era ſeu, que pagariam o que lhe mandaſſe. Como Afonſo Dalboquerque vio que o rey ſe punha a não prometer nada, mandou-lhe dizer polo feitor, e João Eſtão, que pois elle deixava tudo á ſua determinação, que lhe parecia, viſto a grandeza do reyno, e a nobreza daquella cidade, e o muito que rendia a alfandega, e a obrigação que ficava a elRey de Portugal a conſervar e defender o reyno a todos ſeus imigos, o que ſe não podia fazer ſem grandes deſpeſas, que pagaſſe trinta mil xerafins em cada hum anno de pareas, e toda a deſpeza que aquella armada tinha feito até aquelle dia. O rey praticado com Cogeatar, e com os ſeus governadores, reſpondeo, que o reyno eſtava muito deſtroido, e pobre, e que não podia ſer pagar tanto tributo; que lhe pedia muito por mercê que quiſeſſe aceitar ſeis mil xerafins cada anno, e cinco mil pera deſpeſa da armada. Afonſo Dalboquerque mandou chamar os capitães, a diſſe-lhes o que o rey de Ormuz

mandava prometer que pagaria de tributo, que lhe disſeſſem ſe o aceitaria. Os capitães começáram a dar ſuas rezões, parecendo-lhe bem que ſe aceitaſſe o que o rey prometia, fundados no deſejo que tinham que não ouveſſe effeito aquelle negocio de Ormuz pera ſe irem pera a India, onde tinham ſuas pretenções. Afonſo Dalboquerque diſſimulou com elles, e diſſe-lhes, que olhaſſem bem o que diziam, porque o reyno de Ormuz era couſa grande, e o trato daquella cidade avia de ſer cada vez maior; e pois o reyno era delRey D. Manoel ſeu senhor, ganhado por força com ſua armada, e gente, não ſeria rezão largalo com tão pequena pensão, porque ainda com trinta mil xerafins, que lhe mandára pedir, não ficava ſatisfeito, pelo muito que valiam as rendas do reyno. Todavia os capitães por cima deſtas rezões, e de outras, que lhe elle deu, aſſentáram no que tinham dito. Afonſo Dalboquerque vendo claramente que elles queriam danar eſte negocio, não quis tomar mais ſeu parecer niſto, pois por cima de verem que o rey queria fazer tudo o que elle quiſeſſe, diziam que lhe largaſſe o reyno com tão pequena pensão; e porque se iſto não vieſſe a ſaber, e tambem por ter os governadores da terra mais ſuaves pera lhe concederem lugar pera fazer fortaleza, que era o que elle mais pretendia que tudo, determinou de lhe pôr hum tributo honesto, e fazelo de maneira que ficaſſe ſempre reſguardado aos reys de Portugal acreſcentalo cada vez que quiſeſſem, pois a terra era ſua, conquiſtada per ſeus capitães, e gente com muita deſpeſa de ſua fazenda. E mandou dizer ao rey, que pelos deſejos que tinha de o ſervir, era contente que pagaſſe em cada hum anno quinze mil xerafins de tributo a elRey D. Manuel, e a todos os ſeus ſoceſſores, (ſendo elle diſſo contente,) e que daria logo cinco mil

xerafins mortos pera a deſpeza da armada; e que as mercadorias, que de Portugal vieſſem pera a feitoria, foſſem francas; e as que os portugueſes compraſſem em Ormuz, e nos ſeus portos, não pagaſſem mais direitos, que aquelles, que os naturaes da terra pagavam; e além deſtas condições lhes pos outras, que lhe pareceram ſerviço delRey D. Manuel, e com ellas foi o rey, e Cogeatar, e todos os governadores contentes de aceitarem o reyno, e governança delle da mão de Afonſo Dalboquerque, em nome delRey de Portugal: e deſte concerto ſe fizeram duas cartas, huma em huma folha de ouro do tamanho de huma de papel, feita a modo de libro, eſcrita em Arabigo com letras abertas ao boril, e ſuas brochas de ouro com tres ſellos de ouro dependurados por cadeas, a ſaber, hum do rey, outro de Cogeatar ſeu governador, e outro da cidade. A outra carta quis o rey que foſſe em Parſe, que he a lingoa commua da terra, e eſta ſe fez em papel com letras de ouro, e pontos de azul, e ambas eſtas cartas mandou Afonſo Dalboquerque metidas em caixas de prata a elRey D. Manuel, as quaes devem de eſtar na Torre do Tombo: (ſenão ouve deſcuido em deixar perder huma antiguidade como eſta, digna de muita memoria) E deſte teor deu Afonſo Dalboquerque outra ao rey de Ormuz, feita por João Eſtão, eſcrivão da armada, conforme ao poder, que lhe elRey D. Manuel tinha dado em ſeu regimento, aſſinada por elle, e aſſelada com o ſinete das armas delRey.

CAPITULO XXXV.

Como o rey de Ormuz mandou pedir ao grande Afonſo Dalboquerque huma bandeira pera pôr nos ſeus paços em ſinal de paz, e o que ſe niſſo fez.

Acabado eſte concerto, mandou o rey pedir ao grande Afonſo Dalboquerque huma bandeira pera a pôr ſobre os ſeus paços, em ſinal de paz, e amizade; e como na armada não avia nenhuma que lhe podeſſem mandar, diſſe ao feitor que foſſe a terra fazela de cetim branco com huma Cruz de Chriſtus; e acabada, mandou dizer ao rey por João Eſtão, que a bandeira eſtava preſtes, que mandaſſe Cogeatar, e Rexnordim, e aos governadores, e officiaes da cidade, e a todo o povo, que vieſſem a borda da agoa recebela com muita feſta, e naquelle dia não trabalhaſſe ninguem na cidade, e que mandaſſe ter preſtes cavalos pera os capitães, e fidalgos, e criados delRey; e diſſe a João Eſtão, que depois de dar eſte recado ao rey vieſſe correndo ás naos, e diſſeſſe a todos, que ſe vieſſem a bordo da ſua náo, pera dali partirem com ſeus bateis muito bem concertados, e aos meſtres que embandeiraſſem as naos, e aos condeſtabres dos bombardeiros que mandaſſem cevar toda o artelharia, e em chegando a bandeira a terra mandaſſem tirar; e mandou a Jorge Barreto de Craſto que ſe fizeſſe preſtes pera levar a bandeira. Como tudo eſteve aparelhado, huma ſegunda feira pela menhaã, dez dias de Outubro de 1507, vieram-ſe os capitães nos bateis a bordo da náo capitaina, e ali entregou Afonso Dalboquerque a bandeira a Jorge Barreto, e diſſe a

Casa dos Bicos, fundada por Albuquerque, filho:
seu estado actual.

Pero Vaz Dorta, e João Eſtão o que aviam de fazer, e a ordem, que aviam de ter no levar da bandeira por a cidade. Partidos todos nos bateis embandeirados, e alcatifados, e tiros por proa, chegaram a terra, onde já eſtavam aguardando na praia Cogeatar, e Rexnordim, e os governadores, e principaes da cidade, e a gente do povo com muitos cavalos pera os noſſos, muito bem concertados ao ſeu modo, e Jorge Barreto cavalgou primeiro que todos, e tomou a bandeira nas mãos; e como a teve levantada, começou logo a artelharia das náos, e dos bateis a atirar; e poſtos todos a cavalo, foram caminhando pela principal rua da cidade, e diante de todos hia todo o povo, com muitos inſtrumentos ao ſeu modo, bradando de quando em quando *Portugal, Portugal*; e como o povo era muito, parecia que ſe fundia o mundo com ſuas gritas: e logo apos o povo hia a bandeira, e Cogeatar, Rexnordim, e todos os governadores da cidade hiam apegados com ella, e os capitães, e fidalgos da armada hiam detrás, e neſta ordem foram pela rua principal da cidade, e tornáram por outra direitos aos paços, onde o rey eſtava eſperando a pé, e ali ſe deceram todos, e Jorge Barreto lhe entregou a bandeira, e elle a deu da ſua mão aos governadores que a levaſſem: e aſſi a foram pôr em a mais alta torre dos ſeus paços; e como foi viſta das náos, começáram outra vez a deſparar toda a artelharia. E deſta entrega fez João Eſtão ſeus eſtromentos, em que o rey, Cogeatar, e Rexnordim, com todos os principaes da cidade, aſſináram; e feito iſto, os capitães ſe deſpedíram do rey, e vieram-ſe embarcar nos bateis, e foram-ſe á nao de Afonſo Dalboquerque, e contáram-lhe tudo o que paſſáram, e o grande triunfo, com que leváram a bandeira pela cidade, de que elle

ſicou muito contente, e deu muitas graças a Noſſo Senhor por lhe deixar acabar aquelle negocio como elle deſejava, e ao outro dia lhe mandou dizer ſe mandaria tirar a bandeira da torre pera a guardar. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que ſi, e que a guardaſſe muito bem, porque elle eſperava em Deos que debaixo della o avia de ajudar a ganhar muitos lugares, e fortalezas aos reys ſeus vezinhos, que lhe ſempre fizeram a guerra. O rey reſpondeo, que elle era vaſſalo delRey de Portugal, e que iſto baſtava pera ninguem ouſar de ter pendenças com elle. E porque o eſtromento, que João Eſtão tirou da entrega da bandeira, não vinha jurado, mandou Afonſo Dalboquerque a elle, e a Pero Vaz Dorta que foſſem a terra, e diſſeſſem ao rey, que elle, e Cogeatar, e Rexnordim, e todos os governadores da cidade juraſſem no ſeu Alcorão de terem, e manterem tudo aquillo que tinham aſſinado: e o rey foi disso muito contente, e todos juráram de o comprir, e João Eſtão, paſſou diſſo eſtromentos, e cartas teſtemunhaveis, que Afonſo Dalboquerque mandou a elRey D. Manuel.

CAPITULO XXXVI.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe vio com o rey no Cerame, e o que neſtas viſtas paſſáram, e o que aconteceo aos marinheiros no mar com os mouros mortos, que andavam ſobre a agoa.

DESPEDIDO o feitor, e João Eſtão do rey, depois dos eſtromentos jurados, diſſe-lhe, que elle deſejava muito ver-ſe com Afonſo Dalboquerque; que lhe diſſeſſe

da ſua parte, que lhe pedia muito por mercê lhe mandaſſe dizer onde queria que ſe viſſem, e de que maneira. Afonſo Dalboquerque lhe mandou dizer, que elle tambem deſejava muito de o ver, e que não avia outro lugar mais acomodado pera ſe poderem ver que o ſeu Cerame, porque eſtava ſobre o mar, que ali ſeria bem verem-ſe, e que o mais foſſe como elle quiſeſſe. O rey com eſte recado de Afonſo Dalboquerque mandou logo por ſeus officiaes fazer preſtes o Cerame, o qual foi todo alcatifado de muitas alcatifas, e ao derredor bancos cubertos com ellas, e hum eſtrado com duas cadeiras de ſeda, e almofadas do meſmo teor. Concertado o dia em que ſe aviam de ver, mandou Afonſo Dalboquerque aos capitães que ſe fizeſſem preſtes com ſeus bateis muito bem concertados, e a todos os fidalgos, que avia na armada pera irem com elle, porque aſſi eſtava concertado que Afonſo Dalboquerque avia de ir. E o rey com os ſeus governadores, e principaes ſenhores do ſeu reyno, que ali eram vindos a ſervilo na guerra. E como todos foram preſtes, embarcou-ſe Afonſo Dalboquerque no ſeu batel, e os capitães nos ſeus, e foram-ſe todos a Cerame, e em chegando a elle deſparou toda a artelharia das naos. Como o rey ſoube que Afonſo Dalboquerque deſembarcava, veio-o receber fóra acompanhado de Cogeatar, Rexnordim, e todos os outros, que com elle aviam de eſtar. Chegado Afonſo Dalboquerque ao rey, trataram-ſe ambos com muita corteſia, e dali ſe foram aſſentar nas cadeiras, e os fidalgos, e capitães nos bancos da mão direita: e Cogeatar, Rexnordim, e os ſenhores que vinham com o rey nos bancos da mão eſquerda. Seria o rey a eſte tempo de idade de quinze annos, bem diſpoſto, e de bom corpo, hum pouco baço, trazia veſtido hum ſaio de cetim crameſim

ao modo da terra, e huma touca branca na cabeça, e hum pano cengido derredor de ſi, e huma adaga de ouro, e hum cetro de ouro na mão com a cabeça de chriſtal encaſtoada em ouro. Depois de eſtarem aſſentados, diſſe Afonſo Dalboquerque ao rey, por Gaſpar Rodrigues lingoa, que folgava muito de o ver pelo amor que lhe tinha, e pola grande obediencia, e acatamento, que lhe via ter ás couſas delRey D. Manuel ſeu senhor; que lhe pedia por mercê que foſſe ſempre leal, e verdadeiro vaſſalo ſeu, e lhe reconheceſſe a mercê que delle em ſeu nome tinha recebido, deixando-lhe a governança do reyno, e ſeu eſtado como dantes tinha. O rey lhe reſpondeo, que elle era em conhecimento da mercê, que lhe tinha feito em nome delRey de Portugal, e que ſempre ſeria ſeu vaſſalo, e eſtaria á ſua obediencia; e depois de muitas praticas paſſadas, querendo-ſe Afonſo Dalboquerque deſpedir do rey, pedio a Cogeatar, e a Rexnordim, e a todos os outros senhores, que quiſeſſem outra vez perante elle retíficar, e jurar o concerto, que tinham feito, porque queria elle tambem ſer teſtemunha diſſo, e elles o fizeram logo; e acabado iſto, deſpedio-ſe do rey, e de todos os senhores, e foi-ſe embarcar, e o rey lhe deu huma cinta de ouro, e huma adaga guarnecida de ouro, e hum cavalo mui bem aparelhado, e duas peças de brocado pedrado: e aos capitães, e fidalgos deu a cada hum ſua peça de ſeda. E dali por diante começáram os noſſos ir, e vir a terra, porque até então não conſentia Afonſo Dalboquerque que lá foſſem; e eſtava o rey, e todos tão contentes da paz que era feita, pelo muito que lhe cuſtou a guerra, que toda a maneira de corteſia folgavam de fazer aos fidalgos, e cavaleiros, que hiam a terra folgar, e mandava que lhes tiveſſem ſempre cavalos ſellados pera andarem pela cidade.

Neſte tempo, avendo já oito dias que a batalha do mar, era paſſada, pareceram em cima da agoa muitos corpos mortos daquelles mouros, que ſe lançáram ao mar o dia da batalha, e de outros muitos, que morrêram nas naos em diverſas partes. Hum grumete, que eſtava no batel de Antonio do Campo, apegou de hum com hum gancho, que veio ao longo da nao, e por lhe ver bom veſtido, começou-o a deſpir, e achou-lhe dinheiro, e huma adaga de prata. Como os marinheiros das outras náos ſouberam iſto, foram-ſe nos bateis por eſſe mar a eſta peſcaria: e todos os que topavam deſpiam, e achavam-lhes dinheiro, terçados, e agomias, guarnecidos de ouro, e prata, e joias de gente limpa, e honrada, e durou iſto oito dias, de que os marinheiros ouveram hum grande deſpojo. E a eſtes mouros mortos, que podiam ſer paſſante de oitocentos, achâram muitas frechas metidas polo corpo, de que morrêram, ſem terem outras feridas das noſſas armas, não avendo em toda a armada peſſoa, que tiveſſe arco, nem frecha, nem que ſoubeſſe atirar com elle. Parece que Noſſo Senhor quiz fazer aquelle dia eſte milagre pera moſtrar aos capitães, que arreceavam de acometer eſte feito, quão certa vitoria tem de ſeus imigos aquelles, que pelejam com verdadeira fé contra infieis. E porque a maré levava eſtes corpos mortos a terra, fez renovar aos moradores daquella cidade os trabalhos paſſados, porque huns achavam ali ſeus filhos, outras os maridos, e outros parentes, e amigos, que com grande pranto, e choro hiam ſoterrar, que era grande laſtima ouvilos.

CAPITULO XXXVII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque mandou pedir ao rey lugar em Ormuz pera fazer huma fortaleza, e do que niſſo paſſou, e como ſe começou, onde agora eſtá.

Sendo feitas todas as ſeguranças de huma parte, e da outra, e pago o dinheiro das pareas, (como tenho dito,) determinou Afonſo Dalboquerque de fazer huma fortaleza em Ormuz, porque ſem ella lhe parecia que as couſas daquelle reyno não podiam ſer bem ſeguras. Aſſentado iſto, mandou dizer ao rey pelo feitor, que elRey D. Manuel ſeu senhor lhe mandava em ſeu regimento, que ganhando algum lugar, ou cidade naquellas partes por conquiſta, que a ſeguraſſe com huma boa ſortaleza, e que ſe lembraſſe da treição, e maldade, que os reys de Calicut, e Coulão cometêram contra os ſeus capitães, tendo feito aſſento de pazes, e aſſinado por elles. E porque ſe elle queria tirar destes inconvenientes, e tambem pela fazenda, e gente delRey de Portugal, que ali ficaſſe eſtar mais ſegura, que lhe pedia muito por mercê que o ouveſſe aſſi por bem, e lhe aconſelhaſſe onde faria eſta fortaleza. O rey aconſelhado de Cogeatar, reſpondeo, que a licença era eſcuſado pedir-lha, pois tudo era de elRey de Portugal; e que quanto a aconſelhar-lhe onde a faria, que ſeria de parecer que a fizeſſe na ilha de Queixome, ou na de Turumbaque, porque eram lugares, onde avia agoa. E ſe a queria fazer pera defensão de Ormuz, que no porto de Nabandé, que era na terra firme, eſtaria muito melhor que em outra nenhuma parte. E poſto que o fun-

damento de Afonſo Dalboquerque era fazela em Ormuz, onde agora eſtá, e não em outra parte, todavia, por diſſimular com Cogeatar, e moſtrar-lhe que lhe não dava mais fazela em hum lugar que noutro, mandou a Afonſo Lopez da Coſta com dous bateis armados ver o porto de Nabandé, e deu-lhe muitos panos de Cambaya pera dar aos moradores principaes do lugar. Partido Afonſo Lopez da Coſta, em chegando ao porto, veio toda a gente da terra recebelo com muitas talhas de agoa, melões, e maçans, e outras fruitas da terra. E depois de ter viſto o ſitio, e repartidos os panos, que levava por eſſes homens honrados, tornou-ſe com recado a Afonſo Dalboquerque, e trouxe-lhe hum preſente de fruitas, que lhe hum mouro honrado do lugar mandava: e diſſe-lhe, que o ſitio de Nabandé era terra areiſca deſabafada, e junto do porto avia tres braças de agoa, e dali a Ormuz ſeriam cinco legoas, tudo parcel, que começava em vinte braças, e hia diminuindo até o porto: e a agoa que os mouros bebiam, eſtava afaſtada da ribeira do mar hum bom pedaço. Chegado Afonſo Lopez da Coſta com eſta informação do porto de Nabandé, ao outro dia chegou D. Antonio de Noronha, que fora com dous pilotos á ilha de Queixome ver o porto, donde os mouros traziam agoa á cidade; e diſſe a Afonſo Dalboquerque, que na ilha avia hum lugar grande ao longo da ribeira do mar, no qual o rey tinha humas caſas velhas derribadas; e a agoa, que ſe dali trazia pera Ormuz, era de huns poços, que eſtavam afaſtados hum pedaço da ribeira, e tudo ao derredor da ilha era parcel de baixo fundo. Eſtando Afonſo Dalboquerque neſta pratica com D. Antonio, chegou Cogebeirame de terra, e diſſe-lhe, que huma legoa da cidade de Ormuz eſtava hum lugar, que ſe chamava Turum-

baque, que tinha muita agoa, que o mandaſſe ver, porque podia ſer que ſe contentaſſe delle pera fazer fortaleza. Afonſo Dalboquerque, poſto que entendeu que eſte mouro vinha lançado por Cogeatar, diſſimulou com elle, e diſſe-lhe, que elle queria em peſſoa ir ver aquelle lugar. Deſpedido o mouro, mandou a Franciſco de Tavora, Antonio do Campo, e Manuel Teles, que ſe fizeſſem preſtes pera irem com elle, e ao outro dia pela menhaã cedo partíram; e polo vento ſer por diante, chegaram com aſſás trabalho a Turumbaque: deſte porto ſe vê o Cabo de Maçandom. Tendo Afonſo Dalboquerque viſto per ſi, e pelos capitães os lugares, que lhe Cogeatar tinha offerecidos pera fazer fortaleza, deu rezão diſſo a algumas peſſoas da ſua armada particularmente, de que podia fiar ſua honra, e que ſabia que eram deſejoſos de todo o ſerviço delRey D. Manuel. Praticado eſte negocio com elles, ſem dar conta aos capitães, (dos quaes ſe já não confiava polo que tinha paſſado com elles,) aſſentaram todos, que avendo de fazer fortaleza naquellas partes, que devia de ſer dentro em Ormuz, porque ali era mais ſerviço delRey de Portugal fazer-ſe, que nos outros lugares, que Cogeatar apreſentava. Determinado iſto, mandou Afonſo Dalboquerque dizer ao rey pelo feitor, que elle tinha mandado ver todos os lugares, que lhe offerecêra pera fazer fortaleza; e que pola enformação que delles tinha, olhadas bem as qualidades de huns, e outros, e os inconvenientes, que ſe diſſo podiam ſeguir, lhe parecia ſer mais ſerviço ſeu fazer-ſe na ponta de Morona, que em outro nenhum lugar; porque além de eſtar ali antre dous portos muito bons, hum de levante, outro de ponente, convinha-lhe muito pera ſegurança de ſeu eſtado ter os portugueſes muito perto de ſi. O rey deu conta deſte recado a ſeu

pai o rey cego, e a Cogeatar, e a Rexnordim, e aos governadores da terra; e porque todos desejavam a paz, foram disso muito contentes: e respondeu a Afonso Dalboquerque, que elle avia por bem, polos desejos que tinha de sua amizade, de lhe dar o sitio que pedia pera fazer fortaleza, e que mandasse começar a obra cada vez que quisesse. Com este recado do rey ficou Afonso Dalboquerque muito contente, e mandou dizer a Cogeatar, que lhe mandasse dar todos os pedreiros, que ouvesse na cidade, e tudo o mais que fosse necessario pera serventia da obra, e servidores em abastança, porque a queria logo começar, e que elle pagaria tudo o que o rey mandasse. Cogeatar mandou logo provêr o que era necessario; e porque imigos senhoreados por força se vem tempo procuram por sua liberdade, não se quis Afonso Dalboquerque de todo fiar em Cogeatar, e mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que estivesse em terra com oitenta homens dos principaes, que avia na armada, pera segurança da gente, que trabalhasse na obra; e que tivesse ao longo da ribeira dous bateis aparelhados de artelharia por proa, que estivessem sempre ali perto da praia, prestes pera acodirem onde fosse necessario. E ali mandou pôr hum parao muito bem toldado por amor da calma, em que elle, e todos os outros fidalgos, e cavaleiros aviam de estar dando aviamento a todas as cousas necessarias pera a obra; e mandou a Antonio do Campo, que se viesse no seu navio ancorar junto deste parao, pera dar favor a tudo isto, e porque a gente, que estava em terra, não andasse de noite pela cidade fazendo cousas de que se o povo escandalizasse, disse a D. Antonio, que se viesse cada noite com toda a gente dormir ao navio, e ao parao, e que dali se vigiassem muito bem. Fez mestre

desta obra hum bombardeiro, que se chamava Fernão dalvarez, bom official deste officio, e ordenou que os capitães de dous em dous tivessem cuidado de trazer pedra da pedreira pera a obra. Ordenadas todas estas cousas, foi-se Afonso Dalboquerque a terra com toda a gente da armada, e começou e abrir os aliceces da torre da menagem a vinte e quatro dias do mes de Outubro do anno de mil e quinhentos e sete; e porque esta torre avia de ser tão alta, que podesse ser vista de toda a terra firme da banda da Persia, mandou fundar os aliceces muito largos, e da mesma maneira mandou fundar os muros da fortaleza, a que pos nome *Nossa Senhora da Vitoria.* Começada a obra, deu Afonso Dalboquerque grande pressa a se acabar a torre, porque sua determinação era, vindo o mes de Janeiro, ir dar huma vista ao mar Roxo, e queria deixar esta torre no primeiro sobrado, porque dali se podiam defender os portugueses a toda a gente da Persia que viesse, até elle tornar a Ormuz; e porque os officiaes trabalhassem de melhor vontade, além de lhes pagar cada dia o que Cogeatar tinha assentado que lhes pagassem, mandou dar a todos os que trabalhavam agoa, e tamaras quantas quisessem de graça; e andavam todos tão contentes com isto, que muitos vinham trabalhar na obra sem os Cogeatar mandar; e com isto, e com a diligencia, que os capitães, e fidalgos tinham na serventia, começou a obra a crecer muito em pouco tempo, e o portal principal desta torre mandou fazer de tres ancoras de pedra, que foram da nao Meri, que se ali tomou, e davam os mouros por ellas muito dinheiro; mas Afonso Dalboquerque as não quis dar, e mandou-as assentar no portal da torre, porque ficasse memoria pera sempre daquella grande vitoria, que os portugueses ali tiveram.

CAPITULO XXXVIII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque fez preſtes ſua armada pera ir dar huma viſta ao eſtreito do mar Roxo: e a repoſta que deu a Rexnordim ſobre as pareas, que o Embaixador do Xeque Iſmael vinha pedir.

VENDO o grande Afonſo Dalboquerque a vontade, e aſſoſſego, com que a gente da terra trabalhava na obra; (o que não via nos portugueſes, porque a muitos parecia couſa muito deſneceſſaria fazer-ſe aquella fortaleza) por ſe unir a eſta amizade dos mouros da terra, mandou a Pero Vaz Dorta feitor da armada, que tomaſſe humas caſas na cidade, em que recolheſſe todas as mercadorias, que trazia, pera começar a aver trato antre os noſſos, e os mouros, e que de todas as mercadorias ſizeſſem bom barato, porque com eſta cobiça folgaſſem mais com noſſa amizade, e deu-lhe pera eſcrivães Pedralvarez, moço da camara delRey, e Lizuarte de Freitas, e Antonio Fernandes Taſſalho, criado do Conde de Villa nova; e porque a gente, que eſtiveſſe em terra, andaſſe ſempre junta, por atalhar á malicia de Cogeatar, mandou aos capitães, que deſſem meſa á gente, que lhe era ordenada, e que cada hum tiveſſe hum homem, que lhe foſſe comprar tudo o que foſſe neceſſario, e que eſſe podeſſe andar pela cidade, levando eſcrito do ſeu capitão, e que outro nenhum não; e pera executar todas eſtas couſas, fez meirinho a Martim Vaz com doze homens; e mandou-lhe, que todo o portugues, que achaſſe ſem ſua licença pela cidade, lhos trouxeſſe preſos; e achando algum daquelles, que aviam de ir

comprar com efcrito do feu capitão, fazendo coufa, de que fe os mouros podeffem efcandalizar, o prendeffe, e lho trouxeffe pera o caftigar muito bem. Ordenadas todas eftas coufas, e outras, que são largas de contar, determinou Afonfo Dalboquerque de pôr todas as naos da fua armada a monte, e aparelhalas de maftos, e vergas, e enxarceas, porque tudo era gaftado do muito tempo, que avia que andava no mar; e porque fe não fiava de Cogeatar, (pofto que nas fuas falas, e no aviamento que dava a todas as coufas, que eram neceffarias, moftraffe o contrairo,) mandou a João Redondo, meftre da carpentaria, que não pofeffe mais que huma nao; e acabada aquella de fe concertar, e aparelhar de tudo o que lhe foffe neceffario, pofeffe outra; porque ordenando-lhe Cogeatar alguma treição, perdendo-fe huma náo, ficaffem as outras pera darem rezão de fi: e com eftas diffimulações, fem fe dar a entender a ninguem, foi concertando fuas naos, e aparelhando-as de tudo o que era neceffario, como fe aquella ora partírão de Portugal; e juntamente com ifto mandou fazer huma fufta de dezoito bancos, pera fe ajudar della entrando o eftreito do mar Roxo. E com ver a fua armada defta maneira, tinha mór contentamento, que de todas as vitorias, que naquelle reyno ouvera contra os mouros, porque com a ter affi concertada, não arreceava a vinda da armada do Sal que fe efperava, por grande que foffe; e andando nefte trabalho, veio Rexnordim ter com elle ao parao, onde eftava, e diffe-lhe da parte do rey, que da banda dalém da terra firme era chegado hum capitão do Xeque Ifmael acompanhado de gente de cavalo a pedir as pareas, que lhe elle era obrigado a pagar cada anno; e fabendo que elle ali eftava fazendo aquella fortaleza, não oufára de paffar a Ormuz,

e dali lhas mandára pedir: que lhe mandaſſe dizer o que faria. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que diſſeſſe ao rey, que aquelle reyno de Ormuz era delRey de Portugal, ganhado com ſua armada e gente: que ſoubeſſe certo que ſe tributo pagaſſe a nenhum outro rey, ſenão a elRey D. Manuel ſeu senhor, que lhe avia de tirar a governança do reyno, e dala a quem não ouveſſe medo do Xeque Iſmael: e mandou trazer das naos pelouros de bombardas, béſtas, eſpingardas, e bombas de fogo: e que diſſeſſe ao rey, que mandaſſe tudo aquillo ao capitão do Xeque Iſmael, porque aquella era a moeda, em que elRey de Portugal mandava aos ſeus capitães, que lhe pagaſſem as pareas daquelle reyno, que eſtava debaixo de ſeu ſenhorio, e mando: e que lhe prometia, acabada aquella fortaleza, de entrar o eſtreito da Perſia, e fazer tributario a elRey de Portugal ſeu senhor todos os lugares, que o Xeque Iſmael tinha naquella ribeira: e que quando ſe lá viſſem, que lhe pediſſem as pareas do rey de Ormuz, porque elle lhas pagaria em muito boa moeda. Tornado Rexnordim com eſta repoſta, pareceo a Afonſo Dalboquerque que ſeria neceſſario contentalo, e a Cogeatar, e a tres mouros principaes, com quem ſe o rey aconſelhava; porque tendo eſtes contentes, e da ſua parte, que eram do conſelho do rey, teria delle tudo o que quiſeſſe, e fez preſtes certas peças de prata, e eſcarlata roxa, e vermelha, e muitos panos ricos, que tomára nas naos das preſas, e algumas couſas, que trouxera de Portugal. E por João Eſtão, eſcrivão da armáda, que lhe eſte preſente levava, lhe mandou dizer, que lhe perdoaſſe mandar-lhe aquella pouquidade, pois eram couſas de homem, que paſſava de dous annos, que andava no mar, e que ſe atrevêra a fazelo pela muita amizade, que com elles tinha. Receberam o pre-

ſente com muito contentamento, e mandáram-lhe grandes agardecimentos por elle.

CAPITULO XXXIX.

De como o rey de Ormuz mandou dizer ao grande Afonſo Dalboquerque, que deſejava de ver atirar os eſpingardeiros portugueſes, e lhos mandou: e como eſcreveo ao Viſorey da India o eſtado em que tinha as couſas de Ormuz, e o que paſſou com os capitães.

REXNORDIM ficou tão aſſombrado de ver a temeridade, com que Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que chegando ao rey, fizeram logo preſtes huma atalaia, e nella mandáram hum mouro com todas eſtas peças, que Afonſo Dalboquerque deu, que as deſſe ao capitão do Xeque Iſmael da ſua parte; e que o deſenganaſſe, que não aviam de pagar nenhum tributo ao Xeque Iſmael, porque o reyno era delRey de Portugal. Paſſado iſto, dali a ſeis, ou ſete dias, mandou o rei chamar Gaſpar Rodriguez lingoa, e diſſe-lhe, que diſſeſſe a Afonſo Dalboquerque ſeu pai, que deſejava muito de ver atirar os ſeus eſpingardeiros, que lhe pedia por mercê que lhos mandaſſe lá hum dia. E como Afonſo Dalboquerque andava ſempre acautelado das malicias, e manhas de Cogeatar, mandou por todas as náos aos capitães, que fizeſſem preſtes duzentos e cincoenta béſteiros, e eſpingardeiros, dos mais mancebos, e melhor diſpoſtos, e que ſoubeſſem muito bem atirar, porque queria moſtrar a Cogeatar quanto mais poder tinha do que lhe os noſſos podiam ter dito; porque hia enten-

dendo na frieza, com que Cogeatar acodia ás coufas, que eftava muito arrependido de lhe ter dado lugar pera fazer fortaleza, por ter fabido dos portuguefes, com que falava, que na armada avia muito pouca gente, e por efte modo fe queria ir certificando mais na verdade. Afonfo Dalboquerque vendo eftes deffenhos de Cogeatar, fundados todos fobre fua danada tenção, diffimulou fempre com elle, e por fazer a vontade ao rey, mandou ter preftes humas barreiras ao longo do muro da fortaleza, e fez aparelhar os béfteiros, e efpingardeiros de tudo o que era neceffario pera aquelle auto; e avifou a D. Antonio de Noronha feu fobrinho, que eftava em terra, que olhaffe por elles, e que não confentiffe tirar nenhum, fenão aquelles, que o melhor foubeffem fazer; e eftando todos preftes mandou a Gafpar Rodriguez lingoa, que os foffe aprefentar ao rey, e lhe diffeffe, que com aquelles mancebos, e outros muitos, que lhe elRey feu Senhor mandaria de Portugal, efperava em Deos de lhe fazer reftituir todos os lugares, que lhe os feus vizinhos tinham tomados. Chegados os befteiros, onde as barreiras eftavam, veio-os o rey ver de hum terrado dos feus Paços, e elles fizeram-no tão bem, que pareciam méftres daquelle officio. O rey, depois de os ver atirar, defpedio-os, e mandou dizer a Afonfo Dalboquerque, que folgára muito de os ver atirar, e que avia dias, que não víra coufa, que lhe melhor pareceffe: e que lhe pedia muito por mercê, que fe não tinha ordenado outra coufa da náo Meri, lhe fizeffe mercê della, e feguro pera poder navegar de Cambaya pera Ormuz, porque eftava a cidade tão defbaratada, que era neceffario acodirem mercadorias de huma parte, e da outra á alfandega, pera do rendimento dellas fe poderem foprir as defpezas que fe fa-

ziam; e tambem lhe pedia, que lhe mandaſſe dar huns mouros ſeus criados, que na guerra paſſada foram cativos, e que elle lhe daria por elles quanto quiſeſſe. Cogeatar lhe mandou pedir outra náo, e humas molheres, e meninos, que eſtavam cativos em poder dos noſſos, que eram de criados ſeus. Afonſo Dalboquerque lhe mandou dar tudo, ſem por iſſo querer paga, diſſimulando ſempre com Cogeatar, porque deſejava de acabar a fortaleza. Hum mouro capitão de huma náo do rey de Onor, que ſe ali tomou, ſabendo as larguezas, que o grande Afonſo Dalboquerque fazia com o Rey, e com Cogeatar, foi-lhe falar, e diſſe-lhe, que elle era do reyno de Onor, com quem o Viſorey tinha pazes, como podia ver por aquelles dous ſeguros de D. Lourenço ſeu filho; e que ao tempo que elle chegára a aquelle porto com ſua armada, eſtava elle deſcarregando ſua mercadoria, e Cogeatar lhe tomára a ſua náo por força, e metêram gente, e artelharia nella; e pois não tinha culpa, e forçoſamente lha tomáram, como podia ſaber de Cogeatar, que lhe pedia por mercê que lha mandaſſe dar. E ainda que o mouro tinha pouca rezão em iſto que pedia, quis Afonſo Dalboquerque guardar o ſeguro de D. Lourenço, e mandou-lha dar, e ſeguro pera poder navegar; e por eſte mouro eſcreveo huma carta ao Viſorey, dando-lhe conta do que tinha feito, e a determinação em que ficava, pedindo-lhe que o mandaſſe logo ſocorrer com gente, navios pequenos, e galés, e munições de guerra; e que lhe não mandava eſte recado por navio ſeu, pela muita neceſſidade que tinha delles, e deſta carta deu em ſegredo conta a Antonio do Campo, e guardou-lho elle tambem, que o ſoube logo Cogeatar, e as couſas que mandava pedir ao Viſorey, e tudo o mais que de-

terminava de fazer. Os capitães, e fidalgos da armada, porque lhe Antonio do Campo deu a entender que na carta hiam muitas coufas contra elles, (não fendo affi,) ficáram mui defcontentes de Afonfo Dalboquerque; e pelos defejos, que tinham de fe irem pera a India enfadados já dos trabalhos daquella guerra, começáram dali por diante a fazer-lhe coufas com que o enfadaffem.

CAPITULO XL.

Da fala, que o grande Afonfo Dalboquerque fez aos capitães fobre as amotinações, em que andavam: e dos requerimentos, que lhe fizeram: e de algumas palavras, que com elles paffou fobre iffo.

CHEGADO o mes de Janeiro, em que o grande Afonfo Dalboquerque tinha determinado de fe partir pera o eftreito, fendo já a torre da menagem em altura pera fe poder defender, e a fua armada aparelhada de tudo o que lhe era neceffario pera aquella jornada, mandou a Manuel Telez, que carregaffe na fua náo todos os mantimentos, que fe podeffem aver, pera de caminho prover a fortaleza de Çocotorá, e algumas mézinhas, e coufas de botica pera os doentes; e mandou ao feitor, que compraffe todas as coufas, que lhe Manuel Telez déffe por hum rol; o que elle fez com muita diligencia, e carregou a náo, e entregou ao meftre tudo perante o feu efcrivão. Como Afonfo Dalboquerque defpedio o feitor pera ir fazer eftas coufas, foi-fe a terra ver a obra da fortaleza: os capitães fe foram logo pera elle; e como avia dias, que tinha

ſabido que elles murmuravam de ſe aquella fortaleza fazer, pera ſaber mais certo ſua determinação, apartou-ſe pela praia com Manuel Telez, Franciſco de Tavora, e Afonſo Lopez da Coſta, que ali eſtavam, ſendo tambem preſente Jorge Barreto de Caſtro ſeu cunhado, e diſſe-lhes, que as couſas de Ormuz eſtavam no eſtado que elles viam, que lhe pedia muito que lhe diſſeſſem ſe era mais ſerviço delRey acabar aquella fortaleza, ou ir na volta do cabo de Guardafum, porque elle pera huma couſa, e pera a outra tinha a armada preſtes, e muito bem aparelhada. Os capitães lhe reſpondêram, que bem viam o eſtado em que tinha as couſas de Ormuz, e porém que lhes parecia que era mais ſerviço delRey de Portugal ir ao cabo de Guardafum eſperar as náos, que vinham da India com eſpeciarias pera o eſtreito, que eſtar fazendo huma fortaleza, que acabado de a deixar, avia de ſer logo tomada dos mouros; e ainda que deixaſſe gente nella, não podia ſer tanta, que a podeſſem defender ao poder do rey de Ormuz. Jorge Barreto foi de parecer que devia de aſſegurar as couſas de Ormuz, e acabar a fortaleza, que tinha começado, porque era huma couſa muito importante ao ſerviço delRey de Portugal. Afonſo Dalboquerque foi-ſe com o parecer de Jorge Barreto, não lhe deſcobrindo nada da ſua determinação. Afonſo Lopez da Coſta, como vio que Afonſo Dalboquerque aſſentava no parecer de Jorge Barreto, começou-ſe a travar em palavras com elle, e diſſe-lhe, que aquelle negocio era tão grande, e de tanta ſuſtancia, que compria cuidar-ſe devagar nelle: e pois Antonio do Campo, e João da Nova não eſtavam preſentes, que os devia de mandar chamar, e juntos todos aſſentar o que ſe faria, porque ſoſter Ormuz não lhe podia parecer bem. Afonſo Dal-

boquerque diſſimulou com elle, e foi-ſe pera o parao, onde ſempre eſtava, ſem lhe reſponder couſa alguma. Afonſo Lopez da Coſta, e Franciſco de Tavora, e Manuel Telez ficáram tão deſcontentes deſta pratica, e da pouca conta, que Afonſo Dalboquerque fizera delles, que ſe foram ajuntar com João da Nova, e com Antonio do Campo logo, e ao outro dia pela menhaã mandáram-lhe fazer hum requerimento por eſcrito, (bem pouco neceſſario,) de que Afonſo Dalboquerque ficou muito deſcontente; e pela neceſſidade que tinha de acabar as couſas de Ormuz, diſſimulou com elles, e rompeo o requerimento ſem os caſtigar, como elles mereciam; e com muita pāciencia lhe mandou dizer por João Eſtão, que lhe pedia que tiveſſem tal ſegredo naquellas couſas, em que andavam, que Cogeatar as não vieſſe a ſaber, pois eſtavam em tempo, que compria muito ao ſerviço delRey de Portugal ſerem todos em hum querer, e em huma vontade; que Cogeatar era tão diſcreto, e tinha taes modos pera ſaber tudo, que ſabia muito bem quanto elles deſejavam de deixar aquella empreſa, e irem-ſe pera a India; e que lhe aconſelhavam, que não fizeſſe aquella fortaleza; e por Cogeatar não ſentir ſuas fraquezas, mandava que lhe diſſeſſem, que todas as differenças, que antre elles avia, eram porque ſe agravavam muito de lhe elle não dar as náos, em que elles tinham parte.

CAPITULO XLI.

De como os capitães tornáram a fazer outro requerimento ao grande Afonſo Dalboquerque, em que ſe aſſináram todos: e o que elle niſſo fez, e o mais que com elle paſſou.

VENDO os capitães que o grande Afonſo Dalboquerque lhe rompêra o ſeu requerimento, dali a poucos dias, eſtando elle em a torre da menagem, dando ordem a algumas couſas neceſſarias pera a obra, lhe mandáram por Antonio Fernandes, eſcrivão da náo, de Franciſco de Tavora, outro requerímento aſſinado por todos, tirando João da Nova, que não quis aſſinar. Afonſo Dalboquerque, enfadado delles, e de ſuas couſas, tomou o requerimento aſſi dobrado como lho deram, ſem o ler, e mandou-o meter debaixo de huma pedra do portal da torre, que ſe eſtava aſſentando, a que os marinheiros dali por diante chamáram o portal dos requerimentos; e os capitães ficáram tão enfadados diſto, que deſde então trabalháram ſempre de buſcarem couſas pera ſe deſavirem delle; e todas as ſuas praticas, quando ſe ajuntavam, eram danar as couſas de Ormuz, e que era hum tredor, e que fazia aquella fortaleza pera ſe alevantar com ella, e fazer-ſe ſenhor do reyno, e que toda aquella culpa era delles, pois lhe conſentiam fazer fortaleza, ſendo muito contra o ſerviço delRey. E que na carta, que eſcrevêra ao Viſorey, (de que Antonio do Campo era boa teſtemunha,) lhe mandava dizer grandes males delles, roubando-lhe ſua honra, e ſerviços, e neſta pratica reprendêram João da Nova, porque ſe não hia pera a India, pois não era da ſua

obrigação; e não contentes deſtas praticas, que tinham antre ſi, cada hum na ſua náo indinava a gente do mar pela ter da ſua banda contra Afonſo Dalboquerque, affirmando-lhe que lhe tinha roubado a ſua parte dos vinte mil xerafins de pareas, que o Rey pagára; e que ElRey D. Manuel lhe tinha mandado em ſeu regimento, que das primeiras pareas, que os reys que conquiſtaſſe pagaſſem, déſſe parte a toda a gente da armada, e que tudo iſto tinha tomado pera ſi, a fim de ſe alevantar com a fortaleza depois de acabada, porque não fazia fundamento de tornar mais a Portugal. Afonſo Dalboquerque ſabendo eſtes conſelhos, e praticas, em que os capitães andavam trabalhando por amutinarem a gente toda contra elle, e que não baſtava pera os animar naquelle negocio ter-lhe muitas vezes dito quão bem pareceriam nas janelas daquella fortaleza muitas damas, e charamelas, e o grande contentamento, que ElRey D. Manuel teria, quando ſoubeſſe que tinham ſenhoreado o reyno de Ormuz, e feito fortaleza nelle, cuidando que por aqui os incitaria a terem goſto de o ajudarem. E porque a principal rezão, por onde eſtavam agravados de Afonſo Dalboquerque, era a carta, que eſcrevêra ao Viſorey, mandou-os chamar, e moſtrou-lha, dizendo, que por ella veriam não ſer verdade o que lhe Antonio do Campo tinha dito, e fez-lhe outras muitas juſtificações, e deſculpas, que podéra eſcuſar, e nada diſto lhe quiſeram receber, mas antes como homens ſoberbos lhe deram a entender em palavras não ſer aquella a carta, e que fizera outra. E eſtavam tão indignados pelo que Antonio do Campo tinha dito da carta, não ſendo verdade, que Afonſo Dalboquerque a rompeo perante elles, e diſſe-lhes, que eſcreveſſem outra á ſua vontade, e que elle a aſſina-

ria: e aſſi ſe apartou delles mui deſcontente por lhe não receberem ſuas verdadeiras deſculpas: e o principal deſte negocio era Jorge Barreto, que elles já ſe tinham mudado de todo. Apartado Afonſo Dalboquerque, mandáram apanhar os pedaços da carta por João Lopez, criado de Franciſco de Tavora; e poſto que nella não dizia mais que dar conta ao Viſorey do eſtado, em que as couſas de Ormuz ficavam, e como ſua determinação era ſoſtelo, pedindo que lhe mandaſſe gente, armas, e artelharia. Vendo elles eſta determinação de Afonſo Dalboquerque, aſſentáram, ſegundo o negocio era grande, que dali tres annos não iriam á India, e perderiam carregarem ſuas quintaladas, que tinham de ordenado; e dali por diante começáram-ſe a danar muito mais contra elle.

CAPITULO XLII.

Do que o grande Afonſo Dalboquerque paſſou com os meſtres, e pilotos, e toda a outra gente do mar, que os capitães tinham amotinado contra elle.

Sabendo o grande Afonſo Dalboquerque, que os capitães tinham amotinado toda a gente das ſuas náos, principalmente meſtres, e pilotos, marinheiros, e bombardeiros, que era a gente, de que elle mais fundamento fazia, porque eram ſempre os primeiros no trabalho da fortaleza, pelos deſaſſombrar mandou-os chamar a todos, e moſtrou-lhe o regimento, que trazia delRey D. Manuel, e diſſe-lhes, que elle tinha ſabido que os ſeus capitães os indinavam contra elle, dizendo, que lhes tomava ſuas partes dos quinze mil xerafins,

que o rey de Ormuz pagára de tributo; que por aquelle regimento, que lhe ali moſtrava, veriam o que ElRey niſſo mandava que fizeſſe, e que não era elle o homem pera lhe tomar nada do que lhe foſſe devido, e que por cima diſto tudo elle queria pôr o dinheiro, que ſe em iſſo montaſſe, em poder de dous homens até o Viſorey determinar o que foſſe juſtiça. Elles como eſtavam indinados polos ſeus capitães, não lhe aceitáram nada diſto que diſſe, e começáram com grandes vozes, e grandes alvoroços a dizer, que não aviam de trabalhar na obra, nem pelejar até lhes não pagarem o ſeu. Afonſo Dalboquerque lhes diſſe muito manſamente, que aquelles alvoroços eram eſcuſados, e que ſe lembraſſem que eram Portugueſes, e que andavam entre imigos muito longe da ſua terra, e que não compria aver antre elles ſenão muita paz, e amizade, porque tudo o que ſe paſſava naquella armada ſabia Cogeatar muito bem, e que ſe não quiſeſſem crer pelo conſelho de ſeus capitães, porque andavam aborrecidos da guerra, e deſejoſos de ſe ir pera a India carregar ſuas quintaladas: que o que foſſe ſeu de direito elle lho não avia de tomar; e que ſe lembraſſem que contra o regimento delRey lhe dera eſcala franca em todos os lugares que tomára, onde ouveram grandes deſpojos, de que eſtavam muito ricos, e que foram ſempre muito bem tratados delle, e pagos de ſeu ſoldo, ſem lhes deverem nada; e que ſe os trabalhos da guerra os faziam mal ſofridos, que elle não eſtava fóra delles, nem fazia mais niſſo que comprir o que lhe ElRey mandava em ſeu regimento; e que lhe rogava muito da ſua parte que o quiſeſſem ſervir, como ſe delles eſperava, e por falta ſua ſe não perdeſſe huma empreſa tamanha, como a que tinham nas mãos, pois eſſe fora o fundamento,

com que partíra de Portugal. Todavia elles, (per cima deſtas rezões, e outras, que lhe Afonſo Dalboquerque deu,) começáram a dizer deſatentadamente, que pois não tinha dúvida a lhe dar ſuas partes, ſe foſſe juſtiça, que elles eram contentes que Jorge Barreto, Afonſo Lopez da Coſta, e Antonio do Campo o determinaſſem; e elle lhe reſpondeo, que as couſas de ſeu regimento determinadas, e aſſentadas por ElRey ſeu senhor, não nas avia de pôr a juizo de ninguem, ſenão executalas, como por elle lhe era mandado, e que abaſtava terem-no elles viſto pera ſe convencerem: e ſe lhes parecia que no que diziam tinham rezão, que perto eſtava o Viſorey pera o determinar, e que elle ſeria ſeu procurador diante delle; porque tambem daquelle dinheiro, quando não foſſe delRey, tinha ſua joia, e vinte cinco partes. E já agaſtado tomou hum livro na mão, e diſſe-lhes, que por aquelles Sanctos Evangelhos lhes jurava, que elle não entendia aquillo doutra maneira, nem ElRey lhe mandava que do tributo, que os reys que conquiſtaſſem pagaſſem, déſſe parte á gente daquella armada. A iſto reſpondêram todos, que lhes déſſe ſuas partes, e que cada capitão ficaria por fiador da ſua gente, pera lhas tornar, quando foſſe juſtiça dar-lhas. Afonſo Dalboquerque deſejoſo de ter mais certeza de quaes eram os capitães, que metiam a ſua gente niſto, diſſimulou com elles, e diſſe-lhes, que era muito contente de fazer aquillo que lhe pediam, com tanto que cada hum trouxeſſe aſſinado do ſeu capitão em que ſe obrigaſſe por iſſo, e que elle lhes mandaria logo dar o dinheiro. Com eſta repoſta ſe foram muito contentes pera as ſuas náos, e deram conta aos capitães de tudo o que tinham paſſado; mas nunca podéram acabar com elles que lhes deſſem eſcrito, e ficou a couſa aſſi pera

o Viſorey a determinar. Paſſada eſta pratica, que Afonſo Dalboquerque teve com os meſtres, e pilotos, mandou dizer a Franciſco de Tavora, que ſe fizeſſe preſtes pera irem á pedreira, porque avia falta de pedra na obra, e o dia era ſeu, e que vieſſe pela menhaã ter com elle pera irem ambos; e como todos eſtavam juramentados de lhe não obedecer, foi-ſe Franciſco de Tavora pela menhaã á pedreira ſem eſperar por elle, e Afonſo Dalboquerque chegou dali a poucas horas muito deſcarregado, e ſem lhe dizer nada andáram ambos paſſeando pela praia, em quanto ſe os bateis carregavam, e niſto chegou Pero Vaz Dorta, feitor a cavalo que vinha da cidade, e apartou-ſe pera detrás de hum penedo a falar com Afonſo Dalboquerque; e depois que faláram, tornando-ſe pera os bateis, vio ir Franciſco de Tavora hum pedaço pelo mar caminho da cidade, e mandou-lhe capear que eſperaſſe, e não quis: e como iſto vio, embarcou-ſe, e foi-ſe apos elle, e mandou-lhe outra vez capear que eſperaſſe. Franciſco de Tavora, mais com vergonha que com vontade, mandou levar o remo, e eſperou.

CAPITULO XLIII.

Do que o grande Afonſo Dalboquerque paſſou com Franciſco de Tavora vindo da pedreira: e da pratica, que teve com os capitães depois de eſtar em terra.

CHEGADO o grande Afonſo Dalboquerque a Franciſco de Tavora, porque entendia a ſemente, que Antonio do Campo tinha ſemeado no coração de todos

os capitães, não ſe pode ter que ſe não deſenganaſſe com elle, e diſſe-lhe:

— *Senhor Franciſco de Tavora, com mais corteſia vos aguardo eu, quando vindes a mi, do que me vós agora fizeſtes. Como? Antre duas pedras em terra de imigos me aveis vós de deixar, e irdes-vos ſem mi, e ſem meu mandado? bem ſei eu o caſtigo, que vós merecieis; mas ſofro tudo, porque me he neceſſario ſofrer.*

Franciſco de Tavora ſe alevantou em pé, e pondo a boca em Deos, diſſe:

Vós não me aveis de caſtigar, nem tendes poder pera iſſo: tomai a voſſa náo, e fazei della o que quiſerdes, que vos prometo, que ſe nos fazemos á véla, que vos ei de fugir: e diſſe-lhe outras palavras, a que Afonſo Dalboquerque não quis reſponder, e mandou-o paſſar ao ſeu batel; e avendo dó delle, lhe diſſe, que era pobre, e caſado de novo, que não quiſeſſe andar naquellas conjurações com os capitães, porque ſe perderia com ElRey D. Manuel. Franciſco de Tavora agaſtado lhe diſſe, que tinha mais que elle, e que não queria nada delRey, e que bem ſabia que lhe queria mal polo requerimento que lhe fizera: que deixaſſe Ormuz, e ſe foſſe ao Cabo de Guardafum fazer o que lhe ElRey mandava em ſeu regimento. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que ſe eſpantava muito delle dizer, que lhe queria mal polo requerimento, que lhe todos fizeram, pois lhe elle deſcobríra que lho queriam fazer, e lhe perguntára ſe aſſinaria nelle, e lhe reſpondêra ſem nenhuma paixão rindo-ſe, que ſe lhe parecia bem o que os outros capitães faziam, que aſſinaſſe. Franciſco de Tavora envergonhado diſto que lhe tinha dito, calou-ſe, e não lhe reſpondeo nada: e chegados á ribeira, levou-o Afonſo Dalboquerque comſigo pera a ſua náo; e porque os capitães andavam já de todo danados, e eſtas couſas

eram já muito públicas por toda a cidade, e não ſe podia já curar, ſenão com o cutelo da juſtiça delRey, ou com a paciencia de Job, determinou de tomar algum meio com elles, e mandou-os chamar, e diſſe-lhes, que quando ElRey D. Manuel lhes fizera mercê em Portugal das capitanias daquellas náos, foi pera o virem ſervir naquella empreſa de Ormuz em ſua companhia, e pelejarem debaixo da ſua bandeira, e não pera andarem nas differenças, em que andavam com elle, as quaes eram muito perjudiciaes, ao ſerviço delRey, que o rey de Ormuz, e Cogeatar ſabiam muito bem: e que depois que partiram de Çocotorá até aquella hora, nunca lhe aconſelháram couſa, que não foſſe contra o ſerviço, e honra de ſua Alteza, o que elle curára ſempre com muito ſiſo, e muito ſofrimento, que com elles tivera. E ainda que lhe ElRey mandára que tomaſſe ſeus conſelhos, como diziam, de crer era, que ſendo elles os que eram, que tambem lhe mandaria que fizeſſe o que lhe pareceſſe mais ſeu ſerviço, pois lhe aconſelhavam que deixaſſe huma empreſa tamanha, como aquella, e ſe foſſe á galhofaria das preſas do Cabo de Guardafum, na qual empreſa ſe o todos ajudáram como verdadeiros Portugueſes, elle a tivera poſta no eſtado, em que avia de eſtar; e ſe cada dia lhe aviam de vir com requerimentos, deſaſſoſſegando a gente, e trazendo-a toda alvoroçada, como andava, (que Cogeatar ſabia muito bem,) que lho não avia de ſofrer, como fizera até ali: e que lhes pedia muito por mercê, que com muita paz ſerviſſem todos ElRey, que lhes avia de galardoar ſeus ſerviços, e não aconſelhaſſem a João da Nova que ſe deſconcertaſſe com elle, e lhe pediſſe licença pera ſe ir pera a India, pois ſabiam todos que em quanto andaſſe naquella guerra, não era ſerviço delRey dar-lha; e aſſi

lho differam em hum confelho, que com elles tivera fobre iffo em Calayate. E fe fe agaftavam com o trabalho, que tinham na continuação da obra da fortaleza, que eftiveffem em fuas náos, e não vieffem a terra, que elle os avia por defobrigados diffo, porque não era tamanho que não folgaffe mais de o paffar, que tudo o mais que cada dia diziam, e faziam contra elle. E que lhe mandava, da parte delRey de Portugal feu senhor, que nenhum delles foffe mais a terra fem fua licença; porque fegundo os mouros andavam defaffoffegados com eftas coufas, acontecendo alguma defaventura, queria faber o capitão que lá eftava. Paffada efta pratica, fem mais querer ouvir as rezões fingidas, que lhe davam, os defpedio que fe foffem pera as fuas náos, e fofpendeo Francifco de Tavora da capitania da fua, por lhe ter dito que lhe avia de fugir, e deu-a a Diniz Fernandes de Melo.

CAPITULO XLIV.

De como fugíram quatro Chriftãos da noffa Armada, e contáram a Cogeatar as differenças, que avia antre o grande Afonfo Dalboquerque, e os capitães: e do recado que lhe mandou, e o mais que paffou.

Como o cuidado de Cogeatar era trabalhar fempre de faber tudo o que Afonfo Dalboquerque fazia, e ordenava, foube logo as differenças, que os capitães com elle tiveram, e os requerimentos, que lhe tinham feito, e nefte tempo fugíram quatro homens da armada, pelos quaes foi mais certificado de tudo o que paffava; e como a determinação de Afonfo Dalboquerque era,

tornando do eſtreito, (pera onde determinava de ir,) fazer ſeu aſſento em Ormuz, e alevantar-ſe com a fortaleza depois de acabada, a qual elle fazia contra parecer dos capitães, e ſem ſeu conſelho, porque ElRey de Portugal não lhe mandára que fizeſſe fortaleza em Ormuz: Cogeatar como eſtava arrependido de ter dado lugar pera ſe fazer fortaleza, ficou muito lédo de lhe eſtes affirmarem, que os capitães, e gente da armada não eram diſſo contentes, porque tinha grande dor em ſeu coração de ter conſentido niſſo; e ajudou muito a eſte ſeu arrependimento certificarem-lhe, que Afonſo Dalboquerque queria fazer aſtento em Ormuz, porque ſendo aſſi, ficaria elle ſem nenhum mando, e Afonſo Dalboquerque ſenhor do reyno. Cogeatar com a paixão, que tinha deſte novo deſſenho de Afonſo Dalboquerque, deu conta deſtas couſas a certos mouros honrados, que eram da ſua parcialidade, pera entender o que avia de fazer neſte caſo. Praticado com elles, dali a dous dias mandou dizer a Afonſo Dalboquerque por Pero Vaz Dorta, feitor, que os regedores da terra lhe vinham cada dia com grandes querelas, dizendo, que o fundamento, com que fazia aquella fortaleza, era pera ſe alevantar com ella, e deſtroir Ormuz: e pois aſſi era, não avia de conſentir que ſe poſeſſe mais pedra nella. Afonſo Dalboquerque enfadado deſta infamia, que lhe os Portugueſes punham, reſpondeo-lhe, que elle não era coſſairo, nem ElRey ſeu senhor o mandára ſenão a conquiſtar aquelle reyno, que elle tinha ganhado; e que os Portugueſes, que tinham honra, não acoſtumavam fazer treição a ſeu Rey, e que o não julgaſſe por quatro bargantes, que lá tinha comſigo, que pois foram tredores ao ſeu Deos em deixarem a ſua sancta Fé, que aſſi o ſeriam a ſeu rey: e que pera deſtroir Ormuz,

ſe o quiſeſſe fazer, não tinha neceſſidade de mais que daquella armada que ali tinha; e que a fortaleza que fazia, não era pera ſe alevantar com ella, como lhe os capitães davam a entender, ſenão pera guardar, e defender Ormuz, como couſa delRey ſeu senhor. E ainda que Cogeatar mandaſſe eſte recado, todavia a obra hia por diante. O feitor foi a terra com eſta repoſta, e diſſe a Cogeatar tudo o que lhe Afonſo Dalboquerque diſſera; e como elle pelo que ſabia dos capitães deſejava de ſe deſavir com Afonſo Dalboquerque, diſſe ao feitor, que lhe diſſeſſe, que o rey queria mandar Rexnordim falar com elle certas couſas, que lhe compria perante os capitães, que ordenaſſe hum lugar, onde ſe viſſem. Afonſo Dalboquerque lhe mandou dizer, que o lugar mais certo, onde ſe podiam ver, era na fortaleza, e que ali iria eſperar por Rexnordim aquella tarde. Como o feitor foi com eſte recado, foi-ſe Afonſo Dalboquerque com todos os capitães á fortaleza, e ali eſteve eſperando hum grande eſpaço até que veio o feitor, e diſſe-lhe, que Rexnordim não avia de vir, porque Cogeatar eſtava arrependido do recado, que lhe tinha mandado, e que ſe não fiaſſe em ſuas palavras, porque o víra tão contente de ſaber as diſſerenças, que avia antre elle, e os capitães, que não avia de comprir nada do que lhe prometeſſe; porque na pratica, que com elle tivera, entendêra que o recado, que lhe o rey queria mandar por Rexnordim era, que ſe alevantaſſe logo daquelle porto com ſua armada, e ſe foſſe. Afonſo Dalboquerque enfadou-ſe muito deſte recado, que lhe o rey queria mandar; porque avia poucos dias, que eſtando elle preſtes pera ſe partir pera o eſtreito, lhe mandára dizer polo meſmo Rexnordim, que ſe não foſſe, porque tinha nova certa, que hum grande senhor da terra firme, que ſe

chamavá o Meſſará, ſe fazia preſtes com huma groſſa armada pera vir ſobre a cidade, e ſegundo ella eſtava deſtruida, e ſem gente, ſeria facil couſa tomala, e tomando-a, ficaria senhor de todo o reyno: e elle lhe reſpondêrá, que ainda que a ſua ida do eſtreito foſſe obrigatoria, por lho ElRey ſeu senhor mandar em ſeu regimento, faria o que lhe elle mandava; pois polo contrato, que com elle tinha feito em ſeu nome, era obrigado a defender aquelle reyno como couſa ſua. E porque eſte recado, que o rey queria mandár a Afonſo Dalboquerque, era conforme á tenção dos capitães, e aos requerimentos, que lhe tinham feito, vio Afonſo Dalboquerque claramente que elles eram culpados neſte deſavergonhamento de Cogeatar; e entendendo iſto, diſſimulou com elles, e ſem lhes dizer nada, deſpedio-os, que foſſem pera as ſuas náos; e mandou dizer a Cogeatar, por Gaſpar Rodriguez, lingoa, que daquella armada delRey de Portugal ſeu senhor eram fugidos quatro chriſtãos, que elle tinha preſos pera os caſtigar, por alguns crimes, que tinham feito: que lhe pedia por mercê que lhos mandaſſe entregar. Cogeatar diſſe a Gaſpar Rodriguez, que até aquella hora elle não ſabia parte delles, que os mandaria buſcar, e achando-ſe, que logo lhos entregaria; e poſto que Afonſo Dalboquerque entendeſſe que Cogeatar tinha os chriſtãos comſigo, diſſimulou com elle com fundamento de acabar a torre da menagem até o primeiro ſobrado, a que dava grande preſſa. E com tudo paſſados alguns dias, vendo que lhe não mandava os Chriſtãos, mandou lhe dizer que lhe pedia muito que lhe mandaſſe os ſeus homens, porque como elle era capitão mór daquella armada, tinha obrigação de dar conta com entrega della, e da gente a ElRey ſeu senhor: e que ſe lembraſſe que o rey, e elle

avia muito poucos dias, que tinham jurado de ſerem muito obedientes a ElRey de Portugal ſeu senhor, e de comprir inteiramente os mandados de quem ſeus poderes tiveſſe. Cogeatar lhe reſpondeo, que ſe não agaſtaſſe, que os ſeus homens eſtavam da banda dalém na terra firme, atados de pés, e de mãos, que lá tinha mandado, que dali a cinco dias lhos mandaria.

CAPITULO XLV.

De como o grande Afonſo Dalboquerque, vendo que Cogeatar lhe não entregava os homens, mandou recolher os officiaes da obra, e a gente, que andava em terra, e o mais que paſſou com os capitães.

PASSADOS os cinco dias, que Cogeatar tomou pera mandar buſcar os homens, mandou-lhe o grande Afonſo Dalboquerque dizer por Gaſpar Rodriguez, que o tempo, que lhe mandára pedir pera ſe buſcarem os ſeus homens, avia dias que era paſſado, ſe eram vindos, que lhos mandaſſe. Cogeatar lhe diſſe, que elle tinha mandado alguns criados ſeus á terra firme em buſca dos chriſtãos, e que não vinham, nem tinham feito nada: que diſſeſſe ao ſenhor capitão mór, que lhe mandaſſe hum criado ſeu, em que tinha feito repreſaria, que ſabia a terra muito bem, pera o mandar em buſca dos ſeus homens, porque era muito diligente, que faria eſte negocio differentemente de todos os outros, e dali a dous dias lhos mandaria. Tornado Gaſpar Rodriguez da terra com eſta repoſta, diſſe a Afonſo Dalboquerque, que elle entendêra no alvoroço de alguns mouros, que

eram da parcialidade de Cogeatar, e nas palavras de ſua repoſta, que lhe não avia de entregar os chriſtãos, e que deſejava de quebrar com elle, e que andava neſtas dilações a fim de pôr em effeito alguma treição, que tinha ordenada, porque mandára tapar as bocas de duas ruas, que vinham ter ás caſas, onde eſtava a feitoria de pedra, e cal. Advertido Afonſo Dalboquerque diſto, que lhe Gaſpar Rodriguez diſſe, e por atalhar as malicias de Cogeatar, determinou de mandar alevantar mão da obra, e praticou eſte negocio com João da Nova, e o feitor, que ao preſente eſtavam com elle no parao junto de terra; e porque a ambos pareceo bem, mandou Afonſo Dalboquerque, ſem mais dilação, a João da Nova, que recolheſſe todos os officiaes da obra, e a mais gente, que andava pela cidade, porque não recebeſſem alguma afronta dos mouros. João da Nova foi-ſe logo a terra, e fez recolher todos ao parao, de modo que antes do sol poſto não avia ninguem na cidade; e como foram recolhidos, mandou Afonſo Dalboquerque chamar os capitães, e alguns fidalgos á ſua náo, e juntos todos, diſſe-lhes o que tinha paſſado com Cogeatar, e o que lhe Gaſpar Rodriguez diſſera, e pedio-lhe que lhe diſſeſſem o que faria, ſe lhe Cogeatar não quiſeſſe entregar os homens. Praticado eſte negocio, aſſentáram, que ſe lhos Cogeatar não entregaſſe, que lhe devia fazer a guerra, e deſtroir Ormuz, ſe podeſſe; e que lhe não devia de mandar o ſeu mouro, que lhe mandava pedir, nem os outros, que lhe o rey pedia, porque tudo eram enganos, e mentiras. Afonſo Lopez da Coſta foi de outro parecer, e diſſe, que por cima do que os capitães diziam, que ſeria bom mandar-lhe o mouro, e dar falha a ſuas mentiras, e diſſimulações, pois eſtava em ſua mão fazer-lhe guerra cada vez que

quiſeſſe. Afonſo Dalboquerque pareceo-lhe bem eſte conſelho de Afonſo Lopez da Coſta, e mandou a Cogeatar o ſeu criado, e os dias, que lhe mandou pedir; e neſte interim diſſe ao feitor, que diſſimuladamente recolheſſe a feitoria, e os homens, que nella tinha. Cogeatar como ſoube que ſe mandava recolher a feitoria, vendo que Afonſo Dalboquerque andava ſempre diante delle em tudo, por diſſimular, e ver ſe podia antreter, mandou-lhe dizer por Almaçá da parte do rey, que lhe pedia muito por mercê, que não mandaſſe recolher a feitoria, porque era grande eſcandalo pera os mercadores, e elle da ſua parte recebia muito deſprazer niſſo. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que como queria ſua real senhoria que fiaſſe a fazenda delRey ſeu senhor, e os ſeus officiaes delle, ſe Cogeatar tinha mandado atalhar com paredes duas ruas, que vinham ter á feitoria, e não lhe queria mandar quatro bargantes, que lhe fugíram da ſua armada, que per muitas vezes lhe tinha mandado pedir: e com eſta reposta lhe mandou amoſtrar por João Eſtão as cartas, que lhe tinham feito da entrega do reyno, e que diſſeſſe ao rey, que lhe pedia muito por mercê que cuidaſſe bem no que fazia, e não faltaſſe de ſua palavra, nem quiſeſſe ter guerra com ElRey de Portugal ſeu senhor, porque ſe perderia: e que viſſe bem aquellas cartas, e os ſellos, com que eſtavam aſſelladas, e que não quebraſſe a paz, que com elle tinha aſſentada em nome delRey de Portugal, porque o reyno de Ormuz não ſe podia defender por armas, ſenão com ſiſo, e bom conſelho. O rey, e Cogeatar não quiſeram ver as cartas, dizendo, que bem ſabiam o que eſtava nellas, e que ſua tenção era comprilas inteiramente, porque elles eram vaſſallos delRey de Portugal; e que ſe todas eſtas

coufas fazia por amor dos homens, que lhe fugíram, que fe não agaftaffe, que elles apareceriam.

CAPITULO XLVI.

Como Cogeatar mandou pedir ao grande Afonfo Dalboquerque feguro pera os chriftãos: E os capitães lhe mandáram requerer que não fizeffe guerra á cidade, e o que fobre iffo paffou com elles.

No cabo dos dous dias, que Cogeatar pedio pera mandar os chriftãos, vendo Afonfo Dalboquerque que não vinham, mandou-lhe dizer por Gafpar Rodrigues, que lhe pedia muito que lhe mandaffe os feus homens, e não andaffe em dilações, porque lho não avia de fofrer. Gafpar Rodriguez foi a terra, e deu efte recado a Cogeatar; e paffadas muitas praticas fobre iffo, diffe-lhe, que diffeffe ao capitão mór, que lhe mandaffe huns mouros, que tomára no desbarato das náos, que eram feus criados, e hum alvará feu, em que prometia de não fazer juftiça dos homens, que logo lhos mandaria, porque não queria ter guerra com elle, fenão muita paz, e amizade, pois todos eram vaffalos delRey de Portugal, e fempre avia de eftar á fua obediencia; e por aqui lhe diffe outras muitas palavras a fim de averem effeito fuas diffimulações. Gafpar Rodriguez tornou com efta repofta, e diffe a Afonfo Dalboquerque, que Cogeatar lhe mandára amoftrar os chriftãos muito ataviados, e que os víra tão contentes de fi, que per cima deftas palavras, que Cogeatar dizia, fe affirmava que lhos não avia de entregar. Afonfo Dal-

boquerque, poſto que entendia muito bem ſuas manhas, e mentiras, diſſimulou ſempre com elle, porque deſejava de ſaber delles quem os fizera fugir; e porque não ficaſſe nada por fazer, tornou a mandar Gaſpar Rodriguez com o eſcrito, que lhe pedio de ſeguro, e que lhe mandaſſe dizer onde queria que lhe poſeſſem os mouros, porque lhos mandaria logo. Partido Gaſpar Rodriguez com eſte recado, mandou Afonſo Dalboquerque a João Eſtão, que correſſe todas as náos, e ajuntaſſe os mouros, que podiam ſer duzentos, e embarcados em hum zambuco, vieſſe com elles á borda da agoa, onde elle eſtava no parao: e como ali foram, mandou dizer a Cogeatar, que ali tinha os mouros, que mandaſſe os chriſtãos. Cogeatar lhe reſpondeo, que os mandaſſe pôr em terra, e que foſſe hum capitão ao Cerame polos chriſtãos, que lá lhos entregaria. Afonſo Dalboquerque, como andava atalaiado de ſuas treições, mandou a D. Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, e a João da Nova com duzentos homens, que poſeſſem os mouros junto da fortaleza atados huns nos outros, e que ali eſperaſſem ſeu recado; e mandou a Franciſco de Tavora, que foſſe em hum batel ao Cerame polos chriſtãos, e a Gaſpar Rodriguez que foſſe diante dizer a Cogeatar, que os mouros eſtavam em terra, que mandaſſe entregar os chriſtãos a Franciſco de Tavora, que lá hia pera os trazer. E porque Gaſpar Rodriguez começou a tardar, e não vinha com recado, mandou Afonſo Dalboquerque hum moço ſeu a ſaber porque tardava, e no caminho o achou que vinha já: e diſſe-lhe, que Cogeatar o detivera todo aquelle tempo ſem lhe reſponder, que não podéra ſaber o fim por que o fizera, e que víra os homens veſtidos de trajos de mouros, com ſuas eſpadas na cinta, muito ledos, como homens, que ſabiam

que os não aviam de entregar; e depois de muitas praticas, que tivera com elle, lhe dissera, que devia de mandar apresentar os mouros ao rey pera se aquelle negocio fazer melhor, e que elle mandaria amostrar os christãos a Francisco de Tavora. Afonso Dalboquerque enfadado desta reposta, mandou logo recado a D. Antonio, e João da Nova, que recolhessem os mouros ao zambuco, porque Cogeatar não entregava os christãos, e no Cerame avia grande ajuntamento de frécheiros, e elle lhe iria dar costas com a mais gente, porque ordenando-lhe Cogeatar alguma treição, não nos tomasse desapercebidos. Recolhidos os mouros ao zambuco, desembarcou Afonso Dalboquerque, e ajuntou-se com D. Antonio, e João da Nova, e estiveram assi hum bom espaço ao pé da fortaleza esperando a determinação de Cogeatar; e como tudo foi assossegado, recolheo-se aos bateis, e foi-se á sua náo. Chegado Afonso Dalboquerque á náo, deu-lhe Antonio Fernandez, que era o corretor dos requerimentos, (como atrás tenho dito,) hum escrito assinado por todos os capitães, que eu tresladei do proprio, que dizia assi:

Senhor, fazemos isto por escrito, porque por palavra não ousamos, por quão apassionadamente nos sempre respondeis; e em caso que vós, senhor, nos tenhais dito per vezes que ElRey vos não manda que tomeis conselho comnosco, este caso he de tamanha substancia, que nos parece que somos obrigados a darvo-lo; e se o não fizessemos, seriamos dignos de grande castigo; e porque esta guerra, que agora quereis fazer, he muito contra o serviço delRey nosso senhor, nos parece que vossa mercê deve de olhar muito bem, antes de a começar, quanta culpa tem Cogeatar pera ser rezão pôrem-se ao taboleiro quinze mil cruzados de renda cada anno,

a fóra a honra de tão grande cidade, e reyno; e ſe de todo voſſa mercê determina de lha fazer, e quebrar a paz, e aſſento, que com elle tem feito, a nós nos parece que o não deveis de fazer, porque mais ſerviço delRey noſſo senhor ſerá deixar agora eſta cidade, e diſſimular com Cogeatar, e pera o anno vir poſſante pera a ſenhorear, e ſegurar, que deſtroila pera ſempre. E ſe todavia voſſa mercê determina de fazer a guerra, olhe bem que ſeja com todo o reſguardo, e ſegurança deſta armada, em que vai mais ao ſerviço do dito senhor, que ganhar, nem perder eſta cidade, agora, pois a todo o tempo ſe póde fazer; porque ſaindo voſſa mercê em terra de Ormuz, ou na cidade, nós determinamos de não ir comvoſco, nem ſer em tal guerra, nem conſelho; e porque diſto ſeja certo, e depois o não poſſamos negar, aſſinamos aqui todos: oje cinco dias do mes de janeiro de mil e quinhentos e oito annos. João da Nova. Antonio do Campo. Afonſo Lopez da Coſta. Franciſco de Tavora. Manuel Telez.

Vendo Afonſo Dalboquerque eſte eſcrito, foi-ſe á náo de Franciſco de Tavora, e levou João Eſtão eſcrivão da armada comſigo, e ali mandou chamar a todos; e ſendo juntos, diſſe-lhes, que Antonio Fernandez lhe dera hum eſcrito aſſinado por elles, que tinha muito bem guardado pera o mandar a ElRey ſeu senhor: e que pois eſtavam arrependidos do que lhe tinham aconſelhado, e lhe parecia bem não ſe deſtruir Ormuz, que lhe diſſeſſem ſe ſe affirmavam de não ſerem com elle neſta guerra, como no ſeu eſcrito diziam; e que ſe lembraſſem que avia dous dias, que praticando com elles ſe faria a guerra a Ormuz, ſe lhe Cogeatar não entregaſſe os ſeus homens, que lhe aconſelháram que lha fizeſſe, e não ſe fiaſſe nas ſuas palavras brandas, e doces, por-

que tudo eram mentiras: e que agora os vía tão mudados, que lhe parecia que ou era paixão, ou alguma cousa, que elle não entendia, porque de cavaleiros não era refusar os trabalhos da guerra; porque ElRey Dom Manuel, pela confiança, que nelles tinha, os mandára em sua companhia pera conquistarem aquelle reyno: e que olhassem muito bem o que diziam, porque não lhe obedecerem era irem contra o poder delRey, que lhe tinha dado sobrelles. Os capitães lhe respondêram, que era verdade que lhe tinham aconselhado que fizesse á guerra a Ormuz, se lhe Cogeatar não désse os homens, e que depois de lho terem dito, cuidáram nisso, e assentáram ser muito desserviço delRey nosso senhor fazer-se, e por isso devia de a escusar quando podesse, e dissimular com Cogeatar; porque ElRey D. Manuel lhe mandava em seu regimento, que tudo o que fizesse fosse com conselho delles, o que elle nunca quisera tomar, e fazia tudo o que queria, sem lhe dar conta de nada. E por aqui foi cada hum tratando dos agravos, que delle tinham. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que os trabalhos da guerra não se podiam chamar agravos, e que o fossem, não era tempo pera se falar nelles, senão pera acabada aquella fortaleza, a defenderem em que pez aos mouros. E se os agravos que diziam eram de seu officio, que na India tinham o visorey, que lhe faria justiça, e ElRey D. Manuel em Portugal que o castigaria: e o que agora mais compria ao serviço delRey era se aviam de ser com elle em aquella guerra, ou não. Francisco de Tavora disse, que seria com elle, e faria tudo o que lhe elle mandasse. Todos os outros capitães se affirmáram de não fazerem outra cousa, senão a que tinham dito no seu escrito. João da Nova começou a dizer, que se os capitães

eftavam naquella determinação, era por elle mandar recolher a gente da cidade fem feu confelho: e que pois Cogeatar dizia, que todos eram vaffalos de ElRey de Portugal, efcufado era fazer-lhe a guerra. Afonfo Dalboquerque lhe refpondeo:

Iffo me ouvereis vós de dizer, quando vos mandei recolher a gente, e não agora, pois o fiz com voffo confelho, e do feitor; e fem mais querer ter pratica com elles, os defpedio.

Afonfo Lopes da Cofta como chegou á fua náo, mandou ajuntar toda a gente, e quiz faber delles fe eftavam na fua determinação: todos lhe refpondêram, que elles aviam de morrer, onde o feu capitão mór morreffe. Paffadas eftas praticas, foi-fe Afonfo Dalboquerque pera a fua náo enfadado defta determinação dos capitães; e eftando affi fufpenfo no que nefte cafo faria, chegou Fernão Soares, e diffe-lhe, que os capitães ficavam muito arrependidos do efcrito, que lhe tinham mandado, e muito mais das palavras, que com elle paffáram: que lhe pediam muito por mercê que fe não lembraffe diffo, porque a paixão os fegára, e que todos eftavam preftes pera o fervirem naquella guerra, e fazerem tudo o que lhes mandaffe.

CAPITULO XLVII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque determinou de fazer guerra a Ormuz: e como a gente do Rey, que eſtava em guarda dos poços de Turumbaque, foi desbaratada pelos noſſos.

TENDO o grande Afonſo Dalboquerque aſſentado de fazer guerra ao rey de Ormuz, ſe lhe não mandaſſe entregar os chriſtãos; primeiro que a começaſſe, quiz entender no alvoroço dos capitães, e ſaber ſe o recado, que lhe mandáram por Fernão Soares, era mais que comprimento; porque não querendo elles eſtar á ſua obediencia, como tinham dito, proveria de outros capitães nas náos, que ſerviſſem a ElRey; e mandou a João Eſtão, eſcrivão da armada, que da ſua parte diſſeſſe a Antonio do Campo, que tinha algumas culpas delle, que deixaſſe a ſua capitania, e ſe vieſſe preſo á ſua náo: e aos outros capitães, que pois ſua determinação era não ſervirem ElRey naquella guerra, que deixaſſem as ſuas náos, e que elle as proveria de capitães, que ſerviſſem a ElRey, e eſtiveſſem á ſua obediencia, e que de tudo o que paſſaſſe com elles fizeſſe autos. Os capitães vendo eſta determinação de Afonſo Dalboquerque, envergonhados do que tinham cometido, diſſeram a João Eſtão, que elles eſtavam arrependidos do que tinham dito, e feito, e que iſto lhe tinham mandado dizer por Fernão Soares, e que elles eſtavam preſtes pera o ſervirem, e ſerem com elle naquella guerra, que queria fazer. Afonſo Dalboquerque, viſto o arrependimento dos capitães, porque o tempo não era

pera caſtigar culpas, pela neceſſidade que delles tinha, perdoou-lhes, e tornou-lhe ſuas capitanias, ſalvo a de Antonio do Campo, a que não quis tornar a ſua, por ter informação que fora autor de todas eſtas emburilhadas. Paſſadas eſtas praticas, que teve com os capitães, mandou-lhes que ſe chegaſſem a terra com ſuas náos quanto mais podeſſem, e deixaſſem rageiras por popa pera ſe tornarem atrás cada vez que quiſeſſem, e com a artelharia deſſem bataria á fortaleza do rey, e que cada hum tiveſſe ao longo da ſua náo hum parao pera os emparar da artelharia, que os mouros tinham no muro da fortaleza; e mandou ao ſeu meſtre, que chegaſſe tambem a ſua náo a terra quanto podeſſe da banda do porto do ponente. Os capitães deram aquelle dia bataria com tanta furia á cidade, que matáram muita gente na fortaleza, e derribáram muitas caſas pela cidade. Os mouros tinham a ſua artelharia aſſeſtada tão alta, que de baixa mar não fazia nojo ás náos, porque paſſava por cima dellas, e de preamar dava nos paraos, que tinham por emparo; e ſe metiam algum no fundo, cada capitão punha logo outro em ſeu lugar. Envergonhado Antonio do Campo de ver os capitães nas ſuas náos pelejar, e elle fóra da ſua, mandou pedir a Afonſo Dalboquerque que lhe perdoaſſe ſeus erros paſſados, e lhe tornaſſe ſua náo pera com ella ajudar ſeus companheiros, e que elle faria tudo o que elle mandaſſe. E porque neſte tempo tinha neceſſidade de homens, poſto que Antonio do Campo foſſe o que ordia todalas emburilhadas, perdoou-lhe, e mandou-lhe entregar o ſeu navio: e aos capitães diſſe, que ao outro dia tornaſſem a dar bateria á fortaleza; e foi com tanta furia, que os repairos da artelharia groſſa, por ſerem podres, arrebentáram todos. Afonſo Dalboquer-

que vendo iſto, mandou afaſtar as náos pera o mar, e poz-ſe em ordem pera tolher que não vieſſem mantimentos, nem agoa á cidade, e cercou a ilha em roda com toda a armada, e mandou pôr fogo a todas as náos, que no porto eſtavam com ſeu ſeguro, requerendo primeiro a Cogeatar per muitas vezes que entregaſſe os homens, que lhe tinha tomado, lembrando-lhe o aſſento, que elle, e o rey tinham feito, quando lhe entregára o governo daquelle reyno em nome delRey de Portugal. E com eſta ordem, com que tinha cercada a cidade, começou aver nella muita falta de mantimentos, e de agoa, porque lhe não podia vir da terra firme; e ſabendo Afonſo Dalboquerque a falta que avia, mandou-lhe apertar mais o cerco, e notificou aos capitães, e a toda a gente da armada, que ſua determinação era não ſe alevantar daquelle cerco até lhe o rey não entregar a cidade, e que já não fazia fundamento de ir ao eſtreito. Aſſentado iſto, mandou a Manuel Telez, que ſe fizeſſe preſtes pera levar os mantimentos que tinha á fortaleza de Çocotorá; e tendo nova no caminho que por aquella coſta andavam algumas náos de Portugal, que ſe viſſe com os capitães, e lhes diſſeſſe da ſua parte, que o vieſſem ſocorrer, e que lhe trouxeſſe todas as munições de guerra que achaſſe, porque de tudo tinha neceſſidade. O povo da cidade vendo-ſe atalhado de maneira, que de nenhuma parte lhe podia vir agoa, que era o que ſe mais ſentia, ajuntáram-ſe os principais mouros della, e foram-ſe ao rey, pedindo-lhe que mandaſſe guardar os poços de Turumbaque, que eſtavam no Cabo da ilha, porque os Portugueſes ſe não apoderaſſem delles, e dali ſe poderia ſoprír a muita falta, que avia de agoa. O rey mandou logo hum capitão com gente de pé, e de cavalo pera eſtarem em

guarda dos poços, e tendas, em que ſe podeſſem agaſalhar. Aviſado Afonſo Daboquerque deſta determinação dos imigos, mandou-os huma noite eſpiar; e ſabida a ordem, em que eſtavam, não ſofrendo tardança, mandou D. Antonio de Noronha com cem homens, e Franciſco de Tavora, e João da Nova com outros cento, que os foſſem cometer; e eſtando preſtes, embarcáram nos bateis, e partíram á boca da noite; e chegando aos poços, que ſeriam duas horas ante menhaã, deram logo nos mouros, que eſtavam bem deſcüidados do que lhes aconteceo, e desbaratáram-nos, e matáram dous capitães principaes do rey, que eram vindos com aquella gente, e muitos mouros de pé, e de cavalo, e queimáram humas poucas de caſas, que ali eſtavam, e todalas tendas, que trouxeram pera ſeu gaſalhado; e acabado iſto, enchêram os poços de homens, e cavalos, e camelos mortos, e recolhêram-ſe aos bateis com eſta vitoria, e vieram-ſe pera as náos, trazendo comſigo dous archeiros, que ali cativáram, dos quaes ſoube Afonſo Dalboquerque, que avia dias que o rey por conſelho do rey cego, e dos governadores da terra tinha determinado de ſe alevantar contra elle, e matar todos os portugueſes, que andaſſem na cidade, porque eſtava muito arrependido de lhes dar lugar pera fazer fortaleza, e que na cidade avia muita falta de agoa; e Cogeatar por ſe não fiar de ninguem, tinha a chave de huma ciſterna, que ſeria de oitenta covados, e tinha em guarda della hum capitão com gente. Afonſo Dalboquerque, poſto que eſtes mouros, que guardavam a ciſterna, tinham o ſocorro certo por eſtarem perto da cidade, com tudo pelos enfadar determinou de os ir cometer, e fez-ſe preſtes com toda a gente, e partio das náos ante menhaã, e mandou Franciſco de Tavora

na dianteira com quarenta homens, que déſſe nelles; e elle com toda a mais gente foi nas ſuas coſtas, e deram tão de ſupito nos mouros, que os puſeram logo em desbarato, e foram-nos ſeguindo hum pedaço, matando muitos mouros de pé; e ao ſeu capitão, que andava a cavalo, e Lopo Alvarez, criado do condeſtabre, foi o primeiro, que lhe pos a lança. Dos noſſos foram muitos feridos com frechas, porque os mouros de cavalo hiam fugindo, e tirando com ellas aos noſſos, que os ſeguiam ſem ordem. Afonſo Dalboquerque, temendo-ſe do ſocorro, que lhe podia vir, mandou a D. Antonio de Noronha que os recolheſſe, e quebrou as portas da ciſterna, e enchêram-na toda de corpos, e cavalos mortos, e com eſta vitoria ſe foi embarcar nos bateis, e veio-ſe pera as náos.

CAPITULO XLVIII.

De como Cogeatar tornou a mandar deſentupir os poços de Turumbaque, e a gente, que tinha em guarda delles, foi desbaratada pelos noſſos, e o mais que paſſou.

PASSADOS dous dias depois deſte desbarato, porque na cidade avia muita falta de agoa, e começavam a morrer muitos meninos de ſede, e de nenhuma outra parte ſe podiam prover com brevidade, ſenão dos poços de Turumbaque, (pela muita vigilancia, e cuidado, que o grande Afonſo D'alboquerque tinha de guardar a ilha toda em roda,) determinou Cogeatar de mandar ſecretamente deſentupir os poços, e mandou a iſto hum capitão com gente de pé, e de cavalo, e muitos camelos,

e beſtas pera trazerem logo agoa á cidade. Afonſo Dalboquerque como tinha ſuas intelligencias pera ſaber tudo o que o rey ordenava, por mouros a que dava muito de ſua fazenda, foi logo aviſado diſto, e fez preſtes Manuel Telez, e Afonſo Lopez da Coſta com cento e cincoenta homens pera irem ſaltear eſta gente, e que tornaſſem a intupir os poços. Os capitães ſe partíram de noite por mar, e chegáram aos poços, começando de amanhecer, e deram logo nos mouros; e como elles eſtavam deſcuidados, foram deſbaratados, e ſem fazerem reſiſtencia, ſe poſeram em fugida, e os noſſos, os foram ſeguindo, e no alcance matáram muitos, e tornáram-ſe a recolher aos poços, e matáram todos os camelos, e azemelas, que os mouros ali tinham pera levarem agoa, e entupíram os poços. E feito iſto, recolhêram-ſe aos bateis, e tornando-ſe pera as náos, topáram no caminho Afonſo Dalboquerque, que vinha nos bateis com gente pera os ajudar, ſe foſſe neceſſario. Os capitães lhe contáram tudo o que tinham paſſado: e elle lhe louvou muito o feito, e o modo, que tiveram em cometer os mouros. E diſſe-lhes, que tinha por enformação, que ſobre aquelles poços eſtava hum outeiro alto talhado a pique ao mar, onde ſe podia fazer hum forte, em que podia eſtar artelharia, e gente, que defendeſſem não ſe levar dali agoa pera a cidade, que ſeria bom verem aquelle ſitio, e o que ſe nelle podia fazer, porque tolhendo-lhe aquella agoa, de neceſſidade ſe avia o rey de entregar, porque não tinhão donde ſe prover, ſenão com muito trabalho, e riſco das vidas. Com eſta determinação voltáram todos, e foram deſembarcar no porto, e começando a caminhar pelo cerro acima, víram gente de cavalo, que vinham da cidade em ſocorro de huns poucos de archeiros, que ali

ficáram do desbarato paſſado. Afonſo Dalboquerque avendo viſta delles, eſteve quedo com toda a gente, e mandou Afonſo Lopez da Coſta, D. Antonio de Noronha, Manuel Telez, e Jorge Barreto, que tomaſſem a dianteira á noſſa gente, e os tiveſſem que não andaſſem; e feitos todos em hum corpo, mandou a D. Antonio com cem homens, que ſobiſſe o outeiro, e cometeſſe os mouros: e elle deixou-ſe eſtar na praia com a mais gente á viſta delles. D. Antonio ouve-ſe tão valeroſamente no ſobir, que deu nos archeiros primeiro que a gente de cavalo chegaſſe, e poſtos em desbarato, foi-os ſeguindo por hum vale, que hia ter á ſerra. A gente de cavalo, que vinha da cidade, vendo os noſſos deſmandados, começáram a travar com elles. Os archeiros como ſe víram favorecidos da ſua gente de cavalo, fizeram volta, e vieram-ſe ajuntar com elles, e cometêram D. Antonio. Afonſo Dalboquerque vendo os noſſos emburilhados com gente de cavalo, mandou dizer a D. Antonio que ſe recolheſſe pera onde elle eſtava; e porque tardava, mandou-lhe dizer por Afonſo Lopez da Coſta que ſe recolheſſe logo, e com eſte ſegũdo recado ſe veio recolhendo pelo vale abaixo, hum pouco mais depreſſa. Os mouros como víram que D. Antonio ſe recolhia, apertáram mais com elle. D. Antonio como ſe vio apreſſado dos mouros, voltou, e felos arredar de ſi, ficando alguns archeiros eſtirados por eſſe chão mortos, e recolheo-ſe á praia, onde ſeu tio eſtava, e os mouros pegados com elle ſem ordem, e matáram hum moço junto com Afonſo Dalboquerque de huma fréchada pela cabeça, o qual vendo os mouros aſſi deſmandados, mandou a D. Antonio que tornaſſe a dar nelles com a ſua gente, e neſta volta matáram tres mouros de cavalo, que ſe quiſeram aventajar dos outros,

homens bem tratados de veſtidos, e de armas. Os de cavalo como víram eſtes mortos, deixáram as armas, e as cubertas dos cavalos pera ficarem mais leves, e puſeram-ſe em fugida pera a cidade. Foram feridos neſte desbarato D. Antonio de ſete fréchadas, Gonçalo Queimado, Nuno Vaz de Caſtelo-branco, e Antonio de Liz, e outros, e tornáram-ſe a recolher. Os archeiros, poſto que ſe viſſem ſem a gente de cavalo, ajuntáram-ſe na boca do vale com animo de ſe vingarem, e ás ſréchadas começáram a tratar mal os noſſos. Afonſo Dalboquerque enfadado da ſua contumacia, diſſe aos capitães, que deſſem nelles, e foram-nos ſeguindo por hum vale acima, e eſcozêram-os de maneira, que não ouſáram de cometer mais os noſſos, e puſeranıſe todos juntos em hum outeiro, e neſta volta feríram Afonſo Lopez da Coſta, Manuel Telez, Jorge da Silveira, Fernão Feijo, João Rodriguez Pireira. Afonſo Dalboquerque como teve os mouros afaſtados de ſi, recolheo-ſe aos bateis, e veio-ſe pera as náos, ſem ſe determinar no lugar que hia ver; e de dous ſrécheiros, que ſe ali cativáram, ſoube que os de cavalo que matáram, era hum delles filho de Rexnordim, homem muito cavaleiro, que viera da Perſia com gente a ſervir o rey naquella guerra, pelo qual ſe fez tamanho pranto na cidade, que nas náos ſe ouvia. Eſtes tres capitães, que aqui matáram, pagáram a ſoberba, com que ſe oferecêram ao rey pera guardarem eſtes poços.

CAPITULO XLIX.

Do recado, que o rey mandou ao grande Afonſo Dalboquerque, pedindo-lhe pazes, e a repoſta que lhe deu, e o que paſſou na Ilha de Queixome indo tomar agoa.

RECOLHIDO o grande Afonſo Dalboquerque com eſta vitoria pera as náos, foi-lhe dito, que depois de elle ſer partido pera Turumbaque, ſaíram duas almadias de noite da cidade pera a terra firme; e deſejando de ſaber o fundamento deſta ida, mandou logo Duarte de Souſa com dous eſquifes muito bem aparelhados pera qualquer couſa que lhe ſocedeſſe, que as foſſe eſperar por aquella parte por onde ellas ſaíram; e as almadias tornando de noite, vieram dar de ſupito com Duarte de Souſa; e como ouve viſta dellas, foi-lhe dando caça, e antes de chegarem a terra as tomou ambas, e veio-ſe com ellas a Afonſo Dalboquerque; e dos mouros, que ſe ali tomáram, ſoube que Cogeatar, pela muita falta que na cidade avia de agoa, mandava almadias ligeiras do remo a Nabande por ella de noite, porque podiam ir ao longo de terra mais ſecretas que os paraos. Sabido iſto dos mouros, mandou-lhe cortar as orelhas, e os narizes, e lançalos em terra, e queimar as almadias, e dali por diante mandava vigiar a ribeira pera atalhar eſte remedio, que Cogeatar buſcou pera aver agoa. O povo da cidade vendo-ſe apertado deſta maneira, e poſto em grande neceſſidade de fome, e ſede, como era noite, ajuntavam-ſe muitos homens, molheres, e meninos, e hiam-ſe derredor dos paços do rey, e com grandes brados, e gritas lhe pe-

diam que ouveſſe piedade delles, e dos trabalhos, que padeciam com morte de pais, maridos, filhos, e parentes, ſem eſperança de lhes vir ſocorro de nenhuma parte, e tudo por Cogeatar não querer entregar quatro chriſtãos, que não aproveitavam pera nada, nem tinham neceſſidade delles: e por aqui diziam muitas deſaventuras, que paſſavam, que era laſtima ouvilos: os gritos eram tamanhos, que nas náos ſe ouvia. O rey vendo eſtes trabalhos do ſeu povo, e as grandes neceſſidades, em que a cidade eſtava, determinou por conſelho do rey cego de mandar pedir miſericordia ao grande Afonſo Dalboquerque, e mandou-lhe dizer por Almaçá, hum mouro capado muito ſeu privado, que elle eſtava arrependido de tudo o que era paſſado, e que lhe jurava por ſua lei, que elle não tinha nenhuma culpa: que lhe pedia muito por mercê que ſe contentaſſe com a deſtruição, que tinha feita naquella cidade, e que elle faria tudo o que elle quiſeſſe. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que ſe o rey queria concerto, e ter amizade com elle, que primeiro lhe avia de mandar entregar a fortaleza delRey de Portugal ſeu senhor, e os ſeus homens, que lhe tinha tomados, e toda a fazenda, que ficára na feitoria, com todas as deſpeſas; e ſatisfeito tudo, falaſe em concerto, porque doutra maneira o não avia de ter com elle. Almaçá foy com eſta repoſta a terra. O rey, depois de praticar eſte negocio com o rey cego, e Cogeatar, e com eſſes mouros principaes do ſeu governo, reſpondeo, que na fortaleza não falaſſe, porque lha não avia de dar, que dinheiro lhe daria quanto quiſeſſe. Afonſo Dalboquerque vendo repoſta tão ſoberba, e entendendo que era forjada por Cogeatar, diſſe a Almaçá, que diſſeſſe ao rey, que elle não tinha neceſſidade do ſeu dinheiro, nem queria nada delle,

ſenão a fortaleza, que era delRey de Portugal, ganhada com ſua gente, e armada, que ſe lha não deſſe, não falaſſe em concerto, e que elle eſperava que Cogeatar, que lhe aquilo fazia dizer, ſe arrependeſſe em algum tempo de lho ter aconſelhado. Cogeatar como ſabia que os capitães não eram de parecer que ſe fizeſſe a guerra ao rey, mandou-lhe logo de noite dizer aos navios, onde eſtavam junto de terra, que lhe fazia a ſaber que o rey tivera muitos comprimentos com o ſeu capitão mór, e lhe offerecêra muito dinheiro, pera que não deſtruiſſe aquella cidade, que eſtava á obediencia delRey de Portugal, e todos eram ſeus vaſſalos, e que o não quiſera aceitar; que o rey determinava de mandar hum navio com recado ao Viſorey da India, e dar-lhe conta deſtas ſem-rezões que lhe fazia. Afonſo Dalboquerque foi logo aviſado diſto, que Cogeatar paſſára de noite com os capitães; mas diſſimulou com elles ſem os caſtigar, como elles mereciam, até ver ſua determinação, e foi continuando a guerra como fazia; e porque na armada avia muita falta de agoa, mandou a Antonio do Campo, e Pero Vaz Dorta, Feitor, ao porto de Nabande, e viſſem ſe com dadivas, ou dinheiro podiam aver agoa, porque os moradores daquelle porto vivem diſſo, e trazem-na a Ormuz a vender. Chegados ali, hum capitão do rey de Ormuz, que eſtava com gente em guarda daquelle porto, não quis ter prática com os noſſos, nem conſentio que lha vendeſſem por dinheiro. Antonio do Campo, vendo a determinação do capitão, tornou-ſe pera as náos, e contou a Afonſo Dalboquerque o que paſſára, o qual ſe fez logo preſtes pera em peſſoa ir á ilha de Queixome tomala por força, por ſer mais perto, e levou comſigo Antonio do Campo, e Franciſco de Tavora com cem homens, e paraos, e

mouros, que eram uſados neſte officio de trazer agoa á cidade, e deixou João da Nova com toda a mais gente com ſeu poder em guarda das náos. Eſtando tudo preſtes, partíram de noite, e chegáram á ilha antemenhaã, e primeiro que deſembarcaſſem, mandou Afonſo Dalboquerque pôr atalaias derredor dos poços pera vigiarem toda a terra ao longe, e Duarte de Souſa, e o Feitor que tiveſſem cuidado de fazer carregar os paraos dagoa com muita brevidade. Ordenado iſto, deſembarcou com toda a gente, e foi marchando direito a hum lugar, que ſe chamava Arbés, que eſtava hum pedaço afaſtado da borda dagoa, e mandou a Jorge Barreto com dez homens, que foſſe por huma comiada alta vigiando a terra, e a Antonio do Campo com cincoenta homens que foſſe diante, e déſſe no lugar. Antonio do Campo como chegou, deu logo nelle; e Afonſo Dalboquerque, que hia nas ſuas coſtas, deu por outra parte com Jorge Barreto, que já ali era, e matáram alguns mouros; e como o rey não tinha aqui guarnição de gente, os mouros, que acodíram, vendo ſe maltratados das noſſas eſpingardas, poſeram-ſe em fugida, e deixáram o lugar. Afonſo Dalboquerque como o vio deſpejado, e que não tinha de que ſe recear, mandou recolher todos os mantimentos aos bateis, e andando neſta preſa, ouvíram hum tiro de bombarda pera aquella parte, onde elles ficáram, e mandou logo recolher a gente, porque lhe pareceo que era final que lhe faziam, e veio-ſe em corpo com toda ella direito á praia, e em chegando, diſſe-lhe Duarte de Souſa, que eſtando fazendo agoada, viera hum capitão com trinta mouros, e duas bombardas em camelos, e que elle em os vendo ſe recolhêra aos bateis, e ſe poſera de largo, e o capitão mandára decer as bombardas dos camelos,

e começára a esbombardear; e aos primeiros tiros, vendo a noſſa gente que vinha, tornára a carregar as bombardas, e recolher-ſe muito depreſſa. Afonſo Dalboquerque acabou de tomar ſua agoa, e partio-ſe, e em chegando ás náos, ſoube que João da Nova fora de noite no ſeu eſquife a terra falar com os arrenegados e com alguns criados de Cogeatar, o que ſentio muito pelo fazer ſem ſua licença, deixando-o em guarda daquella armada em ſeu nome.

CAPITULO L.

Do que o grande Afonſo Dalboquerque paſſou com João da Nova por não querer ir a Nabande, onde o mandava.

Como o grande Afonſo Dalboquerque foy nas náos, ao outro dia mandou dizer a João da Nova, e a Franciſco de Tabora, que elle tinha novas que ao porto de Nabandé era chegada huma cafila, que vinha da Perſia pera Ormuz com mantimentos, e outras mercadorias; que ſe fizeſſem preſtes com ſua gente pera irem lá, e que vieſſem a bordo da ſua náo pera lhe dizer o que aviam de fazer. Franciſco de Tavora, como lhe deram o recado, fez-ſe logo preſtes, e veio-ſe á borda da náo capitaina ás horas, que lhe tinha mandado; e porque era tarde, e João da Nova não vinha, mandou-lhe Afonſo Dalboquerque dizer, porque tardava, que Franciſco de Tavora avia muitas horas que lá eſtava eſperando por elle: e João da Nova lhe mandou dizer, que ſe tardava, era porque a gente da ſua náo não no queria acompanhar, e que elle ſó não avia de ir.

Afonſo Dalboquerque como eſtava mal contente delle pelo que fizera ſendo ido á ilha de Queixome, e enfadado tambem deſta repoſta, meteo-ſe no ſeu eſquife com João Eſtão, eſcrivão da armada, e alguns homens, e foi-ſe já de noite á náo de João da Nova; e entrando nella, porque vio a gente alvoroçada, e poſta em lhe deſobedecer, diſſimulou, e diſſe a João da Nova, que os fizeſſe embarcar nos bateis, e que ſe foſſe á ſua náo. Elle (como homem, que não eſtava fóra deſta culpa) não o quis fazer, e diſſe-lhe, que aquella gente não queria ir pelejar á terra firme, porque não eram a iſſo obrigados; e ſe queria que lá foſſem, que lhe mandaſſe dar ſua parte dos vinte mil xerafins, que o rey de Ormuz tinha dado de pareas. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que os fizeſſe embarcar, que elle lhe reſponderia. E poſto que por muitas vezes lho diſſeſſe, ſempre ſe eſcuſou, dizendo, que a gente não queria. Entendendo Afonſo Dalboquerque que tudo nacia de João da Nova, e não da gente, diſſe-lhe:

Muitos dias ha que eu ſei os conſelhos, em que vós, e os outros capitães andais, e tudo diſſimulei, fazendo ſempre que o não ſabia, porque deſejava de acabar eſta fortaleza em paz, e todos o fizeſtes de maneira, que ſe veio tudo a perder; e não contentes diſto, ſendo eu na Ilha de Queixome, deixando-vos a vós, com todo meu poder, em guarda deſta armada, foſtes a terra falar com os imigos cercados, e com os homens, que me fugiram, não tendo licença minha pera o poderdes fazer: e deſobedecer-me a gente da voſſa náo, ſendo eu voſſo capitão geral, naſce de os terdes amotinados contra mi, afirmando que lhe tenho tomado a parte, que lhe cabia dos vinte mil xerafins, que o rey de Ormuz pagou de pareas: e que ElRey Dom Manue

noſſo senhor mo mandava em meu regimento, não ſendo aſſi, e tudo iſto he a fim de eu deixar eſta empreſa: porque todos deſejais de vos irdes pera a India carregar voſſas quintaladas enfadados da guerra, e não vos lembra que eſta obrigação tanto he minha, como de todos, e que nos convem darmos boa conta a ElRey noſſo senhor deſte reyno, que temos ganhado. E ſofrer Cogeatar tantos trabalhos, e neceſſidades, ſem me querer entregar quatro chriſtãos, viſto eſtá, que ſabe, que me acomſelhais todos, que deixe a guerra, e me vá; e quem tem eſta culpa, ElRey noſſo senhor o ſaberá.

João da Nova não ficou muito contente deſtas couſas, que lhe Afonſo Dalboquerque diſſe, e começou-ſe a deſculpar; e quanto era amotinar a gente da ſua náo, que lhe perguntaſſe quantas vezes os reprendêra, e forçára que ſe embarcaſſem, ſem lhe quererem obedecer: e o que dizia das quintaladas, era verdade, que quando em Calayate lhe pedíram licença pera ſe ir pera a India, fora pera carregar a ſua náo, e ir-ſe pera Portugal, como lhe Triſtão da Cunha tinha mandado em Çocotorá que o fizeſſe, pera lhe levar recado antes de ſua partida, do que elle tinha feito naquella coſta, e que ſe ſe quiſera ir ſem ſua licença, que bem o podera fazer; e como João da Nova era de animo auſtinado, e ſoberbo, começou a dizer muitas doudices, e fazer grandes alvoroços, de maneira que era o arroido tamanho na náo, que os mouros, que eſtavam nos muros da cidade vigiando, começáram a dar grandes gritas, e atiráram quatro tiros de artelharia, falando muitas palavras contra Afonſo Dalboquerque, como gente, que ſabia daquelle alvoroço, e diviſão; e vendo elle eſtas couſas, e que já não aproveitavam boas palavras, pareceo-lhe que pera o credito de ſua peſſoa ſeria mais

onesto matarem-no ali, que sofrer desobedecerem-lhe, e remeteo a huma espada de hum grumete que achou, e saltou com os que eram autores deste alvoroço, no convés, e felos embarcar, e chegou-se a João da Nova, e levou-o pelos peitos, e disse-lhe, que se embarcasse logo. Como a gente da náo vio Afonso Dalboquerque embaraçado com João da Nova, não ouve ninguem mais que ousasse falar, e foram-se todos embarcar. João da Nova como se vio atalhado, (pera desculpa do que tinha feito, ainda que fosse contra sua honra,) puxou pela barba, que trazia muito comprida, e tirando alguns cabelos, que atou em hum lenço, começou a dizer alto: *Eu me irei a ElRey, e diante do seu conselho lhe pedirei justiça destas barbas, que me arrancastes, em pago dos serviços, que lhe tenho feitos nestas partes da India.* Afonso Dalboquerque lhe respondeo severamente: *Eu não vos pus as mãos na barba; e ainda que vo-la arrancára toda, polo que tendes feito, e por me desobedecerdes, nem por isso me ouvera ElRey nosso senhor de mandar cortar a cabeça; e se eu usára comvosco, e com os outros capitães do rigor de meu regimento, quando todos começastes a danar as cousas de Ormuz, não estiveram ellas no estado, em que agora estam; mas sofri-vos com muita paciencia, cuidando que assi se faria o serviço delRey melhor, que era o que eu pretendia;* e sem mais querer ter prática com elle, o fez embarcar, e todos os mais culpados, e veio-se pera a sua náo já muito de noite: e ao outro dia mandou João da Nova preso sobre sua menagem á náo de Francisco de Tavora, e disse a João Estão, escrivão da armada, que tirasse huma devassa pera se saber quem tinha a culpa deste alevantamento. Tirada a devassa, achou o capitão, e a todos tão culpados, que ouve que

era melhor confelho perdoar-lhes polo tempo, em que eftavam, e pela neceffidade que delles tinha, que dar-lhe o caftigo, que elles mereciam; e por affoffegar a gente daquelle alvoroço, em que andavam, deu a cada hum dez xerafins, em parte do que lhe podia caber dos vinte mil xerafins de pareas, fe foffe direito dar-lhos, e fenão que fe defcontariam nos feus foldos, e mandou-lhe que fe tornaffem pera a náo: e alevantou a menagem a João da Nova, e tornou-lhe a capitania, e não quis entender em fuas culpas, e deixou o caftigo dellas pera ElRey, pofto que no feu regimento lhe dava poder pera tudo.

CAPITULO LI.

Como o grande Afonfo Dalboquerque tornou á ilha de Queixome com determinação de tomar agoa: e do desbarato, que fez na gente, que o rey ali tinha pera guarda della.

Com todas eftas deferenças, que o grande Afonfo Dalboquerque cada dia tinha com os capitães, que lhe davam bem em que cuidar, não deixava de bufcar remedio de aver agoa pera a fua armada, de que tinha muita neceffidade; e pofto que na ilha de Queixome (que era mais perto) fe não podia já tomar fem força de gente, pela muita que o rey ali tinha mandado depois do desbarato, com tudo determinou de ir lá, e primeiro que partiffe, quis faber dos mouros, que tomára em Arbes, onde fe alojavam os capitães, e gente, que o rey ali tinha em guarda dos poços. Os mouros lhe differam, que toda eftava apofentada em hum lugar grande, que fe chamava Queixome, e dali

ſe proviam todalas outras povoações. Afonſo Dalboquerque com eſta informação, mandou a João da Nova, e Afonſo Lopez da Coſta, que ſe fizeſſem preſtes com ſua gente, pera irem com elle, e a Antonio do Campo que proveſſe os paraos de mouros, que os mareaſſem, pera carretarem agoa, e deixou Franciſco de Tavora, e Manuel Telez em guarda das náos; e como foi meia noite, partíram, e chegáram tão cedo defronte de Queixome, que foi neceſſario ſurgirem em pégo, até ſerem horas pera verem onde deſembarcavam; e como a menhaã começou a romper, mandou Afonſo Dalboquerque chegar os bateis a terra, e deſembarcou com toda a gente, e diſſe a João da Nova, e Afonſo Lopez da Coſta, que com a ſua foſſem diante de roſto ao lugar, e deſſem logo nelle, e mandou a Jorge Barreto com cincoenta homens, que deſſem da banda do ſertão, pera atalhar aos mouros, que ſe não acolheſſem por aquella parte, e que ali ſe ajuntariam todos; e depois de lhe dar eſta ordem, foi-ſe com toda a outra gente, marchando direito ao lugar, pera dar coſtas aos capitães. João da Nova, e Afonſo Lopez da Coſta apreſſáram-ſe de maneira, que chegáram primeiro que Jorge Barreto ao cabo do lugar, e deram em humas caſas grandes, onde eſtavam tres capitães do rey de Ormuz pondo-ſe já a cavalo, e alguns archeiros. Como João da Nova, e Afonſo Lopez da Coſta ſentiram nas caſas gente, remetêram ás portas, e quebráram-nas com machados, e entráram com elles de roldão. Jorge Barreto, que já era com elles, foi-os cometer por detrás das caſas por cima das paredes de huns quintaes. Os mouros, quebradas as portas da rua, recolhêram-ſe a hum patio, e ali ſe defendêram por hum bom eſpaço, ſem os poderem entrar; os noſſos envergonhados da

tardança, apertáram rijo com elles, e entráram-nos por força: e na entrada feríram João da Nova, que foi o primeiro, e o meirinho, e despenseiro da sua náo, e matáram-lhe hum marinheiro; mas os nossos se vingáram bem, porque matáram os tres capitães, que se estavam pondo a cavalo pera fogir, e todos os archeiros, que com elles estavam. Foy este feito tão apressado, e tão bem pelejado, que estando Afonso Dalboquerque muito perto das casas, em que isto passou, não sintio nada do que hia dentro; e quando entrou no patio, onde os nossos estavam, e vio tanto sangue, e tantos mouros mortos, começou a dizer grandes palavras de louvor aos capitães, e a toda a outra gente, e que tomára por satisfação de seus serviços, velos ElRey D. Manuel seu senhor pelejar daquellas varandas: e sahio-se fóra das casas pera hum terreiro, e mandou a Aires de Sousa, e Fernão Soarez, e a outros, que cavalgassem nos cavalos, que ali estavam, e corressem o campo por derredor da villa, e não dessem vida a nenhuma pessoa, que achassem: elles o fizeram, e matáram muitos mouros, molheres, e meninos, e recolhêram todo o gado, que acháram, e tornáram-se pera onde Afonso Dalboquerque estava; e como ali foram, mandou matar todos os cavalos, porque os mouros se não aproveitassem delles, e fez recolher todos os mantimentos aos bateis, e veio-se com esta vitoria pera as náos: e não quis que posessem fogo ao lugar, porque avia muitos mantimentos, e esperava que quando os bateis tornassem por agoa, levassem de cada vez huns poucos, e deixou Antonio do Campo no seu navio em guarda dos poços pera favor dos que lá mandasse por agoa; e como chegou ás náos, mandou lançar hum parao cheo de mouros principaes, que ali matáram, na ribeira da

cidade, e por ſer gente honrada, e de eſtima, fizeram por elles grande pranto. Deſcarregados os paraos dos mantimentos, mandou Afonſo Dalboquerque, Franciſco de Tavora, e Jorge Barreto a Queixome, onde Antonio do Campo ficára, que trouxeſſem toda a agoa, e mantimentos que pudeſſem; e depois de ſerem partidos, chegou o piloto de Antonio do Campo com recado pera Afonſo Dalboquerque, que lhe fazia a ſaber, que da gavia da ſua náo víram ao mar muitos navios, que vínham á véla contra a ilha de Lara, que lhe mandaſſe dizer o que faria; e elle, porque o dia de antes viera de lá, e não avia nova de tal armada, não ſe pode determinar no que podia ſer; e pera ſe certificar diſto, mandou vir perante ſi dous mouros honrados, que tomára na ilha, e perguntou-lhes que navios podiam ſer aquelles? Hum delles lhe diſſe, que deviam de ſer huns, que Cogeatar mandava vir de Julfar, pera ſe ir nelles com o rey, e com toda ſua caſa pera a meſma ilha, que ſocorro não podia ſer, porque Cogeatar não avia de meter mais gente comſigo na cidade da que tinha, pela muita falta, que avia de mantimentos, e de agoa: e o outro mouro diſſe, que aſſi lhe parecia, porque a noite, antes que os tomaſſem, paſſára hum criado de Cogeatar com grande preſſa, e lhe diſſera, que hia a Julfar com recado ao goazil, que lhe mandaſſe gente, e navios, que não ſabia pera que era.

CAPITULO LII.

Como o grande Afonſo Dalboquerque mandou a Afonſo Lopez da Coſta, e Manuel Telez que ſe foſſem ajuntar com Antonio do Campo, e cometeſſem a armada dos mouros, e elles a deixáram, e ſe foram caminho da India.

Com eſta nova, que o grande Afonſo Dalboquerque teve da chegada deſtes navios á ilha de Lara, mandou logo recado de noite a Afonſo Lopez da Cosſta, e Manuel Telez, que ſe foſſem ajuntar com Antonio do Campo, aviſando-os, (pela informação, que tinha dos mouros, que tomára na ilha de Queixome,) da armada, e gente, que podia ſer, e aſſi lhe mandou dizer a maneira, que avia de ter, cometendo a armada pera pelejar; e que por Men Rodriguez, condeſtabre dos bombardeiros, que lhe aquelle recado levava, o aviſaſſem logo do que paſſava, porque tendo neceſſidade de ſocorro, elle em peſſoa iria com todas as outras náos. Manuel Telez, e Afonſo Lopez da Coſta, como lhe deram eſte recado, leváram ſuas ancoras, e foram-ſe á ilha de Queixome, onde Antonio do Campo eſtava, e diſſeram-lhe o que Afonſo Dalboquerque mandava, e ali aſſentáram todos tres de irem cometer a armada dos mouros; e indo á véla, começando a deſcobrir huma ponta da ilha, como os mouros ouveram viſta dos noſſos navios, largáram as amarras, e a remo, e á véla fogíram, e elles lhes foram dando caça duas legoas, ſem os poderem alcançar, e por ſer já noite, tornáram-ſe a ancorar no porto da ilha, onde a armada dos mouros

eſtava ſurta, e dali eſcrevêram por Men Rodriguez a Afonſo Dalboquerque o que tinham feito, e como eſtavam eſperando recado ſeu, do que aviam de fazer. Chegado Men Rodriguez com eſte recado, tornou-o logo a mandar, que diſſeſſe a Afonſo Lopez da Coſta, e Antonio do Campo, que pois a armada dos mouros era ida, que tornaſſem a tomar ſuas eſtancias derredor da cidade, como eſtavam, e a Manuel Telez que ſe vieſſe ſurgir junto da ſua náo, e que o deſpacharia pera levar os mantimentos á fortaleza de Çacotorá, como lhe tinha dito. Men Rodriguez partio-ſe logo, e foi-ſe direito á ilha de Lara, onde os capitães todos tres ficáram; e chegando, deu-lhe eſte recado, e elles lhe reſpondêram, que ſe eſtavam fornecendo de agoa, e como a tiveſſem tomada, ſe tornariam logo aos lugares onde lhe mandava. Tornado Men Rodriguez, no caminho topou com Franciſco de Tavora, e Jorge Barreto, que vinham da ilha de Queixome carregados de agoa, e deram-lhe hum mouro velho, morador na ilha de Lara, que ali tomáram, que trouxeſſe comſigo, o qual era hum piloto, que fugíra em Cananor a Antonio de Saldanha a primeira vez que fora á India. Como Men Rodriguez chegou, deu o mouro a Afonſo Dalboquerque, e diſſe-lhe, que achára os capitães todos tres em terra paſſeando pela praia, afaſtados da gente, e que Afonſo Lopez da Coſta lhe diſſera com grande arrogancia:

Dizei vós ao noſſo capitão geral, que digo eu, que homens são eſtes pera lhe elle mandar ſuas partes dos quinzes mil xerafins perfumados a bordo.

Diſto, que lhe Men Rodriguez diſſe, não ficou Afonſo Dalboquerque contente, e perguntou ao mouro, que armada era aquella, e que gente trazia? Elle lhe diſſe,

que eram ſeſſenta navios, e que vieram nelles quatro mil homens, e o capitão ſe chamava Xaquear, o qual vinha por mandado de Cogeatar guardar todas aquellas agoadas, porque a ſua gente não tomaſſe agoa nellas. Paſſados dous dias, como Afonſo Dalboquerque vio que os capitães não vinham a tomar as eſtancias, que lhe elle tinha mandado que tomaſſem, nem recado ſeu, mandou Fernão Soarez no batel de Frol dela mar, e Pero Gonçalvez, piloto mór, no eſquife do Cirne, que foſſe em buſca delles, e lhe diſſeſſe, que ſe eſpantava muito não virem com os ſeus navios, aonde lhe tinha mandado. Chegado Fernão Soarez á ilha, como os não achou, portou em terra, e tomou hum mouro, que lhe diſſe, que aquelles tres capitães, que ali eſtavam, tomáram agoa, e ſe fornecêram de muita carne, e taſſalhos, e ſalmoura, metida em jarras, e fizeram-ſe á véla, e foram na volta do cabo de Maçandi. Fernão Soarez tornou-ſe com eſta informação que achou, e diſſe a Afonſo Dalboquerque o que paſſava dos capitães, e que a armada dos mouros ficava ſurta antre ilha de Lara, e a de Queixome. Elle enfadado de ſua fugida, deixando a armada dos mouros por desbaratar, e a elle em cerco ſobre huma cidade tamanha com tres navios, que huma armada por pequena que foſſe, lhe podia dar muito trabalho, em caſo tão novo ficou ſuſpenſo por eſpaço de ſeis dias, ſem ſe ſaber determinar em o que faria, e mais vendo o grande alvoroço, que avia nos mouros da cidade, como homens, que tinham ſabido a fogida dos capitães: de huma parte via a cidade (pelos muitos trabalhos, que padecia, de fome, e ſéde) rendida, ſe a não deixaſſe: da outra, a grande obrigação, que tinha de prover a fortaleza de Çacotorá de mantimentos, pela muita neceſſidade, que delles tinha; (os

quaes Manuel Telez levava no ſeu navio:) e eſtando aſſi neſtas conſiderações, tomou por mais ſeguro conſelho alevantar-ſe daquelle cerco, e ir ſocorrer a fortaleza de Çacotorá com eſſes poucos de mantimentos que tinha, e as couſas de Ormuz deixalas a Deos, porque elle lhe daria outro tempo, em que ſe melhor pudeſſe ajudar delle: e com eſta dor, que tinha de deixar Ormuz, ſe foi, á náo de João da Nova, e diſſe-lhe, que já tinha ſua vontade comprida, pois que Antonio do Campo, Afonſo Lopez da Coſta, e Manuel Telez eram fugidos pera a India: que ſua determinação era ir ſocorrer a fortaleza de Çacotorá com alguns mantimentos, pois Manuel Telez levára os que tinha, pera lhe mandar, que ſe fizeſſe preſtes, e que iria em ſua companhia até o Cabo de Roçalgate, e dali ſe iria caminho da India. João da Nova lhe diſſe, que elle não folgára de lhe os capitães fugirem, nem nunca fora com elles em tal conſelho, mas antes lhe parecia muito mal o que tinham feito: que lhe pedia muito por mercê, pois lhe dava licença pera ſe ir pera a India, que lhe alevantaſſe a menagem, que lhe tinha tomada. Afonſo Dalboquerque lha alevantou, e deſpachou Pedralvares, criado do Condeſtabre, pera ir em ſua companhia com cartas pera o Viſorey, em que lhe dava conta da fugida dos capitães, e como o deixáram ſobre aquella cidade, tendo nova certa, que a armada do Soldão eſtava em Diu, fazendo-ſe preſtes com a do rey de Cambaya; pera virem ſobrelle, a qual nova ſoubera por huns mouros, que ſe tomáram em huma náo de Ormuz, que vinha de Diu, que Cogeatar lá mandára a pedir eſte ſocorro: que pedia a ſua ſenhoria, que ſe eſtes capitães lá eram, que lhes déſſe aquelle caſtigo, que elles mereciam, por deixarem o ſeu capitão geral em tal tempo, e lhe fugi-

rem, e deu licença a Jorge Barreto ſeu cunhado pera ſe ir, porque lha pedio, e mandou a João Eſtão, e a João Teixeira, (a que deu juramento dos Sanctos Evangelhos,) que tiraſſem devaſſa pelas náos da fugida dos capitães, e depois de tirada a mandou a Portugal a ElRey D. Manuel, pera ſer certificado como lhe fugíram, e o tempo em que o deixáram: e deu licença a alguns homens, que tinham alvarás delRey, pera ſervirem officios, e capitanias, e a todos mandou pagar tudo o que lhes era devido de ſeus ſoldos, e ordenados até aquelle tempo.

CAPITULO LIII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque, ſe partio pera Çacotorá, e chegado á ilha, mandou Franciſco de Tavora a Melinde buſcar mantimentos, e o mais que paſſou.

ESTANDO o grande Afonſo Dalboquerque com ſuas náos preſtes pera partir, vieram dous mouros junto da noſſa fortaleza, e começáram a capear com huma bandeira; e como os vio, mandou Aires de Souſa, e João Eſtão, e Gaſpar Rodriguez lingoa a terra ſaber o que queriam: os mouros diſſeram, que diſſeſſem ao capitão mór, que o rey deſejava muito ſua amizade, e que faria tudo quanto elle quiſeſſe; mas que os ſeus homens não lhos podia entregar, porque eram já ſeus irmãos. Afonſo Dalboquerque entendendo que iſto eram manhas, e diſſimulações de Cogeatar, por lhe ver já pouca armada, reſpondeo-lhe, que por muitas vezes lhe tinha mandado dizer, que nenhum concerto avia de

fazer com elle, ſem primeiro lhe mandar entregar os ſeus homens, e que agora o faria de peor vontade, pois os fizera arrenegar a fé de Jeſu Chriſto nas meſquitas de Maſamede; e que ſe elle tal ſofreſſe, ElRey ſeu senhor lhe mandaria cortar a cabeça chegando a Portugal; e que lhe prometia (dando-lhe noſſo senhor dias de vida) de muito cedo lhe tirar a governança do reyno de Ormuz, e acabar aquella fortaleza, que deixava começada: e que então lhe pagaria em dobro todalas perdas, e danos, que aquella armada tinha recebidos: e mandou a João Eſtão, que aſſi lho notificaſſe, e paſſaſſe hum eſtromento pubrico de tudo o que era paſſado até aquella hora. E poſto que eſte requerimento, que elle mandou fazer a Cogeatar, pareceſſe couſa de zombaria, todavia, depois na ſegunda tomada deſte reyno de Ormuz lhe aproveitou, pera ſem eſcandalo lhe pagarem tudo o que lhe fizeram gaſtar. Aires de Souſa foi com eſte recado a terra, e ſem mais ter outra prática com elles, ſe tornou. Chegado ás náos, mandou Afonſo Dalboquerque chamar a Franciſco de Tavora, e tomou-lhe a menagem, arreceando que lhe fugiſſe, como tinha dito, e fez-ſe á véla com João da Nova em ſua companhia; e ſendo tanto avante como Çoá, hum dia pela menhaã não vio Frol dela mar, e parecendo-lhe que faria outro caminho, e que ſe tornaria ajuntar com elle, paſſou aquelle dia todo ſem a ver; e não a vendo ao outro, aſſentou que era ida caminho da India: e pezou-lhe muito de ſe João da Nova apartar delle ſem lhe falar, ficando de lhe ter companhia até o Cabo de Roſalgate, e fez ſeu caminho via de Çacotorá; e ſendo na paragem do dito cabo, ouveram viſta de huma náo, e deram-lhe caça todo aquelle dia, e por noite a perdêram, e tornáram a ſeguir ſua viagem: e

indo naquelle golfão, tomáram huma náo de mouros, que vinha de Meca muito rica; e do dia que partíram de Ormuz a vinte dias, foram ancorar no porto da ilha, e acháram o capitão da fortaleza muito doente, e com tanta neceſſidade de mantimentos, que já não comiam ſenão palmitos, e huma fruita brava do mato, e eram já mortas quatro peſſoas, e toda a outra gente muito doente, e com a chegada de Afonſo Dalboquerque ficáram muito contentes, e provídos de mantimentos, e tudo o mais que lhes era neceſſario pera ſuas doenças. Deu conta a Dom Afonſo de tudo o que tinha paſſado em Ormuz, e da fugida dos capitães, e como Manuel Telez levára todos os mantimentos, e couſas de doente, que lhe tinha dadas pera trazer: e pera mais contentar a gente, deu-lhe parte a todos da fazenda da náo, que tomáram no caminho, e mandoulhe pagar oito mezes de ſoldo, que eram devidos: e depois de todos eſtarem contentes, e ſatisfeitos, entendeo em mandar concertar os bateis, que trazia muito comeſtos de buſano, e as náos algumas couſas, que lhe eram neceſſarias; e como teve tudo preſtes, deſpedio Franciſco de Tavora com dinheiro, e mercadorias, que foſſe a Melinde carregar a náo de mantimentos, porque na fortaleza não avia tantos, que baſtaſſem á gente, que nella eſtava; e diſſe-lhe, que depois de tomados os mantimentos, ſe foſſe ter com elle ao Cabo de Guardaſum, e trouxeſſe comſigo quaeſquer navios, que em Melinde achaſſe, pera em maio irem invernar a Çacotorá. Concertado iſto, fizeram-ſe á véla. Franciſco de Tavora fez ſeu caminho pera Melinde, e Afonſo Dalboquerque foi na volta da ilha de Bedalcuria pera andar ali alguns dias, porque lhe diſſeram os pilotos mouros, que as náos, que vinham demandar o cabo de

Guardafum, era melhor aguardarem-nas naquella paragem, que em outra parte. Chegado ao porto da ilha, em ſurgindo, mandou lançar vinte homens em terra com dous mouros, que trazia de Çacotorá, que ſabiam a lingoa, pera lhe tomarem algum mouro da terra, e elles ordenáram-ſe tambem, que lhe tomáram ſeis, e mandou-lhe Afonſo Dalboquerque, depois de ſerem na náo, perguntar por ambre, (porque neſta ilha ha muito,) e ſe eram paſſadas algumas náos de mouros pera a India: elles lhe amoſtráram hum pedaço de ambre, em que averia hum marco, e diſſeram-lhe que avia poucos dias, que ali chegára huma náo, que vinha da India, e que ſe perdêra com levantes naquelle porto, e que lhe tomáram todo o ambre que tinham: e fizeram hum zambuco pequeno da madeira da náo, em que ſe foram. Os mouros deſta ilha he gente beſtial, móram em choças cubertas de limo do mar: averia naquella povoação quarenta moradores: andam veſtidos de peles: tem grandes creações: o ſeu mantimento he peſcado, leite, e carne: he terra muito doentia. E porque a gente (eſſes dias que ali eſteve) começou de adoecer, deixou Afonſo Dalboquerque a determinação que levava de eſtar ali, e mandou pôr os mouros que tomáram em terra, e fez-ſe á vela, e foi ſurgir de dentro do cabo de Guardafum, e ali eſteve ſurto ſó, tendo ſempre huma atalaia em cima da ſerra, que eſtá ſobre o roſto do cabo, donde ſe vê a Bedalcuria, e todo aquelle mar: os mouros de huma povoação, que ali eſtá, lhe davam todos os mantimentos, e agoa, que aviam miſter, a troco de pannos. Afonſo Dalboquerque andou neſta paragem do cabo de Guardafum, de quinze de janeiro até treze dias de maio, ſem ver mais que quatro náos, as tres lhe fugíram, porque ouveram viſta delle de

longe, e eſtavam de balravento, e a que tomou trazia poucas mercadorias, que vinha da ilha de Diva, que jaz ao mar de Ceilão.

A gente deſta terra he muito domeſtica. Afonſo Dalboquerque lhe fez muito boa companhia, e deſte cabo até a boca do eſtreito não tem rey: são governadores por Xeques: ſuas armas são adargas, e eſpadas mouriſcas: tem grandes creações de gados, e muitos camelos, de que ſe ſervem: ha pela terra dentro muita myrra, que trazem a vender: e na ſerra muitas arvores, em que naſce o incenſo, que os noſſos em companhia dos mouros, em quanto ali eſtiveram, hiam muitas vezes apanhar: não tem moeda, nem dam nada por dinheiro, ſenão a troco de pannos fazem ſuas compras, e vendas. Deſte cabo de Guardafum até Feliz ha tres portos: hum ſe chama Bendariçaa, outro Bendaraxaa, e o derradeiro Bendeſymuçaa, e todos tres tem agoa doce á borda do mar, e cada hum tem ſeu senhor, e logo diante eſtá Feliz, Metee, Barbora jazira, e Barbora fiara; e mais chegado ás portas do eſtreito do mar Roxo pela meſma coſta jaz Zeilajadit, e daqui até o cabo do eſtreito não ha mais lugares.

CAPITULO LIV.

De como, chegado Francifco de Tavora ao cabo de Guardafum, o grande Afonfo Dalboquerque defpachou logo Fernão Gomez, e o mouro, que Triftão da Cunha deixára em Melinde pera ir ao Prefte, e fe partio pera Çocotorá, e o mais que paffou.

SENDO já fim de abril, chegou Francifco de Tavora ao cabo de Guardafum, onde o grande Afonfo Dalboquerque eftava, e em fua companhia trouxe Diogo de Melo, e Martim Coelho, que achou em Melinde, que vinham de Portugal, e todos tres tomáram na paragem de Magadaxo huma náo de Cambaya, que vinha carregada de roupa; e depois de a terem defpejada de tudo o que trazia, poferam-lhe fogo. Afonfo Dalboquerque folgou muito com a vinda de Diogo de Melo, e de Martim Coelho, e partio com elles do que tomáram na náo; e depois de falarem em novas de Portugal, diffe-lhe Francifco de Tavora, que em Melinde achára o commendador Ruy Soarez, e lhe requerêra que fe viffe com elle, pois era da fua obrigação, e os outros capitães eram idos caminho da India, e fobriffo lhe fizera muitos requerimentos polo feu efcrivão, e que lhe refpondêra, que fe queria ir pera o viforey: e que tambem trazia comfigo Fernão Gomez, e o mouro, que Triftão da Cunha lá deixára encommendados ao capitão de Melinde, pera os mandar pôr no cabo de Guardafum, pera dali fazerem feu caminho, como ElRey D. Manuel mandava; e Fernão Gomez lhe

requerêra, que os trouxeſſe comſigo, pois o capitão não poſera por obra o que lhe Triſtão da Cunha deixára tão encommendado avia tanto tempo. Afonſo Dalboquerque ſe eſpantou muito, quando os vio, porque avia tanto tempo que eram partidos, que cuidou que eſtavam já em Portugal, e perguntou ao mouro, que caminho determinava de fazer, e por onde avia de tornar pera Portugal? O mouro lhe diſſe, que o ſeu caminho avia de ſer polo ſertão de Barbora Zeila, e pela terra do Cadandin, hum capitão mouro, que andava em guerra com outro do Preſte João, porque a terra confina huma com outra; e que a cafila, que hia de Zeila pera o Preſte João, paſſava ſempre ſegura, porque levava ſalvo conduto de ambos, e que ſua tornada pera Portugal ſeria por Tambocotu, e dali a Arguin polo rio de Çanaga, porque eſte caminho andára elle já. Afonſo Dalboquerque mandou dar a cada hum cincoenta xerafins pera ſua deſpeſa, porque o mouro não quis que lhe deſſem mais, e dizia, que não levava maior imigo comſigo que o dinheiro: e eſcreveo por elles huma carta ao Preſte João em Arabigo, e outra em portugues. O mouro era muito aviſado, e ſeſudo, e não hia muito contente de Fernão Gomez, porque falava muito, e avia medo que ſoltaſſe alguma couſa, com que ſe perdeſſem todos, e quiſera que Afonſo Dalboquerque lhe dera outro companheiro, e não no fez, por ſer já a couſa ordenada por Triſtão da Cunha; e depois de os ter deſpachados, mandou-os pôr em hum batel em terra por Nuno Vaz de Caſtelo-branco, abaixo do porto de Feliz, e dali fizeram ſeu caminho, e deram a entender aos mouros da terra, que eram mercadores, e que perdêram a náo, e as mercadorias, e elles ſós ſe ſalváram. Deſpachados eſtes homens, eſteve Afonſo Dalboquerque

ali no cabo com os outros capitães até quinze de maio, que os pilotos mouros lhe differam ser a moução das náos já paffada; e fe quifeffe ir dar vifta a Adem, como tinha determinado, não podia tornar a invernar a Çocotorá, porque corriam as agoas naquelle tempo ao norte, e não podiam tomar a ilha em nenhuma maneira, e com efte confelho leváram fuas amarras, e deram ás vélas; e fem lhe acontecer nenhuma coufa no caminho, vieram ancorar diante da fortaleza de S. Miguel, com determinação de a proverem de mantimentos, que levavam, e dahi irem invernar a Mafcate; e porque achou a gente da terra levantada contra a fortaleza, com lhe terem mortos alguns homens, mudou o confelho, e ficou ali aquelle inverno, pera ver fe os podia pacificar, e mandou ao feitor da fua armada, que mandaffe entregar na fortaleza todos os mantimentos, e que nas náos não ficaffem mais que aquelles, que ouveffem mifter pera fua viagem. Afonfo Dalboquerque com effa gente, que comfigo trazia, começou a fazer a guerra aos da terra; e depois de ferem bem efcozidos, e a morte dos noffos bem vingada, mandáram cometer concerto, e elle o aceitou, com pagarem de tributo cada anno pera a gente da fortaleza feiscentas cabeças de gado miudo, e vinte vacas, e quarenta fardos de tamaras. Feito efte concerto, e todos á obediencia de D. Afonfo capitão, mandou concertar fuas náos, e fazer huma fufta de catorze bancos pera levar comfigo, porque determinava de dar huma vifta a Ormuz; e nefte inverno, que aqui efteve, foram as tormentas tão grandes, e tão contínuas, que muitas vezes eftiveram as náos em rifco de fe perderem; e porque o rey grande era muito alterofo de caftelos, e corria mais rifco de fe perder, que as outras náos, foi

neceſſario, por conſelho dos meſtres, e pilotos, mandar-lhos cortar. Franciſco de Tavora anojou-ſe tanto diſto, que diſſe a Afonſo Dalboquerque, que pois lhe mandava desfazer a ſua náo, que déſſe a capitania della a quem quiſeſſe, porque elle a não queria, nem andar mais com elle: e por aqui ſe foi deſtemperando em palavras. E porque eſtas paixões vinham já de longe, não lhe quis reſponder, e diſſimulou com elle, tendo muita rezão de o caſtigar, porque o mandou a Melinde buſcar mantimentos, e elle por andar ás prezas naquella coſta, deixou de carregar a náo delles, e trouxe tão poucos, que depois das náos fornecidas dos que lhe eram neceſſarios pera ſua viagem, não ficavam mantimentos, que podeſſem abaſtar a gente da fortaleza tres meſes, ſenão foram as tamaras, e o mais, que a gente da terra eram obrigados a dar. Paſſados tres dias, vendo Franciſco de Tavora que tinha muita culpa das palavras, que diſſera a Afonſo Dalboquerque ſem rezão, mandou-lhe pedir perdão por D. Afonſo de Noronha ſeu ſobrinho, e que lhe tornaſſe a ſua náo: elle lhe reſpondeo, que já era enfadado das couſas de Franciſco de Tavora, e de lhe fazer tantos mimos, como lhe tinha feitos, que pois deixára a ſua náo ſem nenhuma rezão, que lha não avia de tornar, que pera a India hiam, que o viſorey lha mandaria dar.

CAPITULO LV.

De como chegáram á India Manuel Telez, e Afonſo Lopez da Coſta, e Antonio do Campo, e deram capitulos ao viſorey do grande Afonſo Dalboquerque: e da devaſſa, que ſobre iſſo mandou.

Como avia muitos dias, que eſtes capitães tinham determinado de deixarem o grande Afonſo Dalboquerque, e irem-ſe pera a India ao viſorey, partido Men Rodriguez da ilha de Lara, fornecêram ſuas náos de agoa, e mantimentos, e fizeram-ſe á véla, e em poucos dias chegáram a Cochim; e como deſembarcáram, foram-ſe todos tres ao viſorey, e fizeram-lhe grandes exclamações, dizendo, que ElRey D. Manuel os mandára em companhia de Afonſo Dalboquerque pera andarem com elle no cabo de Guardafum aguardando as náos, que hiam carregadas de eſpeciaria pera Meca, e que elle deixára eſte caminho, e ſe fora á costa do reyno de Ormuz, e ali andára ſempre contra conſelho de todos, fazendo a guerra ſem nenhum proveito; e não contente diſto, começára a fazer huma fortaleza, não lhe mandando ElRey que a fizeſſe; e vendo elles quão pouco ſerviço de sua alteza iſto era, e que ſó por ſeu parecer a queria fazer, lhe fizeram hum requerimento, ao qual reſpondêra muito más palavras, por ſer homem muito aſpero de condição, e muito ſupito, ſem ter conta com a honra dos homens; e por não querer ſenão inſiſtir em fazer a fortaleza, lhe tornáram a fazer outro requerimento, ao qual tambem não quiſera reſponder;

e polos desprezar, e não ter conta com o que lhe diziam, sendo muito serviço delRey nosso senhor, o mandára meter debaixo de hum portal da fortaleza, que se estava assentando, como sua senhoria podia ver polo trelado do requerimento, que ali apresentavam, assinado por elles, e por Francisco de Tavora, que lá ficava preso: que pediam a sua senhoria, que mandasse tirar testemunhas de tudo aquillo, que lhe diziam, por aquelles capitulos, que ali apresentavam contra elle; e sabida a verdade, lhes fizesse justiça, e mandasse passar seus estromentos pera se irem a Portugal pedir justiça a ElRey D. Manuel das injurias, que lhe tinha feitas, e das partes, que lhe roubára, sem lhas querer pagar. E o visorey mandou a Gaspar Pereira, que servia de secretario, que lhe lesse o requerimento, o qual dizia desta maneira:

Do requerimento, e protestação, que nós Afonso Lopez da Costa, Francisco de Tavora, Manuel Telez, e Antonio do Campo, capitães delRey nosso senhor, fazemos ao muito honrado senhor Afonso Dalboquerque, nosso capitão mór: vós João Estão, escrivão desta armada, nos dareis a cada hum seu estromento, e mais, se nos necessario forem, pera ElRey nosso senhor, ou pera o senhor visorey: em como he verdade que sua alteza nos mandou em sua companhia a estas partes pera se fazer huma fortaleza na ilha de Çocotorá, a qual os mouros tinham feita, e nós lha tomámos por força de armas; e que depois de acabada, fosse guardar o estreito do mar Roxo, que não passassem náos carregadas de especiaria pera Meca: e pois tem tomada esta cidade de Ormuz, e feita tributaria a ElRey nosso senhor, e assentado nella feitoria em muita paz, e assossego, sem ser necessario outra nenhuma cousa,

não ſe deve elle senhor capitão mór de meter a fazer fortaleza, porque he muito deſserviço delRey, e perda de ſua fazenda, e riſco da gente, e artelharia que nella ficar, por muitos reſpeitos, e rezões, que elle senhor capitão mór não quer olhar, nem a hum capitulo do ſeu regimento, que diz, que podendo fazer alguma fortaleza, a faça em parte, e lugar, que ſeguramente ſe poſsa manter, e defender pela gente, que nella ficar. E que bem deve de ver quanto cumpre ao ſerviço delRey nosso senhor, e a ſeu eſtado, fazer-ſe aſſi. E as mais rezões, a fóra eſtas, daremos a sua alteza, ou ao ſeu viſorey da India, ſendo neceſsario. E que ſe deve de lembrar, que a fortaleza de Çocotorá ficava com a maior parte da gente doente, e com mantimentos pera tres meſes, que ha que de lá partimos, e que a terra não tem mais, que os que lhe vam de fóra, e que nella ficavam ainda muitos mouros, que hão de trabalhar por amotinar os chriſtãos da terra contra os noſsos, os quaes eſcandalizados de lhes tomarem contra ſua vontade o gado, de que vivem, (que lhe os mouros não tomavam,) terão rezão de os ajudarem, e ſerem em ſeu favor, de que ſe póde ſeguir darem muito trabalho á noſsa gente: e eſta fortaleza, que elle senhor capitão faz aqui em Ormuz, não ſe póde acabar, pera ficar gente, e artelharia em guarda della daqui a cinco meſes: e ſe elle por todo eſte mes de novembro não partir daqui, já o não poderá fazer eſte anno, por ſer paſsada a moução de ſe guardar o eſtreito, que ſeria grande deſſerviço delRey noſso senhor, e a fortaleza de Çocotorá corria grande riſco de ſe perder; polo qual lhe requeremos da parte delRey noſso senhor, e do senhor viſorey, que elle ſe parta logo a prover a dita fortaleza, como sua alteza lhe manda em ſeu re-

gimento, e dahi entrará o eſtreito do mar Roxo: e aſſi lhe requeremos da parte do dito senhor, que mande logo daqui eſta náo froldelamar ao senhor viſorey, pera ſe renovar, e não ſe perder, por quanto a armada, que lhe fica, abaſta pera guarda do eſtreito, e neſta náo póde mandar as mercadorias, pareas, e embaixadores, que determina mandar a ElRey noſso senhor, porque da India irá tudo mais ſeguro que daqui: quanto mais, que com as mercadorias, e dinheiro, que tem recebido das pareas, ſe poderá eſte anno remediar a carga das náos, pela muita falta, que de tudo ha na India, que ſerá mais ſerviço delRey noſſo senhor, que mandalo a Portugal, e por João da Nova póde eſcrever ao senhor viſorey os termos, em que tem eſta cidade, pera ſua senhoria prover niſso, como lhe parecer mais ſerviço de sua alteza: pois no ſeu regimento lhe manda, que ganhando algum reyno, ou outra qualquer couſa, lho faça logo a ſaber pera elle niſso prover como lhe parecer mais ſeu ſerviço. E não querendo elle senhor capitão fazer tudo iſto que lhe requeremos, proteſtamos por todalas perdas, danos, e proveitos da fazenda delRey noſso senhor, e de não ſermos dignos de nenhuma culpa, pois lho requeremos em tempo, que ſe póde tudo remediar. E iſto com ſua repoſta, ou ſem ella, (ſe a dar não quiſer,) nos dareis os ditos eſtromentos, com proteſtação de repricarmos ſe comprir. Feito, e aſſinado por nós neſte porto da cidade de Ormuz a treze de novembro da era de mil e quinhentos e ſete annos.

CAPITULO LVI.

Como o viſorey D. Franciſco Dalmeida, ouvidos os capitães, mandou tirar devaſsa do grande Afonſo Dalboquerque, e do que paſsou com elles ſobre a nova, que lhe veio de Portugal.

VENDO o viſorey D. Franciſco Dalmeida o requerimento, e capitulos, que lhe os capitães apreſentáram contra o grande Afonſo Dalboquerque, mandou por Gaſpar Pereira, (que ſervia de secretario,) fazer hum auto de tudo, e poz hum deſpacho, que dizia:

D. Franciſco Dalmeida, viſorey das Indias por ElRey meu senhor, mando a vós Gonçalo Fernandes, e Franciſco Lamprea, escrivão público, e judicial neſtas partes da India, e a Pero Vaz, escrivão que foi da caravela S. Jorge, e a João Saramenho, recebedor dos defuntos, que todos quatro tireis eſta inquirição, (pelas teſtemunhas, que vos nomearem Manuel Telez, Afonſo Lopez da Coſta, e Antonio do Campo,) contra Afonſo Dalboquerque, ás quaes perguntareis por huns capitulos, que vos apreſentaráõ: e Gonçalo Fernandez ſerá o enqueredor, e os outros tres eſcrivães, e ſereis ſempre todos quatro preſentes ao tirar das teſtemunhas: e por a parte não ſer preſente, viráõ todas as teſtemunhas jurar perante mim; e as teſtemunhas, que nomearem, que eſtam em Cananor, ſe mandaráõ lá tirar: e tirar-ſe-ha eſta inquirição em caſa de Gonçalo Fernandez enqueredor, onde o feito cada dia ficará fechado em hum cofre com tres chaves, e cada eſcrivão levará ſua: e já todos quatro recebeſtes jura-

J.º Braz filho de afonso dalbuquerque fidal
guo e da Joana Vicente molher solteira li
gitimaçam ; —

Título da legitimação do autor dos *Comentarios*

mento perante mim, que vos foi dado por Gaſpar Pereira, de o fazerdes bem, e direitamente. Feito em Cochim a vinte e ſeis dias do mes de maio. Gaſpar Pereira o fez, de mil e quinhentos e oito annos.

E aſſi vos mando, que qualquer couſa que diſserem as teſtemunhas fóra dos artigos, a bem de feito, por parte dos autores, que o eſcrevais; e ſe alguma teſtemunha, (depois de ter teſtemunhado,) vier dizer, que lhe lembra alguma couſa, eſcrevelo-eis.

Acabado o viſorey de pôr eſte deſpacho no requerimento dos capitães, mandou a Gaſpar Pereira, que entregaſſe todos os papeis aos eſcrivães, e enqueredor, que aviam de tirar a devaſſa, e aſſi lhe mandou entregar hum papel com ſeſſenta capitulos, que lhe os ditos capitães deram contra Afonſo Dalboquerque. Que ſe póde dizer aqui deſte negocio? ſenão que ou era odio, que o viſorey tinha a Afonſo Dalboquerque, ou paixão? pois quis proceder deſta maneira ſem o ouvir, e aceitava capitulos contra elle dados pelos capitães, que lhe fugíram, deixando o ſeu capitão na guerra, pelejando de dia, e de noite com as armas ás coſtas, ſem os reprender de o deixarem, e fugirem pera a India, tendo rendido hum reyno tamanho, e tão poderoſo á obediencia delRey de Portugal, com tão pequena armada como tinha, e aceitar por culpa a falta dos mantimentos da fortaleza de Çacotorá, andando Manuel Telez paſſeando em Cochim, que fugio com a ſua náo carregada delles, que Afonſo Dalboquerque tinha preſtes pera lhe mandar. Muito tinha que dizer neſta materia, que deixo por me não ſahir da hiſtoria.

Neſtes dias, que ſe iſto negoceava, chegáram Fernão Soares, e Ruy da Cunha, que vinham de Portugal, em companhia de Jorge de Aguiar, que deſte reyno partio

o anno de oito por capitão mór de tres vélas, o qual ElRey D. Manuel mandava pera andar de armada no cabo de Guardafum, e na coſta de Ormuz com certas náos, e o grande Afonſo Dalboquerque ſe foſſe governar a India; e depois da chegada deſtes dous capitães a Cochim, eſtando hum dia o viſorey aſſentado na ramada com eſſes fidalgos, e cavaleiros da India, ſendo tambem preſentes João da Nova, Afonſo Lopez da Coſta, Antonio do Campo, e Manuel Telez, começou a dizer:

Senhores, neſtas náos me vieram cartas, em que me dam nova de huma grande mercê, que me ElRey noſſo senhor faz, e he, que pois tenho acabado meus tres annos, que me vá pera Portugal, e Afonſo Dalboquerque fique no meu cargo, governando a India. Certamente noſſo senhor me faz muita mercê niſto, pois já ſou morto no contentamento que podia ter das couſas deſte mundo: e meus peccados merecêram ver eu antes de minha morte os trabalhos, que tenho viſto.

E por aqui foi dizendo outras muitas palavras, que ſignificavam a dor, que tinha da morte de ſeu filho. Com eſta nova, que o viſorey deu de ſua ida pera Portugal, ficáram todos muito triſtes, principalmente João da Nova, e os capitães, que fugíram da guerra de Ormuz. Antonio do Campo, que foi ſempre o principal nas differenças, que ouve em Ormuz, antre Afonſo Dalboquerque, e os capitães, (parecendo-lhe que niſto liſongeava o viſorey, e tambem por indignar os que eſtavam presentes contra Afonſo Dalboquerque,) alevantou-ſe em pé, e diſſe:

Senhor, mandar ElRey noſso senhor, que voſsa senhoria ſe vá deſta terra, e deixe a governança a Afonſo

Dalboquerque! sua alteza acertou nisto quanto foi sua vontade, e eu espero em Deos, que assi como as cousas da India são governadas da sua mão, que elle lhe mostre pelo tempo o erro que nisso faz; porque eu tenho por sem dúvida, que sendo Afonso Dalboquerque conhecido dos homens da India, que andam favorecidos do amor, e boas obras, que lhe vossa senhoria faz, e virem quão trabalhoso he em suas cousas, (de que nós somos testemunhas, do tempo que com elle andámos na guerra de Ormuz), não averá pessoa na India que o não deixe, e se vá pera Portugal, e os que com elle ficarem será mais per força, que per suas vontades: e pois assi he, vosa senhoria não deve de fazer fundamento de deixar a governança da India, sem primeiro o fazer a saber a ElRey nosso senhor, e mandar-lhe hum estromento das cousas, que Afonso Dalboquerque tem feitas; porque de crer he que se as sua alteza soubera, nunca tal mandára.

O visorey lhe disse, que elle não podia al fazer, senão ir-se, e comprir o que ElRey seu senhor mandava, tanto que chegasse Jorge de Aguiar; e que se a India se perdesse, que a culpa fosse de quem aconselhára ElRey que o mandasse ir, e Afonso Dalboquerque que ficasse governando.

CAPITULO LVII.

Como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio de Çacotorá pera Ormuz, e foi ter a Calayate, e o que paſſou com o capitão da cidade.

PROVÍDA a fortaleza de Çacotorá, (como tenho dito,) o grande Afonſo Dalboquerque ſe fez preſtes pera Ormuz, e partio aos quinze dias do mez de agoſto, com determinação de correr o eſtreito, e ſaber novas do viſorey, e da India, porque avia muito tempo que as não ſabia, e naquella coſta fazer o que pudeſſe, e dahi ir-ſe caminho da India, e deu conta deſta determinação a D. Afonſo de Noronha ſeu ſobrinho, capitão da fortaleza, e aſſi o notificou aos capitães de ſua companhia. Diogo de Melo, e Martim Coelho, como eſtavam mal enformados por Franciſco de Tavora, dos trabalhos, que tinham paſſados na conquiſta do reyno de Ormuz, querendo-ſe eſcuzar delles, fizeram hum requerimento a Afonſo Dalboquerque, dizendo, que elles vinham de Portugal pera andarem na companhia do viſorey, e não eram da ſua obrigação: que lhe pediam por mercê lhe déſſe licença pera ſe irem pera a India. Elle lhes diſſe, que lhe moſtraſſem ſeu regimento; e porque nelle lhe mandava ElRey, que chegando onde o grande Afonſo Dalboquerque eſtiveſſe, lhe obedeceſſem, os obrigou a eſtarem á ſua obediencia, e mandou-lhes, que ſob pena de caſo maior o ſeguiſſem, e o não deixaſſem, pois viam a neceſſidade que delles tinha com a fugida dos capitães, e mandou aos escrivães dos ſeus navios, que fizeſſem autos deſta pena que lhe punha; e com iſto feito, fizeram-ſe todos á véla

caminho do cabo de Rosalgate, e tanto avante como Curiamuria, (porque se faziam muito ao mar,) tiveram conselho de virarem na volta da terra, e cortáram todo aquelle dia sem a verem; e como foi noite, mandou Pero Gonçalvez piloto mór fazer o caminho de noroeste. Afonso Dalboquerque vendo que aquella navegação era contraria ao caminho, que elle fazia por sua carta, mandou-o chamar, e todos os pilotos e disselhe, que se no ponto, e altura, em que estavam, fossem por aquelle rumo que elle dizia, que aquella noite varariam em terra, por isso olhasse bem o que fazia. Pero Gonçalvez, porque cuidava que naquelle officio sabia mais que todos, respondeo com paixão, que pois assi era, que mandasse elle a náo, e fizesse o caminho por onde quisesse, que elle tomaria a sua carta, e compassos, e lançaria tudo no mar. Afonso Dalboquerque lhe respondeo:

Pero Gonçalvez, vede o que dizeis, não sejais agastado, porque eu tambem sei hum pouco deste officio, e póde ser que fala o Espiríto Santo em mim; porque o caminho, que avemos de fazer, he tornarmos na volta do mar, porque se formos nesta volta, que himos, varamos em terra na ponta do Madriçaa; e se vos isto não parece bem, fazei o que quiserdes, que eu bem sei o que ha de ser.

Pero Gonçalvez como era contumaz, mandou ir a náo na volta da terra como hia: as outras fizeram o mesmo caminho; e sendo já o quarto da modorra rendido, tirou a náo de Diogo de Melo, que hia diante, huma bombardada, e espertáram todos. Afonso Dalboquerque mandou logo lançar prumo, e acháram-se em quatro braças, quasi no rolo do mar: a sua náo era boa do governo, acodio ao leme mui prestes, e todos

viráram na volta do mar pela bolina quanto podéram; e chamou a Pero Gonçalvez, e disse-lhe:

Eu sou o que avia de lançar a minha carta, e o compasso ao mar, pois confio no vosso saber, e não no meu: e daqui por diante olhai o que fazeis, e não queirais que faça nosso senhor milagre por nós em nos livrar do perigo em que estavamos; e quando a náo de Diogo de Melo fez sinal, avia hum grande pedaço, que os homens darmas, que vigiavam a proa, ouvíram arrebentar o mar, e chamáram os marinheiros, e perguntavam-lhes se era aquilo terra, e nesta differença estavam huns com outros, quando sentíram-no baixo, e toda aquella noite foram na volta do mar; e como foi menhaã, tornáram na volta de terra, e fizeram seu caminho direito ao cabo de Rosalgate. Sendo naquella paragem, veio Afonso Dalboquerque á fala com os capitães, e disse-lhes, que fossem todos prestes com sua gente armada, porque elle determinava a qualquer hora do dia, que chegasse a Calayate, cometer a cidade, e destroila, antes que lhe viesse algum socorro; e como ouveram vista da terra, armáram-se todos, cuidando que aquelle dia chegassem, e polo vento acalmar, surgíram, e estiveram ali aquella noite, e como foi menhaã, deram véla, e foram surgir no porto. Afonso Dalboquerque em surgindo, mandou D. Antonio de Noronha seu sobrinho na fusta á cidade, pera ver que gente acodia á ribeira, e que náos avia no porto. Chegado D. Antonio ao longo da ribeira, veio huma almadia com certos mouros ter a bordo da fusta, e traziam quatro cabras, e dous cestos de limões, e outros dous de romans. O fundamento destes mouros era saberem quem era o capitão mór daquellas náos, porque se receavam que fosse o grande Afonso Dalboquerque.

D. Antonio ſe veio com a almadia a bordo da náo capitaina, e achou já toda a gente armada, e preſtes pera cometer a cidade. O mouro, que levava o preſente, quando vio os noſſos poſtos em auto de guerra, ficou aſſombrado. Afonſo Dalboquerque lhe perguntou quem era o capitão da cidade, e que gente teria de guarnição? O mouro lhe diſſe, que o capitão era Xarafadin, criado de Cogeatar, muito ſeu privado, e que averia duzentos archeiros de guarnição; e porque elle em Ormuz tinha muito conhecimento deſte Xarafadin, mandou a D. Antonio a terra, que lhe diſſeſſe, que o capitão mór daquella armada lhe mandava pedir muito, que quiſeſſe ir a bordo da ſua náo, aviſando-o que lhe não deſcobriſſe quem era. Chegado D. Antonio a terra, achou Xaraſadin a cavalo ao longo da praia com alguns mouros, que o acompanhavam, e perguntou-lhe polos que tinha mandado na almadia ao capitão mór, e que capitão era, e donde vinha? D. Antonio lhe diſſe, que os mouros ficavam na náo do capitão mór eſperando hum preſente, que lhe queria mandar, e logo veriam, e que aquellas náos vinham de Portugal por mandado delRey em favor doutro capitão ſeu, que andava naquella coſta, que ſe chamava Afonſo Dalboquerque, e que o capitão mór dellas lhe mandava pedir, que ſe quiſeſſe ir ver com elle, porque relevava falarem ambos. Xaraſadin lhe reſpondeo, que elle não avia de ir á ſua náo, que ſe alguma couſa quiſeſſe daquella cidade, que bem podia ir ſeguro a terra.

CAPITULO LVIII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque foi cometer a cidade de Calayate, e a deſtruio, e o mais que paſsou.

Tornado D. Antonio com eſta repoſta, mandou o grande Afonſo Dalboquerque embarcar toda a gente nos bateis, e na fuſta, e a Franciſco de Tavora, que aquelle dia mandaſſe a gente da ſua náo, de que era capitão Diniz Fernandez; patrão mór, Diogo de Melo, e Martim Coelho, que já tinham recado de Afonſo Dalboquerque: como eſtavam preſtes, vieram-ſe a bordo da náo capitaina, pera dali partirem todos juntos. O povo da cidade, como vio que a almadia não tornava, e os noſſos bateis ſe ajuntavam com determinação de irem a terra, começáram-ſe a recolher muitos pera a ſerra. Afonſo Dalboquerque deixou os mouros da almadia a bom recado, e abalou com toda a gente direito a terra, e diſſe a Martim Coelho, e a Francifco de Tavora, que em deſembarcando cometeſſem logo a cidade pela banda da meſquita, que eſtava pegada no mar, e que elle com a mais gente entraria pelo outro cabo. Chegados á ribeira com eſta determinação, começáram os noſſos atirar com os tiros, que levavam nos bateis, pera afaſtarem os mouros, que eſtavam na praia; e como ſe elles víram mal tratados da noſſa artelharia, foram ſe recolhendo depreſſa pera a cidade. Afonſo Dalboquerque, porque a determinação dos mouros lhe fez mudar o conſelho do que tinha aſſentado, aſſi como deſembarcou com toda a gente junta, entrou com elles de roldão pelas portas da

cidade dentro, e foi-os ſeguindo pelas ruas até os lançar fóra della; e alguns, que quiſeram ter roſto aos noſſos, foram logo ali mortos, e neſta peleja foram feridos Payo Pereira, e Diogo Camacho, e outros alguns ſoldados ás fréchadas. Deſpejada a cidade, os mouros ſe puſeram todos juntos hum tiro de bombarda dos muros. Afonſo Dalboquerque receoſo de o tornarem a cometer, porque tinha pouca gente, mandou aos capitães que guardaſſem as portas da cidade, e não conſentiſſem que os noſſos a ſaqueaſſem, nem ſe deſmandaſſem, até elle não dar licença pera iſſo: e toda aquella noite andou roldando a cidade com muita gente. O Xarafadin como vio que os noſſos eram poucos, (envergonhado da pouca reſiſtencia que tivera,) ajuntou trezentos mouros, e veio cometer a noſſa gente. Afonſo Dalboquerque vendo-o neſta determinação, mandou dizer aos capitães que não travaſſem com elles, e que os deixaſſem chegar aos muros, e como os teve engodados, deu nelles com toda a gente, e polos em fugida por huma ſerra arriba: os noſſos béſteirós, e eſpingardeiros foram-nos ſeguindo, e feríram muitos, e tornáram-ſe a recolher. Xarafadin como ſe vio deſapreſſado dos noſſos eſpingardeiros, tornou a recolher os mouros, e fez-ſe em corpo com elles; e Afonſo Dalboquerque, porque o não tornaſſem mais a cometer, mandou ás náos por quatro bombardas, e poſeram-nas no muro, e começáram de lhe tirar. O Xarafadin como vio as bombardas, e que os noſſos avia tres dias que guardavam, e defendiam a cidade, como gente, que ſe queria fazer forte nella, pera a ſoſter, foi-ſe recolhendo pera a ſerra com toda a gente, e deixou-ſe eſtar até ver a determinação dos noſſos. Afonſo Dalboquerque como ſe vio deſabafado dos mouros, mandou a Diogo de Melo, e a D. Antonio de

Noronha, que guardaſſem as portas da cidade, que hiam pera a ſerra, e elle, e Martim Coelho com cem homens poſeram-ſe na outra porta, que hia pera a ribeira, e mandou pôr huma atalaia no alcorão da meſquita, pera dali vigiar o que os mouros faziam. Como teve a cidade poſta neſta ordem, deu licença a toda a outra mais gente que a ſaqueaſſem, e depois de ſaqueada, mandou a Franciſco de Tavora, que com aquella gente toda fizeſſe recolher todos os mantimentos, e fato, que tinham roubado ás náos. O Xarafadin vendo que os noſſos andavam recolhendo os deſpojos, que tinham tomado, parecendo-lhe que todos andavam deſmandados, deceo da ſerra com quinhentos homens, e veio cometer a porta, onde D. Antonio de Noronha, e Diogo de Melo eſtavam, e apertou tão rijo com elles, que por força os entrou, e elles foram-ſe recolhendo por humas ruas eſtreitas, pera dali ſe poderem valer melhor dos mouros, que eram muitos. O Xarafadin como teve a cidade entrada, fez duas batalhas da ſua gente, pera os tomarem no meio; e Dom Antonio, e Diogo de Melo, vendo que os mouros ſe punham em ordem de os atalharem, bradáram á ſua gente, que fizeſſem volta: o atalaia, que eſtava no alcorão, como vio o aperto, em que os noſſos eſtavam, começou a bradar á noſſa gente, que acodiſſem, que os mouros tinham entrado a cidade. Afonſo Dalboquerque ouvindo os brados do atalaia, foi-ſe rijo pera aquella parte, onde os noſſos pelejavam. D. Antonio, e Diogo de Mello com a ſua gente, que tinham já junta, fizeram volta com os mouros, e apertáram com tanto animo com elles, que quando a dianteira da gente de Afonſo Dalboquerque chegou a elles, hiam já os noſſos de volta com os mouros por eſſas ruas eſtreitas, e dalí até a

porta por onde entráram os foram ſeguindo, onde matáram muitos mouros, e tomáram muitas armas, que os que fugiam deíxavam, pera ficarem mais deſpejados, e melhor o poderem fazer. Chegado Afonſo Dalboquerque a elles, quando vio tantos mouros desbaratados por tão pouca gente, como era a que eſtava em companhia de D. Antonio, e Diogo de Melo, deu muitas graças a Noſſo Senhor por aquella grande vitoria, que lhe dera, e diſſe a todos, depois de eſtarem juntos, que bem parecia aquillo obra de cavaleiros portugueſes, e que ſe deviam de ter por bem envergonhados os capitães, que lhe fugíram, de ſe não acharem em tal feito como aquelle, quando ſoubeſſem o eſtrago, que elles tinham feito, ſendo os imigos ſem comparação muitos maís que elles. Os mouros, depois de desbaratados, e lançados fóra da cidade, poſeram-ſe todos á viſta dos noſſos muito tríſtes, (como homens, que tinham recebido muito damno,) e em ſua companhia eſtava Pedreanes Lamprea, (hum dos arrenegados, que fugíram em Ormuz,) com hum capacete na cabeça, e eſcapou o dia, que ſe entrou a cidade, porque o não conhecêram. Foram aqui neſte feito D. Antonio de Noronha, Diogo de Melo, Aires de Souſa, Duarte de Melo, Pero Dalpoen, Liſuarte de Freitas, Antonio de Liz, Antonio Vogado, Lourenço da Silva, Antonio da Coſta, Fernão Vaz, e João Teixeira, todos homens honrados, e de criação, e Simão Velho, Nuno Vaz de Caſtelo-branco, Antonio de Sá, James Teixeira, Bertolameu Peſſoa, criados do Meſtre Sanctiago, e Jorge Dorta moço da camara delRey, e Lopo Alvarez, e Martim Vaz, criados do Condeſtabre, todos eſtes com ſuas lanças, e eſpadas cheas de ſangue, que eram teſtemunhas do que cada hum fez aquelle

dia. Afonſo Dalboquerque eſteve ali com toda gente aquella noite, que ſeriam duzentos e trinta homens portugueſes, e mandou aos capitães, que cada hum ſe fizeſſe forte nas caſas, onde eſtavam, e tiveſſem os bateis bem eſquipados junto comſigo, e que por nenhum rebate, que lhe os mouros de noite deſſem, ſaiſſem fóra, até não ſer menhaã clara: e neſta ordem eſtiveram toda a noite vigiando a cidade; e como foi menhaã, mandou pôr ſuas atalaias, e começáram acarretar os mantimentos, e todo o mais fato, que tinham tomado. Como tudo foi recolhido, ajuntou Afonſo Dalboquerque a gente, e veio-ſe á praia, e mandou pôr fogo ás principaes caſas da cidade, porque nellas tinham os mouros a maior parte dos ſeus mantimentos; e tambem mandou pôr fogo á meſquita, que os mouros ſentíram muito, porque era huma caſa muito grande de ſete naves, toda forrada de azulejos, e muitas porcelanas metidas pelas paredes, e na entrada da porta tinha huma nave muito grande feita em arcos, e por cima ficava como eirado ſobre o mar, tudo forrado de azulejos: as portas, e o teito da meſquita era todo lavrado de maçanaria; e como lhe deu o fogo, veio-ſe toda ao chão, ſem ficar couſa nella que não foſſe queimada. Queimáram-ſe aqui vinte e ſete náos antre grandes, e pequenas, que eſtavam no porto, eſperando carrega pera ſe partirem pera diverſas partes. Acabado iſto, mandou cortar as orelhas, e os narizes a todos os mouros, que tinha tomados, e deixou-os em terra, e embarcou-ſe nos bateis, e foi-ſe pera as náos, dando muitas graças a Noſſo Senhor pela mercê que lhe fizera, em lhe dar huma cidade como aquella, ganhada ſem perigo dos noſſos com tão pouca gente.

CAPITULO LIX.

Das novas, que o mouro, que trouxe o prefente, contou ao grande Afonſo Dalboquerque, da India: e de como ſe partio de Calayate pera a cidade de Ormuz, e do que paſſou com Cogeatar.

Como o grande Afonſo Dalboquerque foi na náo, mandou vir perante ſi o mouro, que lhe trouxera o preſente, o qual eſtava bem agaſtado, aſſi pela deſtruição, que víra feita na ſua cidade, como tambem por não ſaber o que avia de ſer delle, e dos outros; e como o teve diante de ſi, perguntou-lhe, que novas avia da India, e Ormuz em que eſtado eſtava, e que gente tinha, e ſe mandára o Rey fazer alguma obra na fortaleza, que deixára começada. O mouro lhe diſſe, que Cogeatar tinha por nova certa, que a armada dos portuguefes pelejára em Chaul com Mirocen capitão do Soldão do Cairo, e Meliquiaz capitão de Diu o ajudára com toda a ſua armada a tomar huma náo, e que matáram o capitão mór da armada, e Ormuz eſtava em grande neceſſidade de mantimentos por aver dous annos, que do ſertão lhe não viera nenhum arroz, nem trigo, e que os ruſtazes ſe alevantáram contra o Rey, e ſe foram com toda a fua gente, porque Cogeatar quebrára os olhos a hum capitão ſeu principal, que ſe chamava Naçaradin, e mandára lançar no mar outro, que ſe chamava Tajadin, e que os filhos de Rexnordim, goazil da cidade, eram lançados fóra do reyno, e tomára a fazenda a certos mercadores, e tinha preſo Almaçá,

(hum capitão muito ſeu privado,) porque era no conſelho de o matarem pela deſtruição, e morte da gente, que era feita no reyno por ſua culpa, e que fizera tornar os chriſtãos, que lhe fugíram, mouros, e os caſára, e tratava muito bem, porque lhe tinham feito algumas bombardas de metal muito boas, e na fortaleza não fizera mais obra, que alevantar a torre da menagem, e cobrila por cima, e cerrar a porta, que vinha pera o mar, e abrir outra pera dentro do terreiro dos paços do rey, e que na cidade avia muita falta de agoa, porque os navios, com que a traziam, foram todos queimados na guerra paſſada: e por iſſo mandára Cogeatar a Xarafadin ſeu criado correr toda aquella coſta pera lhe levar todos os paraos, que achaſſe pera ſerventia da cidade; e que Cogeatar tinha nova que os capitães, que lhe fugíram de Ormuz, eſtavam em Cochim, e que foram muito bem recebidos do viſorey; e que lhe parecia, que chegando elle a Ormuz com aquella armada, ſegundo a grande neceſſidade em que eſtava, não ſe poderia ſoſter dous mezes que ſe não entregaſſe. Depois de Afonſo Dalboquerque ter ſabido eſtas novas, deſpedio o mouro que ſe foſſe, e levaſſe ſeus companheiros, e o preſente que trouxera, porque ſeu coſtume era não tomar nada de gente com que tinha guerra, e que lhe perdoaſſe pelo ter aſſi reteudo, e ſe o fizera fora por não ir dar novas ao capitão como o achára preſtes pera ir cometer a cidade, e que a culpa de a deſtruir era dos governadores da terra, pois lhe faltáram do concerto que com elles fizera, quando por ali paſſára pera Ormuz, como podiam ver polo ſeguro real, que lhe dera em nome delRey de Portugal ſeu senhor; e mandou ao feitor, que lhe déſſe dous mil faluzes, e alguns pannos, e aos remeiros quinhentos, e aſſi ſe

foram muito contentes. Afonſo Dalboquerque, como teve deſpedido o mouro, mandou chamar os capitães, e deu-lhes conta de tudo o que com elle paſſára, e que ſua determinação era, pela muita agoa, que o Cirne, e o Rey grande faziam, arribar á India, que lhe diſſeſſem o que faria. Os capitães foram todos de parecer, que ſe Ormuz eſtava em tanta neceſſidade, como lhe o mouro tinha dito, que lhe avia de ir dar huma viſta, porque ſendo aſſi, não averia dúvida, chegando elle, tornar o rey ao aſſento que tinha feito, e que ali teria lugar, e tempo pera concertar ſuas náos, e prover a fortaleza de Çacotorá de mantimentos. A elle lhe pareceo bem o conſelho dos capitães, e diſſe-lhe que ſe foſſem ás ſuas náos, e ſe fizeſſem preſtes pera ao outro día partir; e como foi menhaã, leváram ſuas amarras, e fizeram-ſe á véla ao longo da coſta, e foram ſurgir a hum porto, que ſe chama Tenij, e ali eſtiveram dous dias tomando agoa em hum rio grande, que corria por antre duas ſerras talhadas a pique, e vinha fazer hum grande lago junto da ribeira do mar, todo cercado de palmeiras, e de muitas arvores; e depois de terem tomado agoa, fizeram-se á véla, e ſem tomarem outra terra, foram ſurgir todos juntos diante da cidade de Ormuz. Afonſo Dalboquerque mandou aos capitães, que ſe poſeſſem todos em ordem pera tolherem todo ſocorro de mantimentos, e gente, que vieſſe pera a cidade, com determinação de ſe não alevantar dali até a não render; (não fazendo as náos tanta agoa, que lhe fizeſſem tomar outro conſelho.) Como Cogeatar vio a noſſa armada, mandou logo deſpejar a cidade de toda a gente miuda, e paſſala da banda da terra firme, e todos os paraos, e navios, que tinha pera ſerventia della pelos não queimarem. Afonſo Dalboquerque de-

ſejando de ſaber a ordem, em que Cogeatar tinha a cidade, mandou aos capitães que ſe trabalhaſſem por tomar alguma lingoa da terra; e por hum mouro, que ſe tomou de noite em huma almadia peſcando, ſoube que Cogeatar tinha feito dous baluartes muito fortes na ſua fortaleza com muita artelharia poſta nelles, e que avia cinco dias que eram chegados a Ormuz dous homens, e hum mouro, que lhe fogíram das náos em Calayate, e lhe contáram a deſtruição da cidade, de que o rey eſtava muito anojado; e que eſtes homens lhe diſſeram, que os dous capitães, que com elle vieram de Çacotorá, ſe quiſeram ir pera o viſorey caminho da India, e que os trazia por força, e que as náos faziam tanta agoa, que lhe ſeria forçado deixar a guerra, e ir-ſe pera a India, e que na armada avia muito pouca gente, e eſſa andava muito contra ſua vontade com elle, e em Portugal avia tanta peſte, e fome, que o ſeu rey lhe não podia mandar aquelle anno nenhum ſocorro de náos, nem de gente; e que Cogeatar como iſto ſoubera, mandára a todo o homem do povo, que tiveſſe arco, adarga, e eſpada, e proviſam de agoa pera hum mes, e por ſe não fiar da gente, tinha as chaves de todas as ciſternas, que avia no campo: e a agoa em Ormuz era tão cara, que huma jarra della, que em tempo de paz valia dez dinheiros, valia agora duzentos.

CAPITULO LX.

Como veio hum mouro de terra em huma almadia a bordo da náo de Martim Coelho com duas cartas pera o grande Afonſo Dalboquerque, ſem dizer quem as mandava, e o mais que paſſou.

Como o grande Afonſo Dalboquerque teve eſta informação do eſtado, em que as couſas da cidade eſtavam, deixou-ſe eſtar aſſi ſem mandar ninguem a terra, eſperando a determinação de Cogeatar; e paſſados tres dias, vieram dous mouros junto da noſſa fortaleza capear com huma bandeira. Afonſo Dalboquerque lhe mandou pôr outra na quadra da ſua náo, e capear-lhe que vieſſem a bordo, e elles não quiſeram vir, e ao outro dia fizeram outro tanto; e como os mouros de terra víram que lhes não reſpondiam, mandáram hum mouro peſcador em huma almadia a bordo da náo de Martim Coelho, que eſtava da outra banda da cidade no porto do ponente, com duas cartas, huma de Cogeatar pera Afonſo Dalboquerque, e outra do viſorey pera Cogeatar. A carta pera Afonſo Dalboquerque dizia aſſi:

Capitão mór, ſabe que o viſorey, carta pera ti, e pera todos os capitães de Portugal eſcreveo, que nenhuma entrada no reyno, ilhas, e terras de Ormuz fizeſſes; a meſma carta te mandei, e não obedeceſte, nem fizeſte o que elle manda; e outra carta eſcreveo ao rey Ceifadin, com os ſellos delRey de Portugal, e por mais credito, pera que neſte reyno não entraſſes,

Gaſpae lingoa, e a companhia vieram á ribeira, e carta com o ſello delRey víram, e rezam ao ſello do ſeu rey deram, dizendo que muita cera vermelha avia, polo ſello do teu rey não fizeſte nada, parece que queres a deſtruição do reyno. Outras duas cartas em Parſe, huma pera o rey, e outra pera mim eſcreveo, ambas tas mando, lê-as, e mandamas, pois polo mandado, e ſello do teu rey não dás. Cogeamir, que o viſorey mandou, e outros homens de Cananor, que aqui eſtam, ſe eſpantam deſtas couſas: e eu todas eſcreverei, e huma jelua pequena deſpacharei, pera que ſaiba o viſorey que tu es tredor a ElRey de Portugal.

Carta do visorey pera Cogeatar.

O Generoſo ſem par da bemaventurança, principal em mando, abrigo de todos, grande senhor, e capitão antre todos os alguazis, e capitães: mais chegado que ninguem á alteza do rey, aprazivel ao mui alto de todos perfeito senhor Ataa: alevante Deos ſeu eſtado: deſte amigo D. Franciſco Dalmeida viſorey, ſogeição, e beijar de mãos offerece. He bem que entre nós aja tal amizade, que cada anno mandes preſente a ElRey. Negodaquiçar com cem homens que tinha cativos do teu reyno, todos os ſoltei, e chegando lá o ſaberás: e as quatro náos, que de lá vieram, me diſſeram, que tudo o que avia de fazer hum rey fizeſte, e em nada não erraſte, e depois o capitão começou de trocar tudo; e como as quatro náos víram que o capitão errava, vieram-ſe pera mim, e o capitão não ouſou de vir pera mim, e foi-ſe pera Çacotorá, o qual eu caſtigarei tambem, como o rey verá, porque ſaiba que onde receber honra, e der carta por ElRey, não o

deve de trocar, porque ElRey de Portugal não he mentiroſo, e ha miſter que o ſeu capitão não ſaia de ſeu mandado; e pois que ſahio, elle averá o ſeu galardão. As quatro náos dizem, que em a guerra elles não tem a culpa, e que o erro do capitão he: do primeiro concerto que ſe fez, nós o não trocamos, e o teu amor com ElRey de Portugal he aſſi, e aſſi de tudo o que cá ſoube. Ha miſter como eſta carta ſouberes, que venhas pera mim, pera que o eu ſaiba, ſenão tu o ſaberás; mas as quatro náos, quando aqui vieram, muitos mouros traziam, grandes, e pequenos a todos os ſoltei pola amizade que te temos: e todas as náos, que quiſerem vir a eſtas partes, ha miſter que confiem, e não temam, porque ſe lhes falecer hum cabelo, eu ſerei tredor a ElRey de Portugal, deſpacha azinha huma náo com cartas tuas, que por iſſo aguardo, e não fica mais, ſenão que Negodaxemeçadin a ti beijar os pés, chegar á elle, ſabe parte de tudo, dar-lhe-as credito, e no que elle comtigo fizer, não ha de aver dúvida: elle fará tudo o que tu quiſeres: ſete cartas em portugues te mando pera as náos que ſorem, e vierem, e huma do ſello delRey de Portugal, dá-lhe credito: não eſcrevo mais diſto: paz, e ſaude. E defte mesmo teor vinha outra carta pera o rey Ceifadin, e não fazia outra differença, ſómente onde beijava as mãos a Cogeatar, beijava os pés ao rey.

Reposta do grande Afonso Dalboquerque pera Cogeatar.

VI huma carta, que me veio deſſa cidade, e não diz quem ma manda, á qual reſpondo que obedeço á carta, e mandado do viſorey; e porque na carta me

manda, que não me pagando os quinze mil xerafins de pareas, ao tempo do contrato, que faça o que me bem parecer, e mais ſerviço de ElRey for, digo que te requeiro da parte do dito senhor rey, e do viſorey da India, que pagues ao tempo que elle manda, porque me não ei de alevantar daqui até não pagares, ou vir mandado do viſorey, em que me mande o contrairo: não te faço a guerra, nem te tiro ás fréchadas, e bombardadas, como a tua gente fez a mim: eſtas duas cartas, que me deram eſcritas em parſe, não creio ſerem do viſorey, pois não tem o ſeu ſinal: as minhas cartas, que tem o meu ſinal, guarda-as bem que não tas ei de negar, como tu fazes ás tuas, e por iſſo as não aſſinas.

Como Cogeatar vio que Afonſo Dalboquerque ſe hia declarando com elle, eſcreveo-lhe eſta carta, em que ſe aſſinou:

Capitão mór Afonſo Dalboquerque, ſaberás ácerca do que eſcreveſtes, que as duas cartas do parſe não eram do viſorey, porque não tinham o ſeu ſinal: A peſſoa que as trouxe he préſente, e eu de mim, carta em nome do viſorey não ei de eſcrever, pois as não crês, manda-as, e reſponderlhe-ei, e a carta, que em tua letra eſtá com ſinal do viſorey. Se a do parſe não he ſua, cuja he eſtoutra, iſto he achaque que dizes: Acerca dos quinze mil xerafins, a tempo que o reyno he povoado, e as náos vam, e vem, podem dar alguma couſa: dagora ha hum anno que eſta deſtruição fizeſte, e te foſte até agora, não foi tempo: agora que era tempo vieſte aqui eſtar, foi a nova por toda a parte, e ninguem não vem: tu queres a deſtruição deſte reyno, e não povoação. Calayate, que he eſtremo do reyno, roubaſte, e deſtruiſte, e cem mil xerafins, e mais delle levaſte: cem mil xerafins bem podem reſponder por

quinze mil: toda esta destruição ei de fazer a saber ao visorey: O que escreveste que não avias de fazer guerra, nem tirar ás bombardadas, isto não to agradeço, que o que Deos quiser ha de ser: o que escreveste que te não avias de ir, e que tinhas o mar: se aproveitas em estar, está: em o escrever eu não escrevo mal: se os teus lêm mal, isso he outro: a carta do visorey com tua letra, e com selo delRey, leitores delRey tens, manda-os pera que as lêão, pera saberem a verdade, ou mentira: Acerca das quatro náos que escreveste, que fugíram, e fizeram treição, ao visorey se foram: e foram leaes em se ir pera o seu capitão, e fizeram mandado do seu rey, como foram testemunhas, que tu querias destruir o reyno, e a tua gente toda he agravada de ti, que se assi não fora não se ajuntáram em Calayate a dizer mal de ti, nem te fugíram pera a serra, pera os Arabeos: se tu estiveras em verdade, e em amor, agora ha hum anno como tomaste as pareas, logo te foras, mas estiveste cinco mezes até que a guerra pareceo. Quantas vezes te disse que te fosses, nunca quiseste, e começaste imizade? agora o meu falar he ao visorey: qualquer cousa que ouver, a elle a ei de dizer, e elle ausente he meu amigo, e tu eras presente, e o rey te fez muita honra, e em fim foste imigo, e em tua palavra, e concerto não estiveste, e não fizeste como pai com filho, e andas com os bateis ao longo d'agoa, e não deixas que entre gente com o provimento de Deos. De gente, e mantimentos, e armas não falta nada; e se o não cres, manda hum homem, que veja tudo: eu não sou mentiroso: o messageiro não teme nada, e a minha palavra he palavra: e o que dizes que não sabes quem te escreve, o meu nome he meu final, e agora assinei, e asselei.

Treladei eſtas cartas aqui, pera que ſe veja claramente quanto o viſorey trabalhou por anichilar todas as couſas do grande Afonſo Dalboquerque, ſendo muita rezão ajudalo em tudo, pois era viſorey da India.

Da reposta, que o grande Afonso Dalboquerque mandou a Cogeatar.

HOnrado Cogeatar, folguei ſaber que eras tu o que me eſcreveſte, e vi bem eſta carta que me mandaſte: e quanto he ás duas cartas do Parſe, que te o viſorey mandou, que me tu mandaſte, não eſperava eu que o senhor viſorey déſſe tanta fé a huns capitães, que me fugíram da guerra, ſobre os quaes eu tinha tanto poder, como elle nos que lá tem comſigo; e ſe o quiſeres ver, eu to mandarei moſtrar, e então ſaberás ſe fizeram treição, ou não. Bem ſei quantas couſas te diſſeram, e como te fizeram levantar contra mim, e fizeram com que tu me não déſſes os meus homens, em que eſtava toda noſſa paz, e aſſoſſego; que vendidos na praça de Ormuz, podia cada hum valer cinco xerafins: deixando-te eu vinte criados delRey na feitoria em teu poder, e á tua obediencia, e mais a feitoria delRey, que valia duzentas mil dobras. Eſtes me podéras bem tomar ſem guerra, ſe quiſeras, depois de minha partida, e não me tomáras eſtes quatro diante dos meus olhos, pera com elles me começar guerra, e te alevantares contra mim; e ſe os querias, não me confeſſáras que os tinhas, nem me diſſeras que mos davas, nem os moſtráras; porque como diſſeras que não ſabias delles parte, logo te não ouvera de fazer a guerra; mas que obediencia era a que tu tinhas a ElRey meu senhor, e aos ſeus capitães, aſſinada, e jurada, ſe me tu tomavas a minha gente? e

quem eſperava de lhe tu dares quinze mil xerafins, ſe lhe tomavas quatro bargantes, que não valem dez? capitão és, e ſabes quanto carrega ſobre os capitães darem boa conta da gente que lhe entregam. Eu ſei bem que os capitães to fizeram fazer, e tu os verás degolar na praça de Ormuz, porque não tem ElRey meu senhor ganhadas as Indias, e quantos reynos tem ganhado, ſenão aguardando ſeus capitães a guerra com o ſeu capitão mór, ſem lhe fazerem treição; e porque nunca tal fizeram portuguezes, tu verás o que eu digo.

E quanto ás rezões, que o ſenhor viſorey diz contra mim nas duas cartas do Parſe, (ſe verdade ſam,) avendo por bem o que os capitães fizeram, devêra-lhe de lembrar que ſou eu capitão geral da armada delRey meu senhor, e que as pareas, que te elle agora manda pedir com palavras doces, e cartas de grande titulo, que tas fiz eu pagar com a eſpada na mão, e tu és diſſo boa teſtemunha, que aſſi o confeſſas nas cartas do contrato, feitas antre mim, e o rey, e aſſi eſpero em Deos de me não alevantar daqui ſem ellas, pois que o viſorey o manda em ſua carta; porque ſe a eu aqui não achára, bem ſabes tu que te não ouvera eu de pedir pareas, ſenão homens, (o porque te eu comecei a guerra, por conſelhos dos capitães, cavaleiros, e criados delRey da minha armada, da qual me ainda agora não arrependo,) e porque tu has por leaes, e verdadeiros os capitães, que me fugíram da guerra, e me deixáram, por iſſo te quiſeram a ti matar os de dentro de tua caſa: e a caſa, que eu fazia, que te os capitães fizeram entender que era pera te deſtruir, he eſta armada, em que eu eſtou, e a que eu fazia era pera te conſervar, que aos taes tempos como eſtes, (que muito ſe coſtuma em Or-

muz,) não he rezão que a gente, e feitoria delRey eſtê á determinação de quem vencerá: o que não ſe cometêra, ſe ella eſtivera feita. E do que dizes, que a minha gente he agravada de mim, e me foge, quando vires comtigo homem honrado, e criado delRey, então o crê; mas dous bargantes, que ſugíram da prisão: hum a que quiſera mandar cortar as mãos, e outro porque o quiſera açoutar o contrameſtre, e quatro, que tu enganaſte com palavras doces, em que cuidavas que eſtava toda tua ſalvação, eſtes taes, a que tu dás tanto credito, foram começo de toda tua deſtruição; e queira Deos que a não acabem.

E ao que me dizes ſe agora ha hum anno eſtivera em paz, e amor, e como tomei as pareas logo me fora, tu ſabes bem que ſempre trabalhei em concertar minha armada, e aguardava o tempo, e moução, em que ſe navega o eſtreito de Meca, que he no começo do Ramadão, onde me ElRey mandava ir, o qual eu não deſcrobi a ti, nem aos capitães, nem a outra peſſoa alguma, porque aſſi he coſtume dos capitães móres terem ſegredo, por não ſaberem ſeus imigos o que querem fazer; porque ſe eu daqui diſſera o caminho que avia de fazer, em poucos dias fora aviſado Adem, e Judá, que hia eu ſobre elles, como me ElRey mandava em ſeu regimento, e pera iſto fazia o bargantim, que me tu queimaſte, porque era neceſſario pera tal navegação. E mais, ſe te bem lembra, o Noradim me requereo da parte do rey, e tua, que eu me não foſſe daqui, porque vinham as náos de Meçar, e poderiam tomar a cidade, e ſenhoreala; e eu lhe reſpondi, que pelo aſſento qne tinha feito, era obrigado ao defender, que viſſe o rey o que queria que fizeſſe. E mais, que perdia Ormuz em eu eſtar nelle? que as cafilas não

deixavam de vir, antes vinham mais? nem as náos de navegar, ſe as tu não tolhêras? mas antes o reyno ſe ſegurava com minha eſtada aqui, e enriquecia o povo miudo. E tu ſabes bem que na juſtiça da terra, nem na governança do reyno nunca meti a mão, depois que to entreguei, antes te dei lugar que mandaſſes prender a minha gente, ſe na cidade não fazia o que devia. Hum pão ſe não comprava ſem teu mandado, ſe por elle mandavas dar cem xerafins, tanto ſe dava; e aſſi no aljofar, como em tudo o que ſe comprava, tudo ſe pagava como tu mandavas; e nenhuma couſa mandava fazer na cidade a ferreiro, carpinteiro, pedreiro, alfaiate, nem a nenhum outro official ſem tua licença, em que moſtrava eſtar eu mais á tua obediencia, que tu á minha. A caſa, que eu fazia, o rey, e ſeu pai, e tu me déſtes a ponta, e os aliceces, em que a fiz, (como tenho por ſeu aſſinado.) A pedra, e os officiaes, com que a fazia, tu mos davas. Muitas vezes te mandei perguntar, ſe eras contente de a eu fazer, e tu dizias que ſi: ſe o não eras, porque o não dizias? e não me tomáras os meus homens, por onde caiſte em deſobediencia, e quebraſtes o contrato: e de quantas vezes falas neſta guerra ao viſorey, nunca lhe dizes o porque ſe começou, que he ſinal de homem culpado: e ante as taes peſſoas has de mandar as couſas claras. E eſtas hão de ir diante delRey meu senhor, e não ha de aver por ſeu ſerviço fazeres-lhe tu os ſeus chriſtãos mouros.

E ao que dizes, que não eſtive na palavra, e concerto que fiquei com o rey, nem o fiz com elle como pai com filho, eu lhe compri, e mantive tudo o que fiquei com elle; e ſe aſſi não he, deixa-o tu em ſua liberdade, e governar ſeu reyno, e eu te fico que elle conheça a boa

obra que lhe fiz, em lhe entregar o reyno, depois de o ter ganhado. Se elle estivera em sua liberdade, e o reyno fora governado por elle, não me tomáras tu os meus homens, nem te alevantáras contra mi; mas eu espero em Deos de lhe fazer ainda tantas boas obras, e ajudar a ganhar tantas terras, (trazidas a seu mando, e á obediencia delRey meu senhor,) na Persia, que elle seja o maior senhor della, porque o merece por sua bondade, e por ser da linhagem dos reys. Ao que dizes que tens muitos mantimentos, armas, e gente, e que te não falece nada, bem o has mister; mas quem te a ti desbaratou na tua prosperidade, te fará agora fazer o que o visorey manda; e não comprindo tu, então verás os cavaleiros portugueses se andão descontentes de mim, ou não, porque já entre nós não ha quem dane os corações aos homens, senão capitães, que com muito esforço, e boa vontade, por servir seu rey, hão de morrer com o seu capitão geral. E bem sabes tu que sei eu, que os Rustazes são contra ti, porque cegaste o melhor capitão, e cavaleiro, que o rey de Ormuz tinha, e Calcocejo, que tem muita gente, e se faz sempre o que elle manda na terra, e Xeque Ale não vem já a teu mandado, e a gente que tens comtigo bem a sei, e a determinação, com que mandaste Xarafadin a Calayate, e onde dormes bem o sei, e o que comes, e como vives, e tambem sei que a casa de Ormuz está sobre hum esteo mui fraco, e de necessidade se ha de perder, se levas este caminho. Requeirote huma vez, duas, e tres, que cumpras o mandado do visorey; e se tens outro em contrairo, móstra-mo, que eu o cumprirei inteiramente, como me manda ElRey meu senhor. Se escreveres ao visorey, manda-lhe minhas cartas, que por isso te mando esta em portuguez, assinada, e

aſſelada do meu ſinete, porque ouvindo as partes, dará melhor ſentença: torno-te a dizer que viva eſtá a querela da guerra começada antre mim, e ti, e que ninguem me póde apagar, e eſconder com inveja; porque já te diſſe muitas vezes, que eu não era coſſairo, ſenão capitão geral delRey de Portugal, velho, e ſeſudo, e que tenho mui bom regimento ſeu, por onde me ha de tomar conta do que faço. E quanto ao que dizes, que o teu falar ha de ſer ao viſorey, e que qualquer couſa que ouver a elle a has de dizer, fazes bem, e tens rezão; porque quando eu faço a guerra aos imigos, he de maneira que lhes convem ir pedir miſericordia a ElRey, ou a quem ſeus poderes tem; e pois lha tu já pediſte huma vez, eu te prometo, (ſe tu não cumpres o que elle em ſua carta manda) que tu lha vás pedir outra. Ao que diz na carta do Parſe, que te o viſorey mandou, que não ouſei de ir pera elle, e me fui pera Çacotorá, ſabe certo que a ninguem ei medo, ſenão a meu rey; mas antes te digo, que o capitão que tambem ſoube ganhar eſte reyno, e vencer hum rey em batalha, e fazelo tributario a ElRey de Portugal, que em qualquer parte aonde for, lhe farão muita honra, e o viſorey ſabe que fiz eu meu officio em ir ſocorrer a fortaleza de Çacotorá, como me ElRey manda, e não já fugido, ſenão buſcar os mantimentos, que me os capitães leváram, e ſe foram, deixando a tua armada de ſeſſenta vélas ſobre mim, mandando-lhe eu que aſöſſem desbaratar, e elles não o quiſeram fazer, e bem era que foſſe aſſi, pois antre ti, e elles avia tanta amizade.

CAPITULO LXI.

Como o grande Afonſo Dalboquerque deu conta aos capitães, e principaes homens da armada de tudo o que paſſára com Cogeatar, e do recado que lhe mandou, e o que reſpondeo.

Depois de ter mandado o grande Afonſo Dalboquerque eſta repoſta a Cogeatar, mandou chamar os capitães, e todos os fidalgos, e homens principaes da armada, e deu-lhe conta de tudo o que tinha paſſado com Cogeatar; e depois de lida a carta, que lhe o viſorey eſcrevêra, diſſe-lhes, que lhe pedia por mercê, que cuidaſſem bem naquelle negocio, e lhe aconſelhaſſem verdadeiramente o que nelle devia de fazer, porque o ſeu juizo não baſtava pera entender eſte modo, que o viſorey com elle queria ter, porque não ſe contentára de favorecer muito os capitães, que lhe fugíram da guerra, e o deixáram, ſofrendo-lhe muitas deſcorteſias, feitas a ſua peſſoa, por ſervir a ElRey noſſo senhor; mas ainda eſcrevêra aquella carta a Cogeatar, louvando-lhe muito a ſua fugida, e tornar-lhe os mouros cativos, que lhe tinha mandado, tomados de boa guerra, com muitas palavras de pouca eſtima de ſua peſſoa, e pouco credito em ſeus trabalhos, como naquella carta tinham viſto, que fora grande favor pera os mouros, e grande deſcredito ſeu; que pois aſſi era, e elle não tinha já eſperança de o viſorey o ajudar naquella empreſa, determinava de não ter mais contendas com Cogeatar, nem lhe pedir pareas, e ir-ſe caminho da India ver com elle. Os capitães poſto que ſentíram muito as

palavras da carta, e a pouca conta, que o viſorey fazia de Afonſo Dalboquerque, per cima de tudo lhe pedíram que o ſofreſſe, e não ſe agaſtaſſe, pois eſtava já no cabo da jornada, e que ſe devia de mandar declarar com Cogeatar, e notificar-lhe o que o viſorey mandava. Afonſo Dalboquerque com eſte parecer dos capitães ſofreo a paixão que tinha, e mandou dizer a Cogeatar por Pero Dalpoem, e Gaſpar Rodrigues lingoa, que o prazo, que o viſorey poſera pera pagar as pareas, ſem lhe fazer a guerra, ſe acabava dalĩ a oito dias; e não as pagando, paſſado aquelle tempo, foſſe certo que lhe não avia de pedir pareas, ſenão os quatro chriſtãos, que lhe tinha tomado, porque o reyno de Ormuz era delRey de Portugal ſeu senhor, ganhado com ſua armada, e cavaleiros portugueſes, e que o não avia de perder. Cogeatar diſſe a Pero Dalpoem, que diſſeſſe ao capitão geral que ſe deſenganaſſe, que a elle, nem a outra nenhuma peſſoa avia de pagar pareas, ainda que lho o viſorey mandaſſe; e poſto que Afonſo Dalboquerque ficou mal contente deſta repoſta, porque já eſtava aſſentado por todos, que até paſſar o tempo lhe não fizeſſe guerra, diſſimulou com elle, e ordenou de mandar D. Antonio de Noronha ſeu ſobrinho á ilha de Queixome na fuſta, e nos bateis buſcar agoa pela muita falta que na armada avia della; e como foi preſtes, partio-ſe logo de noite, e chegou á ilha pela menhaã; e querendo deſembarcar, acodio muita gente pera lhe tolher a deſembarcação; mas Dom Antonio com eſſa que levava ſahio em terra per força, e desbaratou-os, e chegou aos poços, e polos achar cheos de ſardinhas podres, que lhe os mouros lançáram, tornou-ſe pera as náos ſem a trazer; e porque na armada não avia nenhum remedio de agoa, e a gente parecia, e na ilha de

Queixome, e em Nabande, (que eram mais perto,) não ſe podia tomar, ſenão com força de gente, pela muita que Cogeatar ali tinha em guarda dos poços, tornou a mandar logo D. Antonio de Noronha na fuſta, e nos bateis á ilha de Lara pera trazer agoa, e ao outro dia tornou com os paraos carregados della. Chegado D. Antonio, mandou Afonſo Dalboquerque a Pero Dalpoem, e Gaſpar Rodriguez lingoa a terra, e que diſſeſſem a Cogeatar, que o tempo dos oito dias, que lhe dera pera pagar as pareas, era paſſado, e que já pelo deſengano que lhe tinha dado, ficava nelle fazer o que lhe pareceſſe mais ſerviço delRey de Portugal; que já agora não queria pareas, ſenão os homens da ſua armada, que lhe tinha tomados, confiando na ſua amizade, e no aſſento, que com elle tinha feito, quando lhe entregou o reyno em nome delRey de Portugal, aſſinado pelo rey, e aſſelado com o ſeu ſello; e quanto era ás pareas, que era obrigado a pagar, que o viſorey as mandaria arrecadar, pois tomára cuidado diſſo, e antrelles avia tanta amizade, e que diſſeſſe ao rey, que olhaſſe muito bem pela conſervação daquelle reyno, e não quiſeſſe que ſe deſtruiſſe, por lhe não mandar entregar quatro bargantes, que lho não aviam de defender. Cogeatar, porque ſabia que o rey não folgava muito com a guerra, quiſera eſtorvar não lhe dar Pero Dalpoem eſte recado, e por diſſimular deu lugar a iſſo, e quiz que foſſe perante elle. O rey, depois de ouvir o recado, receoſo do que reſponderia, poz os olhos em Cogeatar, e diſſe a Pero Dalpoem, que elle não avia de mandar entregar os quatro homens, porque eram já mouros, e a ſua ley o defendia; e depois de Pero Dalpoem ſe deſpedir do rey com eſta repoſta, diſſe-lhe Cogeatar, que diſſeſſe ao capitão geral, que as pareas,

que o viſorey mandava pedir, eſtavam bem pagas pela deſtruição, que tinha feito em Calayate; e que por elle eſtar ſempre naquelle porto, tomando, e deſtruindo tudo o que a elle vinha, avia dous annos que na alfandega não avia nenhum rendimento, e que niſto não avia mais que dizer; e quanto aos quatro chriſtãos, que mandava pedir, que já lhe o rey tinha reſpondido a iſſo: que ſe por lhos não dar lhe avia de fazer a guerra, que fizeſſe o que quiſeſſe, porque lhe não dava nada eſtar elle ali mais hum dia, que hum anno, que cem annos. E mandou chamar Cogeamir, que era o que trouxera as cartas do viſorey, e diſſe-lhe perante Pero Dalpoem, que elle ſe não eſcuſava de pagar as pareas, mas que não tinha ao preſente de que as poder pagar, que elle era ſervidor delRey de Portugal, e aquelle reyno era ſeu, e que o capitão geral o queria deſtruir, e que ſe lembraſſe de todas aquellas couſas pera as dizer ao viſorey, quando lá tornaſſe; e por aqui lhe diſſe outras muitas palavras mentiroſas, e cheas de enganos. Pero Dalpoem, ſem lhe reſponder, ſe deſpedio, e Cogeatar teve maneira, que ſahiſſe pela porta do caſtelo, onde tinha dez falcões de metal, tamanhos, e tão bem lavrados como os noſſos, e huma bombarda groſſa de duas camaras, da grandura dos noſſos camelos, (todas encarretadas,) e outras muitas de ferro bem lavradas, que lhe os arrenegados fizeram, aſſentadas em hum baluarte, que ali tinha feito de novo.

CAPITULO LXII.

Do conſelho, que o grande Afonſo Dalboquerque teve com os capitães ſobre a repoſta de Cogeatar, e o que ſe niſſo aſſentou, e do recado, que mandou aos Ruſtazes por huns criados ſeus, e o que mais paſſou.

Com eſta repoſta de Cogeatar tão chea de ſoberba, mandou o grande Afonſo Dalboquerque chamar os capitães, e fidalgos, meſtres, e pilotos, e toda a outra gente da armada pera ſe determinar no que avia de fazer; e juntos todos na ſua não, contou-lhe o recado, que Cogeatar lhe mandára por Pero Dalpoem, e diſſe-lhes o deſcontentamento, que na ſua alma tinha de ver com quanta ſoberba lhe Cogeatar reſpondia aos ſeus recados, o que nunca fizera, ſenão agora, e tudo iſto pela pouca conta que via que o viſorey fazia delle, e de todos os que naquella guerra andavam, ſervindo ElRey de Portugal; e os capitães, que lhe fugíram, muito ſeus privados, que lhe diſſeſſem ſe ſe iria caminho da India ſegurar aquellas náos, que faziam muita agoa, ou ſe ſe deixaria eſtar em cerco ſobre a cidade até a render, porque tinha ſabido de certo que eſtava muito falta de mantimentos, e de agoa, e que avia muita divisão antre elles. Os capitães, e toda a outra gente, depois de lhe Afonſo Dalboquerque propôr tudo iſto, praticáram eſte negocio; e viſto tudo muito bem, aſſentáram que não perſeverando a agoa, que as náos faziam, de maneira que lhes déſſe muito trabalho o paſſar á India, eſtiveſſem ali até o fim de outubro, por-

que até eſte tempo podiam ali vir algumas náos de Portugal, que foſſem arribadas a Çacotorá, que ſeria grande ajuda pera favorecer aquelle negocio. Aſſentado iſto, mandou Afonſo Dalboquerque aos capitães, que tiveſſem ſuas náos derredor da cidade, na ordem em que eſtavam, e que nos bateis andaſſem de noite ao longo da praia, vigiando cada hum como lhe coubeſſe ſua ſorte, que não paſſaſſem nenhuns paraos á cidade; e com eſta diligencia tomáram muitos, que vinham carregados de mantimentos, e neſta companhia foram tres, que eram dos capitães dos Ruſtazes, que vinham de hum lugar, que ſe chamava Jáquem. Afonſo Dalboquerque como ſoube que os paraos eram ſeus, mandou-lhos dar, e eſcreveo-lhe por huns criados ſeus, que nelles vinham, que querendo elles com ſua gente ajudallo naquella guerra, que elle lhe daria ſoldo, e mantimentos; e lançando Cogeatar fóra da cidade, lhe daria a governança do reyno. Os criados dos Ruſtazes ſe foram, e deram as cartas a Caecocejo, que era o principal delles; e por ſer o caminho longe tardáram muito; e quando tornáram com repoſta, acháram já Afonſo Dalboquerque determinado em ſe ir caminho da India. O Caecocejo lhe reſpondeo, que ſolgava muito com ſua amizade, e que ſe ficava fazendo preſtes com todos os ſeus parentes pera o vir ſervir naquella guerra, porque todos deſejavam de ſerem vaſſalos delRey de Portugal; e que lhe fazia a ſaber, que tanto que elle chegára a Calayate, Cogeatar os mandára chamar prometendo-lhe muitas dadivas, que elle não quiſera aceitar: e com eſte recado mandou hum preſente de gallinhas, carneiros, e romans, e Afonſo Dalboquerque lhe mandou outro de panos de ſeda, e outras couſas de muito preço, e eſcreveo-lhe grandes agardecimentos da ſua

vinda, e que lhe pezava muito não no poder eſperar, e que eſperava, de muito cedo tornar a cometer aquella empreſa, e juntos todos fazerem a guerra a Ormuz. Deſpedidos eſtes criados dos Ruſtazes, como a agoa pera provimento da gente da armada, (que era o que mais cuidado dava ao grande Afonſo Dalboquerque que tudo,) faltava nas náos, mandou D. Antonio que foſſe á Ilha de Lara carregar os paraos, como os dias paſſados fizera. D. Antonio ſe partio, e chegou á ilha; e porque achou já guarnição de gente, que paſſára da ilha de Queixome em guarda dos poços, tornou-ſe ſem a tomar. Como D. Antonio chegou, fez-ſe Afonſo Dalboquerque preſtes pera em peſſoa ir á ilha, e mandou Martim Coelho diante no ſeu navio, e elle embarcou-ſe na fuſta, e nos bateis com muita gente, e foi-ſe após Martim Coelho, e em chegando deſembarcáram, e foram cometer os mouros, e desbaratáram-nos logo, e fizeram-lhes deixar as eſtancias, que tinham, e tomáram muitos camelos, cabras, e vacas, e deſentupíram os poços, que os mouros tinham entupidos, e carregáram os paraos, e bateis de agoa, e mantimentos. Feito iſto, veio-ſe Afonſo Dalboquerque pera as náos, e deixou Martim Coelho no ſeu navio em guarda dos poços; e em quanto ali eſteve não ouſáram os mouros, que eſtavam na ilha de Queixome, paſſar á ilha de Lara; e como chegou ás náos dahi a tres dias, mandou Diogo de Melo á ilha de Lara, e que diſſeſſe a Martim Coelho, que tomaſſe agoa, e ſe vieſſe ancorar derredor da cidade no lugar, onde elle eſtava. Diogo de Melo ſe partio logo, e chegando á ilha, diſſe a Martim Coelho o que Afonſo Dalboquerque mandava, o qual tomou ſua agoa, e levou as amarras, e veio ſurgir ao lugar, onde Diogo de Melo eſtava; e depois de Martim Coelho ſer vindo,

mandou Afonſo Dalboquerque Pero Dalpoem, e João Eſtão no eſquife da ſua náo de noite ao longo da ribeira ver o que os noſſos, (que elle mandára vigiar a cidade nos bateis,) faziam; e eſtando ſobre o remo ao longo da ribeira, veio ter com elles hum parao, e não ſe percatando do que podia ſer, foram-no inveſtir deſapercebidos de armas, cuidando que vinha com mantimentos pera a cidade, e em o enveſtindo foram todos feridos de frechadas, e com o negocio ſer ſupito, embaraçáram-ſe de maneira, que tiveram os mouros lugar de ſe ſalvar no parao. Afonſo Dalboquerque entendendo que podia ſer ardil dos arrenegados, que aconſelhariam a Cogeatar, que mandaſſe meter archeiros nos paraos, que traziam os mantimentos pera guarda delles, mandou aquella noite os bateis armados com gente, que lhe tomaſſem hum, pera ſaber dos mouros o que iſto era; e andando os noſſos bateis rodeando a cidade de noite, veio ter com elles hum parao com trinta archeiros, que elles tomáram ſem nenhuma reſiſtencia, e trouxeram-no a Afonſo Dalboquerque; e de dous mouros, que mandou meter a tormento, ſoube que a mulher, que fora do rey Cergol, mandava cento e cincoenta archeiros a ElRey de Ormuz eſpalhados por muitos paraos, por virem mais ſecretos, pera o ajudarem naquella guerra, e que Cogeatar mandava fazer huma armada em Julfar pera lhe vir queimar a ſua, e que ao porto de Nabande era chegada huma cafila da Perſia, em que vinham dous capitães do Xeque Iſmael com quinhentos archeiros das carapuças compridas, que Cogeatar lá mandára buſcar, com grande ſoldo que lhe dava, pera o ajudarem naquella guerra, e que eſtavam eſperando embarcação ſegura pera paſſarem.

CAPITULO LXIII.

Como o grande Afonſo Dalboquerque, aviſou Diogo de Melo do que tinha ſabido da armada de Julfar, e foi a Nabande, e pelejou com os capitães do Xeque Iſmael, e os desbaratou.

COMO o grande Afonſo Dalboquerque teve nova deſta armada, que ſe fazia em Julfar, eſcreveo logo a Diogo de Melo que ſe vigiaſſe, e eſtiveſſe a bom recado, porque o não tomaſſem deſcuidado; e vendo tantos navios, que ſe não eſtreveſſe a pelejar com elles, o aviſaſſe logo, porque elle iria em peſſoa ajudalo; e diſſe aos outros capitães, que tinha nova que a Nabande eram chegados dous capitães do Xeque Iſmael, que vinham com gente em favor do rey de Ormuz, que ſe fizeſſem preſtes, porque elle determinava de ir lá, e pelejar com elles; e mandou a D. Antonio de Noronha que ſe embarcaſſe no batel da ſua náo com parte da gente, e elle com a que ficava iria na fuſta; e porque as náos não eſtiveſſem deſacompanhadas á viſta da cidade, e os arrenegados pela falta dos bateis não entendeſſem que eſtavam ſós, (ardil, que elles ſabiam muito bem,) aſſentou com todos de fazer eſte ſalto de noite, porque fazia luar muito craro, e tornar a horas que o não achaſſem menos, e ordenou certos homens, que vigiaſſem as náos, com dous bombardeiros em cada huma; e feito iſto, embarcou-ſe logo á noite com toda a gente, e foi ter com os outros capitães, que eſtavam já preſtes, e dali fizeram todos ſeu caminho direito a Nabande, onde chegáram á meia noite, e foram logo ſentidos, e ouvíram huma grita de muita gente, e che-

gando-ſe mais a terra, deram os mouros outra, que parecia ſer de menos gente. Afonſo Dalboquerque, que era na dianteira, porque não ouvio nenhum rumor de gente, cuidando que deixáram o lugar, e ſe foram, deſembarcou; e como poz os pés em terra, foram tantas as fréchadas ſobre os noſſos, ſem verem donde lhes tiravam, (por ſer de noite,) que ſe não podiam valer. E eſtando com a ſua gente toda junta, eſperando que chegaſſem os bateis, vendo que era menos perigo dar nos mouros, que eſperar que os feriſſem todos, determinou de os cometer, e niſto chegáram os outros capitães, e como deſembarcáram, abalou, e começou a entrar o lugar. Os mouros como ouveram viſta delle, fizeram-ſe em corpo junto da meſquita, e ali eſperáram, o qual aſſi como hia acompanhado da ſua gente, deu nelles, e cometêram-nos tão valeroſamente, que aos primeiros golpes derribáram alguns, e depois de terem as lanças bem empregadas, vieram com os mouros ás eſpadas em hum médão de area, que eſtava pegado no lugar, e pelejáram huns, e outros com tanto esforço, por hum bom pedaço, ſem mudarem pé atrás; (que fizeram o médão tão chão, que mais parecia terreiro de paço, que médão de area;) e eſtando neſte aperto, que não durou muito, com a maior parte da ſua gente ferida, acodio D. Antonio de Noronha por detrás da meſquita, e deu nos mouros, os quaes como ſe víram atalhados, poſeram-ſe em fogida, e niſto chegou Franciſco de Tavora, e Martim Coelho com ſua gente, e foram-nos ſeguindo por hum bom eſpaço, derribando muitos delles, que hiam aſſi a meia volta pelejando com a noſſa gente, ſem ſe determinarem bem em fugir. Afonſo Dalboquerque, porque era de noite, deixou-ſe eſtar apegado com a meſquita em corpo com a ſua

gente, e temendo-ſe que os que hiam após os mouros ſe deſmandaſſem, mandou aos capitães que os recolheſſem, e vieſſem ter com elle; e como foram juntos, entráram no lugar, e indo por huma rua, foram dar em huma caſa, onde eſtavam os dous capitães do Xeque Iſmael, pondo-ſe a cavalo com ſeus criados pera fogirem, e entrando dentro, matáram-nos a todos, e volvêram logo ſobre a meſquita, onde eſtava outro capitão com muita gente recolhido pera ſe fazer forte nella; mas não lhe valeo, porque D. Antonio de Noronha, e Martim Coelho, e toda a outra gente, que hia após elles, foram cometer a meſquita, e entráram-na por força, e matáram o capitão, e toda a gente, que eſtava dentro, e tomaram-lhe as armas, e as carapuças vermelhas, e tudo o mais que tinham, e ſaidos dali começáram a roubar o lugar. Afonſo Dalboquerque vendo que os mouros da terra ſe começavam ajuntar, e elle com pouca gente por ſer de noite, veio-ſe recolhendo com os capitães pera a praia, onde eſtavam os bateis, pera ſe valer das bombardas, ſe o quiſeſſem cometer, e mandou pôr fogo ao lugar por quatro partes, e fazer ſinal com o tambor, pera que a gente, que andava a roubar, ſoubeſſe onde elle eſtava. Como os noſſos víram o fogo, cada hum ſe recolheo pera aquella parte pera onde ouvíram o tambor com eſſe fato, que podéram trazer; e como eſtiveram juntos, não ouſáram os mouros mais de travar com elles, e poſeram-ſe da outra banda do lugar, e metia-ſe antrelles, e os noſſos hum brejo, e alí ſe deixáram eſtar, ſem poderem valer ao lugar que não ardeſſe.

Eram ali aquelle dia em companhia de Afonſo Dalboquerque, Diogo Guiſado, Gaſpar Machado, criados delRey, Antonio de Sá, Bertolameu Pereira, Nuno

Vaz de Caſtelo-branco, Antonio de Liz, criados do meſtre de Sanctiago, João Coelho, Gonçalo Queimado, e Pero Gonçalvez, piloto mór, e todos foram feridos de fréchas. E com D. Antonio de Noronha eram Jorge da Silveira, Franciſco de Melo, Duarte de Souſa, Baſtião de Miranda, Antonio da Coſta, Liſuarte de Freitas, João Eſtão, Nicoláo de Andrade, Antonio Fragoſo, Pero Dalpoem, João Teixeira, Simão Velho, James Teixeira, Antonio Vogado, e outros muitos homens honrados. E com Franciſco de Tavora eram D. Jeronymo de Lima, D. João ſeu irmão, Aires de Souſa, Lopo Alvarez, Martim Vaz, Antonio Fernandez criado do conde de Villa Nova, Diogo Machado, Dinis Fernandez, meſtre do Cirne, e outros muitos. E com Martim Coelho eram Antonio da Silva, Chriſtovão de Magalhães, ſeu irmão, Paio Pereira, Pero de Souſa, Gaſpar Vaz, Chriſtovão de Azevedo irmão baſtardo de Martim Coelho, e huns, e outros pelejáram aquelle dia tão valeroſamente, e fizeram hum feito tão honrado, por ſer contra os perſas, (que naquella terra he avida pela melhor gente do mundo,) que me pareceo rezão, por honra de ſeus filhos, fazer aqui memoria delles. E bem creio eu que os perſas, que dali eſcapáram, dariam melhor fama dos portugueſes em ſua terra, da que os capitães, que fugíram da guerra, deixáram em Ormuz: E aſſi como eſta fugida dos capitães foi eſtranhada do Xeque Iſmael, foi louvado muito delle eſte desbarato, que os noſſos fizeram nos ſeus capitães, porque depois diſto trabalhou muito ter amizade com o grande Afonſo Dalboquerque, e mandou-o viſitar, e quando os ſeus embaixadores chegáram a Ormuz era já partido pera a India. Os moradores deſte lugar não tinham ali ſuas molheres, nem ſuas fazendas, por-

que viviam com receo difto que lhe aconteceo, e o defpojo que fe tomou, foi áquella gente da Perfia, que ali eftava, que era dinheiro, veftidos, armas, adagas guarnecidas de ouro, e de prata, arcos, frechas, e muitos cavalos, que lhe matáram, e queimáram-lhe todos os mantimentos, e monições de guerra, que Cogeatar ali tinha pera paffar a Ormuz.

Acabado ifto, Afonfo Dalboquerque fe recolheo com toda a gente aos bateis, e ao remo, e á véla trabalhá-ram todo o efpaço que ficou da noite, de maneira, que chegáram ás náos em amanhecendo, e os que ficáram nellas lhe differam, que na cidade ouve toda aquella noite grande alvoroço, quando víram o fogo em Nabande, e todo aquele dia fe gaftou em mandar curar os feridos, que eram muitos; e ao outro dia pela menhaã mandou Afonfo Dalboquerque Dinis Fernandez no rey grande, que foffe á ilha de Lara tomar agoa, e Diogo de Melo fe vieffe lançar, onde elle eftava, e levadas as ancoras, indo á véla com o traquete, veio hum parao de terra remando rijo demandar a náo. Dinis Fernandez cuidando que lhe trazia algum recado, mandou largar as efcotas, e efperou por elle. Os mouros, que vinham no parao, como chegáram perto da náo, tiráram-lhe huma bombardada. Vendo Afonfo Dalboquerque o parao esbombardear a náo, mandou com grande preffa D. Antonio no feu batel, e Jorge da Silveira no feu efquife, que foffem tomar a terra ao parao, e que fe chegaffem bem á borda da praia, porque era baixamar, e não lhes podia a artelharia da cidade fazer nojo. Os mouros do parao como víram que os noffos bateis arrancavam das náos, primeiro que lhes atalhaffem, ouveram a terra, e como os noffos hiam já perto delles, começáram atirar com a artelha-

ria, que levavam á gente da terra, que os vinha ſocorrer, e fizeram-nos afaſtar. Dom Antonio, e Jorge da Silveira com eſta furia que levavam, quiſeram deſcer em terra após os mouros; mas Afonſo Dalboquerque acodio logo na fuſta, e felos recolher, porque os mouros, que acudíram áquelle rebate, eram oitocentos frécheiros, e cincoenta de cavalo, e os noſſos muito poucos pera os cometer; e recolhido o parao, e a bombarda, que os mouros nelle levavam, tornáram-ſe pera as náos, e Dinis Fernandez fez ſeu caminho á ilha de Lara como hia.

CAPITULO LXIV.

Como Diogo de Melo, que eſtava na ilha de Lara, ſe perdeo, e o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio pera a India, e o que paſſou até chegar á ilha.

Estando o grande Afonſo Dalboquerque eſperando por Diogo de Melo, que ſe vieſſe no ſeu navio ancorar, onde o rey grande eſtava, chegou Duarte de Melo ſeu irmão no batel, e diſſe-lhe, que avia tres dias que Diogo de Melo ſe metêra em hum zambuco pequeno, que Manuel de Lacerda tomára carregado de tamaras, e ſe fora com nove homens portugueſes, e dous mouros, e que não tornára mais, nem ſe ſabia nenhuma nova delle, e que a armada dos mouros, que ſe fizera em Julfar, viera á ilha de Lara, e ahi eſtava ſurta. Afonſo Dalboquerque agaſtado deſta nova, que lhe Duarte de Melo deu, mandou logo D. Antonio de Noronha, e D. Jeronymo de Lima, que ſe embarcaſſem

na fusta, e no seu batel com gente, e Duarte de Melo, e fossem ver o qué isto era, e escreveo a Martim Coelho, que se levasse donde estava, e se ajuntasse com elles, e juntos todos cometessem a armada dos mouros, que estava na ilha de Lara, e trabalhassem muito por saberem alguma nova de Diogo de Melo; e se pela ventura estivesse em lugar, donde não podesse sair por amor da armada dos mouros, que o fossem socorrer. Partidos estes capitães, foram-se ajuntar com Martim Coelho, pera todos juntos irem cometer a armada dos mouros, que estava surta, a qual como ouve vista dos nossos, levou suas ancoras, e ao remo, e á véla fugíram. Dom Antonio com os outros capitães foram-nos seguindo; e vendo que os não podiam alcançar, tornáram-se, e deram huma volta derredor da ilha de Lara, pera saberem novas de Diogo de Melo, e neste caminho acháram no mar seis homens mortos, e conhecêram serem da sua companhia; e vindo-se recolhendo ao longo da ilha, tomáram hum parao pequeno com tres, ou quatro mouros, e dali despedio D. Antonio de Noronha Duarte de Melo, e mandou-o com esta nova, e que levasse comsigo os mouros, que se ali tomáram. Chegado Duarte de Melo, mandou Afonso Dalboquerque meter os mouros a tormento; e elles lhe disseram, que estando a sua armada surta na ilha de Queixome, viera ter com ella hum parao pequeno com certos portugueses, e que o seu capitão os fora cometer, e por se não querer render, o metêram no fundo; e depois dos christãos andarem na agoa os matáram a todos, senão hum, que tomáram vivo, que o capitão mandou logo a Cogeatar, e o dos portugueses por andar muito armado se fora ao fundo. Anojado Afonso Dalboquerque deste desastre, disse a Duarte de Melo, que como fizera seu irmão

aquilo, tendo-o avisado muitas vezes daquella armada? E elle lhe disse, que fora enganado por dous mouros, que Manuel de Lacerda tomára em hum zambuco, os quaes lhe disseram que se os forrasse, que elles o levariam a hum porto, onde estavam certos paraos metidos, e que se fora com elles áquelle ardil, e não dera nada polos requerimentos que lhe todos fizeram da sua parte.

Como se Duarte de Melo partio com este recado, Martim Coelho levou suas amarras, e foi-se ajuntar com Dinis Fernandez, capitão do rey grande, que estava na ilha de Queixome, pera ali esperarem recado de Afonso Dalboquerque, e D. Antonio de Noronha no navio de Diogo de Melo, e Jorge da Silveira na fusta. Depois de terem tomado sua agoa, foram-se pera a cidade, e acháram Afonso Dalboquerque muito agastado, assi pelo desastre acontecido a Diogo de Melo, como pela muita agoa que o Cirne fazia, que era tanta, que trinta mouros, que continuamente davam á bomba, com muito trabalho a podiam vencer; e estando assi, deu huma tormenta tão supita nas náos, que ouveram de çoçobrar todas; mas porque durou pouco, e as amarras tiveram mão, se salváram. Afonso Dalboquerque passada a tormenta, vendo-se sem gente, e sem armada, e mal socorrido do visorey, determinou de se partir pera a India; e sem mais ter prática com Cogeatar, fez-se á véla, e foi demandar a ilha de Queixome, onde estavam Martim Coelho, e Dinis Fernandez pera ali tomar agoa, e fazer sua viagem caminho da India; e como chegou, que não vio o rey grande, perguntou a Martim Coelho onde estava. Elle lhe disse, que na lua nova passada lhe dera huma tormenta tão rija, que de todo estiveram perdidos, e que Dinis Fernandez largára as amarras, e que vendo-o ir á véla, lhe perguntára se se

levaria. E elle lhe refpondêra, que fe a fua náo tinha boas amarras, que fe deixaffe eftar, porque o tempo avia logo de abonançar, que por ferem agoas vivas ventava affi, que elle fe hia lançar da outra banda da ilha, por fer abrigada daquelle vento, e como paffaffe aquella eftrupada, fe viria pera elle. Afonfo Dalbo querque mandou ajuntar todos os pilotos, e meftres, e perguntou-lhes que caminho faria a náo, e fe feria perdida? Todos differam que fe não agaftaffe, porque Dinis Fernandez era tão grande homem do mar, que elle daria boa conta della; quanto mais que antre aquellas ilhas era o mar tão brando, que as almadias atraveffavam de huma parte pera a outra, fem nenhum perigo. Afonfo Dalboquerque com ifto que lhe os pilotos differam, ficou algum tanto mais defagaftado, e com tudo mandou D. Antonio de Noronha, que foffe a huma ferra alta, que a ilha tem, donde fe vê todo aquelle mar, com alguns marinheiros, e viffe fe via alguma náo, e todos os que hiam em fua companhia fe affirmáram verem huma náo grande, que hia dobrando o cabo de Maçandi. Recolhido D. Antonio, eftando já todos fornecidos de agoa, fizeram-fe á véla, e dobrando o cabo, tomáram huma náo de Guzarates, que vinha do mar Roxo pera Cambaya carregada de fedas, pedra hume, e aljofar, e algum dinheiro. Afonfo Dalboquerque mandou vir perante fi o piloto, e meftre, e perguntou-lhes fe víra huma náo grande naquella paragem, que era de fua companhia. O piloto lhe diffe, que eftando elle furto detrás do cabo, vieram huns barcos de pefcadores recolhendo-fe do mar pera terra, e differam que vinham fugindo de huma náo de Frangues, que hia na volta da India. Sabido ifto, mandou defpejar as náos de todas as mercadorias que trazia, e

pôr-lhe o fogo, e ſoltou os mouros livremente que ſe foſſem, e tornou a ſeu caminho, e ſem lhe acontecer outra couſa, veio a ver viſta de Angediva; e paſſados tres dias, que ali eſteve, partio-ſe, e foi ter a Cananor, e ali achou o viſorey acompanhado dos capitães, que lhe fugíram, e do commendador Rui Soarez, que ſendo da ſua obrigação, não quis ir a ſeu chamado, os quaes paſſava de hum anno, que ali andavam, muito favorecidos do viſorey, ſem os caſtigar por lhe fugirem, e o deixarem na guerra, e dali a poucos dias chegou Dinis Fernandez no rey grande com toda a gente a ſalvamento. E poſto que Afonſo Dalboquerque ſentio muito ver os ſeus capitães diante do viſorey ſem caſtigo, diſſimulou, e entregou-lhe a armada, e gente paga de tudo o que lhe era devido até aquella hora, e deu-lhe conta dos trabalhos, que tivera com os mouros, e com os chriſtãos, avendo dous annos, e oito meſes que andava no mar, conquiſtando o reyno de Ormuz, como lhe ElRey Dom Manuel ſeu senhor tinha mandado, ſem em todo aquelle tempo ter nenhum favor, e ajuda do viſorey.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

PARTE II.

Em que ſe contém o que paſſou o grande Afonſo Dalboquerque com o viſorey: e o que fez depois de ſer entregue da governança da India, até tomar Goa a primeira vez.

CAPITULO I.

Como chegou a Cananor na entrada de Dezembro do anno de quinhentos e oito: e requereo ao viſorey que lhe entregaſſe a governança da India, como ElRey D. Manuel mandava em ſuas provisões, e do que ſobre iſſo paſſou.

HEGADO o grande Afonſo Dalboquerque a Cananor, (como tenho dito,) achou ali o viſorey fazendo preſtes ſua armada pera ir buſcar os rumes, que eſtavam em Diu; e como elle tinha já ſabido por Fernão Soares, e Ruy da Cunha, capitães, da armada de Jorge de Aguiar, (que avia poucos dias que eram chegados,) que ElRey D. Manuel mandava que aquelle anno ſe foſſe pera Portugal, e Afonſo Dalboquerque ficaſſe governando a India, não folgou muito com ſua

vinda, nem elle de ver quão bem tratados eram do visorey os capitães, que lhe fugíram de Ormuz, e recreceo-se daqui aver antrelles grandes descontentamentos. Passados alguns dias, foi-se Afonso Dalboquerque ao visorey, e disse-lhe perante Fernão Soarez, e Ruy da Cunha, que pois ElRey D. Manuel mandava que se fosse pera Portugal, e todas as cartas, e negocios vinham endereçados a elle, como a governador da India, que lhe pedia por mercê que lha entregasse, assi como ElRey mandava, porque estavam na entrada de dezembro, que era o proprio tempo, em que podia partir, e tinha a náo Betlem, em que sua pessoa iria bem agazalhada, e outras seis náos pera o acompanharem. O visorey lhe respondeo. que o tempo da sua governança se acabava ainda em Janeíro, e que acabado elle lha entregaria. Afonso Dalboquerque como vio esta determinação do visorey, não lhe quiz mais repricar, e foi-se pera sua casa, e mandou-lhe mostrar por Antonio de Sintra, que servia de secretario, (por Gaspar Pereira ficar doente em Cochim,) os poderes, e Alvarás, que tinha delRey D. Manuel, assi cerrados, e asselados como os trazia, os quaes Antonio de Sintra abrio, a requerimento de Afonso Dalboquerque; porque dizia no sobrescrito, que se abririam, quando o elle requeresse, e assi abertos os levou ao visorey, o qual depois de os ter lidos, disse a Antonio de Sintra, que fizera muito mal de abrir aquellas provisões sem lho primeiro dízer; e Afonso Dalboquerque errára muito no requerimento, que lhe fizera perante Fernão Soarez, e Ruy da Cunha: que lhe dissesse, que seria bom conselho tornalos a cerrar, e telos assi em segredo até sua vinda de Diu. Antonio de Sintra lhe deu este recado, e disse-lhe, que se fosse necessario tornar a cerrar todas aquellas provi-

sões, que elle o faria de maneira, que pareceſſe que nunca foram abertas. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe: *Segundo iſſo, Antonio de Sintra, já vós fizeſtes outra tal como eſta; não ſou eu o homem, que ei de tornar a cerrar os poderes, e alvarás delRey, em que me manda que governe a India depois de abertos: dizei ao viſorey, que pois a obrigação deſta armada he minha, por ſer governador da India, que ma entregue, que eu irei buſcar os rumes.*

O viſorey lhe mandou dizer, que elle eſtava já preſtes, e determinado pera fazer aquella jornada, que ficaſſe elle ali em Cananor, ou ſe foſſe pera Cochim a repouſar dos trabalhos paſſados; e que tanto que tornaſſe, elle lha entregaria, conforme as provisões delRey. Afonſo Dalboquerque lhe mandou dizer, que elle não podia tornar a tempo, que aquelle anno podeſſe ir pera Portugal: que ſe determinava de ficar na India, que governaſſe elle a terra, e lhe deixaſſe a armada do mar pera ter cuidado della. O viſorey enfadado já deſtes recados, diſſe a Antonio de Sintra, que lhe eſte recado levou: *Bem eſtá aſſi por agora*, e não lhe deu outra repoſta; e ao outro dia pela menhaã foi Lourenço de Brito, capitão da fortaleza de Cananor, ver Afonſo Dalboquerque, lançado polo viſorey, e depois de outras praticas, começou-lhe a dizer, que não curaſſe de requerimentos, nem falar naquellas couſas, porque a gente deſejava muito que o viſorey ficaſſe nella; e que ſe muito apertaſſe com eſte negocio, e ſe poſeſſe em votos de capitães, que todos aviam de ſer deſte parecer, e que aquillo lhe dizia como ſeu ſervidor, e amigo, porque deſejava que antre elle, e o viſorey não ouveſſe differenças. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que pois lhe não pedia conſelho, que podéra eſcuſar dar-lho,

porque elle o tinha tomado com aquelles poderes, e alvarás delRey D. Manuel, que ali tinha; que aconſelhaſſe ao viſorey que os compriſſe, e não lhe vieſſe meter biocos.

Paſſadas eſtas couſas, vendo Afonſo Dalboquerque, que o viſorey lhe não queria entregar a India, e os capitães que lhe fugíram, e o deixáram na guerra de Ormuz, com ſeu favor lhe faziam muitas deſcorteſias; por ſe tirar deſtes, e de outros inconvenientes, foi-ſe embarcar na náo Cirne, em que viera de Ormuz e, partio-ſe pera Cochim, e pela muita agoa, que a náo fazia, ſe ouvera de perder no caminho, e chegou aos catorze dias do mez de dezembro, e eſteve na náo cinco dias, eſperando que lhe buſcaſſem humas caſas pera pouſar, e á náo o vieram ver em chegando Gaſpar Pereira, Rui de Araujo, e os outros officiaes da feitoria; e depois de lhes dar conta do que tinha paſſado com o viſorey em Cananor, moſtrou-lhes os poderes, e alvarás, que tinha delRey D. Manuel pera ſer capitão geral da India; e diſſe-lhes, que lhes não moſtrava aquelles poderes delRey pera lhe obedecerem, ſenão pera ſerem certos, que requerêra ao viſorey, que deſiſtiſſe do poder, e mando da India, e lha entregaſſe como ElRey D. Manuel mandava, porque não queria ſer azo de ſe fazer alguma união: que já em Cananor ſe vieram algumas peſſoas a elle, e lhe aconſelháram que ſe chamaſſe capitão geral da India, e que elle o não quiſera fazer, por eſcuſar bandos, e differenças; e que lhe jurava que o tratáram de maneira em Cananor, que ouvera medo de lhe fazerem alguma deſcorteſia, ou de o matarem. O viſorey como ſe Afonſo Dalboquerque partio, arreceando que ſe mandaſſe queixar a ElRey nas náos, que aquelle anno aviam de ir pera

Portugal, eſcreveo ao Prior do Crato ſeu irmão, que ſe ajuntaſſe com o Barão, e com o governador D. Alvaro de Caſtro, e todos tres falaſſem a ElRey, e lhe diſſeſſem, que ſua ficada na India fora porque todos os capitães, e gente nobre lhe requerêram que ſe não foſſe; porque ficando Afonſo Dalboquerque por governador della, os mouros ſe aviam logo de alevantar contra os noſſos, e que por eſta cauſa lha não entregára, até Sua Alteza ſer advertido do que paſſava, e prover niſſo o que foſſe mais ſeu ſerviço; e que dos males, que tinha feitos no reyno de Ormuz, ſe podia informar de Afonſo Lopez da Coſta, que lá hia pera o dizerem a ElRey, e de Gaſpar Rodriguez lingoa, que dizia que por ſua culpa, e máo governo ſe perdêra Ormuz: e com eſtas cartas mandou o viſorey Manuel Fragoſo a Cochim na fuſta, em que Nuno Vaz viera de Ormuz, e eſcreveo a Gaſpar Pereira, que lhe pedia por mercê, que olhaſſe que antre Afonſo Dalboquerque, e Jorge Barreto não ouveſſe differenças, porque não ſabia quão amigos eſtavam, e que por eſcuſar eſcandalos não pouſaſſe na fortaleza, e que lhe deſſem as melhores caſas da villa pera pouſar, (não ſendo as de João da Nova,) e que lá lhe mandava huns apontamentos de culpas, que tinha de Afonſo Dalboquerque, que lhas amoſtraſſe, e que tambem o tentaſſe ſe tomaria tudo o que ouveſſe de aver de ſeu ſoldo, e quintaladas, quando foſſe capitão mór da India, porque elle lho quiſera mandar offerecer, e que lhe víra tanta vaidade, (não tendo de que a ter,) que não ouſára de o cometer com iſſo. Afonſo Dalboquerque tambem por ſua via eſcreveo a ElRey tudo o que paſſára com o viſorey, e mandou-lhe a devaſſa, que em Ormuz mandára tirar da fugida dos capitães, pedindo-lhe que os caſtigaſſe. ElRey D. Ma-

nuel ficou tão defcontente defta fugida dos capitães, que chegado Afonfo Lopez da Cofta, o mandou logo prender na cova do caftelo, e quifera-o mandar degolar por iffo, fenão tivera amigos, que lhe valêram.

CAPITULO II.

Como Gafpar Pereira levou os apontamentos, que lhe o viforey mandou, ao grande Afonfo Dalboquerque, e da repofta que lhe deu.

PASSADOS os dias, que o grande Afonfo Dalboquerque efteve na náo efperando que lhe defpejaffem as cafas de Gonçalo Fernandez, em que avia de poufar, veio-fe a terra, e Gafpar Pereira o foi logo ver, e diffe-lhe, que o viforey, antes de fua partida de Cananor pera Diu, lhe mandára huns apontamentos de culpas fuas, que lhe moftraffe, que fe lhe déffe licença pera lhos dar, que o faria, e fenão, que eftariam affi até o viforey vir, porque elle ali não era mais que meffageiro. Afonfo Dalboquerque lhe diffe, que lhos déffe, porque vinha já de Cananor tão farto das coufas do viforey, que fenão avia de efpantar de nada, que elle refponderia.

A primeira culpa era, que podéra efcufar mandar-lhe provicar os feus poderes, que tinha delRey, por Antonio de Sintra em Cananor, e fazer-lhe o requerimento, que lhe tinha feito perante Fernão Soarez, e Rui da Cunha capitães delRey. Afonfo Dalboquerque refpondeo, que não fabia porque fe efpantava tanto daquelle requerimento, pois por muitas vezes tinha dito, que ElRey lhe efcrevêra que fe foffe pera Portugal, e

lhe entregaſſe a governança da India; e que mais pera eſpantar era, chegar elle a Cananor, e achalo em determinação de lha não entregar, como fizera.

A ſegunda culpa era, que deixára Çacotorá ſem mandado delRey, e ſe viera pera a India, tendo-lhe eſcrito por Triſtão da Cunha, que Sua Alteza lhe mandava que tiveſſe cuidado della, e por eſta cauſa deixára de a mandar prover do neceſſario. Afonſo Dalboquerque reſpondeo, que chegando a Cananor, lhe dera rezão de ſua vinda ſer pelos tempos não conſentirem outra navegação, porque no mez de novembro, e dezembro não ſe podia tomar de Ormuz a ilha de Çacotorá, por ſerem os ventos traveſsões, e os tempos mui rijos; e que tambem o obrigára vir-ſe pera a India a muita agoa, que o rey grande, e o Cirne faziam, por ſe não perderem, e mais ſer já chegado o tempo, em que lhe ElRey mandava entregar a governança da India: E pois lhe pedia tão eſtreita conta do que fizera, que primeiro a ouvera de tomar aos capitães, que lhe fogíram da guerra, e a Manuel Telez, que trouxera os mantimentos, que lhe tinha dados pera levar á fortaleza de Çacotorá na ſua náo, os quaes elle trazia diante de ſi muito favorecidos; e querendo-lhe por muitas vezes dar rezão de ſi em Cananor, nunca o quiſera ouvir, nem ver ſeu regimento, porque nelle lhe mandava ElRey, que quando não viſſe recado ſeu, fizeſſe o que lhe pareceſſe mais ſeu ſerviço, e ſe lhe não parecêra bem ſua vinda ſem mandado delRey, como lhe parecia bem ſua ficada na India, ſem lhe querer entregar a governança della, nem guardar os ſeus mandados, e regimentos? E que a carta, que lhe eſcrevêra por Triſtão da Cunha, viva eſtava, e outra, em que lhe dava conta da fugida dos capitães, pedindo-lhe que lhe tor-

naſſe a mandar os navios, e gente, e outros capitães, e nella lhe dava conta do eſtado, em que ficava, da qual nunca víra repoſta, nem o ajudára, como era obrigado, por ſer capitão geral das Indias; mas antes víra cartas ſuas pera o rey, e Cogeatar, deſprezando ſua peſſoa com palavras muito feas, avendo ſeus trabalhos por couſa de pouca ſubſtancia, louvando-lhe muito o que os capitães fizeram, e como foram bem recebidos delle.

A terceira culpa era, que tivera cercado a Ormuz, ſem lhe deixar tirar, nem meter couſa alguma, durante o tempo do ſeguro, que lhe tinha dado, e Cogeatar lho mandára moſtrar, e elle lho não quiſera tornar mais. Afonſo Dalboquerque reſpondeo, que era verdade, que durando o tempo do ſeguro, tivera cercada a ilha de Ormuz toda em roda, não conſentindo, que nenhuma gente de fóra entraſſe nelle, nem ſaiſſe de dentro, porque aſſi lhe cumpria pera ſegurança da ſua gente, e armada, e aguardar ali o ſocorro, e ajuda delRey D. Manuel noſſo senhor; porque nas cartas, que achára em Ormuz, quando tornára de Çacotorá, pera Cogeatar, víra bem o ſocorro, que lhe elle avia de mandar; e boa teſtemunha era Gaſpar Rodriguez lingoa de huma carta, que lhe Cogeatar mosſtrára com o ſelo das armas delRey de Portugal, que não ſervia de mais que de nichilar ſeus trabalhos, e ſua peſſoa, como ſe fora hum coſſairo banido do reyno; e vendo Cogeatar a pouca conta que fazia delle, (como homem ſeſudo,) entendeo o negocio, e ſoube-ſe aproveitar do tempo; e não era de eſpantar dizerem-lhe algumas peſſoas da ſua companhia, que fizera o que não devia, por lhe comprazerem, pois víram ſerem bem recebidos delle os capitães, que lhe fugíram, com querela de lhe não contentar a guerra que fazia, e mandar-lhe carregar ſuas quintala-

das, e ordenados; e os que aguardáram, e o acompa nháram em todos os trabalhos, e fortunas, como mui bons, e leaes cavaleiros, acharem ſuas arrecadações em branco, ſem lhe ſerem carregadas ſuas quintaladas. E ſe Cogeatar avia de gozar deſte ſeguro, que lhe elle mandava, rezão era que eſtiveſſe elle tambem ſeguro de Cogeatar; mas elle pedia que lhe guardaſſe o ſeguro, e mandava-lhe tirar ás fréchadas, ſendo elle capitão mór delRey de Portugal, em cujo nome o ſeguro lhe era dado.

A quarta culpa era, que Cogeatar lhe mandára pedir hum mandado, e aſſinado, que tinha ſeu, e que lho não quiſera dar. Afonſo Dalboquerque reſpondeo, que lhe não lembrava ſe lho mandára; e ainda que aſſi fora, não lho ouvera de dar, porque o mandado era pera elle do que avia de fazer, e por dar rezão de ſi a ElRey D. Manuel do que fizeſſe, por vir dirigido a elle, nomeando-o por ſeu nome, e por cima de tudo lhe dera o trelado aſſinado por elle, aſſelado com o ſeu ſinete, e hum conhecimento de como recebêra aquelle ſeu mandado; porque ſe pela ventura o vieſſem buſcar náos, e gente, que ElRey D. Manuel ali mandaſſe em ſeu favor, como ficava ordenado, quando partiſſe de Portugal, ſoubeſſem chegando a Ormuz o que ali paſſára.

A quinta culpa era, que tomára hum eſcravo a hum mouro mercador de Ormuz contra ſua vontade. Afonſo Dalboquerque reſpondeo, que não era tal, ſenão que viera huma cafila de mercadores da Perſia pera Ormuz, e hum mouro trazia em ſua companhia hum moço chriſtão da Ruxia, o qual, como víra as noſſas náos, fugíra, e viera-ſe meter nellas, e o mouro lhe pedíra o moço, e elle lho não quiſera dar, porque era chriſtão, e não ſe queria tornar com elle, e nem por iſſo ficára

cativo; nem ſe devia de crer, que hum homem tal como elle, cativaſſe hum moço, que ſe vinha meter em ſuas mãos com nome de chriſtão; e porque Gaſpar Pereira, além deſtes apontamentos, diſſe a Afonſo Dalboquerque outras couſas, que lhe o viſorey mandava dizer por palavra, e huma dellas era, que lhe pagaria todo o ordenado do tempo que ficaſſe na India, reſpondeo-lhe, que diſſeſſe ao viſorey, que na corte delRey de Portugal, donde ambos vieram, não lhe víra elle manhas, nem coſtumes, pera lhe cometer que vendeſſe por dinheiro ſua honra, e a eſtima de ſua peſſoa, e que elle eſperava em Deos de fazer tantos ſerviços naquellas partes a ElRey noſſo senhor, por onde mereceſſe fazer-lhe mercê de outros titulos mais honroſos que viſorey. Depois de Afonſo Dalboquerque ter reſpondido a eſtes apontamentos, mandou chamar Gaſpar Pereira, e perante Rui de Araujo, e André Diaz, e os outros officiaes da Feitoria de Cochim, que eſtavam com elle, lhos deu, e diſſe-lhe, que ſe eſpantava muito delle, ſabendo pelas cartas, que lhe ElRey tinha eſcritas, como a Secretario da India, em que mandava, que o viſorey ſe foſſe pera Portugal, e elle a ficaſſe governando, aver-lhe tamanho medo, que não queria fazer o que Sua Alteza mandava em ſuas cartas; e que pois o viſorey lhe não queria entregar a governança da India, que elle a não avia de tomar á eſpada, ſenão conforme aquelles poderes, que ali tinha delRey ſeu senhor. Gaſpar Pereira lhe diſſe, que elle tinha por ſem dúvida, que o viſorey lhe deixaria a governança, tanto que chegaſſe de Diu, como por muitas vezes tinha dito perante aquelles officiaes, que ali eſtavam; e quando não quizeſſe fazer o que ElRey mandava, que lhe deixaria os ſeus officios, pera que os déſſe a quem quiſeſſe, e ſerviria com elle.

CAPITULO III.

De algumas coufas, que o grande Afonfo Dalboquerque paffou em Cochim com Jorge Barreto: e da carta, que lhe efcreveo Lourenço de Brito capitão de Cananor, e da repofta que lhe mandou.

AVendo dez dias que o grande Afonfo Dalboquerque era chegado a Cochim, Jorge Barreto capitão da fortaleza, porque lhe o viforey tinha efcrito, que antrelles não ouveffe paixões, foi-o ver a fua cafa; e porque era cafado com huma filha de Fernão Dalboquerque feu irmão, e tinha recebido delle muito boas obras, affi de fua fazenda, como do mais, e não fe lembrando difto, fe lançára da parte do viforey, dizendo-lhe tudo o que quiz delle, e defdenhando fempre fuas coufas, não o recebeo bem, e como fe foi, mandou-lhe dizer por hum clerigo, que lhe pedia muito por mercê, que não curaffe de ter muita converfação com elle, nem o vifitaffe, pois era feu imigo capital, e dizia mal delle, e quando fe topaffem por effas ruas, lhe faria a cortezia que merecia. Jorge Barreto ficou mal contente defte recado, e foi-fe a Gafpar Pereira, e contou-lho, e diffelhe, que depois difto, entrando na igreja, onde elle eftava ouvindo miffa, lhe quizera falar, e elle pofera os olhos no chão, e fizera que o não víra: que determinava de fe ir á feitoria requerer aos officiaes, que fizeffem hum affento de todas eftas coufas, porque foubeffe o viforey, quando vieffe, as uniões, que Afonfo Dalboquerque fazia. Gafpar Pereira, porque o viforey lhe tinha

encommendado que o temperaſſe de maneira, que antrelles não ouveſſe differenças, foi-ſe a Afonſo Dalboquerque, e depois de lhe contar as queixas, que Jorge Barreto delle tinha, diſſe-lhe, que lhe não parecia ſerviço delRey eſtas differenças, e que abaſtava pera lhe ſofrer tudo ſer governador da India; e ſe antrelles avia vontades danadas, que as guardaſſem pera Portugal, que lhe pedia que foſſe ver a fortaleza, (na qual não entrára depois que viera,) por não dizerem os negros de Cochim, porque não pouſava o capitão geral na fortaleza, e não falava ao capitão della: elle lhe diſſe, que não queria ter converſação com Jorge Barreto, nem falar-lhe, porque o avia aſſi por ſerviço delRey por muitos reſpeitos, porque não ſe contentára de em Ormuz ſer no conſelho da fugida dos capitães, mas ainda como ſe víra com o viſorey, fizera, e diſſera tudo o que quiz contra elle; e que quanto era a dizer, que na igreja lhe não quiſera falar, que lhe jurava polos Evangelhos, que eſtavam naquelle livro, em que punha a mão, que o não víra: que falar-lhe onde quer que o topaſſe, o faria, mas converſação não na avia de aver antrelles; e por ſe tirar de differenças, tinha mandado ao meſtre, e marinheiros da náo Cirne, que ſe foſſem todos a Jorge Barreto com ſeus queixumes, que era capitão de Cochim, porque elle não avia de entender em nada. Paſſadas eſtas couſas, eſtando Gaſpar Pereira, e Antonio Real patrão mór, e Ruy de Araujo na ribeira, chegou Jorge Barreto a cavalo, e diſſe-lhes, que Afonſo Dalboquerque diſſera a Manuel Peçanha, que lhe não avia de falar, porque não era ſerviço delRey falar-lhe, que quem aquillo ouviſſe, podia cuidar delle todos os males do mundo que quiſeſſe; que lhes pedia por mercê, que fizeſſem hum auto daquellas emburilha-

das pera o viſorey ſaber as uniões, em que andava, porque elle fora ſempre muito leal, e ſervíra ElRey muito bem; e que ſe alguma hora ſe viſſe em Portugal, elle lhe perguntaria ſe era ſerviço delRey falarem-ſe, ou não. Gaſpar Pereira ſe foi logo dali a Afonſo Dalboquerque, e pedio-lhe muito que déſſe ó démo aquellas diſſerenças, que não ſerviam de nada, ſenão de dar que falar á gente; e elle lhe reſpondeo, que ſe lho aſſi parecia, que lhe mandaſſe fazer o ſeu bargantim, preſtes pera ſe ir pera Cananor, porque lá eſtaria ſem ver Jorge Barreto, nem ouvir ſuas couſas. Como Gaſpar Pereira vio, que Afonſo Dalboquerque não recebia bem falar-lhe em amizades de Jorge Barreto, foi-ſe pera ſua caſa, e não lhe falou mais niſſo. E dali a dous dias deram huma carta de Lourenço de Brito capitão de Cananor a Afonſo Dalboquerque, em que lhe dizia, que lhe pedia por mercê que andaſſe ſempre muito recatado dos homens de Cochim, porque lhe certicava, que em todo o mundo nunca víra tão má gente; e que lhe fazia a ſaber, que não dizia, nem fazia couſa em Cochim, que o viſorey lá por onde hia não ſoubeſſe; e que ali em Cananor, onde eſtava, quando ſe alevantava pela menhaã ſe benzia, e pedia a Deos que o guardaſſe das emburilhadas, e mexericos de Cochim; e que das couſas paſſadas antre elle, e o viſorey em Cananor ſe não ſagaſtaſſe, porque elle eſperava que tudo vieſſe a bom fim, e de o ſervir muito bem na India, ẽ por aqui lhe foi dizendo outras muitas couſas bem diſſerentes das que dizia perante o viſorey, e neſta carta lhe pedia que a rompeſſe logo.

Reposta do grande Afonso Dalboquerque pera Lourenço de Brito

PEço-vos por mercê, que confieis de mim, que o meu ſaber, e ſiſo nunca lançou náo á coſta, e bem creio eu que ſe préga agora na India outra couſa de mim, mas eu lhe perdoo tudo, porque em tempo, e lugar eſtam que lhe cumpre fazerem o que fazem; mas diante delRey noſſo senhor, em que eſtá o galardão de noſſos ſerviços, falam todos verdade, e lá ſe ſabe tudo o que ſe faz na India, e eſtá por ſazer. Não creais que os poderes, que tenho delRey noſſo senhor, nem a terra, nem os coſtumes della me hão de danar, porque o grande eſtomago que tenho, e o meu peſado ſiſo eſmoem todas eſtas contradições, e tudo ato com eſte verſo de David, que diz:

Si Deus adjutor mihi, non timebo quid faciat mihi homo.

E por tanto, senhor, não ajais dó de mim, mas avei-o dos capitães delRey nosso senhor, que tem ſeus regimentos, e cartas meſſivas de sua alteza endereçadas a mim, em que me ha por ſeu capitão geral neſtas partes da India, e não me querem obedecer, apreſentando minha peſſoa em tempo, que o viſorey tinha ſeis náos de carga, e moução verdadeira pera ſe poder partir: e lembre-vos, que vós me moſtraſtes a voſſa carta, e não me eſquece a mercê, que me querieis fazer, eſtando o viſorey pera partir pera Diu, e era, que ficaſſe eu por voſſo caſtelão, em quanto foſſeis com elle: aſſi, senhor, que o conſelho, e ſofrimento, que lá em Cananor tive neſtas couſas, não me faltará agora, que cá eſtou metido em huma caſa de palha, com nome de capitão ge-

ral deſtas partes, como me ElRey nosso senhor hoje chama em Portugal; e crea voſſa mercê, que pois todas eſtas couſas me lá em Cananor achåram duro de entrar, que pouco poder devem de ter em mim os mexericos deſta terra, os quaes ſe revolvem todos, bem diſſe do viſorey, mal diſſe do viſorey: eſtas civildades não ſe hão de achar em mim, nem ha ninguem de ouſar de me vir com novas á pouſada, porque eſte primor tive ſempre, aſſi por nação, como por creação: na terra não tenho que dizer, porque todos deſejamos de ſervir ElRey: iſto he o que ſei neſta ermida, onde eſtou metido todo o dia, e toda a noite; e quanto he ao ſegredo, que me encomendais diſto que me eſcreveis, a voſſa carta foi logo rota, ſem dar conta diſſo a ninguem. E com eſta carta deram outra a Afonſo Dalboquerque de Pero Fernandez Tinoco, em que lhe dizia, que ſe não fiaſſe em lhe o viſorey dizer, que tanto que tornaſſe de Diu, lhe entregaria a India, porque depois de ſua partida pera Cochim tivera conſelho com os capitães ſeus amigos, e paniguados, e aſſentára de lha não entregar, e de o mandar pera Portugal na primeira armada que vieſſe.

CAPITULO IV.

Como o viſorey D. Franciſco Dalmeida, depois de desbaratar os Rumes, ſe partio de Diu, e veio ter a Cananor com Lourenço de Brito, e dahi pera Cochim: e do que paſſou com o grande Afonſo Dalboquerque em chegando.

Depois do viſorey ter desbaratado a armada dos rumes, partio-ſe, e veio ter a Cananor, e ali achou cartas de Jorge Barreto, em que lhe eſcrevia grandes males do grande Afonſo Dalboquerque, e de Gaſpar Pereira, e Ruy de Araujo; e como Lourenço de Brito capitão da fortaleza, era o negociador de todas eſtas emburilhadas, começou-o tambem por ſua parte a indinar, dizendo-lhe muitas couſas contra Afonſo Dalboquerque. (Póde ſer que ſe não lembrou da carta, que lhe tinha eſcrita.) O viſorey advertido de tudo o que lhe tinham dito que paſſava, ſem fazer nenhuma demora, ſe partio, e chegou a Cochim a oito dias do mez de março do anno de mil e quinhentos e nove, com determinação de não entregar a governança da India a Afonſo Dalboquerque, aconſelhado dos capitães, que fugíram da guerra de Ormuz, e doutros da ſua cevadeira. Afonſo Dalboquerque como ſoube de ſua vinda, mandou chamar os officiaes da feitoria, e Gaſpar Pereira, e diſſe-lhes, que pois o viſorey era chegado, que lhe queria fazer hum requerimento, que lhe entregaſſe a India, pera lho elles como officiaes delRey apreſentarem; e eſtando aſſi todos, e Afonſo Dalboquerque eſcrevendo o requerimento com João Eſtão, diſſeram-lhe,

que o viſorey vinha polo rio acima na galé, que tomára aos rumes. Os officiaes como tinham obrigação de o irem receber, foram-ſe todos á ribeira, e metêram-ſe no batel com Jorge de Melo pera ir em ſua companhia. O viſorey como os vio, ſahio-ſe da galé, e meteo-ſe no batel com elles, e veio deſembarcar perto da fortaleza, e ali o eſtavam eſperando toda a clériſia em prociſsão, e Jorge Barreto capitão de Cochim com muita gente. Afonſo Dalboquerque deixou o requerimento, que eſtava fazendo, e foi-ſe com algumas peſſoas, que comiam com elle, receber o viſorey, e eſteve hum bom pedaço na praia, eſperando que deſembarcaſſe: o qual como deſembarcou, fazendo que o não via, foi-ſe logo direito a Jorge Barreto, e abraçou-o, e fez-lhe grandes gazalhados, e a todos os que ali eſtavam. Vendo Afonſo Dalboquerque a pouca conta que o viſorey fazia delle, tomou-o pela ponta de huma opa de borcado, que levava veſtida, e diſſe-lhe:

Ah senhor, aqui eſtou, vede-me.

O viſorey virou-ſe pera elle, e diſſe-lhe, que lhe perdoaſſe que o não víra; e ſem lhe reſponder mais nada, começou a andar, e foram aſſi todos em prociſsão até á igreja, e prégou meſtre Diogo, dizendo grandes louvores da vitoria, que o viſorey ouvera contra os Rumes; e depois da prégação acabada, foi-ſe o viſorey pera a fortaleza acompanhado dos capitães, e gente, que ali eſtava, e chegando á porta, diſſe-lhe Afonſo Dalboquerque:

Senhor, pois vos Deos deu huma tão grande vitoria, e tendes vingada a morte de voſſo filho com tanta honra, e niſto não ha já mais que fazer, peço-vos por mercê, que antre nós não aja differenças, e me entregueis a governança da India por eſtas provisões, que aqui trago delRey noſſo senhor, e confiai de mim, que

a não hei de lançar a perder, como vos fazem crer meus imigos, porque já em Cananor vo-las mandei amoſtrar por Antonio de Sintra, e não nas quiſeſtes ver, e mandaſtes-me aconſelhar, que as tornaſſe a cerrar.

Eſtando neſta prática chegou Gaſpar Pereira, que o viſorey tinha mandado chamar, e diſſe-lhe Afonſo Dalboquerque:

Gaſpar Pereira, pois ſois eſcrivão dante mim, requeiro-vos da parte delRey noſſo senhor, que notifiqueis ao senhor viſorey, e a todos os capitães, fidalgos, e gente, que aqui eſtá preſente, eſtas provisões, que vos aqui entrego, pelas quaes ElRey noſſo senhor manda, que o senhor viſorey me entregue a India, e nas coſtas me paſſeis hum eſtromento com ſuas repoſtas, ou ſem ellas.

Acabado Afonſo Dalboquerque de dizer eſtas palavras, o viſorey virou-lhe as coſtas, e diſſe:

Vós não tendes eſcrivão dante vós, onde eu eſtou; e ſem lhe dar outro repoſta, ſe recolheo pera dentro, e Gaſpar Pereira, com os poderes, que lhe Afonſo Dalboquerque tinha dado, entrou após o viſorey, e outros muitos, e começáram a rir, e a zombar do ſeu requerimento; e João da Nova, que era hum delles, começou a dizer ao viſorey, que faria bem mandalo prezo em ferros pera Portugal, porque era hum doudo, que não ſabia o que dizia, e que bem ſe ſabia quem lhe aconſelhava que andaſſe naquellas parvoices, lançando todos eſtes remoques a Gaſpar Pereira.

CAPITULO V.

O que o viſorey paſſou com Gaſpar Pereira, e Rui de Araujo, e os mais officiaes da feitoria, ſobre eſta prática, que teve com o grande Afonſo Dalboquerque.

Depois do viſorey eſtar hum pedaço falando nas couſas, que paſſára em Diu, deſpedio todos, e ficou com Rui de Araujo, André Diaz, Pedromem, Antonio de Sintra, e Gaſpar Pereira, officiaes delRey, e Jorge de Melo, que o viſorey quiz que ficaſſe, e começou a dizer:

Pois eſtamos ſós, queria que falaſſemos hum pouco no que me diſſe aquelle doudo de Afonſo Dalboquerque, que tão deſaventurado he, que me não deixou deſencalmar, nem entrar em caſa; e logo como deſembarquei, me diſſe, que o recebêra mal, e as parvoices, que todos ouviſtes, chamando a Gaſpar Pereira eſcrivão dante ſi; e bem vedes quão pouca rezão tem de me pedir que lhe entregue a governança da India, nem falar niſſo de ſiſo. A culpa tem-na ElRey, que favorece eſte doudo, e por iſſo cuida elle que he alguma couſa; e a graça he, que vós Gaſpar Pereira, quando vos elle chamou eſcrivão dante ſi, não vos riſtes, nem déſtes cotoveladas aos que eſtavam apar de vós, chamando-lhe ſandeu, que ſe foſſe muito, era má, que não éreis eſcrivão dante elle, e que éreis melhor que elle; e pois vós iſto não fizeſtes, e recebeſtes delle eſſes papeis, que trazeis, não no deſenganando logo, que não era pera governar a India, ſinal he que vos parece bem o que elle requere, e que he verdade que vós, e Rui de Araujo lhe

aconſelhais todas eſtas couſas, que eu não podia crer, ſe mo não affirmáram em Cananor; e ſabei certo que eſte negocio não ſe ha de curar com malvas, e com unto, ſenão com ferro frio, porque he caſo de treição, e alevantamento contra ElRey noſſo senhor, e o ſeu viſorey da India. E já muito menencorio ergueo-ſe em pé, e diſſe: (pondo as mãos no abito:) *Gaſpar Pereira, faço voto a Deos, e a eſte abito que recebi, que ſe mais andais neſtas couſas, que vos hei de mandar carregar de ferros, e arraſtar por eſſa praia, e ao doudo de Afonſo Dalboquerque caſtigalo-hei muito bem, ſe mais falar, e dai-lhe logo eſſes papeis, que os guarde, que os não quero ver. E faço voto a Deos, que todo o homem, a que parecer bem o que elle diz, e requer, que logo o mande enforcar, ainda que ſeja o melhor da India.* Os eſpantos que fazia erão tão grandes, que todos os officiaes eſtavam tremendo. Gaſpar Pereira como era ſolto, não tendo conta com ſuas menencorias, lhe diſſe:

Porque trata voſſa senhoria mais eſtas couſas comigo, que com eſtes officiaes, que aqui eſtão? parece que a mim quer dar por parte neſte negocio, e eu não ſou mais aqui que como official moſtrar eſtas proviſões delRey noſſo senhor, que me Afonſo Dalboquerque deu, a voſſa senhoria. O viſorey lhe diſſe:

Como conſentiſtes que vos chamaſſe elle eſcrivão dante ſi? Gaſpar Pereira lhe respondeo:

Pois voſſa senhoria quer que iſto quebre polo mais fraco, dir-lho-hei. ElRey noſſo senhor felo ſeu capitão geral da India, depois de voſſa senhoria acabar ſeu tempo, e a mim ſeu secretario, e aſſi mo eſcreve, e a voſſa senhoria tambem, e nos ſeus regimentos aſſi o diz, e por iſſo não tem voſſa senhoria rezão de me re-

prender ſofrer-lhe chamar-me eſcrivão dante ſi. O viſorey lhe reſpondeo:

Não ſei ábofee, ſerá como Deos quizer, porque ElRey não ſabe o que de lá manda, nem ſabe a India como eſtá, viram todos os capitães, e ſaberemos como iſſo ha de ſer, porque eu não hei de entregar a India a hum doudo, que a lance a perder. Gaſpar Pereira lhe diſſe:

Eu diſſo não ſei nada, lá ſe avenha voſſa senhoria, que a mim não toca mais que obedecer a quem ElRey noſſo senhor mandar; e vós, que o entendeis, melhor, e aveis de dar conta diſſo, fazei o que quiſerdes. Dou-me ó demo Gaſpar Pereira, diſſe o viſorey, *que melhor o entendeis vós que eu, nem que ninguem; e já me não eſpanto ſenão de Ruy de Araujo, que aqui eſtá, que tendo-lhe feito todos os bens que pude, he tambem contra mim.* Rui de Araujo lhe reſpondeo:

Que fiz eu a voſſa senhoria? ou em que vos deſagardeci a mercê, e honra, que me tendes feita? porque eu nunca falei contra vós, nem ſei couſa, em que vos deſſerviſſe: fui-vos receber á praia, quando aqui chegaſtes, quiſera-vos beijar as mãos, como a meu Superior, e não me quizeſtes ver; mas iſto bem ſei que não naſce de voſſa senhoria, são couſas de Jorge Barreto, que me quer mal por hum requerimento que lhe fiz, que não fizeſſe huma náo, que queria fazer pera ſi, contra regimento delRey, ſendo voſſa senhoria em Diu. O viſorey lhe diſſe:

Não vai ella por hi, porque ainda que me foſſeis receber, quizera eu que foreis todos com rabos de gatos na teſta, como diabretes, e eu achei vos muito carrancudos, como homens, a que pezava de me verem: e logo no paſſar, e no pôr dos pés de hum homem no chão vejo eu quem me quer bem e quem me quer mal.

E já muito agaſtado de lhe falar em Jorge Barreto, diſſe-lhe tão más palavras, que não faltou mais que pôr-lhe as mãos. Ruy de Araujo como era homem ſeſudo, ſahio-ſe pela porta fóra, e foi-ſe pera ſua caſa ſem lhe reſponder. Ainda que o grande Afonſo Dalboquerque ganhaſſe mais honra no ſofrimento, que teve de todas eſtas palavras, que o viſorey contra elle dizia, que no trabalho, que paſſou na conquiſta do reyno de Ormuz, com tudo parecêra-me rezão lembrar ao viſorey, ſe fora vivo, as muitas amizades, que ſeu treſavô tinha recebido de Gonçalo Lourenço de Gomide, viſavô de Afonſo Dalboquerque, ſendo eſcrivão da Puridade delRey D. João de boa memoria, e valendo muito com elle. Muito tinha que dizer neſta materia, mas pois he morto, quero continuar com a hiſtoria, e deixar aos que a lerem, que julguem pelo ſocedido a Afonſo Dalboquerque ſe tinha o viſorey rezão de o aver por inabil pera governar a India.

CAPITULO VI.

O que paſſou o viſorey com Gaſpar Pereira, e o recado, que por elle mandou ao grande Afonſo Dalboquerque: e como deu conta aos officiaes da feitoria de Cochim, e a Jorge de Melo, e a outros capitães do que paſſava ácerca da pimenta, e o que Anchecala com elles paſſou na feitoria.

Como o viſorey ficou pouco contente deſta prática, que teve com Gaſpar Pereira, e com os outros officiaes da feitoria, dali a tres dias mandou-o chamar;

e ſendo Jorge Barreto preſente, lhe diſſe, que eſtando os dias paſſados á prática com elle ſobre as parvoices de Afonſo Dalboquerque, lhe diſſera algumas couſas, como homem, que lhe queria mal por amor delle, a que não quizera, reſponder, porque eſtavam muitos na caſa, e que pois os ſeus tres annos da governança da India eram paſſados, como elle dizia, porque aceitára os officios, que lhe dera pera ſervir com elle? Gaſpar Pereira lhe diſſe:

Eu, senhor, não vos quero mal, eſſes officios vós mos déſtes ſem vo-los eu pedir, eſtando Afonſo Dalboquerque ainda em Ormuz, e voſſa senhoria me diſſe per vezes, que como elle vieſſe lhe avia logo de entregar a governança da India, rindo-vos muito dos que vos aconſelhavam que lha não entregaſſeis: e lembre-ſe voſſa senhoria, que quando aqui chegou Triſtão da Cunha, vos diſſeram, que dizia Manuel Fernandez, que com elle vinha de Portugal, que Afonſo Dalboquerque tinha a ſucceſsão da India, acabando voſſa senhoria os ſeus tres annos; e que reſpondeo a quem lhe iſto diſſe, que a elle, e a huma ave do ceo a entregaria, ſe o ElRey mandaſſe: ſe iſto aſſi he, que erro tenho feito em ſervir eſtes officios com voſſa senhoria? O viſorey lhe respondeo:

Iſſo são palavras generales de corteſia, que no obligan la perſona: Como quereis vós que entregue huma couſa tamanha, como he a India, a hum doudo, que a lance a perder? e ali eſtá Martim Coelho, e outros, que me aconſelháram que o prendeſſe, e o mandaſſe em ferros pera Portugal. Gaſpar Pereira lhe reſpondeo:

Eſſes que vos iſſo aconſelham, andam dizendo por detràs de voſſa senhoria, que mais honra ganháreis em lha entregar, chegando aqui, do que ganhaſtes na vi-

toria, que tiveſtes contra os Rumes; e pois niſto ha tantas emburilhadas, peço a voſſa senhoria que me deixe, e os officios, que me tem dado, dê-os a quem quiſer; porque em fim por derradeiro, ElRey ha-vos de fazer a ambos muita mercê, e eu ei de ficar pagando todas eſtas differenças; e ſeria muito mais ſerviço delRey a quem anda neſtes mexericos, lembrar a voſſa senhoria, que não ahi pimenta pera carrega das náos pera ſe buſcar maneira com que ſe aja, pois os officiaes do rey de Cochim, quando lhe niſſo falam, dizem que a não ha, nem dam eſperança de ſe poder aver. Jorge Barreto como ſe ſentio deſtas palavras, que Gaſpar Pereira diſſe, reſpondeo:

Como ha de aver pimenta, ſe Afonſo Dalboquerque, Gaſpar Pereira, e Rui de Araujo dizem ao rey, que a não mande, ſe voſſa senhoria não deixar a governança da India a Afonſo Dalboquerque, e ſe for pera Portugal? e eſta he a cauſa por que não vem, e não pelo que diz Gaſpar Pereira. O viſorey enfadado diſto que diſſe Jorge Barreto, mandou dizer a Afonſo Dalboquerque por Gaſpar Pereira, que ſe aviſaſſe, que não amoſtraſſe mais a ninguem os poderes, e alvarás, que tinha delRey D. Manuel, nem lhe fizeſſe nenhum requerimento, nem ſe chamaſſe capitão geral da India: e que lhe dava licença pera ſe chamar capitão da náo Cirne, ſe quiſeſſe; e que daquelle dia por diante não ouveſſe mais nenhum ajuntamento em ſua caſa, porque tinha por informação, que alguns homens, que lá hiam comer, diziam muito mal delle. E mandou chamar os officiaes da feitoria de Cochim, e a Rui de Araujo, e diſſe-lhes, como Gaſpar Pereira diſſera que não avia pimenta na feitoria, nem eſperança de a aver, e que elle tinha entendido que tudo naſcia do ſandeu de Afonſo

Dalboquerque, que eſtava metido em ſua caſa com dous homens, a que chamava hum feitor, e outro eſcrivão; e com eſſe dinheiro, que trouxe de Ormuz, mandava pagar ſoldos, e quer moſtrar á gente da India que ſomos dous capitães móres; (que he couſa muito perjudicial ao ſerviço delRey, e pera ſe caſtigar como caſo de treição;) e na verdade eu tenho a culpa, porque o ouvera de mandar vir cada dia perante mim, e que andaſſe comigo, como andam outros melhores que elle; e ſe o não faço, he porque me aborrece muito, e agaſto-me de o ver diante de mim, porque he tão reitorico, e fala-me ſempre tão cavaleiroſamente, que o não poſſo ſofrer, e tudo he falar em ſeus ſerviços, e em ſua honra, e eſtima de ſua peſſoa. E porque eſta divisão, que ha antre mim, e elle, he cauſa de não vir pimenta á feitoria pera carrega das náos, mandeivos chamar pera me dizerdes o que niſto farei. Gaſpar Pereira, e Rui de Araujo diſſeram, que elles naquillo não tinham que dizer, que sua senhoria ſe informaſſe da verdade, e fizeſſe o que lhe pareceſſe mais ſerviço delRey noſſo senhor. André Diaz, Antonio de Sintra, e Diogo Pereira diſſeram, que devia de mandar, que toda a mercadoria, e dinheiro, que trouxera de Ormuz, mandaſſe logo entregar na feitoria delRey. Com eſte parecer mandou o viſorey dizer a Afonſo Dalboquerque por Diogo Pereira, que mandaſſe entregar tudo o que trouxera de Ormuz a André Diaz, que ſervia de feitor, e que ſe lhe deveſſem alguma couſa, que na feitoria delRey lho mandaria pagar, porque não avia de aver duas feitorias, nem dous capitães móres. Afonſo Dalboquerque diſſe a Diogo Pereira, que elle não tinha mais dinheiro que aquelle, que lhe era devido de ſeus ſoldos, e deſembargos; e pois elle o ganhára com a lança na

mão, e tinha mandado pagar quinze mil cruzados de soldo á gente, que com elle andára, não era cousa muito desarrezoada pagar-se tambem do seu. O visorey lhe mandou dizer, que era muito bem que se pagasse do seu; mas que o feitor da sua armada fosse logo dar conta aos officiaes delRey, e não fizesse mais nenhum pagamento. Enfadado Afonso Dalboquerque destas repricas, disse á Diogo Pereira:

Dizei ao visorey, que o feitor irá dar sua conta; mas que o bom disto seria mandar elle castigar muito bem quem lhe vai com estas mentiras.

E como estas differenças, que antrelles avia, eram pubricas, veio hum Naire (que era escrivão da fazenda do rey de Cochim, que se chamava Anchecala) á feitoria, onde estavam todos os officiaes delRey juntos; e depois de falarem na carga da pimenta, lhe disse, que a toda a gente da terra pareciam mal estas cousas, que avia antre Afonso Dalboquerque, e o visorey; e que o rey de Cochim seu senhor, falando hum dia com elle em muitas cousas, lhe dissera, que lhe parecia que os portugueses andavam mal avindos huns com outros, e que até ali sempre cuidára que eram todos em hum querer, muito obedientes aos mandados de seu rey: e que a cousa, de que se os malabares mais espantavam, e mais medo aviam, era a obediencia, que os portugueses tinham a seu rey, estando tão longe delle; porque lhe tinham dito, que a hum gruméte, que viesse com hum alvará delRey de Portugal, obedeceriam todos, e que agora via tantas differenças, que todos os da terra se espantavam, porque viam Afonso Dalboquerque estar metido em huma casa, e o visorey fazer muito pouca conta delle, e que isto não avia assi de ser, senão serem grandes amigos, e concertados pera o serviço

delRey de Portugal ir bem feito; e que o viſorey lhe mandára dizer por Gaſpar da India, que ſe não avia de ir pera Portugal, de que ſe eſpantára muito, porque ElRey D. Manuel ſeu irmão lhe tinha eſcrito que o mandava ir, e que Afonſo Dalboquerque ficaſſe governando a India, e que por iſto determinava de mandar ſeus embaixadores a Portugal pera fazer a ſaber a ElRey todas eſtas couſas que paſſavam; e que o rey ſeu ſenhor eſtava muito queixoſo do viſorey o tratar mal de palavras perante todos, e dizer mal delle. André Diaz, que ali eſtava preſente, começou a deſculpar o viſorey, dizendo, que não tinha culpa naquellas differenças, que avia antre elle, e Afonſo Dalboquerque, porque os capitães, e toda a gente da India não queriam conſentir, (pelo que cumpria ao ſerviço delRey), que ſe foſſe. Anchecala, acabado o negocio a que veio, deſpedio-ſe dos officiaes, e foi-ſe, e André Diaz foi ter com o viſorey, e diſſe-lhe tudo o que Anchecala diſſera na feitoria perante os officiaes. O viſorey agaſtado diſſe:

E bem: Não ſabe eſſe cabrãoſinho delRey de Cochim, que o mandarei pôr naquella ilha, e falo-hei caimal, como elle ſohia a ſer? E o cabrão de Candagora, que o caſtigarei eu muito bem, como elle merece, pois lhe aconſelha que fale? E com eſta menencoria mandou dizer a Afonſo Dalboquerque, que não ſaiſſe fóra de ſua caſa, nem tiveſſe converſação com o rey, nem com ſeus officiaes.

CAPITULO VII.

Como Franciſco de Tavora, por algumas palavras, que ouve com Jorge de Melo Pereira ſobre o grande Afonſo Dalboquerque, o mandou deſafiar, e do mais que niſſo paſſou, e da chegada de Diogo Lopez de Sequeira á India.

Jorge Barreto, e João da Nova deſejavam tanto que o viſorey ficaſſe na India, que como autores deſte negocio, buſcavam todas as maneiras que podiam pera indinarem a gente contra o grande Afonſo Dalboquerque, e andavam de caſa em caſa dizendo aos homens, que ſe lembraſſem quanto deviam ao viſorey, e quanto mais era pera governar a India, que Afonſo Dalboquerque; e que lhes fazia a ſaber, que eſtava aſſentado de lha não entregarem, e cedo o veriam, e que pois aſſi era, não foſſem a ſua caſa, nem comeſſem com elle, porque ſe perderiam. E porque Franciſco de Tavora andava agravado do viſorey, e dizia muitos males dele, por agravos que lhe tinha feitos, por amor de Jorge Barreto, que lhe queria mal; porque em Ormuz diſſera a Afonſo Dalboquerque, que elle fizera fugir os capitães, trabalhou Jorge Barreto por ſe reconciliar com elle, porque ſe arreceou, que por ſer amigo de Jorge de Melo, que o era muito de Afonſo Dalboquerque, e hia muitas vezes a ſua caſa, que o fizeſſe ſeu amigo, e foſſe contra o viſorey; e pera continuarem mais eſta amizade, fizeram com o viſorey que lhe mandaſſe concertar a ſua náo, e o favoreceſſe, por eſta ſer a principal cauſa de ſuas queixas. Como Franciſco de Tavora

ſe vio favorecido do viſorey, e que lhe mandava concertar a ſua náo, parecendo-lhe que Afonſo Dalboquerque já não avia de governar a India, como lhe os outros tinham dito, começou a dizer males delle, por comprazer ao viſorey. Paſſado iſto, eſtando hum dia á noite Jorge de Melo em caſa de Franciſco de Tavora falando neſtas couſas que paſſavam, parecendo-lhe mal dizer o viſorey pubricamente, que ſe não avia de ir pera Portugal, nem avia de entregar a India a Afonſo Dalboquerque, (ſendo Fernão Perez de Andrade preſente,) diſſe-lhe Franciſco de Tavora:

Senhor, não deveis de dizer mal do viſorey, nem disfamar delle. Jorge de Melo lhe reſpondeo:

Eu nunca diſſe mal do viſorey; e ſe diſſerdes que diſſe mal delle, dir-vos-ei que não dizeis verdade; mas antes vós me diſſeſtes muitas vezes que lhe querieis mal, porque vos não queria mandar concertar a voſſa náo, e tambem porque vo-lo elle queria, por não fugirdes de Ormuz, quando fugíram os outros capitães, e iſto he aſſi, e agora parece que eſtais já doutro bordo, que não he manha de homem honrado, e cavaleiro.

E ſobre iſto paſſáram muitas palavras más, e ao outro dia pela menhaã lhe mandou Franciſco de Tavora hum eſcrito de deſafio por Fernão Perez de Andrade; e chegado elle a caſa de Jorge de Melo, depois de lhe ter dado o eſcrito de Franciſco de Tavora, entrou logo nas ſuas coſtas hum moço do viſorey, que vinha chamar Jorge de Melo da ſua parte, o qual ſabia já tudo o que era paſſado, e preſumio-ſe que por conſelho de todos fizera Franciſco de Tavora aquillo, parecendo-lhe que Jorge de Melo acodiſſe ao chamado do viſorey, e não foſſe ao deſafio, e ficaſſe dali menoscabado de ſua honra. Jorge de Melo entendendo a couſa, diſſe ao moço, que

fe foffe, que elle iria logo; e como fe o moço foi, tomou huma efpada, e hum bedem, e levou hum moço comfigo, e foi-fe á cordoaria; (que era o lugar, onde Francifco de Tavora tinha mandado que foffe;) e como ali chegou, mandou-lhe dizer por duas vezes, que eftava ali efperando, que não tardaffe, e nifto chegou Antonio de Sintra a cafa de Francifco de Tavora, e chamou-o da parte do viforey, e depois de lá fer, foi o alcaide mór em bufca de Jorge de Melo á cordoaria, onde eftava, e trouxe-o prefo, e entrando pela porta do caftelo, diffe-lhe o viforey:

Eu vos prometo, Jorge de Melo, que vós me pagueis o que diffeftes, e o que fizeftes; e mandou-o meter na torre da menagem com hum grilhão nos pés, e que ninguem falaffe com elle. Sabendo Afonfo Dalboquerque a prizão de Jorge de Melo, foi-fe ao viforey, e pedio-lhe por mercê que o mandaffe foltar, e os fizeffe amigos. Elle lhe refpondeo, que não era tempo, que primeiro avia de mandar tirar devaffa, e faria juftiça de quem tiveffe culpa. Afonfo Dalboquerque como ifto vio, não lhe quiz mais falar que o foltaffe, e dali a dez dias chegou Diogo Lopez de Siqueira, que vinha de Portugal por capitão mór de quatro náos, e a feu requerimento o mandou foltar, e felos amigos, o qual Diogo Lopez ElRey D. Manuel mandava defcobrir Malaca, e elle chegou a Cochim mui desbaratado, porque depois que partíra nunca mais víra terra; e paffadas fuas praticas com o viforey, depois de lhe dar conta do que lhe ElRey mandava fazer, foi-fe pera fua cafa, e Jorge Barreto, e Antonio do Campo o foram acompanhando, e começáram-lhe a dizer grandes males de Afonfo Dalboquerque; e como toda a gente da India eftava em determinação de não confentir que a

elle governaſſe, e que como amigos lhe aconſelhavam, ſe queria ſer bem deſpachado, que não curaſſe de ter amizade com elle, nem ir a ſua caſa. Dali a tres dias mandou o viſorey chamar Diogo Lopez de Siqueira, e eſtando Jeronymo Teixeira preſente, lhe diſſe, que elle folgava muito com a ſua vinda por ſer naquelle tempo, porque ſua determinação era ir-ſe pera Portugal, e levar Afonſo Dalboquerque comſigo, porque não era ſerviço delRey governar elle a India, e que elle ficaria por capitão mór della até ElRey D. Manuel prover niſſo, como lhe pareceſſe. Diogo Lopez de Siqueira lhe beijou as mãos por aquella mercê, que lhe queria fazer; mas que elle não avia de aceitar carrego, que lhe ElRey não dava, que ſe lhe queria fazer mercê, foſſe em o deſpachar logo pera fazer ſua viagem como lhe ElRey mandava. O viſorey como eſta não era ſua tenção, ſenão grangear Diogo Lopez pera o ter da ſua parte, não apertou com elle que aceitaſſe a governança, e mandou-lhe concertar os ſeus navios, e deu-lhe pilotos, e tudo o que lhe foi neceſſario em muita abaſtança pera ſua viagem. Diogo Lopez de Siqueira polo comprazer, começou-ſe dali por diante a arredar da converſação de Afonſo Dalboquerque, e a deſculpar os capitães da ſua fugida.

CAPITULO VIII.

Do requerimento, que Jorge Barreto, e João da Nova, com parecer de alguns capitães, fizeram ao viſorey D. Franciſco Dalmeida, que não entregaſſe a India a Afonſo Dalboquerque, e do conſelho que ſobre iſſo todos tiveram.

Ainda que o viſorey folgaſſe muito de ficar na India, com tudo, arreceando-ſe que ElRey D. Manuel o não recebeſſe bem, buſcou ſempre modos pera lhe dar a endender o grande ſerviço, que lhe fazia em ficar nella; e poſto que pela via do prior do Crato ſeu irmão o tiveſſe já feito, hum dia falando com Jorge Barreto, e João da Nova, lhe diſſe, que bem viam como a India eſtava em grande riſco de ſe perder, ſe Afonſo Dalboquerque ficaſſe nella; mas que elle não podia alfazer ſenão ir-ſe pera Portugal, e obedecer aos mandados delRey ſeu senhor, ſe lhe os capitães, e toda a gente da India não requereſſem que ſe não foſſe, porque arreceava que o rey de Cochim, polo odio, que lhe tinha, e amizade com Afonſo Dalboquerque, eſcreveſſe a ElRey eſte negocio muito diſſerente do que paſſava. Como João da Nova, e Jorge Barreto eram os principaes, que urdiam eſta tea, ajuntáram-ſe com Antonio do Campo, André Diaz, Diogo Pereira, Antonio de Sintra, Diogo Pirez, (ayo que foi de D. Lourenço,) e ordenáram hum requerimento pera apreſentarem ao viſorey; e como o tiveram feito, foram-ſe ambos por eſſas caſas dos capitães, e fidalgos, e amoſtrárão-lho, pedindo-lhe que aſſinaſſem nelle, pois ſabiam que Afonſo

Dalboquerque era hum homem muito inabil, e cobiçoſo, e não tinha ſiſo, nem ſaber pera governar nada, quanto mais huma couſa tamanha, como era a India; e depois de muitos terem aſſinado, (porque eſte requerimento foſſe com mais credito ante ElRey D. Manuel,) foram-ſe ao rey de Cochim, levando comſigo Antonio de Sintra; e diſſeram-lhe que olhaſſe por ſi, porque Afonſo Dalboquerque ſe carteava com o Çamorim, e que lhe tinha prometido, que tanto que foſſe governador da India faria pazes com elle, e aſſentaria em Calicut huma caſa de feitoria; e que os capitães, e toda a gente da India, polo receo que tinham deſtas couſas; e tambem polo que cumpria a ſeu ſerviço, tinham feito hum requerimento ao viſorey que ſe não foſſe, que lhe pediam muito por mercê que elle tambem da ſua parte quizeſſe favorecer eſte negocio, pois naquella terra não avia peſſoa, que com mais rezão ſe ouveſſe de condoer das couſas do ſerviço delRey de Portugal que elle. O rey de Cochim lhe reſpondeo, que elle não avia de fazer tal, porque lhe não parecia ſerviço delRey ſeu irmão fazelo, mas antes lhe parecia muito mal não entregar o viſorey a governança da India a Afonſo Dalboquerque, pois ElRey de Portugal lho mandava. O viſorey ſoube logo iſto que o rey de Cochim reſpondêra, e mandou dizer a Afonſo Dalboquerque, que os officiaes da feitoria ſe queixavam, que o rey não queria mandar pimenta ao pezo por amor delle, que ſe aviſaſſe que lhe não mandaſſe mais nenhum recado. Afonſo Dalboquerque, por eſcuſar paixões, arredou-ſe da converſação do rey, e tendo já João da Nova, e Jorge Barreto feitas ſuas docuções, huma ſegunda feira quinze dias de maio do anno de mil e quinhentos e nove, mandou o viſorey chamar todos os capitães da India, e fidalgos, que eſta

vam em Cochim a conſelho, e alguns deſtes eram imigos capitaes de Afonſo Dalboquerque, porque os acuſava da fraqueza que fizeram em deixarem eſpedaçar D. Lourenço ſeu capitão mór, principalmente Diogo Pirez ſeu ayo; pelo qual diſſe D. Lourenço, vendo-o ir na galé pelo rio a baixo: (ſegundo depois contou Alvaro Lopez meſtre da ſua náo, que ali foi cativo:)

Ó trédor judeu, vai tu muito embora, que eu te prometo que ſe daqui eſcapo, que perante meu pai, pois vivo enganado comtigo, te ei de matar ás punhaladas, que me puderas valer com a galé, e não quizeſte.

Foram tambem neſta conſulta os capitães, que fugíram de Ormuz, e Antonio de Mendonça, Manuel Peçanha, e Diogo Lopez de Siqueira. Depois de eſtarem todos juntos, Jorge Barreto, que era o que avia de propôr eſte negocio, ſe ergueo em pé, e diſſe, que aquelles ſenhores, que ali eſtavam preſentes, lhe requeriam todos da parte delRey D. Manuel, que não entregaſſe a India a Afonſo Dalboquerque, até sua alteza não ſer informado dos males, e tyrannias, que tinha feito no reyno de Ormuz, como podia ver por aquelles capitulos, que juntamente com o requerimento lhe ali apreſentavão.

O viſorey mandou logo ler o requerimento, e capitulos perante todos por Antonio de Sintra; e acabados de ler, diſſe-lhes que olhaſſem bem o em que ſe metiam, porque aquelle negocio era de muita importancia; e que ſe elle fizeſſe aquillo que lhe requeriam, que avia de eſcrever a ElRey, que elles lho aconſelháram, pois sua alteza do ſeu ſaber, e ſiſo confiava o eſtado da India, principalmente o ſenhor Manuel Peçanha, que aqui eſtá, o qual ElRey D. Manuel manda, que morrendo eu fique governando a India, porque a elle pertencia

olhar por eſtas couſas. Manuel Peçanha como o viſo-rey acabou de dizer eſtas palavras, diſſe:

Senhor, nós não avemos de conſentir que voſſa senhoria ſe vá pera Portugal, porque não he ſerviço delRey deixar a governança da India a Afonſo Dalboquerque, pelas rezões, que vão apontadas neſte requerimento; e ſegundo a gente eſtá abalada, de crer he que ſe voſſa senhoria for, toda ſe ha de ir em voſſa companhia. Iſto digo pubricamente, porque não pretendo aqui outra couſa ſenão o ſerviço delRey.

Acabado Manuel Peçanha de dar ſuas rezões, aſſentáram todos que o viſorey ſe não devia de ir pera Portugal, e que governaſſe a India até ElRey noſſo senhor ſer informado de tudo iſto, e ordenar o que foſſe mais ſeu ſerviço. E poſto que neſte conſelho oveſſe muitas peſſoas, que diſſeram mal de Afonſo Dalboquerque, e aſſináram no requerimento, ſaidos dali, conhecendo ſeu erro mandáram-lhe dizer que lhe perdoaſſe, que elles fizeram aquillo com medo polos não deshonrar o viſorey; mas eu não lhe recebo eſta deſculpa, porque o eſtado do rey, por muito longe que eſtê, não ha nunca de eſtar huma ſó hora fóra de ſua obediencia, e determinação, ainda que cuſte a vida, quanto mais ameaços, e deshonra. O viſorey como teve aſſentado iſto da maneira que elle quiz, mandou a Antonio de Sintra, que por aquelles capitulos, que eram noventa e ſeis, tiraſſe huma devaſſa de Afonſo Dalboquerque, e eſcreveo a Cogeatar, que ſe tinha algumas queixas delle, que mandaſſe huma peſſoa, que o vieſſe acuſar, porque elle lhe faria juſtiça. Tirada a devaſſa, mandou o viſorey a Antonio de Sintra, que a tiveſſe em ſua mão muito bem guardada até vinda das náos de Portugal, pera aſſentar com o capitão mór o que neſte caſo ſe

avia de fazer. Afonſo Dalboquerque como ſoube eſtes conſelhos, e que o viſorey andava deſejoſo de o tomar em algumas emburilhadas, por lhe não aſſacarem alguma couſa, tomou por remedio mais ſeguro não ſair fóra de ſua caſa, e fazer aquella vida, que mais em aſſoſſego tiveſſe as couſas do ſerviço delRey. E bem creo eu que ſe iſto não fizera, não deixára de aver alguma grande revolta na India; mas foi o ſeu ſofrimento tamanho, que não ouve peſſoa, que lhe ouviſſe dizer mal, nem ainda queixar-ſe daquelles, com que tinha rezão, e amizade, por aſſinarem no requerimento, nem por dizerem que era inabil pera governar a India: e bem ſe vio depois delle ſer capitão geral della o que fez, e como a governou. E de crer he que hum homem tão honrado, e tão cavaleiro como o viſorey, (ſe naquelle tempo fora vivo,) que lhe ouvera de pezar muito das deshonras, e afrontas, que por máos conſelhos tinha feitas a eſte grande capitão.

CAPITULO IX.

Das couſas, que paſſáram depois deſte conſelho: e como o viſorey mandou prender João de Chriſtus, frade da ordem de Sancto Eloy, e o que ſe niſſo paſſou.

Como ſe aſſentou por todos os fidalgos, e capitães, que o viſorey ſe não foſſe pera Portugal, e ficaſſe governando a India, tomáram daqui muitos homens atrevimento pera fazerem todas as deſcorteſias que poderam a Afonſo Dalboquerque, a fim de fazer, ou dizer alguma couſa, com que o pudeſſem calumniar. Vendo

elle a conjuração, que tinham feita em perjuizo de ſua honra, por comprazerem todos ao viſorey, começou-ſe arredar de ſuas converſações; e avendo muitos dias, que não ſahia fóra de ſua caſa, foi-ſe hum dia pela menhaã, acompanhado dos ſeus moços, á ribeira (porque ninguem não ouſava já de o acompanhar) ver a náo Cirne, que ſe eſtava concertando; e paſſando pela porta de Antonio do Campo, chegáram á janela Jorge Barreto, e Pero Barreto, que eſtavam com elle, e começáram-lhe de apupar, e chamar Judeu, trédor. Afonſo Dalboquerque foi ſeu caminho ſem lhe reſponder, e depois de eſtar hum pedaço na ribeira, tornou-ſe pera ſua caſa por outra rua. Jorge Barreto, Pero Barreto, e Antonio do Campo, como não ficáram contentes do ſofrimento de Afonſo Dalboquerque, foram-ſe todos tres á ribeira, e chegáram a tempo que elle era já ido, e começáram a dizer, que ſe o ali acháram, que lhe ouveram de quebrar a cabeça, e que era tão vão, e tão máo rapaz, que não falava a Jorge Barreto, e dizia que não era ſerviço delRey falar-lhe, e que ainda elle avia de pagar aquillo que diſſera. Garcia de Souſa, que ſe ali achou a eſtas práticas, como era bom fidalgo, e fóra deſtas emburilhadas, reprendeo-os muito daquellas couſas que diziam, e foi-ſe dali ao viſorey, e diſſe-lhe:

Senhor, vós me tendes feito muita mercê, e muita honra, e ſempre vos ei de ſervir, porque vo-lo devo, e por iſto, e tambem polo que cumpre a voſſo ſerviço, vos ei de dizer huma couſa, qne agora paſſou perante mim na ribeira, que me não pareceo bem, e contou-lhe tudo o que Jorge Barreto, Pero Barreto, e Antonio do Campo diſſeram a Afonſo Dalboquerque, e que João da Nova, e Antonio de Sintra lhe paſſavam cada noite pela porta, cantando cantigas mui deſcortezes; *e ſendo voſſa se-*

nhoria em Diu, lhe mandava Jorge Barreto de noite acutilar os ſeus homens; e Franciſco de Tavora, porque hum pagem de Afonſo Dalboquerque paſſou por elle ſem lhe tirar o barrete, tomou-o, e deu-lhe muitos couces, e arrepelões, e todas eſtas couſas fazem, cuidando que vos ſervem niſſo: e póde ſer que não ſaberá voſſa senhoria parte diſſo, digo-vo-lo porque os mandeis caſtigar muito bem. O viſorey lhe diſſe, que lhe tinha muito em mercê aquella lembrança, que não ſabia que fizeſſe, porque Afonſo Dalboquerque era tão mofino, que não tinha quem lhe quiſeſſe bem, e que já por vezes diſſera a João da Nova, que era hum doudo lambareiro, e que não podia acabar com elle que não andaſſe neſtas couſas; mas que logo proveria niſſo. E teve o viſorey tão pouca lembrança de os caſtigar, que dali a tres dias, vindo Jorge Barreto pera a fortaleza a cavalo, topou no caminho com o comprador de Afonſo Dalboquerque, e diſſe-lhe, que ſe tornaſſe; e porque o não quiz fazer, dizendo que tinha licença do viſorey pera ir lá, diſſe-lhes:

Vós de hum cabrão não quereis fazer o que vos eu mando? e deſceo-ſe do cavalo, e deu-lhe muitas pancadas com hum páo, e trouxe-o diante de ſi até caſa do meirinho, e mandou-o meter na cadea. O viſorey como o ſoube, mandou-o ſoltar, e nem por iſſo reprendeo Jorge Barreto do que fizera; e poſto que toda a gente andava temorizada, e não ouſavam falar contra as couſas do viſorey, com tudo achando-ſe alguns homens honrados em caſa de João de Chriſtus, (hum frade da ordem de Sancto Eloi muito virtuoſo,) eſtranháram muito não no reprender o viſorey. O João de Chriſtus como era homem de bem, diſſe:

Eu creo verdadeiramente, que não póde a India durar

muito com eſtas couſas, pois ſendo Jorge Barreto imigo capital de Afonſo Dalboquerque, lhe eſpanca o ſeu comprador, ſem niſſo aver caſtigo, nem reprenſão.

Diogo Rodriguez, eſcrivão da náo Frol de la mar, que ſe ali achou, ouvindo iſto, foi-ſe a João da Nova, (cuidando que lhe dava hum grande alvitre,) e diſſe-lhe o que João de Chriſtus diſſera. João da Nova foi-ſe logo ver com Jorge Barreto, e ambos ſe foram ao viſorey, e contáram-lhe o que paſſava, e começaram a tratar com o viſorey; que pois João de Chriſtus, por Jorge Barreto eſpancar hum vilão, ainda que foſſe comprador de Afonſo Dalboquerque, diſſera que por aquellas couſas ſe avia a India de perder, não podia ſer ſenão que ſabia elle certo que Afonſo Dalboquerque tinha determinado alguma treição, pera tomar a fortaleza, e matar Jorge Barreto: que sua senhoria devia de mandar logo prender João de Chriſtus, e telo em ferros, até que diſſeſſe a verdade, porque era muito amigo de Afonſo Dalboquerque, e não ſahia nunca de ſua caſa. O viſorey como recebia bem todas as couſas, que lhe diziam contra Afonſo Dalboquerque, ſem mais querer ſaber o como iſto paſſára, ſó pelo dito deſtes homens, mandou prender logo João de Chriſtus, e metelo carregado de ferros em hum çótão da fortaleza, e que ninguem falaſſe com elle.

CAPITULO X.

Como ſabendo o grande Afonſo Dalboquerque a prizão de João de Chriſtus, foi falar ao viſorey ſobrelle: e como o mandou prender, e levar a Cananor, e derribar as caſas, em que vivia.

Como ſe ſoube em Cohim a prizão de João de Chriſtus, ficáram todos mortos, porque não ſabiam a cauſa de ſua prizão, Afonſo Dalboquerque não ſabendo parte deſtas emburilhadas, foi-ſe ao viſorey, pedindo-lhe muito por mercê, que mandaſſe ſoltar João de Chriſtus, porque era tão bom homem, que não cria delle que podia ter feito couſa, por onde mereceſſe aquella prizão. O viſorey reſpondeo-lhe ſecamente, que deixaſſe fazer juſtiça, que o vigairo geral teria cuidado de o mandar ſoltar, ſe na devaſſa que tirava lhe não achaſſe culpas, porque elle não entendia niſſo. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe:

Eu, senhor, não entendo eſta juſtiça; prenderem João de Chriſtus ſem porque, ſendo hum homem muito virtuoſo, e não ſe mandar enforcar Domingos Pouſado, que eu conheço muito bem, que foi ontem tomado com furto de duzentos cruzados na mão, e por eſtar em caſa de Antonio do Campo não falão nelle?

O viſorey, porque não ſofria bem falarem-lhe neſtes homens, lhe reſpondeo, que muitos ſe queixavam delle de agravos, que lhe fizera em Ormuz, e pelo caminho, e ſempre ſe calára ſem lhe pedir rezão diſſo. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que os males, que tinha

feitos, era fazer juſtiça de quem a merecia, que viſſe elle ſeu regimento, e nelle veria que de huma alçada não avia apelação pera outra, ſenão pera ElRey, o qual até aquella hora não tinha dado eſta ſuperioridade a ninguem. O viſorey já agaſtado reſpondeo-lhe, que não entendia que couſa era juſtiça, nem a ſabia fazer, e que aquillo ſe entendia delle, que não era viſorey, ſenão rey, em quanto tinha aquelle cargo, e que o rapaz tredor de Gaſpar Pereira, lhe diria aquillo. Afonſo Dalboquerque reſpondeo, que era de ſeſſenta annos, e vivêra ſempre ſem conſelho de Gaſpar Pereira, que como lhe parecia que agora o averia miſter mais que nunca; e ſe elle era aquelle que dizia, porque o não mandava enforcar, pois tinha poder? O viſorey lhe diſſe, que depois da vitoria, que lhe noſſo senhor dera contra os rumes, fora diſſimulando ſempre com elle, e não no quiſera caſtigar, mas que o levaria pera Portugal, e ElRey o mandaria enforcar por trédor. Como Afonſo Dalboquerque vio que o viſorey não queria mandar ſoltar João de Chriſtus, por ſe não tomar em palavras com elle, deſpedio-ſe, e foi-ſe pera ſua caſa. Ido Afonſo Dalboquerque, mandou o viſorey ter grande guarda na fortaleza de Cochim, lembrando-lhe o que lhe Jorge Barreto, e João da Nova tinham dito, e lançar muitos pregões, que nenhuma peſſoa trouxeſſe armas de dia, nem de noite, ſómente os ſeus criados, e os capitães, e algumas peſſoas, a que elle déſſe licença, e mandou prender Gaſpar Pereira, e Rui de Araujo, e que cada hum eſtiveſſe ſobre ſi, carregados de ferro na fortaleza, e que ninguem falaſſe com elles, e derrubáram-lhes as caſas, em que viviam todas polo chão. E como o intento deſtes homens era lançarem Afonſo Dalboquerque fóra de Cochim, entendendo que por via

do ſeu confeſſor (que era hum frei Franciſco da Ordem d'Aviz) podiam negociar iſto, foram-ſe a elle, e diſſeram-lhe que ſe quizeſſe dizer, como Afonſo Dalboquerque quizera matar Cogeatar, e alevantar-ſe com Ormuz, que elles fariam com o viſorey que lhe fizeſſe mercê, e lhe déſſe quintaladas. Frei Franciſco lhe reſpondeo, que elle não ſabia mais de Afonſo Dalboquerque, que velo ſervir muito bem ElRey, e tomar muitas vilas, e lugares no reyno de Ormuz; que iſto diria, ſe quiſeſſem; e porque em frei Francisco não achåram couſa, de que podeſſem lançar mão, fizeram com o viſorey que mandaſſe prender a Duarte de Souſa, o qual era hum homem fidalgo pobre, que viera de Portugal degradado na armada de Afonſo Dalboquerque, e andára com elle na conquiſta do reyno de Ormuz, e ſervio tão bem, que lhe alevantou o degredo, e mandou-o aſſentar em ſoldo, e a hum filho ſeu; e porque eſte Duarte de Souſa comia com Afonſo Dalboquerque, e era ſeu ſervidor, e nunca João da Nova o pode tirar diſſo, aſſacáram-lhe que queria matar o viſorey, ſendo elle muito innocente diſſo, e prendêram-no, e deram-lhe tratos. Como João da Nova, e Jorge Barreto víram que nem por frei Franciſco, nem por Duarte de Souſa podia aver effeito o que pertendiam, ajuntáram-ſe com Antonio do Campo, que ſabia muito bem a lingoa malabar, e fizeram huma carta do principe de Calicut pera Afonſo Dalboquerque, e repoſta ſua pera elle, pondo nella todas as maldades que quizeram, e ordenáram ſecretamente que foſſem ter á mão do viſorey; o qual como as vio, receoſo do que dizia nellas, mandou prender Afonſo Dalboquerque, e logo aquelle dia foi embarcado pera Cananor no navio de Martim Coelho, e mandou-lhe, que não levaſſe mais comſigo que tres moços pera o ſervirem, e que o entre-

gaſſe a Lourenço de Brito capitão da fortaleza, que o meteſſe na torre, e o tiveſſe a bom recado. Partido Martim Coelho, mandou o viſorey derrubar as caſas, em que Afonſo Dalboquerque pouſava, e tomáram-lhe tudo o que achâram nellas, que foi grande eſpanto pera o rey de Cochim, e pera os naires, dizendo, que aquelle caſo era de treição, e compria muito ao eſtado delRey de Portugal caſtigalo com rigor; e porque neſte tempo eſtava já Diogo Lopez de Siqueira preſtes com ſua armada pera partir pera Malaca, e Garcia de Souſa avia de ir em ſua companhia por capitão de hum navio, mandou-lhe entregar Ruy de Araujo, e Nuno Vaz de Caſtelo-branco pera os levar comſigo a Malaca, e dahi irem com Diogo Lopez de Sequeira pera Portugal, por ſerem culpados neſtas couſas de Afonſo Dalboquerque.

CAPITULO XI.

Como chegou a Cananor D. Fernando Coutinho marichal de Portugal, e dali levou comſigo o grande Afonſo Dalboquerque pera governar a India.

Estando as couſas da India no eſtado que tenho dito, chegou o marichal D. Fernando Coutinho a Cananor, que partio deſtes reynos de Portugal por capitão mór de huma armada de quinze vélas, e em Cananor achou o grande Afonſo Dalboquerque, que avia tres meſes que ali eſtava preſo por mandado do viſorey, e o dia que chegou foi logo a terra pouſar com Lourenço de Brito. Afonſo Dalboquerque com a chegada do marichal ficou muito contente; porque além

de ser seu sobrinho, tinha por certo que com sua vinda teriam as differenças dantre elle, e o visorey algum fim, e deu-lhe conta das offensas, que lhe tinha feitas, e tudo o mais que com elle tinha passado. O marichal, porque o tempo era breve, pera fazer o que levava determinado antes de sua partida pera Portugal, não se quiz deter, e foi-se ao outro dia pela menhaã embarcar, e levou comsigo a Afonso Dalboquerque, obedecendo-lhe como a capitão geral da India, porque a elle mandava ElRey D. Manuel, que entregasse todas as provisões, e dinheiro que levava, como a seu governador da India: e disse a Lourenço de Brito, que não podia entender que culpas eram estas de Afonso Dalboquerque, que obrigassem o visorey a prendelo, e não lhe entregar a India. Lourenço de Brito lhe disse, que elle não sabia mais disso que mandar-lho o visorey prezo, e que o tivesse mui bem guardado, e que se o visorey nisso tinha feito o que não devia, que lhe tomasse ElRey essa conta. Passadas estas práticas, despedio-se o marichal de Lourenço de Brito, e partio-se, e chegou a Cochim a vinte e nove de outubro, e em chegando, mandou-o logo o visorey visitar por Antonio de Sintra, o qual como entrou na náo, e vio Afonso Dalboquerque, ficou fóra de si; e depois de visitar o marichal, estando falando com elle em outras cousas, desatentadamente disse a Afonso Dalboquerque, que já o visorey tinha sabido que a carta, que diziam que escrevêra ao principe de Calicut, era mentira: Elle não lhe quiz responder, porque sabia que fora hum dos autores daquelle negocio. Antonio de Sintra despedio-se do marichal, e tornou com recado ao visorey. Os capitães, e fidalgos, que assináram no requerimento, sabendo que o marichal trazia comsigo Afonso Dalboquerque, obedecendo-lhe como a capitão

geral da India, ficáram fóra de ſi, e não ſe ſabiam determinar no que fariam. Afonſo Dalboquerque uſando com todos daquella ſua inviolavel bondade, e limpeza de animo, perdoou-lhe como adiante ſe dirá. E ao outro dia pela menhaã deſembarcáram ambos, e o viſorey os veio receber á praia, acompanhado de todos os da ſua parcialidade, porque toda a outra gente o não quis acompanhar, e foram-ſe aſſi todos á igreja; e acabado de fazerem oração, recolheo-ſe o viſorey á fortaleza, e o marichal, e Afonſo Dalboquerque pera as caſas, onde aviam de pouſar, e aquella noite chegou Lourenço de Brito em huma caravela, que ſe vinha ver com o viſorey, pera ſaber o como ſe o marichal avinha com elle, e tambem pera negociar ſua embarcação, porque determinava de ſe ir com elle pera Portugal, e não ficar na India com Afonſo Dalboquerque; e hum ſabbado pela menhaã, quatro dias de novembro, foi o marichal á fortaleza viſitar o viſorey, e paſſou com elle muitas couſas ſobre as differenças, que tivera com Afonſo Dalboquerque, e trabalhou muito polos fazer amigos, e nunca pode acabar com Afonſo Dalboquerque, que o quiſeſſe ſer. O viſorey poſto que tinha provisão delRey pera governar a India até ſua partida, vendo o alvoroço, que avia na gente, porque ſe não fizeſſe algum máo recado, e tambem por eſcuſar ter paixões com Afonſo Dalboquerque, entregou-lhe a India, e foi-ſe embarcar ao domingo ſeguinte, que foram cinco dias do mes de novembro, e ali eſteve embarcado, negoceando ſua partida até vinte do dito mes, que ſe partio pera Cananor na náo Garça, em que avia de ir pera Portugal, e diſſe aos capitães, que aviam de ir em ſua companhia, que ſe foſſem logo apôs elle, porque de Cananor avia de fazer ſua viagem. Jorge de Melo

Pereira, capitão da náo Betlem, com efte edito do vifo-rey foi-fe ao marichal, e diffe-lhe, que por nenhum cafo do mundo avia de ir em companhia do viforey, porque lhe queria mal, e tivera-o prefo, e arreceava que o tratalfe mal pelo caminho, que queria antes ficar pera ir com elle. O marichal fe foi ao viforey, e diffe-lhe o defcontentamento, que Jorge de Melo tinha pera não ir em fua companhia, que lhe pedia por mercê, que fe não lembraffe das coufas paffadas, e folgaffe de o levar comfigo, porque lhe avia de fer bom companheiro; e foi affi, porque na agoada de Saldanha, onde o matáram, não teve parente, nem amigo, que o melhor ferviffe que Jorge de Melo. O viforey levou comfigo Jorge Barreto, Antonio do Campo, e Manuel Telez, e outras muitas peffoas honradas, que elles induzíram, metendo-lhe grandes medos pera não ficarem com Afonfo Dalboquerque. Muito tinha nifto que dizer; mas por não efcandalizar os vivos, quero calar o que fei dos mortos; e João da Nova, que era o que andava em todas as emburilhadas com Jorge Barreto, morreo em Cochim no mez de Julho do anno de nove, tão defamparado, que não teve ninguem; e Afonfo Dalboquerque efquecido de todas as coufas, que lhe tinha feitas, lembrando-fe que fora feu companheiro, e o ajudára em todos os trabalhos na conquifta do reyno de Ormuz como cavaleiro, mandou-o enterrar á fua cufta, com as fuas tochas, e acompanhou-o até a cova, com todos os feus veftidos de preto, o que o viforey não fez. São pagas, que o mundo dá a quem não faz o que deve. Partido o viforey pera Cananor, veio o rey de Cochim vifitar Afonfo Dalboquerque, e o marichal; e depois de terem paffado fuas palavras de vifitação, diffe o marichal ao rey, que pedia muito a fua real senhoria, que

mandasse aos seus officiaes, que lhe negoceassem quinze mil quintaes de pimenta, que avia mister pera carregar as suas náos, porque o visorey lhe dissera, que elle lhas podia carregar todas, se quisesse. O rey lhe disse, que folgára muito de o poder servir; mas que era impossivel poder-se aver tanta pimenta, porque o anno passado ouvera tão má guarda naquella costa, que foram seis náos de Calicut carregadas della pera o estreito de Méca; e outras, que carregáram em Coulão, e Caecoulão, foram pera Choramandel, e que esta era a verdade, por onde não avia pimenta velha, e não dizer-lhe André Diaz, e Antonio de Sintra, da parte do visorey perante muitas pessoas, que elle não queria mandar vir pimenta á seitoria, por cem cruzados de peita que lhe Afonso Dalboquerque déra, ameaçando-o, que se logo não viesse pimenta, que mandaria vir outro herdeiro, que era amigo do Çamorim, e faria pazes com elle: E que se não avia de crer delle que fizesse tal cousa, porque esta vileza, que lhe o visorey assacára que fizera, em não querer carregar as náos, e cedo, além de ser desserviço delRey seu irmão, não avia elle de querer perder seis mil cruzados, que lhe vinham de direitos, por cento de peita, que lhe Afonso Dalboquerque désse. O marichal lhe disse, que se não agstasse, que aquillo eram modos de falar de officiaes, e que o visorey lhe não avia de mandar dizer tal cousa como aquella, que todos eram seus vassalos, e que ElRey seu senhor a todos mandava que o servissem. Com estas palavras do marichal ficou o rey muito contente, e despedio-se delle, e de Afonso Dalboquerque, prometendo-lhe de trabalhar muito por fazer vir toda a pimenta que ouvesse ao pezo.

CAPITULO XII.

Como o marichal diſſe ao grande Afonſo Dalboquerque, que ElRey D. Manuel mandava, que ſe deſtruiſſe a cidade de Calicut, e do que niſſo paſſárão.

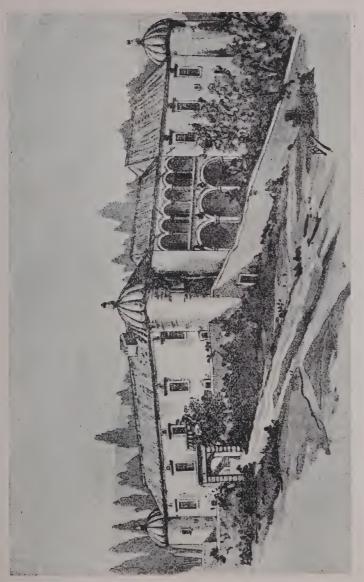
PASSADA eſta prática, que o marichal teve com o rey de Cochim, como ſeus deſejos eram deſtruir Calicut antes que ſe partiſſe pera Portugal, por não perder tempo, ao outro dia mandou chamar á ſua caſa Gaſpar Pereira secretario da India, e diſſe-lhe em ſegredo, que ElRey D. Manuel lhe encomendára muito, e mandava em ſeu regimento, que antes de ſua partida deſtruiſſe Calicut, parecendo bem a Afonſo Dalboquerque, que lhe pedia por mercê que o quiſeſſe ajudar niſſo com elle, porque ſe aquillo não fora, por nenhum preço do mundo viera á India, porque ſeus avós nunca foram mercadores, e que até então elle não tinha falado niſſo a ninguem, poſto que Manuel Peçanha, pelo que ſe dizia em Cochim, o tentára muitas vezes, ſazendo-lhe o caſo muito leve: que ſoubeſſe de Afonſo Dalboquerque ſua vontade, e tendo niſſo dúvida, o tiraſſe della, porque avia algumas peſſoas, que lhe faziam crer que lho avia de eſtorvar. Gaſpar Pereira lhe diſſe, que não podia ſer que foſſe contra iſſo, porque lhe víra ſempre boa vontade pera ſe deſtruir Calicut, e que tinha pera ſi, que lhe avia de dar alviçaras, quando lho diſſeſſe, por iſſo não arreceaſſe de lho cometer, e que elle da ſua parte trabalharia polo ſervir em tudo o que pudeſſe; e porém que lhe pedia muito por mercê que

devagar cuidaſſe neſte negocio, e ouveſſe bom conſelho com todas as peſſoas, que o entendeſſem, porque não era tão leve como lhe Manuel Peçanha dava a entender. Paſſada eſta prática, foi-ſe Gaſpar Pereira a caſa de Afonſo Dalboquerque, e diſſe-lhe o que paſſára com o marichal; e como elle deſejava de o comprazer em tudo, eſtando hum dia em ſua caſa, ſendo Gaſpar Pereira preſente, polo tirar daquella ſoſpeita, que tinha, lhe diſſe, que elle eſtava ali á ſua obediencia, e que naquelle negocio de Calicut não tinha que lhe dizer; porque da primeira vez que viera á India, ficára tão enfadado do Çamorim, que nenhuma outra couſa faria de melhor vontade que deſtruilo, e que iſto creſſe delle, e não o que lhe diziam. O marichal lhe reſpondeo, que pois lhe queria fazer aquella mercê, que avia de ſer logo, porque eſtavam na entrada de dezembro, e acabado o negocio, era neceſſario ficar-lhe tempo pera carregar ſuas náos; porque ElRey D. Manuel lhe mandava em ſeu regimento, que antes de ſua partida deſtruiſſe Calicut. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que não era neceſſario regimento, que baſtava querelo elle, quanto mais que ElRey lhe eſcrevêra ſobriſſo; mas que ſeria bom dar-ſe conta do negocio a alguns homens em ſegredo, primeiro que vieſſe a conſelho de todos. O marichal pareceo-lhe bem, e faláram com Manuel Peçanha, e com outros, e todos diſſeram que lhe parecia bem. Aſſentado iſto, porque o negocio ſe fizeſſe mais diſſimuladamente, mandou Afonſo Dalboquerque a Lionel Coutinho, e a Bras Teixeira, que eſtavam preſtes, em dous navios pera irem a Baticalá, e trazer cravo pera a carga das náos, que fizeſſem o caminho por Onor, e diſſeſſem a Timoja, que elle ſe ficava fazendo preſtes com a armada da India, e com as náos

da carga, antes que se partissem pera Portugal, pera ir sobre Goa; que lhe rogava muito que désse maneira, com que Lionel Coutinho entrasse o rio, pera ver a altura que tinha; e que se elle podesse vir a Cochim pera falarem com o marichal, que isso seria o melhor, e quando não, que estivesse prestes pera ser com elle naquella jornada. Partidos estes dous capitães, Lionel Coutinho foi ter com Timoja, e deu-lhe o recado que levava: elle lhe respondeo, que dissesse ao capitão geral, que não estava em tempo pera poder ir a Cochim; e que quanto ao rio de Goa não era necessario velo ninguem, que abastava telo elle visto, e que Goa estava só sem gente de guarnição, e todos mui amedrentados dos portugueses, e que em chegando a levaria nas mãos sem perigo, e que elle estaria prestes com sua gente pera o servir naquelle negocio, e que o visorey lhe tinha feito alguns agravos, e que esperava, quando fosse tempo, de lhe pedir que o desagravasse, pois fora sempre leal servidor delRey de Portugal, e polo servir tinha recebido muitas perdas, sem disso ter nenhuma satisfação.

CAPITULO XIII.

Como o grande Afonso Dalboquerque, e o marichal deram conta ao rey de Cochim da sua ida sobre Calicut: e do conselho, que tiveram com os capitães sobrisso.

Partidos estes capitães, dali a dous dias foram-se o grande Afonso Dalboquerque, e o marichal ver com o rey de Cochim, e deram-lhe conta desta sua determinação, e como ElRey D. Manuel mandava que se

Palácio da Bacalhôa, Restaurado por Albuquerque, filho.

deſtruiſſe Calicut, e pedíram-lhe muito, que quiſeſſe ſer em peſſoa com a ſua gente neſta empreſa, e déſſe em algum lugar polo ſertão, por onde foſſe forçado ao Çamorim acodir lá; e não podendo ir, eſcreveſſe a algum senhor da ſerra ſeu amigo, que o fizeſſe; e porque elles não tinham nenhuma informação de como Calicut eſtava, depois que em Cochim ſe começou a dizer que hiam ſobrelle, lhe pediam muito por mercê, que mandaſſe alguns Bramenes ſecretamente ſaber onde o Çamorim eſtava, e que gente tinha, e ſe tinham feito alguma força junto do deſembarcadouro. O rey de Cochim louvou-lhe muito a determinação, em que eſtavam, porque todas ſuas differenças dantre elle, e o Çamorim eram pela muita amizade, que tinha com ElRey de Portugal, e que elle mandaria logo ſaber o eſtado, em que tudo eſtava; e que quanto á ſua ida, não tinham que lhe pedir, porque Gaſpar da India ſabia muito bem que cada anno andava lá quatro, cinco meſes, e niſſo gaſtava todos os direitos, que tinha em Cochim, e que as agoas eram ainda muito grandes, e não ſe podiam paſſar os rios, e com tudo que elle eſcreveria a alguns senhores ſeus vaſſalos, e amigos, que começaſſem a guerra polo ſertão. Afonſo Dalboquerque, e o marichal pareceo-lhes bem iſto que o rey diſſe, e pedíram-lhe vinte paráos pera deſembarcar gente em terra. O rey lhos deu de boa vontade, e offereceo-lhes muitos catures, e gente, ſe a quiſeſſem, e deſpedio-ſe delles, e foi-ſe pera ſua caſa, e eſcreveo logo a certos senhores da ſerra a determinação, em que todos ficavam, e mandou dous Bramenes homens honrados, em que ſe elle confiava, que foſſem a Calicut, e ſoubeſſem como eſtava, e que gente tinha. Eſtes Bramenes por ſua região podem ir por todas aquellas

partes, de hum reyno pera outro, ſem lhes tomarem conta onde vão, nem o que querem. Ido o rey pera ſua caſa, mandou Afonſo Dalboquerque chamar todos os capitães, e fidalgos, que avia na armada, pera lhe dar conta deſte negocio, que eram D. Antonio de Noronha, Lionel Coutinho, Manuel Peçanha, Pedrafonſo de Aguiar, Ruy Freire, Gomez Freire, Franciſco de Souſa Mancias, Jorge da Cunha, Franciſco de Sá, Franciſco Corvinel, Fernão Perez de Andrade, Simão de Andrade ſeu irmão, Jorge da Silveira, Manuel de Lacerda, Baſtião de Miranda, Antonio da Coſta, Duarte de Melo, Franciſco Pereira Coutinho, Simão Martinz, Gonçalo Dalmeida, Gaſpar da India, que era lingoa, e Gaſpar Pereira secretario. E eſtando todos juntos, antes de entrarem no conſelho, apartou-ſe o marichal com Afonſo Dalboquerque, e perante Gaſpar Pereira lhe diſſe, que ElRey ſeu senhor lhe tinha mandado em ſeu regimento, que aquelle negocio de Calicut ſe fizeſſe, ſe lhe a elle bem pareceſſe, (como lhe já tinha dito;) que lhe pedia por mercê, que antes de entrarem no conſelho, aſſentaſſem ambos o que ſe devia de fazer, por não ir aventurado ao parecer de quatro capitães mancebos, que não entendiam a guerra. Afonſo Dalboquerque, pelo que já tinha paſſado com elle, diſſe-lhe, que ſe aquilo dizia por lhe parecer que ſe arrependia do que lhe tinha prometido, como lhe Manuel Peçanha tinha feito crer, que o não creſſe, porque elle nunca refuſára pelejar, e mais tendo dous mil homens portugueſes, que eram pera conquiſtar o mundo, quanto mais o Çamorim, que deſejava de ver deſtruido; mas que hum negocio tamanho como aquelle, e em que todos os capitães hiam aventurar ſuas peſſoas, não ſe avia de cometer, ſem lhe darem conta diſſo, e que iſto

o obrigára mandalos chamar. O marichal, parecendo-lhe polo que lhe tinham dito, que todo o intento de Afonſo Dalboquerque era divertir eſte negocio, de maneira que ſe não fizeſſe, diſſe-lhe que bem lhe parecia dar-ſe diſſo conta aos capitães; mas que avia de ſer com tal determinação, que ainda que lhe pareceſſe mal, todavia deſſem em Calicut, porque tinha ſabido que andavam alguns dizendo, que não era ſerviço delRey cometer aquelle negocio. Elle lhe reſpondeo, que nas couſas daquella calidade, em que podia aver muitos inconvenientes, não lhe parecia bem ir a determinação diante do conſelho, mas praticalo, e aſſentalo com todos aquelles, que aviam de ſer naquelle feito, porque tinha pera ſi que nenhum o avia de contrariar; e eſtando neſta prática, chegou o rey de Cochim, e trazia comſigo os Bramenes, que mandára eſpiar Calicut, os quaes diſſeram, que o rey era ido pelo ſertão dentro a huma guerra, que lá tinha, e que na cidade avia muito poucos Naires, e no Cerame tinham feitas humas tranqueiras de madeira, em que eſtavam ſeis bombardas groſſas, e ao longo da praia muitas covas, pera que a gente, que deſembarcaſſe, caiſſe nellas, e que da banda das caſas dos Macuas não avia repairo nenhum; e porque aquelle dia com a vinda do rey não ouve tempo pera ſe dar conta aos capitães, (tomada eſta informação,) ao outro dia pela menhaã os mandou Afonſo Dalboquerque chamar, e depois de eſtarem juntos, diſſe-lhes o marichal, que ElRey Dom Manuel ſeu ſenhor lhe mandava em ſeu regimento, que ſe deſtruiſſe Calicut, e que foſſe com conſelho, e parecer do capitão geral da India, que ali eſtava; e que pelas intelligencias que tiveram, tinham ſabido que em Calicut avia pouca gente, e que eſtavam todos muito temorizados da nova,

que lá andava, da ſua ida; e que pois o Çamorim era ido pelo ſertão, como diziam, não lhe parecia que avia inconvenientes pera deixarem de cometer Calicut; e por aqui lhe foi apreſentando outras muitas couſas, todas fundadas em ſeu deſtino. Acabado o marichal de propôr eſta prática, ouve diverſos pareceres no conſelho, porque Pedrafonſo Daguiar, Lionel Coutinho, e Ruy Freire com alguns outros diſſeram, que ſe não devia de cometer Calicut, ſem primeiro ſer muito bem eſpiado, e terem mais informação do eſtado, em que as ſuas couſas eſtavam, da que os Bramenes davam. O marichal enſadado delles, diſſe-lhes, que aquillo eram inconvenientes de homens indeterminados, que aquelle negocio, pera ſe fazer, avia de ſer aſſoprar, e comer, porque vindo o Çamorim com todo o ſeu poder ſocorrer Calicut, não no tinham elles pera lhe reſiſtir; e porque a todos os outros capitães pareceo bem cometer-ſe Calicut, mandou Afonſo Dalboquerque a todos, que ſe fizeſſem preſtes com toda ſua gente pera partirem o derradeiro dia do mes de dezembro. E eſtando toda a gente embarcada, como em Calicut avia já algumas atoardas deſta ida, pera ſe mais certificarem diſſo, mandáram os governadores da terra pedir pazes diſſimuladamente a Afonſo Dalboquerque por hum mouro, que ſe chamava Cogebequi, que fora ſempre noſſo amigo; e como elle eſtava já pera ſe embarcar, mandou-lhe que ſe foſſe á ſua náo, e que lá lhe reſponderia: e fez iſto, porque eſtando em terra, não tiveſſe maneira pera mandar aviſar os governadores da determinação em que o achára, e na náo eſteve ſempre com guarda; e acabado o feito de Calicut, deixou-o ir pera ſua caſa.

CAPITULO XIV.

Como eſtando o grande Afonſo Dalboquerque preſtes pera ſe partir, chegou Vaſco da Silveira de Çacotorá com recado de Duarte de Lemos a pedir-lhe navios, e gente, e do que niſſo paſſou.

NESTE tempo, eſtando já a armada preſtes pera ſe partir, com a mais da gente embarcada, chegou Vaſco da Silveira, que vinha de Çacotorá em huma náo pedir ao grande Afonſo Dalboquerque da parte de Duarte de Lemos, que andava por capitão mór na coſta de Arabia, que lhe mandaſſe navios, porque os que tinha eram tão comeſtos do buzano, que ſe não eſtrevia com elles a comprir as obrigações de ſeu regimento. Chegado Vaſco da Silveira, foi-ſe ver com Afonſo Dalboquerque, e diſſe-lhe, que Duarte de Lemos ficava em muita neceſſidade de navios, porque dous da ſua armada ſe foram ao fundo de velhos; e os outros, que lhe ficavam, de muito comeſtos de buzano não ſe podiam ter ſobre a agoa: que lhe pedia por mercê que o deſpachaſſe logo antes de ſe partir. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que eſtava já tão a pique, que não tinha tempo pera veſtir huma camiſa; e ainda que o quiſeſſe deſpachar, não avia navios preſtes pera lhe poder dar, porque todos ficáram desbaratados da ida, que o viſorey fizera aos rumes, e nunca tivera tempo pera os mandar concertar, e que ſe o Deos trouxeſſe daquella jornada, que elle o faria. Vaſco da Silveira lhe reſpondeo, que já o anno paſſado Duarte de Lemos

mandára pedir ao viſorey duas galés, e tres navios, que ElRey D. Manuel lhe eſcrevêra, que déſſe a Jorge de Aguiar ſeu tio, pera andar em ſua companhia no Cabo de Guardafum, e na coſta de Arabia, e que lhos não mandára, dando por deſculpa que hia buſcar os Rumes, e que ſe não avia de desfazer da ſua armada: e que pois os governadores da India não queriam fazer o que ElRey mandava, que queria tirar ſeus eſtromentos, e tornar-ſe pera Çacotorá, onde Duarte de Lemos eſtava. Afonſo Dalboquerque começou-ſe de apaſſionar com Vaſco da Silveira de maneira, que conveo ao marichal, que eſtava preſente, levalo dali pera ſua caſa, por ſer muito amigo de ſeu pai, e diſſe-lhe, que lhe pedia por mercê, que ſe não agaſtaſſe, porque viera a tempo, que ſe não podia acodir a huma couſa, e á outra, e que as obrigações da India eram tão grandes, que não avia poſſibilidade nella pera ſe remediar tudo aquillo, que ElRey queria que ſe fizeſſe: que elle lhe prometia, que acabado o feito de Calicut, o fizeſſe deſpachar muito bem. Vaſco da Silveira ficou muito contente deſtas palavras do marichal, e fóra da paixão que tinha, e offereceo-ſe pera ir em ſua companhia naquella armada.

Baſtião de Miranda, Fernão Perez de Andrade, Simão de Andrade ſeu irmão, porque arreceavam que Afonſo Dalboquerque os trataſſe mal, por ſerem contra elle nas differenças do viſorey, ſabendo da vinda de Vaſco da Silveira, e ao que vinha, pedíram-lhe muito que os levaſſe comſigo, e ouveſſe licença pera irem com elle. Afonſo Dalboquerque ſabendo iſto, como era de huma rara grandeza de animo, diſſimulou com elles, e mandou-os chamar, e perante alguns capitães lhes diſſe, que lhes pedia muito, que não cuidaſſem que lhes tinha

má vontade, por aſſinarem no requerimento, que ſe fizera ao viſorey, nem por terem dito algumas couſas em deſprezo de ſua peſſoa, porque bem ſabia, (ſegundo o tempo, e as couſas andavam,) que lhes cumpria fazerem-no aſſi; e que foſſem certos, que de tudo o que era paſſado lhe não alembrava nada: que lhes rogava que ſerviſſem ElRey muito bem, e ſem nenhum pejo lhe diſſeſſem todas as couſas, que lhe pareceſſem ſerviço de Sua Alteza, porque em ſeu nome lhes faria ſempre muita mercê; e que lhes jurava por aquelles Sanctos Evangelhos, em que punha a mão, que aquillo era aſſi, e dentro lhe não ficava outra couſa. Elles lhe diſſeram, que era verdade que aſſináram no requerimento, que ſe fizera ao viſorey, porque os enganára João da Nova, e Jorge Barreto; mas de dizerem couſa contra ſua peſſoa, não averia ninguem que tal lhe ouviſſe, e que dali por diante ſerviriam ElRey da maneira que lhe elle mandaſſe. E porque Vaſco da Silveira morreo em Calicut com o marichal, (como adiante ſe dirá,) tornado Afonſo Dalboquerque pera Cochim, acabado o feito de Calicut, mandou Diogo Correa na náo, em que Vaſco da Silveira viera, carregada de mantimentos pera a fortaleza de Çacotorá; e chegado lá, contou a Duarte de Lemos, que avia poucos dias que ali era vindo de Quiloa, o desbarato que ouvera em Calicut, e a morte do Marichal, e a de Vaſco da Silveira ſeu ſobrinho, com outros muitos fidalgos, que ali acabáram, e por iſſo lhe não podera Afonſo Dalboquerque mandar navios, nem galés, porque tudo eſtava desbaratado, e avia miſter tempo pera ſe concertar, e que ſe ficava fazendo preſtes huma armada muito groſſa, pera ſe ir ajuntar com elle o veram que vinha, e entrarem o eſtreito do mar Roxo, como lhe ElRey D. Ma-

nuel mandava, dando-lhe as coufas da India lugar. Duarte de Lemos mal contente defta repofta, e agaftado da morte de Vafco da Silveira feu fobrinho, entregou a capitanía da fortaleza a Pero Ferreira, como lhe ElRey mandava, e deu hum navio a D. Afonfo pera fe ir pera a India, e elle tornou-fe a invernar a Melinde.

CAPITULO XV.

Como o grande Afonfo Dalboquerque, e o marichal partíram pera Calicut com fua armada: e do confelho, que tiveram fobre o defembarcar, e do mais que paffou.

RECOLHIDA toda a gente na armada, que feriam por todas vinte vélas, a fóra paráos, que levavam pera fua defembarcação, em que hiam dous mil homens Portuguefes, partíram-fe de Cochim o derradeiro dia do mes de dezembro, e a tres dias de janeiro foram furgir devante o porto de Calicut; e como chegáram, foi-fe o grande Afonfo Dalboquerque com todos os feus capitães á náo do marichal, e eftiveram praticando a maneira que teriam no defembarcar; e vifto o fitio, e a difpofição do mar, affentáram que foffe defronte das cafas dos macuas, porque andava ali o mar mais brando, e podiam defembarcar todos com menos trabalho. O marichal, depois difto affentado, diffe, que elle arreceava que antre tantos capitães, e homens mancebos, como eftavam naquella armada, ouveffe algum, que cuidaffe que ganhava honra em fer o primeiro que faiffe em terra; que lhe jurava fe foffe capitão, ou alguma peffoa da fua armada, de lhe man-

dar cortar a cabeça; e ſe foſſe da gente da India, e o capitão geral que ali eſtava lha não mandaſſe cortar, que lhe não avia de falar mais, e que lhe pedia muito que não deſembarcaſſem em terra primeiro que elle, mas que os bateis chegaſſem todos juntos a hum tempo; e porque ali não eſtavam todos os ſeus capitães, eſcreveo a cada hum ſeu eſcrito diſto que eſtava aſſentado, nem roubaſſem a cidade, nem poſeſſem fogo ſem ſua licença; e ao outro dia, que foram quatro do mes de janeiro, ſe embarcáram todos nos bateis, e foram juntos demandar a terra; e porque a agoa corria muito, mandou Afonſo Dalboquerque apertar o ſeu batel do remo pera não deſcairem, e diante delle hia Vaſco da Silveira em hum paráo, e Rodrigo Rabelo em outro, e aſſi como hiam foram demandar a terra, e deſembarcáram ſem darem polo que eſtava aſſentado. Afonſo Dalboquerque, que eſtava ſobre o remo á viſta, eſperando que o marichal tomaſſe terra, (o qual a corrente da maré levou mais abaixo, onde o mar andava de levadia,) como vio a gente em terra, e que começavam a caminhar deſordenadamente, deſembarcou, e correo ao longo da praia a telos que não andaſſem, até o marichal chegar, que a eſte tempo era já deſembarcado; e como a gente hia alvoroçada pera cometerem o Cerame, onde os mouros tinham ſuas eſtancias fortificadas com artilheria, não os pode ter; e como os vio ir aſſi deſmandados ſem capitão, foi-ſe após elles a mais andar, e com alguns, que comſigo levava, chegou á dianteira da gente, os quaes eſtavam já ás lançadas com os mouros, e todos juntos apertáram com elles de maneira que lhe entráram as eſtancias per força, e matáram muitos mouros, e outros fogíram pera a cidade, e tomáram-lhe ſeis bombardas groſſas que ali

tinham. Dos noſſos matáram ſómente dous homens, e a eſte tempo vinha o marichal com ſua gente pela praia muito cançado, porque deſembarcáram longe, e com a grande calma não podiam ſofrer as armas; e vindo aſſi, chegou-ſe hum homem darmas a elle, e diſſe-lhe, que andaſſe devagar, que já o Cerame era tomado. O marichal agaſtou-ſe muito diſſo, e ſoltou muitas palavras, que podera eſcuſar. Afonſo Dalboquerque deixou o Cerame, e veio-ſe ao longo da praia em buſca delle, o qual como o vio começou a bradar, e a dizer, que bem ſabia elle que avia de aver deſmandos, e que os mais fracos hiam ſempre diante. A iſto não lhe reſpondeo nada, e começou-lhe a dar ſuas deſculpas, e que eſtivera eſperando, ſem deſembarcar muitas horas, por comprir o que lhe tinha prometido, até que ſe a gente começou a deſmandar, e Vaſco da Silveira ſeu ſervidor fora o primeiro; e por irem ſem capitão, e não ſe perderem, deſembarcára pera os ter, e que aquella honra era toda ſua, pois todos ali hiam debaixo da ſua bandeira. O marichal ſem lhe reſponder foi aſſi caminhando muito agaſtado, e chegando ao Cerame, quis logo caminhar direito á cidade. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que ſeria bom deſcançar ali a gente, e depois de terem hum pouco de repouſo, iriam marchando pera a cidade, e queimariam as náos, e fariam tudo o mais que lhe bem pareceſſe. O marichal com hum animo cheio de deſconfiança lhe reſpondeo muito apaſſionado:

Bem ſei eu que iſſo he o que vós quereis, que não paſſe daqui, e eu ei de ir ás caſas do Çamorim, e deſtruir Calicut antes que coma; e quem quiſer ir comigo, vá; e quem não, fique; e tomado de huma deſaſtrada temeridade, chamou Gaſpar da India, e diſſe-lhe, que

caminhaſſe diante, e o levaſſe aos paços do rey. Afonſo Dalboquerque, quando o vio com aquella determinação, diſſe-lhe, que lhe dizia aquillo, porque fazia grande calma, e a gente eſtava muito canſada, e ſem comer, e dali aos paços era hum grande pedaço, e não ſabia como lá chegariam; e ſe per cima de todas eſtas rezões queria ir, que elle não avia de ſer dos derradeiros. O marichal ſem lhe reſponder começou a caminhar com ſua bandeira diante; e ainda que a elle lhe não pareceo bem eſta ſua contumacia, foi-o ſeguindo, pelo que lhe tinha dito; e porque iſto era na entrada dos valos, mandou a D. Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, e a Rodrigo Rabelo, com trezentos homens, que foſſem queimar as náos, e depois de queimadas ſe tornaſſem ali, e eſtiveſſem em corpo com a ſua gente pera acodirem aonde viſſem algum deſmancho.

CAPITULO XVI.

Como o grande Afonſo Dalboquerque, e o marichal entráram a cidade de Calicut, e foram ás caſas do Çamorim, e os noſſos desbaratados, e o marichal morto, e o mais que paſſou.

Começando o marichal, que hia na dianteira, a entrar pela cidade, caminhando pera os paços do Çamorim, vieram ter com elle vinte, ou trinta Naires com ſuas eſpadas, e adargas, bradando como he ſeu coſtume; e como os aſſi vio, começou a zombar, e diſſe a Gaſpar Pereira, que hia junto com elle:

Eſte he o voſſo Calicut, com que a todos nos eſpantais em Portugal?

Gaſpar Pereira lhe reſpondeo, que déſſe com a mão na boca, porque elle lhe ficava, que ſe aquelle dia foſſem ás caſas do Çamorim, que aquelles negrinhos nús o enfadaſſem. O marichal lhe diſſe:

Não he eſta a gente, que me a mim ha de enfadar; e chegando a huma meſquita, que eſtava na entrada da cidade, mandou-lhe pôr o fogo; e quando aqui chegou, hia já tão canſado, que o levavam dous homens ſobraçado. Os noſſos ſoldados, porque á entrada da cidade não acháram quem lhe reſiſtiſſe, metêram-ſe a roubar. O marichal com eſſes, que lhe ficáram, chegou aos paços, e deu logo em duzentos Naires, que eſtavam em guarda delles, e poſeram-lhes as lanças com tanto esforço, que os desbaratáram, e matáram oitenta, e o governador da cidade, e dous Çaimais do Çamorim, que ali eſtavam, e os outros poſeram-ſe em fogida, e com eſta vitoria entrou pelas portas dos paços dentro, e foi ter 'a hum patio grande, que as caſas tinham, tão cançado, que como entrou aſſentou-ſe em hum poial, e ali eſteve hum grande eſpaço ſem ſe poder bulir. A gente, que com elle entrou, começou a quebrar algumas portas, que eſtavam fechadas, e metêram-ſe a roubar o que acháram; e porque eſte patio, onde o marichal eſtava, tinha duas portas defronte de duas ruas da cidade, começáram a vir por ellas muitos Naires, que vinham a ſocorrer os que eſtavam em guarda dos paços, e ás fréchadas feríram muitos dos noſſos. O marichal aſſi cançado como eſtava, com huns poucos que tinha comſigo, foi-os cometer, e eſcozeo-os de maneira, que os fez arredar de ſi. Afonſo Dalboquerque, que hia na traſeira, como chegou á porta dos paços, por onde o marichal entrára, deixou-ſe eſtar quedo com ſua gente junta em hum terreiro grande,

que ali eſtava diante dos paços. Os Naires como víram a noſſa gente junta, vieram-nos cometer, e ás fréchadas tratáram-nos tão mal, que conveo a Afonſo Dalboquerque, polos arredar de ſi, dizer a Pedrafonſo Daguiar, que lhe mandaſſe tirar com o berço que trazia. Os Naires como ſe víram mal tratados do tiro, arredáram-ſe pera fóra, e começáram a dar grandes gritas, que he huma maneira, que elles tem pera ajuntar gente. Como Afonſo Dalboquerque ouvio as gritas na cidade, mandou dizer ao marichal por duas vezes, que ſe recolheſſe. Elle como eſtava ainda com a menencoria paſſada, não deu polo ſeu recado, e deixou-ſe eſtar muito deſcançado. Afonſo Dalboquerque vendo que os Naires creſciam, e o marichal ſe não queria recolher, deixou Gonçalo Queimado, que levava a ſua bandeira com a gente, e entrou dentro; e já muito menencorio lhe diſſe, que ſe recolheſſe logo, porque não era tempo pera eſperar mais, que os Naires eram muitos, e de cada vez aviam de ſer mais, e lhe tinham ferido parte da ſua gente, e dali ás náos era muito longe, e que ſe huma ſó hora tardaſſe, que ſe perderiam todos. O marichal começou logo a recolher ſua gente, que andava deſmandada, e ſahio-ſe pera o terreiro; e depois de eſtarem todos juntos, diſſe-lhe Afonſo Dalboquerque:

Senhor, como quereis que iſto ſeja, porque eſta noſſa gente ha miſter quem a encaminhe, e quem a tenha que ſe não deſmande? porque os Naires são muitos, e o caminho eſtá desfeito, e ei medo que ſe faça hoje aqui algum máo recado, ſe nos não ordenarmos bem.

O maríchal lhe diſſe, que pois aſſi lhe parecia, que tomaſſe a dianteira, e elle ficaria detrás com a ſua gente. Afonſo Dalboquerque começou a caminhar com ſua

bandeira, e levava Gaſpar da India diante, que lhe hia moſtrando o caminho; e porque tudo eram valos de huma parte, e da outra, começou a gente da terra acodir, e per cima delles com ſetas, pedras, e azagunchos de arremeço, tratáram muito mal a noſſa gente; e poſto que paſſavam trabalho, mandou-lhe Afonſo Dalboquerque que não travaſſem com elles, e que ſe foſſem a mais andar direito á praia. O marichal, que ficava na traſeira, como começáram a caminhar, mandou pôr o fogo aos paços. Os Naires como víram o fogo acodíram logo pera o apagarem, e acháram o marichal, que ſe hia recolhendo, e forão-no cometer; e como os Naires vinham de refreſco, e os noſſos eſtavam muito canſados, depois de pelejarem hum grande eſpaço, poſeram-nos em desbarato, e matáram o marichal, e o ſeu alferes, e Manuel Peçanha, Vaſco da Silveira, Lionel Coutinho, e Filippe Rodriguez, que ſeriam por todos dez, ou doze homens principaes. Como a nova chegou a Afonſo Dalboquerque, que o marichal pelejava, fez volta, e não voltáram com elle ſenão muito poucos, indo diante quinhentos, ou ſeiscentos homens; e neſta volta lhe feríram muitos, e a elle deram huma lançada com hum zaguncho de cima de hum valo no hombro eſquerdo, e outra na eſpadoa, de que cahio; e Diogo Fernandez de Béja, que hia perto delle, o ſalvou de o não matarem com aſſás trabalho, e ás coſtas de dous homens o levou ás náos; e neſta volta matáram Gonçalo Queimado, que levava a ſua bandeira, que acabou como muito valente cavaleiro, apegado com o ſeu capitão. D. António de Noronha, e Rodrigo Rabelo, vendo o desbarato da noſſa gente, acodíram á entrada deſtes valos a telos que não fogiſſem, porque não avia de que fogir; e ſenão fora

efte novo focorro, o desbarato fora maior. Os Naires, que vinham feguindo a noffa gente, como chegáram aonde D. Antonio, e Rodrigo Rabelo eftavam, não oufáram de ir mais por diante, e tornáram-fe. Os noffos hiam tão fóra de fi, que em chegando á praia, deixavam as armas, e metiam-fe pela agoa a embarcar nos bateis. Afonfo Dalboquerque porque tinha grandes dores, e não fe atrevia a fubir na fua náo, mandou que o levaffem á caravela de Antonio Pacheco, que eftava mais perto, e ali foi curado, e efteve aquella noite, e ao outro dia pela menhaã foi-fe pera a fua náo, e mandou fazer toda a armada á véla caminho de Cochim, e deixou fobre o porto de Calicut Jorge Botelho, e Simão Afonfo nas fuas caravelas, com regimento que não deixaffem fair nenhuma náo daquella cofta com efpeciaria.

CAPITULO XVII.

Do que o Çamorim fez, quando foube que os portuguefes tinham entrado a cidade de Calicut: e como o grande Afonfo Dalboquerque mandou Fr. Luis a Narfinga dar conta ao rey do que paffára em Calicut, e do mais que fe paffou.

Ao tempo que o grande Afonfo Dalboquerque, e o marichal chegáram com a fua armada fobre Calicut, avia dias que o Çamorim andava polo fertão dentro, junto da ferra em guerra, contra hum grande senhor fervidor do rey de Cochim. Chegando-lhe recado que os portuguefes tinham entrado a cidade, ale-

vantou ſeu arraial, e partio-ſe com grande preſſa de noite ſem ſer ſentido dos imigos O senhor da ſerra, como foi menhaã, que vio o arraial do Çamorim alevantado, e elle partido, foi-lhe ſeguindo o alcance, queimando, e deſtroindo toda a terra por onde hia. Chegado o Çamorim a Calicut, avia já quatro dias que Afonſo Dalboquerque era partido; e como vio a deſtruição da cidade, e a ſua meſquita, e paços tudo queimado, e o ſeu Catual governador da cidade, e dous Caimais mortos, e deſſoutra gente do povo, e Malabares paſſante de tres mil, ficou muito triſte, e fazendo moſtras de grande ſentimento, não quis entrar nos ſeus paços, e mandou chamar os mouros principaes da cidade, e culpou-os muito por quão fracamente ſe ouveram em a defender, e jurou-lhes de os deſtroir, e lançar fóra do ſeu reyno: e o que mais fez ſentir eſta deſtroição foi ſaber, que dos portugueſes não eram mais mortos que oitenta: e ainda eſtes creo eu que não morrêram, ſe os noſſos aquelle dia não fugíram tão deſordenadamente, ſem aver força de Naires, (que he a principal gente que o rey tem,) que pelejaſſe com elles, nem os meteſſe em tamanha deſordem, que deixaſſem eſpedaçar dous capitães móres, e dez, ou doze fidalgos, que ali acabáram com elles, ſem volverem o roſto atrás pera verem de que fogiam; porque ſe ouvera vinte homens, que quiſeram ter mão em ſi, o marichal não morrêra, nem Afonſo Dalboquerque ſora eſpedaçado, porque todos os outros, que ali matáram, era gente ſem vergonha, e ſem temor dos pregões, que eram lançados, e andavam por eſſas caſas a roubar; e porque os Naires andavam tambem a roubar, ſe na caſa em que entravam achavam alguns portugueſes, os mais venciam os menos, e deſta maneira morrêram

alguns, e outros atalhou o fogo, que poſeram contra o que eſtava aſſentado. E porque Afonſo Dalboquerque ſentio muito a morte do marichal, e daquelles fidalgos, que com elle morrêram, determinou de buſcar maneira pera ſe vingar; e eſcreveo ao rey de Narſinga, (porque confina o ſeu reyno com o de Calicut, e não eram muito amigos,) que querendo vir com ſua gente por terra, que elle iria por mar, e deſtruiriam o Çamorim, e que trabalharia por ter intelligencias com alguns senhores da ſerra pera o ajudarem: e a eſte negocio mandou Fr. Luis da Ordem de S. Franciſco com huma inſtrucção do que lhe avia de dizer, que aqui vai eſcrita, o qual ſe partio de Cochim em hum navio, e foi ter a Baticalá, e dahi fez ſeu caminho por terra direito a Narſinga, e deſpachou Diogo Correa com recado pera Duarte de Lemos, como atrás tenho dito; e depois de ſerem partidos, dahi a dous dias chegáram dous navios da armada de Diogo Lopez de Sequeira, em que vinha Nuno Vaz de Caſtelobranco, que lhe contou tudo o que ſe lá paſſára em Malaca, e que os governadores da cidade tiveram ordenada huma treição a Diogo Lopez de Sequeira por mandado do rey pera o tomarem em terra em hum banquete, que lhe avia de dar, e a todos os que com elles foſſem, e depois tomarem a armada, e que não ouvera eſſeito, porque Diogo Lopez de Sequeira fora aviſado por huma Jaoa, amiga de hum marinheiro noſſo, que de noite veio a nado ter á ſua náo: e que o rey vendo que a treição era deſcuberta, lançára mão de Ruy de Araujo Feitor, e de vinte homens, que com elle eſtavam em terra, negoceando a carrega pera as náos, e que dos navios da armada mandára queimar dous, por não ter gente que os navegaſſe, e ſe partíra; e chegando a Caecoulão, onde

lhe differam que elle era capitão geral da India, defpedíra aquelles dous navios, que fe vieffem a Cochim, porque faziam muita agoa, e dali fizera feu caminho pera Portugal por fóra da ilha de S. Lourenço.

Inftrucção, que levou Fr. Luis.

» PRIMEIRAMENTE direis ao rey de Narfinga, que lhe
» faço a faber, que eu fou ora novamente vindo
» por capitão geral deftas partes da India, por mandado
» delRey de Portugal; e que confiando na amizade, que
» feus anteceffores tiveram com elle, o mando vifitar
» por vós, e offerecer-lhe as armadas, e gente delRey
» meu senhor; porque fei certo que folgará muito de
» o eu affi fazer, confiando em fua amizade, recados, e
» offerecimentos, que fempre teve dos reys feus ante-
» ceffores, e lhe foram dados em Portugal.

» Lhe direis da grandeza, e poder delRey meu se-
» nhor, e as grandes armadas, que cada anno envia á
» India, e como o mar della fe não navega já fem feu
» feguro; e aquelles, que o não levam, como lhes são
» tomadas fuas náos, e mercadorias: e affi lhe direis,
» como em meus regimentos me manda, que a todos
» os reys gentios de fua terra, e de todo o Malabar,
» faça honra, e gafalhado, e fejam bem tratados de
» mim, e não lhe tome fuas náos, nem mercadorias: e
» que deftrua os mouros, com os quaes tenho fempre
» contínua guerra, como fei que elle mefmo tem: pela
» qual rezão efpero de o ajudar com as armadas, e
» gente delRey meu senhor, cada vez que lhe comprir,
» e que o mefmo efpero eu que elle faça com fua gente,
» lugares, portos, e mantimentos, e tudo o que de feu
» reyno me for neceffario: e que as náos, que navegam

» pera ſeus portos, andam ſeguras por todo o mar da
» India, e recebem honra, e bom tratamento das ar-
» madas delRey de Portugal, e de ſuas fortalezas.

» Lhe dareis conta da deſtruição de Calicut, e como
» eu ſou informado, que elle he ſeu imigo capital, e
» deſeja de o deſtruir: e por tanto lhe mando notificar,
» que os ſeus paços, e cidade tudo foi queimado, e ſe
» trouxe á eſpada, e toda ſua artilheria tomada, e que
» o Çamorim não ouſou de ſocorrer a cidade, e ſe
» deixou eſtar na ſerra, que eſtá ſobre Calicut, que he
» nos confins do ſeu reyno, até que ſoube que éramos
» partidos.

» Lhe direis, que minha determinação he prender o
» Çamorim, e mandalo a Portugal a ElRey meu senhor,
» e que iſto ſe póde muito bem fazer, querendo elle vir
» com ſeus arraiaes ſobre as ſerras de Calicut, onde ſe
» o Çamorim recolhe, quando lhe fazem a guerra na
» ribeira do mar; e entrando elle polo ſertão, que eu
» irei pela ribeira com huma groſſa armada, deſtroindo
» todos os ſeus portos, e lugares, de maneira que o
» Çamorim não poſſa ſocorrer a huma parte, e á outra
» com ſua gente, e o tomemos ſem poder eſcapar, e que
» lançaremos os mouros fóra de Calicut, que são os
» que lhe dam todo o dinheiro, que elle ha miſter pera
» a guerra, e tirando-lhos da terra, ficarão ſeus portos
» ſem trato, deſtroidos, e deſfeitos, e que acabado iſto,
» entenderei logo no feito de Goa, onde o poderei aju-
» dar na guerra contra o rey de Decan, e lhe tirarei o
» trato dos cavalos, que vam pera o ſeu reyno, com
» que lhe elle faz a guerra.

» Lhe direis como Ormuz he delRey meu senhor; e
» querendo elle ſua amizade, e mandalo viſitar a Portu-
» gal por ſeus embaixadores com preſentes, em que

» moſtre ſinal de verdadeira amizade, que elle lhe man-
» dará muitas couſas que ha em ſeu reyno, e que os
» cavalos de Ormuz não vão ſenão a Baticalá, ou a
» qualquer outro porto ſeu, donde os elle poſſa aver,
» e não irão ao rey de Decan, que he mouro, e ſeu
» imigo: e pera noſſa amizade ſer mais firme, lhe direis,
» que vindo elle pera eſtas partes com ſeu arraial, que
» eu o irei ver, e aſſentaremos muitas couſas, que cum-
» prem a ſeu ſerviço. E torno-vos a lembrar, que tra-
» balheis quanto poderdes, que o rey de Narſinga mande
» ſeus embaixadores a Portugal viſitar ElRey com joias,
» e couſas de ſua terra.

» Lhe falareis, que ſendo caſo que cumpra a ElRey
» meu senhor fazer aſſento, e feitoria em qualquer lu-
» gar dos ſeus portos, deſde Baticalá até Mangalor,
» que mande que ſuas gentes, e armadas ſejam recebi-
» das nelles, e dem lugar pera ſe fazer huma caſa forte,
» onde poſſam eſtar ſeguras ſuas mercadorias, e gente
» de qualquer alvoroço do povo, que ſobrevier, viſto
» como eſtá tão longe, que as ſuas juſtiças não podem
» acodir a tempo, que o poſſam remediar; e querendo
» elle fazer iſto, terá ſeguro todo o trato dos cavalos,
» e todas as outras mercadorias de Portugal, de que
» tiver neceſſidade em ſua terra.

Da provincia do Malabar, e de alguns coſtumes, que os Malabares tem.

A PROVINCIA do Malabar começa do porto de Maceirão, junto com Mangalor, e vai acabar no cabo de Comorin polo ſertão, com o grande reyno de Narſinga, e ao longo de toda eſta terra corre huma ſerra mui alta, que devide eſta provincia do Malabar do

reyno de Narſinga. O mais largo deſta terra, da coſta do mar até a ſerra, ſerão quinze legoas. São eſtas ſerras tão altas, que dizem os de Narſinga, que em ſua terra não ventão levantes, porque he tamanha a altura dellas, que tolhe que não paſſem da outra banda. Terá eſta provincia por coſta cento e trinta legoas: e ha nella muitos reys, e são todos gentios. Os filhos do rey não herdam, ſenão os ſobrinhos filhos de ſuas irmans, e não os filhos dos irmãos, porque hão por couſa muito duvidoſa ſerem ſeus filhos; e por tanto ſe tem irmã, dam-na a hum Bramene, que a tenha por manceba, e os filhos deſta herdam o reyno; e ſe acham Bramenes Patamares, que são do reyno de Cambaya, (avidos naquellas partes por gente mais fidalga que todos,) dam-lhes as irmans, que as levem de virgindade, e com iſto muito dinheiro, porque queiram tomar eſte trabalho, que elles são mui rigoroſos de fazer, e os filhos deſtas herdam o reyno. Eſtes Bramenes são huns homens religioſos, (como cá antre nós sacerdotes,) que tem cuidado de ſeus pagodes. Tem antre ſi huma ſciencia por lingoagem, que he como entre nós o Latim, que não na entende ſenão quem na aprende. São caſados com huma ſó molher: não comem carne, nem peſcado, nem couſa, que padeça morte: comem arroz, leite, manteiga, e fruitas, e bebem agoa. E porque nunca faltaſſe eſte mantimento pera os Bramenes, que eram muitos, ordenáram os antigos deſta terra, que não mataſſem vacas, nem bois, ſobpena de morte; e guardou-ſe tanto eſta lei, que não tão ſómente os não comem, mas adoram-nos, e são avidos antre elles por couſa ſancta. Tem conhecimento da Trindade, e de Noſſa Senhora, por onde parece que antigamente foram chriſtãos. Os Naires deſta terra são

homens de guerra, e avidos por cavaleiros, e mais honrada gente de toda a terra, e dizem que averá neſta provincia duzentos mil homens deſtes. São muito leaes a ſeu rey, e adoram nelle, e não ſe acha que Naire lhe fizeſſe nunca treição. Tem fyſicos, e curam deſta maneira. Aos que são doentes de fevres, dam-lhes a comer carne, e peſcado, e purgam-nos com ſemente de figueira de inferno, ou as folhas pizadas, e dam-lhas a beber com agoa. Se tem camaras, dam-lhes a beber agoa de cocos freſca, e eſtanca logo. Se arrebeça, lavam-lhes a cabeça com agoa fria, e ceſſa o vomito. Se he ferido, lançam-lhe azeite quente, cada dia tres vezes, e deſta maneira ſáram. Nas doenças perlongadas o remedio que dam aos doentes he, que tenham tangedores, e que façam romarias a ſeus pagodes. Ha neſta provincia do Malabar de Chetuá até Coulão muitos chriſtãos do tempo de S. Thomé, e tem muitas igrejas. Muitos outros coſtumes tem, que não eſcrevo por eſcuſar proluxidade, e deixo-o aos que eſcreveráõ a hiſtoria da India.

CAPITULO XVIII.

Como o grande Afonſo Dalboquerque fez preſtes ſua armada com determinação de entrar o eſtreito do mar Roxo: e do conſelho, que teve pera ir ſobre Goa.

Sendo já o grande Afonſo Dalboquerque são de ſuas feridas, poſto que do braço ficaſſe hum pouco mal tratado de maneira, que o não podia levar bem á cabeça, entendeo logo em mandar concertar todas as

náos, navios, e galés, que o visorey deixára ao tempo de sua partida pera Portugal desbaratados; e tendo já a armada prestes de todas as cousas necessarias pera o tempo, que lá andasse, mandou chamar os capitães, e disse-lhes:

Senhores, pois as cousas do Malabar estam de assossego, e no estado, em que vedes, minha determinação he ir a Çacotorá ajuntar-me com Duarte de Lemos, como ElRey Nosso Senhor me tem mandado que faça, e dahi fazermos nosso caminho ao estreito do mar Roxo a buscar a armada do grão Soldão; e não na achando no mar, ir a Suez, e queimar-lha, porque o bom conselho he ilos lá buscar, e não deixalos chegar a pôrem as costas na India, onde tem certo o favor, e ajuda dos mouros pera contra nós, e este será sempre meu parecer, em quanto a governar, por muitas rezões, que pera isso darei quando me o tempo der mais vagar, e depois disto irmos acabar a fortaleza de Ormuz, que deixei começada: e peço-vos que olhando bem huma cousa, e a outra, me digais o que devo de fazer; e passadas muitas práticas, que sobre este negocio tiveram, assentou-se, que devia de ir ao estreito do mar Roxo; e quanto a Ormuz, que o tempo lhe mostraria o que avia de fazer. Determinado isto, deixou Afonso Dalboquerque as fortalezas de Cochim, e Cananor providas de capitães, e gente, artilheria, polvora, e mantimentos, e tudo o mais que lhe era necessario, e huma armada ao longo da costa pera acodir a qualquer cousa que socedesse; e partio-se de Cochim a dez dias de fevereiro do anno de mil e quinhentos e dez em huma armada de vinte e tres vélas, de que eram capitães Dom Antonio de Noronha seu sobrinho, Garcia de Sousa, que viera de Malaca, Luis Coutinho, Jorge

Fogaça, Jeronymo Teixeira, João Nunez, Diogo Fernandez de Béja, Jorge da Silveira, Simão Martinz, Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade ſeu irmão, Aires da Silva, Franciſco Pantoja, Duarte de Melo, D. Jeronymo de Lima, Franciſco Pereira Coutinho, Franciſco de Souſa Mancias, Manuel de Lacerda, Bernaldim Freire, Jorge da Cunha, Antonio da Coſta, e Franciſco Corvinel Florentim de nação; e navegando ao longo da coſta com toda eſta armada, fez ſeu caminho direito a Anjadiva, donde levava determinado de atraveſſar ao cabo de Guardafum; e ſendo tanto avante, como o porto de Mergeu, veio Timoja em huma fuſta ter á náo de Afonſo Dalboquerque, o qual era hum gentio de nação, muito ſervidor delRey de Portugal; e ſendo homem de baixa ſorte, veio a ſer honrado por coſſairo, e perguntou-lhe pera onde hia com huma armada tão poderoſa como aquella? e elle lhe diſſe, que ſua determinação era ir ao eſtreito buſcar a armada do grão Soldão, e pelejar com ella; e não nos achando no mar, pola nova certa que tinha de ſerem já partidos, ir a Suez, e queimar-lhe todas as náos, e galés, que tiveſſem. Timoja lhe diſſe, que ſe eſpantava muito delle, tendo os Rumes tão perto de ſi, ilos buſcar a Suez: que lhe fazia a ſaber, que hum capitão do grão Soldão com alguns Rumes, que eſcapáram do desbarato de D. Franciſco Dalmeida, era chegado a Goa, e que o Çabaio lhe tinha feito grandes partidos, porque aſſentaſſe ali, e que antrelles avia alguns carpinteiros, e calafates, que tinham feito náos, e galés da feição das de Portugal; e que eſte meſmo capitão tinha eſcrito ao grão Soldão, que lhe mandaſſe gente, porque elle eſperava de fazer ſeu aſſento em Goa, porque era terra, onde avia muitos mantimentos, e

madeira, e bom porto, e que dali com ſua ajuda lançariam os portugueſes fóra da India, e tornariam as eſpeciarias a ir a Meca, e ao Cairo, como antigamente hiam: e juntamente com iſto lhe diſſe Timoja, que o Çabaio senhor de Goa era morto, e que Goa ſem elle era morta, e não eſtava muito forte, e que dentro na cidade não avia gente pera reſiſtir a huma armada tamanha como aquella; e que o Hidalcão filho do Çabaio era moço, e por morte de ſeu pai avia grandes divisões no reyno de Decan antre os senhores, e que o tempo eſtava diſpoſto pera a levar nas mãos, ſe a quiſeſſe cometer: e que na entrada da barra averia tres braças e meia de preamar, por onde toda aquella armada podia entrar ſem perigo. Afonſo Dalboquerque lhe agradeceo muito aquelle ſeu conſelho; e porém, que huma determinação tamanha como aquella elle a não podia fazer ſem dar conta aos capitães, e gente daquella armada, porque tinham aſſentado de entrar no eſtreito; que lhes daria conta diſſo, e do que ſe determinaſſe lho faria a ſaber.

Deſpedido Timoja com eſta repoſta, mandou Afonſo Dalboquerque chamar todos os capitães, fidalgos, e pilotos da armada, e deu-lhes conta do que paſſára com Timoja; e depois de muitas práticas paſſadas, aſſentáram todos que ſe Goa eſtava da maneira que elle dizia, que devia de deixar a ida do eſtreito e trabalhar muito por tomar a cidade, e lançar os Rumes fóra della. Depois de todos dizerem ſeus pareceres, diſſe-lhes Afonſo Dalboquerque, que ainda que o que lhe Timoja tinha dito pareceſſe que trazia alguma rezão comſigo, por ſer couſa duvidoſa, elle ſe não mudava ainda da determinação, com que partíra de Cochim, e que não avia de deixar de fazer o caminho do eſtreito,

ſenão foſſe por ſegurar o reyno de Ormuz, que era tão importante como Goa, e muito proveitoſo pera o ſerviço delRey Noſſo Senhor; e chegando a elle, tolhendo-lhe os mantimentos, era tomado ſem pelejar, e niſto não averia contradição. E poſto que elle tiveſſe os olhos em Ormuz, polo muito trabalho, que lhe tinha cuſtado, (que os capitães, que lhe fugíram fizeram deixar,) com tudo ſe Timoja dizia verdade, não lhe podia negar, que deixando Goa, que ſe ſeguiria pelo tempo adiante muito trabalho ás couſas da India; e que tambem era muito de olhar, que ſe os Rumes fizeſſem ſeu aſſento em Goa, e a fortificaſſem, o Çamorim, que eſtava liado com ella, nunca ſe deceria de ſua opinião, e daria muito trabalho a ElRey de Portugal, ſe a depois quiſeſſe tomar; e porém que elle niſto que dizia não ſe determinava, ſómente lhe apreſentava todas aquellas rezões, por huma parte, e pela outra, porque de Goa, e ſeu porto, e barra não avia piloto na armada, que ſoubeſſe mais que dizer Timoja que era bom porto, e que na barra averia tres braças e meia de preamar: e que lhe prometêra de tornar logo com alguma máis certeza do que lhe tinha dito; e avendo mais alguma informação deſte negocio, então ſe determinaria, e diria ſeu parecer, e niſto aſſentáram todos.

CAPITULO XIX.

Como o grande Afonſo Dalboquerque ſe fez á véla do porto de Mergeu, e foi ſurgir avante do caſtelo de Cintácora: e o que paſſou com Timoja, e como dali foi ſorgir na barra de Goa.

PASSADAS todas eſtas práticas, huma ſegunda feira vinte cinco dias do mes de fevereiro, mandou o grande Afonſo Dalboquerque fazer toda a armada á véla, e a humas náos, que em ſua companhia hiam pera Chaul, que o ſeguiſſem, com determinação, que tendo neceſſidade dos ſeus bateis pera deſembarcar gente, ſe podeſſe ajudar delles, e de tudo o mais que nellas ouveſſe. E aſſi como hiam todos juntos, foram ſorgir davante do caſtelo de Cintácora, e em ſorgindo chegou Timoja de Onor com treze fuſtas armadas com muita gente, e foi-ſe logo ver com Afonſo Dalboquerque, que folgou muito com ſua vinda, e perguntou-lhe, por Gaſpar Rodriguez lingoa, que novas certas tinha de Goa. Elle lhe diſſe, que por recados, e cartas, que tinha de alguns gentios honrados della, lhe diziam, que o Çabaio era morto, e que em Goa eſtava hum capitão, que ſe chamava Melique Çufergugi, que tinha mil homens de peleja aſſoldadados, os quaes eſtavam mui agravados delle por lhes não pagar, que morriam todos á fome, e que o rio de Goa era da meſma altura que lhe tinha dito; e que eſte capitão, depois do Çabaio morto, não obedecia a ninguem, e que a gente da terra eſtava muito differente huma com outra. Afonſo Dalboquerque lhe perguntou a cauſa, que o movêra

pera lhe vir aconſelhar que tomaſſe Goa. Timoja lhe diſſe, que as principaes cabeceiras dos gentios, que avia na terra, lhe tinham eſcrito, que a morte do Çabaio era certa, e que todos tinham muito contentamento diſſo polos muitos roubos, e tyrannias, que lhe tinha feito, e que o anno paſſado matára, e roubára mais de duzentos mercadores, e que por iſſo eſtava a terra toda amotinada, e em differença huns com outros; e que ſe eu quiſeſſe tomar Goa, que foſſe lá com toda a minha gente, e que elles ſe entregariam de boa vontade. Afonſo Dalboquerque mandou chamar todos á ſua náo, e deu-lhes conta de tudo iſto que Timoja diſſera, e pedio-lhes muito que ſe determinaſſem, porque hiam gaſtando o tempo ſem fazerem nada, e mandou a Timoja que falaſſe primeiro, o qual diſſe, que ácerca das couſas de Goa não tinha que dizer, porque já diſſera tudo o que paſſava, e que quanto a elle, que eſtava preſtes com ſuas fuſtas pera o acompanhar por mar, e mandaria muita gente ſua por terra; e que lhe certificava, que ſorgindo aquella armada no porto de Goa, que os governadores da cidade lhe aviam logo de mandar entregar as chaves da fortaleza ſem nenhuma reſiſtencia.

Acabado Timoja de dar ſeu parecer, os capitães praticáram no negocio; e depois de determinarem algumas differenças, que tiveram ácerca do entrar da barra, aſſentouſe que ſe cometeſſe a cidade. Afonſo Dalboquerque, com eſta determinação diſſe a Timoja, que mandaſſe gente por terra, que foſſe deſtruindo eſſes lugares, que avia ao longo do mar; e como ſeus deſejos eram tomar-ſe Goa polo proveito, que diſſo eſperava de ter, mandou por terra dous mil homens, e por capitão delles hum cunhado ſeu, e hum mouro, que

fora capitão do Çabaio, que ſe chamava Melique Çufecondal, o qual fugíra de Goa com medo delle, e eſtava acolhido em ſua caſa; e eſtando a noſſa armada ſurta, chegou a gente de Timoja por terra, e deram na fortaleza de Cintácora, que eſtá na ribeira do mar ſobre hum rio, por onde parte o reyno de Onor com o de Goa, na qual fortaleza eſtava hum alcaide com gente; e como víram a noſſa armada, fugíram todos, e chegada a gente de Timoja, achåram a fortaleza deſpejada, e derrubáram parte della, e poſeram fogo ás caſas, e recolhêram algumas bombardas de cepo, que os turcos ali tinham: e com eſte bom ſucceſſo fez-ſe Afonſo Dalboquerque á véla com toda a armada, e foi ſorgir na barra de Goa, hum bom eſpaço afaſtado della. Timoja indo ao longo da terra em huma fuſta ſua, tomou hum mouro, que andava ao longo da praia deſcalço, e veſtido em trajos de Ermitão, e trouxe-o a Afonſo Dalboquerque, o qual lhe perguntou que homem era, e que fazia ali, e que novas avia de Goa. O mouro lhe diſſe, que elle era hum prove jogue, que eſtava ali antre aquelles matos em huma caſinha ſervindo a Deos, e que as novas de Goa eram ſer o Çabaio morto, e o filho eſtava polo ſertão dentro; e que o capitão, que ao preſente eſtava em ella, não tinha em ſua companhia mais que cem Rumes, e que da terra avia muita gente, mas que eſtavam todos muito differentes com o capitão; e que avia tantas differenças dentro na cidade huns com os outros, que muitos rogavam a Deos que foſſem os Frangues ſobrella, e a tomaſſem; e que avia doze náos acabadas muito grandes da feição de Frol de la mar, e muitas fuſtas, e atalaias, e que eſtavam quatro náos carregadas de mercadoria, duas pera Adem, e duas pera

Ormuz; e que além deftes Rumes, que eftavam na fortaleza, eram fóra cento em paráos, e fuftas a roubar pelo mar. Com efta enformação mandou Afonfo Dalboquerque vir os capitães á fua náo, e diffe-lhes, que elle duvidára fempre de cometer aquelle feito de Goa, porque defejava de entender o defenho, e forças dos imigos, e que pois eftava daquella maneira, que todos diziam, que lhe parecia bem cometer-fe; mas que por cima defta informação que tinham fe devia de mandar fondar o rio primeiro, porque não queria temerariamente cometer aquelle negocio, e todos affentáram nifto, e que mandaffe Timoja com fuas atalaias diante.

CAPITULO XX.

Como o grande Afonfo Dalboquerque mandou D. Antonio de Noronha, e outros capitães fondar o rio: e como tomáram o caftelo de Pangij, que eftá á entrada da barra, e do mais que paffou.

PASSADO efte confelho, ao outro dia pela menhaã, que foram vintoito do mes de fevereiro do anno de dez, mandou o grande Afonfo Dalboquerque D. Antonio de Noronha com certos pilotos fondar a barra, e Timoja em fua companhia com duas atalaias, e acháram duas braças e meia de altura de baixamar, e tres de preamar. Dom Antonio como teve fondada a barra, tornou-fe, e deu-lhe conta do que achára. O capitão da cidade como foube que os noffos andavam fondando a barra, arreceofo que lhe tomaffem algum baluarte daquelles, que eftavam da barra pera dentro,

mandou com muita diligencia provelos de gente de pé, e de cavalo, e artelharia groſſa, e miuda; e porque o principal delles era a torre de Pangij, que defendia a entrada da barra, mandou ali hum capitão, e reforçala mais de tudo o que lhe era neceſſario. E poſto que eſtava aſſentado de entrarem com toda a armada da barra pera dentro, não ſe podia Afonſo Dalboquerque perſuadir de meter as náos grandes em rio, que não era ſabido dos ſeus pilotos: e com eſta indeterminação em que eſtava, mandou chamar os capitães de noite á ſua náo, e diſſe-lhes a dúvida que ſe lhe movêra, que ſeria bom conſelho irem primeiro alguns bateis da barra pera dentro ver o que lá hia, e o fundo, que o rio tinha, por ſe não verem depois de eſtarem dentro com as náos grandes em algum perigo, que não podeſſem remediar. E porque a todos pareceo bem, diſſe Afonſo Dalboquerque a D. Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, que ſe fizeſſe preſtes pera ir por capitão deſte negocio, e em ſua companhia mandou Jeronymo Teixeira, Simão Martinz, João Nunez, Garcia de Souſa, e Jorge da Silveira nos ſeus bateis, e Simão Dandrade, e Diogo Fernandez de Béja nas duas galés, de que eram capitães, e Timoja com as ſuas fuſtas, e ao outro dia pela menhaã cedo abaláram todos juntos, e foram demandar a barra, e entráram pelo rio dentro direitos á fortaleza de Pangij, por eſtar pegada com a entrada da barra. Chegado D. Antonio de Noronha com os bateis, e galés, que levava, defronte da fortaleza, começáram-lhe os mouros a tirar com a artilharia que tinham; e como ella eſtava aſſentada alta, paſſavam os tiros por cima, e não fez nenhum nojo aos noſſos bateis. Paſſada a furia dos tiros, pareceo a D. Antonio tempo diſpoſto pera deſembarcarem, e mandou aos

capitães, que mandaſſem remar rijo direito á fortaleza, e poſtas as proas em terra deſembarcaſſem; e como a artilharia tornou a deſparar ſem fazer nojo, deſembarcáram todos com muita furia, e por força pelejando entráram a fortaleza pelas bombardeiras, e por cima do muro, e matáram muitos, aſſi de pé, como de cavalo, e feríram o capitão, que eſcapou polo não conhecerem, e a outra gente ſe poz em fogida pera a cidade. Os mouros, que eſtavam no baluarte da banda da terra firme, vendo o desbarato da fortaleza de Pangij, como não eram poderoſos pera reſiſtir, deixáram-no, e fogíram todos. D. Antonio com eſta vitoria mandou a Timoja que foſſe cometer o baluarte, que eſtava da outra banda, e em chegando, achou-o deſpejado, e recolheo a artilheria, e tudo o mais que nelle eſtava; e depois de recolhido todo o deſpojo, que ficou aos mouros em Pangij, que eram muitas lanças, eſpadas, adargas, fréchas, e dezoito peças de artilharia, mandou D. Antonio pôr fogo ás caſas da fortaleza, e recolheo-ſe aos bateis, e foi-ſe pera as náos.

Chegado D. Antonio com eſta vitoria não eſperada, Afonſo Dalboquerque recebeo a todos com grande gaſalhado, e contentamento, louvando-lhe muito aquelle feito; e não ſofrendo tardança, vendo a mercê que lhe Noſſo Senhor fazia, tornou logo mandar D. Antonio, que entraſſe o rio, e foſſe dar viſta á cidade com as galés, e bateis, com que viera; e porque ſe temia das fuſtas, que avia em Goa, mandou-o reforçar com alguns navios pequenos; e eſtando preſtes pera partir, ao outro dia pela menhaã vieram dous mouros principaes da cidade em hum paráo com recado do capitão, e povo de Goa pera o capitão geral, dizendo, que todos eſtariam á ſua obediencia, e fariam tudo o que elle

mandaſſe, porque queriam antes ſer vaſſalos delRey de Portugal, que do Hidalcão, pelas muitas tyrannias, que lhe ſeu pai tinha feitas. Afonſo Dalboquerque não lhe quiz reſponder logo, e mandou a D. Antonio que todavia foſſe pelo rio dentro dar viſta á cidade, e ver a maneira della, e ſeus muros, e fortaleza, e que ſe trabalhaſſe muito por ver alguns lugares, por onde ſe a cidade podeſſe melhor entrar. Partido D. Antonio, teve Afonſo Dalboquerque os mouros comſigo todo aquelle dia; e como lhe pareceo que D. Antonio podia eſtar já diante da cidade, reſpondeo-lhe, que diſſeſſem ao capitão de Goa, que elle era capitão geral da India por ElRey de Portugal D. Manuel ſeu senhor; e ſe elles quizeſſem eſtar á ſua obediencia, e darem-lhe a fortaleza de Goa, como diziam, e entregar-lhe todos os rumes, e turcos, que na cidade eſtavam, porque eram ſeus capitaes imigos, que elle em nome delRey ſeu senhor lhes ſegurava as vidas, e lhes faria muito bom tratamento, como lhe ſua Alteza em ſeu regimento mandava. Partidos os mouros com eſta repoſta, vendo Afonſo Dalboquerque que os da cidade eſtavam rendidos, como capitão prudente, entendendo a vitoria, que tinha na mão, ſem mais eſperar recado de D. Antonio, fez preſtes todos os bateis, e navios pequenos, e paráos das náos de Cananor, que lhe ficáram, e abalou logo apos os mouros com toda eſta frota, deixando as náos grandes ſóra da barra, porque aviam miſter mais vagar pera as meter dentro, e aquelle dia chegou diante da cidade, onde já achou D. Antonio de Noronha ſurto defronte da fortaleza. O capitão, e governadores della eſpantados deſte tomulto de bateis, e gente armada, mandáram logo quatro mouros principaes a pedir ſeguro pera tratarem de concerto.

Afonſo Dalboquerque lhes reſpondeo, que era contente de lho dar, com as condições, que lhe já tinha mandado dizer. Os mouros tornáram logo com repoſta, dizendo, que elles aceitavam o ſeguro que lhe dava; e pois todos eram contentes de lhe entregar aquella cidade, que lhe pediam por mercê lho déſſe tambem pera alguns rumes, e turcos, que ali eſtavam, que eram eſtrangeiros, e não parecia rezão, nem lei de homens entregarem-nos. Afonſo Dalboquerque não ſe quiz determinar niſto ſó, e mandou chamar os capitães, e diſſe-lhes o que o capitão, e governadores da cidade cometiam; e aſſentáram todos, que não lhe entregando os rumes, e os turcos que ouveſſe, que lhe não guardaſſe o ſeguro, e ao outro dia pela menhaã ſe déſſe combate á cidade. Os mouros foram com eſte recado, e paſſou-ſe grande parte da noite ſem lhe darem repoſta; e eſtando Afonſo Dalboquerque neſte penſamento, cuidando em ſi a cauſa deſta dilação, veio hum gentio parente de Timoja de noite, e diſſe-lhe, que o capitão da cidade era fugido, e que o fizera por lhe não entregar os rumes, nem os turcos, e deixára a fortaleza deſpejada de todo, e que a gente da cidade não fazia ſenão roubar tudo o que achava. Afonſo Dalboquerque poſto que deſejaſſe muito de aver os turcos, e rumes, contentou-ſe de aver a cidade ſem trabalho, e perigo da ſua gente, e mandou Garcia de Souſa, e Dom Jeronymo de Lima, que ſe foſſem nos ſeus bateis pôr defronte da porta da fortaleza, e ali eſtiveſſem vigiando até pela menhaã, que nenhum mouro ſahiſſe pela porta fóra, nem entraſſe pera dentro.

Do ſitio, e fundação da cidade de Goa.

O REYNO de Goa foi antigamente de gentios, e era tributario ao rey de Narſinga; e quando Afonſo Dalboquerque o ganhou, averia ſetenta annos que era izento, e não lhe obedecia; e a principal cabeça deſte reyno era a cidade de Goa, que eſtá ſituada em huma ilha, a que os gentios chamão Tiçuarij, rodeada toda de eſteiros de agoa ſalgada, e de ilhas, e em alguns paços principaes deſta ilha tinham torres feitas pera defenderem a paſſagem aos mouros da terra firme; e porque o paſſo de Gondali era tão baixo, que de baixa-mar podiam paſſar a váo, ordenáram que todos aquelles, que morreſſem por juſtiça, e aſſi alguns mouros, que foſſem tomados na guerra, ſe lançaſſem nelle, pera que os lagartos, que ha naquelles eſteiros, vieſſem ali buſcar eſta carniça, os quaes eram tantos, e tão acoſtumados acodirem a eſte cevo, que os mouros por eſta cauſa não ouſavam de paſſar o váo; e com eſte artificio, e com as mais torres, que tinham derredor da ilha, vivêram muitos annos ſem os mouros poderem entrar com elles; e a primeira povoação, que neſta ilha de Tiçuarij ouve, foi Goa a velha, e ſegundo ſeus edificios parece que foi couſa grande: e a rezão, por que os primeiros fundadores fizeram ali ſeu aſſento, e não onde agora eſtá a cidade de Goa a nova, (lhe podemos chamar,) dado caſo que o porto, e o rio foſſe muito melhor, foi pela barra ſer de pouco fundo, e não poderem entrar por ella náos, nem navios; e por curſo de tempo as agoas, que vem da ſerra do Gate, que no inverno correm com grande furia pera o mar, foram pouco, e pouco abrindo eſta barra de maneira, que ficou em

altura, que podiam entrar por ella náos, e navios. Vendo os moradores de Goa a velha, que efte rio, e porto era melhor, e a barra tinha fundo, que por ella podiam entrar náos, e navios fem perigo, deixáram a povoação de Goa a velha, e vieram fundar efta povoação, onde agora eftá a noffa fortaleza, e fizeram ali huma cidade mui grande; e por ferem homens de mar, e fofrerem mais os trabalhos, que todas as outras nações, começáram logo fazer náos grandes, e navegáram por todas as partes da India: eram valentes homens, e bons frécheiros, e nifto faziam muita ventagem a todos os feus vizinhos. Foi fempre Goa em tempo dos gentios nomeada por coufa muito principal naquellas partes, e avia nella muita gente de pé, e de cavalo, e por iffo fe defendêram muitos annos contra o poder do rey de Daquem. Tinham os gentios nella templos muito honrados, e mui bem lavrados, onde viviam huns homens como religiofos, a que chamam Bramenes, que guardam ali fuas gentilidades. Tinham por coftume, que fe algum gentio morria, a mulher fe avia de queimar por fua vontade; e quando hia a efte facrificio, era com grandes feftas, e tangeres, dizendo que queria ir acompanhar feu marido ao outro mundo; e a que ifto não fazia, era lançada dantre as outras, e ficava ganhando por feu corpo pera as obras do pagode, de que era freguez; e como Afonfo Dalboquerque tomou o reyno de Goa, não confentio que dali por diante fe queimaffe mais nenhuma mulher; e pofto que mudar coftume feja parelha de morte, todavia ellas folgáram com a vida, e diziam grandes bens delle, por lhe mandar que fe não queimaffem. Por efte porto de Goa foi fempre a paffagem principal pera o reyno de Narfinga, e de Daquem, e por efta caufa avia nelle muitas

mercadorias, e vinham grandes cafilas de mercadores do ſertão buſcalas, e traziam outras; e deſte commercio, que tinham huns com os outros, vieram os moradores de Goa a ſer tão proſperos, que diziam que ſó ella naquelle tempo rendia duzentos mil pardaos. Antre eſte reyno de Goa, e do Daquem, pela banda do ſertão, vai huma ſerra mui alta, e mui grande, que ſe chama Ogate, que divide eſtes dous reynos hum do outro, a qual ſerra tinha certos paſſos, por onde ſe entrava, nos quaes os gentios tinham ſuas torres com gente pera ſua defensão.

E poſto que ao ſobir deſta ſerra ſeja muito fragoſa, tanto que eſtam em cima, dali por diante toda a terra he chãa, e muito povoada de lugares mui grandes, de maneira, que eſta ſerra fica ſobre Goa, e ſobre o mar, como hum eirado. Não dou rezão aqui deſta terra, porque minha tenção he não tratar ſenão como o grande Afonſo Dalboquerque a ganhou aos mouros, e não de como ſe elles fizeram ſenhores della. E avendo muitos annos que os mouros tinham ganhado o reyno de Daquem ao rey de Narſinga, e eram ſenhores delle, poſto que com os gentios de Goa tiveſſem ſempre guerra, nunca os puderam ſenhorear, até que o Çabaio veio ſer ſenhor de Daquem, e eſte continuando a guerra com elles, foi muitas vezes desbaratado, e outras muitas vencedor: finalmente avidos os paços da ſerra por treição, veio com grande poder de gente ſobre a ilha de Goa, e eſteve ſobrella tanto tempo, até que a entrou; e tomada a cidade toda, a outra parte do reyno ganhou ſem trabalho, e ficou ella cabeça principal de ambos os reynos; e vendo o Çabaio velho o ſitio de Goa ſer muito bom, e de boas agoas, e a ilha em ſi muito fertil, e gracioſa, determinou de fazer ſeu aſſento nella, e

tudo o mais de ſeu reyno deixar por amor de Goa, e fez logo huns paços mui grandes, e bem lavrados; e depois de ſe ver ali aſſentado de aſſoſſego, ficou tão contente do porto, e do rio, e da deſpoſição, que tinha pera ſe fazer nelle grandes armadas, que praticava muitas vezes com eſſes ſeus privados, que pois a fortuna lhe dera Goa, que eſperava de ganhar dali o reyno de Cambaya, e deſtruir todo o Malabar, porque eſtes foram ſempre os maiores contrairos que elle teve; e quando Afonſo Dalboquerque ganhou Goa, averia quarenta annos, pouco mais, ou menos, que o Çabaio a tinha ganhado aos gentios. Como ſe ſoube por todas aquellas partes, que o Çabaio era ſenhor do reyno de Goa, pela muita fama, que dos tempos paſſados tinha, trabalhâram todos de o terem por amigo, e o Xeque Iſmael, e o grão Soldão do Cairo, e o rey de Adem lhe mandáram logo ſeus embaixadores, procurando muito ſua amizade; e porque elle dava aos eſtrangeiros maior ſoldo, que nenhum rey da India, acudíram logo a Goa muitos rumes, turcos, arabios, e perſas, e com eſta gente tomou muitos lugares ao rey de Narſinga, e ſe fez grande ſenhor no reyno de Daquem. E depois dos portugueſes ſerem entrados na India, os Malabares, que eram os maiores imigos, que o Çabaio tinha, ſe confederáram com elle, e o fizeram ſeu capitão geral, e lhe offerecêram muito dinheiro, e gente, e toda a outra mais ajuda, que lhe foſſe neceſſaria contra nós; e pera eſta empreſa tinha o Çabaio feito huma armada mui groſſa de náos, navios, e galés no rio de Goa, a qual ſe eſtava acabando, quando o grande Afonſo Dalboquerque entrou a cidade. Neſta coſta do reyno de Goa ha outros portos, nos quaes, antes que foſſe tomada dos portugueſes, avia náos, e mercadores,

que agora não ha com medo das noſſas armadas; e tambem porque Afonſo Dalboquerque não conſentia que ouveſſe nenhum trato por toda aquella coſta, ſenão em Goa.

CAPITULO XXI.

Como os governadores da cidade de Goa entregáram as chaves della ao grande Afonſo Dalboquerque: e do deſpojo que ſe nella achou, e o mais que paſſou.

PARTIDOS D. Jeronymo, e Garcia de Souſa pera vigiarem a fortaleza, (como atrás tenho dito,) eſteve o grande Afonſo Dalboquerque quedo toda a noite eſperando que amanheceſſe, e aviſou os capitães do que aviam de fazer, ſe ouveſſe reſiſtencia na entrada da cidade; e começando amanhecer, mandou-lhes fazer o ſinal que lhe tinha dado. Os capitães como o ouvíram, leváram ſuas amarras, e vieram-ſe com toda a gente, (que ſeriam mil homens portugueſes, e duzentos Malabares,) ter á galé, onde Afonſo Dalboquerque eſtava, e dali partíram, e chegando á cidade era já menhaã clara, e por não acharem nenhuma reſiſtencia, entráram pelas portas com huma cruz diante de ſi: e aqui ſe aſſentou o grande Afonſo Dalboquerque em joelhos, e chorando muitas lagrimas, deu graças a Noſſo Senhor por aquella mercê que lhe fizera, em lhe dar huma cidade tamanha, e tão poderoſa, ſem trabalho, nem morte de ninguem: a qual Cruz levava hum frade de S. Domingos, e apos ella hia a bandeira real, que era de ſetim branco, com huma cruz de Chriſtus no meio, e neſta ordem foram até á porta do

caſtelo, onde o eſtavam eſperando os mouros principaes da cidade, e governadores della; e lançados aos ſeus pés, lhe entregáram as chaves da fortaleza, e pedíram-lhe muito por mercê, que lhes guardaſſe o ſeguro que lhes tinha dado. Como Afonſo Dalboquerque entrou dentro na fortaleza, porque o vinha ſeguindo muita gente da cidade, mandou a Dom Antonio de Noronha que ficaſſe com cincoenta homens á porta, e não deixaſſe entrar nenhum mouro dentro. Os gentios, que eſtavam dentro, vieram-ſe a elle com ſuas corteſias, como he ſeu coſtume, e diſſeram-lhe, que elles queriam ſer vaſſalos delRey de Portugal, e eſtar á ſua obediencia: e elle os recebeo com muito amor, e gaſalhado, e mandou apregoar ſob pena de morte, que nenhuma peſſoa tocaſſe em nenhuma couſa dos mouros, e gentios, que eſtavam em Goa, mas que os trataſſem como vaſſalos delRey de Portugal ſeu senhor. Acabado iſto, andou vendo a fortaleza, e os paços do Çabaio, que eram todos lavrados de Macenaria, com jardins, e poços de agoa dentro: e dali foi ter a humas tercenas grandes, onde achou muitos mantimentos, muita polvora, e muitos materiaes pera a fazer, e muitas armas de gente de pé, e de cavalo, e muita quantidade de mercadorias, e em humas eſtrebarias grandes cento e ſeſſenta cavalos, e em diverſas partes da cidade ſe tomáram quarenta bombardas groſſas, e cincoenta e cinco falcões, e doutra artelharia miuda grande quantidade, e outras muitas couſas, que deixo de eſcrever, por não enfadar quem o ler. Na ribeira eſtavam quarenta náos varadas antre grandes, e pequenas, e dezaſeis fuſtas, e muita enxarcia, pregadura, e tudo o mais que era neceſſario pera ellas: e ali achou Afonſo Dalboquerque todas as mulheres, e filhos dos

turcos, e Rumes, que não puderam levar com a preſſa que tiveram em fugir com Milique Çufegurgij; o qual chegado ao paço do Gondali pera paſſar a terra firme, foi tão grande a preſſa, que muitos ſe afogáram no rio, e outros perdêram os cavalos, e muito fato, que levavam, por não terem em que paſſar, ſenão páos atraveſſados huns nos outros. Afonſo Dalboquerque como teve recolhido as mulheres, e os filhos dos turcos, mandou-os pôr a bom recado, e guardar; e na ſegunda tomada deſta cidade as fez chriſtans, e caſou com portugueſes, como adiante ſe dirá.

Eſtando já o grande Afonſo Dalboquerque empoſſado da cidade, mandou chamar os capitães das náos de Cananor, e deo-lhe licença que ſe foſſem, e fez-lhe mercê de parte dos deſpojos, que ſe ali tomáram. Elles partidos, chamou Timoja, e diſſe-lhe, que elle era certificado, que no caſtelo de Banda, e noutros ali derredor, avia ainda alguns turcos; e porque ſua determinação era não ficar em todo o reyno de Goa nenhuma ſemente deſtes, queria mandar deſtruir aquelles caſtelos, e trazelos todos á eſpada; que lhe rogava muito quiſeſſe mandar ſeu cunhado com algumas fuſtas moſtrar as entradas dos rios aos noſſos, porque as não ſabiam. Timoja lhe diſſe, que lhe parecia bem mandar lançar todos os turcos fóra da ilha de Goa, e daquelles lugares ao redor, porque em quanto ali eſtiveſſem, lhe aviam de dar muito trabalho, e que elle faria preſtes ſeu cunhado com as fuſtas, que foſſem neceſſario pera aquelle eſſeito. Aſſentado iſto, mandou Afonſo Dalboquerque a D. Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, que fizeſſe preſtes a náo Sancta Clara, e o Cirne, Flor de la mar, e Flor da Roſa, que ficáram fóra da barra, (como tenho dito,) e tres galés, e foſſe

correr todos aquelles lugares, e os deſtruiſſe, e não déſſe vida a nenhum turco, nem mouro que achaſſe. D. Antonio ſe partio, e foi demandar a fortaleza de Banda; e como a armada foi ſurta, meteo-ſe em as galés, e nos bateis das náos, e entrou pelo rio dentro, levando diante de ſi o cunhado de Timoja com tres fuſtas. Os gentios da terra como víram a noſſa armada, polo grande odio, que tinham aos turcos, alevantáram-ſe todos contra elles, os quaes atemorizados da noſſa gente, deixáram a fortaleza, e fugíram polo ſertão dentro, de modo que quando D. Antonio de Noronha chegou, eſtavam já os gentios em poſſe della, e o ſeu capitão veio logo ter com D. Antonio, e fez-lhe menagem da fortaleza, prometendo de eſtar á obediencia delRey de Portugal. Como a nova correo pela coſta, que Banda era tomada, os turcos, que eſtavam na fortaleza de Condal, (temendo-ſe dos gentios, que andavam alvoroçados com o favor, que tinham da noſſa armada,) deixáram-na, e fugíram pelo rio acima. Sabido na terra que os turcos eram fugidos, veio-ſe hum capitão gentio, homem principal, com muita gente meter nella, e mandou a obediencia a Afonſo Dalboquerque, avendo-ſe por vaſſalo delRey de Portugal, e D. Antonio tornou-ſe pera Goa, e entrou polo rio dentro com as náos grandes, e deo conta a ſeu tio do que paſſára, e como queimára quatro navios, que os rumes tinham dentro no rio de Banda.

CAPITULO XXII.

Como o grande Afonſo Dalboquerque começou a fazer a fortaleza de Goa: e o que paſſou com os capitães, e com Timoja.

DEPOIS do grande Afonſo Dalboquerque eſtar bem informado das couſas de Goa, entendeo logo em a fortificação da cidade, com determinação de a ſoſter, e fazer-ſe forte nella, pola ter por ajudadora de ſeus trabalhos, e começou logo em a cava, e muros, com muita gente da terra, que trazia na obra, e os capitães com a ſua gente tinham ſuas horas de trabalho, ſegundo lhe vinha por gyro, e hia-ſe aſſi fortificando com muita preſſa polo receio, que tinha do Hidalcão vir ſobrelle, e ali eſtava todo dia, e dormia de noite veſtido ſobre hum catre, e dentro na fortaleza mandou fundar humas terecenas muito grandes pera ſe em ellas recolher cada anno muita ſomma de trigo, e de arroz, pera ſe dali proverem todas as outras fortalezas, e armadas da India, fazendo fundamento, que ali acudiriam todos os negocios della, ſegundo o que via em a diſpoſição, e ſitio da cidade. Poſto iſto tudo em ordem, mandou chamar Timoja pera entender no aſſento da terra, e diſſe-lhe, que pois ElRey de Portugal era ſenhor da terra, que não era rezão ter elle menos nella que os outros ſenhores paſſados; que devia de mandar ajuntar todos os gentios, e notificar-lhes, que dali por diante aviam de pagar a ElRey ſeu ſenhor, das poſſeſſões que tinham, o tributo, que antigamente coſtumavam a pagar ao rey, e ſenhor de Goa. Timoja lhe diſſe, que elle os mandaria chamar, e lho notificaria: e

com tudo iſto não ficou contente de ver que Afonſo Dalboquerque determinava de ſoſter Goa, porque avia dias que ſecretamente lhe requeria que lha déſſe, e as terras della, e que elle pagaria certa couſa em cada hum anno de renda por ellas, e as ſoſteria, e defenderia á ſua cuſta; e Afonſo Dalboquerque lhe andou ſempre dilatando a repoſta deſte ſeu requerimento, ſem dar conta aos capitães pela neceſſidade que tinha da ſua gente pera o trabalho da obra; mas como Timoja vio que Afonſo Dalboquerque lhe não reſpondia, determinou de dar conta diſſo a alguns capitães polos ter de ſua parte; e elles, como gente enfadada da guerra, e do trabalho, deram-lhe a entender que era muito ſerviço delRey largar-lhe Afonſo Dalboquerque Goa. Timoja como teve da ſua parte eſtes capitães, com que falou, começou ápertar mais com Afonſo Dalboquerque que lhe reſpondeſſe; e porque eſte negocio andava já roto antrelles, mandou-os diſſimuladamente chamar, e diſſe-lhes, que elles ſabiam bem que avia muito tempo, que Timoja andava no ſerviço delRey de Portugal, e particularmente o que lhe tinha feito na tomada daquella cidade, e quanta rezão era fazer-lhe mercê; porque além de ſer couſa muito obrigatoria pagarem-lhe ſeu ſerviço, tambem ſeria exemplo pera outros muitos virem ſervir a ElRey, que lhe aconſelhaſſem o que niſſo faria. Os capitães quaſi todos foram de parecer, que lhe déſſe Goa, dando por rezão que Timoja era ſenhor de muita gente, e que a podia ſoſter, e defender aos turcos; e que além diſto daria vinte mil pardaos cada anno de tributo, e que dando iſto, ſeria mais ſerviço delRey dar-lha, que ſoſtela. Vendo Afonſo Dalboquerque o intento dos capitães, reſpondeo-lhes, que ſe eſpantava muito delles parecer-

lhe rezão dar huma cidade tão nobre, como era Goa, e tão importante ao ſerviço delRey de Portugal, a Timoja, por nenhum preço que por ella déſſe, ſenão ſegurala com huma boa fortaleza, porque nella avia o governador da India de fazer ſeu aſſento principal, nem lhe avia de arrendar as rendas, ſem primeiro ſaber o que era, e entender ſeu modo de governo; e entendido, faria o que lhe pareceſſe mais ſerviço delRey: e que quanto o que diziam que Timoja tinha poder pera defender Goa dos turcos, que diſſo ſe eſpantava muito mais cuidarem elles que avia Timoja de ſer poderoſo pera defender Goa a hum capitão do Hidalcão, que ſobre ella vieſſe, quanto mais a turcos; e que a ſatisfação de ſeus ſerviços avia de ſer como a eſpia, que fizera bem o que lhe mandára ſeu capitão, ou como vaſſalo, que ſervíra lealmente ſeu senhor, e não como homem, em que eſtivera a ſalvação de todos; e que ſe lembraſſem dos ſerviços do rey de Cochim, o qual não tinha mais delRey D. Manuel que quinhentos cruzados cada anno, de que eſtava muito contente.

Os capitães ficáram tão envergonhados deſta prática, que Afonſo Dalboquerque teve com elles, que não ouſáram de lhe repricar nada; e acabado eſte conſelho, mandou chamar Timoja, e diſſe-lhe, que elle deſejára ſempre de lhe fazer mercê em nome delRey D. Manuel ſeu senhor polos muitos ſerviços, que lhe tinha feito naquellas partes; e por não aver couſa ao preſente, que lhe pudeſſe dar, lhe fazia mercê em ſeu nome de tudo aquillo, que rendiam as terras de Mergeu, pago na feitoria de Goa, e que o fazia aguazil mór, e capitão de toda a gente da terra: que lhe pedia muito que ſe quiſeſſe contentar com iſto que lhe dava, porque o tempo não eſtava pera o poder ſatisfazer

doutra maneira; e que quanto era ao ſeu requerimento, que lhe não podia reſponder ſem no primeiro eſcrever a ElRey D. Manuel, e que faria niſſo o que Sua Alteza lhe mandaſſe. Timoja não ficou contente deſta repoſta, porque ſempre teve eſperança de lhe Afonſo Dalboquerque dar Goa pela palavra, que tinha dos capitães, e com tudo aceitou a mercê que lhe fez, e foi-ſe pera ſua caſa muito rico, porque á entrada do caſtelo lhe deo duas caſas, ſem ſaber o que lhe dava, em que eſtava muita ſomma de mercadorias, e dous zambucos, que levou carregados dellas. Partido Timoja, dali a tres dias vieram alguns gentios dizer a Afonſo Dalboquerque, que eſtava na terra de Salſete, e que como chegára, todo o gentio ſe fora pera elle, e que eſtavam em determinação, ſe ſe elle foſſe, de ſe irem todos, e deixarem a terra. Afonſo Dalboquerque como entendeo que eram manhas de Timoja, diſſimulou com os gentios, e fez que os não entendia. Vendo Timoja que Afonſo Dalboquerque não reſpondêra ao requerimento dos gentios, mandou-lhe dizer por hum Naique ſeu capitão, que elle ſempre deſejára de ſervir a ElRey de Portugal, e que por eſta rezão, depois de ſer partido, lhe lembrára que o deixára em Goa, ſem ter quem lhe diſſeſſe os coſtumes da terra: que elle ſe queria tornar a ſervir ElRey, e fazer tudo quanto lhe mandaſſe. Afonſo Dalboquerque, poſto que o hia conhecendo por roim, e manhoſo, vendo que deſiſtia do ſeu requerimento, aceitou ſua vinda, e tornou-o a recolher pera com elle aſſentar as couſas de Goa. Timoja com eſte recado veio-ſe logo, e Afonſo Dalboquerque mandou a todos os principaes dos gentios, e mouros, que ſe ajuntaſſem, e o foſſem receber, os quaes o trouxeram com muitas trombetas, e tangeres ao ſeu modo;

e depois de lhe fazerem ſua corteſia, ſegundo o coſtume da terra, diſſe-lhes Afonſo Dalboquerque, que elle fazia Timoja aguazil mór do reyno de Goa em nome delRey de Portugal, e lhe dava todo o poder de juſtiça ſobre os gentios, e mouros, e que pudeſſe prover todas as couſas da terra, e tudo o que elle mandaſſe foſſe feito, e meteo-lhe hum terçado nú guarnecido de prata na mão, e hum annel, porque era coſtume da terra darem iſto a quem avia de governar. Os gentios ficáram muito contentes deſta mercê, e honra, que lhes Afonſo Dalboquerque fizera, e leváram Timoja em hum andor por toda a cidade com muitas feſtas, e tangeres. Paſſado iſto, arrendou-lhe Afonſo Dalboquerque as terras de Goa, tirando a ilha, por cem mil cruzados, e que elle pagaſſe toda a gente, que foſſe neceſſaria pera defenſa della; e aſſentadas todas eſtas couſas, ficáram muito amigos, e dali por diante começou Timoja a ſervir ſeu officio.

CAPITULO XXIII.

Como os embaixadores do Xeque Iſmael, e do rey de Ormuz, que eſtavam em Goa, mandáram dizer ao grande Afonſo Dalboquerque, que lhe queriam falar: e o que paſſou com elles, e como mandou Ruy Gomes ao Xeque Iſmael.

Ao tempo que o grande Afonſo Dalboquerque entrou a cidade de Goa, avia poucos dias que eram ali chegados dous embaixadores, hum do Xeque Iſmael, e outro do rey de Ormuz, cada hum per ſi com ſua embaixada, e ſeu preſente de cavalos, pannos de ſeda, e

ouro pera o Çabaio; e polo acharem morto, depois da cidade ſer entrada, poſto que a tenção do embaixador do Xeque Iſmael era paſſar ao Hidalcão, filho do Çabaio, (como lhe ſeu senhor tinha mandado,) todavia como era homem diſcreto, e entendido, diſſimulou, e mandou pedir a Afonſo Dalboquerque que o quiſeſſe ouvir; e como teve licença ſua, veio perante elle, e offereceo-lhe o preſente que trazia, e diſſelhe, que o Xeque Iſmael ſeu senhor, pelas couſas, que ouvia da India, deſejava de ter eſtreita amizade com ElRey de Portugal; e como ſoubera que sua senhoria tinha ganhado o reyno de Ormuz, o mandára viſitar com hum preſente de cavalos, peças de prata, e outras joias, e chegando o embaixador a Ormuz, o achára já partido pera a India, e a cauſa principal de ſua viſitação era deſejar de ter conhecimento, e preſtança com sua senhoria; e que ſe o rey de Ormuz não quiſeſſe eſtar á ſua obediencia, que elle mandaria hum groſſo exercito ſobrelle pera lho entregar; porque gente de cavallo, e de pé lhe certificava, que teria quanto quiſeſſe, e que iſto, e outras muitas couſas trazia o embaixador pera lhe dizer. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que as couſas de Ormuz elle as tinha por acabadas, e que não tardaria muito tempo que lá não foſſe, e que dali determinava de entrar o mar Roxo; e pois o Xeque Iſmael tinha ſempre guerra com o turco, e com o grão Soldão do Cairo, que lhe era muito neceſſario ter amizade com ElRey de Portugal ſeu senhor; porque além de ſenhorear os mares da India, tambem as ſuas armadas corriam o mar de levante, e que de huma parte, e da outra fazia a guerra ao turco, e ao grão Soldão; e querendo o Xeque Iſmael confirmar eſta amizade com ElRey ſeu senhor, e mandar-lhe ſeus embaixadores, e

ſeus arraiaes ſobre a caſa de Méca, não teria dúvida perderem o turco, e o grão Soldão ſeus eſtados, porque ElRey de Portugal era muito poderoſo pelo mar, e podia ajudar com groſſas armadas; e que avia dias, que elle deſejava de lhe mandar hum embaixador, e offerecer-lhe o eſtado da India em nome delRey ſeu senhor, e por ter muitos negocios o deixára de fazer, mas que agora o mandaria em ſua companhia. O embaixador lhe começou a falar nas grandezas do Xeque Iſmael, e que era hum principe muito grandioſo, acquiridor de fama, e deſejoſo de eſtender ſeu nome por todas as terras do mundo; e correndo a prática, cometeo-lhe duas couſas: a primeira, que fizeſſe com os mouros de Goa, que recebeſſem ſua lei, e rezaſſem por o ſeu livro nas ſuas meſquitas: a ſegunda mandaſſe, que correſſe a moeda do Xeque Iſmael em Goa. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que quando os mouros lhe entregáram Goa, lhes dera ſeguro real em nome delRey de Portugal pera viverem em ſua liberdade; e fazendo-lhes agora força em qualquer couſa, por pequena que foſſe, era ir contra o ſeguro, que lhes tinha dado, que ſe não coſtumava antre os principes Chriſtãos; e que quanto era a correr a moeda do Xeque Iſmael em Goa, que ſe eſpantava muito delle cometer-lhe tal couſa, porque os reys eſtimavam muito ſuas inſignias reaes, que era viverem ſeus povos, e vaſſalos debaixo da obediencia de ſuas leis, e receberem ſua moeda, e correr em ſeus reynos naquella valia, que lhes elles punham, e que ſe não ſofria hum rey conſentir ao outro lavrar moeda em ſua terra. O embaixador lhe reſpondeo, que elle viera a Goa com huma embaixada dirigida ao Çabaio, e trazia aquellas couſas em ſua inſtrucção pera lhe falar nellas, e polo

achar morto, e sua senhoria em poſſe do reyno de Goa, que não fazia o que não devia, em lhe dizer o que o Xeque ſeu senhor mandava, pois era ſeu embaixador; e que ſe niſto tinha errado, que lhe pedia por mercê lhe perdoaſſe, porque a obrigação dos embaixadores era guardar ſuas inſtrucções, e a ſua, fazer o que compriſſe ao ſerviço do ſeu rey; e acabada eſta prática, pedio-lhe o embaixador que o deſpachaſſe, porque ſe queria partir. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que ſe não agaſtaſſe, porque queria fazer preſtes hum meſſageiro, pera mandar em ſua companhia ao Xeque Iſmael. Recolhido o embaixador pera ſua caſa, mandou Afonſo Dalboquerque chamar o do rey de Ormuz, e perguntou-lhe a que vinha, e que recado era o que trazia pera o Çabaio. O embaixador lhe diſſe, que Cogeatar o deſpachára, e que a principal couſa a que vinha era offerecer todo o eſtado do rey de Ormuz ao Çabaio, pedindo-lhe favor, e ajuda contra os portugueſes; e falando-lhe nas couſas paſſadas de Ormuz, lhe diſſe, que ſe não eſcandalizaſſe de Cogeatar, porque os capitães foram cauſa de todas as differenças, que antre ambos ouvera.

Paſſada eſta prática, que Afonſo Dalboquerque teve com os embaixadores, entendeo logo em deſpachar Ruy Gomez, criado delRey D. Manuel, (o qual fora degradado deſtes reynos de Portugal pera a India na armada do marichal,) pera o mandar ao Xeque Iſmael, em companhia do ſeu embaixador, e por elle lhe eſcreveo huma carta, e outra ao rey de Ormuz, que ao diante vão eſcritas, e deo-lhe huma inſtrucção do que avia de dizer ao Xeque Iſmael da ſua parte, o qual Ruy Gomez levava em ſua companhia hum lingoa, e hum criado ſeu. Como Afonſo Dalboquerque o teve

deſpachado, mandou chamar o embaixador do Xeque Iſmael, e fez-lhe mercê em nome delRey, e deſpedio-os que ſe foſſem, os quaes ſe embarcáram em duas náos, de que era capitão, e feitor Cogeamir, hum mouro honrado de Cananor, que achou em Goa, o qual os rumes cativáram, vindo elle em huma náo ſua de Ormuz com cavalos, dizendo, que quem o mandava navegar o mar da India com ſeguro delRey de Portugal, e não do grão Soldão; e por elle eſcreveo Afonſo Dalboquerque huma carta a Cogeatar, em que lhe dizia, que ſe quiſeſſe tornar á obediencía delRey de Portugal ſeu senhor, e pagar-lhe o tributo, que com elle tinha aſſentado, que as couſas paſſadas foſſem eſquecidas; e que lhe pedia muito que aquelle embaixador do Xeque Iſmael não pagaſſe nenhum direito das ſuas mercadorias, e que a Ruy Gomez, que elle mandava por embaixador, déſſe encavalgaduras, e dinheiro, e tudo o que elle, e os ſeus ouveſſem miſter; e que lhe pedia que o retorno das mercadorias, que Cogeamir levava, que eram delRey ſeu senhor, lhe mandaſſe em cavallos, e que as náos, que vieſſem de Ormuz pera Goa, trouxeſſem certidão ſua, e todas vieſſem a Goa, porque não vindo a ella, as não avia por ſeguras.

Carta, que o grande Afonso Dalboquerque escreveo por Ruy Gomez ao Xeque Ismael.

Muito grande, e poderoſo senhor antre os mouros Xeque Iſmael: Afonſo Dalboquerque capitão geral, e governador da India, polo muito alto, e muito poderoſo ElRey D. Manuel, rey de Portugal, e dos Algarves daquém, e dalém mar, em Africa senhor de Guiné, e da conquiſta, navegação, comercio

de Thiopia, Arabea, Perſia, e da India, e do reyno, e ſenhorio de Ormuz, e do reyno, e ſenhorio de Goa: vos faço ſaber, como ganhando eu a cidade, e reyno de Goa, achei nella voſſo embaixador, ao qual fiz muita honra, e tratei como a embaixador de tão grande rey, e senhor, e olhei todas ſuas couſas, como ſe elle fora enviado a eſtas partes pera ElRey de Portugal; e porque eu ſei certo, que ElRey D. Manuel meu senhor folgará de ter conhecimento, amizade, e prática comvoſco, vos envio eſte meſſageiro, ao qual dareis credito a todas as couſas, que da minha parte vos diſſer, porque he cavaleiro criado delRey meu senhor, homem enſinado na guerra, criado nas armas de noſſo coſtume, e de todas as couſas dos reynos de Portugal vos ſaberá dar muito boa rezão. Bem ſabeis como ganhei a cidade, e reyno de Ormuz por mandado delRey meu senhor, e dali me trabalhei por ter conhecimento de voſſo eſtado, poder, e mando, e vos quiſera mandar meſſageiros, ſe as couſas de Ormuz ſe não danárão, as quaes eſpero em Deos, que cedo tornaráõ aſſentar, porque eſpero de ir lá em peſſoa, e dali trabalharei de me ver comvoſco na ribeira do mar, e portos de voſſos reynos; porque o poder, que trago delRey meu senhor de náos, e gente no mar, he pera deſtruir, e lançar fóra as náos do Soldão, que entrarem na India, e quiſerem nella tomar aſſento, o qual feito com ajuda de Deos, temos acabado, porque o ſeu capitão Mirocem, e a ſua armada foi desbaratada em Diu, e tomáram-lhe todas as ſuas náos, e artilharia, e matáram-lhe toda a ſua gente, e agora as desbaratei, e ganhei a cidade de Goa, e toda ſua armada, e os lancei fóra della, como vos dirá voſſo embaixador; e porque eu tenho ſabido que elle he voſſo imigo, e vos

faz a guerra, vos mando esta nova, e vos offereço contra elle minha pessoa, e armada, e gente delRey meu senhor pera o ajudar a destruir, e serei contra elle cada vez que me requererdes pera isso. E querendo vós destruir o Soldão por terra, podereis ter delRey meu senhor grande ajuda de armada por mar, e creio que com pouco trabalho senhoreareis a cidade do Cairo, e todo seu reyno, e senhorio, e assi vos póde ElRey meu senhor dar grande ajuda por mar contra o turco, e suas armadas por mar; e vós com vosso grande poder, e gente de cavalo por terra, trabalhosamente se poderá defender. E na India tem grandes armadas, com que vos póde ajudar. Assi que a amizade, e prestança de hum tão grande rey, como he ElRey meu senhor por mar, e por terra, deveis de querer aver, e deveis-lhe de mandar vossos embaixadores, porque folgará muito de ver quem lhe saiba dar rezão de vossos reynos, e senhorios. E se Deos ordenar que este comercio, e amizade se faça, vinde vós com vosso poder sobre a cidade do Cairo, e terras do grão Soldão, que confinam comvosco, e ElRey meu senhor passará em Jerusalem, e lhe ganhará toda a terra daquella banda: e pera certeza do que nisto esperais de fazer, convem mandardes vossos messageiros, e por elles averdes reposta delRey meu senhor, e entretanto seja eu avisado do que quereis que faça, ou em que parte póde a armada delRey meu senhor andar, que mais dano faça ao Soldão em vosso serviço.

Inſtrucção, que o grande Afonſo Dalboquerque deo a Ruy Gomez do que avia de dizer ao Xeque Iſmael

» PRIMEIRAMENTE voſſa ida ſerá por qualquer modo,
» e maneira que vós bem puderdes, direito onde
» eſtiver o Xeque Iſmael; e em chegando a elle, lhe
» fareis aquella reverencia, que a hum tão grande rey,
» e principe he devida.

» Chegando a Ormuz, requerereis a Cogeatar, que
» vos mande dar as encavalgaduras, que vos forem ne-
» ceſſarias, e lhe requerereis que vos dê tudo o que
» for neceſſario pera voſſa deſpeza, e deſpacho de voſſa
» viagem, como por minhas cartas lhe tenho eſcrito.

» Em voſſo caminho, que aſſi fizerdes, eſtareis ſem-
» pre á ordenança, conſelho, e determinação do embai-
» xador do Xeque Iſmael, que em voſſa companhia vai,
» nem vos apartareis nunca delle a ir ver cidades, pra-
» ças, lugares, ruas, feſtas, e jogos, nem fareis outro
» caminho, ſenão o que elle fizer, e tudo por ſua orde-
» nança, porque bem ſabeis como os mouros deſejão
» de nos fazerem todo o danno que podem.

» Direis ao Xeque Iſmael da minha parte, que eu o
» mando viſitar pela grandeza de ſua fama, ſenhorio, e
» esforço, e pelas bondades, e grandezas de ſua peſſoa,
» e tambem porque agaſalha os chriſtãos, e os favorece,
» e honra.

» Lhe direis como ElRey meu senhor folgará de ter
» conhecimento, e amizade com elle, e que o ajudará
» contra a guerra do Soldão; e que eu em ſeu nome, e
» da ſua parte lhe offereço a armada, e gentes, e arti-
» lharia que trago, e as fortalezas, lugares, e ſenhorios,

» que tem na India, e efta mefma ajuda lhe dará con-
» tra o turco.

» Lhe direis que vindo elle fobre a cafa de Méca, e
» querendo-a ganhar, que eu entrarei o mar Roxo, e
» irei ao porto de Judá com minha armada, e affi o
» farei, querendo elle vir fobre a terra de Arabia, e
» Adem, e fobre o mar da cofta de Arabia, Baharem,
» e Catife, e a cidade de Baçora, e correrei toda a ri-
» beira do mar da Perfia, onde me poderei ver com
» elle, e farei tudo o que lhe de mim comprir.

» Lhe contareis as grandezas delRey meu senhor, e
» de feus reynos, e fenhorios, e da riqueza, e abaftança
» delles, e da grandeza, e fermofura da cidade de Lif-
» boa, edificios, e cafas ricas, que nella ha, e da grande
» quantidade, foma de prata, e ouro, e riquezas, e
» muita gente, que no reyno ha; e como ElRey meu
» senhor tem duas minas de ouro, donde cada anno
» lhe vem grande quantidade delle, e da abaftança das
» náos, que no reyno ha, e grandeza dellas, e das gran-
» des armadas, que cada anno faz pera a India, e como
» fuas armadas, e gentes navegam por todo o mundo,
» e manda armadas a levante contra o turco.

» Lhe direis como ElRey meu senhor tem ganhado
» muitas vilas, cidades, e lugares por força de armas
» em Africa, e como feu poder, e fenhorio fe vai eften-
» dendo por toda a ribeira do mar até o Cabo de Boa
» Efperança, e dali pera dentro, entrando o mar da
» India, as fortalezas, que nella tem, e os reys, que
» nella eftam á fua obediencia.

» Mais lhe direis a rainha minha senhora cuja
» filha he, e como ElRey feu pai, e a rainha fua mãi
» tem feus reynos, e fenhorios, que comárcam com o
» reyno de Portugal; e affi lhe contareis do feu eftado,

» e das donzellas, que a ſervem, como são filhas de
» duques, marquezes, e condes de Portugal; e como
» andam veſtidas de brocado, e ouro, e de toda a di-
» verſidade de ſedas, com muita pedraria, e como dali
» caſam com os grandes de ſeu reyno.

» Lhe tocareis do eſtado delRey meu senhor, de
» como ſe ſerve, e como come em meza alta de quatro
» degráos, e todos os grandes senhores, e fidalgos, que em
» ſua corte andam, eſtam á meza em pé com os barretes
» fóra da cabeça até que acaba de comer, e ſe recolhe.

» Lhe direis, que avia de mandar embaixador a
» ElRey meu senhor, procurando ſua amizade, e preſ-
» tança, aſſi na guerra contra ſeus imigos, como das
» mercadorias, que do reyno de Portugal podem entrar
» na Perſia por via de Ormuz: e que ElRey o ajudará
» contra o Soldão, e contra o turco por mar, e por
» terra, mandando elle por ſeu embaixador requerer
» ſua amizade, preſtança, e ajuda.

» Lhe tocareis na noſſa fé, e vereis o que niſſo ſente,
» e ſe vos recebe bem; e o que lhe niſſo tocardes, não
» ſerá mais que em quanto elle não receba eſcandalo;
» e ſabereis dos chriſtãos daquellas partes ſe tem o rito
» da noſſa fé, e crem verdadeiramente ſe Noſſo Senhor
» naſceo de Noſſa Senhora, e morreo, padeceo, em
» cruz por nos ſalvar: e vereis ſe algum deſtes chriſ-
» tãos são differentes alguma couſa na fé de nós; e
» vede ſe podeis ordenar, que venha comvoſco algum,
» e que vá a Roma ao Padre Sancto.

» Vereis ſuas igrejas, e ornamentos dellas, altares,
» imagens, sanctos: e ſe tem Noſſo Senhor na cruz, e a
» imagem de Noſſa Senhora, e o modo de viver dos
» frades, e clerigos, e trajos, e ſe ha alguns córpos de
» sanctos martyres, e apoſtolos neſſa terra.

» Lhe contareis miudamente todas as coufas do ef-
» tado delRey meu senhor, e da rainha minha senhora,
» pofto que no capitulo atrás vos toque niffo levemente,
» todavia lhe contareis as grandezas de fuas feftas,
» riquezas, atavios de fuas peffoas, e cafa, e a fermo-
» fura de feus paços, em que vivem, e dos gaftos de
» fuas feftas, e thefouro, pedraria, perolas, e joias,
» que tem de defvairadas feições, e da grandeza de fua
» corte, e da gente de cavalo, que continuadamente
» anda nella, e dos embaixadores dos reys feus vizinhos,
» que fempre vem á fua corte: e todas as outras miu-
» dezas, que de vós quifer faber.

» Lhe direis, e contareis como portuguefes são leaes,
» e verdadeiros amigos de feu senhor; e em tal ma-
» neira, que o Xeque Ifmael cobice, e procure amizade,
» preftança, e ajuda delRey meu senhor, e affi queira
» eftar em toda a obrigação, e boa vontade de fazer o
» femelhante, quando por elle, ou polo capitão geral
» da India em feu nome lhe for requerido.

» Lhe contareis do poder, e armada, gente, e armas,
» artelharia, que trago na India, e affi grande fomma de
» artelharia, e grandeza della, que ElRey meu senhor
» tem eu feu reyno, e de como a gente de Portugal
» anda a cavalo, e dos arreios de prata, e ouro, fellas,
» e aparelhos de cavalo que trazem, e bem affi dos
» concertos, e atavios da guerra, e de como os homens
» andam armados, e da feição, e maneira das armas.

» Vos mando, que miudamente vós, e o lingoa que
» levais, leais efte regimento, e vos confirmeis com elle,
» por tal, que não haja ahi differença no contar das
» coufas, mas fempre vos achem conformes com minha
» carta, que lhe efcrevo.

Carta, que o grande Afonso Dalboquerque escreveo ao rey de Ormuz.

MUito honrado rey Ceifadim, Abenadar, rey de Ormuz, em nome do mui alto, e mui poderoſo D. Manuel, rey de Portugal, e dos Algarves daquém, e dalém mar, em Africa senhor de Guiné, e da conquiſta, navegação, comercio de Ethiopia, Arabia, Perſia, e da India, e do reyno, e ſenhorio de Ormuz, e do reyno, e ſenhorio de Goa. Afonſo Dalboquerque capitão geral, e governador da India por ElRey D. Manuel meu senhor, vos envio minhas encomendas. Cá topei hum meſſageiro voſſo, e lhe fiz honra, e gaſalhado por amor de vós: a minha partida de Cochim com a armada delRey era pera ir a eſſa cidade de Ormuz aſſentar feitoria, e deixar ahi eſſes homens, que ElRey ordena. Soube, que os Rumes faziam armada em Goa, eu vim ſobre ella, e a tomei, e os lancei fóra della, e lhes tomei toda ſua armada, e artelharia: ſe lá poder ir invernar, irei: mandei ter muitos mantimentos pera a gente da armada, que he muita: as couſas paſſadas são eſquecidas de mim: eu ſou grande voſſo amigo: lá vai Cogeamir, leva eſſas duas náos delRey meu senhor com mercadorias ſuas, folgaria que foſſe de vós honrado: e aſſi eſſes meſſageiros, que mando com recado delRey ao Xeque Iſmael. Envio-vos minhas encomendas, e a voſſo pai, e a voſſa mãi. Sabei certo que nas voſſas couſas vos ajudarei ſempre como voſſo amigo verdadeiro. Feita em Goa a vinte de Março de 1510.

Chegado Ruy Gomez, e Cogeamir a Ormuz, deram as cartas, e recados, que levavam de Afonſo Dalbo-

querque a Cogeatar, o qual fez grandes gafalhados, e offerecimentos a Ruy Gomez; e depois de lhe perguntar particularmente por Afonfo Dalboquerque como ficava, e polo feito de Goa, mandou-lhe que fe foffe pera a poufada a defcançar dos trabalhos do mar, e que elle o defpacharia logo; mas como Cogeatar eftava ainda no odio paffado contra Afonfo Dalboquerque, affì polo favor, que teve do viforey, como tambem por lhe Duarte de Lemos, que andava por capitão mór daquella cofta, certificar que ElRey D. Manuel não fora contente da deftroição, que era feita naquelle reyno; e porque tambem lhe pefava da nova amizade, que elle queria ter com o Xeque Ifmael, em vez de quitar os direitos ao feu embaixador, affacou-lhe o que quis, e tomou-lhe quanto levava: e a Ruy Gomez ordenou, que o matáram com peçonha. Os criados vendo Ruy Gomez morto, tornáram-fe pera a India, e Cogeamir ficou defcarregando as fuas náos, e fazendo fua mercadoria, e foi-fe caminho da India, e não foi pera Goa, como adiante fe dirá, e por efte cafo não ouve effeito efta embaixada, e depois mandou Afonfo Dalboquerque Miguel Ferreira por embaixador ao Xeque Ifmael com efta mefma inftrucção, que tinha dado a Ruy Gomez, e em feu lugar fe dará rezão de fua ida.

CAPITULO XXIV.

Como o grande Afonſo Dalboquerque mandou Franciſco Pantoja prover a fortaleza de Çacotorá de mantimentos, e o que niſſo paſſou com Duarte de Lemos ſobre huma náo, que tomou no caminho.

Partidos eſtes embaixadores, deſpachou o grande Afonſo Dalboquerque Franciſco Pantoja pera a fortaleza de Çacotorá, porque avia dias que não tinha novas de D. Afonſo ſeu ſobrinho capitão della, com huma náo carregada de mantimentos, e eſcreveo por elle huma carta a Duarte de Lemos, em que lhe dizia, que elle partíra de Cochim com ſua armada, com determinação de ſe ir ajuntar com elle, como lhe tinha eſcrito por Diogo Correa; e ſendo tanto avante como Onor, viera Timoja ter com elle, e polas novas que lhe dera do eſtado em que Goa eſtava, e que ſe podia tomar ſem muito trabalho, nem perigo da gente, mudára o conſelho, e fora ſobrella, e a tomára mais por myſterio de Noſſo Senhor, que por forças humanas, e que a ficava fortificando com determinação de a ſoſter, por lhe parecer muito ſerviço delRey de Portugal ſoſtela; e que acabado de a aſſentar de todo, elle iria com huma groſſa armada comprir o que lhe tinha prometido; e mandou a Franciſco Pantoja, que ſendo caſo que Duarte de Lemos foſſe em Ormuz, que lá foſſe ter com elle, e tendo algum dinheiro das pareas arrecadado, que lho mandaſſe, porque tinha muita neceſſidade delle pera gaſtos, que fazia na fortaleza, porque ElRey D. Manuel lhe mandava que lhe acodiſſe com tudo, e

que a governança de Ormuz eſtiveſſe á ſua obediencia, como veria pela carta, que lhe mandava; e que tambem diſſeſſe a D. Afonſo ſeu ſobrinho, ſe ainda não era partido, que ſe vieſſe logo, porque ElRey mandava que foſſe capitão de Cananor; e Pero Ferreira, que eſtava em Quiloa, ficaſſe por capitão na fortaleza de Çacotorá, como teria viſto pelas provisões, que lhe tinha mandado por Diogo Correa. Partido Franciſco Pantoja, atraveſſando aquelle grande golfão da India pera Çacotorá, topou com huma náo do rey de Cambaya, que ſe chamava Meri, e hia carregada de mercadorias pera Meca, que ſeria de ſeiscentos toneis, e hia por capitão della hum mouro honrado de Cambaya, que ſe chamava Alicão; e poſto que o mouro confiado na muita gente, e boa, que levava, ſe poſeſſe em defender a ſua náo por ſalvar as vidas, e fazenda de todos, com tudo os noſſos a cometêram, e pelejáram tão esforçadamente, que os rendêram, e tomáram-lhe a náo, e com ella ſe foi Franciſco Pantoja direito a Çacotorá, onde achou Duarte de Lemos, que avia poucos dias, que ali era vindo de Melinde com quatro náos eſperar Afonſo Dalboquerque pera entrarem o eſtreito, como lhe tinha mandado dizer, e Pero Ferreira capitão da fortaleza S. Miguel, porque D. Afonſo de Noronha ſe partíra no abril paſſado pera a India. Chegado Franciſco Pantoja, depois de dar ſuas cartas, e recados de Afonſo Dalboquerque a Duarte de Lemos, vendo elle a riqueza da náo, mandou-lhe que a entregaſſe na feitoria, e que ali lhe mandaria dar tudo o que lhe vieſſe de parte a elle, e á ſua gente. Franciſco Pantoja apaixonado deſta força, que lhe Duarte de Lemos fazia, diſſe-lhe, que elle não era da ſua capitanía, ſenão de Afonſo Dalboquerque, que era capitão geral de todas aquellas

partes, e que a elle avia de entregar a náo, e ſobre iſſo lhe fez grandes requerimentos. Duarte de Lemos não deo por iſſo, e reſpondeo-lhe, que elle era capitão mór daquellas partes, e que pois em os ſeus limites tomára a náo, que a elle pertencia mandar arrecadar a fazenda, e partila; e ſem mais o querer ouvir, mandou deſcarregar a náo, e tomou pera ſi toda a parte, que pertencia a Afonſo Dalboquerque, ſem ter nenhum comprimento com Franciſco Pantoja, nem lhe dar nada do que lhe vinha da ſua parte. Feito iſto, vendo que Afonſo Dalboquerque ſe não podia já aquelle anno ajuntar com elle polo ſoceſſo de Goa, determinou de não eſperar mais tempo, e ir-ſe caminho da India, e tambem porque tinha perdido duas náos, e as quatro, que lhe ficavam, eſtavam tão desbaratadas, que não podia fazer nenhum ſerviço a ElRey naquellas partes; e depois de tomar mantimentos, e agoa, deſpedio-ſe de Pero Ferreira capitão da fortaleza, e partio-ſe, levando Franciſco Pantoja em ſua companhia, e a náo Meri; e ſem lhe acontecer couſa no caminho, veio ter a Cananor o derradeiro dia de agoſto, onde achou Afonſo Dalboquerque, que avia poucos dias que era chegado de Goa, como adiante ſe dirá.

CAPITULO XXV.

Do aſſento que o grande Afonſo Dalboquerque fez com Timoja, e com os principaes da terra, ſobre os direitos, que aviam de pagar cada anno, e como a ſeu requerimento mandou fazer moeda.

DEPOIS de Francíſco Pantoja ſer partido, foi-ſe Timoja ao grande Afonſo Dalboquerque com eſſes principaes, e honrados da terra, aſſi mouros, como gentios, e diſſeram-lhe, que pera as couſas de Goa eſtarem na ordem, e coſtume antigo, em que ſempre eſtiveram, era neceſſario ſaberem todos a maneira que aviam de ter no pagar dos direitos; porque depois que o Çabaio fora ſenhor do reyno de Goa, lhos dobrára, de que todos eram muito eſcandalizados, e por eſta cauſa ſe foram muitos gentios viver a diverſas partes; porque antigamente pagavam cento e cincoenta mil xerafins; e que o Çabaio, depois de ſer ſenhor da terra, lhe dobrára iſto, e que eſtavam arreceoſos, que por eſte coſtume, em que os ſua senhoria achava, os obrigaſſe a pagarem eſtes direitos: que lhe pediam por mercê quiſeſſe aſſentar iſto de maneira, que o povo podeſſe viver, e pagar; porque rezão ſeria, pois eram vaſſalos de hum tão grande rey, como era ElRey de Portugal, terem alguma liberdade mais da que tinham, vivendo debaixo do poder do Çabaio, que era tyranno, e máo. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que ſua vinda a Goa não era pera uſar com elles das tyrannias do Hidalcão, ſenão pera os favorecer, e honrar, e dar-

lhe largueza de vida, querendo elles ſer verdadeiros, e leaes vaſſalos delRey de Portugal ſeu senhor; e ſe elles queriam eſtar em eſta obediencia, que elle lhes quitaria em nome delRey os direitos, que lhe o Çabaio novamente tinha poſto, e que pagariam ſómente o que pagavam aos ſenhores do reyno de Goa, ſendo de gentios, e que eſta quita ſeria em quanto elles eſtiveſſem á obediencia delRey de Portugal, e de ſeus governadores da India; e que ſendo caſo que foſſem chamados por qualquer governador da India, e não vieſſem logo, não tendo rezão que dar por ſi, ficaſſem obrigados a pagar os meſmos direitos, que pagavam ao Çabaio. Timoja, e os outros aceitáram em nome do povo as terras, com as condições, que lhe Afonſo Dalboquerque dizia; mas que avia de ſer com lhes dar Tanadar, e gentios, que os governaſſem. Afonſo Dalboquerque lhes diſſe, que elle lhes prometia de não fazer nenhum Tanadar mouro, e que mandaria arrecadar os direitos por portugueſes, com alguns gentios, da terra, que Timoja ordenaſſe, pera ſe tudo fazer com menos opreſſão do povo: e depois de ter aſſentado iſto com elles, mandou-lhe dar juramento ao modo de ſuas gentilidades, que acodiſſem com os direitos a elle, ou a quem quer que foſſe governador da India, e mandou-lhe dar dous pacharins a cada hum, que era coſtume antigo da terra darem-ſe a eſtes gentios. Acabado eſte negocio, deo-lhe licença que ſe foſſem pera ſuas caſas, e começaſſem a pagar os direitos, ſegundo os tombos das terras; e elles pedíram-lhe que lhe nomeaſſe Tanadares (que são como Almoxarifes) pera arrecadarem as rendas, e os terem em juſtiça. Afonſo Dalboquerque polos contentar nomeou-lhes por Tanadar de Cintácora a Bras Vieira, e Gaſpar Chanoca por ſeu escri-

vão; e pera todas as outras Tanadarias lhe ordenou Tanadares todos homens honrados, e criados delRey, em que confiava, que os teriam em juſtiça: e mandou a Timoja, que lhe déſſe a cada hum ſeu eſcrivão gentio, pera lhes moſtrarem o modo, que aviam de ter no arrecadar das rendas, e a cada Tanadar déſſe duzentos piões da terra pera os acompanharem, e fazerem na arrecadação das rendas o que lhe mandaſſem; e pera ordenar eſtas couſas como aviam de ſer, e aſſentalas, mandou João Alvarez de Caminha, que era hum homem muito honrado, e de autoridade, e pera ſe confiar delle outras maiores couſas, e por ſeu eſcrivão Antonio Fragoſo, e hum gentio criado de Timoja, homem de bem, pera lhe moſtrar os tombos das terras por onde partiam pera não aver engano; e João Alvarez de Caminha os ordenou de maneira, que todo o povo ficou muito contente. Os gentios, que eram fogidos de Goa, como ſouberam que Afonſo Dalboquerque lhes quitava ametade dos direitos, que ſohiam a pagar ao Çabaio, e lhes dava ſeus naturaes pera os governarem, tornáram logo a povoar a terra.

Partido João Alvarez de Caminha com todos os Tanadares pera os pôr em ordem nas terras, como levava por ſeu regimento, foi-ſe Timoja com alguns mouros, e gentios principaes da terra a Afonſo Dalboquerque, e diſſe-lhe, que o povo da cidade, e mercadores paſſavam grande detrimento, aſſi no governo della, como no trato das mercadorias, por não aver moeda: que lhe pediam muito por mercê, que a mandaſſe lavrar, porque impoſſivel era poder a terra ſer bem governada ſem moeda; e que devia de mandar alevantar o preço do ouro, e da prata, porque ſe não levaſſe pera fóra. Afonſo Dalboquerque mandou chamar os capitães, e

diſſe-lhes o requerimento, que lhe Timoja, e os mercadores fizeram em nome do povo, que lhe diſſeſſem o que faria. Os capitães, depois de praticarem eſte negocio, aſſentáram todos que ſe lavraſſe moeda. Afonſo Dalboquerque lhes reſpondeo, que bem lhe parecia lavrar-ſe moeda pelas rezões que Timoja dava; mas como era couſa nova, que nunca ſe fizera na India, que elle o não ouſaria de fazer, ſem primeiro eſcrever a ElRey ſeu senhor, pera em iſſo prover como foſſe mais ſeu ſerviço, e com iſto os deſpedio. Paſſados alguns dias, tornou Timoja, e os outros a falar no meſmo requerimento, ſendo os capitães preſentes, pedindo-lhe que mandaſſe lavrar moeda, porque ſe perdia tudo pela não aver, e as mercadorias não corriam, ou déſſe licença que correſſe a moeda do Çabaio. Os capitães ouvindo as rezões efficazes, que Timoja dava, pera ſe lavrar moeda, e os inconvenientes de ſe não lavrar, aſſentáram no que tinham dito em o primeiro conſelho. Afonſo Dalboquerque, vendo que ElRey de Portugal ganhava niſſo credito, fama, e fazenda, e que o reyno era ſeu, aſſentou de a mandar lavrar, e eſcrever-lhe o que niſſo paſſava; e pera ſe fazer como convinha, mandou chamar os ourivezes, e alguns portugueſes que avia, e Timoja, e os homens principaes do povo, e mandou perante ſi lealdar a prata dos mouros, e acháram todos que era juſtamente mercadoura como a noſſa. Feito eſte exame, fez theſoureiro da caſa da moeda Triſtão Déga, e mandou logo lavrar moeda de prata, ouro, e cobre, e que de huma parte lhe poſeſſem huma cruz de Chriſtus, e da outra huma eſpera, (deviſa delRey D. Manuel,) e que a moeda de prata peſaſſe hum bragani, que era moeda dos mouros, que peſava cada huma dous vintens, e poz-lhe nome eſperas; e

fez outra mais pequena, que peſava hum vintem, a que poz nome meas eſperas, e á moeda de cobre poz nome leaes, e á outra mais pequena, que valiam tres hum leal, poz nome dinheiros; e porque a moeda do ouro ſe não levaſſe fóra da terra, mandou que o cruzado valeſſe dezaſete braganis. Aſſentado iſto, começou-ſe a lavrar moeda; e depois de ſer já feita huma fomma della, em doze de março do anno de mil e quinhentos e dez mandou Afonſo Dalboquerque chamar todos os capitães, fidalgos, e cavaleiros, e toda a gente honrada da armada, e todos os principaes mouros mercadores, e chitins gentios, e depois de ſerem todos juntos em huma ſala grande dos paços do Çabaio, em que elle pouſava, que eſtava aparelhada pera iſſo, diſſe-lhes, que elle mandára lavrar moeda de prata, e cobre, como eſtava aſſentado, e que pera ſer notorio a todos, era neceſſario mandar-se apregoar pela cidade, porque aſſi ſe coſtumava fazer nas terras, que os reys ganhavam de novo, que lhe diſſeſſem ſe o faria: todos diſſeram, que lhes parecia bem fazer-ſe, pois não avia outras rezões em contrairo diſſo. Afonſo Dalboquerque com o parecer de todos mandou logo trazer a bandeira real, e as trombetas, e atabales, e ajuntar toda a gente da armada, e a Triſtão Déga, que a foſſe apregoar, e elle ſe foi com toda eſta gente por toda a cidade, e a cada pregão que ſe dava, lançavam muita moeda por cima do povo, que era muito, e foi aſſi neſta ordem correndo toda a cidade. Afonſo Dalboquerque, depois diſto acabado, mandou lançar pregões em nome delRey de Portugal com grandes penas, que nenhuma peſſoa dali por diante tiveſſe moeda do Çabaio em ſua caſa, nem uſaſſe della, e quem a tiveſſe a levaſſe á Caſa da Moeda, e que ali lha trocariam pela delRey de Por-

tugal; e quem o não fizeſſe, encorreria na pena de juſtiça, que lhe elle Afonſo Dalboquerque quiſer dar. O povo ficou muito contente com a moeda, e dali por diante começáram a tratar ſuas mercadorias.

CAPITULO XXVI.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe fez preſtes pera invernar em Goa, e mandou Diogo Fernandez de Béja á fortaleza de Cintácora.

Como o grande Afonſo Dalboquerque tinha aſſentado de ſoſter Goa, e fazer-ſe forte nella, determinou, antes que mais entraſſe o inverno, de ſe prover de todas as couſas neceſſarias pera aquelle negocio, e mandou logo recolher todos os mantimentos, que ſe podeſſem achar, e aſſi todos os cavalos, que aviam na terra, em humas eſtrebarias grandes, que o Çabaio tinha na fortaleza, onde ſe recolhiam antigamente os que os mercadores traziam de Ormuz pera vender, e pera iſſo tinha o Çabaio hum Xabandar, (que he como almoxarife da ribeira,) que tinha cuidado de mandar curar eſtes cavalos, e o povo era obrigado a trazer feno, grãos, e mungo, que he huma ſemente, que lhe dam a comer em abaſtança; e a eſte Xabandar, juntamente com os mouros, que tinham eſte cuidado, mandou Afonſo Dalboquerque que o tiveſſem do provimento deſtes cavalos, e de todo o mais negocio da ribeira, a fim de ir entendendo as couſas de Goa, e o modo de ſuas proviſões, e governo; e porque iſto era já na entrada de Abril, (em que o inverno começa naquellas

partes,) antes que mais entraſſe, quis advertir o rey de Cochim, e o capitão da fortaleza, e officiaes da feitoria, de como determinava de invernar em Goa, e acabar a fortaleza, que tinha começada, e que lhe mandaſſem todas as ſellas que lá ouveſſe, e alguns mantimentos. Franciſco Serrão ſe partio logo em huma caravela, e não tornou mais com recado: parece que o medo o fez não tornar, e dava por deſculpa que por amor dos tempos não podéra; mas Afonſo Dalboquerque não lha recebeo; e paſſadas as couſas de Goa, (tornando a Cochim,) tirou-lhe a capitanía da caravela, e mandou-o prender. Partido Franciſco Serrão, como o lavramento da moeda era pouco, e não podia abranger a pagar os ſervidores, que andavam na obra da fortaleza, nem á armada ſeu mantimento, a cruzado por mes, mandou aos capitães, que cada hum déſſe meſa á ſua gente, e fez iſto por dous reſpeitos: o primeiro, porque tinha muitos mantimentos na cidade, e com elles ſe podia ſoſter eſte gaſto, o que não podia ſer dando hum cruzado por mes á gente, porque os moedeiros não podiam lavrar tanto, que podeſſem ſoprir a tudo: o outro, porque tinha nova da vinda do Hidalcão, e queria ter a gente junta pera qualquer rebate que lhe deſſem. Os capitães enfadados do trabalho, que levavam no fazer da fortaleza, porque cada hum tinha ſeu tempo ordenado pera trabalhar com a ſua gente, deſejoſos de irem ter ſeus prazeres a Cochim, e tambem por ſe eſcuſarem do trabalho, que podiam ter em dar de comer, aconſelháram aos ſeus ſoldados, que não aceitaſſem comerem em ſalas, e que pediſſem os ſeus mantimentos em dinheiro, porque ſabiam que pela muita falta que avia delle, não podiam ſer bem provídos, e com eſta afronta ſeria forçado deixar

Afonſo Dalboquerque Goa, e ir-ſe pera Cochim, que era o que elles pertendiam, e não ſer a gente mal, nem bem provída. E como elle ſoube que o principal amotinador da gente era Jorge da Cunha, e que em ſua caſa ſe ajuntáram Eſtevão Baiam, e Franciſco de Figueiredo, e fizeram rol de muitos homens pera lhe irem pedir que lhe mandaſſe pagar ſeus mantimentos a dinheiro, porque não aviam de ir comer ás ſalas dos ſeus capitães; porque ſe eſte negocio não foſſe mais danando, mandou prender Eſtevão Baiam, e Franciſco de Figueiredo pera os caſtigar. Os que eram neſta conjuração, como os víram prezos, arreceando que lhes fizeſſem outro tanto, deixáram o requerimento, e foram comer ás ſallas dos ſeus capitães, como eſtava ordenado; e porque na devaſſa, que ſe mandou tirar deſte negocio, ſe achou ſer Jorge da Cunha muito culpado, mandou ſoltar os prezos, e a elle reprendeo por iſſo, e por outras muitas couſas que tinha feitas; o qual ficou tão deſcontente das palavras, que lhe Afonſo Dalboquerque diſſe, que dali a poucos dias ſe ajuntou com Jeronymo Teixeira, Luis Coutinho, e Franciſco de Souſa Mancias, que eram todos em huma maça, e foram-lhe pedir licença pera ſe irem pera Cochim; e porque lha não quis dar, dali por diante fizeram-ſe ſempre agravados, e arruſados delle. Afonſo Dalboquerque polos deſejos que tinha de acabar a fortaleza, arreceando a vinda do Hidalcão, diſſimulou com elles, e ſofreo-lhes ſuas couſas; e mandou Diogo Fernandez de Béja com certos navios, e gente, que foſſe concertar a fortaleza de Cintácora, e nella ficaſſe por capitão, porque vindo o Hidalcão, não ſe meteſſem ali alguns turcos, que lhe deſaſocegaſſem a terra. Chegado Diogo Fernandez a Cintácora, achou muita parte da fortaleza

derribada, e deſtroida; e por ſer na entrada do inverno, e não era tempo pera começar obra de novo, ſe tornou pera Goa, e diſſe-lhe o eſtado em que a achára, e que avia miſter muito tempo pera ſe concertar, e por iſſo ſe viera.

CAPITULO XXVII.

Como Mandaloy ſenhor de Condal eſcreveo ao grande Afonſo Dalboquerque a nova, que tinha, da vinda do Hidalcão, e o que elle ſobre eſte recado fez.

EStando as couſas de Goa no eſtado que tenho dito eſcreveo Mandaloy ſenhor de Condal huma carta ao grande Afonſo Dalboquerque, em que lhe dizia, que Balogi ſenhor do caſtelo, e terras de Pervaloy, e do reyno de Sanguiçar, ſe tinha carteado com Roçalcão capitão do Çabaio, e com Melique Rabão ſenhor do Carapetão, e que todos tres tinham mandado ſeus embaixadores ao Hidalcão, pedindo-lhe que lhe mandaſſe gente, pera com a mais que elles tinham, virem ſobre as terras de Goa, e as tornarem á ſua obediencia, e que Balogi, que eſtava já dentro em Banda com muita gente, e que elle eſtava ali com dous mil homens á ſua cuſta, com determinação de defender aquella terra ao Hidalcão, e morrer ſobre iſſo por ſerviço de ſua ſenhoria: que lhe pedia que lhe mandaſſe algum ſocorro de gente, e quem quer que foſſe, elle lhe entregaria logo as terras, que pera ſi não queria mais ſenão alguma couſa que comeſſe em ſua vida. Afonſo Dalboquerque como lhe eſta carta deram, mandou chamar os capitães, e depois de a mandar ler

perante elles, lhes diſſe, que Timoja ſe tinha offerecido pera ir com gente á ſua cuſta ajudar Mandaloy, que lhe diſſeſſem ſe fiaria eſte negocio delle, ou ſe mandaria alguma outra peſſoa de mais reſpeito. Praticado iſto, foram todos de parecer, que devia de mandar hum capitão fidalgo com gente de pé, e de cavallo por terra, e navios por mar pera lhe darem favor. Tomada eſta determinação, ordenou Afonſo Dalboquerque pera eſte negocio Jorge da Cunha com ſeſſenta de cavallo, e alguns béſteiros, e eſpingardeiros, e em ſua companhia mandou Menaique capitão de Timoja, e Melique Çufecondal com quatro mil homens da terra, e Baldrez por lingoa, e a Diogo Fernandez de Béja com tres navios por mar, com regimento, que chegando onde eſtiveſſe Jorge da Cunha, lhe obedeceſſe; e como foram preſtes, partíram-ſe todos, e Jorge da Cunha foi ter á ilha de Divarij, com determinação de ao outro dia pela menhaã paſſar á terra firme: e aquella noite, que foram vinte tres dias do mes de Abril, veio ter com elle hum Canarim com muita preſſa, e diſſe-lhe, que á terra de Banda, e de Condal eram chegados dous capitães do Hidalcão com muita gente, e que ſe dizia que vinham pera entrar a ilha de Goa. Como Jorge da Cunha teve eſta nova, deixou-ſe eſtar, e não conſentio que Melique Çufecondal paſſaſſe á outra banda, e mandou o Canarim com eſta nova a Afonſo Dalboquerque, e elle lho tornou logo a mandar, e eſcreveo-lhe que não foſſe mais por diante, e que ſe deixaſſe eſtar em Divarij, e não deixaſſe paſſar nenhuma gente de Timoja da outra banda da terra firme, ſem ter outra nova mais certa da gente do Hidalcão; e como teve deſpachado o Canarim, mandou Diogo Fernandez adail com doze de cavallo, e Mirale em ſua companhia

com mil piões canarins, e que ſe paſſaſſe á terra firme, e viſſe ſe podia tomar algum lingoa, que lhe déſſe nova certa da vinda do Hidalcão. Diogo Fernandez ſe partio, e por não ſer ſentido, paſſou de noite á terra firme; e indo aſſi, fazendo grande eſcuro, foi dar com a dianteira da gente do Hidalcão, e foi tão de ſupito, que eſteve de todo perdido, e ſalvou-ſe a unha de cavallo, ficando já por detrás muitos piões da terra, que ſe não poderam ſalvar; e quando chegou á cidade, não vinham mais com elle que quinhentos piões, e a gente de cavallo, que comſigo levára, e deo conta a Afonſo Dalboquerque do que paſſára, e como eſtivera de todo perdido, e milagroſamente ſe ſalvára, e que a gente do Hidalcão era muita, e que lhe parecia que faziam roſto pera aquella parte de Benaſtarim, com determinação de aſſentarem ali ſeu arraial. Afonſo Dalboquerque com eſta certeza, que lhe Diogo Fernandez deo da vinda do Hidalcão, mandou chamar os capitães, e diſſelhes, que lhe pedia por mercê, que pois a nova era certa, andaſſem todos armados, e com ſua gente junta; porque avendo algum rebate, eſtiveſſem preſtes pera acodirem onde foſſe neceſſario, e mandou recado a Jorge da Cunha, que ſe recolheſſe pera a cidade; e eſtando niſto, chegou hum meſſageiro de Berſoré rey de Garçopa com huma carta pera Afonſo Dalboquerque, em que lhe dizia, que o rey de Narſinga lhe eſcrevêra, que o Hidalcão lhe mandára hum meſſageiro, aqueixando-ſe dos gentios, que eram ſeus vaſſalos, ajudarem os portugueſes pera lhe tomarem Goa, e principalmente de Timoja, e que ſe iſto não era por ſeu conſentimento, que lhe pedia que o ajudaſſe pera a tornar a ganhar: e que o rey lhe reſpondêra, que avia quarenta annos que os mouros de Deçan lhe tinham tomado o reyno

de Goa, e que agora folgava muito de o ver em poder delRey de Portugal, cujo irmão, e amigo elle era, e que a ajuda que lhe pedia pera a tomar, daria aos portuguefes pera a defenderem; e na mefma carta mandou o rey de Garçopa dizer a Afonfo Dalboquerquer, que elle eftava preftes com fua peffoa, e todo feu reyno pera o fervir contra o Hidalcão cada vez que lhe compriffe, porque defejava muito de ter amizade com elle. Afonfo Dalboquerque defpachou o feu meffageiro, e efcreveo-lhe por elle, dando-lhe muitos agradecimentos polos offerecimentos que lhe fazia, e que efcreveffe ao rey de Narfinga, que elle fe andava fazendo preftes pera pelejar com o Hidalcão, que por iffo lhe não refpondia ao que com elle tinha paffado, que o faria por hum meffageiro, que determinava de lhe mandar.

CAPITULO XXVIII.

Como o grande Afonfo Dalboquerque, com efta nova proveo logo os paffos da ilha de gente, e capitães, e mandou fazer juftiça do Xabandar, pela má informação que teve delle, e do mais que fez.

Paffada efta prática, que o grande Afonfo Dalboquerque teve fobre a vinda do Hidalcão com os capitães, poz-fe a cavallo com a mais gente que pode, e foi correr todos os paffos da ilha pera os prover do que foffe neceffario, e em Benaftarim deixou Garcia de Soufa cóm cem foldados portuguefes, e feis de cavallo, e quatro tiros de artelharia, e bombardeiros

neceſſarios pera iſſo, e encomendou-lhe muito que tiveſſe cuidado de mandar buſcar todas as peſſoas, que paſſaſſem á terra firme, ſe levavam algumas cartas de mouros de Goa de aviſo pera os do arraial do Hidalcão, e dali ſe foi a Goa a velha, e poz nella Jorge da Cunha com ſeſſenta de cavallo, com regimento, que acudiſſe aos outros paſſos avendo neceſſidade: e no paſſo de Augij deixou o cunhado de Timoja, e Mirale com a ſua gente: e no de Gondalij poz Franciſco Pereira, e Franciſco de Souſa Mancias com mil homens da terra, e deixou Jorge Fogaça no paſſo ſecco com vinte homens dos noſſos, e vinte dos da terra, e no de Agacij D. Jeronymo de Lima com quarenta homens portugueſes, e outra gente da terra; e porque em todos eſtes paſſos avia torres feitas do tempo que os reys de Narſinga eram ſenhores de Goa, mandou Afonſo Dalboquerque dar aos capitães artelharia, polvora, e bombardeiros pera ſe defenderem, querendo-os a gente do Hidalcão cometer, e que tiveſſem os bateis das ſuas náos pegados comſigo pera ſe recolherem a elles, ſendo-lhes neceſſario. Poſtas eſtas couſas em ordem, recolheo-ſe pera a cidade, e mandou a D. Antonio de Noronha, que fizeſſe preſtes os bateis, galés, paráos, e alguns navios pequenos com gente, e artelharia pera andar no rio correndo todos aquelles paſſos, e favorecer os noſſos, que nelles eſtavam; e eſtando na ribeira, dando ordem a eſta armada, chegou Dinis Fernandez patrão mór della, e diſſe-lhe, que o Xabandar da ribeira mandára certos paráos polo rio arriba, e por lhe parecer mal, e o tempo ſer de ſuſpeita, lhe diſſera, que os não mandaſſe ſenão pera baixo contra a barra, onde já por vezes tinham ido pelas couſas neceſſarias, e que elle o não quiſera fazer. Afonſo Dalboquerque o man-

dou chamar, e perguntou-lhe, porque mandava os paráos polo rio arriba, pois ſabia que eſtava ali o Hidalcão com muita gente pera entrar a ilha. O Xabandar lhe reſpondeo, que elle não ſabia da vinda do Hidalcão, e que ſe mandava os paráos era pera trazerem o neceſſario pera provimento da cidade, como lhe elle tinha mandado; e porque a deſculpa não foi boa, e teve ſuſpeita delle, que mandava aquelles paráos pera paſſar gente do Hidalcão, mandou-o matar polos ſeus alabardeiros, e lançar no rio. Partido D. Antonio com a armada, que eſtava já preſtes, chegou-lhe recado de Garcia de Souſa, que o Hidalcão era chegado com toda ſua gente, e que tinha aſſentado ſeu arraial defronte de Benaſtarim, e que ſegundo o que tinha viſto lhe parecia que era muita gente. Afonſo Dalboquerque com eſta nova poz-ſe logo a cavallo com todos os capitães, e alguma gente de pé, e foi-ſe a Benaſtarim, e quando chegou era já o Hidalcão afaſtado com o ſeu arraial pera detrás de hum outeiro, porque lhe tinha Garcia de Souſa morto alguma gente com a artelharia. E porque neſte lugar, onde o Hidalcão tinha aſſentado ſeu arraial, eſtava huma meſquita, e caſas, em que ſe os mouros podiam emparar da artelharia da fortaleza, mandou Afonſo Dalboquerque a Garcia de Souſa, que foſſe com a gente que tinha queimar as caſas, e derribar a meſquita, o qual paſſou da outra banda, e deſtrohio tudo, e poz fogo á meſquita, e por ſer ao longo da agua, tornou-ſe a recolher ſem receber damno nenhum dos mouros; e chegado, poz-ſe Afonſo Dalboquerque a cavallo, e foi viſitando todos os paſſos, onde eſtavam os capitães, aviſando-os do que aviam de fazer, e tornou-ſe pera a cidade ordenar ſuas tranqueiras, e tudo o mais que era neceſſario pera defender a forta-

leza, e a cidade, ſe o Hidalcão entraſſe a ilha; e paſſando polo paſſo ſecco, lhe deo Jorge Fogaça, que ali eſtava por capitão, hum moço, que aquella menhaã fugíra do arraial do Hidalcão, o qual era chriſtão natural de Candia, e fora cativo por Camalo capitão do turco, e que hum mercador comprára a elle, e a outros muitos, e os trouxera ao reyno de Decan, e os dera ao Çabaio velho; e que por ſer chriſtão, ſabendo que ali eſtavam chriſtãos, fugíra, e ſe viera pera elles, e que outros dous companheiros ſeus fugíram tambem, e que não ſabia o que era feito delles, e eſte deo muitas novas do arraial do Hidalcão, e da muita gente, que nelle trazia, e como era ſua determinação entrar a ilha por força; e dali a dous dias chegáram os outros dous moços, hum delles era Albanes, o outro da Roxia.

CAPITULO XXIX.

Como o Hidalcão mandou João Machado, e hum venezeano, que lá andavam tornados mouros, com recado ao grande Afonſo Dalboquerque, pedindo-lhe que deixaſſe Goa, e a repoſta que lhe deo.

COmo o Hidalcão teve aſſentado ſeu arraial, parecendo-lhe que ſabendo o grande Afonſo Dalboquerque o poder de gente, que elle trazia, ſem mais pelejar lhe deixaria Goa, pera o tentar, mandou-lhe hum recado por hum portugues, e hum venezeano, que lá andavam tornados mouros, os quaes vieram ter ao paço de Agacij, onde eſtava D. Jeronymo de Lima por capitão, em huma almadia de noite, e

differam-lhe, que elles traziam hum recado do Hidalcão pera o capitão geral da India, que lhe mandaffe pedir feguro pera elle, e pera aquelle feu companheiro, e hum homem, que ficaffe no arraial em arrefens, pera irem falar com fua fenhoria, e poderia fer que vendo-fe, fe feguiria diffo grande proveito pera todos. D. Jeronymo mandou logo recado a Afonfo Dalboquerque, dizendo-lhe o que paffava; e como elle defejava de faber quem era o portugues, que trazia efte recado, mandou-lhe logo feguro, e Baldrez pera ficar no arraial por arrefens, porque fabia muito bem falar a lingoa da terra, e avifou-o que ouviffe as práticas, e a determinação dos turcos, e que não entendeffem nelle que fabia falar outra lingoa fenão portuguefa. Chegado Baldrez, e o feguro, mandou D. Jeronymo o portugues, e o venezeano no feu batel, e vieram-fe nelle á fortaleza o primeiro dia de maio de noite, e por não entrarem dentro, veio-fe Afonfo Dalboquerque efperar á porta, que hia pera o rio, e como chegáram, perguntou-lhes, que homens eram. O portugues lhe diffe, que aquelle feu companhiro era venezeano de nação, e avia muito tempo que andava com o Hidalcão, e que elle fe chamava João Machado, e que viera de Portugal degradado na armada de Pedralvarez Cabral, e ficára em Melinde, e dali fe paffára ao reyno de Cambaya, e por ElRey dar pouco foldo, fe viera ao reyno de Decan, e aceitára vivenda com o Çabayo pai do Hidalcão; e pofto que andaffe em tão errados caminhos, como sua senhoria via, elle era chriftão, e cria verdadeiramente em Jefus Chrifto, e na fua morte, e paixão fe avia de falvar: e fe aceitára o recado do Hidalcão, que lhe trazia, fora pera lhe dar alguns avifos, e dizer-lhe a verdade daquella gente, em cuja compa-

nhia vinha. Afonſo Dalboquerque lhe perguntou, ſe lhe queria falar ſó, ou perante todos os que ali eſtavam. Elle lhe diſſe, que ſó folgaria de lhe falar, e então ſe apartou com elle pera huma parte; e João Machado lhe diſſe, que o Hidalcão deſejava muito ſua amizade polo grande nome, que tinha antre os mouros, e que ſe não agravava de lhe ter tomado Goa, porque ſabia certo que Timoja fizera com os gentios da terra que lha entregaſſem: que lhe pedia muito que lhe deixaſſe a ilha, e as terras de Goa, e que elle lhe daria outro lugar dos ſeus ao longo do mar, qual elle quiſeſſe, pera fazer fortaleza; e não querendo fazer iſto que lhe pedia, que ſoubeſſe certo que ſe não avia de alevantar dali até o não lançar fóra, e que ſobriſſo avia de perder todo ſeu eſtado: e que pois o Hidalcão eſtava neſta determinação, que ſua ſenhoria devia de tomar algum meio pera ſe concertarem, porque era mancebo, e grande ſenhor, e deſejoſo de ganhar honra, e tinha muita gente branca, que naquellas partes era muito eſtimada, e temida, e com ella tinha ſenhoreado muita parte daquelle reyno, e da outra gente da terra teria quanta quiſeſſe; e que tambem o aviſava, que ſe não fiaſſe da gente daquella cidade, porque eram cheios de novidades, e ſe viſſem quatro mouros do arraial dentro da ilha, que logo ſe aviam de alevantar todos contra elle, porque cada dia tinha o Hidalcão cartas dos mouros da cidade, em que lhe diziam que entraſſe, que elles eram ſeus, e por elle aviam de morrer, e que mandaſſe vigiar todos os paſſos da ilha; porque ſoubeſſe certo, que por onde eſtiveſſe mais deſcuidado, o aviam de entrar, e que verdadeiramente lhe parecia que não era poderoſo pera defender a entrada da ilha ao Hidalcão; e que lhe não dizia áquillo, como homem,

que andava em companhia daquella gente, ſenão por lho aſſi parecer, e que elle eſperava em Deos de muito cedo ſe ver em Portugal com ElRey D. Manuel, e darlhe larga conta das couſas daquella terra. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que lhe agradecia muito ſua boa vontade, e aviſos que lhe dera, e que prazeria a Deos, que lhe daria tal conhecimento da verdade, que ſe vieſſe á verdadeira ſalvação; e que diſſeſſe ao Hidalcão, que elle não tomára Goa pera a deixar, porque ella não podia ſer de ninguem, ſenão de quem foſſe ſenhor do mar, que era ElRey D. Manuel ſeu ſenhor, e que folgaſſe de o ter por amigo, porque deſta maneira não ſómente ſegurava ſeu eſtado, mas ainda punha grande temor nos ſeus vizinhos, e que iſto lhe dizia como homem, que era de ſeſſenta annos, e muito uſado nas armas, e elle mancebo, e mal aconſelhado; e ſe a ſua confiança eſtava no ſocorro, que eſperava que lhe vieſſe do grão Soldão, que ſe não fiaſſe niſſo, porque não fora tão pequeno o desbarato, que D. Franciſco Dalmeida fizera nos rumes em Diu, que logo aſſi pudeſſem vir: que lhe pedia muito por mercê, que alevantaſſe aquelle cerco, e ſe foſſe, e lhe largaſſe Dabul, pera nelle fazer huma fortaleza, e que com eſtas condições faria pazes com elle; e que ſe o Hidalcão não eſperaſſe de fazer tudo iſto que lhe dizia, que não falaſſe mais em concerto, porque eſta era a derradeira repoſta, que lhe ſempre avia de dar. João Machado lhe diſſe, que lhe pezava muito de ver eſte negocio de maneira, que ſe não podeſſem avir: que o Hidalcão não avia de fazer tal concerto, porque não partíra da ſua terra com aquelle propoſito; e com eſta repoſta ſe deſpedio, e Afonſo Dalboquerque lhe fez mercê de ſeſſenta cruzados, e ao venezeano de quarenta, e partíram-ſe

no meſmo batel em que vieram, e chegáram ao arraial, e deram a repoſta, que levavam ao Hidalcão, e elle deſpedio Baldrez; e diſſe-lhe, que diſſeſſe a Afonſo Dalboquerque, que ſe eſpantava muito delle não querer aceitar o partido, que lhe mandára cometer: que lhe prometia, que antes de muitos dias elle ſe arrependeſſe muito da repoſta, que lhe mandára. Chegado Baldrez, diſſe a Afonſo Dalboquerque o que lhe o Hidalcão diſſera, e que no ſeu arraial avia muita gente de pé, e de cavallo, e que faziam preſtes muitas jangadas, e ceſtos pera paſſarem nelles á ilha: e que os turcos, que tinham ſuas mulheres, e filhos em Goa, não queriam que o Hidalcão fizeſſe nenhum concerto com elle, porque queriam morrer todos, ou tornarem outra vez a ſer ſenhores de Goa, e que todas ſuas práticas eram, que ſobrella aviam de morrer hum milhão de homens.

CAPITULO XXX.

Como o grande Afonſo Dalboquerque deo conta do recado, que lhe João Machado trouxera do Hidalcão, e do mais que ſobre iſſo paſſára

Desta prática, que o grande Afonſo Dalboquerque teve com João Machado, e com o venezeano, ficou muito enfadado polo que lhe diſſeram dos mouros de Goa, ainda que claramente lho não diſſeſſem; e pera ſe determinar no que niſto faria, mandou chamar Timoja, e deu-lhe conta do recado, que lhe o Hidalcão mandára, e da repoſta, que lhe dera; e depois de ſobre iſſo terem alguma prática, diſſe-lhe, que elle tinha fa-

bido, que alguns mouros principaes da cidade ſe carteavam com o Hidalcão, e que tinham ſuas intelligencias com os rumes, que lá andavam; que lhe rogava que lhe aconſelhaſſe, como amigo, a maneira que teria pera eſte fogo não lavrar. Timoja lhe diſſe, que muitos dias avia que ſe elle não fiava nos mouros, porque os víra ſempre enfadados de verem aquella cidade em poder de portugueſés: que ſeu parecer era, que mandaſſe recolher todas as principaes cabeceiras, aſſi dos mouros, como dos gentios, á fortaleza, porque em tal tempo não ſe avia de fiar de huns, nem doutros. Afonſo Dalboquerque, porque iſto que lhe Timoja diſſe era a tenção com que lho perguntára, reſpondeo-lhe, que lhe agradecia muito aquelle conſelho, que lhe dava, e que pois lhe aſſi parecia, por não aver eſcandalo antre huns, e outros, pois elle governava tudo, que foſſe o primeiro que trouxeſſe ſua mulher, e filhos á fortaleza; porque como os mouros, e gentios viſſem que huma peſſoa tão principal, como elle, e de tanta authoridade o fazia ſem nenhum pejo, podia elle mandar a todos que o fizeſſem. Timoja, poſto que lhe pezou muito do que tinha dito, por elle ſer author deſte negocio, mandou logo vir ſua mulher, e hum filho que tinha, e mette-os na fortaleza. Como Afonſo Dalboquerque lá teve a mulher de Timoja, mandou chamar os principaes mouros, e gentios, que governavam a terra, e diſſe-lhes, que mandaſſem ajuntar todos os mouros, e gentios honrados, aſſi na ilha, como em Goa a velha, e que lhes diſſeſſem da ſua parte, que ao outro dia ſe vieſſem com ſuas mulheres, e filhos metter na fortaleza, porque arreceava que entrando o Hidalcão a ilha, recebeſſem muitas injúrias, e afrontas dos turcos. Os mouros, e gentios, ainda que ſe enfadáram muito deſte

edito de Afonſo Dalboquerque, com tudo, vendo no caſtello a mulher, e filho de Timoja, foram-ſe logo metter dentro com ſuas mulheres, e filhos, e depois deſtes recolhidos, mandou recolher as mulheres, e filhos dos turcos, que andavam no arraial do Hidalcão, e mandou-lhes lá notificar, que ſe dentro em ſeis dias ſenão vieſſem pera a cidade, que lhes avia de cativar ſuas mulheres, e filhos, e perderiam toda ſua fazenda. Fez Afonſo Dalboquerque iſto, porque lhe tinha dado ſeguro, que lhe mandáram pedir pera ſe virem, e era forçado comprir com ſua palavra, e mandar-lho notificar primeiro; e porque os rumes, que andavam no arraial do Hidalcão, não tinham ſeguro ſeu, mandou-lhes tomar as mulheres, e filhos por cativos, com determinação de fazer juſtiça dellas, por ſe ſaber em toda a terra o odio, que os portugueſes tinham á gente do grão Soldão do Cairo, pera nenhum ſenhor da India ouſar de os recolher em ſeus portos, e lugares; e porque Afonſo Dalboquerque ſe não fiava já dos mouros da cidade, nem dos gentios, mandou com grande preſſa muita madeira a Garcia de Souſa, pera que fizeſſe huma eſtancia muito forte da banda da cidade, porque arreceava que por ali lhe entraſſem Benaſtarim, a qual logo fez, e poz nella duas bombardas groſſas, que lhe tinha mandado, e outra artelharia miuda, e ſeu irmão Duarte de Souſa por capitão com gente pera ſe vigiar dos mouros da cidade. E ſendo enformado que o Hidalcão determinava de entrar a ilha polo paſſo de Augij, onde eſtava a gente de Timoja, (que por algumas vezes quiſeram deixar o paſſo, e ir-ſe,) diſſe-lhe, que fizeſſe preſtes quatrocentos homens da gente que fora com Jorge da Cunha, e mandou-os ao paſſo de Augij, onde eſtava a outra gente, e por capitão delles

hum embaixador do rey de Onor, que ali eſtava, de que tinha muita confiança por ſer homem principal, e cavaleiro, não dando a entender a Timoja a cauſa por que o fazia. E tendo Afonſo Dalboquerque todos os paſſos provídos de tudo o que era neceſſario, eſteve aſſi por eſpaço de hum mes cercado, ſendo algumas vezes cometido dos turcos por muitas partes pera entrarem a ilha, e os noſſos ſe defendêram muito valeroſamente, e neſtes rebates matáram alguma gente ao Hidalcão.

CAPITULO XXXI.

Do recado, que Garcia de Souſa mandou de Benaſtarim ao grande Afonſo Dalboquerque: e como foi viſitar os paſſos da ilha, e do mais que paſſou.

Estando os paſſos da ilha neſta ordem que tenho dito, chegou hum pião da terra com huma carta de Garcia de Souſa pera o grande Afonſo Dalboquerque, em que lhe dizia, que a gente do arraial do Hidalcão era muita, e que cada dia lhe vinha de refreſco outra; e que os ſoldados, que eſtavam em guarda dos paços, eram poucos, e ainda que tiveſſem alguma gente da terra comſigo, não era rezão que ſe fiaſſem delles, porque já que foram trédores aos ſeus naturaes, e da ſua feita, que com mais rezão o ſeriam aos chriſtãos; e que pois não tinham gente com que pudeſſem defender a entrada da ilha ao Hidalcão, que lhe parecia que ſua ſenhoria devia de mandar recolher todos os que eſtavam nos paços á fortaleza, porque nella fortificando-ſe muito bem com tranqueiras, ſe podiam valer

do poder do Hidalcão, que ſobre elles vieſſe, e que a armada, que eſtava no rio, abaſtava pera lhe defender a paſſagem, e que aſſi eſtaria tudo a bom recado. Afonſo Dalboquerque andava já tão enfadado do aſſombramento dos capitães, que ſó com o ſeu animo invencivel ſofria as couſas com que lhe cada dia vinham; e reſpondeo-lhe, que guardaſſe elle muito bem Benaſtarim, que tinha a ſeu carrego, e que o deixaſſe fazer, porque ſua determinação era defender a ilha, e o ſertão, ſe foſſe neceſſario, e que não ouveſſe medo, porque elle eſperava na miſericordia de Deos de deſbaratar os imigos, porque eſtamago, e confiança tinha pera tudo. E com eſta repoſta lhe mandou huma bombarda groſſa pera pôr na eſtancia da banda, donde o Hidalcão tinha aſſentado ſeu arraial, com a qual elle fazia muito nojo. Neſte tempo chegou Diogo Fernandez de Béja com a ſua armada, que Afonſo Dalboquerque tinha mandado a Condal, pera ſe ajuntar com Jorge da Cunha, e contou-lhe como toda a terra era chea da gente do Hidalcão; e por não ter nenhum recado de Jorge da Cunha, ſe viera recolhendo, por lhe parecer que teria delle neceſſidade; e em ſahindo do rio, acodíram muitos mouros, e lhe tiráram com eſpingardas, e fréchas. Afonſo Dalboquerque, ſem fazer demora, mandou-lhe que ſe foſſe logo com ſua armada polo rio acima ajuntar com D. Antonio de Noronha, e defendeſſem a paſſagem aos mouros, querendo paſſar á ilha. Tendo iſto feito, cavalgou, acompanhado de alguma gente de cavallo, e de pé, e foi-ſe logo direito a Goa a velha, onde eſtava Jorge da Cunha, (e levou comſigo Melique Çufecondal, que topára no caminho;) e depois de eſtar hum pedaço com elle, encommendou-lhe a guarda daquelle paſſo, e dali foi ao paſſo de Agacij, onde eſtavam

no mar D. Antonio, Fernão Perez Dandrade, Luis Coutinho, e Bernaldim Freire, e outra muita gente com elle, porque ali naquelle paſſo tinha o Hidalcão a maior parte do ſeu arraial; e deſpedindo-ſe delles, lhes diſſe, que lhes pedia por mercê, que tiveſſem boa vigia, e defendeſſem aos mouros, que não paſſaſſem o rio, porque niſto eſtava a ſalvação de todos; e dali ſe foi a Benaſtarim, e eſteve falando com Garcia de Souſa, e contou-lhe como no caminho lhe deſcobríram huns mouros, que Melique Çufecondal eſtava concertado com o Hidalcão, que cometeſſe todos os paſſos da ilha nas jangadas, e paráos que tinha, e que elle ſe alevantaria com toda a gente, e mataria Jorge da Cunha, e ſeus companheiros; e como eſtes foſſem mortos, que correriam todas as eſtancias, e levariam tudo nas mãos, e que o levava diſſimuladamente comſigo a Goa pera o caſtigar. Garcia de Souſa lhe diſſe, que elle ſe arreceára ſempre da gente da terra, porque todos eram como Melique Çufecondal. E que ainda que ſua ſenhoria tomára mal mandar-lhe lembrar que os Chriſtãos eram poucos, e os mouros muitos, que elle lhe ſegurava que polo ſeu paſſo não entraſſe nenhuma gente do Hidalcão, quer em ſua companhia tiveſſe muita, quer pouca. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que verdadeiramente ſua tenção não fora aquella, e que pela muita confiança que tinha de ſua peſſoa, e cavalaria, lhe entregára Benaſtarim, que era o principal paſſo daquella ilha. E depois de eſtar hum pouco praticando com elle, cavalgou, e foi correndo todos os outros paſſos, e chegou á cidade já de noite, e mandou chamar Gaſpar de Paiva alcaide mór da fortaleza, e entregou-lhe Melique Çufe, que o tiveſſe a bom recado com os outros, da qual prizão Melique Çuſe ficou muito agaſ-

tado, porque nunca cuidou que hia prezo. Chegado Afonſo Dalboquerque á cidade, diſſe-lhe Timoja, que Mandaloi ſenhor de Condal, lhe eſcrevêra huma carta, que lhe diſſeſſe, que tanto que ſoubera que o Hidalcão com ſeu arraial eſtava ſobre Goa, ajuntára quatro mil homens, e fora correndo todos os paſſos da ſerra, e que lhe tomára os mantimentos, que vinham pera o ſeu arraial, e que eſtava tres leguas do Hidalcão, que lhe mandaſſe dizer o dia que queria dar nelle, porque a eſſe tempo daria tambem no arraial com a ſua gente, porque em tudo havia de eſtar á ſua determinação. Afonſo Dalboquerque diſſe a Timoja, que lhe eſcreveſſe, que lhe tinha muito em mercê o ſeu recado, e que eſperava em Deos de lhe pagar os deſejos, que tinha de ſervir a ElRey de Portugal, com o fazer grande ſenhor nas terras do Hidalcão em ſeu nome; que ſe deixaſſe eſtar, porque quando foſſe tempo, elle lhe mandaria recado do que havia de fazer.

CAPITULO XXXII.

Como o Hidalcão entrou a ilha de Goa polo paſſo de Agacij, e foi cometer a cidade, e o grande Afonſo Dalboquerque ſe recolheo ao caſtelo com toda a gente, e do mais que paſſou.

VENDO o grande Afonſo Dalboquerque que a determinação do Hidalcão era entrar-lhe a ilha de Goa, ſem nenhum receio da armada, que tinha no rio, com muita gente, e artelharia, aſſentou que iſto não podia ſer, ſenão confiado nas intelligencias, que tinha com os mouros da cidade, como lhe João Machado

tinha dito; e tendo já alguma ſuſpeita de certos mouros honrados da terra, que ſe carteavam com alguns parentes, que tinham no arraial dos imigos, tanto que chegou á cidade, mandou fazer juſtiça delles; e como Afonſo Dalboquerque ſe arreceava muito do paſſo de Augij, pola ſuſpeita que tinha da gente de Timoja, mandou a D. Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, que eſtava por capitão mór da armada no rio, que eſtiveſſe naquelle paſſo, e que ſe vigiaſſe muito bem. O Hidalcão, como teve as jangadas feitas, huma ſeſta feira dezaſete de maio, fazendo grande tormenta, (por ſer inverno,) mandou paſſar trezentos turcos da terra firme á ilha polo paſſo de Augij; e porque a tempeſtade da noite, e o eſcuro foi grande, deſcuidou-ſe D. Antonio de mandar chegar as galés bem a terra, e tiveram os turcos tempo de paſſarem ſem ſerem ſentidos, e tornáram logo nas meſmas jangadas, e em outras, que já tinham feitas, e embarcariam ſetecentos turcos, e começáram a paſſar; e por ſer quaſi menhaã, foram ſentidos de dous bateis noſſos, que eſtavam mais á terra, e deram rebate a D. Antonio, o qual acudio logo com todos os navios, e ás bombardadas metêram as jangadas no fundo, e trouxeram todos os turcos á eſpada, que não eſcapáram, ſenão tres, que fugíram. Sentio o Hidalcão a morte deſtes turcos polo muito que lhe cuſtava avelos em ſua terra; e neſte tempo que D. Antonio andava ás lançadas com eſtes turcos, começáram a paſſar dous mil da outra banda por huns eſteiros de vaſa, todos enlameados, ſem ſerem viſtos dos noſſos, pela occupação que tinham. Menaique, capitão de Timoja, que eſtava em Goa a velha com Jorge da Cunha, ouve viſta dos turcos, e ſendo já muita parte delles paſſados, foi-os cometer a cavallo com duzentos

piães da terra, que o quiſeſſem ſeguir. Os turcos deixáram-ſe eſtar quedos, e Menaique, como chegou a elles, deo-lhes na dianteira, e antes que ſe deſenlameaſſem, matou trinta, ou quarenta; e como ſe começáram ajuntar, e elle ſe viſſe mal ſocorrido de Jorge da Cunha, recolheo-ſe, e foi-ſe pera Goa, e levou as cabeças daquelles que matára. A gente de Timoja, que ficava no paſſo, como víram os turcos, foram-ſe ajuntar com elles, e todos juntos corrêram a Benaſtarim, onde eſtava Garcia de Souſa, e entráram-lhe as eſtancias, e tomáram-lhe o camelo, que nellas tinha, e huns berços, e matáram-lhe ſeu irmão, e quatro, ou cinco homens, e poſeram fogo ás eſtancias. Garcia de Souſa como vio que ſe não podia valer dos turcos, recolheo-ſe a hum paráo que tinha, e foi-ſe pera Goa. Franciſco de Souſa Mancias, e Franciſco Pereira Coutinho, que eſtavam no paſſo de Gondalij, como os turcos chegáram, largáram a torre com quatro bombardas, e recolhêram-ſe ao batel por huma eſcada, e vieram-ſe pera a cidade. Vendo Jorge da Cunha o deſbarato dos noſſos, e que os turcos tinham entrado a ilha por muitas partes, veio-ſe recolhendo com a gente de cavallo, já muito pela eſquentada, e matáram-lhe tres homens de cavallo. Como Afonſo Dalboquerque ſoube que Jorge da Cunha vinha poſto em desbarato, mandou Diogo Fernandez Adail com vinte de cavallo, e cincoenta homens de pé, que lhe foſſe dar coſtas, e os recolheſſe, o qual o fez aquelle dia, como muito valente cavaleiro que era, e niſto, e tudo o mais em que ſe achou, deo ſempre muito boa conta de ſi; e depois de Diogo Fernandez ido, poz-ſe a cavallo, e veio-ſe á praça com cincoenta homens armados pera ver ſe podia aquietar o grande alvoroço, que avia nos mouros, depois dos

turcos terem entrado a ilha. E os mouros, como homens, que tinham já as coſtas quentes, como víram Afonſo Dalboquerque, foram-no cometer. Vendo elle que lhe hiam perdendo a vergonha, pera ſe melhor poder valer delles, mandou pôr fogo á cidade em quatro partes, e com a gente que tinha deo nelles, e todos os que achou pelas ruas trouxe á eſpada, ſem dar vida a nenhum; e depois de lhe ter dado hum bom caſtigo, deixou-ſe andar por toda a cidade com toda a gente, e indo aſſi por huma rua vio Timoja, que ſe vinha tambem recolhendo, perſeguido de alguns turcos, que vinham já pegados nelle, e como os vio, remeteo a elles, e polos em desbarato de maneira, que o largáram. E ſe ſe Afonſo Dalboquerque ali não achára, Timoja, e alguns capitães ſeus, que com elle vinham, ſe perdêriam, com que o Hidalcão mais folgára, que de tomar a cidade. A eſte tempo eram já tantos os mouros do arraial do Hidalcão dentro na cidade, que foi neceſſario a Afonſo Dalboquerque recolher-ſe com toda a gente á fortaleza, ſendo já trinta dos noſſos mortos, e muitos feridos. E não cuſtou iſto tão pouco ao Hidalcão, que da ſua gente não ficaſſem eſtirados por eſſas ruas mais de dous mil. Entrando Afonſo Dalboquerque na fortaleza, vio os noſſos tão cheios de temor, da muita gente que o Hidalcão comſigo trazia, que os começou a esforçar: e ao outro dia pela menhaã chegou D. Antonio de Noronha nas galés, e bateis, em que andava no rio, e com ſua vinda tomáram os noſſos algum esforço, e Afonſo Dalboquerque mandou logo Jorge da Cunha com duzentos homens nos bateis, que foſſe á ribeira, e queimaſſe as náos que eſtavam em eſtaleiro, e o armazem; e porque acodíram muitos mouros á ribeira, não pode Jorge da Cunha queimar

mais que quatro, e as cafas do armazem, onde ſe queimou muita enxarcea, e todo o aparelho da ribeira, e tornou-ſe a recolher; e ao outro dia pela menhaã entrou o Hidalcão com toda a gente do ſeu arraial dentro na cidade com tantas gritas, e tangeres, que era couſa de eſpanto ouvilos.

CAPITULO XXXIII.

Como o grande Afonſo Dalboquerque determinou de ſe fazer forte na fortaleza, e ſoſtela: e do que paſſou com os capitães ſobre iſſo, e do recado, que lhe o Hidalcão mandou por João Machado, e o que niſſo paſſou.

Recolhido o grande Afonſo Dalboquerque com toda a gente á fortaleza, mandou aos capitães que tomaſſem eſtancias no muro, com determinação de ſe fazer forte nella, e defender-ſe do Hidalcão, até lhe vir ſocorro de Cochim, polo qual determinava de mandar; e pera ſe determinar em o que faria, mandou ajuntar os capitães, e diſſe-lhes, que pois o Hidalcão tinha entrado a ilha, e eſtava em poſſe da cidade, e a culpa era de todos, que ſeria bom emendarem o deſcuido, que niſſo tiveram, com ſoſterem aquella fortaleza; porque além de ella ſer em ſi tão forte, que Rodes lhe não tinha nenhuma aventajem, eſtavam nella mil homens portugueſes, que defendendo-ſe bem, não baſtava todo o poder do Hidalcão pera os entrar, e que neſte tempo mandaria por ſocorro a Cochim. Os capitães lhe reſpondêram, que a culpa de o Hidalcão ter entrado a ilha, e eſtar em poſſe da cidade, não era por

falta de esforço, nem descuido que nelles ouvesse, senão polos mouros serem muitos, e elles poucos; e que quanto era a querer defender a fortaleza, e sostela, que não devia de cuidar nisso, porque elles não eram poderosos pera se poderem defender do poder, que o Hidalcão ali tinha: que se devia de recolher ás náos, e segurar sua armada, porque nella estava toda a segurança da India; e deste parecer foram todos os capitães, senão D. Antonio de Noronha, e Gaspar de Paiva alcaide mór da fortaleza, que disseram, que não devia de deixar a fortaleza, mas antes segurala, e sostela até ver a determinação do Hidalcão, porque elles estavam com as costas no rio, e que cada vez que quizessem se podiam recolher, sem lhe fazerem nojo. Afonso Dalboquerque, porque sua determinação era fazer-se forte na fortaleza, e defendela, não quiz dizer seu parecer, e deixou a cousa assi, sem tomar concrusão, e disse, que viriam os outros capitães, que ali faltavam, e que então assentaria no que devia de fazer. Os capitães estavam tão assombrados, que não ficáram contentes de se dilatar este negocio, e cada hum per si se foi a elle, e requerêram-lhe por muitas vezes, que se recolhesse ás náos, e deixasse a fortaleza, e elle dissimulou sempre com elles, até que hum dia se ajuntáram todos, e disseram-lhe, que se recolhesse, porque não era tempo pera esperar mais, e que quando o não quisesse fazer, que elles determinavam de se recolher, e deixarem-no. Afonso Dalboquerque, receoso que o temor que tinham, lhe fizesse fazer algum máo recado, mandou a D. Antonio de Noronha seu sobrinho, que se fosse á porta da fortaleza, que hia pera a ribeira, e não consentisse que sahisse ninguem pera fóra, nem se bolisse dali, sem lhe primeiro ver o rosto, ou hum certo sinal, que lhe tinha

dado. Vendo-ſe Afonſo Dalboquerque em tanto trabalho, que pera aver de ſoſter a fortaleza lhe era forçado guardala dos mouros, e dos chriſtãos, e que as differenças, que avia antre elles, podia o Hidalcão ſaber por dous homens eſtrangeiros da armada, que o dia de antes ſe lançáram com elle, e com qualquer rebate que lhe déſſe haviam todos de deixar as eſtancias, determinou comſigo ſó de ſe recolher ás náos, por não perder a artilheria, que tinha em terra, e mandou Manuel Fragoſo em huma fuſta ſecretamente de noite ſaber o rio como eſtava, porque lhe era dito que os mouros tinham dado fundo a duas náos malabares, carregadas de pedra, na volta que o rio fazia abaixo da ribeira, pera o intupirem, por ſer ali mais eſtreito. Partido Manuel Fragoſo, mandou Jorge da Cunha dizer a Afonſo Dalboquerque, que João Machado chegára á ſua eſtancia, e lhe diſſera, que lhe queria falar: elle perguntou aos capitães o que faria, e todos elles foram de parecer que lhe não falaſſe, porque não era já tempo pera andar em concertos, ſenão pera ſe recolherem. Afonſo Dalboquerque, porque ſe não aventurava niſſo muito, por cima diſſo quiz-lhe falar; e porque João Machado não viſſe o deſarranjo, e aſſombramento dos noſſos, não quiz que entraſſe na fortaleza, e mandou a Antonio da Coſta, que foſſe no ſeu batel por elle, e o levaſſe á galé de Simão Dandrade, e elle poz-ſe a cavallo, e veio ter á porta da cidade, onde a galé eſtava; e eſtando aſſi, chegou João Machado, já muito de noite, e diſſe-lhe, que elle deſejára ſempre de ſe ſua ſenhoria concertar com o Hidalcão, e que via as couſas irem muito polo contrario do que elle queria; e que pois aſſi era, e ſua ſenhoria não pudéra ſuſter a ilha contra o poder do Hidalcão, menos poderia de-

fender a fortaleza, porque no ſeu arraial avia muita gente, e muitos petrechos pera a combater, e por aqui lhe diſſe outras muitas couſas; e eſtando aſſi falando com João Machado, veio Franciſco de Souſa Mancias, e deſatentadamente diſſe, que fazia, que os mouros entravam a fortaleza, e que os capitães lhe mandavam dizer que ſe recolheſſe; e não no querendo fazer, que deixariam as eſtancias. Afonſo Dalboquerque ficou tão agaſtado de lhe dizer aquillo perante João Machado, a quem ſe elle eſtava vendendo, e zombando dos biocos que lhe fazia, que ſe alevantou muito apaixonado, e diſſe-lhe:

Como, Franciſco de Souſa, tanto deſejais de entregar eſta fortaleza aos Turcos? ora ide, e entregai-lha, e fazei o que quizerdes.

Franciſco de Souſa como deſejava de ſe ver já fóra do perigo, em que eſtava, em chegando a D. Antonio de Noronha, diſſe-lhe, que ſeu tio mandava que largaſſe a fortaleza, e ſe recolheſſe. D. Antonio eſquecido do que lhe ſeu tio tinha dito, e confiando-ſe no que lhe Franciſco de Souſa dizia, mandou logo pôr o fogo a huma tercena. Como eſta nova correo pelas eſtancias, veio a noſſa gente de roldão á porta da ribeira pera ſe embarcar. Ouvindo Afonſo Dalboqueque o rumor dos noſſos, cuidando que foſſem mouros, por ſer de noite deſpedio João Machado, e meteo-ſe em hum parão, e acudio á porta da ribeira, e achou o roldão da gente, que ſe vinha recolhendo á ribeira pera embarcar, e felos tornar atrás, e diſſimulou, porque tinha mais culpa D. Antonio de Noronha ſeu ſobrinho no que fez, que Franciſco de Souſa no que lhe diſſe. Acabado de recolher, chegou Manuel Fragoſo, que elle tinha mandado ver o rio, e diſſe-lhe, que os

mouros tinham lançado huma náo Malabar carregada de pedra no canal do rio, e que a agua, que vinha das ſerras, era tanta, e corria com tanta furia pera baixo, que abrir o canal por outra parte muito mais alto.

CAPITULO XXXIV.

Como o grande Afonſo Dalboquerque deixou a fortaleza, e ſe foi embarcar: e como o Hidalcão entrou nella, e o que fez.

Vendo o grande Afonſo Dalboquerque eſtas couſas ſem remedio, deſcontente da fraqueza dos capitães, tendo confiança que não deixariam a fortaleza ſenão por ſeu juſto preço, determinou de ſe recolher ás náos, e mandou a D. Antonio de Noronha, que fizeſſe embarcar toda a artelharia, aſſi a dos mouros, que tinha tomada, como a noſſa, e todos os mantimentos que pudeſſe, e as mulheres, e meninos, e mercadores, que eſtavam na fortaleza; e como tudo foi recolhido, mandou a Gaſpar de Paiva alcaide mór da cidade, que ſe foſſe á fortaleza, e mandaſſe cortar a cabeça a Melique Çufecondal, e a cento e cincoenta mouros principaes da cidade, que em ella tinha mandado recolher, pelo que lhe João Machado tinha dito, e decepar as pernas a todos os cavallos, que eſtavam nas eſtrebarias, e puzeſſe fogo ás tercenas, onde ſe queimáram todas as couſas, de que ſe os mouros podiam aproveitar. Feito eſte negocio, diſſe Afonſo Dalboquerque aos capitães, que cada hum com a ſua gente ſe recolheſſe, porque elle queria ficar por derradeiro. Os noſſos deſejoſos de ſe verem fóra do perigo, em que ſe viam,

foi tão grande a preſſa, e o deſarranjo ao embarcar, que ſe fora de dia, qualquer gente dos imigos que acudíra os desbaratára. Afonſo Dalboquerque, como todos foram embarcados, recolheo-ſe ás náos huma ſeſta feira ante menhaã, aos vinte dias do mez de maio do anno de dez, e mandou fazer toda a armada á véla, e foi-ſe polo rio abaixo ancorar defronte da fortaleza de Pangij, por ſer ali o rio mais largo, e eſtarem ſeguros de ſe poder tapar com nenhuma couſa, com fundamento de eſperar ali até a barra dar jazigo pera ſahirem de fóra. Franciſco de Souſa Mancias, que foi o primeiro, que ſe fez á véla, foi logo de golpe demandar a barra pera ſe botar de fóra, ſem mais determinação, nem mandado de Afonſo Dalboquerque, o qual como o vio ir, mandou após elle Diogo Fernandez de Béja na galé, e ſelo tornar, e em chegando, o reprendeo muito de cometer ir-ſe ſem ſua licença, e tirou-lhe a capitanía da náo, de que elle ficou mui deſcontente. O Hidalcão, como vio a noſſa armada partida, mandou hum bargantim que foſſe á viſta della, e viſſe ſua determinação, e elle entrou dentro na fortaleza com todos os turcos, e rumes, com grande prazer, grandes gritas, e tangeres, moſtrando grande contentamento de acabar couſa, que elle tanto deſejava; e entrando dentro no caſtelo, que vio na praça delle todos os mouros principaes da terra degollados, ficou mui triſte, e foi o pranto tamanho em todos aquelles, que hiam com elle, que o Hidalcão ſe agaſtou muito por ver tanta triſteza em huma cidade, que elle tomára com tanto prazer. Os turcos, e rumes tambem por ſua parte, como ali não acháram ſuas mulheres, e filhos, ficáram muito anojados, porque com eſta eſperança ſofrêram muitos trabalhos em a entrada da ilha; e

Retrato do autor dos *Comentarios* (busto coevo, do palácio da Bacalhôa).

eſtando o Hidalcão neſta triſteza conſolando os pais, filhos, e parentes daquelles, que ali eram mortos, chegou o capitão, que elle mandára no bargantim, e diſſe-lhe, como a armada dos frangues ſurgíra toda defronte da fortaleza de Pangij, e que lhe parecia que ſeu fundamento era fazer ali aſſento; porque huma náo, que fora demandar a barra pera ſahir de fóra, mandára o capitão mór huma galé após ella, e a fizera tornar pera dentro. Como o Hidalcão iſto ſoube, temendo-ſe que Afonſo Dalboquerque tomaſſe Pangij, e ſe fizeſſe forte nelle, polo entreter, pera neſte interim poder prover a fortaleza, mandou logo João Machado no meſmo bargantim, que lhe foſſe falar em pazes; e como o deſpedio, fez preſtes hum capitão com quatrocentos turcos, e dous mil piães da terra, e artelharia, e todas as monições neceſſarias, e mandou-o á fortaleza de Pangij pera a guardar, e que fizeſſe todo o mal que pudeſſe á noſſa armada, de maneira, que foſſe forçado alevantar-ſe, e irem-ſe, ou fazer algum concerto com elle. Como João Machado chegou, falou logo nas pazes, e depois de muitas práticas, que ſobre iſſo tiveram, diſſe-lhe Afonſo Dalboquerque, que no tempo, que elle tinha a fortaleza de Goa, logo elle aſſentára com o Hidalcão qualquer paz, e amizade; mas pois era fóra della, que não faria nenhum concerto, ſem lhe primeiro entregar Goa, e todas ſuas rendas, e pagar certo tributo a ElRey Dom Manuel das terras, que tinha tomado aos indios, e fazer-ſe ſeu vaſſalo, e tomar ſua bandeira, e que lhe avia de dar Dabul pera nelle fazer fortaleza; e que ſe iſto fizeſſe, aſſentaria paz com elle, porque Goa era delRey de Portugal, e ſempre o avia de ſer. João Machado ſe foi com eſta repoſta, e ao outro dia pela menhaã tornou logo o Hidalcã ao

mandar pedir-lhe arrefens pera irem dous turcos homens principaes a falar com elle. Afonſo Dalboquerque mandou D. Antonio de Noronha em huma galé falar com os turcos, junto da fortaleza de Pangij, e Diogo Fernandez de Béja pera eſtar em terra por arrefens. Chegado Dom Antonio, mandou Diogo Fernandez a terra, e os dous turcos vieram á galé falar com elle, e eſtiveram todos tres praticando hum bom pedaço, ſem tomarem concrusão em nada; (e na verdade elles a não queriam, ſenão dilatar o negocio, pera proverem a fortaleza de Pangij, como fizeram;) e em ſe deſpedindo de D. Antonio, faláram-lhe em reſgate das mulheres, e filhos dos turcos, e rumes, e D. Antonio os deſenganou, que por nenhum preço do mundo lhas aviam de dar; e aſſi foi, porque dali as levou Afonſo Dalboquerque comſigo, e na ſegunda tomada de Goa as fez chriſtans, e caſou, como em ſeu lugar ſe dirá. Partidos os turcos, recolheo D. Antonio a Diogo Fernandez, e veio-ſe pera as náos, e deo conta a ſeu tio do que paſſára, e Diogo Fernandez lhe diſſe, que lá em terra, onde eſtivera, lhe diſſeram os turcos muitas rebolarias em italiano, e em caſtelhano. Como a noſſa gente ainda eſtava aſſombrada do negocio paſſado, vendo que D. Antonio não tomára concrusão com os turcos, avendo que tudo era perdido, foram-ſe a Afonſo Dalboquerque, e fizeram-lhe grandes requerimentos, que ſe ſahiſſe pela barra fóra, ſabendo todos mui bem que eſtavam na força do inverno, e não era tempo pera ir demandar nenhuma barra da India.

CAPITULO XXXV.

Do conſelho, que o grande Afonſo Dalboquerque teve ſobre ſe ſahiria pela barra fóra, e o que niſſo paſſou: e como mandou Fernão Perez Dandrade, que ſe perdeo.

O GRANDE Afonſo Dalboquerque, pera pacificar eſte alvoroço, em que os capitães traziam metido toda a gente, e por lhes tirar o aſſombramento que tinham, mandou-os chamar, e os meſtres, e pilotos das náos; e depois de ſerem todos juntos, diſſe-lhes, que ſe eſpantava muito delles, pois ſabiam que não era tempo pera ſahir pela barra fóra, andarem amotinando a gente pera lhe fazerem requerimentos que ſe foſſem, que ali eſtavam todos aquelles meſtres, e pilotos, que ſe elles diſſeſſem que lhes parecia bem fazelo, que elle o faria. Os capitães, como deſejavam de ſe ir, começáram logo cada hum per ſi a dizer, que o tempo eſtava bonança pera ſahirem pela barra fóra, e que foſſe invernar a outra parte, porque tinha muito poucos mantimentos, e que naquellas ilhas não tinham maneira pera os poderem aver, porque tudo o Hidalcão tinha atalhado; e que quando o tempo não conſentiſſe irem demandar Cananor, ou Cochim, que podediam invernar em Anjadiva; e por aqui foram dando outras muitas rezões, conforme a ſeus intentos. Os meſtres, e pilotos diſſeram, que elles eſtavam ali em hum lugar muito largo, e eſpaçoſo, onde tinham ſuas náos mui bem amarradas, e que lhe não podiam os da cidade fazer nenhum nojo; e que [se] iſto aſſi não foſſe, a barra andava de maneira, que hum barco, por muito

pequeno que fosse, não podia sahir por ella; e dado caso que podessem sahir sem perigo, não tinham onde pudessem invernar; porque Anjadiva, onde elles diziam, não era capaz de tantas náos, e tamanhas poderem estar naquelle tempo ali; e em tres, ou quatro conselhos, que tiveram sobre este caso, sempre os pilotos, e mestres foram deste parecer, e a maior parte dos capitães polo contrairo, e sobre isso lhe faziam muitas falas, e diziam-lhe, que toda a gente da armada se escandalizava delle, e clamavam, que os queria matar ali todos de fome; e outras muitas cousas diziam, que calo por não culpar os mortos, nem envergonhar os vivos. Vendo Afonso Dalboquerque, que por cima do parecer dos pilotos, e mestres os capitães eram mal sofridos nos trabalhos, e não lhes lembrava que não estava o seu governador fóra delles, determinou de aventurar o navio S. João, e mandou Fernão Perez Dandrade, que era capitão delle, que fosse a Anjadiva, e com o primeiro tempo lhe trouxesse todos os mantimentos que pudesse achar, e a Timoja que fosse em sua companhia com hum par de fustas das suas por esses portos, e trouxesse alguns; e como foram prestes, partíram, e foram demandar a barra; e porque o tempo era muito, e o mar grosso, sorgíram da barra pera dentro, e estiveram ali toda aquella noite, e ao outro dia pela menhaã, que o tempo abonançou, determinou Fernão Perez, por conselho do seu piloto, de botar de fóra. Timoja como o vio nesta determinação, disse lhe, que se não desamarrasse, porque ainda que o tempo fosse bonança, não era ensejo pera sahir, e que se o fizesse, que se perderiam. Fernão Perez Dandrade, como desejava de fazer o que lhe mandáram, não deo polo conselho de Timoja, e levou suas ancoras, e foi

demandar a barra, ſendo hum quarto de agua por vaſar; e porque a agua do monte corria muito, e o vento acalmou, acoſtou o navio a hum baixo, onde ſe perdeo, e por ſer velho, desfez-ſe logo todo. Afonſo Dalboquerque vendo o navio perdido, mandoù-lhe acudir com os bateis, e ſalváram toda a gente, e artelharia, e todos os aparelhos delle. Quando os capitães víram como ſe o navio perdêra, pareceo-lhes então bom o conſelho dos meſtres, e pilotos, e ali eſteve a noſſa armada muitos dias paſſando muitos trabalhos.

CAPITULO XXXVI.

Como o capitão, que eſtava em Pangij, começou a tratar mal as noſſas náos com artelharia: e do que o grande Afonſo Dalboquerque paſſou com os noſſos ſobre iſſo, e como não quiz tomar o preſente, que lhe o Hidalcão mandava.

O Hidalcão, como vio que o grande Afonſo Dalboquerque não reſpondia a propoſito ſobre ſeus concertos, apreſſou-ſe mais a mandar o capitão, e gente, que tinham ordenado pera Pangij, o qual como foi na fortaleza, mandou logo tirar ás noſſas náos com a artelharia, e fazia-lhes muito nojo com ella; e dia ouve, que lhes metêram dentro cincoenta pilouros de bombarda groſſa, a fóra outros de miuda. A gente andava tão aſſombrada, e deſconfiada diſto em que ſe viam, que lhes parecia, que com jangadas lhes aviam os mouros de tomar as náos, de maneira, que não ouſava Afonſo Dalboquerque de os tirar deſte medo

com reprensões, polos não meter em defefperação; mas antes quando lhe vinham aconfelhar o que avia de fazer, pera fe falvar do perigo em que eftava refpondia, que lhe parecia muito bem o que diziam, e que elle o faria logo, e dali fe hia meter na fua camara, e olhava pera o ceo, e pedia a Deos perdão de fuas culpas, porque aquelle affombramento da gente não podia fer medo, fenão peccados feus, pois tinha o Cirne, e Frol de la mar, que eram duas náos tão poderofas, que ellas fós baftavam pera fe defenderem do poder do Hidalcão. Com afte affombramento, que a gente tinha, fugíram dous homens darmas pera os mouros, e differam ao Hidalcão a fortuna, em que os noffos eftavam, e os muitos doentes, que avia na armada, e como a fua artelharia fazia muito nojo nas noffas náos; e que era a fome tamanha entre elles, que por falta de mantimentos comiam todos os ratos, que avia nas náos, e tiravam os couros das arcas encouradas, e comiam-nos cofidos, e que cada dia faziam grandes requerimentos ao capitão mór, que fe fahiffe daquelle rio. O Hidalcão, porque Afonfo Dalboquerque não queria fazer nenhum concerto com elle, não deo muito credito a ifto, que lhe os dous chriftãos differam; e pera fe certificar fe era verdade, determinou de lhe mandar hum prefente de carneiros, e gallinhas, e outros refrefcos da terra; e partido o mouro em hum barco com o prefente, veio-fe á náo de Afonfo Dalboquerque com huma bandeirinha branca, o qual como vio o barco com aquellas coufas que trazia, entendeo logo que feria dizerem os mancebos, que fugíram, ao Hidalcão, a neceffidade em que eftavam; e elle por fe mais certificar do que paffava, mandava aquelle prefente; e pera lhe pagar na mefma moeda, mandou deter o mouro a

bordo da náo, e diſſe ao meſtre, que mandaſſe cerrar huma pipa polo meio, e que a puzeſſe chea de vinho no convés, e todo o biſcouto que ouveſſe em huma véla, (o qual era pouco, e tinha-o guardado pera os doentes;) e como teve iſto aparelhado, mandou entrar o mouro, e chegado onde Afonſo Dalboquerque eſtava, diſſe-lhe, que o Hidalcão ſeu ſenhor tinha ſabido a muita neceſſidade, em que eſtava por falta de mantimentos; e porque elle deſejava de ſerem amigos, e de ter paz, e amizade com ElRey de Portugal, como por muitas vezes lhe mandára dizer, lhe mandava aquelle refreſco; e tendo neceſſidade de mantimentos, lho mandaſſe dizer, que tudo lhe mandaria; porque ainda que antre elles ouveſſe guerra, elle lha não queria fazer por fome, ſenão com a eſpada na mão. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que diſſeſſe ao Hidalcão, que lhe tinha muito em mercê a lembrança que tinha delle, que não era ſeu coſtume tomar preſentes de ſeus imigos no tempo da guerra; e que quanto era aos mantimentos que lhe mandava offerecer, que na ſua armada avia tanto biſcouto, e vinho, qve eſtavam as náos todas daquella maneira que via, ſem aver quem lançaſſe mão delle. O mouro com eſta repoſta de Afonſo Dalboquerque tornou a levar o preſente que trouxera, e diſſe ao Hidalcão o que víra, e o que paſſára com elle.

CAPITULO XXXVII.

O confelho, que o grande Afonfo Dalboquerque teve pera cometer a fortaleza de Pangij, e como a entrou, e do eftrago, que fez nos mouros.

VENDO o grande Afonfo Dalboquerque o muito damno, que a fua armada recebia da artelharia, que eftava na fortaleza de Pangij, determinou por cima de todos os inconvenientes, que podia aver, de a cometer, e fobre iffo aventurar a vida, e tudo o mais; e pera fe determinar como faria efte negocio, mandou chamar os capitães, e diffe-lhes, que elle tinha affentado, tanto que fe vio fóra de Goa, não travar mais efcaramuças com os mouros, porque quem deixava os muros de huma cidade tão nobre, como aquella, não fe devia de contentar de andar ás frechadas com quatro negros; mas pois affi era, que a artelharia, que eftava na fortaleza de Pangij, o obrigava a cometela, e lhe era forçado pelejar contra fua vontade, que lhes pedia por mercê, que lhe diffeffem que maneira teria pera cometer efte feito, porque elle determinado eftava de o cometer; e porque nefte confelho começou áver antre os capitães muitas differenças, e diverfas determinações, quiz Afonfo Dalboquerque atalhar a tudo antes que lhe refpondeffem, e diffe, que elle não forçava ninguem a fer naquelle feito, que quem o quizeffe feguir, tanto que ouviffe huma trombeta de Timoja, acudiffe á fua náo, porque elle com poucos, ou muitos, com aquelles que fe achaffe, determinava de ir cometer os

mouros, que eſtavam na fortaleza, e com ajuda da Paixão de Noſſo Senhor eſperava de os levar nas mãos. Os capitães como víram a ſua determinação, reſpondêram-lhe, que elles ferían com elle naquelle feito; e ſem aver mais praticas niſto, porque Afonſo Dalboquerque não quiz que as ouveſſe, por quão enfadado andava já de ſuas couſas, foram-ſe pera ſuas náos fazer preſtes, e aquella noite fugio hum mancebo dá armada, e levou por alvitre ao Hidalcão o conſelho, e determinação, em que ficava. O Hidalcão com eſte aviſo, que lhe o mancebo deo, mandou chamar os ſeus capitães, e João Machado com elles, e contou-lhes o que lhe o mancebo diſſera, e perguntou-lhes ſe ſeria neceſſario prover Pangij de mais gente, e artelharia? Os ſeus capitães todos foram de parecer, que na fortaleza avia gente, que baſtava pera ſe defender, e quando foſſe neceſſario ſocorro, que mui preſtes ſe poderia mandar. João Machado, que foi o derradeiro que falou, diſſe, que elle não era daquelle parecer, ſenão que mandaſſe mais gente; porque ſe a artelharia, que eſtava na fortaleza, fazia tanto nojo ás náos do portugueſes, como o mancebo dizia, que foſſe certo que lha aviam de tomar. Hum dos capitães, que era já ſeu competidor, diſſe ao Hidalcão, que aquillo, que João Machado dizia, eram mais palavras de chriſtão, que de mouro, e por iſſo lhe parecia que ſe não podia defender Pangij; que lhe mandaſſe dar quinhentos turcos, e que elle ſe obrigava com a mais gente, que eſtava nella, de a defender a todos os portugueſes. João Machado lhe reſpondeo, que elle não dizia aquillo ſenão como quem ſabia bem quão determinados os portugueſes eram, que elle bem podia ir, mas que lhe ficava, que ſe os portugueſes eram os que elle cuidava,

que elles lhe pareceſſem gente pera arrecear de cometer com poucos; e porque ſe começáram a travar em palavras, porque já avia dias, que tinham differenças, metêram-ſe os turcos capitães antre elles, e apartáram-nos, e o capitão turco ſe foi meter em Pangij com a gente que pedio ao Hidalcão, e acertou-ſe de ſer o dia, que Afonſo Dalboquerque cometeo a fortaleza, o qual foi recebido dos de dentro com grandes gritas, e tangeres, e fogos, que fizeram toda aquella noite. Afonſo Dalboquerque, poſto que a fugida do mancebo lhe fez ter dúvida a cometer eſte negocio, arreceando-ſe, que advertido o Hidalcão da ſua determinação, proveria a fortaleza de mais gente da que tinha, com tudo não quiz tornar atrás do que eſtava aſſentado, e como foram horas, mandou tocar a trombeta, e todos ſe vieram a bordo da ſua náo, e dali partíram huma ſeſta feira ante menhaã catorze dias do mez de Junho, e chegando a terra, mandou Afonſo Dalboquerque Diogo Fernandez de Béja com vinte homens, que foſſe tomar a porta da fortaleza, que hia pera a cidade, e que ſe deixaſſe eſtar, porque ali iriam todos ter com elle; e a Dinis Fernandez patrão mór da ribeíra, que com cincoenta marinheiros, e bombardeiros tiveſſe cuidado de recolher o camelo, e toda a outra artelharia, que ouveſſe na fortaleza, aos bateis, e elle fez-ſe forte com hum corpo de gente na praia, pera acudir onde foſſe neceſſario. Ordenado iſto, em tocando as trombetas, foram os capitães com ſua gente cometer o baluarte com tanta furia, que ſem aver detença, o entráram, cada hum por onde achou melhor lugar; e Manuel de Lacerda foi o primeiro que ſubio em cima do muro. Os mouros como eſtavam ſonorentos, confiados na muita gente que tinham, quando ſe quizeram

valer das armas, eram já os noſſos apegados com elles, e como ſe víram atalhados, puſeram-ſe em fugida, e foram demandar a porta da fortaleza, onde Diogo Fernandez eſtava, e polos mouros ſerem muitos, tiveram-no de todo desbaratado, ſenão fora Garcia de Souſa que lhe acudio; e chegando a elle, achou-o já muito ferido, e a maior parte da ſua gente, e tres homens ſeus mortos, e niſto chegáram os outros capitães, que vinham após os mouros, e fizeram-ſe todos em corpo, e deram nelles, e desbaratáram-nos logo, e ficou a fortaleza deſpejada de toda a gente, que podiam ſer quatro mil turcos, e mouros: morrêram ali cento e cincoenta turcos, e cem piães gentios, e tres capitães do Hidalcão, e os noſſos ſeriam quinhentos portugueſes, tudo fidalgos, e principaes homens da armada, e por ſerem poucos fizeram hum feito muito de louvar, (porque nos animos generoſos o temor da infamia vence todo o perigo, e medo.) E tendo já Dinis Fernandez recolhida toda a artelharia dos mouros nos bateis, e os dous camelos, que tinham tomado a Garcia de Souſa em Benaſtarim, e cinco falcões, que ſe tomáram na torre de Agacij, e muitos arcos, frechas, e lanças, recolheo-ſe Afonſo Dalboquerque com toda a gente, e veio-ſe pera as náos; e ſendo todos recolhidos, vieram os gentios, e queimáram todos os corpos mortos, (ſegundo ſeu coſtume,) e deſta vitoria, que os noſſos ouveram contra os turcos, ficou João Machado com mais credito com o Hidalcão pelo que tenho dito, e o ſeu competidor morto.

CAPITULO XXXVIII.

Como o grande Afonſo Dalboquerque, mandou Diogo Fernandez de Béja, e os outros capitães nas galés, dar huma viſta á cidade pera ſaberem certeza da armada, que ſe fazia, e como D. Antonio polos ſocorrer foi morto.

Recolhido o grande Afonſo Dalboquerque ás náos com eſta vitoria, porque avia nova que o Hidalcão tinha feito huma armada de vinte e cinco vélas, de paráos, fuſtas, e atalaias, com muita artelharia, e arrombadas, e padeſes pintados, e muita gente dentro pera lhe virem queimar as náos, mandou a Diogo Fernandez de Béja em huma galé, e Afonſo Peſſoa, e Simão Martinz nas outras duas, que foſſe dar huma viſta á cidade, e viſſem ſe ſe fazia eſta armada que diziam. Partido Diogo Fernandez, e ſeus companheiros, mandou a Dom Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, que eſtiveſſe preſtes com todos os capitães nos bateis das ſuas náos; porque ſendo neceſſario ſocorrerem Diogo Fernandez, o fizeſſem; e porque da armada ſe não podiam ver as noſſas galés, nem a cidade, porque ficavam encubertas com huma volta, que o rio ali faz, mandou a Dinis Fernandez, que ſe foſſe em hum paráo pôr no meio do rio, em parte, donde pudeſſe ver huma couſa, e a outra. Os turcos como já eſtavam preſtes, em vendo as noſſas galés mandáram levar ſuas ancoras, e começaram a vir remando pera ellas. Dinis Fernandez, que eſtava em viſta, como vio que a armada dos turcos abalava, fez ſinal a D. Antonio de

Noronha, o qual partio logo a voga arrancada, com todos os capitães; e porque a maré enchia, foram muito preſtes á viſta da armada dos turcos, e como a vio, bradou a Diogo Fernandez, e aos outros capitães, que com elle hiam, que remaſſem, e foſſem inveſtir duas atalaias, que vinham diante da armada. Diogo Fernandez, e os outros capitães, que eſtavam com os remos levados, quando víram o ſocorro que lhes vinha, mandáram remar mais depreſſa, e foram-ſe chegando pera a armada dos turcos, e começáram-lhe átirar com ſua artelharia, e acertou que huma bombarda da galé de Diogo Fernandez deo pelas atalaias, que vinham na dianteira, e felas em pedaços, e morrêram todos os mouros, que nellas vinham; huns, que matou a artelharia, e outros, que ſe afogáram em o rio, e a eſte tempo era já D. Antonio, e todos os capitães pegados com Diogo Fernandez. Os turcos, vendo a determinação dos noſſos, fizeram volta pera a cidade, e Dom Antonio com todos os capitães foi-os ſeguindo, até encalharem na ribeira, onde eſtavam muitos mouros, eſperando a furia, com que os noſſos vinham, pera os reprimir; mas como a artelharia das galés os deſenganou, matando alguns, largáram a ribeira, e recolhêram-ſe á cidade. D. Antonio, que hia ſeguindo huma galeota noſſa, que ficára em eſtaleiro, quando ſe recolhêram, vendo-a varada em terra, ſó ſem ninguem, poz-ſe ao longo della no ſeu batel, e deſembarcou com ſua gente pera a lançar ao mar; e ſe o aſſi fizeram todos, a galeota não ficára em terra, e elle não morrêra; mas os mouros como víram D. Antonio mal ſocorrido dos noſſos, acudíram á galeota, e foi a peleja de huma parte, e da outra de modo, que foram tres capitães do Hidalcão mortos, e muitos dos noſſos feri-

dos, ſem quererem largar a galeota, até que deram huma fréchada no joelho eſquerdo a D. Antonio, de que logo ficou, que ſe não pode ter na perna, e com a grande dor que tinha largou a galeota, e recolheo-ſe ao batel, e todos os outros ſe afaſtáram logo, e com eſta vitoria, ou deſaventura, (pois ali acabou ſeus dias hum rariſſimo capitão, como era D. Antonio,) ſe recolhêram ás náos; e porque elle tinha grandes dores na perna, não quis que o levaſſem á náo de ſeu tio, e foi-ſe ao Cirne, de que era capitão. Como Afonſo Dalboquerque ſoube eſte deſaſtre, meteo-ſe no ſeu eſquife, e foi-o ver, e achou-o já muito mortal, e ouve muitos conſelhos pera lhe cortarem a perna; mas elle nunca quis, cuidando que não foſſe o mal tanto, e aſſi eſteve com grandes dores até oito dias do mes de julho, que lhe ſaltáram erpes nella, de que morreo; e não ouve peſſoa na armada, que o não ſentiſſe muito, principalmente ſeu tio, porque o deixou em tempo, que tinha muita neceſſidade de ſua peſſoa, conſelho, e cavalaria; e derramando muitas lagrimas, o mandou enterrar ao pé de huma arvore, e na ſegunda tomada de Goa mandou trazer os ſeus oſſos á igreja maior; e quando faleceo, deixou em ſeu teſtamento, que lhos paſſaſſem á ſua capella de Noſſa Senhora da Serra, que elle fez na cidade de Goa, como adiante ſe dirá. D. Antonio de Noronha era filho de D. Fernando de Noronha, e de D. Coſtança de Caſtro, irmã de Afonſo Dalboquerque, mais moço que D. Alvaro de Noronha ſeu irmão. Foi muito esforçado Cavaleiro, e nunca ſe achou em couſa que lhe ſentiſſem medo. Foi muito virtuoſo, amigo de Deos, e muito verdadeiro. Achou-ſe em todos os trabalhos, que Afonſo Dalboquerque até aquella hora tinha paſſados. Morreo de idade de vinte

e quatro annos, avendo quatro, que partira de Portugal com ſeu tio na armada de Triſtão da Cunha.

CAPITULO XXXIX.

O recado, que o Hidalcão mandou ao grande Afonſo Dalboquerque, pedindo-lhe que quiſeſſe fazer pazes com elle, e do mais que paſſou.

Como o Hidalcão deſejava mais de fazer pazes com o grande Afonſo Dalboquerque, que de ſe vingar do desbarato, que os noſſos fizeram na fortaleza de Pangij, paſſados alguns dias, depois deſte feito, mandou dous turcos homens principaes falar nellas; e chegados á borda do rio da banda de Pangij, começáram a capear. Afonſo Dalboquerque mandou Gaſpar Rodriguez lingua a terra ſaber o que queriam. Os turcos lhe diſſeram, que diſſeſſe ao capitão mór, que o Hidalcão os mandava ali pera falarem em pazes, que mandaſſe huma peſſoa falar com elles; e como elle eſtava muito aborrecido de ſuas mentiras, não quiſera ter prática com elles; e com tudo, porque niſto ſe não aventurava nada, mandou Pero Dalpoem em hum batel eſquipado com gente, que lhes foſſe falar; e porque elles quando vinham fallar de pazes, traziam ſempre em ſua companhia alguns portugueſes, que lá andavam tornados mouros, bem veſtidos, e encavalgados á ſua uſança, e com ſombreiros de eſtado, os quaes diziam muitas palavras deſcortezes, e aconſelhavam aos noſſos, que ſe foſſem pera o Hidalcão, (porque além de lhes dar grande ſoldo, tinham lá muito boa vida, e eſtavam

fóra dos trabalhos, e fomes que ali paſſavam.) Enfadado Afonſo Dalboquerque deſta bargantaria dos portugueſes, e da ruindade dos mouros, porque eſte deſenvergonhamento não foſſe mais por diante, diſſe a Pero Dalpoem que levaſſe comſigo hum eſpingardeiro, e que ſe algum bargante daquelles ali chegaſſe, que o mandaſſe matar. Partido Pero Dalpoem, chegou á borda da agua, onde os turcos eſtavam, e começando a falar nos negocios das pazes, chegou João Deiras, hum galego, que fora marinheiro, e antre os noſſos ſervia de cirurgião, com outros ſeus companheiros, em cima de hum cavallo mui bem concertado, veſtido em trajos de mouro com ſeus moços, e ſombreiro, e começou a falar algumas palavras deſcortezes. Pero Dalpoem, vendo que João Deiras hia por ſua hiſtoria adiante, diſſe a João Dilhanes bombardeiro, o qual levava comſigo pera eſte feito, que o mataſſe, e que elle lhe faria fazer mercê. Como João Dilhanes era bom official deſte officio, andando João Deiras afaſtado hum pouco da borda da agua, paſſeando em cima do ſeu cavallo, e falando o que queria, deſparou a eſpingarda, e deo com elle morto no chão, de que os turcos ficáram mui aſſombrados. Pero Dalpoem vendo o eſpanto, que elles fizeram de verem João Deiras morto, diſſe-lhes, que aquelle homem era condemnado á morte por ſentença, por ſe lançar com os mouros, e pelas leis delRey de Portugal qualquer homem o podia matar, onde quer que o achaſſe, que lhe pezava muito daquillo ſer perante elles; que lhes pedia por mercê, que ſe dali por diante mais vieſſem falar em pazes, ou em outra qualquer couſa, que não trouxeſſem em ſua companhia aquelles bargantes, porque falavam couſas muito deshoneſtas, e ſe aſſi foſſe, ſería neceſſario matarem-lhos

todos. Os turcos lhe refpondêram, que lhes pezava muito, em tempo que elles vinham falar em pazes, e amizades, dizerem elles coufa que os efcandalizaffe, e por iffo o que elle mandára fazer fora muito bem feito, e que elles não virião ali mais. Paffadas eftas práticas, os turcos fe defpedíram de Pero Dalpoem, e foram-fe fem tomarem concrusão nenhuma, e Pero Dalpoem fe veio á náo de Afonfo Dalboquerque, e deo conta de tudo o que paffára.

CAPITULO XL.

De como o Hidalcão tornou a mandar outra vez hum feu capitão principal falar com o grande Afonfo Dalboquerque nas pazes: e da repofta que lhe deo, e do que paffou com elle fobre Timoja.

PASSADA efta prática, que Pero Dalpoem teve com os dous turcos, dali a cinco dias tornáram a capear da fortaleza de Pangij com huma bandeira. Afonfo Dalboquerque mandou faber o que era, e trouxeram-lhe recado, que eftava ali hum capitão principal do Hidalcão, que fe chamava Moftafação, que queria falar com elle, que lhe mandaffe arrefens pera ficarem em terra, e como eftava agaftado da morte de D. Antonio feu fobrinho, não lhe quifera falar: e os capitães lhe differam, que pois o Hidalcão mandava hum capitão tão principal como aquelle, que feria pera fazer tudo o que elle quifeffe, que o devia de mandar vir, e ouvilo, porque poderia fer que cometeria coufa, que pareceffe bem a todos fazello; e com efte parecer

dos capitães, (poſto que foſſe contra ſua vontade,) mandou fazer preſtes hum paráo alcatifado de alcatifas de ſeda, e diſſe a Gaſpar de Paiva, e Diogo Fernandez de Béja, e Pero Dalpoem, que foſſem nelle a terra, e que o trouxeſſem, e mandou com elles Franciſco Corvinel, e Diogo Fernandez, adail que fora de Goa, pera ficarem em arrefens, e a Gaſpar Rodriguez lingua pera ir a terra com os recados; e como o paráo eſteve preſtes, partíram-ſe, e chegando defronte da fortaleza de Pangij, mandou Pero Dalpoem Gaſpar Rodriguez lingua em huma almadia a terra, dizer aos turcos, que o grande Afonſo Dalboquerque mandava ali aquelle paráo pera levarem o capitão á ſua náo, e que tambem traziam arreſens pera deixarem em terra. Os turcos lhe mandáram dizer, que Moſtafação era hum homem muito fidalgo, e dos principaes capitães do Hidalcão, e que trazia em ſua companhia dous turcos, homens muito honrados; e que ſe elles traziam D. Antonio de Noronha pera ficar em terra, que iriam, e ſenão, que ſe tornariam, (parece que ainda não ſabiam que D. Antonio era morto.) Pero Dalpoem lhe mandou dizer, que Dom Antonio não vinha ali, porque ficava muito doente, mas que vinham dous homens muito honrados, criados delRey de Portugal, e ſeus capitães. Os turcos foram diſſo contentes, e diſſeram, que os mandaſſe a terra. Pero Dalpoem os mandou logo na almadia, e nella veio Moſtafação com os dous turcos, e embarcáram no paráo, e vieram ter á não capitaina, onde Afonſo Dalboquerque eſtava com todos os capitães fidalgos, e gente honrada da armada na tolda da náo, mui bem concertada. Chegado Moſtafação á náo, Afonſo Dalboquerque o veio receber no cabo da tolda, e fez-lhe muito gazalhado, e depois de paſſarem ſuas

cortesias disse-lhe Mostafação, que lhe queria dar hum recado do Hidalcão, mas que não avia de ser perante tanta gente. Afonso Dalboquerque se alevantou, e meteo-se com elle, e com os dous turcos na sua camara, e levou comsigo Cogebequi, e Lourenço de Paiva secretario, e Pero Dalpoem ouvidor da India; e depois de estarem assentados, deo-lhe Mostafação muitas encommendas da parte do Hidalcão, e de todos os seus capitães, dizendo, que ainda que antre elles ouvesse guerra, o costume dos capitães era na paz fazerem comprimentos huns com os outros; e depois disto lhe disse, que o Hidalcão seu senhor, pelos desejos, que tinha da paz, o mandava ali pera fazer tudo o que elle quisesse, que folgaria muito de aver antre elles alguma maneira de amizade, e que o Hidalcão folgaria muito de lhe dar Goa, polo muito que desejava de serem amigos, mas que os turcos não queriam consentir que lha désse; que lhe pedia muito por mercê, que quisesse tomar Cintácora, com todas as suas terras, e rendas, que eram muitas, porque ali tinha hum porto muito bom, onde podia fazer fortaleza, se quisesse. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que elle não tinha de que se aggravar do Hidalcão, pois todos os acontecimentos da guerra eram guiados pela vontade de Nosso Senhor; e posto que agora o lançasse fóra de Goa, que veria tempo, em que lhe elle faria outro tanto; e quanto ao mais que lhe dizia, que elle não avia de tomar outra nenhuma cousa, senão a ilha de Goa, com todas as suas terras, e que se lha désse, que seriam amigos, e senão, que não falasse mais nisso. Mostafação lhe respondeo, que o Hidalcão seu senhor não avia de dar a ilha de Goa, porque a tinha ganhada, e se lha tornasse a deixar, abateria muito em seu estado, e credito, e

chegou-ſe pera elle, e diſſe-lhe, como diſſe, que lhe parecia que ſe quiſeſſe entregar Timoja ao Hidalcão ſeu senhor, que os turcos conſentiriam que lhe déſſe Goa. Afonſo Dalboquerque ficou tão affrontado de lhe Moſtaſação falar em entregar Timoja, que lhe reſpondeo ſeveramente, que ſe eſpantava muito delle ouſar de lhe cometer tal couſa como aquella: que Timoja fora ſempre muito leal ſervidor del-Rey D. Manuel ſeu senhor, e por ſeus ſerviços era digno de muita mercê, e honra; que diſſeſſe ao Hidalcão, que o reyno de Goa era delRey D. Manuel ſeu senhor, cada vez que o ſeu capitão geral da India quiſeſſe; e que lhe prometia, que antes que paſſaſſe aquelle verão, elle eſtiveſſe nos ſeus paços de Goa muito deſcançado, e que eſperava de fazer Timoja muito grande senhor no reyno de Decan, e então ſaberia ſe era bom o conſelho, que lhe os turcos davam, e deſpedio-o que ſe foſſe no paráo aſſi como viera, e trouxeram Diogo Fernandez, e Franciſco Corvinel, que lá ficáram em arrefens.

CAPITULO XLI.

Do que o grande Afonſo Dalboquerque, eſtando no rio de Goa, paſſou com certos capitães ſobre mandar enforcar Ruy Diaz: e de como determinou de mandar D. João de Lima com os doentes a Cochim.

Estando o grande Afonſo Dalboquerque no rio de Goa paſſando eſtes trabalhos, que tenho dito, e com muita gente doente, e muita falta de mantimentos, e o tempo ſer tal, que não podiam ſahir pela barra

fóra, vieram-lhe dizer, que hum Ruy Diaz, homem d'armas, havia muitos dias que entrava de noite com as mouras, que tomára em Goa. Sabido iſto, e arreceando que Noſſo Senhor lhe déſſe algum grande caſtigo ſenão acudiſſe a hum caſo como eſte, mandou chamar Pero Dalpoem ouvidor, e encommendou-lhe muito, que ſecretamentē ſe enformaſſe deſte negocio como paſſava, e que foſſe ſeu eſcrivão Lourenço de Paiva secretario, e achando a Ruy Diaz culpado, o prendeſſe, e procedeſſe contra elle como foſſe juſtiça. Pero Dalpoem começou a tirar ſua devaſſa ſecretamente, e achou por muitas teſtemunhas, que havia dias, que Ruy Diaz entrava com ellas. Viſtas as culpas, e o lugar, e tempo em que cometêra eſte delicto, julgou que morreſſe morte natural, e mandou-o enforcar na náo Flor da Roſa, de que era capitão Bernaldim Freire; e indo o meirinho fazer eſta execução, que lhe o ouvidor mandava, ſahíram da galé pequena, onde todos eſtavam juntos, Simão Dandrade capitão della, Fernão Perez ſeu irmão, Jorge Fogaça, Franciſco de Sá, e Bernaldim Freire, e paſſáram pela náo Flor da Roſa, onde o meirinho eſtava enforcando Ruy Diaz, e deixáram nella Bernaldim Freire, e Franciſco de Sá; e como foram dentro, foi-ſe Franciſco de Sá logo com huma eſpada nua ao goroupés da náo, e cortou-lhe o baraço, e recolheo-o pera a náo. Vendo o meirinho que lhe tomavam o preſo, começou a chamar alto por Afonſo Dalboquerque, que lhe mandaſſe acudir, que lhe tomavam o preſo. Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade, e Jorge Fogaça, no parão em que hiam, foram-ſe por eſſas náos, e de humas pera as outras começáram a capear com toalhas, requerendo aos capitães da parte delRey, que não conſentiſſem enforcar

aquelle homem. O alvoroço era tamanho em toda a armada, que ſe não entendiam. Os capitães não ſabendo o que era, mandáram alar os ſeus bateis a bordo, e começáram-ſe todos a fazer preſtes pera acudirem aonde foſſe neceſſario. Vendo Afonſo Dalboquerque o alvoroço na armada, e que os capitães andavam capeando com toalhas, tendo já recado do meirinho como lhe tomáram o prezo, meteoſe no ſeu batel com cincoenta homens armados, e foi-ſe demandar o paráo, em que andavam Fernão Perez, Simão Dandrade, e Jorge Fogaça, com determinação de os apagar logo, e a todos aquelles, que acodiſſem ao ſeu apelidar. Como o elles víram no batel, deixáram de correr ás náos, como faziam, e vieram-ſe direitos a elle, e como chegáram, diſſe-lhes Afonſo Dalboquerque, que alvoroços eram aquelles, em que andavam, eſtando toda a gente atemorizada das novas que avia dos turcos virem queimar a noſſa armada; e porque bradavam da parte delRey, que ſe não fizeſſe juſtiça de hum homem, que fizera aquelle delicto em tempo, que era mais pera trazer hum ſilicio derredor de ſi, que pera o cometer, que elle da ſua parte mandava fazer aquella juſtiça; e dizendo iſto, ſaltou Jorge Fogaça no ſeu batel, e diſſe-lhe, que elle não avia de mandar aſſi fazer juſtiça de hum homem tão honrado, como aquelle: que moſtraſſe logo autos, e teſtemunhas, e o poder que tinha pera o fazer; e Fernão Perez Dandrade, e Simão Dandrade tambem eram deſta opinião, ſenão que as palavras foram mais honeſtas. O grande Afonſo Dalboquerque, porque eſte deſacatamento feito a ſua peſſoa não ficaſſe ſem caſtigo com merecida pena, determinou de os caſtigar, e ſelos embarcar na ſua náo, e mandou-os meter debaixo da

cuberta, carregados de ferros, e diſſe ao ouvidor que ſe foſſe á náo Flor da Roſa, e mandaſſe logo enforcar Ruy Diaz. E porque na devaſſa, que ſe tirou, acháram Franciſco de Sá muito culpado, mandou-lhe que o trouxeſſem prezo, e que o meteſſem em ferros debaixo da cuberta com os outros, e a Bernaldim Freire ſuſpendeo a capitanía da náo ſómente, porque ſe provou que Franciſco de Sá o enganára. Como eſtes capitães foram prezos, ficou a gente mais aſſocegada dos alvoroços, em que cada dia andava, e os capitães dali por diante mais brandos, e honeſtos em ſeu falar. Paſſadas eſtas couſas, ſendo já quinze de julho, porque os doentes eram muitos, e na armada não avia nenhum remedio pera ſe curarem, pela muita falta que avia de mantimentos, mandou Afonſo Dalboquerque fazer preſtes D. João de Lima, pera ir por capitão mór de quatro navios, de que eram capitães Nuno Vaz de Caſtelo-branco, Luiz Coutinho, Franciſco Pereira, e Antonio de Matos, e que botaſſem de fóra, e com quaeſquer mantimentos que achaſſe, lhe mandaſſe logo dous navios daquelles carregados; e achando em Anjadiva algum capitão, que vieſſe de Portugal com náos, lhe diſſeſſe da ſua parte, que vieſſe ſurgir diante daquella barra, pera lhe dar favor, e ajuda, e que dali mandaſſe Nuno Vaz com os doentes a Cochim, e deo-lhe hum regimento do que avia de fazer, e onde o avia de eſperar, e mandou a Timoja que ſe foſſe com ſuas atalaias a Onor pera lhe aver tambem alguns mantimentos; e como foram todos preſtes, fizeram-ſe á véla, e foram demandar a barra; e porque o vento era muito, e não puderam botar de fóra, ſorgíram junto do banco, e ali eſtiveram eſperando tempo pera ſairem, e fazerem ſua viagem.

CAPITULO XLII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe fez á véla com determinação de ſair com toda a armada de fóra: e a cauſa, por que não ſahio, e o mais que paſſou.

Partido D. João de Lima com os navios pequenos, e Timoja com ſuas atalaias, como tenho dito, vendo-ſe o grande Afonſo Dalboquerque cada dia afrontado dos capitães, e da gente, com requerimentos que ſe ſaiſſe, não ſendo tempo pera ir a Cananor, nem a Cochim, nem a barra dar jaſigo pera poderem botar de fóra, determinou, por acabar com elles, e tambem por lhes moſtrar que não podia ſer o que elles queriam, de lhes fazer a vontade; e dali a cinco, ou feis dias, que foram vinte hum de Julho, mandou fazer toda a armada á véla, e vieram demandar a barra, onde ainda achăram D. João de Lima, e Timoja ſurtos, por não ſer tempo pera poderem ſair. Como o Hidalcão ſoube que a noſſa armada hia á véla, cuidando que ſairiam logo pela barra fóra, mandou Roçalcão com toda a gente de pé, e de cavallo, que avia na cidade, que ſe foſſe por terra direito á barra, e viſſe ao ſair della ſe podia fazer alguma afronta ás noſſas náos. Chegando Roçalcão, mandou logo aſſentar huma bombarda groſſa, que levava, em hum outeiro alto da banda de Bradez, que eſtá ſobre a entrada da barra, e começáram dali átirar ás noſſas náos, e metêram quatro pilouros no coſtado de Flor de la mar, e todas as outras foram bem varejadas da

bombarda, e matáram-lhe alguns homens; e polo tempo tornar outra vez a carregar muito, e a noſſa armada não eſtar ſegura naquelle lugar, tornáram-ſe a fazer á véla pera dentro, e vieram ſorgir onde dantes eſtavam, e D. João de Lima tambem com os ſeus navios, e Timoja com as ſuas atalaias. Quando a nova chegou á cidade, que Afonſo Dalboquerque tornava outra vez pera dentro, porque a fortaleza eſtava ſó ſem gente nenhuma, por ſerem todos na barra, foi tão grande o alvoroço, e medo nos que ficáram nella, que o Hidalcão com ſuas mulheres fugio, e deixou-a. E depois de todas as náos eſtarem amarradas, pela muita neceſſidade, que nellas avia de mantimentos, mandou Afonſo Dalboquerque a Garcia de Souſa, que foſſe logo aquella noite com as galés, paráos, e bateis ſaltear alguma ilha daquellas do rio de Goa, e trabalhaſſe por aver alguns mantimentos; e como foram preſtes, partíram á meia noite, e foram pelo rio arriba dar em huma ilha, onde tomáram algum arroz, e humas poucas de vacas, e palmitos, e outros refreſcos, e cativáram duas filhas de hum Braminá de Goa, que eſtava na ilha, e puzeram fogo á povoação, e tornáram-ſe pela menhaã, e Afonſo Dalboquerque mandou repartir tudo igualmente por toda a gente da armada, de que todos ficáram contentes.

Paſſados cinco, ou ſeis dias, veio Timoja a Afonſo Dalboquerque, e diſſe-lhe, que o Braminá, pai das moças, que Garcia de Souſa tomára, lhe mandára dizer, que ſe lhe quizeſſem dar ſuas filhas, que elle diria onde eſtava hum zambuco pequeno carregado de arroz, e de outras ſementes da terra, e que tambem na ilha podiam fazer algum ſalto. Afonſo Dalboquerque pareceo-lhe bem, e deo-lhe as moças, e mandou

Diogo Fernandez de Béja, e Gaſpar de Paiva nos bateis, que foſſem em companhia de Timoja áquelle ardil do Braminá, e partíram de noite, e foram ter á ilha, onde elle eſtava eſperando, e ali tomáram o zambuco, e cincoenta vacas, e Timoja lhe deo as filhas, que levava comſigo. Feito iſto, tornáram-ſe a recolher, antes que foſſe menhaã; e porque iſto era já no fim de julho, e os navios pequenos podiam com menos perigo ſair de fóra, mandou Afonſo Dalboquerque a D. João de Lima, que ſe partiſſe logo, e diſſe a Timoja, que ſe foſſe a Onor, e lhe fizeſſe preſtes todos os mantimentos que pudeſſe, porque ſua determinação era, pela nova que tinha de ſe o Hidalcão querer ir, eſperar ali com as náos grandes a armada, que vieſſe de Portugal. Partido D. João de Lima, como os capitães ſouberam a determinação de Afonſo Dalboquerque, foram-ſe a elle, e fizeram-lhe muitos requerimentos, que ſe ſaiſſe fóra do rio, e foſſe reformar ſua armada a Cochim, porque não tinha mantimentos pera eſperar ali; e elle lhe diſſe, que ſe elles eſtavam em neceſſidade, que ſua peſſoa não eſtava fóra della, que lhes pedia muito que ſofreſſem, e tiraſſem a gente dos medos, em que a punham, porque elle era certificado, que os senhores do reyno de Decan eſtavam alevantados contra o Hidalcão, e os ſeus guazis lhe mandavam cada dia cartas, e frechas quebradas, que era final de homens cercados, e forçadamente avia de acodir lá, porque não no fazendo, punha em riſco de perder ſeu eſtado; e com eſtarem naquelle rio com aquella armada, obrigavam-no ter ali toda ſua gente, e deſta maneira ou avia de perder huma couſa, ou outra. Os capitães, ainda que ſabiam muito bem todas eſtas couſas, não deixáram de fazer ſeus requerimen-

tos que ſe foſſe a Cochim, e que de lá viria de maneira, que pudeſſe fazer quanto quizeſſe; e como Afonſo Dalboquerque não podia acabar comſigo deixar Goa, pedio-lhe que eſperaſſem ali quinze dias, e que paſſados, faria tudo o que elles quizeſſem; porque ſabia certo, que o Hidalcão ſe queria ir pera ſuas terras, e que todo o tempo que ali eſtivera fora mais forçado das turcos, que por ſua vontade; e pera ſaberem ſer iſto verdade, não lhes dava outra prova ſenão as muitas vezes que lhe o Hidalcão tinha cometido pazes, offerendo-lhe terras, e lugares pera fazer fortaleza, não ſendo Goa, eſtando elles naquelle rio com tantos trabalhos, e neceſſidades como ſabiam. Os capitães por cima de todas eſtas rezões, e outras, que lhes Afonſo Dalboquerque deo, pera eſperarem a determinação do Hidalcão, ſeguíram ſua opinião, e tornáram-lhe a requerer muitas vezes que ſe ſaiſſe. Vendo-ſe elle deſeſperado da ajuda dos capitães, e que forçadamente avia de fazer o que elles queriam, mandou-lhes que ſe fizeſſem preſtes, porque no primeiro tempo que a barra déſſe lugar lhes faria a vontade, e ſe ſairia.

CAPITULO XLIII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſahio do rio de Goa com toda a armada: e de como no caminho topou com Diogo Mendez, que vinha de Portugal, e o que paſſou com elle.

Sendo já quinze dias do mez de agoſto de mil quinhentos e dez, que a barra eſtava pera poderem ſair, mandou aos capitães que levaſſem ſuas ancoras, e

ſe fizeſſem á véla; e porque aquelle dia não puderam botar de fóra por ſer tarde, foi a armada toda ancorar ſobre o banco da barra, e ao outro dia pela menhaã cedo botáram de fóra, e fizeram ſeu caminho direito a Anjadiva, e naquelle dia ao sol poſto ouveram viſta de cinco vélas, que vinham do mar reconhecer a terra. Afonſo Dalboquerque mandou logo a Antonio da Coſta capitão do Rey pequeno, e Duarte de Melo do Rey grande, que as foſſem demandar, e ſoubeſſem que náos eram, e donde vinham; os quaes ſe fizeram na ſua volta pera as reconhecerem, e por ſer já noite perdê-ram-nas de viſta, e ao outro dia pela menhaã vieram as náos ter com a noſſa armada, e era Diogo Fernandez de Vaſconcellos, que vinha de Portugal por capitão mór de quatro náos pera ir a Malaca, e Franciſco Marrecos capitão do Bretam da armada do marichal, que invernára em Moçambique. Afonſo Dalboquerque ſabendo que era Diogo Mendez, mandou-o logo viſitar, e que fizeſſe ſeu caminho a Anjadiva, e que lá ſe veriam, e a dezaſete do dito mes foram todos ſurgir em Anjadiva; e depois de toda a armada ſurta, veio Diogo Mendez com todos ſeus capitães viſitar Afonſo Dalboquerque, e deo-lhe novas de Portugal, e da armada, que aquelle anno partíra, em que vinha por capitão mór Gonçalo de Siqueira. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que folgava muito com a vinda de Gonçalo de Siqueira ſer naquelle tempo, porque tinha deliberado com todas ſuas forças tornar a cercar Goa, e cometer os imigos, porque tinha entendido que o podia bem fazer, e deo-lhe conta de tudo o que paſſára em Goa, e do eſtado, em que ficava; e depois de eſtarem falando neſtas couſas, deſpedio-ſe Diogo Mendez, e foi-ſe pera a ſua náo, e ao outro dia pela menhaã veio

ſó ter com Afonſo Dalboquerque, e deo-lhe huma carta delRey D. Manuel, em que lhe encommendava muito, e mandava, que déſſe breve deſpacho, e todo o bom aviamento a Diogo Mendez pera ſua viagem, porque compria aſſi a ſeu ſerviço. Elle lhe diſſe, que compriria inteiramente o que Sua Alteza mandava, e que além deſte ſer o reſpeito principal, por amor delle folgaria de fazer tudo o que pudeſſe, e lhe daria pilotos, e o mais que foſſe neceſſario. Diogo Mendez lhe beijou as mãos por aquella vontade que tinha de lhe fazer mercê, e deſpachar; que ſe o logo deſpachaſſe, que elle eſperava em Deos de ſer primeiro em Portugal, que as náos de carrega; e que lhe certificava, que por chegar á India naquelle tempo, com os deſejos que tinha de ſervir ElRey, paſſára grandes trabalhos naquella viagem, por querer ter ſempre á véla, e que tambem trazia huma carta delRey pera Timoja, em que lhe mandava que lhe déſſe pilotos pera ſua viagem, que lhe diſſeſſe o que faria niſto. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que Timoja não tinha pilotos que lhe dar, e que todavia lhe déſſe a carta, porque avia de folgar muito com ella, que ſe foſſe pera a ſua náo, e ſe fizeſſe preſtes, porque elle determinava de ſe partir logo caminho de Cananor, e o meſmo mandou dizer a todos os capitães, e que lá falariam.

Aquelle dia á noite, que foram dezanove do dito mes, ſe fizeram todos á véla, e foram ſorgir davante Onor; e como foram ſurtos, mandou Afonſo Dalboquerque recado a Timoja, que lhe vieſſe falar, e achou ali Bras Vieira, que elle tinha mandado por Tanadar a Cintácora, com todos os officiaes, que de Goa levou, o qual por cauſa da gente do Hidalcão não pode tornar a Goa, e foi por terra ter a Onor. Timoja como

lhe deram o recado, veio logo ter com elle, e em chegando, Diogo Mendez o abraçou, e deo-lhe a carta delRey, com a qual foi muito ledo, e disse-lhe, que elle era vassalo delRey de Portugal, e em tudo o serviria; e disse a Afonso Dalboquerque, que como elle saíra pela barra fóra com sua armada, dali a tres dias se partíra o Hidalcão pera suas terras, e que elle partido, todas as terras de Goa, e Saste até Cintácora, e da outra banda até Condal se alevantáram, e lhe matáram todos os Tanadares mouros, que tinha na terra pera arrecadarem os direitos. Elle lhe disse, que folgava muito com aquellas novas, e que lhe rogava, e encommendava que os mantivesse em aquelle odio até sua tornada, que esperava em Deos que fosse muito cedo, e que tivesse muitos mantimentos prestes; e depois de passarem todo aquelle dia em muitas cousas, que estiveram falando, despedio-se de Timoja, e partio-se com toda a armada, e Diogo Mendez em sua companhia com as suas náos, e a vinte e seis do dito mes chegou a Cananor, e por ser já tarde não sahio aquelle dia em terra, e ao outro pela menhaã desembarcou, e chegando ao cais, (onde estava Rodrigo Rabelo capitão da fortaleza com toda a gente esperando por elle,) dali se foram todos á fortaleza, (tirando Diogo Mendez, e os seus capitães, que não desembarcáram,) e estando todos assentados praticando, disse-lhe Rodrigo Rabelo, que tinha nova certa polos mouros mercadores de Cananor, que os rumes eram partidos de Suez com huma grossa armada a socorrer Goa, e que tambem chegára ali huma náo, que vinha de Diu, que dera as mesmas novas. Como Afonso Dalboquerque soube estas novas, disse a Rodrigo Rabelo, e a todos os outros capitães, que ali estavam, que Diogo

Mendez em Anjadiva lhe pedíra, que o deſpachaſſe logo, pera fazer ſua viagem pera Malaca, que lhe diſſeſſem ſe lhes parecia bem deixalo ir aſſi como vinha ordenado, tendo aquella nova certa da vinda dos rumes, ou ſe o deteria até a vinda de Gonçalo de Siqueira; e depois de Rodrigo Rabelo, e todos os outros capitães dizerem ſeus pareceres, diſſe Garcia de Souſa, que elle, pelo que ſabia da navegação de Malaca, (porque fora lá com Diogo Lopez de Siqueira,) até quinze dias de setembro não ſe podia perder viagem, mas antes lhe ficavam os tempos melhores pera ſua navegação, e que Diogo Mendez devia de eſperar até eſte tempo, e que então ſe tomaria certa determinação ſe ſeria mais ſerviço delRey tomar eſtas náos, polo alvoroço, que avia na India da vinda dos rumes, ou deixalas fazer ſua viagem. Os capitães, depois de ouvido Garcia de Souſa, foram deſte parecer, e Afonſo Dalboquerque com elles.

CAPITULO XLIV.

De como Afonſo Dalboquerque chegou a Cananor, e ſe vio com o rey, e da chegada de Duarte de Lemos, e Franciſco Pantoja, e do que Afonſo Dalboquerque paſſou com elle.

PASSADOS alguns dias, depois deſta prática, que o grande Afonſo Dalboquerque teve com os capitães, mandou dizer ao rey de Cananor, que deſejava muito de ſe ver com elle, que lhe pedia por mercê que lhe déſſe licença pera o fazer; e como o rey eſtava já em determinação de o ir viſitar, mandou-lhe dizer,

que ſe deixaſſe eſtar, que elle ſe iria ver com elle na praia fóra da fortaleza. Aſſentado iſto, mandou o rey armar huma tenda naquelle lugar, onde ſe aviam de ver, alcatifada toda por dentro de alcatifas muito ricas, e hum catle, com hum pano de ſeda por cima, e almofadas do meſmo teor, em que avia de eſtar aſſentado; e como tudo foi concertado, veio o rey da cidade eſperar ali Afonſo Dalboquerque, e trazia comſigo Mamalle, e o Alguazil de Cananor, e os regedores da terra, e outros muitos mouros honrados, e cinco mil Naires da ſua guarda, todos de eſpadas, e adargas. Chegado o rey, ſahio Afonſo Dalboquerque da fortaleza acompanhado de todos os capitães mui bem ataviados, e toda a outra mais gente armada, e foi-ſe á tenda, onde o rey de Cananor eſtava lançado no catle, e detrás de ſi tinha hum page com huma eſpada de ouro, e outro com huma cimitarra de ouro; e tanto que chegou, foi-ſe a elle com grande cortezia pera lhe beixar a mão, e o rey ſem ſe alevantar do catle o recebeo com muito gaſalhado e prazer. Paſſadas eſtas cortezias, mandou-lhe Afonſo Dalboquerque apreſentar as chaves da fortaleza em hum bacio de agua ás mãos, lavrado de Baſtiães, e tomou a Rodrigo Rabelo pela mão, que era capitão della, e diſſe ao rey, que elle lhe entregava aquellas chaves, e mandava ao capitão, que ali eſtava preſente, que fizeſſe o que lhe elle mandaſſe, e eſtiveſſe ſempre á ſua ordenança, porque aquella fortaleza era ſua, com toda a gente, que nella eſtava, porque aſſi o queria ElRey D. Manuel ſeu senhor, e por eſta cauſa deſejára ſempre de ſe ver com elle, e de o ſervir, e que todas as ſuas couſas ſeriam ſempre mui bem tratadas delle; e que eſtimava tanto velo, que agora avia por firme a amizade, que elle tinha

com ElRey ſeu senhor, e que dali por diante o ſerviria com todas as armadas, e gente, que na India tinha. O rey lhe deo grandes agradecimentos por aquellas palavras, dizendo, que elle cria verdadeiramente ſer tudo o que lhe dizia aſſi, pola grande amizade, que em ſeu coração tinha com ElRey de Portugal ſeu irmão; e quando compriſſe por ſuas couſas poria todo ſeu eſtado cada vez que lho elle requereſſe, e que as chaves elle as recebia da ſua mão, e as entregava áquelle capitão delRey ſeu irmão, e que por as couſas andarem deſviadas não fizera aquillo mais vezes, mas nem por iſſo deixára de ſer muito amigo dos portugueſes; e que bem ſabia o capitão da fortaleza, que ali eſtava, como os ſeus officiaes faziam ſuas couſas, e como elle açudia ao que lhe mandava requerer, e dali por diante o faria de melhor vontade polo grande contentamento, que tinha de ver ſua peſſoa, e da grande fama, que delle avia antre os mouros; e por ſer a primeira vez que ſe víram, paſſáram muitas couſas de parte a parte com grande contentamento, e moſtras de muita amizade. Paſſada eſta prática, o rey ſe deſpedio de Afonſo Dalboquerque, e foi pera a cidade, e fez mercê aos capitães de tres peças de veludo, e dez de chamalote, e Afonſo Dalboquerque ſe recolheo pera a fortaleza; e paſſados dous, ou tres dias, chegou Duarte de Lemos, que andava por capitão mór da coſta de Arabia com quatro náos, e Franciſco Pantoja em ſua companhia, que fora prover a fortaleza de Çacotorá, (como atrás tenho dito,) e trazia comſigo a náo Meri, que Franciſco Pantoja tomára no caminho; e como chegou, Afonſo Dalboquerque o mandou logo viſitar á náo por Antonio de Liz, que era ſeu eſcrivão, e dali a dous dias veio Duarte de Lemos a terra, e elle o foi

receber á praia com todos os capitães, e vieram-fe á fortaleza.

Paffadas fuas cortezias, diffe-lhe Duarte de Lemos, que fua vinda fora com muita neceffidade, por não ter navios pera comprir com as obrigações de fua capitanía mór, e aquelles, que trazia comfigo, á força de bombas fe foftinham fobre a agua; que lhe pedia muito por mercê, que o defpachaffe logo, e viffe as náos, que lhe avia de dar, pera as fazer preftes: e que D. Afonfo de Noronha feu fobrinho partíra de Çacotorá o Abril paffado na náo Sancta Cruz, e levára em fua companhia Fernão Jacome feu cunhado, e Diogo Correa, e o Padre Fr. Antonio, e outras muitas peffoas, e que depois de fua partida nunca mais foubera novas delle; e que pois até aquelle tempo ali não era nem recado feu, que devia de fer perdido. Afonfo Dalboquerque lhe pezou muito com efta nova; porque naquelle tempo, (fegundo as neceffidades da India,) foi grande perda pera elle, e fez-lhe renovar a dor, que tinha, da morte de D. Antonio de Noronha feu fobrinho; e depois de lhe dar conta de tudo o que paffára na cidade de Goa, e como fahíra della, lhe diffe perante Rodrigo Rabelo capitão da fortaleza, e outros capitães, que ahi eftavam prefentes, que lhe pedia por mercê, que não fizeffe nenhum abalo de fi até a chegada de Gonçalo de Siqueira, que tinha nova, que vinha de Portugal por capitão mór de huma armada, pera tomarem final determinação nas coufas de Goa, e no affento da India, que eftava toda abalada com as novas, que avia dos rumes. Duarte de Lemos lhe refpondeo, que a principal fegurança da India era guardar as portas do eftreito de Méca, no qual fe não tinha tomado affento, como ElRey D. Manuel mandava

que ſe fizeſſe, e a cauſa diſſo era não lhe mandar o viſorey, nem elle as galés, que Sua Alteza tinha eſcrito, que lhe mandaſſem; e quanto á ſua eſtada até a vinda de Gonçalo de Siqueíra, que elle o faria aſſi, pois compria a ſerviço delRey. Paſſada eſta prática, pedio-lhe muito por mercê que perdoaſſe a Fernão Perez Dandrade, e Simão Dandrade ſeu irmão, e aos outros fidalgos, que tinha prezos, e os mandaſſe ſoltar; e Afonſo Dalboquerque, poſto que elles mereciam caſtigo polo que tinham feito, por lhe fazer a vontade, mandou-os ſoltar todos, e tornou-lhes ſuas capitanías, tirandoa Jorge Fogaça, porque a eſte, como author principal das deſcortezias, que lhe foram feitas no rio, não lhe quiz tornar a ſua. Duarte de Lemos, depois de os deixar todos em ſua caſa, tornou-ſe pera a ſua náo, e lá lhe mandou Afonſo Dalboquerque dar tudo o que foſſe neceſſario pera a ſua meza, e pera todos aquelles, que comeſſem com elle, como a ſua propria peſſoa, e teve-o ſempre em credito, e authoridade de capitão mór da ſua armada, e gente, com fundamento que o ajudaria no negocio de Goa. Como ſe Duarte de Lemos foi pera a ſua náo, veio Franciſco Pantoja ver a Afonſo Dalboquerque, que o não tinha ainda viſto depois de ſua chegada, e deo-lhe conta de ſua viagem, e como no caminho tomára a náo Meri do rey de Cambaya, e chegando a Çacotorá, Duarte de Lemos lançára mão della, e de toda a fazenda, que era muita, dizendo, que a elle pertencia, por ſer tomada nos limites da ſua capitanía mór; e fazendo-lhe elle muitos requerimentos, que não entendeſſe na náo, nem na fazenda que nella vinha, por pertencer a ſua ſenhoria, que era capitão geral das Indias, debaixo de cuja bandeira elle andava, Duarte de Lemos não

dera por iſſo, e lhe tomára a náo, e as mercadorias, e fizera de tudo o que quizera. O feitor de Cananor, que eſtava preſente, diſſe a Afonſo Dalboquerque, que aquella náo, e a fazenda, que nella vinha, era delRey, que lha mandaſſe entregar pera a pôr em boa arrecadação; porque os officiaes, que Duarte de Lemos nella tinha poſtos, não davam nada por ſeus mandados. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que Duarte de Lemos lhe tinha tambem tomado a joia daquella náo, que lhe vinha de direito, e que ſe calava por ſe não deſconcertar com elle; e pois Duarte de Lemos já tinha tomado o melhor della, que lá ſe avieſſe, porque elle ſe lançava diſſo. Como Duarte de Lemos não vinha muito contente, por lhe Afonſo Dalboquerque não mandar os navios, que lhe mandára pedir por Vaſco da Silveira, nem ſe ir ajuntar com elle, como lhe eſcrevêra que faria, poſto que diſſimulaſſe, ficou apaſſionado deſtas palavras, que ſoube que elle diſſera ao feitor.

CAPITULO XLV.

Como chegou a Cananor hum embaixador do rey de Cambaya falar ao grande Afonſo Dalboquerque em pazes: e a repoſta que lhe deo, e o que paſſou com Duarte de Lemos ſobre iſſo.

TENDO o grande Afonſo Dalboqueque paſſado com Duarte de Lemos as couſas, que no capitulo atrás tenho dito, chegou hum embaixador do rey de Cambaya, o qual veio logo á fortaleza, onde o elle eſtava eſperando com todos os capitães, e fidalgos, ſenão

Duarte de Lemos, que eſtava na ſua náo, e nella eſteve ſempre ſem vir a terra; e depois do embaixador dar ſuas encommendas a Afonſo Dalboquerque da parte do rey de Cambaya, deo-lhe huma carta de crença, e diſſe-lhe, que o rey ſeu ſenhor deſejava muito de ter paz, e amizade com ElRey de Portugal, e que por muitas vezes lho mandára já dizer, e que agora lhe diziam, que ſua ſenhoria ſe fazia preſtes pera entrar o eſtreito de Méca; ſe aſſi era, que lhe pedia muito, que fizeſſe o caminho por ſua terra, e que elle lhe viria falar em qualquer porto dos ſeus que elle quizeſſe, e ali aſſentariam ſuas amizades; e que os ſeus capitães tinham tomado huma náo ſua, que lhe pedia por mercê que lha mandaſſe dar: e que lhe fazia a ſaber, que huns poucos de portugueſes, que ſe perdêram em huma náo, que viera dar á coſta em hum porto ſeu, elle os tinha comſigo, e que logo lhos mandaria. Paſſado iſto, o embaixador lhe deo huma carta dos chriſtãos, que lá eſtavam cativos, na qual lhe diziam como D. Afonſo ſeu ſobrinho partíra de Çacotorá na náo Sancta Cruz, e atraveſſando aquelle golfão da India, tomáram huma náo de Cambaya muito rica, e depois de a terem tomada, ſendo tanto avante como os baixos de Padua, dera tão grande temporal nelles, que corrêram arvore ſecca, e vieram ter a hum porto de Guzarates chamado Nabande, e ali deram a náo em huns baixos, e ſe perdêra; e que como a náo tocára, D. Afonſo com cinco, ou ſeis homens, parecendo-lhe que a nado ſe poderiam ſalvar, por eſtarem perto de terra, ſe lançáram ao mar em taboas, e como a tormenta era grande, e o mar andava muito de levadia, os acapelára de maneira, que todos ſe afogáram, e os que ficáram na náo, eſperando que foſſe baixa mar, (que ſeriam por todos cincoenta,)

ſe ſalváram, e como chegáram a terra, foram logo prezos a requerimento de vinte mouros, que comſigo traziam, que eram da náo que tomáram, na qual hia Fernão Jacome por capitão, que com o meſmo temporal fora ter ás terras do Hidalcão, e os mouros da terra tomáram a náo, e toda a fazenda que levava, e matáram Fernão Jacome, e os chriſtãos que nella hiam; e que ſabendo Gopicaiça alguazil mór do rey de Cambaya, que elles ali eſtavam prezos, e a gente da terra os tratava mal, fizera com o rey que mandaſſe por elles, e ficavam em Champanel, que pediam a ſua ſenhoria que tiveſſe maneira com que os tiraſſe. E com eſta carta dos cativos deo o embaixador outra a Afonſo Dalboquerque de Gopicaiça, que he eſta, que aqui vai eſcrita.

Carta de Gopicaiça, alguazil mór do rey de Cambaya, pera o grande Afonso Dalboquerque.

AMizade verdadeira, como tenho com minha alma, Afonſo Dalboquerque capitão mór, ſempre bemaventurança voſſa ſeja maior que a de Gopicaiça, que na cidade de Champanel abita, muitas vezes ſe vos encommenda: depois das devidas encommendas vos faço ſaber, que huma náo voſſa pelejou com huma náo de Paverij, e tomaram-na, e dali a levavam pera Cochim; indo aſſi, deo nelles tormenta, e veio ter a voſſa náo á coſta em hum porto de Guzarate, onde ſe perdeo, e vieram nella, pouco mais ou menos, ſeſſenta homens portugueſes, e vinte peſſoas da náo de Paverij. Eu ſoube que a gente da voſſa náo tinha mortas certas peſſoas da náo de Paverij, que tomáram, e os que com elles vinham diſſeram-no á gente do dito porto, onde

a voſſa náo veio ter á coſta, pelo qual a gente do dito porto os quiſera matar, e eu como ſoube eſtas novas, o fiz ſaber ao rey, e ouve delle mandado que logo lhos trouxeſſem; e Caixá, hum alcaide de Nabande, os mandou em ferros ao rey, e eu lhos apreſentei, e elle lhe mandou logo tirar os ferros, e lhes mandou dar todas as couſas neceſſarias pera ſua deſpeza, e voſſas gentes vos eſcrevem, polas quaes cartas ſabereis que iſto he aſſi: e vós ſabei, que no reyno de Guzarate hum verdadeiro amigo voſſo ſou eu, e a tudo o que antre vós, e o rey, de çoncerto, e amizade for neceſſario, eu o acabarei. Hum homem voſſo chriſtão, e de confiança ha miſter que mandeis com ſeguro, que as voſſas náos não andem damnando o mar, e furtando nelle, e os voſſos chriſtãos mandaremos logo ſoltar, e as voſſas náos poderão ir, e vir ſeguras aos portos de Cambaya, comprando, e vendendo nelles, e todos os portos de Cambaya eſtaram a voſſo mandado, e eſte voſſo homem podereis mandar em huma náo ao porto de Suret, e poderá trazer alguma couſa boa de ſerviço ao rey, e eu lho apreſentarei, aſſocegarei, e acabarei com elle de maneira, que os portos de Cambaya eſtem a voſſo ſerviço, e ſabereis que minha amizade he verdadeira, e por eſta maneira ſerá accreſcentada.

Como Duarte de Lemos ſoube por Jeronymo Teixeira, e Franciſco de Sá, que eram authores de todas eſtas differenças que avia antre elles, que o embaixador do rey de Cambaya era chegado, e Afonſo Dalboquerque tinha aceitado ſua embaixada, como já andava mal ſofrido, e de ſua condição era de animo obſtinado, e ſoberbo, veio-ſe a terra, e diſſe-lhe perante Rodrigo Rabelo, que os limites da ſua capitanía chegavam até a coſta de Cambaya, e por eſta razão a elle pertencia

o recado do rey de Cambaya, e a carta do ſeu Alguazil, e que não ouvera de receber o embaixador, nem falar-lhe, ſem primeiro fazer eſte cumprimento com elle. Afonſo Dalboquerque como vio o caminho, que Duarte de Lemos levava, reſpondeo-lhe muito deſapaſſionadamente:

Senhor, tiremos nós os cativos, que lá eſtam, e caſtigai-me muito bem os mouros de Goa, que me quebráram a cabeça, e deixemos por agora eſſes governos, e mandos; e fora muito melhor, pois eu tenho o poder, e gente delRey noſſo ſenhor, que favorecêreis vós eſte negocio, e reſpondêramos ao rey de Cambaya de maneira, que ouveramos os chriſtãos fóra de ſeu poder, e não andardes comigo em differenças.

Duarte de Lemos lhe diſſe, que ainda que elle tiveſſe a gente, e poder delRey, que elle era capitão mór da coſta de Cambaya, e que a elle pertenciam aquelles negocios, que por iſſo não ouvera de aceitar o ſeu embaixador, ſenão remeter tudo a elle; e por aqui diſſe outras palavras mui fortes, e cheas de ſoberba, e tudo lhe Afonſo Dalboquerque ſofreo, e diſſe-lhe:

Senhor Duarte de Lemos, eu ſei bem a repoſta que eſtas voſſas palavras mereciam, ſe eu não fora capitão geral das Indias; mas pois aſſi he, que não poſſo deixar de o ſer, quero-me agora valer comvoſco do meu entendimento, e daquillo que dizia Tulio a Ceſar, pedindo lhe que perdoaſſe a Marcello, ao qual não queria perdoar: Vince te ipſum, qui vincis omnia.

E com eſtas palavras ſe deſpedio delle, e Duarte de Lemos ſe foi pera a ſua náo, e lá eſteve ſempre com nome de capitão mór, até que chegou Gonçalo de Siqueira, e lá hiam Jeronymo Teixeira, e Franciſco de Sá fazer ſuas decuções, e Afonſo Dalboquerque os

quifera caftigar por eftas emburilhadas, e por outras coufas, que lhe já tinha fofridas. E porque eftava em fua mão pera o feito de Goa, deixou-os affi engorolados, que fe foffem pera Portugal. Paffado ifto, mandou chamar o embaixador do rey de Cambaya pera o defpachar, e diffe-lhe, que diffeffe ao rey, que elle fe ficava fazendo preftes pera tornar outra vez fobre Goa, e acabado aquelle feito, fe iria ver com elle, e affentariam fuas pazes, porque ElRey de Portugal feu fenhor lhe encommendava muito fua amizade, e que quando lhe compriffe fuas armadas, e gente, que elle eftava preftes pera o fervir com tudo; que lhe pedia por mercê, que lhe mandaffe os cativos que lá eftavam. Defpachado o embaixador, fez-lhe mercê em nome delRey, e deo-lhe efta carta pera Gopicaiça em repofta da fua.

Carta do grande Afonso Dalboquerque pera o alguazil mór do rey de Cambaya.

MUito honrado, e bom cavaleiro alguazil mór do Rey de Cambaya, Afonfo Dalboquerque capitão geral, e governador das Indias, e do reyno, e fenhorio de Ormuz, e do reyno, e fenhorio de Goa por ElRey D. Manuel Noffo Senhor, vos envio minhas encomendas, e minha amizade. Voffo meffageiro chegou a mim, e foi bem recebido, e honrado, e me deo as voffas cartas, com as quaes folguei muito por faber que ElRey de Cambaya voffo fenhor quer ter pazes com ElRey Noffo Senhor: e affi vi em voffas cartas, como effa gente delRey Noffo Senhor, e deffa náo, que fe lá perdeo, fora bem recebida do rey, e agazalhada, e bem tratada, e ifto fe efpera dos reys tão grandes

ſenhores, e que tanto mando tem, e tanta terra, e tanta gente como o rey de Cambaya, fazerem honra á gente de Portugal e delRey Noſſo Senhor. Como cá ſoube eſta nova, que me eſcreveſtes, logo mandei honrar a gente, que ſe tomou na náo Meri, a qual foi tomada por huma náo minha, que mandava a Çacotorá; e o capitão mór, e governador daquellas partes, que aqui eſtá, a trouxe comſigo: agora veja o rey que he o que manda da náo, e dos mouros, porque em tudo folgarei de o ſervir, e aſſi o fará o capitão mór daquellas partes, que aqui eſtá juntamente comigo: a repoſta voſſa me achará ao longo da coſta até Goa, a qual receberei de vós, como de meu amigo. Folgaria de me o rey de Cambaya mandar eſſes chriſtãos, porque em todas as outras couſas folgarei de o comprazer, e ſe farão como elle deſeja; e prazerá a Deos, que ſe fará a amizade antre elle, e ElRey meu ſenhor, com a qual elle deve muito de folgar, por ter ſeus portos ſeguros, e ſuas náos, e gente poderem navegar o mar. E eſpero de chegar lá perto da ſua terra, e folgaria de ver recado ſeu, pera ſaber com quão boa vontade faço ſuas couſas, e como folgo de o ſervir no que lhe de mim comprir; e como tiver paz, e amizade com ElRey meu ſenhor, o ajudarei com todo ſeu poder, e gente, que tenho na India. Veja voſſa repoſta, e ſe mandais alguma couſa de mim, eſcrevei-mo, folgarei de vos ter por amigo. Eſcrita em Cananor a dezaſeis de ſetembro.

CAPITULO XLVI.

De como o grande Afonſo Dalboquerque mandou Simão Martinz, e Garcia de Souſa eſperar as náos, que vinham de Méca, pera ſaber nova certa da vinda dos rumes: e do requerimento, que lhe Diogo Mendez fez sobre o deixar fazer ſua viagem a Malaca.

DEPOIS do grande Afonſo Dalboquerque ter deſpachado o embaixador do rey de Cambaya, deſejando ſaber nova certa da vinda dos rumes, pera ſe determinar no que avia de fazer, e tambem porque neſtes dias, que avia de gaſtar em fazer ſua armada preſtes pera tornar ſobre Goa, não paſſaſſem algumas náos carregadas de pimenta pera o eſtreito, por ſerem já dezaſeis dias do mes de ſetembro, que he o tempo, em que as náos, que partem do eſtreito, vem demandar a coſta da India; determinou de mandar alguns navios, que andaſſem eſpalhados em diverſas partes, a ver ſe lhe podiam tomar algumas náos deſtas, pera ſer mais certificado da ſua vinda, e pera iſto deſpachou logo Simão Martinz por capitão mór de tres navios, e com elle Franciſco Marrecos, e Antonio de Matos, e mandou-lhes que ſe foſſem ao monte de Deli, e naquella paragem andaſſe até o fim do mes de ſetembro, e tomando alguma náo do eſtreito, ſe vieſſe logo com ella á Cananor. Partido Simão Martins com eſtes navios em ſua companhia, mandou Afonſo Dalboquerque chamar Garcia de Souſa, e diſſe-lhe, que elle tinha novas certas, que de Méca eram partidas algumas

náos pera Calicut, que ſe fizeſſe preſtes com tres navios, que lhe mandaria dar, pera andar dos baixos de Padua até os ilheos de Panane, porque neſta traveſſa, e paragem era a mais certa navegação das náos, que ſahiam do eſtreito pera Calicut. Garcia de Souſa lhe diſſe, que ſe eſpantava muito de ſua ſenhoria mandalo áquelle negocio, tendo feito Simão Martinz capitão mór de tres navios, pera andar na meſma paragem, que elle não avia lá de ir, nem aceitar tal empreza como aquella, ſenão ſe Simão Martinz lhe ouveſſe de obedecer, e andar debaixo da ſua capitanía; e porque iſto não naſcia de Garcia de Souſa, que era muito bom homem, e muito bom cavaleiro, e tinha ſervido ElRey muito bem em todas as partes, em que ſe achou, diſſe-lhe Afonſo Dalboquerque, que lhe pedia por mercê, que ſerviſſe ElRey, e não curaſſe de competencias, porque Simão Martinz avia de andar em huma parte, e elle em outra, e que ſe guardaſſe dos conſelhos ateixeirados, (porque era hum homem, que trazia a India revolta,) e ſe lembraſſe quão mal lhe parecêram ſempre as mexericadas, em que João da Nova, e os outros ſeus companheiros andáram antre elle, e o viſorey, e que não quiſeſſe perder agora quanta honra tinha ganhada. E como Garcia de Souſa era deſejoſo de ſervir ElRey, fez o que lhe Afonſo Dalboquerque mandou, e partio-ſe com regimento do que avia de fazer, encomendando-lhe muito que andaſſe a bom recado, porque tinha ſabido, que em companhia deſtas náos de Calicut vinham tambem algumas dos rumes.

Partido Garcia de Souſa, e Simão Martins, dali a tres, ou quatro dias veio Diogo Mendez a terra com ſeus capitães, e foi-ſe á fortaleza, onde Afonſo Dalboquerque eſtava, e diſſe-lhe, que elle lhe diſſera em

Anjadiva, que tanto que chegaſſe a Cananor, o deſpacharia, e lhe daria pilotos, e tudo o mais que lhe foſſe neceſſario pera fazer ſua viagem a Malaca; e pois o tempo era pera iſſo, que lhe pedia por mercê, que o deſpachaſſe, e lhe déſſe licença pera ſe ir. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que depois de ſua chegada tivera muitas occupações, aſſi com o rey de Cananor, como tambem em deſpachar alguns capitães, que mandou guardar aquella coſta, e por iſſo não tivera tempo pera falar com os capitães: que elle os mandaria chamar, e praticaria com elles aquelle ſeu negocio, e com ſeu parecer lhe reſponderia. Diogo Mendez lhe diſſe, que as couſas aſſentadas por ElRey Noſſo Senhor não ſe deviam de pôr em parecer de ninguem, ſenão comprir os mandados de ſua alteza, e ſeus contratos, e regimentos, porque niſto lhe hia muito; e que lhe requeria da parte delRey, que o deixaſſe fazer ſua viagem, aſſi como de Portugal vinha ordenado; porque no contrato que ElRey com elle, e com os mercadores fizera, o izentava logo delle, como podia ver por aquelles papeis, que lhe ali apreſentava. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que elle não tinha neceſſidade de ver ſeus papeis, porque ElRey não no avia de izentar do ſeu governador, ſe na India ouveſſe neceſſidades, como eſtava certo avelas, e que iſto era o que queria praticar com os capitães. Como Diogo Mendez vio que a determinação de Afonſo Dalboquerque era não lhe reſponder ſem primeiro falar com os capitães, não quiz mais inſiſtir em ſeu deſpacho, e foi-ſe pera a ſua náo.

CAPITULO XLVII.

De como o grande Afonſo Dalboquerque praticou com os capitães, ſe deixaria ir Diogo Mendez a Malaca: e do que ſe niſſo aſſentou, e do que paſſou com Diogo Mendez.

PASSADA eſta prática, que o grande Afonſo Dalboquerque teve com Diogo Mendez, deo conta aos capitães, (ſendo preſente Rodrigo Rabelo capitão da fortaleza de Cananor,) de tudo o que até li tinha paſſado com elle: praticada huma couſa, e a outra, aſſentáram que viſto o que acontecêra a Diogo Lopez de Siqueira em Malaca, levando comſigo cinco náos, e quatrocentos homens, e a pouca força da armada, e gente, e de outras couſas neceſſarias, que Diogo Mendez trazia, pera cometer hum feito tão grande, como aquelle era, e tambem as novas da vinda dos rumes, e que ſe avia por certo ſerem partidas de Suez cincoenta vélas, e dez mil homens; que por todos eſtes inconvenientes lhes parecia que não devia de deixar ir Diogo Mendez a Malaca, e que devia de eſperar até o mes de abril, porque até aquelle tempo teriam as couſas da India tomado aſſento. Aſſentado iſto, mandou Afonſo Dalboquerque chamar Diogo Mendez, e os ſeus capitães, e diſſe-lhes, que elle tinha dado conta a Rodrigo Rabelo capitão da fortaleza, e aos mais capitães, e que a todos parecia que era muito ſerviço delRey não no deixar ir aſſi, pelas novas certas, que avia da vinda do rumes, como tambem pelas couſas de Malaca eſtarem tão danadas, que era neceſſario

mais força, que aquella, que elle trazia de Portugal, pera aſſentar nella pazes, pois Diogo Lopes de Siqueira viera de lá com a cabeça quebrada, e lhe matáram, e cativáram ſeſſenta homens, e eſtivera em riſco de perder toda ſua armada, ſenão fora aviſado da treição, que lhe eſtava ordenada: e pois as couſas de Malaca esſtavam no eſtado, que elle ſabia, que era neceſſario acudir-lhe com força, e de maneira, que logo lhe fizeſſem tomar aſſento, porque iſto era o que mais compria ao ſerviço delRey, que não carregar ſuas náos bem, ou mal; e que eſta ſó razão baſtava pera lhe não parecer bem fazer aquelle caminho, quanto mais outra, que tinha mais força, que era o eſtado, em que as couſas da India eſtavam, e as novas certas da vinda dos rumes, e Goa alevantada, e os reys de Cambaya, e de Calicut, e rumes ſerem todos em hum corpo com ella contra nós, e muitas náos feitas por toda aquella coſta até Diu pera os ajudarem; que lhe pedia muito por mercê, que ſe quizeſſe achar neſte negocio melhor do que até ali fizera, pois nelle hia tanto ao eſtado delRey Noſſo Senhor, porque perdida a India, pouco lhe aproveitava ter Malaca. Diogo Mendez lhe reſpondeo, que elle era tão deſejoſo de fazer as couſas do ſerviço delRey, que a ninguem daria aventagem, e que por iſſo lhe parecia verdadeiramente, que nenhuma couſa compria tanto a ſeu ſerviço, como em ſer brevemente deſpachado, pera fazer ſua viagem, aſſi como vinha ordenado de Portugal; porque ſe não pudeſſe carregar ſuas náos em Malaca, que o faria em Samatara, ou em Pegú, que por iſſo lhe pedia por mercê, que não ouveſſe inconvenientes pera o deſpachar; que ainda que as couſas de Diogo Lopes ſoccedeſſem da maneira que lhe dizia, que elle eſperava em Deos, chegando a

Malaca, pôr tal recado em ſi, que não tão ſómente carregaſſe ſuas náos, mas tinha eſperança de aver os portugueſes, que lá eſtavam cativos: e pois ElRey na carta, que lhe eſcrevêra, lhe encommendava muito a brevidade do ſeu deſpacho, não quizeſſe inſiſtir tanto em ſua ficada, porque na India avia muitas náos, e gente, e a armada de Gonçalo de Siqueira, que mui preſtes ali ſeria, com que podia eſcuſar as ſuas náos. Afonſo Dalboquerque apaſſionado hum pouco de Diogo Mendez, diſſe-lhe, que as neceſſidades da India elle as ſabia muito bem, e que ſobre elle carregava dar conta della a ElRey ſeu ſenhor, que por iſſo não fizeſſe fundamento de ir a Malaca, pois aſſi eſtava aſſentado, e que elle o deſpacharia em abril, e mandaria em ſua companhia outras quatro náos mui bem armadas, e aparelhadas, porque deſta maneira poderia ir ſeguro, e não em quatro náos de cortiça, como as ſuas eram, mal aparelhadas de tudo o que era neceſſario pera hum negocio, como aquelle; e que iſto lhe prometia de cumprir, ſe as couſas de Malaca naquelle tempo eſtiveſſem em melhor eſtado do que eſtavam. Diogo Mendez lhe reſpondeo, que pois ſua determinação era não no deixar ir a Malaca, que elle como capitão geral delRey de Portugal naquellas partes da India, o podia fazer, mas que era contra ſua vontade, e de ſeus capitães, que elle não vinha ſenão pera ſervir ElRey; e ſe lhe parecêra que em ficar na India o ſervia mais, elle o fizera mui levemente, e foram eſcuſados tantos ajuntamentos ſobre iſſo, porque bem ſabia que niſto ganharia mais que em ir a Malaca; e paſſadas eſtas praticas, dali por diante não curou Diogo Mendez de falar mais a Afonſo Dalboquerque em ſeu deſpacho.

CAPITULO XLVIII.

De como Lourenço Moreno, e outras duas náos da companhia de Gonçalo de Siqueira chegáram a Cananor: e como o grande Afonſo Dalboquerque o mandou aſſentar as pazes com os regedores de Baticalá, e da carta, que por elle eſcreveo a Timoja.

ESTANDO o grande Afonſo Dalboquerque cada dia eſperando a vinda de Gonçalo de Siqueira, pera com ſua chegada tomar certa determinação da ſua tornada ſobre Goa, ſendo já oito dias do mes de ſetembro, chegou Lourenço Moreno capitão da náo Bota fogo, o qual vinha pera ſer feitor de Cochim, e em ſua companhia João de Aveiro na Baſtiaina, e Lourenço Lopez ſobrinho de Thomé Lopez em outra náo, e aquelle dia, que chegáram, foi logo Lourenço Moreno a terra ver Afonſo Dalboquerque; e depois de lhe dar hum maço de cartas, que levava delRey D. Manuel pera elle, lhe diſſe, que Gonçalo de Siqueira partíra de Portugal com ſete náos, e trazia muito boa gente; e vindo todos juntos, no cabo das correntes lhe dera hum temporal tão rijo, que os eſpalhára a todos, e elle, e aquelloutras duas náos corrêram de longo, e vieram ter a Moçambique, e ali eſperáram alguns dias; e quando víram quę tardava, por ſer já tarde, atraveſſáram pera a India, e ſegundo a paragem, em que o deixára, e os tempos, com que chegou a Moçambique ſerem de viagem, lhe parecia que não podia tardar muito. Afonſo Dalboquerque ficou muito contente com eſtas novas, que lhe Lourenço Moreno deo da armada

que Diogo Lopez trazia, porque efperava de fe ajudar della no negocio de Goa; e depois de falarem em muitas coufas de Portugal, deo-lhe conta dos trabalhos, que paffára em Goa, e como fe fazia preftes pera tornar outra vez fobrella. Paffadas eftas práticas, defpedio Lourenço Moreno, que fe foffe defcançar do trabalho do mar; e por não perder tempo no que tinha determinado de fazer, mandou chamar Duarte de Lemos, e todos os outros capitães, e diffe-lhes, que eftando elle em Goa, lhe mandára Condanechatim, e Naodaquiçar regedores de Baticalá, hum meffageiro, dizendo, que queriam ter pazes com elle, e eftar á obediencia delRey de Portugal, e que até então lhe não refpondêra, porque não tinha náos, que pudeffe lá mandar, e que agora era chegado Lourenço Moreno, e duas náos mui grandes em fua companhia, que podia ir affentar efte negocio, e de caminho trazelas carregadas de mantimentos pera aquella armada, que fazia preftes pera tornar fobre Goa, que lhes pedia, que lhe diffeffem o que nifto faria. Duarte de Lemos como era erreiro com Afonfo Dalboquerque, com alguns capitães, que eram tambem da fua parte, differam-lhe, que com as náos da carrega não avia de querer fazer nenhum negocio, fenão mandalas a Cochim carregar, e a Lourenço Moreno negocear-lhe fua carrega, pois avia de fer feitor, e não mandalo a huma coufa tão duvidofa, como aquella, e que poderia fer que não tornariam a tempo pera tomarem fua carga. Os outros capitães differam, que pois as náos aviam de efperar por Gonçalo de Siqueira, que bem podia o fenhor governador mandar Lourenço Moreno a Baticalá affentar aquelle negocio, porque niffo não fe perdia tempo, e ganhava-fe muito em ter pazes com Baticalá, pera fe

proverem dali de mantimentos, de que podiam ter neceſſidade tomando Goa. Afonſo Dalboquerque foi neſte parecer, e mandou chamar Lourenço Moreno, e deſpachou-o logo pera ir aſſentar eſte negocio, e em ſua companhia mandou as duas náos, que com elle chegáram de Portugal, e hum mouro de Cananor chamado Porcaſſem por lingoa, pera ir a terra tratar o negocio, e deo-lhe hum regimento do caminho que avia de fazer, e huns apontamentos das condições, com que avia de aſſentar a paz; e as principaes eram, que os regedores lhe aviam de dar huma caſa feita á ſua cuſta, de pedra, e cal, em que o feitor delRey de Portugal pudeſſe ter ſuas mercadorias ſeguras, e que aviam de pagar em cada hum anno de tributo dous mil fardos de arroz; e mandou-lhe que acabado eſte negocio com muita brevidade, fizeſſe o caminho por Onor, e ſe viſſe com Timoja, e lhe entregaſſe Lourenço da Silva, e Fernão Vaz, os quaes lhe mandava pera andarem por capitães dos gentios, que faziam a guerra aos de Goa: e a eſtes dous capitães mandou dar certos homens portugueſes, que levaſſem comſigo, e ſellas, freios, e todo o mais aparelho de cavallos, e deo-lhe eſta carta, que aqui vai eſcrita, que déſſe a Timoja.

Carta do grande Afonso Dalboquerque a Timoja.

HOnrado Timoja, alguazil mór, e capitão da gente de Goa, e ſenhor das terras de Cintácora por ElRey Noſſo Senhor. Afonſo Dalboquerque capitão geral, e governador das Indias, e Perſia, e do reyno, e ſenhorio de Ormuz, e do reyno, e ſenhorio de Goa, por ElRey Noſſo Senhor, vos envio minhas encomen-

das. Bem ſabeis minha determinação, a qual he ir ſobre Goa com voſſo conſelho, e ajuda, a qual eſpero em Noſſo Senhor que mui aſinha ganharemos. Folgaria de favorecerdes eſſa gente, que anda em guerra contra os de Goa, e deixardes-lhe lograr, e comer as rendas da terra. Lá vos mando Lourenço da Silva, e Fernão Vaz, que ſão bons cavaleiros, e capitães pera governar eſſa gente, que anda na guerra: mandai-os logo aonde a gente eſtá, e dai-lhes alguma certa de que ſejam capitães, porque ſão bons cavaleiros, e eſpero que o fação bem. Eu ſerei cedo comvoſco. Folgaria muito que por huma voſſa fuſta me mandaſſeis novas ao caminho de como a terra eſtá, e que gente averá em Goa, e vós com que gente me podeis ajudar; e eſſes mantimentos, que vos encomendei, que me tiveſſeis preſtes, mandai-os entregar a Lourenco Moreno pera mos trazer, que tenho neceſſidade delles. Beijai por mim as mãos ao rey de Garçopa, e dizei-lhe, que lhe peço que me ajude com todo o ſeu poder, porque eu eſpero de muito cedo lançarmos os mouros fóra da terra, e que eu o ajudarei com minha peſſoa, cavallos, armas, e gente a ganhar muita terra delles, e o farei maior ſenhor, que todos os outros ſeus vizinhos, que lhe peço por mercê que favoreça eſſa gente, que peleja por nós, e que não tenha receio dos mouros, porque cedo verá o Hidalcão diſtruido, e todo ſeu eſtado perdido.

Como Lourenço Moreno teve ſuas náos preſtes, deſpedio-ſe de Afonſo Dalboquerque, e foi-ſe embarcar, e fez ſeu caminho direito a Baticalá.

CAPITULO XLIX.

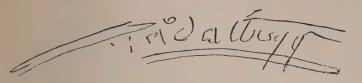
De como Simão Martinz tomou huma náo, que vinha de Méca muito rica, e veio com ella a Cananor: e das novas, que dous judeos, que ſe nella tomáram, contáram ao grande Afonſo Dalboquerque.

PARTIDO Lourenço Moreno pera Baticalá, dali a cinco dias chegou Simão Martinz, que Afonſo Dalboquerque tinha mandado eſperar as náos, que vinham do eſtreito, (como atrás tenho dito,) e trouxe huma náo, que tomára na paragem do monte de Deli, que vinha de Méca pera Calicut, carregada de muitas mercadorias; e antre alguns cativos, que ſe nella tomáram, foram dous judeos caſtelhanos, que deram por nova certa, que os rumes não podiam vir aquelle anno, porque o grão Soldão tivera grandes differenças com os governadores de Damaſco, e Alepo, e não ouvera tempo pera ſe poder fazer preſtes. Afonſo Dalboquerque lhe perguntou, ſe eram partidas muitas náos do eſtreito pera a India; e elles lhe diſſeram, que não ſabiam novas de mais náos, que daquella, e de outra, que vinha atrás muito mais rica, porque vieram por terra embarcar á ilha de Çuaquem, e que ali faláram com hum chriſtão, que ſe chamava Fernão Gomez, e com hum mouro, que hia em ſua companhia, e que o Fernão Gomez lhe diſſera, que o outro ſeu companheiro era morto, e que dali ſe partíram elle, e o mouro caminho do Cairo, e paſſados alguns dias, tornáram outra vez a Çuaquem, e por ſe não concertarem no

caminho, que avíam de fazer, Fernão Gomez ſe apartára do mouro, e fizera ſeu caminho pera Judá, e o mouro ſe tornára pelo ſertão de Çuaquem, e que dali não ſoubera mais que ſe fizera delles. Afonſo Dalboquerque lhe perguntou, que novas tinham do Preſte João, e de ſua terra. Os judeos lhe diſſeram, que não ſabiam mais delle, ſenão que cada anno hia huma cafila de Çuaquem, muito perto do mar Roxo, e hiam ter ao Monte Sinay, e dali direitos a Jeruſalem, e em companhia deſta cafila hia ſempre hum capitão com gente de cavallo em ſua guarda, por amor dos alarves; e por ſerem deſertos, e no caminho não aver mantimentos, levavam muitos camelos carregados delles, e que á ilha de Çuaquem hiam ter muitas eſpeciarias da India, e ali embarcavam em geluas, (que ſão huns barcos como caravelas, que navegam o eſtreito,) e hiam ter a Coçaer, (hum porto do mar Roxo,) e deſte porto as levavam por terra a Caná, que eſtá na borda do rio Nilo, que ſerá jornada de tres dias de Coçaer, e ali embarcavam em barcas, e por eſpaço de poucos dias chegavam ao Cairo. E eſtes dous judeos ſe tornáram chriſtãos: hum delles ſe chamou Franciſco Dalboquerque, e outro Alexandre Dataide. E Afonſo Dalboquerque, em quanto viveo, ſe ſervio delles de lingoas, principalmente de Alexandre Dataide, que ſabia muitas, e era grande homem de negocio. E morto Afonſo Dalboquerque, vieram-ſe pera Portugal, em tempo delRey D. Manuel, e daqui tornáram á India, e da India ſe foram ao Cairo, e lá ſe tornáram judeos. Como Afonſo Dalboquerque foi certificado da outra náo, que vinha de Méca em companhia deſta, mandou Simão Martinz que ſe tornaſſe logo, e andaſſe naquella paragem, onde topára a náo, que tomára; e mandou

a Rodrigo Rabelo, capitão de Cananor, que ſe embarcaſſe logo na náo Rumeza, e foſſe ao mar do monte de Deli eſperar aquella náo, e em ſua companhia mandou Franciſco Serrão, e Alvaro Paçanha nas duas caravelas, e Afonſo Peſſoa na fuſta, e mandou-lhe, que ſendo caſo que topaſſe com Garcia de Souſa, e Simão Martinz, que lá andavam, que todos tres ouveſſem bom conſelho do que fariam pera averem eſta náo, e Rodrigo Rabelo ſe partio, e dali a ſete, ou oito dias tornáram elle, e Garcia de Souſa, e Simão Martinz, e diſſeram-lhe, que em toda aquella coſta não avia nova de nenhuma náo, que vieſſe de Méca, ſenão aquella, que Simão Martinz tomára.

Chegados eſtes capitães a Cananor, porque avia dias, que Diogo Mendez não vinha a terra, diſſe Lourenço de Paiva a Afonſo Dalboquerque, que olhaſſe como eſtava com Diogo Mendez, porque Jeronymo Teixeira lhe diſſera, que elle ſe fazia preſtes, e tinha determinado de ſe ir caminho de Malaca, Afonſo Dalboquerque, parecendo-lhe que iſto era aſſi, foi-ſe logo de noite ao cais com eſſes fidalgos, e cavaleiros, que com elles eſtavam, e mandou a Rodrigo Rabelo, que ſe meteſſe em hum batel eſquipado com gente, e Pero Dalpoem ouvidor da India em outro, e foſſem a bordo da náo de Diogo Mendez, e que o chamaſſem da ſua parte, e trouxeſſem todos os ſeus capitães, meſtres, e pilotos prezos. Chegado Diogo Mendez á fortaleza, diſſe-lhe Afonſo Dalboquerque, que ſe eſpantava muito delle querer-ſe ir daquelle porto com ſuas náos, e gente, ſem ſua licença, pois eſtava aſſentado em conſelho, que era ſerviço delRey ficar elle na India, e não ir a Malaca. Diogo Mendez lhe reſpondeo, que elle nunca cuidára tal couſa, nem em tal determinação eſtava;

mas antes tinha dito aos ſeus capitães, e mercadores, que tinham parte naquella armação, que avia de eſtar á ſua obediencia, e fazer tudo o que lhe mandaſſe, e que não ouvera de crer, que tal homem como elle ouvera de fazer couſa, que mereceſſe mandalo vir daquella maneira. E pois lhe não queria dar licença pera fazer ſua viagem, que mandaſſe tomar a armada, e déſſe conta della a ElRey Noſſo Senhor, e que do mais eſtava ali á ſua obediencia, pera fazer o que lhe mandaſſe. Afonſo Dalboquerque por cima deſtas razões tomou-lhe a menagem, e mandou ao ouvidor que a tomaſſe aos outros capitães da ſua companhia, que ſob pena de caſo maior não ſe apartaſſem delle ſem ſua licença, todos prometêram de o cumprir, ſalvo Pero Coreſma, que diſſe, que Diogo Mendez era ſeu capitão mór, e que não avia de dar a menagem a ninguem, ſenão a elle. Afonſo Dalboquerque o mandou prender no Caſtelo, e eſteve prezo até o outro dia, que lho pedíram alguns capitães, e mandou-o ſoltar, e tomar a menagem, como aos outros, e a Pero Dalpoem que notificaſſe aos pilotos, e meſtres, que ſob pena de morte, e perdimento de ſuas fazendas, dali ſe não partiſſem ſem ſeu mandado; e feito auto de tudo, tornáram-ſe pera as ſuas náos. Paſſados dous, ou tres dias, ſoube Afonſo Dalboquerque que não fora verdade iſto, que lhe diſſeram, e que Jeronymo Teixeira o ordenára porque ſe Diogo Mendez deſconcertaſſe com elle; e como iſto ſoube, mandou-o chamar, e pedio-lhe muitos perdões daquillo, que lhe fizera, e que a culpa, que lhe tinha, era não ſe advertir das emburilhadas de Jeronymo Teixeira, e que elle lhe prometia, que acabado o negocio de Goa, o deſpachaſſe muito bem, e lhe déſſe pilotos, e tudo o que lhe foſſe neceſſario pera ſua via-

Fac-simile das assinaturas do governador da India
e do autor dos *Comentarios;* ambas notavelmente parecidas, mas a de cima, do pae,
feita no ano da morte,
muito trémula e a do filho firme.

gem; e com todos eftes cumprimentos não lhe alevantou a menagem, nem aos pilotos, e meftres a pena, que lhe era pófta.

CAPITULO L.

Como chegou Gonçalo de Sequeira a Cananor: e do confelho, que o grande Afonfo Dalboqueque teve com os capitães fobre o tornar a Goa: e da nova, que lhe deram da morte do rey de Cochim, e do que niffo fez.

PASSADAS todas eftas coufas, que tenho dito, chegou Gonçalo de Sequeíra a Cananor a dezafete dias do mes de setembro do anno de dez, o qual partio deftes reynos de Portugal pera a India por capitão mór de fete náos, e com fua chegada ficou Afonfo Dalboquerque muito contente, e deo muitas graças a Noffo Senhor, pois em tempo, que elle eftava em determinação de tornar outra vez fobre Goa, eram chegadas á India catorze náos, em que podia aver mil e quinhentos homens portuguefes, com os quaes fe podia cometer qualquer feito por grande que foffe; de que eram capitães móres Gonçalo de Sequeira, Diogo Mendez de Vafconcelos, (como fica dito,) e João Serrão de tres navios, que ElRey D. Manuel mandava a defcubrir, e fondar as portas do eftreito do mar Roxo. Gonçalo de Sequeira aquelle dia que chegou foi logo a terra ver Afonfo Dalboquerque, e elle o veio receber com todos os capitães, e fidalgos, que ali eftavam, ao cais, e trouxe-o á fortaleza; e depois de todos eftarem falando em novas de Portugal, deo Gonçalo de Se-

queira a Afonſo Dalboquerque as cartas, que trazia delRey D. Manuel pera elle, e huma pera Duarte de Lemos, que lhe logo mandou á náo, onde eſtava, em que lhe ElRey dizia, que entregaſſe toda a ſua armada, e gente a Afonſo Dalboquerque, e que ſe foſſe pera Portugal, e que elle lhe daria embarcação pera ſua peſſoa, e pera os ſeus. Com eſta carta ficou Duarte de Lemos mais brando, e fóra das eſperanças em que o Jeronymo Teixeira, e Franciſco de Sá tinham poſto, que acabado elle ſeu tempo, avia de ficar por governador da India, pois ſucedêra na capitanía mór da coſta de Arabia por morte de Jorge Daguiar ſeu tio, que ouvera de ſer governador da India ſe vivêra; e iſto não era aſſi, porque a ſucceſſão da governança da India tinha-a D. Afonſo de Noronha, ſe fora vivo. Paſſado eſte dia, que Gonçalo de Sequeira chegou, como Afonſo Dalboquerque não cuidava em outra couſa ſenão em tornar a cometer Goa, e deſejoſo de tomar determinação no negocio, antes que ſe gaſtaſſe mais tempo, ao outro dia mandou chamar Gonçalo de Sequeira, Duarte de Lemos, e Diogo Mendez, e os mais capitães, que ali eſtavam, e juntos todos, deo-lhes conta do que paſſára em Goa, e no rio o tempo que ali eſtivera, e que depois de ſer fóra delle, chegando a Onor, lhe diſſera Timoja, que o Hidalcão ſe fora logo com todo ſeu exercito, porque todos os ſenhores do reyno de Decan eram alevantados contra elle; e que pela guerra, que com elles tinha, não podia acudir a Goa, e que neſta conjunção a podia tomar, e ſer ſenhor della; que lhes pedia, que pois o negocio de Goa eſtava neſte eſtado, que lhe diſſeſſem o que faria. Os capitães ſobre eſtas razões, que lhe Afonſo Dalboquerque apreſentou, tiveram tres conſelhos, em que ouve muitas differenças, e

diverſos pareceres; porque Gonçalo de Sequeira, e Duarte de Lemos, e os capitães, que aviam de tornar pera Portugal, diziam, que era mais ſerviço delRey D. Manuel ir aſſentar as pazes com o rey de Cambaya, pois eſtava deſejoſo dellas, e as pedia com muita efficacia, que não tornar ſobre Goa; que era couſa muito duvidoſa, e de muito perigo, e nenhum proveito pera ElRey de Portugal, (mas elles davam eſta evasão, porque queriam mais carregar ſuas náos, e tornarem pera Portugal, que tomarem experiencia por ſi dos trabalhos, que os ſeus naturaes tinham paſſado no rio de Goa). Diogo Mendez, e os ſeus capitães, com todos os fidalgos, e a mais gente da India, foram de parecer, que tornaſſem ſobre Goa, pois o Hidalcão eſtava tão remoto, que a não podia ſocorrer tão depreſſa; e poſto que vieſſe, ſería a tempo, que os noſſos teriam o negocio acabado; e não ſuccedendo como todos eſperavam em Deos que foſſe, ainda lhe ficava tempo pera ir a Cambaya verſe com o rey, e aſſentar as pazes. Aſſentado por mais votos, que ſe tornaſſe a cometer a cidade de Goa, diſſe Afonſo Dalboquerque a Duarte de Lemos, e a Gonçalo de Sequeira, que lhe pedia por mercê, que quizeſſem ſer com elle em aquella empreza, porque como Goa não podia ſer ſocorrida do Hidalcão por cauſa da guerra, que tinha, pouco tempo lhe abaſtava pera a tomar, e em iſto não perdiam nada de ſua viagem. Elles ſe eſcuſáram, e deram ſuas razões, por onde não podiam ſer com elle naquelle negocio. Bem creo eu, que depois de a verem tomada deram muito por ſe acharem naquelle feito, por não virem com tão máo nome pera Portugal. Afonſo Dalboquerque não ficou muito contente delles, e com tudo mandou fazer ſua armada preſtes, e todas as couſas, que lhe eram

neceſſarias, com determinação de com eſſa gente com que ſe achaſſe, cometer eſte feito, e tudo o mais deixalo a Deos, que o guiaſſe como foſſe mais ſeu ſerviço.

Andando Afonſo Dalboquerque neſta preſſa, chegou hum Catur de Cochim com huma carta do rey pera elle, em que lhe dizia, que o rey ſeu tio era morto, e que alguns mouros ſeus imigos, e outros, que ſe chamavam amigos, ſe alevantáram contra elle, e ſe foram pera hum ſeu primo, que queria ſer rey, tudo por conſelho do rey de Calicut, pera o meterem de poſſe da terra; que lhe pedia por mercê, que ſe os negocios o não tiveſſem muito occupado, que quizeſſe lá chegar, porque elle não tinha ninguem, com que pudeſſe tomar conſelho, nem esforço ſenão com elle; porque o ſeu primo, que queria ſer rey, eſtava em Vaipim, e que todos os ſenhores, que o vieram ver, lhe diziam, que ſe foſſe meter na cova, e não no querendo fazer, que o aviá o primo de matar, e que o maior contrairo, que tinha, era o rey de Calicut: e com todas eſtas opreſſões elle ſe não avia nunca de apartar do ſerviço del-Rey de Portugal, porque avia de fazer ſempre o que ſeu tio fizera nos trabalhos, que os portugueſes tiveram na India depois de ſer deſcuberta. Afonſo Dalboquerque deo conta deſta carta aos capitães, e todos foram de parecer, que devia de acudir a eſte negocio com muita preſſa, antes que o rey de Calicut meteſſe mais as mãos nelle. Afonſo Dalboquerque determinou de ſe partir logo, e mandou a Gonçalo de Sequeira com as náos da ſua companhia, e os capitães, que ficáram da armada do marichal, que ſe fizeſſem preſtes pera o outro dia pela menhaã partirem com elle pera Cochim, e lá os deſpacharia pera Portugal; e eſquecido das differenças, que teve com Duarte de Lemos, deixou-o

em Cananor em ſeu nome, com todo o poder, e mando de governador como ſua peſſoa.

CAPITULO LI.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio pera Cochim, e aſſentou as differenças, que avia antre o rey, e ſeu primo: e o que paſſou com os capitães eſtando em Cochim.

Ao outro dia, que foram vinte e dous dias do mes de ſetembro á tarde, partio o grande Afonſo Dalboquerque pera Cochim, e levou comſigo Gonçalo de Sequeira com todas as ſuas náos, e as que ficáram da armada do Marichal, pera tomarem ſua carga, e partirem pera Portugal, e as duas galés, e a náo Rumeza, e deixou toda a outra armada repartida ao longo da coſta, pera defenderem que não entraſſe em Goa nenhuma náo, que vieſſe do eſtreito, nem de outra nenhuma parte com mantimentos. E chegou a Cochim a vinte e ſeis do dito mes, e foi-ſe logo a terra ver o rey, que eſtava já eſperando com todos os Caimais de ſua valia, e com outra muita gente por elle, e foram aſſi todos á fortaleza, e ali lhe tinha o capitão huma caſa muito bem concertada, onde ſe aſſentáram; e depois de lhe o rey dar grandes agradecimentos por aquella mercê, e honra, que lhe fizera em vir a ſeu chamado, deo-lhe conta dos ſeus trabalhos, e que os Bramenes lhe diziam, que pois ſeu tio era morto, que por obrigação ſe avia de ir meter na cova, (porque eſte era o ſeu coſtume antigo.) Afonſo Dalboquerque

lhe disse, que pois ElRey D. Manuel seu senhor o mandára jurar por rey em vida de seu tio, que elle avia de ser rey, e que não curasse de seus costumes, nem do que lhe os seus Bramenes diziam, porque isto avia assi de ser, e que estivesse firme em seu reyno, porque elle, e todos os portuguefes, que ali estavam, e outros muitos que ElRey seu senhor mandaria de Portugal, aviam de morrer por seu serviço, e polo suster em seu estado; e que mandasse dizer a seu primo, (se ainda estava em Vaipim,) que logo se fosse, e deixasse a ilha, porque não no querendo fazer, determinava de dar nelle, e destruilo, e a todos aquelles, que com elle estivessem. E porque Afonso Dalboquerque, em quanto governou a India, usou sempre de artificios com os reys, e senhores della, polos amedrontar, e trazer á sua amizade, e conservar a authoridade do estado delRey D. Manuel, dizendo isto, alevantou-se da cadeira, em que estava, e arrancou de huma espada, e disse-lhe, que não temesse todo o poder do rey de Calicut, porque elle era seu Naire, e que por elle avia de morrer, quando lhe comprisse; e que a seu primo não lhe avia de valer o rey de Calicut, nem seus pagodes, e pois isto tinha certo; que lhe pedia por mercê, que fosse sempre verdadeiro, e leal amigo delRey D. Manuel seu senhor, e lhe reconhecesse o amor, e boa vontade, com que o mandára alevantar por rey, e fizesse de maneira, que não perdesse isto, porque nenhuma outra cousa o podia destruir senão desagradecer a ElRey seu senhor a mercê, que lhe fizera; e que elle lhe prometia, que acabado o feito de Goa, lhe désse boa vingança do rey de Calicut. O rey lhe respondeo, que elle era vassalo delRey de Portugal, que por isso não tinha que dizer áquellas palavras, senão que faria sempre o que lhe

elle mandaſſe da ſua parte. Acabada eſta prática, o rey ſe foi pera os ſeus paços, e mandou dizer a ſeu primo, que eſtava em Vaipim, da parte do grande Afonſo Dalboquerque, que deixaſſe a ilha, e ſe foſſe logo; porque não no fazendo, iria ſobre elle com toda a ſua gente, e o deſtruiria. O primo como ſoube que Afonſo Dalboquerque era chegado, com determinação de o ir buſcar, e deſtruir, deixou a ilha, e as differenças, que tinha com o rey de Cochim, e foi-ſe.

Aſſentadas eſtas differenças, mandou Afonſo Dalboquerque chamar Gonçalo de Sequeira, e todos os capitães, e officiaes delRey, que eſtavam em Cochim, e diſſe-lhes, que em todos os conſelhos paſſados, que tivera ſobre o negocio de Goa, não quizera dizer ſeu parecer, por não cuidarem que queria cometer temerariamente aquelle feito mais por vingança do paſſado, que por ſer couſa importante ao ſerviço delRey ſeu ſenhor: e que agora ſe affirmava, que não ſe tomando Goa, ſe a liga, que eſtava feita antre o Hidalcão, e os reys de Cambaya, e Calicut foſſe por diante, com a eſperança que tinham do ſocorro do grão Soldão, que ſeria couſa muito duvidoſa poder ElRey de Portugal ſuſter a India; e a principal razão, que o obrigava a cometer eſte feito, era ver na India tanta gente nobre, tantos capitães, tantas náos de Portugal, que lhe davam animo pera o fazer; que lhe pedia por mercê, perante aquelles officiaes delRey, que ali eſtavam preſentes, que pois em Cananor lhe parecêra bem pelas razões já ditas tornar elle ſobre Goa, que quizeſſem ſer na execução de ſeus conſelhos, porque indo todos aſſi como eſtavam, não perdiam tempo de ſua viagem. Gonçalo de Sequeira, e os outros capitães começáram a dizer, que não era ſerviço delRey irem as náos da

carga a Goa, e que tambem era razão que os homens tiveſſem algum tempo pera fazerem ſuas fazendas, pois a iſſo vieram á India; e por aqui foram dando outras razões, eſcuſando-ſe de irem com elle. Afonſo Dalboquerque lhe diſſe, que pois buſcavam inconvenientes pera não ſervirem ElRey naquella empreza, que ſe ficaſſem, porque ſua determinação era não levar ninguem contra ſua vontade, e que lá deſſem em Portugal razão de ſi a ElRey ſeu ſenhor, porque elle determinava de ir ſobre Goa com a gente que tiveſſe; e que eſperava na Paixão de Noſſo Senhor, em que tinha toda ſua confiança, que antes de ſe partirem pera Portugal, lhe vieſſe nova como elle eſtava muito deſcançado dentro nella, e que por infelice ſe devia de aver o cavaleiro portugues, quando tal ſuccedeſſe, não ſe achar neſte feito, e que elle ſe hia ao outro dia pela menhaã embarcar, e que quem quizeſſe ſer com elle, que o ſeguiſſe, e muitos ſe deixáram ficar, e não quizeram ir. Afonſo Dalboquerque ſe partio, deixando já a carga, que aquelle anno avia de vir pera eſte reyno poſta em ordem, e chegando a Cananor, achou Lourenço Moreno, que avia dous dias que era chegado com as náos carregadas de mantimentos, e diſſe-lhe, que chegando a Baticalá mandára logo Pocaracem a terra falar com os regedores ſobre o concerto, que com elles avia de fazer, e que os achára de todo mudados, e reſpondêram, que não aviam de fazer nada, ſem primeiro ſaberem do rey de Narſinga ſeu ſenhor ſe era diſſo contente; e vendo que não queriam tomar concrusão, carregára ſuas náos, e ſe partíra, e viera ter a Onor, e dera a ſua carta a Timoja, o qual ſe ficava fazendo preſtes, e o rey de Garçopa com toda ſua gente, pera o ſervirem naquella jornada de Goa, que por iſſo podia

ir quando quizeſſe. Como Lourenço Moreno deo conta a Afonſo Dalboquerque do que paſſára, mandou-lhe que ſe foſſe logo com as náos a Cochim, e que fizeſſe partir os capitães, e que mandaſſe embarcar tres alifantes, que lá deixára, pera ſe levarem a ElRey D. Manuel nas náos, em que tinha ordenado que foſſem. Partido Lourenço Moreno, pedio Duarte de Lemos a Afonſo Dalboquerque embarcação pera ſi, e pera ſeu irmão, pera ſe irem pera Portugal, pois ElRey aſſi o avia por ſeu ſerviço; e elle não ſe lembrando das menencorias paſſadas, deo-lhe tudo o que lhe pedio, e mandou-lhe pagar todos ſeus ordenados, e de ſeus criados, e deo-lhe a capitanía mór de ſete náos, e todo ſeu poder ſobre aquella armada, do qual uſaria depois de ſer fóra da coſta da India, e deſpedio-o que ſe foſſe pera Cochim; e chegando lá, teve muitas differenças com os officiaes da feitoria, e fez outras couſas, que calo por não aver murmuradores, que digam que ſou ſuſpeito. Eſte Duarte de Lemos, ſendo fidalgo honrado, era o maior homem, que avia em Portugal, e muito errogante, e tinha os dentes dianteiros demaziadamente compridos.

Fim da Segunda Parte.

EDIÇÕES
DA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
SCRIPTORES RERVM LUSITANARVM

SÉRIE A

A sair:

DAMIAM DE GOES — Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel Conf. a *ed. princ.* Rev. e pref. pelo Dr. David Lopes.

—— Chronica do Principe Dom Ioam. Conf. a *ed. princ.* Rev. pelo Dr. Joaquim de Carvalho.

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA — História do descobrimento, e conquista da India. Conf. a *ed. princ.* Rev. pelo Sr. Pedro de Azevedo.

Em preparação:

JOÃO DE BARROS e DIOGO DO COUTO — Décadas. Ed. revista e prefaciada pelo Dr. António Baião.

SÉRIE B

Publicado:

I — HIERONYMO OSORIO — De Rebus Emmanuelis gestis. 3 vols.

II — Itinerários da India a Portugal por terra. Vol. I (António Tenreiro e Mestre Afonso). Rev. e prefaciados pelo Dr. António Baião.

III — Comentários do Grande Afonso de Albuquerque. Conforme a 2.ª edição. Revistos e prefaciados pelo Dr. António Baião. Vol. I (Partes I e II).

A sair:

Comentários do Grande Afonso de Albuquerque. Vol. II (Partes III e IV).

Itinerários da Índia a Portugal por terra. Vol. II. (Itinerário da Terra Santa).

Em preparação:

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO — Epanaphoras de varia historia portuguesa.